PALESTRAS E ARTIGOS DE SWAMI PARATPARANANDA EM PORTUGUÊS

https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html

Atualizado em 05/10/2025

A DEVOÇÃO QUE NOS LEVA A DEUS

21-11-1979

Por Swami Paratparananda[1]

Muitos aspirantes à vida espiritual de todas as partes do mundo se queixam que Deus não escuta às suas orações, e que apesar de tê-Lo suplicado durante anos Ele não Se revelou. Há algo verdadeiro nesta queixa que se ouve frequentemente? Todas as Encarnações Divinas afirmam que Deus outorga tudo que se Lhe pede; por exemplo, Sri Krishna disse, no Bhagavad Gita: "Fixa tua mente em Mim (no Senhor), sê Meu devoto, oferece-Me todo teu sacrifício e saúda-Me; dessa forma, tendo a Mim como tua Meta Suprema, chegarás a Mim." O Senhor Jesus afirma: "Pedi e vos será dado; buscai e achareis; chamai e abrir-se-vos-á. Porque qualquer que peça, recebe; e o que busca, achará; e ao que chama, se abrirá." Ele também assegura: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei"[2]. Quando perguntaram a Sri Ramakrishna se Deus escuta nossas preces, ele respondeu: "Deus é o *Kalpatarú*, a Árvore que realiza os desejos. Seguramente você receberá o que pede a Ele. Mas você deve pedir de pé perto dessa Árvore. Somente então se cumprirá seu pedido. Você deve recordar de outra coisa: Deus conhece nossos sentimentos íntimos. Um homem consegue satisfazer o desejo que abriga durante as suas práticas espirituais. Recebe-se de acordo com o que se pensa."

Estes grandes mestres não tinham nenhum motivo para falar assim se não fosse certo, se não fosse verdade. Além disso, ensinavam por amor à humanidade e falavam a partir da própria experiência. Estou certo de que os aspirantes aos quais nos referimos no princípio dessa palestra conhecem estas afirmações; então, o que nos impede de alcançar Deus? Que tipo de devoção pode nos levar a Deus? Nas palavras já citadas de Sri Ramakrishna encontramos um indício de como devemos rezar a Deus. Em sua maioria, os aspirantes que tentam praticar suas disciplinas espirituais o fazem com suas mentes vagando por toda parte, sem fixar o pensamento no Senhor, mas nas coisas deste mundo. O apego que se desenvolveu pelas coisas daqui é tão forte que ocupa quase toda a mente. Para explicar isto, Sri Ramakrishna relatou uma parábola: "Um mago estava fazendo demonstração de seus truques a um rei. De vez em quando ele exclamava 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!' De repente sua língua deu uma volta e se pregou no céu da boca. O mago experimentou *kumbhaka* (retenção da respiração). Não pôde articular nem

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

[2] Mt 11:28

uma palavra ou som e ficou sentado, imóvel. Acreditando que havia morrido, construíram uma cripta de ladrilhos e o enterraram nessa postura. Depois de mil anos alguém abriu a cripta, deram-se com um homem sentado em *samadhi*. Pensaram que fosse um santo e o adoraram. Quando o moveram, sua língua se despregou do céu da boca e voltou à posição normal. O mago, ao tornar-se consciente do mundo exterior, gritou como fez mil anos atrás: 'Vem confusão! Vem ilusão! Oh Rei, dá-me dinheiro, dá-me roupa!'". Tal é a força do apego às coisas do mundo que, mesmo depois de anos tentando nos afastar delas, elas nos mantêm presos e sempre voltam a interferir em nossas orações. Nosso pensamento retorna uma e outra vez impetuosamente ao mundo material, até durante as orações, por causa desse apego.

Podemos dividir os aspirantes em quatro tipos, de acordo com o motivo porque se aproximam de Deus: os aflitos, os que buscam conhecimento, os que desejam riqueza ou outro prazer e os sábios. Sri Krishna disse que todos eles são pessoas de bons méritos, mas que o sábio, sempre firme e dedicado ao Senhor, é quem se sobressai: "Pois - acrescenta Sri Krishna - "Eu sou supremamente querido por ele e ele é querido por Mim."

Porque o sábio não adora ao Senhor para conseguir algo d'Ele, mas o faz porque sabe que o Senhor é seu próprio Ser interno e que todas as outras coisas são transitórias, fugazes, e somente traz transtornos e perturbações. A maioria dos aspirantes pertence às primeiras três categorias acima mencionadas: rezam a Deus para que cure suas enfermidades, lhes dê boa saúde, filhos compreensivos, riqueza em abundância e coisas desse tipo.

Existem outros que querem conhecer a natureza de Deus. Em qualquer desses casos, quando não se consegue o que buscam (uma recompensa imediata), então começam a se queixar ou abandonam o caminho. Com que entusiasmo começam! Dizem que não querem nada além de chegar a Deus, que não lhes interessa nenhuma outra coisa. Sem dúvida, quando não encontram formas de avançar, pois suas próprias mentes se tornam um grande obstáculo no caminho, exigindo a satisfação de seus desejos até então ocultos, abandonam completamente seus esforços e voltam às suas vidas anteriores e talvez mergulhem mais fundo no mundo material.

As escrituras hindus sobre *bhakti* (devoção) falam de dois tipos de devoção, a *vaidhí bhakti*, ou a prática da devoção segundo os mandamentos, e o prema *bhakti*, o amor espontâneo e extático por Deus. O principiante desse caminho deve seguir os mandamentos: repetir certo número de vezes o *mantram*, ou fórmula sagrada do nome de Deus, jejuar algumas vezes por mês, cantar as glórias do Senhor e praticar outras disciplinas espirituais para tentar manter sua mente n'Ele. À medida que segue o caminho, sua atração pelo Senhor vai aumentando, se estiver cumprindo os mandamentos da maneira devida. Sem dúvida, isto não acontece se o aspirante tem um forte apego ao mundo material e é movido facilmente pelas paixões. Estas são como o lastro para o globo; se há muito lastro o globo não pode ser subir ao céu,

pois ficará flutuando numa determinada altura. É isto que acontece com muitos seguidores do caminho espiritual: quando decai o entusiasmo que sentiam no início, diminui a concentração e também os esforços para chegar à meta. De outro lado, surgem desejos de renome, fama e comodidades como recompensa pelas poucas austeridades ou dedicação que fizeram.

Sri Ramakrishna disse repetidas vezes aos seus ouvintes: "Acaso vocês podem conseguir as pérolas que se encontram no fundo do mar, flutuando simplesmente sobre a superfície das águas?". Também costumava entoar uma canção que expressa esse sentimento. A citaremos aqui:

Mergulhe fundo, ó mente, levando o nome de Kali,
Nas águas do oceano do coração,
Onde estão escondidas muitas pedras preciosas.
Jamais acredite que o fundo do oceano carece das gemas
Se seus primeiros mergulhos forem infrutíferos;
Com firme determinação e autodomínio
Mergulhe e abra caminho para o reino da Mãe Kali.
Ali embaixo, nas profundezas do oceano de Sabedoria Celestial,
Estão as pérolas maravilhosas da Paz, ó mente;
E você mesma pode recolhê-las,
Se tiver somente amor puro e obedecer às escrituras. Nas águas
profundas do oceano, também
Espreitam seis crocodilos - luxúria, a ira e as outras paixões –
Movendo-se sempre em busca de sua presa.

Unte-se com a cúrcuma do discernimento
Seu simples odor lhe resguardará de suas mandíbulas.
No leito do oceano estão espalhadas
Incontáveis pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, disse Ramprasad, e recolha-as a mãos cheias.

Nessa canção estão descritos os requisitos para se chegar a Deus: primeiro ensina que devemos retirar a mente dos objetos exteriores e dirigi-la para dentro, levando o nome de Deus. Porque tudo que buscamos no exterior – felicidade, paz e tranquilidade - está dentro e não do lado de fora. No exterior tudo é torvelinho, redemoinho, conflitos, querelas e mal-entendidos. Como podemos esperar que o mundo se modifique?

Portanto, os sábios espirituais ensinam que devemos ir para dentro. A segunda lição é que nunca devemos esperar resultados imediatos, nem nos desesperar por causa dos primeiros fracassos em nossas tentativas de alcançar um estado de estabilidade ou concentração, mas que com firme determinação, e controlando todos os sentidos, devemos persistir nos esforços até chegar à meta, a Deus. A Paz não pode ser alcançada no exterior, mas em si mesmo. Ninguém pode consegui-la para nós senão nós mesmos, ao cumprir os

mandamentos das escrituras e obter o amor puro pelo Senhor. O poeta está consciente da existência das paixões, as quais compara com os crocodilos famintos, e para enfrentá-las recomenda cultivar o discernimento. Sem discernimento, mesmo uma pessoa que segue o caminho da devoção não pode avançar, porque o discernimento atua como um vigilante que impede que as paixões lhe causem prejuízo. As pérolas maravilhosas que alguém pode recolher são a bem-aventurada visão de Deus e resultantes paz, tranquilidade e equanimidade. Esta é a devoção que pode nos levar a Deus: uma devoção firme, guiada pelo discernimento e pela renúncia. Não devemos nos assustar ao ouvir a palavra "renúncia". Sabemos que a renúncia total não é possível para todos, mas para se alcançar Deus é preciso renunciar pelo menos internamente, quer dizer, desapegar-se de todas as coisas materiais. Porque como disse o Senhor Jesus Cristo, não podemos servir a dois senhores, a Deus e a Mammón.

Como dissemos no início desta palestra, os objetos do mundo têm uma atração irresistível para o ser humano, e quem cai em sua rede raríssimas vezes consegue sair dela, e a menos que escape dali, não será possível chegar a Deus. Na canção que acabamos de citar é mencionado o amor puro. O que significa isso? No mundo, ou o amor quase sempre é egoísta ou está sujeito à reciprocidade. O amor motivado, seja qual for, é condicionado pelas circunstâncias, situações e coisas do tipo. Bem raras vezes se encontra pessoas cujo amor pelos outros não tenha algum interesse pessoal. O amor puro é aquele que não exige nenhuma retribuição, mais ainda, não espera nenhuma recompensa, e flui sempre da mesma forma para o objeto do amor sob quaisquer condições. Não se dirige esse amor para Deus com a esperança de coisa alguma. A pessoa que o possui ama a Deus porque sente que o Senhor é seu único parente e amigo íntimo. Está disposta a servi-Lo de todas as maneiras possíveis, e sente-se feliz ao fazê-lo.

Sri Ramakrishna certa vez disse: "Pode-se falar das escrituras, da filosofia, da Vedanta; mas não se encontrará Deus em nenhum deles. Jamais será possível alcançar a Deus, a menos que sua alma se inquiete por Ele. Deve-se estar ansioso por Deus, e praticar disciplinas espirituais com intensidade. Acaso é possível obter a visão de Deus de repente, sem nenhum preparativo?"

O preparativo consiste em levar a cabo as indicações das escrituras, pôr em prática o que elas ensinam e tentar desenvolver o anelo por Deus. Sem esse anelo, ninguém pode alcançá-Lo. As escrituras hindus também mencionam cinco graus de devoção ou atitudes com as quais o aspirante pode se aproximar de Deus; a saber, *shanta*, pacífica, na qual o devoto segue suas práticas firmemente, considerando a Deus como Pai ou Mãe, mas não com muita ansiedade por alcançá-Lo. A maioria dos verdadeiros buscadores é dessa classe. Depois vem *dasia*, a atitude do servidor; é muito mais forte que a anterior; o devoto tenta agradar ao Senhor de toda maneira, e está sempre alerta para praticar os ensinamentos das escrituras. Depois vem a atitude de *sakhia*, de

amizade, o amor de um amigo por outro; nesta e nas seguintes formas de devoção o devoto não presta muita atenção às glórias de Deus, pois estas não têm importância para ele, já que não busca nada do Senhor, anela somente vê-Lo e estar em comunhão íntima com Ele. O próximo grau mais elevado é o da atitude de *vátsalia*, a de uma mãe para com seu filho; esse devoto considera a Deus como um filho, que necessita de seu cuidado; muitas mulheres na Índia têm esta atitude para seu Ideal.

Finalmente está a atitude de *madhur*, a de uma amante para seu amado; esta atitude abarca todas as anteriores, e o devoto nunca pensa em seu próprio conforto, mas está sempre disposto a servir ao Ideal durante todo tempo. Mas esta última é muito difícil de praticar e não é para todos ou qualquer um. Somente as Encarnações Divinas podem suportar a angústia da separação de Deus que é sentida quando se pratica esta atitude. Além disso, a pessoa que quer praticá-la deve ter uma mente despojada de todas as paixões, não deve ter nenhum vestígio de desejos mundanos. Todas estas atitudes levam o buscador a Deus quando são cumpridas sem nenhum desejo de gozar aqui ou no além.

Lamentavelmente a maioria dos que recorrem à vida religiosa se restringe à letra das escrituras e não se esforça para seguir o seu espírito; celebram as festas, frequentam os templos com regularidade, fazem um pouco de caridade e talvez uma ou outra, entre elas, procure dedicar alguns momentos de sua vida diária à oração. Também pode ser que levem uma vida moral e bem disciplinada, mas pensam que não há mais nada a se fazer para chegar ao Senhor. Deus não pode ser alcançado através deste tipo de devoção. Às vezes as pessoas, estando equivocadas acerca dos valores das coisas, usam o impedimento na vida espiritual como ajuda. Há uma história sobre Guru Govinda Singh, um dos grandes líderes espirituais dos *Sikhs* da Índia, e um rico discípulo seu, que ilustra isso. "Certa vez Guru Govinda Singh estava sentado rezando à margem do Yamuná. Era à hora do crepúsculo, quando chegou Raghunat, um rico discípulo, que o saudou prostrando-se e disse: 'Senhor, peço-lhe que aceite este pequeno presente como uma lembrança do meu carinho.' Feito isso, colocou perto dos pés do mestre dois braceletes de ouro incrustados com pedras preciosas. O Guru aceitou as joias e para poder mostrar sua alegria, começou a brincar com um dos braceletes, atirando-o ao ar e apanhando-o nas palmas de suas mãos. De repente ele deixou que deslizasse de sua mão e caísse no rio.

"O discípulo encarou isso como um acidente lamentável, e saltou no rio para recuperá-lo. Continuou buscando-o até que o mestre, sem mostrar mais interesse pelo assunto, absorveu-se em meditação. Várias horas depois, Raghunath retornou frustrado de sua busca, com uma face triste. Disse: 'Mestre, lamento muito, não tive êxito até agora para encontrar a joia, mas talvez eu possa encontrá-la se o senhor me indicar o lugar exato onde ela caiu.'

"Sabendo exatamente o que se passava na mente do discípulo, o Guru

pegou o outro bracelete e o atirou ao rio dizendo: 'Raghunath, foi exatamente ali.'

"O discípulo ficou estupefato e confuso ao ver essa ação deliberada do mestre. Não conseguia entender o que o Guru queria ensinar ao atirar também essa segunda joia. Depois de alguns instantes o mestre se levantou de seu assento e abraçando o discípulo disse: 'Raghunath, eu me livrei dos braceletes de propósito. Percebi como sua mente estava apegada a eles e isto gerava uma barreira entre você e eu. Abandone sua vaidade de riqueza.'

"O discípulo reconheceu o seu erro, prostrou-se diante dos pés do mestre e desde aquele momento mudou completamente."

Da mesma maneira, mantemos com muita tenacidade barreiras como esta entre nós e Deus, e depois nos queixamos de que Ele é quem não Se revela. São muitas as barreiras: vaidade de riqueza, de posição, de religiosidade, de santidade, das paixões, apegos e coisas desse tipo. Cada uma é como uma montanha muito difícil de cruzar se não anelamos por Deus. Esse anelo nos fortalece a tal ponto que podemos fazer o impossível. Ao contrário, se nos contentamos com um pouco de oração diária, nossa recompensa também será da mesma equivalência: teremos nome e fama de homens piedosos, bons ou simpáticos aqui na terra, mas não alcançaremos Deus. Sri Ramakrishna costumava aconselhar aos seus discípulos: "Diz-se que é possível ver a Deus dirigindo a Ele a intensidade reunida dessas três atrações: a atração que uma mãe sente por seu filho, a que uma fiel esposa sente por seu esposo e a que tem um homem mundano por seus bens materiais." Perguntemo-nos se possuímos este anelo por Deus, se não o possuímos não temos direito de nos queixar. Mas essas lágrimas não devem ser derramadas para ganhar o reconhecimento das pessoas; devem surgir espontaneamente, não para demonstração, nem para fazer uma exibição de santidade, mas pela agonia que se sente pela separação de Deus. A ansiedade que devemos sentir para alcançar a Deus é ilustrada na seguinte parábola: "Um discípulo visitava seu mestre e lhe pedia que lhe dissesse como ele poderia ver a Deus. O mestre não lhe respondeu nada no primeiro dia. Mas o discípulo não desistiu e visitou o mestre no dia seguinte, e novamente fez a mesma pergunta. Outra vez o Guru não deu nenhuma resposta. Depois que o discípulo o visitou várias vezes e repetiu a pergunta, um dia o Guru fez com que ele o acompanhasse até um lago. Quando ambos estavam na água, o mestre de repente mergulhou a cabeça do discípulo e a sustentou assim por um instante. Quando soltou sua cabeça, esperou que se recobrasse de seu susto e perguntou: 'O que você sentiu?' 'Senti como se fosse morrer e anelava por um pouco de ar." Deve-se desenvolver esse tipo de amor por Deus, então Ele não pode deixar de se revelar ao devoto.

Há um canto de um santo de Bengala que expressa esse sentimento.

Clama por tua Mãe Shyama com verdadeiro clamor, ó mente!

E como pode Ela esquivar-Se de ti?
Como pode Shyama não aparecer?
Como pode tua mãe Kali Se manter afastada?

Oh, minha mente! Se tens fervor, leva a Ela uma oferenda de folhas de bel e flores de hibisco;
Põe a Seus pés a tua oferenda
E misture com ela a fragrante pasta de sândalo do Amor.

Estas não são meras palavras, mas a expressão da experiência que esse santo teve, por isso é tão categórico em sua declaração. Se temos a firme fé de que Deus é nosso Pai ou Mãe, não podemos duvidar que Ele escuta nosso chamado quando somos sinceros, e nos dá o que pedimos. Porque como disse Jesus: "Que homem há entre vós, a quem se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, podeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quão mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que Lhe pedem?" Mas primeiramente temos que sentir essa relação íntima com Deus, se não a sentimos nem tampouco temos essa fé n'Ele, então fica difícil entregarmo-nos totalmente à Sua vontade, mesmo que milhões de vezes repitamos a oração: "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

Somos gente de pouca fé, dirigimo-nos a Deus como nosso Pai ou Mãe, mas não acreditamos nisso completamente; se o fizéssemos, como poderíamos nos queixar de que Deus não escuta as nossas orações? O que acontece é que todo nosso amor e apego ficam distribuídos entre os parentes – esposa e filhos –, amigos e objetos do mundo. Não sobra quase nada para dar a Deus, e o pouco que queremos oferecer parece muito para nós. Vamos reiterar a palavra "queremos", pois realmente não Lhe damos, porque o pouco tempo que dedicamos às orações passamos pensando em coisas deste mundo e tentando solucionar não somente os problemas pessoais, mas também os alheios. Com essa mente, com esse tipo de devoção, como poderemos esperar alcançar Deus? Como poderemos vê-Lo? Ao Senhor temos que dar todo o nosso amor, porque não existe ninguém no universo mais querido e mais próximo que Ele. É nosso Ser mais íntimo, Alma de nossa alma. Temos que gravar essa ideia em nossa mente para que possamos verdadeiramente amá-Lo, fundir nosso mais terno sentimento n'Ele. Somente quando pudermos querê-Lo assim, poderemos dizer que estamos clamando por Ele verdadeiramente.

Nos Vedas se diz: "Oh, Senhor, clamamos a Ti como a vaca que muge pelo bezerro." Os que presenciaram essa atração da vaca pelo bezerro, perceberam sua força. A devoção que não desperta esse tipo de amor não nos leva a Deus, ainda que aqui tenhamos título de pessoa espiritual ou religiosa.

Mas como desenvolver esse tipo de devoção? Sri Ramakrishna sugere que

se deve viver na solidão de vez em quando, afastado dos familiares e de suas preocupações, e praticar as disciplinas espirituais. Aconselha também viver na companhia dos seres avançados espiritualmente, pois é difícil seguir um caminho se não se encontra um exemplo vivo. A mera teoria não pode satisfazer ao homem. Vendo a vida de abnegação em sua frente, lhe é possível compreender que Deus não é um mito e que os que dedicam sua vida para tentar chegar até Ele não são tontos ou loucos. Porque na companhia de um verdadeiro santo se sente uma paz que não é deste mundo. Desvanecem-se, pelo menos nesses momentos, as dúvidas sobre a vida espiritual, da existência de Deus e coisas semelhantes. Cantar o nome e glórias de Deus é a terceira ajuda neste caminho. Supostamente todas estas ajudas nos são de grande valor se possuímos desapego e discernimento, se podemos discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, perecível e transitório. Quando se está capacitado em distinguir o que é bom do que é mal para sua vida espiritual, adquire-se o desapego.

Agora sim, pode-se perguntar "Por que alguns conseguem êxito na vida espiritual em pouco tempo, enquanto outros nunca o conseguem nesta vida?" Os hindus acreditam que esta não é a única vida do ser humano, que passam várias vezes pelo nascimento e que cada vez que vem à terra os seres tentam se elevar mas nem sempre conseguem. Sem dúvida, tanto o bom como o mal que se praticou deixa um respectivo selo na mente e este forma as tendências inatas, quando voltam a nascer. Quem se esforça para chegar à meta, mas devido a fraquezas resvala de seu estado elevado, quando volta a nascer, traz consigo todos os méritos adquiridos e começa dali; consequentemente, ao que faltava pouco para chegar à meta, consegue êxito em pouco tempo nesta vida. Sri Ramakrishna ilustra isto com um exemplo bem familiar: "A verdade é que um homem consegue bastante êxito por causa das tendências herdadas das vidas anteriores. A gente pensa que ele o alcançou de repente. Um homem bebeu uma garrafa de vinho até o amanhecer, com a qual ficou completamente embriagado. Começou a se comportar indevidamente. As pessoas se assustaram ao ver que ele ficou embriagado a tal ponto tomando somente um copo de vinho. Mas outro homem lhe diz: 'Por que você está assombrado? Ele esteve bebendo durante toda a noite.'"

Nenhum esforço para o bem é em vão, tudo se acumula e nos ajuda em nossa vida. Portanto, vamos continuar nos esforçando, mesmo que às vezes deslizemos no caminho. Com perseverança e pela graça de Deus chegaremos à meta.

Que o Senhor misericordioso nos abençoe para que possamos desenvolver o amor puro aos Seus pés e para que tenhamos a visão d'Ele antes de nos despedirmos deste mundo!

A GRAÇA DIVINA

26-09-1979

Por Swami Paratparananda[1]

Poucas são as pessoas que tentam levar uma vida verdadeiramente espiritual, pois, como já vimos em ocasiões anteriores, esta não consiste em aceitar ou crer em alguns dogmas e credos, nem em fazer determinados exercícios físicos, nem em buscar e fazer milagres, nem tampouco no mero saber livresco das escrituras. Significa dedicação a Deus, seguir um caminho que culmine na aniquilação da ignorância e na realização do Ser Supremo, na percepção direta e íntima da Realidade. Isto não é uma tarefa fácil, se necessita infinita paciência, constância na prática da oração, domínio sobre os sentidos e sobre a mente e finalmente a graça divina. Ainda que mencionamos esta ao final, nem por isso é de menor importância; pelo contrário, todos os outros fatores dependem dela. Sem a graça divina não se pode avançar nem um passo na vida espiritual.

Pode-se perguntar: Por acaso a graça divina não age no mundo? Afastou-se Deus do mundo? Se esta é Sua criação, como pode abandoná-la? Além disto, não dizem as escrituras que Deus mora em todos os seres, e que é onipresente? Então que significa dizer que só na vida espiritual age a graça divina? Por certo estas são perguntas sem respostas, ou melhor dito, não se pode responder de outra maneira senão admitindo que Deus nunca se afastou do mundo e que o cuida bem, que sua graça desce por igual sobre o malvado e piedoso, assim como o sol brilha sobre todo o universo sem fazer nenhuma distinção, ou como a chuva cai indistintamente sobre a terra fértil e a estéril, e isto em um sentido, é muito mais certo.

Estamos conscientes deste fato, mas há distintas maneiras de beneficiar-se com a graça divina. Alguns o fazem no mundo material, aproximando-se de Deus para conseguir coisas materiais. Quando Deus lhes responde a seus pedidos, por exemplo, de cura de enfermidades, pensam que lograram um alto nível de elevação espiritual, e assim envaidecidos, perdem de vista a meta da vida.

Deus é como uma mãe indulgente que nos perdoa tudo. Além

---

1 Swami Paratparananda foi o dirigente espiritual do Movimento Ramakrishna na Argentina e no Brasil de 1973 a 1988.

disso, cumpre nossos pedidos por mais daninhos que sejam para nós, para que não nos sintamos enganados ou abandonados. Deixa que aprendamos, pelas amargas experiências de nossas ações, como são o mundo e seus objetos. Bendito é aquele que vê a graça divina em seus sofrimentos e tenta ver em que consiste a verdadeira felicidade, e depois se esforça para consegui-la. Mas, desgraçadamente, as pessoas sempre buscam coisas prazerosas mesmo depois de repetidos fracassos em suas tentativas para obtê-las. E espera que o mundo mude e lhes proporcione algum dia e para sempre os objetos desejados e sem nenhuma amarga consequência. Essa gente é como os camelos que gostam de certos arbustos espinhosos, e enquanto os comem suas bocas sangram, mas ainda assim não deixam de comê-los. Essas pessoas continuarão pedindo a Deus os mesmos objetos sensórios; são como aqueles que foram ver a um rei generoso e lhe pediram coisas de pouco valor como abóboras ou batatas. Por certo, pensam que são objetos preciosos, porque são pessoas de visão curta, desejam só o que podem perceber por seus sentidos, sem indagar por seu valor nem nas consequências que isto pode trazer.

Também se pergunta: "Por quê Deus não nos tira o apego pelos objetos do mundo?" As crianças gostam de brincar no quintal, com diferentes tipos de brinquedos, e eles não gostam que sua mãe os tire de lá enquanto eles se sentem entretidos. Vão chorar e gritar se isto acontece. Só quando se fartam ou se machucam, deixam de brincar e chamam a mãe; do mesmo modo Deus sabe que se de repente tira dos aspirantes o apego aos seus entretenimentos, estes se sentirão infelizes. Ensina-lhes pouco a pouco a vacuidade de tudo que os sentidos podem apreciar. Esta também é a graça divina: fazer-nos saber que o mundo com toda sua beleza panorâmica é uma ilusão. Sri Ramakrishna costumava dizer: "Só Deus é real, e toda outra coisa é irreal; só o mago é real e sua magia irreal, existe por um momento e depois desaparece". Mas, tal é nosso apego ao efêmero, que seguimos agarrados a ele ainda que nos doa. Na juventude, quando o sangue ferve, tudo parece formoso, cheio de alegria e encanto. Mas à medida que vão passando os dias, esse mesmo mundo muda seu aspecto e então o homem não somente vê a alegria como também o pesar e o sofrimento. Mais tarde vê que há muita tristeza e pouco prazer neste mesmo mundo que lhe havia parecido tão formoso antes. No entanto, os hábitos que cultivou e os deveres com que se comprometeu toda a vida não o deixam sair do casulo que ele mesmo construiu. Entre milhares talvez um se atreva a sair de lá pela graça divina. Outros, sem poder desfazer-se do apego e do encanto do mundo arrastam os dias que lhes

sobram de um ou outro modo, muitas vezes jogando a culpa de sua desgraça no destino ou em Deus. Herói é aquele que mesmo neste momento pode ver que isto também é a graça divina, mas haverá muito poucos que possam sentir assim, pois sentindo esta condição, tentariam remediar as coisas ou pelo menos resolveriam mudar o rumo de suas vidas no mesmo momento, ou desejariam com todas suas forças não repetir os mesmos erros que fizeram durante esta vida. Só a pessoa que vê em tudo, não somente no agradável, a manifestação da graça divina, pode dizer que ela reina sempre no mundo.

Agora vamos ver porque postulamos que os outros fatores que nos levam até Deus também dependem de Sua graça. Como vimos, a rede da ilusão é vasta, e intrincada a maneira em que atua. Por isso Sri Krishna disse: "Esta Minha divina maia, constituída pelos gunas é difícil de transcender; só os que se refugiam em Mim (o Senhor) podem atravessá-la." Todos os seres sem exceção estão sujeitos à ilusão, pois tudo no mundo está feito dos três gunas, os constituintes de maia. A força dos gunas é considerável; transcendê-los é uma tarefa sumamente difícil, e pode conseguir-se unicamente pela graça de Deus. Para transcender a ilusão ou o feitiço que projeta o mundo, se necessita de desapego, o qual se chega a ter se houver discernimento entre o que é Real, eterno e o que é irreal, transitório e estritamente aderir-se ao Real ou Deus, descartando todo desejo de gozo mundano. Em seguida é necessário praticar o domínio sobre os sentidos e a mente. Sabemos quão vacilante é esta. Se não temos a convicção de que o mundo e seus objetos são de pouca duração, a mente continuará sua corrida atrás das coisas de seu gosto e nos envolverá na ilusão toda nossa vida. Portanto esta convicção deve ser apoiada por um forte desapego às coisas que dão prazer. Depois vem a prática das virtudes como a paciência, a fé nas palavras das escrituras e coisas semelhantes. Tudo o qual está sob a jurisdição de maia, a ilusão, para vencer a qual necessitamos, como já vimos, da graça divina.

Às vezes até os aspirantes se queixam de que Deus é parcial, que a alguns dá a oportunidade e lhes abre o caminho, enquanto a outros não mostra Sua graça. Sri Krishna responde a isto no Bhagavad Guita: "Eu trato por igual a todos os seres, não tenho preferências, nem desprezo a ninguém; mas os que adoram a Mim (ao Senhor) estão em Mim e Eu neles". Sri Shankaracharia comentando este verso disse: "O Senhor afirma que Ele é como o fogo: assim como o fogo não tira o frio dos que estão longe, mas o faz aos que se aproximam dele, do mesmo modo Deus mostra Sua graça a Seus devotos e não a outros. Os que adoram ao

Senhor, por causa desta mesma adoração se tornam limpos de coração, um lugar apto para sua morada". Também, assim como a luz do sol, ainda que caia sobre todos os objetos, é refletida nitidamente em um espelho limpo, do mesmo modo, a mente pura do devoto reflete a luz de Deus mais que a das outras pessoas. Além disso, Ele olha o fundo do coração do aspirante. Uma pessoa que levou uma vida má durante um longo tempo, mas depois a transforma, não está perdida a seus olhos; também esta pessoa pode chegar a ser santa, como afirma Sri Krishna no verso seguinte: "Até se um malvado da pior categoria Me adora com sua mente por completo dedicada a Mim deve ser considerada boa pessoa, pois tomou uma determinação correta. Logo se tornará puro e logrará a paz eterna. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece!" Vemos assim que para Deus ninguém é desprezível nem condenável pela eternidade.

Como atua a graça divina no campo espiritual? Sri Ramakrishna certa vez disse: "Se alguém se refugia em Deus e Lhe roga com grande anelo, Deus com toda segurança escuta; com certeza lhe abrirá o caminho. Talvez o devoto não se case e assim poderá dedicar toda sua atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos ganhem o suficiente para a subsistência da família, ou pode ser que um filho tome sobre si a responsabilidade da família. Então o aspirante não terá problemas com o mundo; poderá dar cem por cento de sua mente a Deus". Também costumava contar uma estória para ilustrar como tinha que rogar a Deus e com que classe de anelo: "Certas pessoas me perguntam - dizia Sri Ramakrishna - Senhor, por quê Deus criou este mundo em que quase tudo é sofrimento? Não há saída para nós? Eu lhes digo: Por que não há de haver uma saída? Tome refúgio em Deus e rogue-lhe com um coração anelante pedindo vento favorável para que as coisas se arrumem. Se O chamais com anelo certamente vos escutará." Depois contou a estória: "Havia uma vez um homem, cujo filho estava a ponto de morrer. Em seu desespero pediu remédios a várias pessoas. Uma delas lhe disse: 'Há um remédio; primeiro deve chover quando a estrela Svati esteja no ascendente; depois, um pouco dessa chuva deve cair em uma caveira; em seguida uma rã deve aproximar-se e beber esta água e uma serpente deve caçá-la; e quando a serpente esteja a ponto de picar a rã, esta deve dar um salto e o veneno deve cair na caveira. Em seguida, é preciso dar ao enfermo um pouco do veneno com a água da chuva que está na caveira.' O pai se apressou ansiosamente para encontrar a fórmula salvadora, no instante em que a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente

o homem rogou a Deus: ‘Ó Senhor, Te rogo, consegue-me uma caveira.’ Buscando aqui e ali, finalmente encontrou uma caveira com água de chuva dentro. Novamente rogou a Deus: ‘Ó Senhor, Te imploro, ajuda-me a encontrar a rã e a serpente.’ Devido a seu grande anelo, conseguiu a rã e também a serpente. Em um abrir e fechar de olhos viu como a serpente caçava a rã, e quando se dispunha a picá-la, o veneno caiu na caveira”. Se o rogo é fervoroso Deus não pode deixar de escutá-lo.

As pessoas sempre se queixam dizendo que não tempo para rezar ou fazer suas práticas diárias. O que acontece é que não sentem a necessidade de fazê-las. Se um homem tem que sair às quatro horas da madrugada para trabalhar, o faz sem titubear, porque a necessidade de ganhar a vida o impele, o obriga a fazê-lo. Quando sintamos a mesma urgência para chegar a Deus, então, só então, não teremos queixa alguma, faremos tudo com gosto. Até então é necessário obrigar a mente a fazer as disciplinas espirituais diárias e, com um pouco de insistência podemos persuadi-la. O fato é que o mundo ocupou demasiado a nossa mente, e pode ser retirado de lá unicamente pela graça divina. Mas é preciso fazer um pouco de esforço para que essa graça desça sobre nós. Sri Ramakrishna dizia: “O vento da graça divina sopra sempre, é preciso soltar as velas para recebê-lo”. Um pouco de prática das disciplinas espirituais é como soltar as velas. Quando Deus vê que o aspirante está realmente ansioso para avançar até Ele, então Deus também o ajuda. Mais ainda, Sri Ramakrishna disse que Deus dá dez passos até nós se damos um passo até Ele.

Quais são os impedimentos mais fortes no caminho espiritual? Sri Ramakrishna adverte que são a luxuria e a cobiça. São as atrações que mantém em seu poder ao ser humano. Preso na rede destas paixões o homem sofre incessantemente, mesmo assim acha quase impossível livrar-se de seus tentáculos. Isto é maia, ilusão. Uma pessoa resolve não cair na armadilha dessa ilusão, mas quando chega o momento não pode manter-se firme, pois são tão fortes as paixões e aquele que nunca tentou controlá-las acha muito difícil resistir às tentações. É uma luta tremenda e para a maioria, até para os aspirantes, dura quase toda a vida. O êxito nesta luta depende da graça divina. Se Deus não nos faz ver claramente onde estamos indo submetidos às paixões, não há como resisti-las. O Senhor nos ensina isto de várias maneiras: apresenta diante de nós exemplos de vida desenfreada e suas consequências, nos traz enfermidades e calamidades, nos põe em contato com pessoas santas e assim por diante. Em nossa vida devemos ter passado por todas estas

coisas alguma vez. Aprendemos a lição? Talvez uma ou outra pessoa a tenha aprendido. A maioria, mesmo entre os aspirantes, toma todas estas atribulações como castigo proveniente de Deus. Dizem: "Que fiz para merecer este sofrimento?" Em vez de reflexionar, "Qual será o propósito deste ensinamento do Divino Mestre? Pois Ele jamais nos faz o mal." Se aprofundamos desta maneira podemos descobrir que o Senhor nos está tirando as ligaduras que nos mantêm amarrados ao mundo.

Muitas vezes acontece que os laços mundanos são tão fortes que rompê-los é como arrancar o coração. No entanto, o que quer ter a paz duradoura ou felicidade eterna, não pode continuar atado ao mundo, pois estas coisas não existem aqui. Esta é a experiência de todo ser humano; ainda que uma pessoa que esteja em uma situação cômoda o negue momentaneamente, cedo ou tarde se dará conta disso. Aquele que aprende cedo na vida que o mundo, como a ameixa silvestre, é quase só caroço e casca, com muito pouca polpa, que está cheio de sofrimento e muito pouco prazer, e não se deixa enganar por seu feitiço, já ganhou meia batalha; logo, se ele se esforçar um pouco, chegará à meta da vida. Sri Ramakrishna, que conhecia as regras essenciais da vida espiritual, apreciava muito aos jovens que se haviam mantido puros de coração evitando as atrações da luxúria e da cobiça. Dizia que eles podem ter êxito na vida religiosa com muito pouco esforço, e que podiam compreender as verdades sutis por seu agudo intelecto não embaraçado com as preocupações mundanas, e por serem limpos e simples. Estas duas palavras usadas frequentemente nos livros religiosos, talvez necessitem serem elucidadas. Limpos de coração significa os que não abrigam nenhuma malícia contra ninguém, que não estão afetados por pensamentos perversos, que não estão sujeitos às paixões e livres de todo ódio, medo e ira. Simples são aquelas pessoas que não sabem ocultar seus pensamentos, são verazes e falam o que pensam, não tem motivos de engano para os demais. São virtudes que contribuem para a fortaleza do homem, para sua viagem a Deus.

O terceiro obstáculo no caminho de um aspirante à vida mais elevada é o ego. Apresenta-se diante dele de várias maneiras: ego de erudição, ego de riqueza, de nascimento, de raça, de posição social, de poder, e assim por diante. E não se dá conta dele até que se enraíza bem profundamente. Uma pessoa pode parecer simples e humilde, no entanto pode abrigar um alto conceito de si mesma, de sua santidade ou erudição. Certa vez Sri Ramakrishna visitou Devendranath Tagor, o pai do poeta Rabindranath, ao inteirar-se que pensava muito em Deus. Mas quando o

viu observou que tinha vaidade, pois era respeitado como um homem de conhecimento espiritual, descendente de uma família aristocrática e líder de uma nova seita, o Brahmo Samaja. Sri Ramakrishna foi vê-lo acompanhado de Mathuranath Biswas, o genro de Rani Rasmani, fundadora do templo de Kali de Dakshineswar. Mathur havia sido condiscípulo do líder brahmo no colégio. Observando minuciosamente os rasgos físicos de Devendranath e dando-se conta de sua vaidade, perguntou a Mathur: "Bom, Mathur, a vaidade é o resultado do conhecimento ou da ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimentos tais como: Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?" A mera erudição, se não é acompanhada de renúncia e desapego, serve para obter renome, fama e talvez riqueza, mas jamais leva alguém a Deus. Sri Ramakrishna comparava aos meros eruditos com os abutres que voam alto nos céus, mas cujo olhar está sempre dirigido para baixo, para a carniça. Os meros eruditos ainda que falem de forma altissonante sobre a filosofia e a religião mantêm fixo seu olhar nas coisas do mundo. A erudição que não nos ensina a discernir entre o que é Real e o que é ilusório, não serve no caminho espiritual. Mas a ignorância humana é tal que lendo alguns livros o homem pensa que já é competente para guiar aos demais.

É difícil entender o verdadeiro significado dos termos da vida espiritual. Certa vez o Mestre estava falando com Mahendranath Gupta, o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, quando de repente lhe perguntou: "Sabe o significa a renúncia?" O discípulo respondeu: "Significa não somente ter desapego pelo mundo, mas também desenvolver anelo por Deus". Satisfeito pela resposta o Mestre disse: "Pela graça de Deus compreendeste isto. Sem Sua graça jamais se pode desfazer-se das dúvidas. O importante é, de um modo ou de outro cultivar amor e devoção por Deus. De que serve conhecer muitas coisas? Basta cultivar amor por Deus seguindo qualquer caminho".

O fanatismo é o quarto obstáculo para o que quer chegar a Deus. Todos pensam que unicamente sua própria religião é verdadeira e outras não. Este conceito chega às vezes a tal ponto que pessoas pertencentes a duas seitas de uma mesma religião brigam entre si. Cada um crê que possui todo o conhecimento sobre Deus e que Deus não pode ser de outra maneira senão como ele o concebe. Por acaso pode compreender tudo de Deus um ser humano com seu pequeno intelecto? Infinitos são seus aspectos e infinitas são as maneiras em que se manifesta no universo. Além disso, ele não se esgota em sua manifestação senão que mantém

também um aspecto não-manifestado. E as pessoas, que não podem compreender em sua totalidade nem um só planeta de Sua criação, se atrevem a declarar que sabem tudo sobre Ele! Que pode ser mais ridículo que isto? No entanto, os fanáticos creem que tem razão. Brigam pela posse da cesta enquanto as frutas vão caindo ao chão. Deus está longe da pessoa que somente faz demonstração de sua erudição e não faz nada para pôr os ensinamentos em prática e amá-lo.

O fanatismo cega ao homem; não lhe permite ver os pontos bons em outros, nem tampouco seus próprios defeitos. Em seguida destrói sua sensibilidade; torna-se desapiedado e cruel, como podemos ver através de toda a história do mundo. E esta gente fala em nome de Deus! São suas próprias ambições que as impulsionam a atuar desta maneira, e não o amor por Deus, nem pelo próximo. Claro, isto também acontece pela vontade de Deus, não há dúvida. Quando o compreendamos de coração, intimamente, e o aceitemos com calma, estaremos aproximando-nos do estado de equanimidade, o último degrau rumo à meta, a realização de Deus.

Mas este estado de nenhuma maneira pode comparar-se com a atitude de uma pessoa egotista, a quem a dor alheia não comove em nada, e quem para lograr seu próprio interesse não vacila em pisotear nos demais. Este estado não pode ser alcançado a menos que se tenha limpado a mente de todo desejo de gozo aqui e no além e que se tenha sentido o tormento, a agitação, o desassossego e o desespero por combater os males que afetam a humanidade. Quando vemos que, contudo, não podemos mudar nada, então, pela graça divina, chega o entendimento de que "temos direito a atuar, mas jamais aos resultados", como disse Sri Krishna no Bhagavad Gita. Arjuna também buscou um arranjo cômodo quando quis abandonar o mundo em vez de uma guerra justa, sem possuir as requeridas qualidades de um ermitão. Para ensiná-lo e mediante ele, a toda humanidade, quem realmente pode e está capacitado a renunciar ao mundo, Sri Krishna pronunciou o grande discurso que agora conhecemos como o Bhagavad Gita.

Mencionamos apenas alguns dos obstáculos que um aspirante encontra no caminho espiritual; para atravessar os quais se requer imensa força de ânimo e perseverança. Os impedimentos são sutis e enganadores; aparecem em forma de amigos, como coisas favoráveis. Portanto deve-se ter um discernimento agudo para descobri-los e é preciso estar sempre alerta. Além disso, como já dissemos, a sutileza das verdades espirituais não se pode compreender desde o início, é preciso passar pelas

disciplinas durante muito tempo. E à medida que se vai avançando nestas disciplinas encontra que os mesmos ensinamentos que pareciam simples de entender, levam um significado muito mais profundo. Cada dia se vai dando conta de que é pouco o que se pode saber sobre Deus pela leitura. Também sente que o que um aspirante necessita é desenvolver amor pelo Senhor. Sri Ramakrishna repetidas vezes expressou: "Bhakti (devoção) é a única coisa essencial. Quem pode conhecer a Deus pelo raciocínio? Eu quero amor por Ele. Que necessidade tenho de conhecer Suas infinitas glórias? Se com uma garrafa de vinho me embriaga, que necessidade tenho de saber quantos galões de vinho há na taverna? Um jarro de água é suficiente para apagar minha sede. Não necessito saber a quantidade de água que há na terra."

Falando da importância da graça de Deus Sri Ramakrishna declarava: "Podes tentar milhares de vezes, mas não poderás conseguir nada sem a graça de Deus. Não se pode vê-Lo sem Sua graça. Por acaso é fácil receber a graça divina? Deve-se renunciar totalmente ao egotismo; não se pode vê-Lo enquanto sinta que 'eu sou o fazedor'. Deus não aparece facilmente no coração do homem que sente que ele é seu próprio dono. Mas, pode-se vê-Lo no mesmo momento em que Sua graça descer. Ele é o sol do conhecimento. Um só raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento. Daí que podemos ver-nos um ao outro e adquirir variado conhecimento. Pode-se ver a Deus só se Ele voltar Sua luz para Seu próprio rosto."

A graça divina é imprescindível mesmo depois de ter sua visão, pois ainda assim existe o perigo de equivocar-se e estancar. Equivocar-se a respeito da natureza de Deus e crer que Ele é como lhe apareceu e nada mais. Só por Sua graça pode-se ficar convencido de que não se pode sondar a profundidade de Suas glórias e que ter amor por Ele é suficiente para sua liberação.

Que o Senhor misericordioso nos conceda Sua graça para que possamos vê-Lo nesta mesma vida e terminar com a ronda de nascimentos e mortes.

****

ALGUMAS REVELAÇÕES DA DIVINDADE DA SANTA MÃE

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista *Vedanta Kesari* em Inglês – Dezembro 1964; Vol. 51

Ser simples parece ser uma característica natural nas almas avançadas. Mais ainda, - como disse Cristo, "A menos que vocês sejam como crianças, não poderão entrar no Reino do Céu", - esta infantilidade é um precursor obrigatório para a visão de Deus, Realização da Verdade. Pois a Verdade é simples e a menos que se seja simples não se pode vê-LO. Mas esta simplicidade, esta sinceridade, confunde as pessoas. Pois elas buscam frequentemente as grandes e deslumbrantes coisas que são mais e mais complexas. Uma vida simples de um vilarejo é descartada por uma vida mais complexa e complicada das cidades, pela variedade de entretenimentos que oferece, as atrações e tentações que apresenta. De um modo similar a vida do mundo, com suas doces e sutis mudanças surpreende o homem de surpresa e vagarosamente, porém efetivamente o captura e o atrai para si e então o sufoca aí. Por causa da variedade e mudanças o homem persegue a novidade e esquece o Simples, a Verdade e falha até em reconhecer os precursores da paz e realizadores da Verdade. Eles seguem sem serem notados.

Por um longo tempo as pessoas de Calcutta[2] consideraram Sri Ramakrishna como um louco, pois ele nunca reconheceu o valor de nada exceto em e através de Deus; pois por um longo tempo esteve completamente alheio de tudo ao seu redor em sua contemplação, ou seja, porque não seguia as normas da vida mundana. Até os assim chamados homens esclarecidos e cultos que costumavam visitá-lo diziam que não tinha capacidade para organização e era uma pessoa sem esperteza. Hoje vemos como eram pedantes e iludidos. Seus nomes e tudo que fizeram foram esquecidos enquanto que Sri Ramakrishna veio a viver nos corações de milhões para sempre. Mas tal é a ilusão que esta complexidade do mundo espalha sobre nós, que consideramos o que é transitório como eterno.

Sri Sarada Devi, a consorte de Sri Ramakrishna, melhor conhecida entre seus devotos como a Santa Mãe, era da mesma forma desconhecida como uma Mestra da humanidade por seu próprio mérito, por um considerável longo tempo. Mesmo alguns dos discípulos de Sri

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

2 Então capital da Índia, hoje chamada Kolkata (nota do tradutor).

Ramakrishna não puderam conhecer sobre sua elevada estatura espiritual até após alguns anos do falecimento do Mestre. No início eles a respeitavam como a consorte de seu Guru. Mas breve chegaram a conhecer que ela não era uma mortal comum.

Sri Ramakrishna mostrou por ela o mais elevado respeito adorando-a um dia em Dakshineswar, como a encarnação da Divina Mãe, na culminação de suas práticas espirituais. Ele mostrou grande consideração por seus desejos e lhe mostrava grande veneração. Apenas o Mestre sabia quem ela era. Narraremos aqui alguns exemplos para mostrar como ele a considerava. Hriday, que foi o atendente do Mestre por vários anos, em seus últimos dias com o Mestre estava se tornando egoísta e ansiava por dinheiro. Quando seus desejos foram frustrados pela recusa de Sri Ramakrishna em ser um instrumento em suas mãos para seus fins mundanos, ele ficou com raiva, tornou-se abusivo e se comportava mal. Vendo esta tendência aumentando em Hriday, Sri Ramakrishna o advertiu, "Você pode estar a salvo se a pessoa que reside aqui (mostrando seu próprio corpo) se zangar, mas tome cuidado se ela (a Santa Mãe) ficar aborrecida. Nem mesmo Brahma, Vishnu ou Maheswara[3] poderá salvá-lo então de sua ira". Em outras ocasiões Sri Ramakrishna se referia a ela como a Deusa da sabedoria, Sarada[4], que veio para transmitir conhecimento. Mas a despeito de repetidas declarações deste tipo, vindo de bons autores, o homem frequentemente falha em reconhecer personagens divinos. Isto é o que Bhagavan Sri Krishna também opina no *Gita*: "O ignorante Me ignora, que Me encarnei em forma humana, não conhecendo Minha natureza superior como o Grande Senhor dos seres".[5] Como poucos O reconheceram como o Senhor! Mesmo Arjuna, seu mais íntimo companheiro não conhecia este fato até que o próprio Sri Krishna revelou este segredo a ele.

Por que isto acontece? O Senhor quando se encarna se comporta como qualquer outro ser humano. Tem fome e sede, Seu corpo adoece e declina. Como então se pode distinguir a Ele a menos que se tenham olhos divinos e penetrantes (*divya caksus*)? Porém, pessoas simples e sem sofisticação O reconhecem mais facilmente que os outros. Por exemplo, em Krishnavatara[6] os simples pastores e pastoras de Vrindavana foram abençoados com aquela maravilhosa compreensão para se aprofundar nos mistérios do Divino. Que maravilhosa oração é esta com a qual as Gopis se dirigem ao Senhor – o Gopigita do *Bhagavata*! O fazedor de guirlandas de Mathura e Kubja e a servente do palácio de Kamsa puderam descobri-LO porque eram simples e tinham fé. Em Ramavatara[7], Shabari, a mulher

[3] Shiva (nota do tradutor).
[4] Outro nome para Saraswati (nota do Tradutor).
[5] Gita, IX, 11.
[6] Encarnação de Krishna (nota do tradutor).
[7] Encarnação de Rama (nota do tradutor).

da floresta, pode encontrá-LO.

Este é o segredo das divinas personalidades. Eles vêm. Porém muito poucos podem descobri-los a menos que eles revelem suas verdadeiras naturezas. Em Sri Ramakrishna, as pessoas de acordo com sua própria evolução na vida espiritual, viam um homem bom, um intocado filho da natureza, um grande santo ou uma Encarnação [de Deus]. As pessoas entravam em contato com ele frequentemente, observavam seus êxtases, portanto era fácil para eles chegar a qualquer destas conclusões acima. Mas a Santa Mãe era quase uma reclusa. Ela era tão modesta que nunca se mudou do Nahabat, onde permaneceu enquanto vivia em Dakshineswar, tanto que se diz que quando alguém perguntava a um funcionário do templo se a Mãe vivia lá, ele respondia, 'Sim, nós escutamos que ela vive aqui, mas nunca a vimos'; tão desconhecida ela vivia. Suas orações, suas práticas, eram todas em segredo. Seus êxtases e *samadhis* eram desconhecidos aos outros exceto a algumas de suas íntimas devotas mulheres. Como então poderia alguém conhecer sua verdadeira natureza?

Apesar de que a Mãe costumava ter seus estados de absorção em êxtase, talvez ela mesma não fosse consciente deles. Assim um dia ela pediu a Yogin-Ma, "Minha querida, por favor, fale ao Mestre que por sua graça eu possa experimentar o *samadhi*. Por causa da presença constante dos devotos, não consigo ter uma oportunidade de falar a ele sobre isto eu mesma."

Yogin-Ma declara, "Eu pensei que isto era totalmente correto e que deveria levar seu pedido a ele. Assim na manhã seguinte quando Sri Ramakrishna estava só em seu quarto eu entrei e após saudá-lo do modo costumeiro comuniquei o pedido da Mãe para ele. Ele escutou e de repente ficou sério." Quando o Mestre ficava neste estado ninguém ousava dizer uma palavra, assim após ficar sentada por um tempo a devota deixou o quarto. Quando retornou ao Nahabat ela encontrou a Mãe sentada em sua adoração diária. Ela abriu a porta um pouco e a viu em um estado estranho, ora chorando, ora rindo em silêncio. Yogin-Ma diz, "Lágrimas rolavam por sua face sem parar. Gradualmente ela se absorveu profundamente em si mesma. Eu sabia que ela estava em *samadhi*. Então fechei a porta e saí." Este não foi, contudo, um exemplo solitário; assim como o Mestre, ela entrava naturalmente em um estado exaltado em qualquer incidente que fosse de algum significado espiritual. Após o falecimento de Sri Ramakrishna estes estados se tornaram mais frequentes nela. Em Vrindavana ela teve a experiência também do supremo estado do *samadhi*.

Já vimos que a Santa Mãe teve as supremas realizações espirituais e permanecia inúmeras vezes absorvida em estados divinos. Mas isto não nos impede de perguntar se ela era consciente de sua Divindade. Existem

exemplos em sua vida que mostram que a despeito de todos os seus esforços de ocultar-se, às vezes inconscientemente, algumas palavras escapavam de seus lábios que sugeriram que era perfeitamente consciente de sua Divindade. Em tais momentos 'ela comparava a si mesma a Lakshmi, a divina consorte de Narayana, falava de si mesma como a Mãe de todos os seres ou admitia sua capacidade de dar a liberação a qualquer um'. Mas, com frequência no instante seguinte, talvez pensando que estava revelando um segredo que as pessoas não compreenderiam, costumava mudar de assunto para fazer a afirmação parecer como sem consequência. Cabia ao discípulo com discernimento ter a correta compreensão de suas palavras. Aos discípulos era dada a oportunidade de conhecer qual era sua real natureza. E se eles tivessem a boa fortuna de possuir suficiente sabedoria, a reconheceriam, a despeito de seus protestos a respeito disto.

Aqui, nós daremos alguns exemplos da vida da Mãe que ilustram este fato: Uma vez uma discípula da Mãe foi a sua residência em Calcutta. Ela estava descansando após o almoço. A discípula se sentou ao seu lado e começou a abaná-la. Subitamente ela escutou a Mãe dizer, com relação a alguém em particular, 'Bem, vocês todos vieram aqui. Mas onde está Sri Ramakrishna?' A discípula em suas memórias escreve, "Eu respondi, 'Nós não pudemos vê-lo nesta vida. Quem sabe em qual nascimento futuro seremos capazes de vê-lo? Mas é nossa maior sorte, que somos capazes de tocar seus pés [da Mãe].' 'Sim, isto é verdade', foi a breve declaração da Mãe." Esta foi uma rara revelação da Mãe, que gostava de passar-se por um mortal comum.

Mas sempre que ansiosos devotos queriam conhecer quem ela era, sem titubear revelava sua Divindade. "Uma vez um devoto adorou seus pés e colocou-os sobre sua cabeça. A Mãe protestou com ele e disse, 'O próprio Mestre permanece na cabeça, Deus Mesmo senta-se sobre o lótus de mil pétalas lá.' O discípulo então perguntou, 'Mãe, se o Mestre é Deus Mesmo, quem é você então?' Sem hesitar a Mãe respondeu, 'Quem mais eu seria? Eu sou a Divina Mãe também.'"

Em outra ocasião ela instalou e adorou seu próprio retrato junto com o retrato do Mestre no Ashrama em Koalpara, um lugar não muito longe de Jayrambati.

Para outro devoto discípulo, que ouviu sobre ela ser a Energia Primária, a Mãe Universal, etc., e que estava ansioso de saber isto de seus próprios lábios, não escondeu o segredo. 'Sim, assim é', foi sua resposta.

Há um interessante episódio na vida da Mãe que ocorreu após o falecimento do Mestre. Uma vez a Mãe estava indo a Jayrambati vindo de Kamarpukur. Seu sobrinho pequeno, Shivaram, estava seguindo-a com um pacote de roupas. Quando chegaram próximos e já viam a aldeia de Jayrambati um pensamento cruzou a mente de menino. Ele então ficou

para trás. A Mãe não pareceu notar e continuou. Mas de repente olhou para trás e o viu imóvel parado a uma distância. Com surpresa perguntou, 'O que aconteceu, Shivu? Venha.' Shivu não se moveu; ao invés disso ele gritou, 'Se você me disser quem és, eu irei.' A Mãe queria dissuadi-lo, portanto disse, 'Quem mais eu seria, sou sua tia.' Insatisfeito ele disse, 'Então vá, você está perto de sua casa. Eu não seguirei mais.' Era crepúsculo e a Mãe ficou preocupada com o que fazer com o menino. Não havia tempo para o menino chegar a Kamarpukur antes da noite, nem queria ir a sua casa. Nesta situação ela não podia deixá-lo sozinho. Ainda assim ela disse, 'Olhe para isto, quem poderia eu ser, meu querido? Eu sou uma mulher, sua tia.' Shivaram, contudo, estava insistente, 'Bem, então você pode ir, ' disse ele. Ao final a Mãe teve que ceder. Ela disse, 'As pessoas dizem que eu sou Kali'. 'E isto é verdade?', perguntou Shivaram. 'Sim.', respondeu a Mãe. Deleitado com isto Shivaram disse, 'Agora vamos.' Somente então ele a seguiu até o vilarejo.

Outra vez um devoto estava se despedindo da Mãe em sua casa em Jayrambati. Despedindo-se ela disse, 'Chame por mim', mas no instante seguinte disse, 'Chame pelo Mestre. Ele é tudo.' Lakshmi Devi, a sobrinha do Mestre, que estava presente nesta ocasião disse a ela, 'Mãe, por que você nos confunde assim?' A Mãe respondeu, 'Por quê? O que eu fiz?' Lakshmi Devi disse, 'Bem, Mãe, você não disse, "Chame por mim" e então o confundiu dizendo, "Chame pelo Mestre"? 'Por quê?, argumentou a Mãe, 'Chamar pelo Mestre é chamar por todos.' Lakshmi Devi contudo não estava distraída. Ela disse ao devoto que o que ele tinha ouvido da Mãe era muito valioso, que foi uma declaração, assim como uma instrução dada pela própria Mãe, de que ele deveria chamar por ela.'

Um incidente que ocorreu em Rameswar[8] quando a Mãe visitou o templo de Shiva deste lugar pode ser lembrado aqui. Quando a Mãe viu o descoberto emblema de Shiva no templo, disse para si mesma, 'Ah, Ele está como eu O deixei.' Os devotos que estavam ao redor dela perguntaram, 'O que disse, Mãe?' A Mãe imediatamente, por assim dizer, se recolheu em si mesma e disse, 'Oh, algo sem significado escapou de meus lábios.' Uma revelação foi feita aos devotos e eles acreditam que aquela que veio como Sita, a fiel consorte de Sri Ramachandra, e adorou o emblema de Shiva no litoral de Rameswara, tinha de novo nascido como a Santa Mãe.

Girish Chandra Ghosh, um discípulo chefe de família do Mestre e um gênio de primeiro grau, teve uma experiência mística única sobre a Mãe. Ele era um daqueles discípulos do Mestre que no início não tinham uma ideia elevada da grandeza espiritual da Mãe; por isso chama muito nossa atenção. Alguns anos após o falecimento do Mestre, Girish junto com alguns dos discípulos monásticos de Sri Ramakrishna, foram a

[8] Rameswaram, cidade de um famoso templo de Shiva (nota do tradutor).

Jayrambati. Esta foi a primeira vez que Girish foi levado à presença da Santa Mãe. Girish se prosternou diante dela, levantou-se, olhou para ela uma vez e imediatamente deixou o quarto. Ele sentou-se fora da casa refletindo e com a face séria. Outros que estavam com ele se espantaram com seu comportamento. Então um deles, Swami Niranjanananda[9], perguntou a razão de tal mudança. Ele pediu ao Swami para perguntar a Mãe se ela era a pessoa que tinha aparecido a ele em um sonho quando tinha dezenove anos de idade. A Mãe deu sua resposta de que foi ela mesma. Então Girish narrou sua experiência: como ele estava seriamente doente aos dezenove anos; como o caso foi dado como perdido pelos médicos que o atendiam; como uma noite naquela condição ele sonhou que todo o firmamento estava iluminado com uma luz divina; como esta luz veio até ele e tomou a forma de uma Deusa; e como a Deusa pôs algo em sua boca, parecendo ser a comida consagrada do Senhor de Puri [Vishnu], dizendo palavras suaves e em seguida desapareceu. Ele disse que se lembrou da Deusa novamente tão logo viu a Santa Mãe.

É necessário dizer aqui que a Mãe era totalmente modesta por toda sua vida mesmo sabendo quem era realmente. Não havia o menor traço de egoísmo nela, nem havia nela qualquer tendência de conquistar uma posição na sociedade. Por isso não aceitava aqueles que a chamavam de Divina Mãe, sem estarem convencidos de sua divindade e por mera imitação. Ela os silenciava e apontando para o retrato do Mestre dizia, 'Ele é tudo. Por sua graça ele me deu refúgio a seus pés.' Apenas aqueles que mereciam tiveram uma oportunidade de ter um vislumbre de sua personalidade. Para outros ela se comportava como um mortal comum sempre ocupada com os afazeres domésticos – cortando vegetais, lavando a louça, cozinhando, etc. Sri Ramakrishna referindo-se a esta qualidade da modéstia costumava dizer, 'Ela é como um gato coberto de cinzas, escondendo sua verdadeira cor.'

Até o centenário de seu nascimento, em 1953, poucas pessoas fora do âmbito dos devotos de Sri Ramakrishna conheciam sobre a Santa Mãe. Ela tornou-se conhecida ao mundo durante as celebrações. Hoje pessoas de distantes lugares do mundo vão em peregrinação ao lugar de seu nascimento, Jayrambati, e pensando sobre ela sentem-se abençoados. Um mosteiro de monjas que fornece refúgio a mulheres que anelam levar uma vida de renúncia foi inaugurado em seu nome[10] no centenário de seu nascimento não longe de Dakshineswar, perto de Calcutta. Templos dedicados a ela estão surgindo hoje. Vagarosamente a Mãe está revelando a si mesma mais e mais.

****

[9] Discípulo monástico de Sri Ramakrishna (nota do tradutor).
[10] Sri Sarada Math, em Dakshineswar (nota do tradutor).

ALGUNS PRECEITOS DA SANTA MÃE

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Dezembro de 1962

A Santa Mãe não é uma personalidade desconhecida hoje; seu nome cruzou os limites geográficos da Índia e atravessou os oceanos. Sua personalidade já influenciou muitas vidas e continua a fazê-lo. Sua mensagem está se espalhando e derramando bênçãos e consolo em muitas almas ressecadas pelo ardente deserto deste mundo. Sua tarefa de salvar a humanidade começou, podemos dizer, ainda durante o período da vida de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna pediu a ela que o ajudasse em sua missão de salvar a humanidade, que estava esquecida de sua verdadeira natureza e submergindo-se no atoleiro deste mundo. Após o falecimento do Mestre, a magnitude de seu trabalho aumentou e os limites de sua esfera de ação alargaram-se. A responsabilidade da reparação do mundo caiu sobre ela. E isto ela fez silenciosamente. Apesar de evitar toda publicidade e preferir o isolamento, não pode confinar-se totalmente por muito tempo. Quando seria possível esconder um fogo sob um arbusto? Quando seria possível restringir a doce brisa das montanhas de levar seu efeito tranquilizador para todos? No início as pessoas vinham a ela como em um gotejar, mas breve este fluxo aumentou em força e tornou-se uma corrente. Mesmo residindo em sua aldeia natal em Jayarambati, que não era facilmente acessível naquela época, ela não podia restringir a corrente de devotos. Lá também as pessoas iam até ela. Mais tarde em sua vida, ansiava por um pouco de descanso, porém isto não lhe foi concedido. Na doença e nas adversidades também, tinha que cumprir as exigências de seus discípulos. Esta extensa influência da Mãe atrai as pessoas para conhecer mais sobre sua personalidade. O intenso efeito de seus ensinamentos nos faz pensar em olhar, nos aprofundar e penetrar naquelas palavras de néctar.

Tomaremos alguns de seus preceitos e tentaremos compreender seu significado, à luz de sua vida; pois não há nenhum outro comentário mais claro em sua perspectiva e mais preciso em sua definição, sobre as palavras de um grande mestre espiritual, do que sua própria vida. Os preceitos são corroborados, substanciados e exemplificados em suas vidas. Esta é a principal diferença entre alguém que apenas dá palestras e

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna a Argentina em 1968.

um mestre: o que apenas dá palestras, mas nunca as pratica enquanto que o mestre pratica e fala da plenitude de seu coração, não por causa da palestra, mas por compaixão pelos aspirantes. Eles (os mestres) nunca fazem propaganda de sua grandeza. Agem como humildes servidores da humanidade apesar de ter o respeito de todos. Suas vidas os tornam grandes não apenas seus preceitos. Preceitos existem aos milhões, livros temos em abundância, instrutores em profusão, porém como uma chama que acende outra luz, assim é a vida que influencia, molda e transforma outra vida.

A Santa Mãe não deu palestras, não deu discursos. Mas o que chegou a nós como seus preceitos, tem sido uma coleção dos diários de discípulos, instruções dadas por ela a aqueles que eram buscadores genuínos, e terão um direto impacto na vida dos aspirantes visto que poderão se encontrar em idênticas posições. E ainda assim está embutido neles uma profundidade de pensamento que deslumbrará a imaginação do mais ferrenho intelectual.

Como Obter a Paz Mental

Vamos tomar primeiro sua última exortação. Ela disse, 'Se você quer paz mental, não procure as falhas dos outros. Em vez disso veja suas próprias falhas. Aprenda a fazer seu o mundo inteiro. Ninguém é um estranho, minha filha; este mundo inteiro é seu!' Quantas vezes não lemos isto! Quantas vezes não falamos disto aos outros! Mas compreendemos totalmente as implicações deste ensinamento? Nestas poucas palavras está um grande esboço que pode desfraldar as velas de nosso barco da vida, regular sua direção e ao final levar-nos em segurança ao porto do descanso. Esta exortação parece ser tão simples, mas tentemos colocá-la em prática, então compreenderemos como é difícil fazê-lo! É um trabalho para toda uma vida. Mais ainda, pode requerer várias vidas.

Agora, o que nos faz ver as falhas dos outros? Antes de tudo, o **ciúme**. A maioria das pessoas não pode suportar a afluência de outros. Não suportam ver alguém levantar sua cabeça e ombros acima deles mesmos em qualquer esfera da vida, seja na erudição, riqueza, atividade ou outras. Tentam derrubá-lo para seu nível e para fazer isto tentam furar as armaduras dos outros, espalhando até falsos rumores. O homem cede a qualquer meio para trazer o descrédito para um vizinho que está crescendo aos olhos das pessoas.

Em segundo lugar é a **vaidade** que nos impele a procurar as falhas dos outros. Temos tantas vaidades. Vaidade de saúde, riqueza, erudição, pureza, religiosidade, e um montão de outras. Alguém que possua qualquer uma destas possivelmente desprezará outra alma menos

afortunada. Ele precisa buscar uma falha [nos outros], senão como se elevará na estima das pessoas? Mas aquele que é realmente puro e piedoso nunca despreza ninguém. Apenas o vaidoso tenta crescer com as falhas de outros.

Em terceiro lugar o **ódio** e o **rancor** desempenham um grande papel em buscar as falhas nos outros, ódio por algo errado que foi feito ou imaginado que tenha sido feito e o desejo natural de vingança. Por fim existe o hábito de buscar as falhas que, se não eliminadas logo no início, crescerão como uma grande figueira da Índia, impossível de ser destruído em seguida. Portanto quando se buscar falhas e defeitos nos outros se deve compreender que existe um ou outro destes defeitos em si mesmo. A Mãe dizia: "Olhe suas próprias falhas". Ela queria dizer mais do que isso. No momento que nossa mente pensa no defeito de outra pessoa, deixamos nossa mente aberta para sua influência. Inconscientemente pensamos de forma constante sobre aquele assunto e a mente se obscurece com aquela ideia. Vamos ilustrar isso com uma parábola de Sri Ramakrishna: "Havia um Sannyasin, um homem santo, que se sentava sob uma árvore e ensinava as pessoas. Ele bebia leite e comia apenas frutas e praticava 'pranayamas[2]' todo o tempo e se considerava muito santo. No mesmo vilarejo morava uma mulher impura. Todos os dias o Sannyasin ia até ela e a repreendia dizendo que seus maus hábitos a levariam ao inferno. A mulher incapaz de mudar seu método de vida que era seu único meio de sobrevivência, ficava muito impressionada e comovida pelo horrível futuro mostrado pelo Sannyasin. Ela chorava e orava ao Senhor, implorando a Ele que a perdoasse, pois ela mesma era incapaz de mudar. O tempo passou e tanto ela quanto o Sannyasin morreram. Os anjos vieram e a carregaram ao céu enquanto que os demônios buscaram a alma do Sannyasin. 'O que é isso?', ele exclamou, 'Eu não vivi a mais santa das vidas e ensinei a santidade a todos? Por que eu deveria ser levado ao inferno enquanto esta mulher má é levada ao céu? 'Porque', disseram os demônios, 'enquanto ela era forçada a cometer más ações, a mente dela estava sempre fixa no Senhor e ela buscou liberação, que agora chegou. Mas você, pelo contrário, enquanto executava apenas atos santos, tinha sua mente sempre fixa nas maldades dos outros. Você via apenas o pecado, e pensava apenas no pecado, portanto agora você terá que ir ao lugar onde só existe o pecado'"[3]. Existe uma tendência hoje em dia de considerar estes contos e parábolas como sem seriedade e como meras estórias fantasiosas. Mas se nós assim o fizermos, sem compreender a intenção moral que elas contêm, faremos com grande risco ao nosso bem-estar espiritual.

Os psicólogos são da opinião que a maioria de nossas impressões são coloridas pelas impurezas de nossas próprias mentes. Em sua

---

2 Exercícios respiratórios (nota do Tradutor).
3 Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. VIII, páginas 17-18.

linguagem, elas tendem a ser subjetivas. Em grande parte isto parece ser correto. Uma estória é contada de que uma vez Duryodhana decidiu encontrar um homem virtuoso; viajando por toda a terra conhecida naqueles tempos não conseguiu encontrar nenhum homem bom. Dharmaraja, por outro lado, buscou encontrar uma pessoa malvada, mas retornou muito desapontado. Aquele que é virtuoso vê a virtude em toda parte e aquele que é malvado vê a maldade em toda parte.

Há um ângulo psicológico também, em que podemos ver este ensinamento. Patanjali, o grande psicólogo Indiano, diz que yoga (o caminho da união com Deus) significa restringir todas as modificações da substância mental[4]. Em outras palavras significa estabilizar a mente como a chama de uma vela em um lugar sem vento, acalmar a mente como as águas de um lago imóvel. Todos os mestres concordam sobre este ponto: a menos que a mente seja acalmada não poderá haver uma visão clara da Realidade Última. O próprio fato de nosso nascimento implica que viemos esgotar alguns dos efeitos de nossas ações nas encarnações passadas. E estas ações sendo boas de alguma forma, nascemos como seres humanos. Portanto todos os esforços devem ser dirigidos a acalmar a mente e atingir a meta. Se, por outro lado, estivermos em todos os momentos conscientes, convulsionando nossas mentes pensando nos defeitos dos outros, quando a mente será controlada? Pelo contrário, aumentaremos as nossas más tendências e semearemos para o futuro um maior envolvimento neste mundo.

Há dois lados neste ensinamento: o proibitivo e o mandatório. “Ver nossas próprias falhas” leva-nos a corrigir-nos. Isto não deve ser interpretado que deveremos pensar constantemente sobre nossos pecados. A Santa Mãe e Sri Ramakrishna eram fortemente contrários a tal atitude negativa. Costumavam dizer que aquele que pensa constantemente que é um pecador, verdadeiramente torna-se um pecador. A atitude que eles encorajavam era: “Eu cometi muitos pecados, mas não os cometerei mais. Que o Senhor me ajude a aperfeiçoar-me”. Esta é uma abordagem positiva na vida.

Além disso, o perdão e a paciência têm mais valor do que todas as acusações. Os grandes seres sempre perdoaram mesmo os maiores pecadores. Jesus não hesitou em aceitar os cuidados amorosos de uma mulher caída que se arrependeu. Ele a abençoou e a absolveu de seus pecados[5]. Buddha não teve nenhum escrúpulo em se alimentar na casa de uma cortesã quando foi convidado com amor, adoração e fé. A vida da Santa Mãe também dá seu testemunho com vários incidentes. Uma vez em Dakshineswar, enquanto levava a comida a Sri Ramakrishna, uma mulher de caráter impuro, pediu a Santa Mãe para ter o privilégio de levar sua comida naquele dia. A Mãe, apesar de saber sobre o caráter da

4 Yoga Sutras, 1.2.
5 Cf. São Lucas 7.37-50.

senhora, entregou a ela o prato de comida. Mas, um pouco depois, indo ao quarto do Mestre, o encontrou sentado diante do prato incapaz de comer algo dele. A Mãe compreendeu a causa, mas apelou para que ele comece algo da comida naquele dia. Nisto Sri Ramakrishna pediu a Mãe que desse sua palavra de que não mandaria sua comida através de outra pessoa no futuro. Ela respondeu, "Não, eu não posso prometer isso, pois se alguém pede algo para mim, eu sinto que devo dar. Mas tentarei ao máximo no futuro trazer sua comida eu mesma".

Numa outra vez Golap-Ma, uma senhora devota[6], estava chamando a atenção de uma empregada. Quando a Santa Mãe perguntou a ela a razão disto, ela [Golap-Ma] disse aborrecida, 'O que vai adiantar eu dizer a você, Mãe? Você não consegue ver os defeitos dos outros.' E qual foi a resposta da Mãe? 'Bem, Golap, não há escassez de pessoas que veem as falhas dos outros. O mundo não vai parar se eu for diferente'. Assim era a Santa Mãe. Qualquer um era seu próprio filho e como uma mãe, ela não podia ver os defeitos de seus filhos. Mais ainda, para uma mãe mesmo as falhas de seus filhos são seus ornamentos. E estes grandes seres podiam transmutar estas falhas em méritos. Swami Vivekananda em um hino a Sri Ramakrishna cantou, 'Ó Senhor, dissipador da ilusão, Teu nome, puro e auspicioso, converte o pecado em pureza'. Isso foi mera poesia? Ele observou o Mestre intimamente por mais de cinco anos e viu por si mesmo muitas vidas sendo assim convertidas. Mais tarde, mesmo após o falecimento do Mestre, viu que o próprio nome do Mestre fazia este trabalho de conversão; maravilhado com este fenômeno ele então espontaneamente compôs este verso.

Uma questão agora pode ser colocada: como então as pessoas poderão saber de seus defeitos se os mesmos não forem mostrados a eles, visto que a maioria das pessoas está sob a impressão de que o que estão fazendo é correto? Esta questão pode ser respondida se duas condições forem satisfeitas. Antes de tudo devemos obter a luz para nós mesmos antes de levá-la aos outros, como Sri Ramakrishna costumava dizer. Em segundo lugar, devemos perguntar-nos se realmente, do fundo de nossos corações, desejamos o bem-estar do objeto da nossa crítica. Nós o amamos? Se a resposta for afirmativa para essas perguntas, somente então precisaremos ter o trabalho de apontar os defeitos dos outros. De outra forma, como já declarado, apenas aumentaremos nossa carga de karma, adicionaremos mais ao nosso fardo. Devemos anotar que a Santa Mãe não foi a única em estipular esta proibição [não ver as falhas dos outros]. Cristo disse: 'Por que vês tu o cisco no olho de teu irmão e não reparas na trave que está no teu olho?'[7]. Swami Vivekananda foi categórico quando disse, 'você não pode reformar pela condenação'. Sri Ramakrishna saudava mesmo as mulheres nas ruas como imagens da

6 Golap-Ma, foi uma discípula direta de Sri Ramakrishna e companheira constante da Santa Mãe (nota do tradutor).
7 São Lucas, 6.41.

Divina Mãe. Muitos destes exemplos encontraremos ao estudarmos as vidas de outros grandes mestres também.

Como então livrar-nos desta doença de procurar falhas nos outros? Remova as causas, diz o médico, e a doença desaparecerá. Todas estas causas, como o ciúme, raiva e vaidade devem ser eliminadas de nossas mentes. Estes maus pensamentos devem ser neutralizados somente cultivando os bons pensamentos opostos tais como amor, simpatia e humildade[8], diz Patanjali. Quando o ciúme surgir na mente impeça-o com o amor, o que a Santa Mãe quis dizer com 'aprenda a fazer seu ao mundo inteiro'. Estas ideias de ciúme, raiva e outras estão lá porque pensamos em nós mesmos como separados uns dos outros. Sempre que houver dualidade surgirão as ideias de ver, etc.[9]", diz o Brhadaranyakopanisad. E em outro lugar o mesmo Upanisad diz, 'Enquanto vermos um segundo [uma segunda coisa] haverá medo'[10]. A menos que tentemos encontrar a unidade, 'aprenda a fazer seu ao mundo inteiro', estas diferenças estarão na mente. Existem dois modos de atingir a unidade ou nos unirmos. Primeiro é em reconhecer e sentir que somos uma grande família, da qual Deus é o pai. Em segundo lugar é realizar ou, pelo menos, estarmos convencidos firmemente de que somos faíscas da mesma divindade, ou melhor ainda, aceitar que é o Ser Divino apenas que se manifesta nas muitas formas. Todos os nossos Upanisads nos ajudam a alcançar tal convicção, tal conhecimento. O Katha Upanisad descreve: 'Como o único fogo entrando no mundo brilha em tantas formas, assim também este Um, o Espírito que mora em todos os seres, reside nos corações de todos e ainda assim está fora de todos eles[11]'. É apenas Brahman que se tornou tudo. Quando este conhecimento é colocado em prática nós estamos 'aprendendo a fazer nosso ao mundo inteiro'. E quando alcançarmos a perfeição neste conhecimento, 'quando se vê todos os seres em si mesmo e vê a si mesmo em todos os seres, então não se sente aversão por nada'[12]. Esse é o ponto máximo da realização espiritual e apenas isto nos trará a paz eterna. Esta é a meta e nesta realização apenas se cumprirá as palavras da Santa Mãe 'ninguém é estranho, meu filho, este mundo inteiro é seu'.

A Religião e as Aflições do Mundo

A Santa Mãe disse a um discípulo: 'Não é um fato que você não terá que enfrentar perigos. Dificuldades sempre vêm, mas não duram para sempre. Elas passam como a água sob uma ponte'. Esta é possivelmente uma resposta para o problema que o homem enfrenta. O

8 Yoga Sutras, 2.33.
9 2.4.14.
10 1.4.2.
11 5-9.
12 Isa Upanisad. 6.

enigma de como livrar-nos dos perigos e dificuldades: perigos tais como a velhice, a doença e a morte, dificuldades tais como pobreza, sofrimentos, etc.

O homem tenta todos os outros métodos para vencê-los e então pensa que Deus poderia ajudá-lo. Vemos um grande número de pessoas em templos, sinagogas e igrejas. Nem todos que vão a estes lugares querem ou buscam a Deus. A maioria deles quer de tudo, mas não a Deus. Alguns querem riqueza, outros querem a cura de suas doenças, e outros querem outras coisas. Muito poucos querem verdadeiramente a Deus apenas por Ele. Sri Krishna analisou muito habilmente estes tipos de devotos no Gita: 'Quatro tipos de pessoas Me adoram: o aflito, o buscador, aquele com desejos e o sábio. Todos estes são boas pessoas. Mas apenas o sábio verdadeiramente Me ama. Ele é Meu próprio ser'.[13] Lembrar a Deus de qualquer modo é bom. Mas não se deve pensar que ao tornar-se religioso, por acreditar-se em Deus, todas as dificuldades serão removidas e será uma suave jornada e que levará uma vida feliz. De modo nenhum. Pois o que é a vida? É existência. E existência pode ser sentida apenas em um corpo. O corpo é algo material, uma combinação dos cinco elementos, espaço, ar, água, fogo e terra. Sendo uma combinação o corpo está sujeito às mudanças como crescimento, decadência e morte. Todas estas mudanças não são agradáveis. Além disso, as mesmas sensações podem ser agradáveis hoje e muito dolorosas amanhã. Tomemos alguns exemplos comuns: Em um dia quente um banho frio será muito bem-vindo, mas o mesmo banho frio em uma noite fria de inverno será muito indesejável. Um bom prato de comida, quando o corpo está em uma condição saudável é benéfico ao seu crescimento, mas quando o corpo encontrar-se doente o mesmo prato será como veneno. E assim também com todos os nossos gozos e sofrimentos. Eles têm origem e desaparecem e duram somente por uma pequena duração de tempo. Temos por isso que suportá-los, diz Sri Krishna[14]. Isto é o que a Santa Mãe reitera quando diz, 'eles não duram para sempre'. Isto vem provar que enquanto o corpo durar deve sofrer dor e prazer. São como a sombra do corpo. Portanto uma eterna vida feliz é uma contradição em termos como fogo frio ou gelo quente. Pode ser uma imagem maravilhosa em um conto de fadas, mas na degradada realidade isto não tem lugar. Este fato a Santa Mãe quer que conheçamos completa e corretamente.

Qual é então a utilidade de seguir a religião se ela não é capaz de nos levar através do oceano do sofrimento? A resposta é que a religião não pode dar a você qualquer alívio temporário. Para isso existem outros métodos, na doença existem os remédios que curam, na pobreza há o homem caridoso para ajudar. Deve-se seguir a religião quando se busca o término de todos os sofrimentos do mundo. Ele [o buscador] não espera

---

13 Gita, 7.16 & 7.18.

14 Gita 2.14.

que ao seguir a religião será liberado de todos os desconfortos do corpo. Para ele o corpo permanece apenas como o instrumento para cruzar para a outra margem deste samsara[15]. Ele chega a conhecer seu próprio Ser, o Atman, e assim como a ponte, deixa que os sofrimentos e os prazeres passem por debaixo dele, mas sem que isto o derrube. Sri Ramakrishna cita os irmãos Pandava como exemplares de verdadeiros aspirantes espirituais permanecendo impassíveis e sem desanimar, a despeito de todas as calamidades. Ele descreve, 'Eles não perderam sua Divina consciência nem mesmo uma vez. Onde você achará homens como eles, providos de tanto conhecimento e devoção?' A Santa Mãe também insiste em chamar a atenção para o fato de que a religião não é o portal para os gozos físicos nem é o ópio dos intelectuais; é necessário trabalho duro, mas o fruto é verdadeiro e sólido como nenhum outro.

Nada externamente muda em um homem santo, ele parece sofrer das doenças corpóreas como qualquer pessoa comum, mas com a diferença de que este último se aflige pelo corpo e seus sofrimentos, enquanto que o homem santo é indiferente a eles. Além disso, o homem santo não teme a morte. Para ele, mesmo a mais terrível calamidade é uma mensageira do Bem-amado. Ramaprasad, um grande poeta devoto de Bengala, realizando Deus como a Divina Mãe cantou:

'Eu entreguei minha alma aos destemidos
Pés da Mãe,
Ainda irei ter medo da Morte?'

E na última linha da mesma canção ele diz, *'Preparado estou repetindo "Glória a Durga" para a última jornada da vida'*. Realizando a Deus se vai além da dor e do prazer que em realidade são apenas do corpo; a consciência do corpo é superada.

Realização de Deus, a Meta da Vida

'Realizar a Deus e permanecer imerso em Sua contemplação é a meta da vida humana', disse a Santa Mãe quando perguntada sobre qual era a meta da vida. Para muitos Deus é uma entidade desconhecida, enquanto o mundo é muito tangível, muito real. A mente é atraída a este mundo facilmente e de forma natural. Como dirigir esta mente do mundo conhecido para Deus que é desconhecido? E por que devemos fazê-lo? Porque conhecendo o mundo nós permanecemos no mundo, porém conhecendo a Deus, realizando-O deixaremos para trás este mundo. Além disso, o mundo conhecido é enganador e destrutivo. Observe ao

15 A vida neste mundo material (nota do tradutor).

mundo, o menino de hoje se torna o jovem de amanhã e que lindas ideias da vida ele cria com sua ardente imaginação juvenil! Tudo é brilhante e tudo é glorioso diante dele. Ele estende ambas as mãos para alcançar estas coisas encantadoras. Mas antes que perceba, antes de saciar-se, antes de satisfazer suas ambições, sua juventude passa, a caída do sol da juventude já atingiu sua vida. Logo a escuridão da decrepitude e a velhice o atingirão. Ele clama por luz, mas de onde a conseguirá? Ele extraviou-se do caminho da luz e preferiu a escuridão. Breve ouvirá a áspera gargalhada da morte se aproximando. Com isso o homem treme como uma folha ao vento. Ele pensa: Isso é tudo? O que ganhei? Isto é o fim de todos os meus planos? Para onde foram todos aqueles que considerava como meus? Aqui eles estavam até agora. Sim, a vida passa como um piscar de olhos; o período da vida do homem comparado com o tempo infinito é como uma gota no oceano. Tudo que o homem considera como seu deve deixar para trás ao chamado da morte. Com sucesso o mundo assim encanta, ilude, engana e destrói o homem. Nachiketa, apesar de ser apenas um menino, viu através do jogo deste mundo e não seria capturado em sua rede. Portanto, corajosamente ele disse a Yama, 'Ó senhor da morte, estas coisas que me ofereces, como donzelas divinas, carruagens, vida longae riqueza são de valor questionável. Além disso, elas esgotam a energia dos sentidos. Mesmo a mais longa vida que você pode oferecer não é nada comparada com a eternidade do tempo. Portanto fique com estas coisas para você'[16]. Nachiketa depois acrescenta, 'Diga-me o que acontece ao homem após a morte – o assunto sobre o qual há muita controvérsia, mas que é imperativo conhecer. Fora este conhecimento secreto, Nachiketa não deseja nada mais'[17]. Aqui está o discernimento que a Santa Mãe pedia aos seus discípulos que praticassem para que pudessem realizar a Deus.

Japa e Concentração Mental

Uma vez uma atendente estava lendo para a Santa Mãe algumas das cartas escritas pelos discípulos. Muitas continham queixas de que eles não conseguiam concentrar a mente. Após algum tempo ela disse em um tom enérgico, 'A mente será controlada ao repetir-se o Nome de Deus quinze ou vinte mil vezes por dia. Isto é verdadeiro. Eu mesma experimentei isso. Que eles pratiquem primeiro; se fracassarem que se queixem. Deve-se praticar Japa com alguma devoção, mas isto não é feito. Eles não fazem nada, apenas se queixam, dizendo, 'Por que não tenho sucesso?'' Muitos dos buscadores religiosos abandonam a religião e se tornam agnósticos quando descobrem que um pequeno esforço não os ajuda a realizar a Deus. A Realização está a uma grande distância, mas se

16 Kathopanisad, 1.26.
17 Kathopanisad, 1.29.

nós conseguirmos apenas um pouco de gosto real pelo Nome de Deus, seremos abençoados. Mas também é verdade que o amanhecer do dia da visão de Deus não estará longe quando o homem tiver cultivado um intenso amor por Deus. Mesmo para conseguir este gosto, a concentração mental é obrigatória. E não há nenhum outro modo para chegar a isto além da intensa prática. As palavras da Santa Mãe a este respeito soam com a voz de autoridade, pois ela mesma passou quase toda sua vida em regulares e contínuas práticas espirituais. A vida religiosa, portanto, não é um escapismo como citado em alguns lugares, nem indicada para os fracos. Nisto se lembra de outra exortação da Santa Mãe, 'A juventude é a época em que deve fazer intensos esforços para a realização de Deus!' O chamado chega a nós como aqueles dos antigos Rishis[18]. Prestemos atenção a esta voz e façamos nossas vidas nobres.

■■■■■■

18 Sábios dos tempos védicos da Índia (nota do tradutor).

AUTOESFORÇO E AUTOENTREGA

* Editorial da Revista "The Vedanta Kesari" (Junho de 1963; Volume 50; página 42).

Swami Paratparananda[1]

Autoesforço e autoentrega são duas palavras frequentemente empregadas livremente; e ainda mais frequentemente usadas como se fossem contraditórias entre si. O autoesforço é normalmente associado e alinhado com o seguidor do caminho de *jñāna* e autoentrega com o seguidor de *bhakti*. Sob tais circunstâncias parecerá paradoxal dizer que ambas atitudes podem, mais ainda, deveriam ser encontradas em um aspirante espiritual. Dizer que uma [atitude] suplementa a outra, que uma completa a outra ou que uma é o corolário da outra pareceria um absurdo. Mas muitas coisas que parecem incongruentes à primeira vista, em uma avaliação superficial ou exame apressado, revelam o contrário em uma investigação mais penetrante ou firme. É assim no mundo físico como também no metafísico.

É necessário pra nós aqui, conhecer como este erro popular, de que essas duas atitudes do autoesforço e da autoentrega se referem a dois tipos distintos de aspirantes, entrou na mente humana. Num primeiro exame parece haver suficiente base para esta opinião. Todos sabemos que o caminho de *jñāna yoga* é um caminho rigoroso. O aspirante deve começar com a negação dos fenômenos. Tem que lutar a cada momento com sua mente e impedi-la de se identificar ou se associar não apenas com suas posses, parentes e amigos, mas com seu corpo, sua mente e seu ego também. Esta é uma tarefa tremenda. Esforços formidáveis são necessários para neutralizar as tendências que a mente acumulou por eras. E como Swami Vivekananda coloca, 'É nadar contra a corrente', a mais difícil das tarefas. Sri Krishna também tem a mesma opinião sobre este ponto quando diz, "As dificuldades encontradas por aqueles que estão apegados ao caminho do Não-manifestado são maiores".[2] Note a palavra *maiores* aqui. É apenas um termo relativo, uma comparação com o outro caminho, aquele de *bhakti*. Devido ao enorme esforço que é requerido para ser empregado ao seguir este caminho, o autoesforço de forma natural veio a significar o caminho de *jñāna.* Até agora ninguém irá contradizer esta controvérsia. No caminho da devoção, por outro lado, se requer do devoto entregar tudo, seu corpo, mente e alma a Deus.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna a Argentina em 1968.

[2] Bhagavad Gita, 12.5.

Consequentemente, as pessoas o tomaram como o caminho da autoentrega. Não pode ser dito que é uma nomenclatura errada se as duas atitudes não forem consideradas exclusivas. Toda a incompreensão começa quando cada uma delas é excluída e segregada da outra.

Consideraremos agora o 'como' e o 'porquê' do declarado acima. Vimos que o caminho do conhecimento [*jñāna yoga*] requer extremos esforços e parece que não há nenhuma chance para entrega nele. Mas vamos examinar as implicações desses esforços. Um seguidor de *jñāna* nega que ele é o corpo ou a mente. Esta é sua disciplina. Então o que ele postula? Como considera a si mesmo? Ele diz que é o Ser, o Ātman, que é da natureza da eterna pureza, conhecimento e liberdade. Mas existe algo chamado ego que permanece como uma barreira para a realização desta natureza pelo aspirante. Apesar de que possa vencer a ideia por algum tempo de que ele é o corpo, ele normalmente se identifica com este ego, o ser inferior. Mas o ego não é o Ser real. Este ego deve ser absorvido no Ser Superior, o Ser Real, a Consciência Cósmica; em outras palavras, o autoesforço que o aspirante considerava como seu, deve capacitá-lo a entregar seu pequeno ser ao Ser universal, Brahman e somente então seus esforços terão um significado. Somente então terá alcançado seu fim. Se contudo, ele externamente negar seu corpo, mas persistir com seu ego, este ego pode devorá-lo, prendê-lo ao mundo, como fazem o corpo e a mente no caso dos homens comuns. Sejamos mais explícitos: o correto e verdadeiro conhecimento é "O Ātman não é o fazedor, o agente; nem aquele que desfruta [da ação]; não é tocado por nada que possa acontecer ao corpo". Agora, enquanto qualquer ideia de fazer ou desfrutar permanecer no aspirante, não pode ser chamado de um seguidor do completo e real *jñāna mārga.* Quando nada é seu, como podem apenas seus esforços serem seus? Se ele não é o corpo, como podem os esforços do corpo serem seus? Se ele não é a mente, como podem os esforços da mente serem seus? Mas isto não significa que ele deveria abandonar os esforços, mas deveria abandonar a ideia de que ele é o fazedor [das ações]. Quando chegamos a isto, pausamos para perguntar: Então o que significa isso senão entregar, entregar ao Ser Real, o Ser Universal? Vemos assim que na verdade o autoesforço e a autoentrega caminham juntos no caso do caminho de *jñāna.*

O outro caminho que tomaremos é o da autoentrega, que requer talvez um pouco menos de esforço, mas muita perseverança e tenacidade desde o início. Mas, apesar dos esforços serem um pouco menos necessários, não significa que não há lugar para o autoesforço. Seria pueril compreender deste modo. Mesmo no mundo físico, observamos todos os seres vivos lutando e esforçando-se por sua própria vida, pela sua sobrevivência; e onde quer que esforços nesta direção diminuíram, nessa proporção estes seres desapareceram da face da terra. Há um ditado em Sânscrito que reforça essa ideia vividamente. "As presas não entram por si só na boca de um leão adormecido", que significa dizer que mesmo um leão que é considerado o rei entre os animais tem também

que espreitar e caçar se quiser viver. Sem esforço nada pode viver. Citaremos um outro ditado em Sânscrito que dá esse significado: "Para uma pessoa que se porta como um leão em autoesforço, Lakshmi, a Deusa da Prosperidade, é alcançada". Mas os inertes, ociosos, chamam isso de 'destino, certamente o destino'. 'Negar o destino causa um esforço viril e se você fracassar onde estará sua culpa?' Deve-se aplicar este conselho na vida espiritual também. Talvez existam pessoas que pensem que o autoesforço no plano mundano não é apenas bom, senão necessário, mas no plano psicológico a autoentrega é melhor. Isso é tão bom quanto dizer, 'irei desfrutar da vida, e Deus cuidará de minha alma, se houver'. Esta é a visão Hedonista e não autoentrega. Esta é a grande armadilha, mais ainda, esta visão é o cemitério da espiritualidade. É hipocrisia ou enganar a si mesmo. Por esse caminho ninguém foi salvo. Ele não resolve a questão da vida, nem da morte. Não é daqui e nem de lá.

Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que nos mostra este tipo de hipocrisia em suas verdadeiras cores: "Um Brahmana[3], teve sucesso em cultivar um lindo jardim com muito esforço. Um dia uma vaca entrou no jardim e começou a pastar e destruir as plantas. O Brahmana ficou enfurecido. Ele bateu tão violentamente na vaca que ela morreu. Ele ficou tomado pelo medo. Ele pensou, 'Ai de mim, eu, um Brahmana, matei uma vaca – que é o maior dos pecados'. O Brahmana tinha lido um pouco dos Vedas e lembrou que os órgãos sensórios humanos derivam seu poder para funcionar dos deuses e como Indra era a divindade que preside a mão, ele se acalmou pensando: 'Foi Indra que moveu minha mão e matou a vaca'.

Em seguida o pecado de matar a vaca entrou no corpo do Brahmana. Ele disse, 'Saia daqui, você [o pecado] não tem lugar aqui, pois Indra a matou. Vá para ele.' Assim o pecado foi em direção a Indra. Indra disse ao pecado, 'Espere um pouco, deixe-me ir falar algumas palavras com o Brahmana e já volto. Aí então você pode se agarrar a mim, se quiser.' Dizendo isso Indra assumiu uma forma humana, entrou no jardim do Brahmana e o viu de pé cuidando das plantas e das árvores. Indra começou a elogiar a beleza do jardim na presença do Brahmana: Ó, que belo jardim é esse! Que bom gosto em plantar as plantas e árvores, cada uma em seu lugar apropriado'. Ele se aproximou do Brahmana e disse, 'Senhor, pode me dizer a quem pertence este jardim? Ele é tão belo'. Ao ouvir o elogio ao jardim, o Brahmana ficou cheio de alegria e disse, 'Senhor, este é meu jardim, fui eu que plantei tudo isso. Venha e lhe mostrarei tudo.' Enquanto ele levava Indra pelo jardim e elogiando a si mesmo o tempo todo, inadvertidamente eles chegaram ao lugar onde a vaca morta estava. Mostrando-se espantado, Indra perguntou, 'Uau! Quem matou esta vaca?' O Brahmana, que estava todo tempo tomando para si o crédito de plantar o jardim estava sem saber o que dizer e permaneceu em total silêncio. Indra então assumiu sua forma real e disse, 'Ah, seu hipócrita, você fez tudo que é bom no jardim e a

[3] Membro da casta dos sacerdotes (nota do tradutor).

morte da vaca apenas você transfere para mim. Não é verdade? Aqui está seu pecado de matar uma vaca. Pegue-o.' Dizendo isso, Indra desapareceu e o pecado veio e tomou posse do corpo do Brahmana'". Assim é a entrega que alguns praticam. Por isso é melhor que enquanto se cuida do corpo, se preste atenção a alma também e isso com mais interesse do que se faz com o corpo.

A entrega [a Deus] não significa fugir do dever. Sri Krishna no Gita repreende Arjuna por posar como um homem sábio e tentar escapar de seu dever de lutar na batalha. Ele enumera várias razões pelas quais Arjuna deveria lutar. Antes de tudo ele diz: "Você fala como um sábio, mas se aflige por aqueles que não se deve fazê-lo. Pois uma pessoa sábia não se aflige pelos mortos nem pelos vivos"[4]. Depois disso, "Para um Kshatriya[5] não há maior fortuna do que lutar uma batalha justa"[6]. Mesmo enquanto se trabalha deve-se pensar em Deus, pois mantendo-O constante e continuamente na mente, Seu pensamento persistirá mesmo nos últimos momentos da vida, o que o capacitará a alcançar a Deus. Esta é a razão porque Sri Krishna exorta Arjuna, "Pense em Mim e lute"[7]. Por fim ele diz, "Mesmo a sobrevivência de seu corpo se tornará difícil se você se tornar inativo."[8] Cumprir os deveres tem seu próprio mérito. Swami Vivekananda diz, "Você deve cultivar uma natureza nobre cumprindo seu dever. Cumprindo nosso dever nos livramos da ideia de dever; e somente então sentiremos tudo como sendo feito por Deus. Somos apenas máquinas em Sua mão. Este corpo é opaco, Deus é a lâmpada. O que quer que seja expressado pelo corpo é de Deus. Você não sente isso. Você sente "eu". Isto é ilusão. Você deve aprender a calma submissão à vontade de Deus. O dever é a melhor escola para isso. Este dever é moralidade. Pratique para ser completamente resignado."

Então qual é o real significado da autoentrega? Quem pode realmente entregar-se? Estas são as grandes questões que se deve responder antes de falar em entrega. O Ser para um devoto significa o *jīva* que mora no corpo. O Senhor, Īśwara, é aquele que governa todos os *jīvas.* A entrega deste *jīva*, isto é, corpo, mente e alma, a Īśwara é a real autoentrega. É a calma submissão à vontade de Deus, sem preocupações ou raiva. É a implícita crença na bondade de Deus e a capacidade de ver tudo que acontece com si mesmo, seja bom ou mal, como uma benção de Deus. Uma vez um grande santo, Pavahari Baba, foi mordido por uma serpente. O santo desmaiou perdendo a consciência. Após recobrar a consciência, alguém lhe perguntou por que ele, que não fazia mal a nenhuma criatura, tinha sido mordido. Sua resposta foi, "Ela era uma mensageira do bem-amado Senhor". Assim é como um devoto considera até uma catástrofe. Não há

---

[4] Bhagavad Gita, 2.11.
[5] Membro da casta dos guerreiros (nota do tradutor).
[6] Ibid., 2.31.
[7] Ibid., 8.7.
[8] Ibid., 3.8.

lugar para o egoísmo na autoentrega; quando se entregou tudo ao Senhor, não há nada que possa chamar de seu.

Sri Ramakrishna nos dá a analogia de um gatinho, dependente de sua mãe, para ilustrar a autoentrega. A mãe gata carrega o filhotinho em sua boca, segurando-o com firmeza e algumas vezes o colocando na cama do dono, algumas vezes no sótão atrás de uma pilha de madeira. Mas qualquer coisa que faça, o faz para o bem do gatinho. Este tipo de dependência é completa entrega, completa confiança em Deus. O aspirante anseia por Deus e apenas por Ele. Ele não quer nada além de Deus. Não calcula quanto ganho material pode obter por sua entrega. Não há comércio em sua entrega. Nossos Épicos como o *Mahabharata* estão repletos com estórias que mostram esta autoentrega. Prahlada e Ambarisha são alguns dos brilhantes exemplos que apresentaram diante de nós.

Em tempos recentes Sri Durga Charan Nag e Girish Chandra Gosh, dois discípulos chefes de família de Sri Ramakrishna se destacam, de forma proeminente como ilustrações dessa atitude de entrega. Nag Mahashaya era excepcional. Não havia ninguém como ele em humildade e seu amor por Deus era único. Mas o milagre do Mestre foi Girish Chandra Gosh. Na época que se encontrou com Sri Ramakrishna, Girish levava a vida de um boêmio. Mas sua fé simples, ilimitada e absoluta entrega o transformou de um pecador em um Santo. Como ocorreu esta alquimia? Quando, após se encontrar com Sri Ramakrishna, Girish mostrou interesse na vida espiritual e perguntou ao Mestre como deveria se conduzir daqui para frente, Sri Ramakrishna, um mestre *par excellence* como era, longe de fazer qualquer tentativa violenta de reformá-lo, disse a ele para viver como estava vivendo, mas que repetisse o nome do Senhor pela manhã e a noite. Mas mesmo esta simples disciplina, Girish não pode prometer que faria. Sri Ramakrishna então pediu a ele que repetisse o nome do Senhor pelo menos ao comer. Isto também Girish não pode prometer, pois ele mesmo não sabia quando e como estaria ao comer. Por fim o Mestre pediu a Girish que desse a ele o "poder de procuração" e disse que faria tudo o que fosse necessário para sua salvação [de Girish]. Girish ficou muito feliz e aceitou com alegria, pensando que não teria que fazer mais nada. Mas um dia, quando estava falando na presença do Mestre ele disse, 'Eu farei isso'. O Mestre imediatamente o corrigiu dizendo, "Como pode dizer isso? Você não se entregou ao Senhor? Então diga, 'se for a vontade do Senhor farei isso'". Daquele dia em diante Girish teve que pensar em Sri Ramakrishna antes que fizesse ou dissesse qualquer coisa. Girish mais tarde disse, "Como poderia eu saber que dar o "poder de procuração" fosse uma tarefa tão difícil? Ainda resta muito para compreender mesmo agora. Descobri que em algum momento há um fim para as práticas espirituais como japa, austeridades e exercícios devocionais mas não há um fim para o trabalho de uma pessoa que deu o "poder de procuração", pois deve observar cada passo e cada respiração para

saber se faz isso dependendo d´Ele e de Seu poder ou deste malvado ‘eu’.” Tão difícil assim é a autoentrega absoluta.

Swami Vivekananda declara, “Se alguém puder viver verdadeiramente neste estado de ânimo, então é uma Alma livre. Mas o que realmente acontece é que para o ‘bom’ eu fico com o crédito, mas para o ‘mal’, tu, Deus, é o responsável. Sem alcançar a plenitude do Conhecimento ou Divino Amor, tal estado de confiança absoluta no Senhor não vem”. Portanto é melhor sermos realistas, avaliar nossos defeitos e esforçarmos verdadeiramente e com perseverança para eliminá-los; é melhor sermos honestos do que simular confiança em Deus. Sri Krishna, apesar de que num contexto ligeiramente diferente declara: “Somente não atua aquele cuja felicidade está apenas no Atman, cuja satisfação está no Atman, cuja bem-aventurança está apenas no Atman”[9]. Somente uma pessoa assim, mergulhada no pensamento de Deus, saturada completamente por Sua presença, que vê a Deus dentro e fora, não necessita fazer qualquer *tapas* [austeridade]. Até que se atinja este estado, deve-se esforçar com desejo intenso, fazer todos os esforços.

É óbvio a partir do colocado acima que a absoluta autoentrega é possível para o tipo superior de devoto, do qual existem muito poucos em um dado período. Temos que conhecer então qual é o caminho para os aspirantes em geral. Sri Krishna no capítulo sobre *bhakti yoga* no Gita dá uma lista de caminhos que se deveria seguir de acordo com sua capacidade. Ele diz a Arjuna, “Fixe sua mente em Mim, repouse seu intelecto em Mim, então será capaz, sem dúvida, de viver em Mim. Se, contudo, achar isso difícil, tente a yoga da prática; se isso não for possível, trabalhe para Mim. Agindo para Mim você atingirá a meta. Se você não for capaz disso também, refugie-se em Mim e sendo autocontrolado, renuncie aos frutos [resultados] de todas as ações”[10]. É necessário despertar o amor por Deus dentro de nossos corações por qualquer um ou todos esses métodos. E assim que o amor divino surgir não há mais nenhum perigo para o aspirante. Até então é uma tarefa árdua e temos que enfrentá-la. É uma vã fantasia imaginar que a misericórdia de Deus descerá subitamente sobre nós. Se acontecer, ótimo, mas vamos nos purificar para recebê-la e fazer a nossa parte do trabalho. Somos bem conscientes do dito, ‘Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmos’, e nos lembramos dele em nossas buscas mundanas. Vamos aplicá-lo também em nossa busca espiritual. Não deve haver hesitação de nossa parte para o esforço e ao mesmo tempo ansiedade pelos resultados. Pois, Deus, o todo-misericordioso Senhor, sob Quem buscamos refúgio, é o Dispensador de todos os frutos. Ele fará o que é bom para nós e quando nós O amarmos, o esforço não será esforço, não será cansativo. Se fizermos todas as ações como dedicação a Deus, haverá felicidade nisso.

---

[9] Bhagavad Gita, 3.17.

[10] Bhagavad Gita, 12, 8-11.

Por fim chegamos à questão, que tipo de esforço se requer do devoto? O *Bhagavata*, os *bhakti sutras* e os santos, lidaram muito extensamente com este assunto e podem ser separadamente discutidos. Ainda assim não será fora de lugar se mencionarmos aqui um verso significativo do poeta-santo Kulaśekhara Ālwar, que de forma primorosa descreve como cada membro de nosso corpo pode ser utilizado e como cada função do corpo sublima-se para a adoração do Senhor. Apesar de que muito do charme e beleza do verso será perdido na tradução, o daremos para aqueles que não podem ler o verso Sânscrito.

Se dirigindo aos diferentes membros o santo diz: "Cante, ó língua, a glória de Keshava; pense, ó mente, em Muraripu; ó mãos, adore a Śrīdhara; escute, ó ouvidos, as estórias de Achyuta; ó olhos, vejam a Krishna; dirijam seus passos, ó pés, em direção a morada de Hari; cheire, ó nariz, a folha de tulasi oferecida aos pés de Mukunda; prosterne-se, ó cabeça, a Adhokshaja"[11]. Cada nome do Senhor usado aqui está pleno de significado, imbuindo de devoção quem pensar neles. Daqui por diante, repousando nossa vontade no Senhor e nos lembrando constantemente d'Ele devemos praticar *sādhana*.

• • • •

Este texto foi traduzido do original por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e da Santa Mãe Sri Sarada Devi.

[11] Mukundamala, 10.

O CAMINHO ESPIRITUAL E O TREINAMENTO DA MENTE

Swami Paratparananda[1]

Junho - 1979

O caminho espiritual não significa crer em alguns dogmas e credos, nem adquirir muito conhecimento livresco, nem tampouco fazer os exercícios físicos que geralmente são considerados como yoga. Com certeza um corpo saudável é imprescindível para percorrer este caminho e não estamos dizendo aqui que não se deva fazer o necessário para este propósito. Mas fazer da saúde e o fortalecimento do corpo uma meta não é o objetivo do caminho espiritual, pois este é o que nos leva a Deus, ao Espírito, com cuja união transcendemos o círculo de nascimento, sofrimento e morte, e nos tornamos imortais. Este é o caminho da abnegação, de privarmos dos pequenos gozos mundanos para desfrutar de uma felicidade indescritível e imensurável. Este é o caminho a que se refere o Senhor Jesus Cristo quando diz, "Entrai pela porta estreita, porque estreita é a porta e o caminho que leva à vida e poucos são os que a acham". Os Upanishads também descrevem este caminho como "difícil de trilhar e difícil de percorrer, assim com o fio de uma navalha".

Pode surgir a pergunta: "Si a hatha yoga não nos leva a Deus e o significado da palavra yoga é o que nos une a Ele, então por que leva este nome esse conjunto de exercícios chamados *asanas*?" Antigamente na Índia esse método servia como precursor da raja yoga. Os mestres sempre tinham sob sua supervisão aos discípulos e como o caminho era íngreme, por assim dizer, os preparavam para a tarefa ensinando-lhes a fortalecerem-se fisicamente ao mesmo tempo em que cuidavam para que não se detivessem aí. Mas com o passar do tempo a meta da vida e de todos os caminhos espirituais foi esquecida, dando-se proeminência ao corpo, e a primeira parte do curso de raja yoga desprendeu-se dele e se desenvolveu como hatha yoga. O ser humano sempre busca comodidade, milagres e gozos palpáveis e para isso quer uma saúde inquebrantável e beleza imperecedoura, o qual crê lograr com esses exercícios físicos. É uma verdadeira lástima que não tome consciência de que tudo o que é criado cresce, se deteriora e finalmente perece. Só o dia que chegue a compreendê-lo bem deixará de ser enganado pelo feitiço dos objetos do mundo, só então recorrerá ao caminho espiritual em seu verdadeiro sentido.

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

Como dissemos em outras ocasiões, o corpo é um mero veículo que o Ser utiliza para chegar à meta, e o troca tantas vezes quanto seja necessário. Conhecemos observando, se não por própria experiência, como as pessoas renovam seus veículos de transporte quando estes se desgastam e se convertem mais em um problema do que em uma ajuda. Isto é o que ocorre com o corpo também, quando por uma ou outra causa chega a ser mais um impedimento que um veículo, o ser o descarta e adquire um novo ainda que sem muita satisfação e muito menos com alegria, pois lhe custa deixar o anterior tendo-se afeiçoado, melhor dizendo, se identificado com ele e sem saber qual será seu futuro. No entanto é obrigado a afastar-se dele. Há uma estória muito divertida: Certa vez um homem tinha que viajar a um povoado distante. Fez todos os preparativos para a viagem, entre outras coisas comprou um par de sandálias de couro. Mas no momento da viagem pensou: 'Oh, a viagem é tão longa que com certeza gastarei a metade destas sandálias tão belas e que custam muito; é melhor eu ir descalço.' E saiu, mas as levou em um pacote que levava sobre a cabeça. Na metade do caminho seus pés começaram a sangrar. Quando quis calçar as sandálias os pés lhe doeram ainda mais. Pensou: "Que tonto eu fui! Agora cuidar de meus pés me custará mais que as sandálias." Se pensarmos um pouco não estamos numa situação melhor do que que a desse pobre infeliz, pois adquirimos este corpo com um objetivo, chegar a Deus. A viagem é longa, portanto não devemos desperdiçar nossas energias em buscas vãs esquecendo o propósito principal da vida humana, e perder nosso tempo no cuidado deste veículo.

Sri Ramakrishna certa vez contou uma bela estória para ilustrar como Deus cumpre todos nossos desejos, mas a seu devido tempo e como os entende a Sua maneira. Certa vez um homem que regressava a sua casa depois de alguns dias de árduo trabalho, sentiu-se fadigado devido à viagem a pé no sol de verão. Portanto se sentou debaixo de uma árvore e disse a si mesmo, "Que bom seria se eu tivesse um cavalo!" Não havia terminado de pensar quando apareceram dois serventes do rei que o levaram pela força, já que necessitavam de um homem para levar o potrinho que uma égua, pertencente ao rei, havia dado a luz no caminho. Chegando ao lugar onde se encontravam a égua e o potrinho, os serventes colocaram o potrinho sobre os ombros do homem e ordenaram que o levasse ao estábulo do rei. Quando se viu assim, disse a si mesmo, "Oh Rama, Tu entendeste ao contrário o que pedi." O homem queria um cavalo para cavalgar e não para carregar sobre os ombros. Depois de terminar o relato Sri Ramakrishna disse, "Não se deve pedir nada a Deus, pois se consegue o que se pede, mas quando Ele quer dar." Esta estória também pode servir-nos de lição. Adquirimos este corpo para que nos sirva como um veículo para nossa viagem pelo mundo com o objetivo de

chegar ao Senhor. Que Ele não nos faça carregar com ele como no caso da estória, ou seja, não vamos perder esta oportunidade muito valiosa do nascimento como ser humano no cuidado do corpo, confundindo-nos com ele e assim sermos arrastados para este mundo repetidas vezes.

O caminho espiritual depende muito da mente. Declaram os Upanishads, "A mente é a causa da escravidão e da liberação; a mente que se apega aos objetos do mundo, nos prende, enquanto que aquela que está desapegada deles, nos leva à liberação". Temos um instrumento tão poderoso e valioso e no entanto são muito poucos os que se dão conta disso. A maioria se guia pelas atrações do mundo. Sabemos quão inconstante é a mente, ora quer agarrar isto, ora aquilo; em um momento aprecia uma coisa e no momento seguinte se volta com toda a força para outra que se encontra, por assim dizer, em uma direção oposta; ora quer lograr um estado espiritual elevado, ora se submerge na mais grotesca sensualidade; ou também, por algum tempo gosta de um caminho, em seguida busca outro, depois de um tempo, mais outro e assim sucessivamente. Como um macaco, salta de uma ideia a outra ao seu capricho e sem prévia reflexão.

Bem comparou Swami Vivekananda a esta mente volúvel com um macaco enlouquecido. "Havia um macaco, inquieto por natureza, como são todos os macacos. E como se isto não fosse suficiente alguém o fez beber bebida alcóolica, o que o tornou ainda mais inquieto. Em seguida um escorpião o picou. Quando um escorpião pica a um homem, este salta de dor todo um dia; assim o pobre macaco se encontrou em uma condição pior que nunca. Para completar sua desgraça um demônio entrou nele. Que linguagem pode descrever a inquietação deste macaco? A mente humana, continua Swami Vivekananda, é como esse macaco, sempre ativa por natureza; em seguida se embriaga com o vinho do desejo, que aumenta sua turbulência. Depois disso vem a picada do escorpião dos ciúmes pelo êxito dos demais, e ao final entra nela o demônio da presunção e arrogância, que o faz pensar que é alguém de suma importância.' Conclui Swami Vivekananda, 'Que difícil é controlar uma mente assim!'"

No entanto não há outro método para chegar a Deus. Teremos que treinar a mente de tal maneira que possa sentir gosto pela vida mais elevada. Hoje em dia as pessoas não têm paciência, portanto buscam resultados imediatos, mas no caminho espiritual é preciso ajudar a si mesmo. Outros podem indicar o caminho, mas não podem levar-nos à meta. A própria pessoa tem que fazer os esforços devidos para conseguir os resultados que aspira. Nem o dinheiro, nem os filhos, nem os amigos podem ajudá-lo. Além disso, cada um vem ao mundo com suas próprias tendências inatas, resultados das ações das vidas anteriores.

Não há remédios que possam apagar essas tendências da mente. O

processo é lento e se deve trabalhar por si só. A mente, que é geralmente extrovertida, deve ser retirada paulatinamente dos objetos de gozo. O corpo, que serve como veículo, vai continuar exigindo seus prazeres, ainda que se tenha decidido percorrer o caminho espiritual.

Antes de tudo temos que convencer a mente que o caminho espiritual é o único que pode dar-nos paz duradoura unindo-nos ao Ser Supremo, que toda outra coisa do mundo é efêmera, que prender-nos aos seus objetos só traz transtornos, inquietude e sofrimento. A menos que a mente esteja convencida disto, correrá atrás destes objetos e, por conseguinte não poderá dedicar-se por completo a Deus, e surgirão dúvidas sobre Sua realidade.

O homem de hoje em dia fala muito de usar a razão, o raciocínio. Se é que realmente o tem deve usá-lo para discernir entre o que é Real, Eterno e o que é irreal, passageiro e em seguida, seguindo seu raciocínio, desapegar-se do efêmero e apegar-se ao Eterno. Mas o que ocorre é que professamos muito e praticamos pouco ou nada. De que nos serve esta qualidade do raciocínio que não nos pode guiar ao que é bom? É claro que treinada em outras coisas pode dar-nos comodidades materiais, renome, fama, e toda outra coisa deste mundo. Se com isso estamos satisfeitos nunca surgirá em nossa mente esse anelo para ver a Deus e percorrer o caminho espiritual. Sem o desapego ninguém pode avançar pelo caminho espiritual; e isto não quer dizer que todos necessitem renunciar ao mundo externamente. Porém devem fazê-lo internamente, ou seja, não apegar-se aos objetos do mundo.

Pode-se servir a todos, os pais, a esposa, aos filhos, mas não devem abrigar a ideia de que "são meus". Sri Ramakrishna ensina como devem viver as pessoas que vivem em família que querem alcançar a Deus: "Viva no mundo como uma empregada na casa de um homem rico. Ela faz todo o trabalho da casa. Trata ao filhinho de seu patrão como seu e o chama de 'meu Hari'. Aponta a casa do patrão e diz 'aquela é nossa casa', mas no íntimo de seu coração sabe que nem Hari, nem a casa lhe pertencem, que sua casa se encontra em uma aldeia distante. Do mesmo modo sirva a todos, trate a todos com carinho e ao mesmo tempo saiba que nenhum deles lhe pertence. Vossa morada está em Deus." Sem dúvida isto é difícil de levar a cabo, mas não existe outro método para aquele que está envolvido no mundo.

Em seguida vem a prática das disciplinas espirituais tais como domínio sobre os sentidos e paixões, e ao mesmo tempo o aspirante deve retirar-se de toda atividade externa a certas horas determinadas e pensar no Supremo. É muito importante, porque mesmo mil leituras dos livros sagrados e o incessante ouvir os ensinamentos dos grandes mestres não podem levar-nos à vida eterna, mas apenas o que nós mesmos façamos. Os livros só indicam o caminho e aquele que quer chegar à meta deve

percorrê-lo. É como as lições de música, podem-se ler as partituras, mas se não estudou como tocar os instrumentos não pode executar boa música. Pode-se ler a técnica da natação, mas a menos que entre na água e aprenda a pô-la em prática, este conhecimento não o ajudará a nadar. Do mesmo modo a menos que o aspirante pratique o que aprende dos livros ou dos mestres, não avançará nem um pouco no caminho espiritual. E as práticas devem ser feitas sistematicamente e com regularidade. No começo a mente, que estava acostumada a vagar a seu gosto, não se submeterá facilmente, se rebelará com toda sua força, surgirão pensamentos de todo tipo, às vezes horríveis. Terá assombro de ver que era possível ter tais pensamentos. É necessário deixar que venham à superfície da mente e que a observemos. Swami Vivekananda sugere: "Se diz que conhecimento é força e isto é certo. A menos que se conheça o que a mente está pensando, não poderá ser controlada. Dê a ela rédea solta, mas observe-a. Descobrirá que a cada dia seus caprichos diminuirão e se tornará mais tranquila." Mas ele adverte que é um trabalho tremendo que não se pode acabar em um dia. Só depois de uma luta contínua e persistente durante anos pode-se ter êxito.

Sri Krishna ensina outro método no Bhagavad Gita[2]: "Descartando por completo todos os desejos que são como sementes de apegos e controlando os sentidos com a mente, deve-se retirá-la [a mente] paulatinamente de todo outro pensamento com o intelecto firme e bem dirigido e estabelecê-la no Atman[3]. E a cada vez que esta mente volúvel e instável vá aos objetos sensórios, deve ser contida e trazida sob o domínio do Ser". Como podemos abandonar os desejos que são causas de nossos sofrimentos? Ensinando a mente como são efêmeros esses objetos de gozo e como é dolorosa a separação depois que nos apegamos a eles. Esta instabilidade da mente não é uma particularidade das pessoas débeis, pois até grandes heróis a sofreram, como vemos pela pergunta de Arjuna[4]: "Oh Krishna, esta yoga que acabas de descrever-me, em que o Atman permanece em equilíbrio, não vejo como pode ser permanente, devido à instabilidade da mente. Pois esta é instável, turbulenta, forte e inflexível. Eu considero tão difícil controlar a mente quanto controlar o vento". Sri Krishna responde a ele: "Sem dúvida a mente é inconstante e difícil de dominar, mas pode ser controlada pela prática e pelo desapego". Por isso não precisamos sentir-nos desamparados ou desencorajados, assim como tampouco ficarmos satisfeitos com nossa situação por não sermos os únicos, senão dar-nos conta de quão difícil é a tarefa e preparar-nos para a luta.

[2] Uma das principais escrituras sagradas do Hinduísmo, onde constam os ensinamentos de Sri Krishna ao seu discípulo Arjuna (nota do tradutor).
[3] O Ser Supremo presente em todos os seres (nota do tradutor).
[4] Feita a Sri Krishna no Bhagavad Gita (nota do tradutor).

Aquele que aspira ter êxito neste caminho deve evitar a companhia de muita gente, pois o contato com diferentes tipos de pessoas distrai e perturba a mente e também obriga a pessoa a falar muito; nem trabalhar ou comer muito. Aquele que trabalha duro todo o dia não pode ter sua mente sob controle, não sente vontade de rezar, só busca diversão. Aquele que come demasiado necessita dormir mais e com isso cresce a letargia e preguiça. A companhia muitas vezes é causa de perturbação, já que surgem temas variados desfavoráveis à vida espiritual; também origina discussões que fazem vacilar a fé do aspirante. Sri Ramakrishna dizia que se deve cercar a árvore quando ainda é jovem e se encontra ao lado do caminho, para que o gado não a destrua. Do mesmo modo uma pessoa que segue um caminho particular se chega a ouvir discussões contrárias a seu modo de pensar é possível que abrigue dúvidas sobre sua fé ou tenha violentos debates, perdendo assim a equanimidade.

As práticas devem ser feitas duas vezes ao dia e as horas recomendadas são ao amanhecer e ao anoitecer. Diz-se que nessas horas, quando a noite acaba e o dia começa e vice-versa, há um estado de calma relativa no ambiente, na natureza. Nosso corpo também tem a tendência de tranquilizar-se nestas horas. Devemos aproveitar essa condição da natureza e começar a praticar. Temos que fazer uma regra não comer até fazer a prática; se aderimos a esta regra a força da fome facilitará romper nossa preguiça. Na Índia se ensina às crianças que não comam nenhum alimento até que terminem seu culto ou oração. A mente que sempre busca uma desculpa para evitar fazer o que não lhe agrada, pode ser dominada só pela disciplina severa durante um tempo, pois depois se acostumará com a nova ideia, a nova regra.

Outra coisa prejudicial é a leitura sem critério ou sem discernimento. O homem não sabe que qualquer coisa que percebe por seus sentidos e absorve pela mente deixa sua marca nela às vezes de forma permanente. Pela leitura sem critério enchemos nossa mente de conceitos equivocados, perversos e prejudiciais que podem custar-nos a vida inteira para apagá-los. Também existem pessoas que com o objetivo de serem conhecedores de muitas coisas leem livros de qualquer tipo. Mas aquele que quer chegar a Deus tem que estar bem alerta para não cair na armadilha da assim chamada erudição e desperdiçar seu tempo e sua saúde espiritual. Não devemos juntar uma carga a mais, um impedimento a mais para a mente já propensa à agitação e confusão, pela leitura sem critério. Porque segundo Patanjali, o grande mestre da Yoga, esta consiste em deter as modificações da mente. Portanto deve-se evitar tudo o que a agita, tudo o que perturba seu equilíbrio, tudo o que a submete a modificações. Swami Vivekananda aconselha que devemos ler apenas livros escritos por pessoas que realizaram a Deus, ou seja, que sentiram Sua presença intimamente e que conquistaram suas paixões e

desejos.

A mente comum não pode estar inativa, passam por ela pensamentos às vezes bons e outras vezes maus. Além disso, está dispersa; reuni-la e dirigi-la a um só objeto, Deus, é a tarefa do aspirante espiritual, uma tarefa longa e dura, pois existem tantas tentações no caminho, os apegos de centenas de vidas, as tendências inatas que os favorecem, os objetos formosos que atraem seus respectivos sentidos e assim por diante. 'Mas - diz o homem - por que devo abandonar estes belos objetos do mundo e sentir-me infeliz? Por que não devo gozar da vida e ao mesmo tempo seguir o caminho espiritual?' O ser humano desde tempo imemorial tem feito o esforço de combinar essa yoga e bhoga, o caminho espiritual e o do gozo, mas até agora não teve êxito. É por isso que Jesus advertiu à seus ouvintes: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou odiará a um e amará ao outro, ou se aproximará de um e menosprezará ao outro, não podeis servir a Deus e a Mamom". Ocorre que as coisas do mundo são tão atraentes que aquele que quer combinar os dois caminhos se perde completamente nele e se esquece de tudo sobre Deus. Estando em meio das atrações é difícil manter-se afastados delas. É por esta razão que Sri Ramakrishna aconselhava a seus discípulos que viviam em família que se retirassem por algum tempo, por um ano, por um mês, ou pelo menos por três dias a um lugar solitário, longe de suas famílias e das preocupações mundanas e pensassem em Deus; e que só fortalecidos assim poderiam levar a vida no mundo sem perder de vista a meta, Deus.

Contudo a maior debilidade humana é depender de outros, pessoas mais avançadas no caminho espiritual, para seu progresso. Swami Vivekananda dissuade aos aspirantes sobre esta tendência nestes termos: "Toda tentativa de controle, se não é voluntária, se não é a própria mente a que controla, não somente é desastroso, senão que é a negação do fim perseguido. A meta de cada alma é liberdade, domínio – liberdade da escravidão à matéria e ao pensamento, domínio sobre a natureza interna e externa. Em vez de conduzir-nos até esta liberdade, toda corrente de vontade alheia, que venha de qualquer forma, quer seja como controle direto dos órgãos, ou seja, como forçando a controlá-los enquanto se está em uma condição mórbida, aumenta um elo a mais na pesada corrente da escravidão já existente produzida pelos pensamentos e superstições passadas. Por tanto, tenham cuidado quando permitem que outro atue sobre vocês". Temos dito que um aspirante deve evitar os debates e a argumentação, porque não nos servem de nada, pelo contrário, perturbam a mente, fazem perder sua equanimidade. No caminho espiritual temos que alcançar estados sutis. O mero falar ou discutir não nos levará a isto. Um dos Upanishads recomenda: "Apenas conheça a Aquele [Ser Supremo] único e abandona por completo toda

outra conversa, pois este é o caminho para a Imortalidade".

O próximo passo após retirar-se a um lugar solitário é concentrar a mente em um só objeto, em um só aspecto de Deus que lhe agrade. Devemos ser como a ostra que produz pérolas da fábula da Índia. Diz-se que se chover quando a estrela Svati está no ascendente e uma gota desta chuva cair em uma ostra aberta, esta gota se converte em uma pérola. As ostras conhecem sobre isto e, portanto sobem a superfície do oceano quando esta estrela aparece no horizonte e esperam com ansiedade a preciosa gota de água. Quando uma gota desta chuva cai dentro delas, fecham suas conchas e mergulham ao fundo do oceano, para converter com paciência a gota em uma pérola. Devemos ser como essas ostras. Primeiro ouvir, em seguida compreender e depois afastar-nos de todas as distrações, fechando nossa mente à influência externa e dedicar-nos a desenvolver a verdade dentro de nós.

A maioria das pessoas gosta de provar um pouco de cada coisa, não têm firmeza nem constância, seu interesse em coisas espirituais é superficial como um entretenimento intelectual. Estes não alcançarão nada, só podem satisfazer sua curiosidade por um tempo e em seguida buscar outra ideia. Devemos tomar uma ideia e colocá-la em prática até chegar à meta. Só aquele que pode aderir-se a uma só ideia, enlouquecer-se com ela, disse Swami Vivekananda, chega a ver a luz. Esta constância é de suma importância. Sri Ramakrishna descreve como é a tenacidade de um aspirante comum: "É como aquele homem que buscando água começa a cavar um poço, mas se depois de cavar dez côvados[5] encontra pedra, o abandona e começa a cavar em outro lugar. Se lá encontra areia a uma profundidade de 15 côvados, também o abandona e vai cavar em um terceiro lugar; e se cavando ali vinte côvados não encontra água, também o descarta e em seguida abandona todo o trabalho. Assim é a maioria das pessoas que tentam percorrer o caminho espiritual. Seguem por um tempo uma ideia e quando não conseguem o resultado que esperam, a deixam; vão atrás de outra e assim sucessivamente e ao final ficam frustrados. É necessário constância e firmeza para chegar à meta".

Vamos resumir: O caminho espiritual é duro de trilhar e difícil de atravessar como o fio de uma navalha. Aquele que quer percorrê-lo tem que ser intrépido e ter muita paciência, constância e firmeza neste propósito. A mente desempenha um papel importante neste caminho, pois pode nos prender ao mundo ou liberar-nos deste círculo de nascimento e morte. Para ter êxito se necessita perseverança e tremenda força de vontade. A mente por natureza é inconstante, temos que retirá-la pouco a pouco de seus gostos mundanos, reuni-la e dirigi-la à Deus. Para isso devemos retirar-nos todos os dias a certas horas determinadas,

[5] Um côvado é igual a 0,46 metros (nota do tradutor).

preferivelmente ao amanhecer e ao anoitecer, de qualquer outra atividade e pensar no Ser, no Supremo ou Deus, tirando todos os outros pensamentos da mente durante estes momentos. Os que têm a oportunidade devem passar alguns dias em um lugar solitário longe dos familiares e das preocupações mundanas, para que se firme sua devoção.

Que o Senhor nos dê a força e o gosto de percorrer o caminho até Ele sem vacilação nem nos determos a meio caminho.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Tradução para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Swami Vivekananda e da Vedanta.

CONHECIMENTO E IGNORÂNCIA*

Por Swami Paratparananda[1]

* Editorial da Revista "The Vedanta Kesari" – Novembro de 1962; Vol. 49; página 282

A noção prevalecente sobre o conhecimento é aquela de se possuir o saber livresco, informação sobre o avanço tecnológico e científico, e o intelecto para utilizar a informação assim coletada para a melhoria, manutenção e avanço da condição material de alguém. E toda nossa educação hoje está dirigida para este único ideal, de adquirir conhecimento material e de sua utilização. A falta deste conhecimento é considerado no meio comum como ignorância. Esta é a norma pela qual a civilização e o progresso de um país é julgado na época presente. Quanto maior o número de cientistas que um país pode produzir, mais vasto seu poder de construir grandes indústrias, mais avançado e considerado com maior progresso.

Sem dizermos que isto é ruim, apenas insistimos que devemos avançar mais e não estagnar. O rio da vida deve continuar a fluir. Deveria haver um fluir de ideias, a corrente de pensamentos deve ser capaz de irrigar campos mais vastos. Deve dar-nos incentivo para sermos ativos, progressistas na contribuição para a paz mundial. No momento que construímos um muro em nosso pensamento, uma parede, por assim dizer, e nos separamos do espírito, a degradação surge. Nos tornamos unilaterais. Nosso desenvolvimento se desequilibra. Pois o homem não é meramente um punhado de matéria, mas espírito também. Sem o espírito, a matéria não tem nenhum poder, pois sendo inerte, não pode atuar independentemente do espírito. A matéria não tem nenhum propósito próprio para agir. Apenas uma entidade consciente pode esforçar-se por algo. Os *Samkhyas*, os primeiros e maiores evolucionistas, enfatizaram que *prakrti* (matéria) existe e age apenas por causa de *purusa* (espírito). A inconsciente *prakrti* age na presença de *purusa*, sendo por si só, incapaz de executar qualquer ação. Deve haver portanto um harmonioso desenvolvimento do corpo, junto com a revelação do espírito. Assim esse conhecimento das ciências, que ajuda a afastar as noções incorretas sobre geografia, e coisas do tipo, que nos capacita a estender os horizontes das várias ciências para enormes magnitudes e que desenvolve nossa inteligência, deveria ser utilizada também para uma melhor compreensão do espírito. Se não cultivarmos o espírito da introspecção, quão diferentes seremos dos animais? O homem é homem pois pode pensar em coisas elevadas.

1 Swami Paratparananda, um monge da Ordem Ramakrishna, foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari (1962-1967) e líder espiritual do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil e do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina (1973-1988). Mais em: http://estudantedavedanta.net/paratparananda.html

Este conhecimento que traria apenas prosperidade material até os pássaros e animais possuem. No *Devi Mahatmyam* há uma estória muito ilustrativa disto: Suratha, um rei que perdeu seu reino e vivia em uma floresta, ainda pensava sobre o destino de seu elefante de estimação e dos antigos tesouros que caíram nas mãos inescrupulosas de seus inimigos. Ele compreende que era inútil pensar nisso, mesmo assim não conseguia se livrar de seu apego. Ele se aproximou de um eremita chamado Medhas e colocou sua dúvida diante dele:"Por que, ó sábio, nós que possuímos o conhecimento, somos atraídos vezes sem fim, por nossos apegos passados, mesmo que tenham sido amargos, e assim somos iludidos?" A resposta do Muni [sábio] é significativa. "Todos os seres têm este conhecimento dos objetos percebidos pelos sentidos. O homem certamente o possui, mas não é sua posse exclusiva, pois esse tipo de conhecimento até o gado, os pássaros e outras criaturas são vistos desfrutando dos mesmos".[2] Claramente ele quer dizer que nós não somos melhores do que os animais se confinarmos o nosso conhecimento apenas a estas coisas.

As criaturas inferiores podem não saber sobre fusão nuclear, podem não conhecer sobre espaço ou viagem interplanetária, mas isso não atrapalha seu modo de vida de nenhuma maneira. O homem, por seus rápidos passos no campo científico cria problemas que ele próprio acha grandes demais para vencer, enquanto outras criaturas se ajustam pela mudança do ambiente ou mudanças em seus organismos internos. Elas instintivamente se desenvolvem, enquanto os homens com a sua inteligência superior apenas tateiam no escuro e se atemorizam. Desta forma, apenas o conhecimento material não pode ser a meta, nem o tudo na vida.

De modo similar, a ignorância dessas ciências não necessariamente significa a ignorância do tipo animal. Pode ser que a pessoa não seja capaz de expressar suas ideias em uma linguagem atraente ou compreender tudo que acontece neste nosso *mundo sábio*, mas não por isso deve ser classificado na categoria dos ignorantes. Talvez ele seja mais consciente dos valores eternos do que a maioria dos assim chamados, sábios ou eruditos. 'M', o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, chamou nossa atenção colocando diante de nós com sinceridade, seu próprio embaraço em uma situação análoga, para compreender o que é o conhecimento e o que é a ignorância. Vamos relembrar o que se passou: Era a segunda visita de 'M' ao Mestre. Depois de algumas perguntas, 'Sri Ramakrishna olhou para ele com simpatia e disse com afeição: "Olhe, você tem alguns bons sinais. Eu os conheço olhando para a testa, os olhos, etc. de uma pessoa. Diga-me agora, que tipo de pessoa é sua esposa? Ela tem atributos espirituais ou está sob o poder de *avidya* [ignorância]?"

M: "Ela é boa. Mas temo que seja ignorante."

2 Devi Mahatmya 1.47&49.

Mestre: (*com evidente desagrado*) "E você é um homem de conhecimento!"'

Foi um choque rude para um homem erudito do modo ocidental ter sido abruptamente desafiado desta maneira. Seus pensamentos sobre ter sido tratado desta maneira são importantes para nosso entendimento mais profundo. Ele diz: ''M'[3] não tinha ainda aprendido a distinção entre conhecimento e ignorância. Até este momento sua concepção tinha sido de que se obtém conhecimento de livros e escolas. Mais tarde ele abandonou esta falsa concepção.'

Dois Tipos de Conhecimento

O conhecimento pode ser subdividido em dois tipos. Um conhecimento que é perceptível pelos sentidos e o conhecimento intuitivo, que não é deste mundo e não pode ser percebido pelos sentidos. O *Mundaka Upanisad* faz esta divisão essencial: 'Dois tipos de conhecimento podem ser adquiridos – o superior e o inferior. O conhecimento inferior inclui os quatro Vedās, Rig, Yajus, Sāma e Atharva e os Vedāngas, como a ciência da pronúncia, o código de rituais, gramática, etimologia, métrica e astrologia. E existe o conhecimento superior pelo qual o Imutável é realizado.'[4] Esta é uma corajosa declaração do *Sruti*. Disse que mesmo o conhecimento dos Vedas, que são considerados como a Força Vital do Senhor, é dada uma posição inferior comparado com aquele conhecimento pelo qual se alcança a união com o Senhor, o que dizer do conhecimento das outras ciências então? O conhecimento adquirido pelos sentidos pode no máximo dar-nos gozos mundanos.

Neste ponto uma objeção pode ser levantada: 'Como pode o conhecimento de (Brahman) que está fora dos Vedas ser superior e como pode conduzir-nos a emancipação, já que tradicionalmente é aceito que os *Smrtis*, que são menos importantes que os Vedas, são inúteis como caminhos para a liberação? Se tal entendimento, isto é, que o conhecimento superior está fora dos Vedas for aceito, então os Upanisads terão que ser considerados como fora dos Vedas, cujo argumento é definitivamente ilógico'. Śankara refutando esta objeção diz, 'Não é assim, já que conhecimento significa a realização da coisa a ser conhecida. O significado principal a ser entendido por 'conhecimento superior', é o conhecimento do Imutável, que Upanisads realmente significam. Não é a mera coleção de palavras que constitui o Upanisad. Os livros são chamados de Upanisads em um sentido secundário, devido ao conhecimento neles contido. Sem renúncia e outros pré-requisitos,

3 'M' tratava a si mesmo na 3ª pessoa, no Evangelho de Sri Ramakrishna (nota do tradutor).

4 *Mundaka Up*. 1.1.4-5.

pelo mero conhecimento das palavras dos Vedas, o 'conhecimento superior' não poderá ser alcançado.'[5]

Mais adiante, no Vivekachudamani, ele explícita e definitivamente diz: 'Grande eloquência, fluência na fala, habilidade na exposição dos Śāstras, contribuem para a sabedoria dos eruditos e ao gozo dos sentidos, mas nunca conduz à emancipação'.[6] Sri Ramakrishna, mesmo como um menino, com seu agudo intelecto, avaliou o valor deste conhecimento inferior. Ele notou qual era a finalidade em vista dos pundits [eruditos] em seus debates por horas a fio. Ele notou que tudo era pelas insignificantes e pequenas coisas do mundo e afirmou que este tipo de educação era para 'ganhar o pão'. Desgostado, ele a descartou e se afastou desse tipo de educação para sempre. Anos mais tarde ensinava a todos que entravam em contato com ele, o que tinha aprendido e praticado em toda sua vida: que conhecer a Deus é conhecimento e o único conhecimento digno de ser obtido. 'Só Deus é real, o resto é irreal. Só isso é conhecimento, todo outro conhecimento não tem valor', disse ele. Sobre a mera erudição, ele costumava dizer: 'Os abutres voam muito alto no céu, mas seu olhar está fixo apenas na carniça abaixo, da mesma forma os [mero] eruditos podem ir muito alto em suas realizações intelectuais, mas seus corações estão sempre atraídos pelos gozos mundanos.' Que enorme diferença existe entre a aquisição de conhecimento intelectual e atingir a experiência imediata da Suprema Realidade. A primeira pode ser comparada a um homem que aprende a nadar lendo livros sobre natação, sem nunca ter entrada na água. Sri Ramakrishna afirmava: "Você não conseguirá nenhuma gota de água torcendo as páginas do almanaque que prevê as várias chuvas torrenciais.' Esta experiência imediata, a Vedanta chama de *aparaksānubhūti* ou *Brahma-sāksātkāra.*

A Natureza do 'Conhecimento Superior'

Já foi descrito que 'conhecimento superior' conduz à visão de Deus, o alcance do Imutável, a Realidade Última. Foi habilmente descrita como da natureza da luz, visto que é a única coisa que é capaz de indicar o Ātman [Ser Divino] escondido nos recessos mais íntimos de nosso coração. Só ele remove a escuridão da ignorância que tem se acumulado em nossas mentes por muitas eras. Através dele, chega-se a conhecer a relação entre o *jīva*[7] e Paramātma [Ser Supremo]. Pela sua ação, se é capaz de comungar com Ele. Mais ainda, ele confere o próprio Estado de Brahman[8] ao homem.

5 Sankara Bhashya do verso acima.
6 *Vivekachudamani*, 58.
7 Ser humano individual. (nota do tradutor)
8 Brahman, Paramātma, Ātman, podem ser considerados pelos aspirantes espirituais como idênticos. (nota do tradutor)

‘Verdadeiramente, aquele que conhecer o Supremo Brahman torna-se Brahman,’[9] diz o *Mundaka Upanisad*. Quando aquele estado de conhecimento é alcançado as diferenças entre o conhecedor, o conhecimento e aquilo que é conhecido são aniquiladas e o Um resplandescente brilha em sua verdadeira glória. ‘Lá, nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, nem mesmo o raio brilha, o que então dizer deste fogo mortal! Tudo isso brilha devido ao Seu brilho. Pelo esplendor de Seu brilho tudo isto é percebido,’[10] declara o *Sruti*.

Conhecendo o Um – Deus, Brahman ou por qualquer nome que nós possamos chamá-Lo – tudo mais que existe para se conhecer, torna-se conhecido, pois na realidade não existe nada além de Brahman. A variedade e o panorama que vemos, são apenas nomes e formas dessa Única substância, como os ornamentos de ouro chamados de nomes diferentes, não têm uma existência separada daquela do ouro. Brahman é a única realidade. O mundo parece real devido ao substrato, Brahman. É da natureza da bem-aventurança. Alcançando-O todos os outros ganhos parecem insípidos. Dúvidas incomuns podem surgir nesse momento. Pode-se perguntar, ‘Se obtendo este ‘conhecimento superior’, perde-se a individualidade, qual é a utilidade desse conhecimento? Queremos o conhecimento para aliviar nosso sofrimento e elevar nossas esperanças de viver uma vida confortável. Se, portanto, por esse conhecimento perdemos nossa própria individualidade, como podemos desfrutar?’ É verdade, não podemos, mas nos esquecemos de que todos os nossos sofrimentos, problemas e aflições, são devidos a esse apego à individualidade. Se quisermos transcender o sofrimento, temos que renunciar a esta separação, perdendo-a no oceano de *Satchidananda*[11]. Não existe outro modo. Śankara descreve a condição da pessoa que tenta alcançar a Deus, enquanto ainda ligado as suas necessidades corpóreas, como daquele que tenta cruzar um rio com a ajuda de um crocodilo, confundindo-o por um tronco de madeira.

Quer você seja um bhakta ou um jñāni importa pouco, pois se não afundarmos nosso bote do ego, não seremos capazes de mergulhar no oceano da Suprema Bem-aventurança. A parábola de Sri Ramakrishna da vaca cujos sofrimentos não tiveram fim mesmo após sua morte, até que suas entranhas começassem a cantar a nota, ‘Tuhu, Tuhu, Tu, Tu, ó Senhor, não eu’, no arco do homem cardando o fio, é muito apropriada para o caso de um devoto. Devoção significa, contínuo pensamento no Senhor, de Quem mesmo um pequeno esquecimento, traz dor. Onde então existe oportunidade para o jogo do ego em um tal coração?

O jñāni medita: ‘Eu não sou o corpo, nem os sentidos, nem mesmo a mente, nem a inteligência, Eu sou a Eterna Bem-aventurança e consciência, Eu

9 *Mundaka Up*. 3.2.8.

10 Ibid., 2.2.11. Também, *Svetasvatara* 6.14, e *Katha* 5.15.

11 Existência – Consciência – Bem-aventurança Absoluta.

sou Brahman'. Seu pequeno ego é destruído e mergulha em Brahman como a água dentro de uma jarra mergulhada em um reservatório mescla-se com a vasta quantidade de água, quando a jarra também é quebrada, ou como *ākāśa* contido em um pote torna-se um com o *Mahākāśa.* Os elementos mergulham em suas origens. É como voltar para casa. E por que deveríamos ter medo de voltarmos para nossa própria casa? É como o filho retornar para sua mãe. Por acaso dá medo voltar para os braços de nossa mãe? Em uma ocasião Sri Ramakrishna perguntou a Narendranath (Swami Vivekananda): Olhe, meu filho, suponha que exista um copo de néctar e você seja uma mosca. Como você o provaria? Narendranath respondeu: 'Eu me sentaria na borda do copo e beberia dele. Pois se eu fosse mais além me afogaria e morreria.' Não, meu menino, você não morrerá. É o oceano de néctar, da imortalidade. Torna-se imortal mergulhando nele. Mergulhe e beba profundamente dele.'

Swami Vivekananda realizou isso, experimentou tal estado e então afastou o medo daqueles que tinham dúvidas idênticas com analogias caseiras assim: 'Uma vez uma gota de chuva caiu no oceano e começou a chorar. O oceano perguntou à gota de chuva o que a atormentava. Ela disse, 'estou perdendo minha identidade'. O oceano riu e disse,"Não, minha querida, você está se tornando uma só com seus irmãos e irmãs aqui. Mas se, contudo, achar sua vida ruim, eleve-se através dos raios do sol e viaje como queira, mas terá que enfrentar altas montanhas e outras dificuldades.'" Portanto se quisermos também a paz eterna, temos que perder nossa identidade, nosso ego. Apenas aqueles que querem se apegar a ambos, mundo e Deus, têm medo de perder suas individualidades e não um verdadeiro amante de Deus.

O que é Ignorância?

Em uma era de racionalidade o homem quer conhecer, por que e para que antes de tudo, antes de fazer algo. Não podemos deixar de lado esta tendência desta era. O propósito do conhecimento por isso deve ser declarado. Em algumas palavras pode ser dito que seu propósito é dissipar a ignorância que tem estado nos envolvendo. O que é esta ignorância? Brevemente declaramos, no início, o que a ignorância não é. Agora veremos o que é a ignorância. Ignorância é descrita como *māya* ou *avidyā*, na Filosofia Indiana. É o desconhecimento da essência de nossa natureza, que é *Satchidananda*, que é chamada de ignorância. O homem pensa de si mesmo como sendo o corpo, os sentidos ou no máximo um ser intelectual, mas nunca lembra-se de sua verdadeira natureza. Isto é ignorância. Devido a esta identificação, ele é impelido pelos desejos do corpo, sentidos e mente, a agir para sua satisfação. Como um boi preso a um moinho de trigo – esticando seu pescoço para alcançar um punhado de palha que balança diante dele, mas nunca alcançando-o – o homem trabalha no 'moinho' deste mundo buscando

alcançar aqueles sempre fugidios objetos decorativos deste mundo, aqueles pequenos confortos.

O homem está familiarizado com as palavras 'eu' e 'meu'. Quantas vezes usamos estas palavras em um dia? Mas estamos realmente conscientes do que realmente significam neste momento? Dizemos: esta riqueza, esta propriedade, estas pessoas, são minhas. Eu desfrutarei desta riqueza. Eu acumularei mais riqueza. Eu sou branco. Eu sou negro. Eu sou erudito. Eu sou ignorante. Eu sou feliz. Eu sou sofredor. Todo tempo nossa identificação está com corpo, sentidos e mente. Isso, Sri Ramakrishna diz, é ignorância.

Novamente ele disse, 'luxúria e cobiça' constituem a ignorância, e o mundo inteiro sabe a verdade disso! Aceitar o mundo e as coisas mundanas como elas parecem, como sendo reais e correr atrás delas é ignorância.

De onde surge essa Ignorância e qual a sua Natureza?

Se nossa natureza real é conhecimento, de onde surge essa ignorância? Pois, se o conhecimento é da natureza da luz, não deveria ser escondido pela nuvem. Não é assim, pois não vemos que mesmo o poderoso sol ser coberto por uma pequena nuvem? Como é insignificante uma nuvem e como é enorme o sol. Ainda assim, a nuvem não impede o sol de ser visto, de brilhar, pelo menos localmente? A ignorância, similarmente suspende o conhecimento, cobrindo-o, por assim dizer. A ignorância brota, como nossos sábios dizem, de nossos desejos e apego. E todos esses desejos são devidos as nossas ações passadas (karma) e estas por sua vez são o efeito de nossas ações em encarnações prévias e etc. Mas de onde o primeiro desejo surgiu? Fazer esta pergunta é o mesmo que perguntar o que veio primeiro, a semente ou a árvore, o ovo ou o pássaro? Os filósofos Indianos dizem que estes desejos não têm início, assim também esta ignorância. Sua natureza é a da escuridão, de cobrir e projetar. Na escuridão não podemos ver todas as coisas e muitas coisas que vemos, não são vistas como são em realidade. Por exemplo, podemos ver uma corda e confundi-la por uma cobra. A forma de uma árvore no escuro pode parecer como um fantasma para alguém, como um policial para um ladrão, ou para alguém apaixonado, parecer seu bem-amado. É como a miragem no deserto, criando fantásticas imagens de lagos e paisagens, mas sem uma realidade nelas. A ignorância é tão poderosa que a maioria de nós, a despeito de nosso orgulho de conhecimento, científico e das escrituras, vivemos nela. Muito poucos, talvez um em um milhão, pode escapar de suas garras. E são esses que nos mostram que a ignorância pode ter fim, pode ser vencida pelo conhecimento. Traga uma luz e a escuridão de milhares de anos, desaparece imediatamente.

Realizando nossa própria natureza como conhecimento, a ignorância formada de imagens ilusórias deste mundo, desaparece. E como um homem

assim vive neste mundo? Vamos citar Swami Vivekananda: ‘Uma vez, na Índia Ocidental, eu estava viajando por um deserto. Dias e dias eu andava pelo deserto, mas fiquei surpreso ao ver belos lagos, com árvores e ao redor deles mais árvores com sombras vibrantes. Eu disse para mim mesmo, “Parece maravilhoso e eles ainda dizem que este é um lugar desértico!” Quase um mês eu viajei, vendo esses lagos, árvores e plantas maravilhosas. Um dia eu estava com muita sede e queria beber água e comecei a ir em direção a estes lagos e árvores e quando eu me aproximei, eles sumiram. E veio como um raio a minha mente, “Deve ser a miragem sobre a qual eu tinha lido toda minha vida,”e com isso veio a ideia de que durante todo esse mês, todos os dias, estava vendo miragens e não sabia disso. Na manhã seguinte, reiniciei minha viagem. Havia novamente o lago, mas com ele veio também a ideia de que era uma miragem e não um lago real. Assim também é com esse universo. Todos estamos viajando nesta miragem do mundo, dia após dia, mês após mês, ano após ano, sem saber que é uma miragem. Um dia ele acabará, mas voltará de novo; o corpo deve permanecer sob o poder do Karma passado, e portanto a miragem retornará. Este mundo retornará para nós enquanto estivermos presos pelo Karma: homens, mulheres, animais, plantas, nossos apegos e deveres, tudo voltará para nós, mas não com o mesmo poder. Sob a influência do novo conhecimento, a força do karma será quebrada, seu veneno se perderá. Será transformada, pois junto com isso vem a ideia que conhecemos agora, e que a aguda distinção entre a realidade e a miragem foi conhecida.’[12] Essa é a natureza da ignorância e esse é o seu fim.

• • • • •

12 Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. II, pages 281-2.

DEVOÇÃO: SECUNDÁRIA E SUPREMA

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Setembro de 1964

A mente dos Indianos é muito analítica e não se detêm por nada até que chegue ao máximo que poderia ser atingido, especialmente é assim no campo da religião. Swami Vivekananda, referindo-se a esta característica do Hindu disse, 'Uma peculiaridade da mente Hindu é que sempre investiga sobre a última possível generalização'. Em outra ocasião ele afirmou, 'Este poder analítico e ousadia de visões poéticas que a impelem a avançar são as duas causas internas na constituição da raça Hindu'. Dotados com esta mente, como os Hindus foram, eles criticamente avaliaram cada fase do progresso humano na vida espiritual. Para eles, portanto, a devoção não era algo único. Era estupidez, pensaram, comparar alguém que tenha atingido o mais elevado da devoção com uma pessoa que tinha começado a trilhar o caminho; um é como o homem maduro e o outro como um bebê com fraldas. Eles viram que vasta diferença havia na devoção dos dois tipos rumo a Divindade. Portanto classificaram a devoção ou Bhakti como *parā* (Suprema) e *gauni* (secundária).

Por que esta diferença mesmo na vida espiritual é uma questão simples. Pois não é como uma diferença que é feita no campo social ou politico, seja de acordo com o estágio na vida no qual a pessoa está ou com o partido que pertença. É uma diferença na transformação do ser interno. E temos que lembrar que esta diferença não é imposta pela pessoa que atingiu *parā Bhakti* sobre aquele que está apenas começando sua vida espiritual, que é alguém que está ainda lutando para alcançar a Deus; mas uma distinção que deve ser feita por aqueles que anseiam progredir na vida espiritual. Para eles o homem inferior não pode ser o ideal. Ideais devem ser sempre elevados, de outra forma não podem ser ideais, mas apenas ideias. O que Swami Vivekananda disse com relação aos ideais pode ser lembrado proveitosamente aqui. 'Sem a luta em direção ao Infinito, não pode haver ideal'. E também, 'Se não pudermos seguir o ideal, confessemos nossa fraqueza, mas não vamos degradá-lo,

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

não tentemos rebaixá-lo'. Temos que abordar todos os problemas da vida espiritual tendo isto em mente para não sermos confundidos pelo nosso raciocínio ilógico e sem fundamento.

O QUE É GAUNI BHAKTI?

Gauni Bhakti é devoção preparatória, um estágio na evolução para *parā Bhakti*. É um útil processo pelo qual eleva e direciona a capacidade do amor para Deus. 'É de três tipos, de acordo com as qualidades da mente da pessoa na qual se manifesta; pode ser classificado como *sáttvika*, *rajásika* e *tamásika*, ou pode ser dividido como *Arta*, e outros".[2] Esta é uma divisão de acordo com a tradição Hindu, de permitir a todas as pessoas crescerem de sua própria maneira, conforme sua evolução mental e constituição. O Hinduísmo sente que prescrever um modo uniforme de adoração a Deus para todos, é cegar-se para os fatos da vida e deter, restringir ou distorcer o crescimento do indivíduo.

Neste estágio preparatório o homem tem a ajuda de símbolos, utiliza rituais e coisas semelhantes para adorar a Deus. Repete o nome de Deus certo número de vezes diariamente, canta hinos a Ele, etc. Além disso, de acordo com as qualidades da mente do indivíduo ele pode executar estas coisas de uma maneira ostentosa ou sem qualquer demonstração externa. Sri Ramakrishna em seu modo inimitável dá a descrição destes tipos de devotos assim: 'Bhakti, devoção, tem seu *sattva*. Um devoto que a possui medita em Deus em absoluto segredo, talvez dentro de seu mosquiteiro. Os outros pensam que ele está dormindo. Como demora em se levantar, pensam que talvez não tenham dormido bem durante a noite. Seu amor pelo corpo serve apenas para apaziguar sua fome, e isto apenas com arroz e legumes simples. Não existe nenhum arranjo elaborado para suas refeições, nenhum luxo nas roupas, nenhuma demonstração do mobiliário. Além disso, tal devoto nunca adula ninguém por dinheiro'.

'Um aspirante com *Bhakti rajásika* põe um *tilak*[3] na sua testa e um rosário de sementes sagradas de *rudraksha*, intercaladas com algumas contas de ouro, ao redor de seu pescoço. Em sua adoração usa roupas de seda'.

'Um homem possuidor de *Bhakti tamásika* tem fé ardente. Tal devoto literalmente arranca a força dons de Deus, como um assaltante cai sobre um homem e lhe toma o dinheiro. "Arrancar! Bater! Matar!" – este é seu caminho, o caminho dos assaltantes'.

Além disso, o *Bhagavad Gita* fala de quatro tipos de pessoas que

[2] Narada Bhakti Sutras, 56.
[3] Marca desenhada indicativa de sua condição religiosa (nota do tradutor).

adoram a Deus. Um é aquele que age movido por um sentimento de sofrimento, outro que deseja conhecer o caminho correto, outro que age movido pelo desejo de adquirir algum ganho e por fim o *Jňani*, o verdadeiro conhecedor de Deus[4]. Mas este último não está na categoria das pessoas que têm devoção *gauni*. Ele é de outra classe, aqueles possuidores de *Mukhya-bhakti*. Seu amor por Deus é apenas por Ele mesmo.

Mas temos que tomar nota de que aquele homem deve tentar elevar-se do tipo inferior para o tipo superior de devoção. A *Bhakti tamásika*, por exemplo, normalmente é utilizada para conseguir alguns poderes ocultos para fazer o mal ou ganhar algo que ocasionará grande dano a outros. Nesta condição *tamásika* o homem não compreende o que é bom e o que é mal para ele mesmo; age movido por sua própria inércia, indolência e indulgência. Todavia, a devoção e a oração com anelo pode levá-lo para o caminho correto e salvá-lo de muito desperdício de precioso trabalho e tempo. Seus maus desejos ficariam reduzidos sob o efeito da oração com anelo e ao final poderiam deixá-lo. Ele pode gradualmente evoluir para o tipo *sáttvika.* Assim também com aquele do tipo *rajásika*.

Assim sendo, *sáttvika Bhakti* está mais próxima da devoção imaculada, *Mukhya-bhakti*, do que as outras. Após um pouco de prática as primeiras enveredam para a última [*sáttvika Bhakti*]. Pois como o *Bhagavata* diz, 'Uma pessoa que está devotada à inação, as executa por causa do Supremo; ou executa qualquer sacrifício apenas por causa do sacrifício (sem qualquer motivo), mesmo ainda não tendo ido além da ideia de diferença é do tipo *sáttvika*[5]'. Esta pequena distinção é que a separa do Senhor e é o por isso deve persistir em sua devoção.

COMO RECONHECER ESTE TIPO DE BHAKTI

Nárada diz que esta devoção[6] é mais facilmente alcançável e reconhecível do que a suprema Bhakti[7], apesar de que a exata natureza da devoção requer precisa análise, definição e descrição. No homem este sentimento de amor está presente como um elemento natural. Não há ninguém tão sem sentimentos que não tenha experimentado amor por algo ou alguém, em alguma época. Este sentimento intrínseco, quando purificado e dirigido a Deus com mais força é chamado Bhakti. Por isso se diz que esta devoção é considerada como não muito difícil de adquirir ou

---

[4] Bhagavad Gita, IV,16.
[5] III, 29,10.
[6] Gauni Bhakti, ou devoção secundária (nota do tradutor).
[7] Narada Bhakti Sutras, 58.

reconhecer. Mais provas da posse deste fenômeno de Bhakti é que a paz, que vai além de toda compreensão, estabelece-se em tal pessoa. Ela torna-se calma, não por um tempo apenas, mas o tempo todo. Esta experiência de paz interna forma a firme base de todo edifício espiritual. Atingindo-a se é capaz de compreender argumentos contra a vida divina como mera conversa infantil.

Mesmo assim, deveria haver uma dúvida de como um devoto que é muito ansioso e sempre parece estar preocupado em servir o mundo pode estar em paz, deve ser compreendido que o devoto não considera ao mundo como algo que precisa de sua ajuda, mas como a manifestação do Senhor, seu Deus. Ele compreende que, como uma criatura insignificante, pode ajudar muito pouco ao mundo e que o Senhor que é onipotente e onisciente não necessita de ajuda dos devotos para trazer bem ao mundo. Assim, apesar de engajado em serviço a mente do devoto não é perturbada.

É apenas este tipo de pessoas que são uma força potente na regeneração do mundo. Pela preocupação e ansiedade, muito da energia do homem é desperdiçada, enquanto que aqueles cuja mente é tranquilizada podem trabalhar melhor e efetivamente. Por todas estas características distintas manifestas em uma pessoa pode-se compreender que a devoção está amanhecendo em seu coração.

DE QUE MODO PODEMOS NOS APROXIMAR DO SENHOR?

Como já colocado, o amor não é um elemento estranho que deve ser introduzido na natureza humana. É inerente nela. Na humanidade em geral, contudo, este amor flui em direção a pessoas intimamente relacionadas, tais como pai, mãe, esposa, esposo, filho, amigo ou mestre. Agora, quando este amor é dirigido para Deus, pode não ser muito diferente deste amor natural, somente a direção, este fluxo deve ser alterado. Uma vez uma velha senhora reclamou a Sri Ramakrishna que apesar de que estava ansiosa em fazer suas práticas espirituais, seu amor por seu neto a impedia de fazê-las. Sri Ramakrishna sugeriu um remédio simples. Pediu a ela para considerar aquela criança como o próprio Senhor e pensar que estava servindo a Ele enquanto cuidava da criança.

A declaração de que por qualquer tipo de Bhakti mencionado acima se pode não apenas aproximar-se de Deus, mas realizá-Lo, é amplamente suportado pelas escrituras e provado pelas experiências de santos e sábios. Sri Krishna diz no Gita, 'Qualquer um que se aproxime de Mim, de qualquer maneira, ainda assim Eu o aceito. Por todos os

caminhos, ó Partha[8], os homem caminham pelo Meu caminho'[9]. Lemos que nos tempos antigos as Gopis, as pastoras de Vrindavan, e Yasoda, a mãe adotiva de Sri Krishna, O consideravam e O amavam de diferentes maneiras, sabendo no fundo de seus corações, que Ele era o próprio Senhor encarnado. Na era medieval, Meera, a princesa de Rajaput e Andal, a Brahmin do sul da Índia, consideraram a Deus como seu consorte e o realizaram. Assim também o fez Santa Tereza, São João da Cruz e outros que seguiram diferentes caminhos para atingir a mesma meta. Outros santos de outras épocas também buscaram e realizaram a Ele de vários modos. Quase em nossa própria época uma das discípulas de Sri Ramakrishna que era uma criança quando ficou viúva, e que estava bem velha quando entrou em contato com o Mestre, meditou em Deus toda sua vida como seu querido filho, como o menino Krishna. Com suas práticas ela teve a visão de seu Ideal escolhido. Foi um fenômeno maravilhoso. Por vários meses com seus olhos abertos, seu Gopala[10]. Ela O alimentava, O colocava na cama, e Ele brincava com ela, pegava seu rosário e a importunava de inumeráveis maneiras. E isso aconteceu não nos tempos mitológicos, nem nas eras *purânicas,* mas ao final do século passado e começo deste século[11]. Algumas das discípulas ocidentais de Swami Vivekananda como Sister Nivédita se encontraram com ela e ficaram encantadas com esta simples e iletrada senhora de um vilarejo, que tinha atingido o auge de Bhakti por puro anelo e fé. Sri Ramakrishna mesmo realizou a Deus através de todos estes modos de abordagem, que na literatura Vaishnava são chamados de *santa*, *dasya*, *sakhya*, *vatsalya* e *madhura* e até mais do que estes.

PARĀ BHAKTI

Chegamos agora a Suprema Devoção. É a devoção pura, imaculada por qualquer desejo, sem as manchas de qualquer motivo. É o amor por causa apenas do amor, por causa de Deus que é todo amor. Esta devoção é uni-dirigida. Tais devotos não querem nada mais no mundo exceto a Deus. Suas vidas são para o benefício da humanidade. Aquele que atingiu tal estado de devoção é chamado um *Bhagavata* e um Santo[12]. Estão repletos por Deus e podem executar adoração ritualística ou não. 'Ao escutar sobre Mim apenas uma vez, suas mentes se absorvem em Mim, que sou o espírito presente em tudo, como o Ganges que mergulha no oceano. Este é o sinal de Bhakti que vai além dos gunas',[13]diz o

[8] Seu discípulo, Arjuna (nota do tradutor).
[9] Bhagavad Gita, IV, 11.
[10] Um dos nomes de Sri Krishna pelo qual também era chamado (nota do tradutor).
[11] Este texto foi escrito no ano de 1964 (nota do tradutor).
[12] Bharadvaja Samhita.
[13] Bhagavata III, 29, 11.

Bhagavata. Novamente ele diz, 'Isto é chamado de cume de Bhakti pelo qual se transcende os três *gunas* e torna-se digno de atingir Meu Ser'.[14]Swami Vivekananda, falando sobre este supremo Bhakti declara, 'Quando a alma adquire com sucesso a bem-aventurança deste supremo amor, ela também começa a vê-Lo em tudo. Nosso coração então se tornará uma fonte eterna de amor e quando atingirmos estados ainda superiores deste amor, todas as pequenas diferenças entre as coisas do mundo são completamente perdidas; o homem não é mais visto como homem, mas apenas como Deus... Assim neste estado de Bhakti, adoração é oferecida a todos, a cada vida e a cada ser'. No *Bhagavata* ocorre uma passagem que fala em uma linguagem idêntica: 'Não encontro ninguém superior a aquele em que todas as ações são dedicadas a Mim e cujo corpo, mente e alma estão entregues a Mim; pois tal pessoa atingiu o estado da equanimidade (*samadarsanat*). Ele reverencia mentalmente a todos os seres e respeita e os adora sabendo que o Senhor mesmo entrou nestes seres na forma de *Jiva*'[15]

Com este intenso Bhakti o ego do devoto se dissolve. Aceita qualquer coisa que chega a ele, boa ou má aos olhos do mundo, com uma mente equânime. 'Ele cessa de distinguir entre prazer e dor em relação ao seu efeito sobre ele. Ele não sabe o que existe para reclamar da dor e sofrimento e este tipo de paciente resignação à vontade de Deus, que é todo amor, é realmente uma aquisição mais valiosa do que toda a glória de grandes e heroicas ações', são algumas das declarações de Swami Vivekananda, sobre quem Sri Ramakrishna disse, 'Ele é todo Bhakti em seu interior e jňana exteriormente'. Finalmente concluiremos com o que Sri Ramakrishna disse sobre este divino amor: 'Atingindo este amor (que transcende os três *gunas*) o devoto vê tudo repleto de Espírito e Consciência. Para ele, "Krishna é Consciência, e sua Sagrada Morada também é Consciência. Tudo é Consciência". Muito poucas pessoas atingem tal amor. Um devoto assim torna-se como uma criança de cinco anos, que não está sob o controle dos *gunas*'.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[14] Ibid., III, 29, 14.
[15] Ibid., III, 29, 32 & 34.

Dharma: a Base da Vida Humana

Swami Paratparananda

(*) Publicado na edição de Nov/Dez de 1984 da revista "Vedanta Kesari"

*(Cedo ou tarde o homem descobre que os prazeres que os sentidos trazem a ele são extremamente transientes e até contra-produtivos. É o Dharma que o coloca em contato com o mundo supra-sensório da Realidade e o eleva da existência do bruto para a vida Divina. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Argentina[1] e um ex-editor da "**Vedanta Kesari**"[2], explica como Sri Ramakrishna enfatiza que o principal ingrediente do Dharma ou disciplina religiosa é a renúncia – externa, se possível, mas interna, categoricamente).*

Vários são os significados deste termo sânscrito, Dharma. Por exemplo, retidão, a natureza inata de algo, deveres devido ao nascimento e posição na vida, são alguns deles. Nós lidaremos aqui com o mencionado em primeiro lugar, isto é, retidão, retitude ou religião como é algumas vezes definido. É claro que na Índia a religião inclui deveres de acordo com *varna* e *āsrama* (nascimento e posição na vida) apesar de que estes são conceitos não tão rigidamente praticados hoje em dia. Religião ou Dharma é algo mais do que a mera conformidade com obrigações sociais, restrições ou regras; mais do que meros dogmas e credos. Regras sociais e códigos morais podem e realmente mudam de acordo com a época e lugar. Por exemplo, o que é considerado como imoral em alguns países pode ser aceito como totalmente normal ou natural em outros, etc. Mas mera moralidade não é a meta e finalidade do homem. É apenas o meio para atingir algo superior, algo eterno e este algo é o sujeito da religião ou Dharma. Pode-se chamar este sujeito como Deus ou Espírito ou por qualquer outro nome.

A questão que surge na mente do homem moderno é: que papel pode a religião desempenhar na atual era de ciência e tecnologia? Poderá ela sobreviver aos ataques destas forças? Devemos lembrar que a ciência e a tecnologia lidam com a matéria, coisas perecíveis e não eternas. A matéria, por mais que possa durar, um dia se destrói; ela não pode durar para sempre, não pode ser permanente. Tendo sido composta de elementos, deve retornar mais cedo ou mais tarde aos seus elementos; e aquilo que não é permanente não pode dar felicidade duradoura. O homem nunca consegue felicidade duradoura. O homem nunca se satisfaz com a riqueza. Quanto mais ele tem, mais ele deseja. Assim também é o

---

[1] O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.

[2] O Swami foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

caso com os prazeres dos sentidos. O corpo pode ficar fraco, mas o desejo por eles não deixa o homem. Habilmente Bhartrihari disse no seu Vairagya Sataka: *bhogâ na bhuktâ vayam eva bhuktâh,* "Os prazeres mundanos não foram desfrutados por nós; pelo contrario nós mesmos temos sido devorados".[3] E ele continua: *trsnâ na jirnâ vayam eva jirnâh,* "O desejo não é enfraquecido, apesar de que nós mesmos nos debilitamos".[4] E mais*: valibhir mukham âkrântam pâlitena ankitam sirah, gâtrâni sithilâyante trsnaikâ tarunâyate,* "A face está coberta por rugas, a cabeça pintada de branco (por causa dos cabelos grisalhos), os membros se tornaram fracos, apesar de que apenas o desejo é sempre rejuvenescido".[5] Esta é a condição do homem entregue à satisfação dos sentidos. A ciência e a tecnologia ainda não descobriram métodos de parar ou prevenir este declínio ou deterioração das forças físicas e mentais do homem nem trazer a ele a satisfação que pode durar mesmo sob circunstâncias adversas como enfermidade e senilidade, etc.

Contudo, nós não dizemos que não existam pessoas que ignorem as realidades da vida e tentem desfrutar dos prazeres. Como o avestruz, que quando caçado, se diz, corre tanto quanto pode e enfia sua cabeça na areia e acredita que não há mais perigo ou inimigos. Para estas pessoas este mundo é tudo quanto existe. No Kathopanishad, Yama diz: "O além nunca aparece diante das pessoas tolas, enganadas pela ilusão da riqueza. Aqueles que pensam: 'Este é o único mundo e não há nenhum outro', caem sob meu domínio inúmeras vezes".[6] Swami Vivekananda diz: "Somente os tolos correm atrás dos gozos dos sentidos. É fácil viver nos sentidos. É mais fácil andar pelo velho caminho com o piso batido, comendo e bebendo, mas o que estes modernos filósofos querem dizer a você é que peguem estas idéias confortáveis e coloquem o selo da religião nelas. Tal doutrina é perigosa. A morte jaz nos sentidos. A vida no plano do Espírito é a única vida, a vida em qualquer outro plano é apenas a morte".[7] Aqui nós encontramos a resposta também para aqueles que querem fazer da religião algo confortável, adaptada ao plano sensório.

O homem busca a felicidade e acha que pode obtê-la nos objetos dos sentidos; mas, tristemente, ele descobre que a felicidade que estes objetos podem dar é de muito pouca duração e que ele tem que ganhá-la a um custo muito elevado. Ele começa com tremendo otimismo, mas quando fica velho, gradualmente torna-se um pessimista. Swami Vivekananda declara: "A felicidade real não está nos sentidos, mas acima dos sentidos e está em todos os homens. O tipo de otimismo que vemos

---

[3] Vairagya Sataka, 7.

[4] Ibid.
[5] IBID. 8.
[6] Kathopanishad, II.6.

[7] Complete Works of Swami Vivekananda, 5:267

no mundo é o que levará até a ruína através dos sentidos."[8]

Novamente, por mais que o homem tenda a ignorar o fato de que o sofrimento, físico e mental é inevitável no plano sensório e mergulhe completamente nele, um dia chegará quando ele perguntará a si mesmo: "É isto tudo? Será a meta da vida viver como plantas e animais por alguns anos e morrer?" Isto é um imperativo, pois enquanto o homem retiver a faculdade do raciocínio, ele não pode deixar de colocar estas questões para si mesmo quando deparar com terríveis e insuperáveis circunstâncias. E este raciocínio deveria levá-lo a auto-análise e gradualmente à Religião, pois tendo sofrido no plano dos sentidos ele não tem outra alternativa além de tentar conseguir consolo de algo superior e não perecível.

Agora vamos ver o que a Religião realmente significa e o que ela pode fazer por nós. Religião é um sistema de disciplinas que traz uma penetração intuitiva na natureza real do mundo espiritual, pelo controle dos sentidos e a conquista da mente. Com esta penetração intuitiva, nós chegamos a conhecer o propósito real da vida humana, como também sobre a vacuidade do mundo sensual. Swami Vivekananda afirma: "Este nosso universo, o universo dos sentidos, racional, intelectual, está cercado de ambos os lados pelo ilimitado, o não-conhecível, o sempre desconhecido. Nisto está a busca, nisto estão as investigações, aqui estão os fatos; disto vem a luz que é conhecida para o mundo como religião. A Religião pertence ao Supra-sensório e não ao plano sensório. Está além de todo raciocínio e não está no plano do intelecto. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e não-conhecível, fazendo o não-conhecível mais do que conhecido, pois ele jamais poderá ser *conhecido*."[9] Isto parece ser um paradoxo, à uma primeira leitura, mas se nós pararmos e refletirmos, poderemos ser capazes de compreender a verdade por detrás desta afirmação. A mente humana em sua forma impura pode conhecer apenas coisas apresentadas a ela pelos cinco sentidos e nada mais. É por isso que o Espírito é chamado de não-conhecível; mas quando esta mesma mente se livra de sua impureza, seu apego e desejos, ela é capaz de perceber o não-conhecível, fazendo-o mais do que conhecido. Pergunta Yajnavalkya: "Com o quê você conhecerá o Conhecedor"- *vijnataram are kena vijaniyat*. Este desconhecido pode ser percebido somente através de uma mente pura, afirma o Kathopanishad*: manasaivedam aptavyam,* "Somente pela mente isto será realizado."[10]

O melhor testemunho com relação à vida interior é daqueles que mergulharam profundamente nela e eles são os homens capazes de falar sobre o assunto. Vamos ver o que Swami Vivekananda diz sobre a

---

[8] Ibid., 283.

[9] Ibid., 3:1

[10] Kathopanishad, IV.11

necessidade desta busca do que está além: “A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se nós não pudermos conhecer o que está além. É muito bom dizer: Contente-se com as coisas do presente. As vacas e os cães estão e estão também todos os animais e isto é o que os faz animais. Portanto se o homem contenta-se com o presente e abandona toda busca do que está além, a humanidade terá que voltar ao plano animal de novo. É a religião, a investigação do que está além que faz a diferença entre um homem e um animal.”[11] Respondendo à uma pergunta sobre o que a religião pode fazer por nós, ele afirma: “A salvação não consiste na quantidade de dinheiro que está em seu bolso ou na roupa que você veste ou na casa em que você vive, mas na riqueza do pensamento espiritual em seu cérebro. Isto é o que promove o progresso humano, esta é a fonte de todo progresso material e intelectual, o poder motivador atrás do entusiasmo que empurra a humanidade para a frente.”[12]

Além disto, a Religião pode nos dar a vida eterna, trazer-nos a Luz que jamais falha e a paz e tranqüilidade constantes. Contudo a religião não deveria ser julgada do ponto de vista das posses ou coisas materiais. Swami Vivekananda comenta: “Várias vezes você escuta esta objeção levantada: ‘Pode ela retirar a pobreza dos pobres?’ Suponha que ela não possa, isto provaria a inverdade da religião? Suponha que uma criança se levante entre vocês quando você está tentando demonstrar um teorema astronômico e diz, ‘Isto vai me dar biscoitos de gengibre?’ ‘Não, isto não vai dar’, você responde. ‘Então’, diz a criança, ‘não serve para nada’. Crianças julgam o universo inteiro de seu ponto de vista, de produzir biscoitos de gengibre; e assim também fazem as crianças do mundo. Nós não devemos julgar as coisas superiores de um baixo ponto de vista... A Religião interpenetra toda a vida do homem, não apenas o presente, mas o passado, presente e futuro... É lógico medir seu valor por sua ação sobre cinco minutos da vida humana?”[13] Ele continua: “A Religião fez do homem o que ele é e fará deste humano animal um Deus. Isto é o que a religião pode fazer. Tire a religião da sociedade humana e o que restará? Nada além de uma floresta de brutos.”[14]

Do que foi dito nós vemos como a religião está inerentemente absorvida na estrutura da existência humana, mais ainda, a própria existência do homem depende dela. E é por isso que o Senhor se encarna sempre que houver o declínio de Dharma e o crescimento de Adharma, como Ele mesmo diz no Bhagavad Gita. Agora nós veremos quais são as disciplinas que a religião recomenda para atingir o supremo estado da

---

[11] Complete Works of Swami Vivekananda, 3:3

[12] Ibid.

[13] Ibid., 3-4

[14] Ibid., 4

Eterna Bem-aventurança que ela promete. A primeira e mais importante destas disciplinas é a renúncia, sem ela o homem não pode avançar em direção à meta. Pode-se perguntar: são todas as pessoas capazes de renunciar ao mundo? Certamente que não. Então a salvação que a religião promete é para uns poucos? Se for assim, por que deveria a maioria da humanidade ter interesse nela? Sri Ramakrishna responde: "Não é possível adquirir a renúncia de forma repentina. O fator tempo deve ser levado em consideração. Mas também é verdade que um homem deveria escutar sobre ela. Quando a hora certa chegar, ele dirá a si mesmo: 'Ó, sim, eu escutei sobre isto.' Você deve também se lembrar de outra coisa. Constantemente ouvindo sobre a renúncia, o desejo pelos objetos do mundo gradualmente se desvanece".[15] Sri Ramakrishna aconselha aos chefes de família a cultivarem a renúncia interna e amor por Deus, a serem desapegados pelas coisas do mundo e a buscarem a companhia de pessoas santas. Mas ele categoricamente diz que sem a renúncia, pelo menos a interna, não se pode atingir a Meta.

[15] Gospel of Sri Ramakrishna (New York: Ramakrishna Vivekananda Center), p. 502

A MENSAGEM DO BHAGAVAD GITA
PARA O MUNDO ATUAL

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari – Outubro de 1965

I

Possivelmente a única escritura que satisfaz as necessidades de todas as pessoas virtuosas e religiosas em quaisquer circunstâncias é o *Bhagavad Gita*[2]. É claro que os Vedas e os Upanishads são as principais fontes de toda a fé Hindu e por isso não podem ser desconsiderados. Mas o *Gita* é a sua própria essência em um só lugar. O *Gita* mostra a você como viver no mundo sem ser manchado por ele. Encoraja a todos a seguirem seus deveres tradicionais, as ocupações em que cada um é colocado, seguindo as quais, ele diz, atingirão o Supremo[3]. Este é o fundamento do *varnāshrama dharma*. Mostra como todos eram considerados membros úteis da grande família humana. O *Gita* tem uma mensagem para cada classe e para cada seção da sociedade humana. Ele jamais diz a alguém para rebaixar-se ou sofrer humilhação. Sri Krishna, o mestre, diz várias vezes a Arjuna e através dele a todos que estão enfrentando sua batalha nesta vida, 'erga-se e lute' pela causa da retidão. "Se você cair", ele diz, "você atingirá o céu e se você vencer desfrutará na terra; por isso levante-se firmemente determinado a lutar"[4].

O *Gita* tem uma mensagem para todos, para que sejam honestos, abnegados e adquiram qualidades divinas. Sua mensagem ao aspirante espiritual foi tratada de várias formas em todo o *Gita*; e ao longo do tempo vários comentários – que retratam sua mensagem para os vários tipos de aspirantes, nas diversas denominações da religião Hindu – foram escritos e apresentados. Tem uma mensagem para os governantes, para que sejam intrépidos, que governem com justiça e sejam firmes com os inimigos. Esta mensagem de intrepidez está nos Upanishads. Apesar de que este sistema não é novo para o *Gita*, em sua reiteração o *Gita* é muito explícito, e muito significativo. Não há uma moderação neste assunto, nenhum tratamento superficial. Não teme a ninguém ao dizer o que tem

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

[2] O "Canto do Senhor", escritura sagrada baseada em um diálogo contendo os ensinamentos de Sri Krishna para seu discípulo Arjuna (nota do tradutor).

[3] Gita, 18.46.

[4] Gita, 2.37.

intenção de ensinar. Krishna severamente repreende seu mais bem-amado amigo e parente, Arjuna, pela mansidão e fraqueza mostrada por este último. Ele diz, "Não ceda à indignidade, ó filho de Prtha, isto é impróprio para você (um homem de coragem). Abandonando esta fraqueza de coração, levante-se![5]" Aqui temos a mensagem para o guerreiro, ou melhor, para todos. Swami Vivekananda disse que esta é a mensagem do *Gita*, não fraquejar, não ser intimidado pela força bruta. Estas e outras palavras que saíram dos lábios de Sri Krishna pouco a pouco elevaram o coração sem vigor de Arjuna, como um solo seco atingido pelas gotas de chuva. As pesadas nuvens da paixão foram afastadas e a consciência retornou, até que por fim livre da dúvida se tornou ansioso para cumprir seu papel[6], nestas circunstâncias.

Têm existido pessoas que zombam e descrentes que rebaixam ou desacreditam na mensagem das escrituras. É fácil difamar a religião, os esforços espirituais e as escrituras, quando o homem está em situação de abundância de bens materiais e a felicidade prevalece. Mas quando os tempos difíceis chegam e se é pressionado de todos os lados, são estas palavras de sabedoria prática, de calmo recolhimento, de vigor e encorajamento que lhe suportarão. O *Gita* é tal escritura. Ele não terminou seu tempo. Durará por toda a eternidade. Apesar de ter sido dada milhares de anos atrás, sua mensagem não se tornou obsoleta e nem desinteressante. Por outro lado, todas as vezes que nos defrontamos com um novo problema, o *Gita* tem uma solução para isto, se apenas quisermos procurá-la nele, trazendo à nossa atenção sua vitalidade e utilidade. Por isso é necessário para cada Hindu[7] e para todas as pessoas que desejam viver vidas verdadeiras, estudar e absorver o modo apropriado de conduta que é indicado para a posição e lugar que ocupam. Pois uma vida sem propósito, sem dignidade, de acordo com o sistema moral dos Arianos[8], não é uma vida verdadeira.

O mundo atual está parado a beira de um precipício e é necessário enorme coragem para enfrentar a crise e decidir de que maneira lidar com a situação. Novamente aqui o *Gita* vem em nosso socorro. Sri Krishna, com seu próprio exemplo coloca diante de nós um ideal que mostra como um problema, uma situação difícil pode ser enfrentada. No meio de grupos em guerra, a figura serena e inabalável de Sri Krishna segurando as rédeas dos cavalos de Arjuna traz claramente a ideia de como o homem deve viver no mundo, desapegado, como a folha de lótus na água[9], como ele mesmo diz. Em um belo hino à Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda também traz diante de nossa mente a majestade e grandeza

---

[5] Gita, 2.3.
[6] Gita, 18.73.
[7] O Swami escreveu este artigo na Índia, antes de vir ao Ocidente em 1968 (nota do tradutor).
[8] Antigo povo dos tempos Védicos da Índia (nota do tradutor).
[9] Gita, 5.10.

deste quadro de Sri Krishna. Ele canta: "Aquele que suprimiu o ruído, terrível como no momento da destruição, que se levantava da batalha (em Kurukshetra), que destruiu a terrível, mas natural noite da ignorância (de Arjuna) e que rugiu o *Gita* doce e pacificador; aquela Alma ilustre nasceu agora como Sri Ramakrishna". Apesar de que o *Gita* é doce e pacificador, cada palavra dele nos traz a mensagem de coragem e força de um rugido de leão. Não podemos nos atrever a ignorar seu chamado para que nos levantemos e nos despertemos. Mas adiante, Sri Krishna diz a Arjuna: "Abandonando o apego aos frutos das ações, e sempre satisfeito, sem depender de nada, apesar de engajado na ação, tal pessoa não atua"[10]. Neste pequeno verso tem um significado que pode auxiliar todos os seres durante toda a sua vida. O ponto que Sri Krishna enfatiza aqui mostra que é covardia fugir do dever, de uma ação correta, de uma causa nobre. O homem, enquanto viver deve executar algum tipo de ação, não pode viver ociosamente e um dia deve morrer. Swami Vivekananda costumava dizer, "Você deve morrer um dia, mas tenha um grande ideal pelo qual morrer, é melhor morrer com um grande ideal na vida". Esta ideia está contida na declaração acima de Sri Krishna. Em outro lugar ele diz, "Você tem direito ao trabalho [ou ação] apenas, e não aos seus frutos. Que os frutos da ação não sejam o motivo por trás de suas ações, e nem seja apegado à inação"[11]. É um herói aquele que no meio de tensões e exigências, pode levantar-se e enfrentá-las corajosamente sem se importar com o que lhe suceda ou com os frutos [resultados] de suas ações. Mas isso requer muita prática e tremenda força de vontade. Temos que cultivá-los.

Diz um ditado sânscrito, 'a terra é para os heróis desfrutarem', e em cada dia de nossa vida chegamos a experimentar isto. Os fracos e adoentados são pisados em toda parte. Erga-se por seus direitos, este é o chamado desta época. Isto é o que o *Gita* também ensina. Mas ele também ensina que não prejudiquemos o direito de outros. A retidão tem sido o sistema moral do *Gita* e da Índia através de sua história. Swami Vivekananda diz que a Índia nunca tentou conquistar qualquer país. Ela nunca subjugou qualquer nação, não por fraqueza para fazê-lo, mas por reconhecer o direito do homem de viver de sua maneira em seu próprio país. Por outro lado, a Índia foi várias vezes pisada e conquistada por várias raças. Mas ergueu-se novamente mostrando aos conquistadores que eles não seriam capazes de destruir sua infinita vitalidade e a afirmação de seu direito de forma persistentemente nova. Isto foi possível devido à fé que os Hindus tinham em suas escrituras, na eternidade da alma, na necessidade de espiritualidade em um mundo de pensamento mundano, devido a sua firme convicção de que o Hinduísmo, a religião

[10] Gita, 4.20.
[11] Gita, 2.47.

eterna, o *Sanatana Dharma* viverá e também porque a Índia tem uma mensagem, não apenas para seu próprio povo, mas também para as pessoas do mundo inteiro – de que na estrutura deste mundo a Índia tem um papel proeminente a desempenhar como um ressuscitador dos valores superiores. Swami Vivekananda observa que a Índia mais do que uma vez contribuiu com sua espiritualidade e sua filosofia para a regeneração do mundo e tem ainda que desempenhar seu papel no mundo nesta capacidade. Portanto é essencial que a Índia mantenha sua bandeira de espiritualidade tremulando e fazer isso mantendo sua cultura e individualidade intacta e sólida.

II

A tradição diz que o *Gita* foi ensinado à Arjuna em um campo de batalha. Alguns dizem que isto é uma alegoria e que se refere à eterna luta que está na mente do homem entre as aspirações corretas e os desejos maus ou incorretos. O que quer que seja, o *Gita* tem uma palavra de consolação, de encorajamento, e com relação ao dever de cada um de nós, aonde quer que estejamos situados.

Qual é a mensagem do *Gita* para o mundo atual – um mundo de ciência e tecnologia, de racionalização e análise lógica? Aqui temos que ser claros em nossas mentes. Não adianta fechar nossos olhos à verdade invisível e não experimentada, em nome destas palavras altissonantes. Uma grande parte da vida de um homem permanece escondida dele, e normalmente a ciência não reconhece este fato. Está satisfeita com a experiência dos fenômenos e com as reações físicas. Mas o homem é mais do que isso. O homem não é apenas uma entidade física, ele tem um ser psicológico, um ser espiritual nele. Este fato deve ser reconhecido e a menos que isso for feito não podemos obter qualquer significado para a vida. Se o homem deve viver como qualquer outro ser das espécies animais então por que foi dotado de forma especial com a faculdade do pensamento mais do que os outros animais? Seria para explorar todos os outros seres vivos? Isto não faz sentido. O homem tem um propósito mais elevado, valores mais elevados para cultivar, coisas mais nobres e mais elevadas para conhecer e para afirmar em sua própria vida. Por isso foi dotado com o poder do discernimento, do raciocínio. É possível usar este poder de modo construtivo ou destrutivo. A mera moralidade não é tudo o que significa por valores mais elevados. Moralidade sem uma base espiritual é como uma casa sem alicerce. Não poderá suportar a análise do raciocínio: Por que devemos ser morais? Se valores espirituais não forem levados em consideração, você não poderá responder esta questão satisfatoriamente. Nenhuma quantidade de leis poderá tornar um homem bom, apesar de que poderá superficialmente comportar-se bem. Deve

haver algum princípio que ele luta para conseguir. Deve haver um ideal, uma meta para alcançar, sem a qual aquele homem não é nada.

É doloroso ver que em alguns lugares uma interpretação totalmente errada é feita sobre o que é um estado secular. Concebem como um estado consistindo de pessoas sem religião. Querem acreditar que a religião prejudica as pessoas. Eles temem que a religião, se ensinada aos seus filhos, pode destruir seus planos, seus projetos. Em nome da educação, querem liberdade irrestrita para se comportar como lhes agrade, como se a educação significasse um passaporte para a indulgência e liberalidade sem controles. Esta pode ser a prática em algum lugar, a despeito de todo esforço contra isto, mas se a Índia tentar adotar ou imitar tal comportamento, o futuro do país se tornará árido e desolado, não importando todo o progresso que possa obter em outras direções. Autocontrole e sacrifício são duas qualidades essenciais que o povo de um país com uma vasta população como a Índia deve inculcar se deseja manter a moralidade e a harmonia na sua própria terra. Isto é o que Swami Vivekananda reiterava quando observou: "Os ideais nacionais da Índia são Renúncia e Serviço. Fortaleça-a nestes canais e o resto acontecerá por si só". A renúncia externa junto com a renúncia interna pode não ser possível para todos, mas todos podem praticar a renúncia interna, o controle sobre os sentidos, em uma pequena ou grande medida. E se alguém não pode praticá-la, isto não dá a ele o direito de rebaixar o ideal ou condená-lo. É inútil tentar acusar a religião por tudo que está doente na sociedade. Pelo contrário, é a força espiritual que ainda sustém a sociedade.

Existe suficiente indisciplina no mundo estudantil para que alguém possa pleitear por mais liberalidade. Uma vida disciplinada, que não está sobrecarregada por desnecessários dogmas ou rigor, seria uma característica benvinda em todas as escolas e colégios e não algo para ser caluniado ou para envergonhar-se. Se apenas lembrarmos que os estudantes de hoje serão os protetores de nossa cultura e os futuros líderes da Índia, será obvio para todos com pelo menos um pouco de compreensão, quanto eles devem ser instruídos no controle dos sentidos e capacitá-los para a formação de um temperamento de sacrifício. Por falta deste espírito de sacrifício, em uma medida suficiente, e o espantoso desejo predominante para ganhos pessoais, é que a Índia teve que sofrer repetidas humilhações nas mãos das hordas estrangeiras no passado e até hoje sofre de muitos padecimentos. Vamos lembrar-nos disto e aprender a viver uma vida disciplinada e ajudar as gerações mais jovens a fazê-lo. O exemplo é melhor que o preceito. Isto é o que Sri Krishna diz à Arjuna, "Em qualquer maneira que os grandes homens atuem, daquela maneira o homem comum age também"[12]. Ele queria que Arjuna fosse um modelo.

---

[12] Gita, 3.21.

De outra maneira, não teria importância se Arjuna lutasse a batalha ou abandonasse o reino e se retirasse para a floresta. Sri Krishna traria a vitória aos Pandavas mesmo sem Arjuna. Mas isso teria sido um mau exemplo para sempre. Por isso ele infundiu em Arjuna o espírito para discriminar entre o certo e o errado e a permanecer firme pela causa justa sem importar-se com os resultados.

O equilíbrio mental é outra qualidade que o *Gita* recomenda e que ensina a obter. Não ser influenciado pela alegria ou pela tristeza, felicidade ou sofrimento, não ser intimidado pela calamidade, mas enfrentar tudo que vem ao seu caminho com uma mente imperturbada. A determinação de fazer o que é correto é uma habilidade importante, não apenas na vida espiritual, mas também em todos os campos da vida. Um homem se zanga por uma má ação feita por outro, mas em sua raiva pode esquecer-se das nobres características pelas quais ele mesmo está lutando. "Aquele que não se exulta (no ganho) nem odeia, aquele que não se aflige (no sofrimento ou adversidade), nem deseja alguma coisa e renuncia a todo bem e mal e é devotado a Deus, é querido por Mim[13]", diz Sri Krishna. Como já foi dito, estas virtudes colocam-nos em boa posição em todas as situações. Depender do Senhor, trabalhar como Seu instrumento, deixando todos os resultados das ações em Suas mãos, pode ser feito apenas por aquele que tem a mente limpa assim como a integridade de motivo. Ele pode levantar-se contra o mundo todo, se necessário, sem mesmo um tremor no coração. Pois o mundo é um lugar estranho onde a justiça e a retidão são barganhadas para servir às necessidades das pessoas. Enquanto for conveniente ter você do lado dele [de alguém que abandona a justiça e a retidão] está tudo bem, mas no momento que você levantar-se pela justiça e se isto machucar o disfarce de amigo de qualquer modo insignificante, aquela amizade desaparece. Mas as pessoas esquecem que a verdade sempre triunfará, talvez as pessoas atingidas tenham que sofrer muito, mas ao final a verdade triunfará, mesmo nas assuntos seculares.

O *Gita* tem sido a consolação de milhões de aspirantes [espirituais]; tem sido também a força de muitos, que apesar de que não exclusivamente entregues ao caminho espiritual, lutam por uma boa causa. Busquemos a orientação do *Gita* em todos os nossos afazeres e estejamos no caminho correto para que assim, no dia de nossa partida deste mundo, possamos deixá-lo sem remorso e com a satisfação de temos cumprido nossa tarefa.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[13] Gita, 12.17.

O NOME DIVINO

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Janeiro de 1965

Invocar a Deus pelo Seu santo nome é tão antigo quanto a própria religião. No Rig Veda, Agni, a divindade que preside o fogo é invocada profusamente através de hinos. Pois era Agni que deveria levar as oferendas oferecidas ao fogo mortal às divindades superiores. Indra, Varuna e outros são nomes com que nos deparamos ali. Mas Indra do Rig Veda não é a mesma divindade dos Puranas. Indra era considerado como a suprema divindade, tendo soberania sobre todos os mundos. Por causa disso todos os nomes, diz o Rig Veda, são do único e mesmo Deus. Aqueles não são vários deuses, mas o mesmo Deus chamado de diversas formas por diferentes sábios[2].

'Nome e forma' constituem todos os fenômenos do universo. Não se pode pensar em uma forma sem se referir ao seu nome. E de modo contrário, quando se pensa no nome, a forma espontaneamente também vem à mente. Assim, enquanto o homem for consciente destas diferenças de 'eu' e 'você', mundo e seus objetos, deve recorrer à nomes e formas de Deus também. E devemos lembrar que são muito poucas as pessoas que são capazes de ir além da ideia dos fenômenos. Podem ser capazes de dar esplêndidos discursos sobre Advaita, mas apenas aqueles que atingiram o estado do *nirvikalpa samādhi* podem atuar sem 'nomes e formas'. Mas seria um absurdo se todos que têm um conhecimento limitado das escrituras pensarem de si mesmos como competentes para trilhar tal caminho.

Portanto, repetir o Nome Divino é um método sadio pelo qual os aspirantes espirituais podem transformar seu ser psicológico de forma benéfica. O homem, pelo princípio da associação de ideias, conecta sua vida e ações. Se por este princípio o homem conectar seu fluxo de pensamentos à Deus e Seus benditos atributos, seria mais fácil se aproximar Dele. Todos os dias, todos os minutos de seu estado de vigília, este homem está engajado nesta busca, mesmo nos sonhos este princípio age. Portanto o que se requer é apenas uma mudança do centro de atração – do mundo para Deus.

Uma posição muito elevada foi dada pelos sábios da antiguidade

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

2 R.V., II.iii.22.

ao Nome Divino. Nárada, Vyasa, Shuka, Shandilya, além dos sábios mencionados nos Vedas, são alguns daqueles que deram grande importância à repetição do nome do Senhor. Não é apenas o Hinduísmo que prescreve o nome de Deus como um meio para a realização. O Cristianismo, o Islamismo e outras fés também têm a mesma consideração por ele.

A TRADIÇÃO

Repetir o Nome Divino como um meio para a Realização de Deus é um método muito antigo. Se verificarmos a história religiosa da Índia, ou para este assunto a de qualquer país, encontraremos que este processo é tradicionalmente respeitado e é muito efetivo também. Apenas repetindo o Nome do Senhor as pessoas atingiram ao Supremo. E nossos sábios declararam isto em termos inequívocos com toda firmeza e certeza de suas posições. Tem sido uma prática bem estabelecida e utilizada. Por eras as pessoas têm colocado sua fé nestas palavras dos sábios e conservaram o Nome Divino em seus corações.

Particularmente na Índia, o Nome Divino é repetido ou invocado com toda a solenidade antes de iniciar-se qualquer empreendimento grande ou pequeno, auspicioso ou não. Protegidos pelo Nome, as pessoas sentem segurança em seus esforços. Pessoas se acostumaram tanto e se habituaram a repetir o Nome que mesmo inconscientemente não dão um passo sem pronunciá-lo.

É uma grande fonte de poder, armado com o qual um homem de fé desafia o mundo a causar a ele qualquer mal; mais ainda, desafia até a morte com voz provocativa, 'Ó Morte, onde está teu golpe?'

Canta Ramaprasad, um poeta místico de Bengala, louvando a eficácia do *Nome*:

Eu entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe;
Terei medo da Morte ainda?
Ao tufo de cabelo em minha cabeça
Está atado o todo-poderoso Mantra, o Nome da Mãe Kali.
Meu corpo eu vendi no mercado do mundo
E com ele comprei o nome de Sri Durga.
Bem no fundo de meu coração eu plantei o nome de Kali,
A árvore celestial que cumpre todos os desejos;
Quando Yama, o Rei da Morte aparecer,
A ele abrirei meu coração e mostrarei o nome crescendo lá.
De mim eu expulsei meus seis incansáveis inimigos;
Pronto estou para velejar o mar da vida,

Gritando, Glória a Durga![3]

O conhecimento religioso da Índia está repleto com canções que descrevem vividamente as glórias do nome de Deus. Um grande número de santos e sábios de todas as partes da Índia podem ser citados em suporte disto. Uma parábola é contada sobre um corvo que preferiu morrer de sede ao invés de perder seu tempo, pois o estava utilizando na repetição do nome de Rama.

A literatura religiosa da Índia está repleta com os nomes de Deus. Existem os *astottaras* e os *sahasranāmas* (os cento e oito nomes de Deus e os mil nomes de Deus), para lembrar aos aspirantes sobre as façanhas daquela forma ou aspecto particular ou Encarnação da Divindade. Existem pessoas que não podem viver ou respirar sem repetir o nome de Deus, sem provar de sua Divina bem-aventurança. Para aqueles que creem e são fiéis sua única ambição na vida é deixarem este mundo com o nome do Senhor em seus lábios. Para isso, se retiram de todas as amarras e preocupações deste mundo e vivem em lugares sagrados como Varanasi durante a parte final de suas vidas.

O nome de Deus é muito eficaz de muitas maneiras. No *Bhāgavata* lemos o episódio de Ajāmila: Ele era um Brahmana por nascimento, mas após viver por longo tempo o modo de vida requerido de acordo com sua posição na vida, seguiu por um mau caminho enfeitiçado pela luxúria. Naquela condição, ele ficou muito doente. Perdeu a esperança de que viveria. Ele viu os mensageiros da Morte se aproximando. Em sua angústia ele chamou pelo seu mais querido filho que afortunadamente tinha o nome do Senhor, Narayana. Então, apesar de que o nome do Senhor neste caso tinha sido repetido sem o seu verdadeiro sentido [pois significava o seu filho], trouxe a cena os mensageiros de Vishnu[4] que disputaram com os mensageiros da Morte levar a alma de Ajāmila, pois ele tinha se tornado puro pela repetição do santo nome de Deus. Ajāmila foi poupado desta vez e foi dada a ele uma oportunidade de reformar seu modo de vida e alcançar a morada do Senhor. O homem se livra das amarras do nascimento e morte se recordar ao Senhor no momento de sua morte – é uma garantia dada por Sri Krishna.

O nome do Senhor nunca é em vão. Ele sempre dá seu benigno resultado. É como a pedra filosofal que converte todos os metais inferiores em ouro. É também como a varinha mágica de um mago que executa milagres inacreditáveis. A única diferença é que este último só tem a duração de uns momentos e no caso do nome do Senhor, este deixa uma impressão permanente no devoto. Transforma a vida de um homem para sempre.

---

[3] The Gospel of Sri Ramakrishna, p.245; Sri Ramakrishna Math, Madras-4.
[4] O Supremo Senhor do Universo ou Narayana (nota do tradutor).

O homem busca refúgio no nome de Deus também quando é confrontado com situações difíceis ou envolvido em crises. Existem inumeráveis estórias para ilustrar este fato. Quando Draupadi estava sendo insultada e humilhada na corte dos Kauravas, foi o nome de Krishna que salvou sua honra. Quando exigiram de Radha, a pastora de Vrindavana, como um teste de sua castidade, que trouxesse água em um jarro com muitos orifícios, foi com o nome do Senhor que terminou esta severa provação de forma mais gloriosa do que nunca. O grande herói do *Rāmāyana*, a quem Tulsidas[5] chama de "a joia na grande guirlanda do *Rāmāyana*", Hanuman, cruzou o oceano até Lanka apenas repetindo o nome de Rama. Estas não são estórias fictícias, senão explanações para ilustrar os princípios.

Há uma bela estória contada para enfatizar a identidade e a não diferenciação do Senhor e Seu nome. Sri Krishna uma vez estava sendo pesado em joias e ornamentos. Mesmo quando todo o ouro e joias de seu palácio foram colocados no outro prato, o prato da balança onde estava Krishna não se movia. Então Rukmini, a divina consorte de Sri Krishna, colocou no lugar do ouro e joias do outro prato apenas uma folha de *tulsi* com o nome de Sri Krishna escrita nela. E eis que o prato da balança com Sri Krishna subiu e se equilibrou com o prato com a folha de *tulsi* com Seu próprio nome. Tal é realmente a potência do nome do Senhor. Ele se compara apenas com o Senhor, nada mais pode se comparar com ele.

AS INDICAÇÕES DAS ESCRITURAS

Encontramos referências sobre a eficácia do Nome no Rig, Yajur e Sama Vedas, que provam que não é um posterior desenvolvimento na religião. Um *Mantra* diz: 'Ó Glorioso, onipresente Senhor, não usamos postes de sacrifício, não destruímos a nenhuma vítima, apenas Te adoramos pela mera repetição de Teu nome.[6]' Os Upanisads menores, o *Rāmāyana*, o *Gita* e o *Mahābhārata*, o *Bhāgavata* e outros Purānas transbordam com hinos e conselhos que indicam aos devotos esta prática de repetir o nome do Senhor. O *Yogaśikhopanisad* define um *mantra* como uma 'fórmula sagrada', 'devido à extensão para reflexão, devido ao seu poder salvador, pois revela a natureza do Senhor e também porque forma a morada do Senhor', e assim ajuda na Sua realização. 'Rama estabeleceu por sua conduta e vida o caminho da retidão e o caminho do conhecimento por Seu nome', diz o *Rāmapūrvatāpani Upanisad*[7]. O *Mahābhārata* declara, 'O aspirante que sempre repete o nome do Senhor, pensa em seu significado e observa os votos de Brahmacharya alcança o

[5] Um grande devoto de Sri Rama, autor do Sri Ramacharitamanasa (nota do tradutor).
[6] Sama Veda II.2-9-2.
[7] I.4.

Supremo'. Sri Krishna diz no contexto de seus *vibhūtis*, 'Entre os yajňas, Eu sou o *japa* yajňa[8]'. Assim descobrimos que recorrer ao Nome como um dos métodos para a realização de Deus tem sido conhecido desde tempo imemorial.

DE QUE MODO O NOME PODE SER INVOCADO

São muitas as formas bem conhecidas de invocar o nome do Senhor. *Mantra Japa*, ou repetição da fórmula sagrada dada por um Guru competente é a mais auspiciosa e benéfica. Em seguida pode ser citado cantar hinos e canções em louvor do Senhor ou descrevendo Suas façanhas. *Sankirtana*, cantar em coro os nomes do Senhor é também outro método. A adoração formal oferecendo os cinco, dez ou dezesseis artigos ou até a adoração mental (*manasa pūja*) é outro. Aqui podemos lembrar a nós mesmos que a adoração quando feita conscientemente, pensando no significado de todos os mudras e rituais, que para uma pessoa leiga e não iniciada parece sem significado, pode abrir os portas da devoção e conhecimento.

EXEMPLOS E PRECEITOS DAS ENCARNAÇÕES

O mundo tem diante de si os exemplos dos Avataras[9], seus apóstolos, sábios e santos para demonstrar o que o Nome Divino pode fazer. Sri Chaitanya, uma pessoa de grande lógica em seu tempo até o dia de sua iniciação no nome de Deus, se transformou na primeira menção do Nome pelo Guru. Todas as águas da devoção guardadas internamente fluíram desde então como uma corrente em uma montanha carregando tudo o que a impede ou resiste seu caminho. As súplicas de seus pupilos em sua vida de erudito e professor, de sua mãe em sua vida de família, foram carregadas nesta corrente. A atração de Deus era irresistível para ele; por sua vez a atração por ele também se tornou irresistível para muitos.

Sri Ramakrishna invadiu a cidadela de Deus com nada além do nome da Mãe Kali. Pode-se dizer que todas suas outras *sādhanas*[10] vieram após a primeira visão da Mãe. A Divina Mãe não pode se manter afastada do chamado fervoroso de Seu querido filho. Ele quase forçou a Ela que estivesse em sua presença. Sabemos que Sri Ramakrishna [quando deixou seu corpo], respirou pela última vez repetindo o nome de Kali e entrou em *mahasamādhi*. Na vida da Santa Mãe lemos quão incessantemente ela repetia o Nome, a despeito de seus variados deveres caseiros e pesadas

[8] Gita 10.25.
[9] Encarnações de Deus (nota do tradutor).
[10] Práticas Espirituais (nota do tradutor).

responsabilidades de seu ministério espiritual. Ela decidiu fazer uma enorme quantidade de seu *Japa*, mas o fez regularmente até os últimos dias de sua vida. Seu dia começava às três horas da madrugada e recolhia-se para o repouso às onze horas da noite, e mesmo assim a repetição do nome de Deus continuava sem impedimentos.

Nos discípulos das Encarnações também encontramos este hábito presente de forma proeminente. Olhar a vida dos discípulos de Sri Ramakrishna no estágio inicial da organização mostrará amplamente este fato. Durante os intensos sofrimentos da penúria e privação, no Mosteiro de Baranagore, havia neles um constante fluxo de Divina bem-aventurança expressando-se às vezes na forma de *Sankirtan*, canções e danças em êxtase.

Pode ser dito agora por alguns: 'Bem, tudo certo em relação às Encarnações e Seus apóstolos que eram puros desde seu nascimento e que tiveram poderosos Gurus para ajudá-los e guiá-los. Mas e sobre nós, que temos uma carga de tendências inerentes para vencer?' Para isso chamamos a atenção destas pessoas para os preceitos e as garantias dadas pelos homens santos. Devemos seguir seus passos; não há outro caminho. Quando nos desesperamos, observando que não houve progresso em nossa vida espiritual, vamos escutar com atenção as palavras dos Avataras que trazem consolo e infundem confiança. Aqui está Sri Chaitanya nos dizendo: 'O nome de Deus tem muita santidade. Pode não produzir um resultado imediato, mas um dia ele dará fruto. É como uma semente que foi deixada no beiral de um edifício. Depois de muito tempo o edifício desmorona e a semente cai na terra, germina e por fim dá frutos'. Mesmo no caso de vegetação comum devemos esperar pela estação que dá frutos, então como podemos ser impacientes quando o assunto é o supremo fruto da vida?

Sri Chaitanya diz que não é possível nesta era de Kali fazer os sacrifícios sugeridos nos Vedas em sua forma elaborada, nem é possível para todos fazê-los. Para a era de Kali, ele declara que somente o nome de Hari[11], sem qualquer dúvida, é o caminho para a liberação.

Sri Ramakrishna confirma que cantando ou repetindo o nome de Deus uma pessoa se livra de toda impureza do corpo e mente; e em uma mente purificada se reflete a imagem de Deus em todo seu esplendor. Uma das canções de outro poeta, que Sri Ramakrishna gostava muito, descreve quais méritos obtém alguém que repete o Nome Divino:

> *Por que deverei ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi, ou Prabhas,*
> *Enquanto eu puder dar meu último respiro com o nome de Kali em meus lábios?*

[11] Nome do Senhor, Deus (nota do tradutor).

Que necessidade tem um homem de rituais, que necessidade de devoções ainda,
Se ele repete o nome da Mãe nas três horas sagradas?
Os rituais podem persegui-lo de perto, mas nunca poderão ultrapassá-lo.
Caridade, votos, dar dádivas, não apelam à mente de Madan;
Os Pés de Lótus da Bem-aventurada Mãe são toda sua oração e sacrifício.
Quem poderia ter imaginado o poder que Seu nome possui?
O próprio Siva, o Deus dos Deuses, canta Seus louvores com Suas cinco bocas![12]

Sri Ramakrishna dá o exemplo de um devoto, Krishnakishore, que apesar de ser brahmin[13] não hesitava em beber água das mãos de uma pessoa considerada de baixa-casta quando ele repetia o nome de Shiva. Outra vez Sri Ramakrishna disse, 'Um homem estava prestes a cruzar o oceano do Ceilão para a Índia. Vibhishana disse a ele: "Amarre isto em um canto de sua roupa e você cruzará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre a água. Mas não examine isto ou afundará". O homem estava caminhando facilmente sobre a água do mar – tal é a força da fé – quando, já tendo andado parte do caminho, pensou, "O que é esta coisa maravilhosa que Vibhishana me deu que me faz andar sobre a água?" Ele desfez o nó em sua roupa e encontrou apenas uma folha com o nome de Rama escrito nele. "Ó, apenas isto?" ele pensou e instantaneamente ele afundou na água'[14].

A parábola de Sri Ramakrishna da mulher leiteira e o Guru maravilhosamente revela o que a fé no Nome fez ao discípulo e como o próprio mestre não pode vencer a dúvida.

A Santa Mãe também em seus ensinamentos nos encoraja a nos devotarmos ao Nome Divino. Na Bíblia também temos algumas passagens glorificando o Nome. Vamos citar algumas delas aqui. ' Em Ti exultem os que amam Teu Nome'[15]. 'Dai ao Senhor a glória devida ao Seu Nome'[16]. 'Engrandecei ao Senhor comigo, e juntos exaltemos o Seu nome'[17]. 'Louvai a Deus com brados de júbilo, todas as terras. Cantai a glória do Seu nome; dai glória ao Seu louvor[18]'. 'Assim, eu Te bendirei enquanto viver; em Teu nome levantarei as minhas mãos'[19].

---

[12] The Gospel of Sri Ramakrishna, p.76.
[13] Da casta dos sacerdotes (nota do tradutor).
[14] Ibid., p.33.
[15] Salmos, 5.11.
16 Salmos 29.2
17 Ib. 34.3
[18] Salmos, 66, 1-2.
[19] Ib. 63.4.

Contudo, a fé real na potência do Nome resulta da própria experiência pessoal. Deixemos por isso para cada leitor a descoberta da verdade desta tese consultando suas próprias experiências na vida. Mesmo um homem comum poderia ter recebido uma resposta do Supremo quando em suas dificuldades O invocou.

COMO REPETIR O NOME – O MODUS OPERANDI

É fácil dizer que não devemos discutir como repetir o Nome Divino. Mas a questão permanece se devemos repetir o Nome para ganhar coisas materiais, com motivos ocultos. Não pode ser negado que tal caminho não é apropriado. Pode levar a prosperidade material. Sem dúvida, pois o Senhor como uma mãe carinhosa dará a nós qualquer coisa pela qual rezarmos pedindo, mas isto nos levará ao redemoinho de inumeráveis nascimentos e mortes. É a religião que vem nos ajudar a sair desta situação. Como a religião é a mais prática de todas as ciências nesta terra, seus praticantes descobrirão rapidamente que a máxima cautela e orientação são requeridas para repetir o Nome de uma forma efetiva.

Quando se canta ou repete o Nome com a devida consideração e da forma correta, disse uma vez Swami Vivekananda, pode-se ter Bhakti e Jnana através dele. Por isso cantamos no *Rāmanāma Sankirtan*, '*dhanyāste krtinah pibanti satatam śrī rāmanāmāmṛtam*', 'Benditas são aquelas pessoas virtuosas que bebem o néctar da imortalidade do nome de Sri Rama'. Tentemos tornar-nos benditos!

Concluindo, temos que imprimir em nossas mentes que pureza de pensamento e sinceridade de propósito são as condições essenciais que se deve conseguir e desenvolver na vida religiosa se quisermos que seja frutífera e eficiente. Deve-se praticar Brahmacharya física e mentalmente. Devem-se evitar lapsos na vida ética e viver uma vida disciplinada. Estas são as *sine qua non* da vida superior e é bem conhecido que nada acontecerá se a *sādhana* for praticada de forma negligente ou superficial. Portanto quando aquela pureza de propósito e sinceridade na *sādhana* for alcançada e quando se tentar em segredo e na solitude[20], com devoção e com um único objetivo de repetir o nome de Deus, Sua visão chegará e o devoto ficará absorvido Nele.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[20] Solitude [do inglês solitude] é o isolamento ou reclusão voluntária, não significando, propriamente, estado de solidão. (Wikipédia – nota do tradutor).

O HOMEM EM BUSCA DA FELICIDADE

Swami Paratparananda[1]

Tradução do artigo em Inglês "The Man in Search of Happiness" publicado na revista "Vedanta for East and West" n°- 159.

O desejo pela felicidade é inato em todos os seres. O homem não é exceção a esta regra. Se analisarmos bem nossas ações descobriremos que, movidos por este desejo, adquirimos certos objetos e evitamos outros, nos tornamos íntimos de certas pessoas e evitamos a companhia de outras; em suma, evitamos coisas desagradáveis e buscamos as agradáveis com a ideia de atingir a felicidade. Esta busca pela felicidade tem sido o poder motivador detrás de todos os esforços do homem, quer seja no campo temporal como no espiritual. Todas as suas descobertas no domínio da ciência tiveram esta meta em vista. Se hoje, o homem está ansioso para conseguir a supremacia sobre as forças naturais e para subjugá-las visando servir as suas necessidades, é apenas para este propósito. Se, no passado ou mesmo no presente, alguns poucos abandonaram o caminho trilhado pela vasta maioria da humanidade e evitaram buscas mundanas e se retiraram para uma floresta ou para dentro de si mesmos, isto também é devido à sua busca pela felicidade eterna.

Mas a ideia de felicidade difere de acordo com o gosto e o desenvolvimento interno de cada indivíduo. A maioria da humanidade está satisfeita com a gratificação dos sentidos ou acha a felicidade nela. Este mundo, com seus objetos grosseiros, é tudo em que eles estão interessados. No Katha Upanishad, Yama descreve com muita capacidade a mentalidade dessas pessoas: "Vivendo em meio dos objetos transientes, estas pessoas ignorantes, considerando-se sábias e de resolução firme, dão voltas e voltas, da mesma forma que um cego conduzido por outro cego. O que está além desta vida é imperceptível para os extraviados e intoxicados com a riqueza; pensando que este mundo é tudo que existe, eles caem sob minha influência repetidas vezes".[2] Tais pessoas se cercam de objetos que dão prazer, mas são impermanentes; mesmo assim eles acreditam que essas coisas são eternas e imutáveis. E o fato de que eles têm sido capazes de possuí-las, engendra em suas mentes uma ótima opinião de si mesmos, como pessoas capazes e sábias.

Assim, embriagados com o vinho da riqueza e do poder eles vagam por este mundo sem nenhuma meta mais elevada em vista. Para estas pessoas, que julgam tudo por suas percepções sensórias, o além é um mito, pois não pode ser captado pelos sentidos. Portanto, acreditando que este é o único mundo que existe, eles mergulham nos prazeres, adquirem o que podem e, como resultado, são atraídos repetidas vezes para ele.

Sri Ramakrishna divide os homens em quatro tipos: Os ligados, os buscadores de liberação, os liberados e os sempre-livres. Ele ilustra esta divisão com um exemplo: "Suponha que uma rede foi jogada em um lago para pescar peixes. Alguns peixes são tão espertos que jamais são presos pela rede. Estes são os sempre-livres. Mas a maioria dos peixes é presa pela rede. Alguns deles tentam se libertar dela, e eles são aqueles que buscam a liberação. Mas nem todos têm sucesso neste esforço. Alguns pulam para fora da rede, fazendo um grande ruído. Então o pescador grita: 'Veja, lá vai um grande!' Mas a maioria dos peixes presa na rede não pode escapar nem fazem qualquer esforço para sair. Pelo contrário, eles penetram na lama com a rede em suas bocas e ficam lá quietos, pensando". Nós não precisamos ter mais medo, estamos totalmente seguros aqui!' Mas estes pobres peixes não sabem que o pescador irá retirá-los com a rede. Estes são como os homens ligados ao mundo".[3] De novo, falando sobre felicidade, Sri Ramakrishna disse que existem três tipos: *Vishayananda*, prazer que se consegue na satisfação dos sentidos; *bhajanananda*, felicidade que se obtêm pelas práticas espirituais, e *Brahmananda*, a bem-aventurança que se atinge na realização de Deus. A última não pode ser medida ou comparada com qualquer outra felicidade, ela não pode ser nem mesmo imaginada. Os Upanishads tentaram dar uma indicação de sua vastidão de vários modos. Por exemplo, no Taittirya, encontramos uma passagem onde a felicidade dos diferentes tipos de seres, começando com o homem e indo até Brahma, o criador é descrita e comparada. Então ela continua declarando que mesmo a bem-aventurança do Criador não é nada comparada com aquela que se obtêm ao realizar à Brahman. Em outro Upanishad lemos que toda a criação está sustentada por uma infinitesimal fração desta bem-aventurança, *matrena upajivanti*. Agora surge a questão: Se isto é assim, por que o homem, um ser inteligente, um ser dotado com a capacidade de raciocinar e discernir, corre atrás das insignificantes e sem valor coisas do mundo, negligenciando tal mina de bem-aventurança que é seu direito de nascimento? Há duas respostas para esta questão: (1) muitos não conhecem sobre a existência de tal felicidade e por isso não a buscam; e (2) muitos apesar de que cientes de sua existência acham difícil vencer a influência dos sentidos dirigidos para o externo.

O Katha Upanishad descreve isto de forma bela: "O autoexistente

Senhor, prejudicou os sentidos criando-os com a tendência de se dirigir para fora; por isso eles percebem apenas os objetos externos e não o Atman que mora dentro. Mas aquele de mente fixa e determinação firme percebe o Atman que mora dentro retirando os olhos com o objetivo de atingir a Imortalidade".[4] Na frase, olhos representam todos os outros sentidos também. Apenas quando os sentidos são retirados de seus objetos é que a mente pode fixar-se no Ser. De outro modo acontece o que está declarado no verso seguinte do mesmo Upanishad. "Os homens de pouca inteligência, impelidos por seus desejos, caem nas armadilhas da muito difundida morte." Isto quer dizer, repetidamente tornam-se sujeitos ao nascimento, doença, velhice e morte. Portanto uma pessoa com discernimento não vê nenhuma felicidade em contatos sensórios. Ela percebe quão passageiros todos eles são e a sede que eles criam nela por mais e mais gozos. Além disso, ela descobre que não há felicidade real neles. O sabor de um alimento delicioso não é mais sentido quando o mesmo não está mais sobre a língua, assim demonstrando a transitoriedade dos prazeres sensórios. Por isso, as pessoas de discernimento não oram por nada deste mundo de coisas impermanentes. Mas que grandes dores e aflições devem suportar para adquirir até mesmo estas coisas perecíveis e mutáveis! Existe um verso sânscrito que descreve quão miserável torna-se a vida de uma pessoa entregue à paixão desenfreada pela riqueza: "É com grande sofrimento que se ganha dinheiro, mais doloroso ainda é a luta e a preocupação em preservar o que se conseguiu, e ainda mais sofrimento se sente quando tem que gastar o que se acumulou. Desprezo tal riqueza que é a fonte de sofrimento". Pode-se perguntar: "Como podemos viver se não ganharmos dinheiro?" O que é depreciado aqui não é o dinheiro em si mesmo, mas sim um apego desordenado por ele, que faz do homem seu escravo. A tentação da riqueza é tal que o homem se perde em sua busca e quanto mais a possui, mais a deseja; e para adquiri-la se submete a quaisquer meios resultando na perda de todos os sentimentos humanos em sua louca busca.

Agora, desfrutamos realmente dos prazeres? Bhartrihari em seu *Vairagyashatakam* diz: "Nós não desfrutamos dos prazeres, pelo contrário, nós mesmos somos devorados neste processo".[5] Quer dizer, na ansiedade infinita em buscar estes prazeres, nossa energia se esvai e ficamos com apenas o ardente desejo por eles, sem a força para gozá-los. Assim enganados, por assim dizer, nós sofremos mais do que podemos gozar na busca dos prazeres dos sentidos. Sri Krishna diz no *Bhagavad Gita*: "Qualquer gozo que é produzido pelo contato com o mundo externo é apenas uma fonte de sofrimento. Ele tem um início e um fim, por isso um homem sábio, ó filho de Kunti, não se entrega a eles."[6] Mas tal é o poder da Grande Ilusão que cobre a

realidade, que as pessoas esquecem suas dificuldades e sofrimentos e correm atrás dos mesmos prazeres que eles comprovaram cem vezes serem sem substância, dolorosos e enganadores. Sri Ramakrishna descreveu a condição deles com grande pathos: "As criaturas ligadas, enredadas na mundanalidade, não voltarão aos seus sentidos de modo algum. Eles sofrem tanta miséria e agonia, enfrentam tantos perigos, e mesmo assim não despertarão. O camelo adora comer arbustos espinhosos. Quanto mais ele come os espinhos, mais o sangue jorra de sua boca. Mesmo assim deve comer plantas espinhosas e jamais as abandonará. O homem de natureza mundana passa por tanto sofrimento e aflição, mas ele esquece tudo em alguns dias e começa sua velha vida novamente".[7]

Vimos como, para uma pessoa de discernimento, os prazeres mundanos são apenas um show vazio, incerteza e impermanência sendo todo o seu valor. O mesmo é também verdadeiro com relação ao nome e fama, erudição e habilidade de expor as Escrituras. Estes não podem dar ao homem felicidade eterna, apesar de que ele pode encontrar alguma satisfação neles por algum tempo. Isto fica claro no diálogo entre Narada e Sanatkumara que ocorre no Chandogya Upanishad. Uma vez Narada aproximou-se de Sanatkumara e pediu ao sábio para ensiná-lo. Sanatkumara pediu a ele que narrasse o que já sabia. Narada então deu uma longa lista de assuntos que ele tinha estudado, começando do Rig Veda à Astronomia e Artes, e acrescentou: "Reverendo senhor, eu sou apenas um conhecedor de palavras e rituais, mas não um conhecedor do Atman. Eu tenho escutado de preceptores como o senhor que um conhecedor do Atman vai além deste oceano de sofrimento, mas como eu não obtive o conhecimento do Atman eu estou em um estado de aflição. Seja misericordioso e leve-me através deste oceano".[8]

Se apenas a erudição fosse suficiente para atingir a felicidade eterna, então Narada, com todo o seu vasto conhecimento deveria ser muito feliz, mas não era. Ele sentia que faltava algo que era a essência da felicidade. Onde então se encontra esta felicidade, verdadeira e imutável? No conhecimento do Atman, na realização de Deus ou Brahman. Não é ao mero conhecimento teórico ou livresco à que Narada se refere, quando ele diz: *Shrutam heya me bhagavaddrishebhyah, tarati shokamatmavit iti*, "Eu tenho escutado realmente de preceptores como tu que o conhecedor do Atman vai além de toda aflição", mas sim à experiência direta de Brahman ou Atman. Os Rishis dos tempos antigos, que buscavam aquela infinita Bem-aventurança, atingiram-na após intensos esforços; e sua vida era de um tipo diferente, de rígida *brahmacharia* [9], e controle dos sentidos. Contudo, eles não disseram que eram os únicos capazes de atingir este estado. Pelo contrário, eles convocaram a todos, até aqueles que residiam nas regiões celestiais a tentar e obter seu direito de

nascimento, a Imortalidade. Por exemplo, no Shvetashvatara Upanishad o Rishi declara: “Escutem todos vocês, filhos da Imortalidade, e mesmo vocês que habitam as regiões celestiais, eu conheço o Eterno Purusha, que está além da escuridão e brilha como o brilhante sol. Somente conhecendo a Ele se vai além da morte. Não há outro modo de cruzar este oceano de transmigração.”[10]

Os Upanishads estão cheios de passagens que indicam a profundidade e vastidão da bem-aventurança de Brahman: uma bem-aventurança que é imaculada, que pode ser experimentada mesmo aqui, neste mundo, com a condição de que a pessoa que a busca, viva sua vida de acordo com o padrão estabelecido pelos Rishis, que atingiram Brahman.

Sri Shankara em seu *Vivekachudamani* nos alerta: “Aquele que faz da gratificação do corpo o principal objetivo de sua vida e ainda assim aspira realizar o Atman, é como o idiota ignorante que erroneamente, se segurando em um crocodilo pensando ser um tronco de madeira, tenta cruzar o rio”[11]. Ou seja, aquele que quer realizar a Deus ou Atman, tem que abster-se da indulgência sensual. O conhecimento de Brahman e os prazeres dos sentidos, sendo polos afastados, não podem ser experimentados ao mesmo tempo. O *Bhagavata* diz: “Que aquisição ou gozo pode agradar a um homem enquanto a morte está próxima? Certamente eles não são agradáveis para ele. É como oferecer grama a um animal que está sendo arrastado ao matadouro”[12]. Em outro lugar ele recomenda: “Tendo, após muitos nascimentos, obtido este corpo humano extremamente raro, que apesar de frágil, serve como um veículo para o supremo bem-estar do homem, uma pessoa de discernimento deve esforçar-se seriamente pela Liberação, antes que o corpo, que está sempre sujeito à morte, decaia; pois os gozos dos sentidos podem ser experimentados em qualquer corpo”[13]. Somente o homem, possuidor da faculdade do discernimento, está equipado para vencer a atração dos sentidos. No ser humano comum esta faculdade está adormecida, portanto ele é atraído pelos ganhos tangíveis que pode ter e pelos objetos palpáveis e agradáveis que pode agarrar e desfrutar. Como o *Katha Upanishad* diz: “O bom e o agradável se aproximam do homem. O homem de inteligência, os tendo analisado, separa os dois e escolhe o bom em lugar do agradável, enquanto o homem de pouca inteligência opta pelo que dá prazer visando o crescimento e proteção (do corpo, etc.).”[14] A diferença entre estes dois tipos de objetos é discernível somente para um homem sábio que tem a paciência de considerar a importância ou insignificância deles como também os frutos que eles geram; enquanto a pessoa comum inspirada erroneamente pelos ganhos imediatos, perde de vista a meta da vida.

Mas tão grande deve ser a imensidão da Bem-aventurança que se obtêm ao atingir a Deus, ou realizar o seu próprio Ser, que muito poucos que a

experimentaram, retornaram para dizer ao mundo sobre isto. Sri Ramakrishna ilustra este ponto por meio de uma parábola: "Uma vez, quatro amigos, no meio de uma caminhada viram um lugar por um muro alto. Todos eles ficaram ansiosos de conhecer o que havia dentro. Três deles, um após o outro, escalaram a parede, viram o lugar, deram uma grande gargalhada e pularam para o outro lado. Estes três não puderam dar nenhuma informação sobre o que havia dentro. Somente o quarto homem retornou e contou às pessoas sobre ele. Ele é como aqueles que retêm seus corpos, mesmo após atingir Bramajnana, para ensinar os outros."[15] Tal é a atração daquele estado que quando uma pessoa o atinge esquece o resto e o mundo, com todas as suas figuras caleidoscópicas aparece para ele como meras cinzas do crematório. Quaisquer dúvidas que possam ter existido em sua mente sobre a eternidade da Realidade e sobre a transitoriedade deste mundo desaparecem para sempre. Mas nós temos que trabalhar muito para retê-lo, de outro modo, mesmo se por acaso nós o atingirmos, não seremos capazes de suportar seu impacto.

Um incidente que ocorreu na vida de Sri Ramakrishna explicará este fato. Mathuranath Biswas, um genro de Rani Rasmani, uma vez pediu ao Mestre fazê-lo experimentar *bhava samadhi*. Sri Ramakrishna tentou dissuadi-lo, mas ele não o escutou. Pelo contrário, ele insistiu para que o Mestre o abençoasse com aquele estado. Por fim, quando todos os argumentos para convencer a Mathur falharam, Sri Ramakrishna disse: "Bem, eu direi à Mãe e Ela fará o que Lhe agradar." Em alguns dias teve seu desejo satisfeito, mas ele descobriu ser impossível pensar em algo exceto Deus; ele não podia voltar sua mente em direção de seus deveres mundanos. Isto assustou Mathur tanto que ele chamou Sri Ramakrishna e quando o Mestre chegou, ele narrou sua experiência, a difícil situação em que ele se encontrava, e implorou ao Mestre para tirar este estado. Assim nós vemos que a menos que uma pessoa se equipe corretamente, purificando sua mente, controlando seus sentidos, etc., não será capaz de conter esta bem-aventurança ilimitada, que chega com a realização do Divino.

Mencionamos anteriormente que a bem-aventurança imortal é nosso direito de nascimento e que a totalidade da criação existe devido a uma fração desta bem-aventurança de Brahman; também que uma das razões porque os homens não lutam para atingi-la é devido à sua ignorância sobre sua existência. Coisas similares algumas vezes acontecem neste mundo: por exemplo, devido aos caprichos do destino filhos de pais ricos podem se perder e podem nunca chegar a conhecer seu parentesco ou hereditariedade; ou alguém pode enterrar seu tesouro quando em grande perigo de perder sua vida e fugir do lugar apressadamente e quando o perigo passa retorna ao

lugar para desenterrá-lo, mas sendo incapaz de localizar o exato lugar, anda sobre o tesouro uma e outra vez. O Chandogya Upanishad dá uma analogia similar: "Da mesma forma como as pessoas que não conhecem a região, andam repetidas vezes sobre o tesouro escondido no subsolo e não o encontram, assim também, todas estas criaturas aqui, apesar de que entrem diariamente no mundo de Brahman, não O descobrem, pois são deixadas levar pelo falso".[16] Seus desejos por objetos impermanentes as conduzem erroneamente. O mundo de Brahman falado aqui é aquele de nossa natureza real, no qual nós entramos quando em sono profundo; quando nem as distrações do estado de vigília nem aquelas do mundo dos sonhos se apresentam. Contudo, permanece a ignorância devido aos desejos inerentes pelas coisas mundanas. Somente se poderá ter a verdadeira felicidade quando estes desejos, com suas raízes, forem removidos da mente. O homem iludiu-se a si mesmo por seu apego ao corpo considerando-o como sendo a sua verdadeira natureza. Contudo, se analisar claramente descobrirá que ele não é nem o corpo nem os sentidos, nem mesmo a mente, mas algo mais. Veremos como se pode chegar a esta conclusão. Se o homem fosse apenas o corpo, então no sono, quando não se é consciente dele, ele deixaria de existir. Mas isto não acontece; é o mesmo homem que foi dormir, que retorna dele. Se ele fosse apenas a mente, então no sono profundo ele deixaria de existir, pois mesmo a mente não funciona então, mas isto também não acontece. Portanto nós somos forçados a concluir que o homem não é apenas um ser psicofísico, porém algo mais. A consciência que este ser psicofísico reflete, que dá a ele sua identidade, não é sua própria, mas do Espírito Interno, que é chamado Atman em sânscrito. As escrituras Hindus dizem que Ele é da natureza de *Sat, Chit e Ananda*, isto é, Existência, Conhecimento e Bem-aventurança Absoluta. Quando este Ser é realizado em sua forma mais pura ele é idêntico com Brahman, de quem toda a criação emanou, em quem ela existe e à quem retornará. Os Upanishads são enfáticos e sem ambiguidade em sua proclamação: "Aquilo que é infinito é apenas bem-aventurança; não há felicidade no limitado; no infinito apenas está a bem-aventurança, portanto deve-se indagar sobre o infinito apenas".[17] Nesta palavra 'limitado' usada pelo Upanishad está incluído tudo que não é Brahman, mesmo os elevados céus. Estes céus são lugares de gozo e sujeitos à destruição como tudo mais que é criado; além disso, os prazeres que se gozam nestas regiões engendram novos desejos. E desejo significa sofrimento, e jamais o sofrimento foi vista gerando felicidade neste mundo.

Portanto o Kathopanishad declara: "A eterna bem-aventurança pertence a aqueles sábios que veem que aquele Único Senhor, - que permeia tudo, é independente, e que se manifesta em diferentes formas, - residindo em seus

corações, e a ninguém mais. Somente a eles pertence a paz eterna que percebe o Senhor – que é o eterno em meio ao efêmero, que é o único dispensador dos frutos das ações dos muitos – como residindo dentro de seus próprios corações e a ninguém mais."[18]

Quem pode realizar este Atman, ou em que estado nos tornamos completamente bem-aventurados? Este estado é realizado quando não se vê um segundo ser, não se ouve um segundo som, não se conhece uma segunda coisa, ou seja, quando tudo neste mundo que existe como nome e forma mergulha dentro Daquele. Em outras palavras quando se realiza a identidade com Brahman; quando desidentifica-se do corpo, dos sentidos e da mente, ou como Swami Vivekananda costumava dizer, quando nos des-hipnotizamos.

Como pode o Atman ser realizado? As Escrituras dizem: "Ele deve ser ouvido, cogitado, e então meditado".[19]

Deve-se ouvir sobre Ele de uma pessoa competente, o acharya, porque somente ele pode expor o significado dos textos das Escrituras autenticamente; somente ele pode nos mostrar o caminho correto. O próprio Shruti declara: "Quando uma pessoa inferior fala do Ser, Ele não pode ser adequadamente conhecido, pois é pensado de vários modos. Mas quando é ensinado por aquele que se identificou com Ele, não restará nenhuma dúvida com relação a Ele." Após ouvir de uma pessoa competente deve-se tentar pensar sobre o que escutou e então meditar sobre o Atman como ensinado pelo mestre.

O que se consegue quando se realiza o Atman, o Ser Eterno? Uma vez que esta realização seja nossa, as escrituras dizem que veremos aquele Ser Eterno, nosso próprio Atman, manifestado em toda parte e toda ilusão e todo sofrimento desaparecerão. O Bhagavad Gita diz: "Atingindo o qual, não se considera que haja nada mais elevado à ser atingido e estabelecido no qual, não se é abalado nem mesmo pelo maior dos sofrimentos."[20]

Contudo, deve ficar claro que esta bem-aventurança não é alcançada apenas por aqueles que trilham o caminho do conhecimento, mas pode ser experimentada também por aqueles que seguem o caminho de bhakti. Eles também experimentam aquela bem-aventurança sem limites na proximidade de seu Ideal Escolhido. Um devoto da Divina Mãe, como Ramprasad, sempre imerso na bem-aventurança, cantou e dançou em Seu nome e permaneceu sempre livre. Na totalidade de seu coração ele cantou: "Uma pessoa que tem como sua Mãe, a Bem-aventurada, não pode viver no sofrimento! A Divina Mãe o mantém feliz neste mundo e no próximo". Santos em toda a Índia, que adoraram a Deus com formas alcançaram este bendito estado. Ele não é propriedade exclusiva de nenhuma seita ou classe da sociedade. Todos, onde quer que estejam colocados, podem lutar por ele. A

este respeito, a afirmação dada por Sri Krishna é muito encorajadora: “Se mesmo a mais malvada pessoa Me adora com devoção única, deve ser considerada como piedosa, porque tomou uma resolução correta. Breve se tornará virtuosa e atingirá a paz eterna; saiba com certeza, ó filho de Kunti, que Meu devoto jamais é destruído”.[21]

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

[2] Katha Upanishad, I.ii.5&6

[3] Gospel of Sri Ramakrishna, Traduzido por Swami Nikhilananda, publicado pelo Ramakrishna Vivekananda Centre of New York, edição de 1942, pgs. 86-87.

[4] Katha Upanishad, II.i.1

[5] Vairagyashatakam 7

[6] Bhagavad Gita, V.22

[7] Gospel of Sri Ramakrishna, pg.165

[8] Chandogya Upanishad, VII.i. 1-3

[9] Castidade, continência.

[10] Shevetashvatara Upanishad II.5 & III.8

[11] Vivekachudamani 86

[12] Bhagavata XI.v.20

[13] Ibid.XI.iv.29

[14] Katha Up.I.ii.2

[15] Gospel of Sri Ramakrishna, p.268

[16] Ch.Up. VIII.iii.2

[17] Ibid.VII, xxivi.1

[18] Katha Up.II.ii.12&13

[19] Br.Up.II.iv.5.

[20] Bhagavad Gita VI.22

[21] Ibid IX, 30, 31

O Livre Arbítrio e a Vontade Divina

(1979)

Swami Paratparananda

É comum o conceito de que o homem tem livre arbítrio ou vontade livre, que possui a faculdade de agir por reflexão e escolha. Se bem que não podemos negar este conceito tampouco podemos aceitá-lo em sua totalidade como verdade. Por que não podemos assegurar de um modo ou de outro? Por que vacilamos entre aceitá-lo ou rechaçá-lo? Primeiro vamos estudar a definição de livre arbítrio. Significa a faculdade de agir por reflexão e escolha, independente de outros fatores, como por exemplo, a inclinação natural. Os filósofos hindus chamam a esta "faculdade de discernir e decidir", em sânscrito, buddhi. Segundo eles esta é uma das partes, por assim dizer, do antahkarana, sentido interno do homem, cujas outras partes são: manas (mente), chitta (substância mental), e ahankara (ego). Talvez seja necessário aqui explicar as funções ou poderes destas partes do instrumento interno para compreendê-lo melhor. Manas é que recebe todas as impressões dos objetos que os sentidos lhe apresentam, mas não decide se deve perseguir, aceitar ou rechaçar tais objetos. Neste momento intervém o buddhi (intelecto), a faculdade de discernir, e decide o que vai fazer. Chitta é o depósito das tendências inatas e das impressões que o homem vai recebendo através desta vida. Qualquer experiência ou impressão que o intelecto recebe, ao reflexionar, compara com as que já estão armazenadas no chitta e vê qual foi o resultado desta experiência no passado, antes de decidir. O ahankara (ego) é o que pensa que é o agente. Este é o significado literal da palavra ahankara: "aquele que diz: 'sou o agente'". Todos estes são apenas instrumentos, pois não têm poder algum se a consciência do homem não está unida à eles.

A primeira objeção que se pode formular contra esta teoria do livre arbítrio é: Como pode um instrumento ser livre? Se isto fosse certo, então a pena do escritor, o pincel do pintor, o formão do carpinteiro, o cinzel do escultor, a marreta do ferreiro e outras ferramentas semelhantes teriam trabalhado por si sós. A isso se pode responder: não é ao próprio instrumento que nos referimos aqui, senão a faculdade ativada pela consciência. Então respondemos: neste caso não é que o arbítrio ou vontade sejam livres, senão a pessoa que os possui. Neste conceito também há uma trava, pois para a maioria da humanidade sua personalidade significa no máximo a identificação com o ego, o "eu". Surge então a pergunta: O ego é livre? O "ego", segundo o monista, é uma falsa identificação do Ser ou Atman com a mente, corpo ou sentidos segundo as circunstancias ou momentos, devido à ignorância da realidade. Como pode ser livre o que está sob o encanto da ignorância? No entanto isto é exatamente o que acontece: quando estamos vendo magia vemos somente as

coisas que o mago quer que vejamos ainda que não existam, e pensamos que são reais. Neste momento não nos damos conta de que são irreais ou ilusórias. Assim mesmo, os que estão a favor desta idéia de livre arbítrio não vão discutir ou raciocinar deste modo; eles gostam da idéia e a aceitam. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida diária. Um homem que realmente possua este livre arbítrio não teria que desanimar-se pelas circunstâncias adversas. Teria que cumprir com todas suas resoluções e não deveria preocupar-se nem perturbar-se pelos resultados. Mais ainda, deveria manter-se calmo até mesmo quando o resultado fosse desfavorável. Por acaso o homem que aceita esta teoria do livre arbítrio pode enfrentar todas as circunstâncias com calma, pode levar a cabo todas suas resoluções? Isto é muito importante; isto é o que realmente vale: pois a meta final do homem é chegar a ter a tranquilidade, a paz duradoura. Todos seus esforços e lutas são para alcançar este estado de equanimidade, de bem-aventurança. O conceito de livre arbítrio também se originou daí, ter a liberdade de atuar e desfrutar. Pergunte-se se duvidam disto: Por que quero a liberdade? Porque só nela está a paz e a felicidade. Na prisão, na limitação, na sujeição, existem muitas obrigações que nos impelem a atuar e a nos comportar contra nosso desejo e vontade, apesar de nós mesmos. Além disso, estamos inibidos pelas circunstâncias e induzidos a atuar por nossas tendências inatas.

Quando a situação é assim, ou seja, tendo tantos impedimentos e limitações, como pode alguém pensar que é livre? Realmente não podemos. Para verificar isso não necessitamos indagar muito; tratemos de desfazer-nos de um mau hábito e cultivar outro bom, então veremos se realmente temos o livre arbítrio.

Fazemos boas resoluções pela manhã, mas à tarde todas elas, na maioria de nossos casos, são varridas pela corrente dos hábitos e não fica nenhuma; e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano. Passam os anos e as boas resoluções ficam sem cumprir-se, sem podê-las levar a cabo. É essa a indicação do livre arbítrio? Vemos assim que o arbítrio não é tão livre quanto acreditamos.

Na definição do livre arbítrio que já citamos encontramos duas palavras: reflexão e escolha. Reflexão significa, segundo o dicionário, exame cuidadoso de algo. Se o homem fosse guiado pela reflexão, como poderia atuar mal, como poderia, conscientemente, convidar a desgraça e os sofrimentos, produto de suas obras? Por isso temos que admitir que as tendências herdadas das vidas passadas têm muito a ver com o comportamento de cada indivíduo. Não obstante, existe essa idéia no homem e Deus a permitiu para que atue como um incentivo à ação. Se tudo fosse automático, se não existisse este impulso, não haveria nenhuma evolução no homem, talvez o ser humano fosse ainda hoje tão primitivo em seus hábitos, costumes e moralidade como era na época paleolítica, vivendo nas cavernas e movido somente pelas paixões e instintos como os animais. O homem é homem porque pode lutar contra a natureza externa e interna. Tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio certa vez disse: “Foi Deus quem plantou na mente do homem o que o ‘inglês’

chama de livre arbítrio. As pessoas que não alcançaram Deus se meteriam em atos ainda mais daninhos se Ele não houvesse semeado esta noção do livre arbítrio neles. O pecado haveria aumentado se Deus não houvesse feito sentir ao malvado que só ele é o responsável por seus atos pecaminosos. Os que alcançaram à Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é uma mera aparência e que na realidade o homem é a máquina e Deus o Maquinista, o homem é a carruagem e Deus o condutor."

Também podemos ver que as leis não teriam sentido se cada um não fosse feito responsável por suas ações e tudo seria, nesse caso, um caos, um pandemônio. Como exemplo desta atitude de irresponsabilidade podemos ver o que ocorre com as pessoas que interpretam erroneamente a teoria do karma. Se alguém lhes pergunta que significa esta teoria não podem dar uma resposta convincente, só vão dizer que é o resultado das ações de vidas anteriores. Não se detêm a pensar quem foram os que fizeram estas ações no passado cujo resultado estão agora desfrutando ou sofrendo. Cada um colhe o que semeou ou semeia, ou seja, o fruto de suas próprias ações e não as de outro. Na terra pode administrar-se equivocadamente a justiça, pois o juiz tem que depender das provas e testemunhos diante ele. Mas Deus, estando presente no coração de todos e sendo Ele mesmo a Testemunha de todas nossas ações, inclusive a mais oculta que o homem possa fazer, jamais se equivoca. Só os débeis, ociosos e ignorantes não querem perseguir esta linha de raciocínio, pois então se encontrarão com a seguinte questão: se as ações das vidas anteriores produziram estes frutos, por que não esforçar-me para mudar o modo de minha vida atual e moldá-la melhor para o futuro? O homem tem certa liberdade, é por isso que não podemos negar totalmente o conceito do livre arbítrio.

Mas devemos repetir que o homem não tem uma liberdade total. Vamos narrar aqui uma estória que se encontra no Kena Upanishad: Certa vez Brahman conseguiu que os devas, seres celestiais, vencessem aos demônios. Os devas se orgulharam disso e acreditaram que foi por seus próprios esforços que haviam logrado esta vitória. Brahman, dando-se conta disto, apareceu diante dos devas na forma de um Espírito. Curiosos para saber quem era este Espírito, os devas enviaram a Agni, a divindade do fogo. Quando este se lhe acercou, o Espírito lhe perguntou: "Quem és?" "Sou a divindade do fogo,' respondeu o deva. "Que poder tens?" perguntou o Espírito. "Ah, eu posso queimar tudo quanto existe na terra," respondeu Agni. O Espírito então colocou diante de Agni uma simples palha e lhe pediu que a queimasse. A divindade do fogo tentou fazê-lo com toda a sua força, mas não conseguiu. Humilhada, voltou para os devas. Depois enviaram Vayu, a divindade do vento, com o mesmo resultado. Por mais que tenha se esforçado para levar a palha soprando não pôde nem movê-la. Desta maneira, um por um, os devas se apresentaram diante do Espírito, fracassaram em comprovar suas respectivas forças e voltaram humilhados. Ao final quando Indra, o rei dos devas, se adiantou, o Espírito desapareceu e em seu lugar apareceu uma mulher belamente adornada. Era Uma, a Força Cósmica. Indra se aproximou e lhe perguntou: "Quem é este Magno Espírito?" Respondeu Ela: "É Brahman. Foi por Sua força

que vocês tiveram a glória.” Aqui vemos que toda a força, até a dos seres celestiais, depende da força de Deus e que os vários devas ou deuses são apenas Seus instrumentos. Lemos nos Upanishads: “Por Sua força o fogo queima, o vento sopra, a água molha e a morte cumpre sua função.”

Certa vez Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, relatou este incidente de sua própria vida falando sobre o problema do livre arbítrio. Em sua juventude era um estudante de medicina e como outros jovens daqueles dias, ao final do século dezenove, era cético, não acreditava na existência do Ser ou Deus. Certo dia este jovem foi visitar Sri Ramakrishna e lhe falou do livre arbítrio, dizendo: “Senhor, onde intervém a vontade de Deus? Eu posso fazer tudo que quero. Estou fazendo ensaios e qualquer coisa que quero fazer, consigo.” Sri Ramakrishna lhe aconselhou que seguisse esta mesma linha de pensamento durante um tempo e observasse o que ocorresse. Mais ou menos um mês depois o jovem voltou a visitar o Mestre e lhe disse: “Senhor, descobri algo; estive observando-me estes dias e vejo que agora não posso fazer nada por minha própria vontade, nem sequer a coisa mais insignificante; antes podia fazer grandes obras. Não compreendo, estou confuso.” Sri Ramakrishna lhe disse que escutasse com atenção a canção que ia cantar, a aprendesse de memória e meditasse sobre seu significado todos os dias. Em seguida cantou:

Tu és meu Tudo em Tudo, oh Senhor – a Vida de minha vida, meu ser mais recôndito;
Não tenho a ninguém nos três mundos senão a Ti, a quem chamar meu.
Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança; Tu, meu sustém, minha riqueza, minha glória;
Tu és minha sabedoria e minha força.
Tu, meu lar, meu lugar de descanso; meu amigo mais íntimo, meu parente mais próximo;
Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação.
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu meu sempre bondoso Guru;
Tu és a Fonte de minha bem-aventurança sem limite.
Tu és o Caminho; Tu, a Meta, Tu, oh adorável Senhor!
Tu és a Mãe de terno coração, Tu, o Pai que castiga,
Tu, o Criador e Protetor; Tu, o Timoneiro que guia
Minha barca através do mar da vida.

Swami Saradananda seguiu as instruções de seu Mestre e como conseqüência pode resolver todas suas dúvidas. Vemos nesse relato que o ser humano tem certa liberdade de atuar, mas não é total. O homem tem que depender da vontade divina para lograr êxito na vida, especialmente na vida espiritual.

Agora vejamos, de onde surgiu esta idéia de liberdade, ou seja, a idéia do livre arbítrio? Sabemos que existem algumas noções fundamentais no homem, por exemplo, a vida eterna, a felicidade absoluta e a liberdade total. O monista diz que esta é a natureza do Atman, a essência do homem. Portanto não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que esteja submetido à

ignorância, por mais que esteja impedido pelos upadhis, as limitações, como corpo, sentidos e mente. Assim como um homem que teve um pesadelo continua assustado por um tempo mais, mesmo depois de despertar-se, da mesma forma a natureza interna do homem, ainda que coberta por pesadas incrustações, persiste em afirmar-se de alguma maneira. E a idéia do livre arbítrio é uma delas.

A questão que agora se apresenta é: Por que não chamar de livre o que já é? Não vamos confundir uma coisa com outra. É certo que o Ser é livre; mas no estado em que esse Ser se identifica com o corpo. O Ser não tem nenhuma ação que empreender, nada para alcançar; o que falta para alcançar aquele que já é eterno, imaculado, iluminado e livre por natureza? Nada. E toda ação se faz com um propósito, quer seja satisfazer uma necessidade ou cumprir um desejo. É claro que um ser que alcançou a Deus, que O viu cara a cara é uma exceção a esta regra, como é o caso das Encarnações Divinas. Estes seres vêm a terra para redimir a humanidade, para mostrar-lhe o caminho; não têm nenhum motivo pessoal. Sri Krishna declara no Bhagavad Gita: "Oh Arjuna, não tenho nos três mundos nenhum dever que cumprir, nem falta nada para alcançar que não tenha alcançado; no entanto Me ocupo na ação." Todos os outros, salvo estes seres excepcionais, são movidos por algum motivo pessoal, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como alcançar a Deus, lograr bhakti (devoção) são bons e não prendem os homem a este mundo, não os fazem continuar na ronda de nascimentos e mortes. Pelo contrário, os ajudam a ser mais e mais livres, à medida que se vão fortalecendo. Os motivos baixos, que são na sua maioria egoístas e que consistem na satisfação dos desejos de gozo mundano, não nos liberam, pelo contrário, adicionam um elo a mais na corrente das nossas amarras. Vemos assim que o próprio fato de estar ocupado na ação, repetimos, salvo nos casos excepcionais já mencionados, implica imperfeição. Como pode haver perfeição em um estado imperfeito? Todos nós viemos aqui a terra porque somos imperfeitos, porque temos vários desejos insatisfeitos. Em tal estado não existe um arbítrio totalmente livre. Um homem pode satisfazer seus desejos e como conseqüência dos transtornos e sofrimentos que padece, é possível que se dê conta da vacuidade de todo gozo mundano e lute para escapar das garras mortíferas do desejo e alcançar a perfeição. Mas não devemos confundir a pouca liberdade de vontade que gozamos com a perfeição, ou plena liberdade. Na maioria das vezes isto é o que acontece: consideramos que como Ser somos livres e ao mesmo tempo o confundimos com o corpo, sentidos ou mente, querendo ver perfeição no imperfeito, melhor dizendo, vendo o imperfeito como perfeito.

Pela graça divina esta confusão não dura para sempre, as dificuldades e o sofrimento que sofremos nos ensinam algo cada dia e gradualmente chegamos a conhecer que o que havíamos considerado como nosso Ser não o era e chamá-lo livre foi um erro. Mas este firme conhecimento vem quando se alcança a Deus; até então, ainda que de vez em quando se tenha um vislumbre dele, se perde em seguida e volta a cometer o erro anterior. Por isso devemos ter esta firme convicção de que o arbítrio não é totalmente livre ainda que tenha

uma aparência de liberdade. Sri Ramakrishna explica isto com um exemplo muito simples: Uma vaca está amarrada a um poste em uma em uma grande pradaria com uma corda longa. A pradaria é infinita e cheia de pasto verde. A vaca pode mover-se livremente dentro da área representada pelo círculo com a extensão da corda como raio e nem um pouco mais. Se agradar ao dono, ele pode aumentar a corda e permitir que a vaca possa pastar sobre um espaço maior. A vaca pode pensar que é livre, mas se dará conta de que não é, quando queira ir além do que a corda amarrada ao seu pescoço lhe permita, pois sentirá o puxão. A vontade do homem também é exatamente igual, lhe foi outorgada certa liberdade, mas não mais.

A impotência humana ante suas debilidades é óbvia na pergunta que um herói como Arjuna faz: "Então, movido por qual força comete um homem más ações, ainda que não queira, como se fosse obrigado?" Sri Krishna responde: "É este desejo, esta ira, originado de rajas, é voraz e malvado; conhece-o como teu inimigo aqui." Sri Krishna não distingue o desejo e a ira como sentimentos separados, pois o segundo é o efeito do desejo obstruído, por esta razão usa o verbo no singular. Onde está o livre arbítrio quando se move constantemente com tanta facilidade ao ser atacado pelos desejos e paixões? Damos-nos conta de nossas limitações só quando as tormentas dos fracassos agitam nossa barca neste mar da vida. Um jovem, são, rico e poderoso não o sente, pensa que é supremo. Inclusive as pessoas avançadas na idade que não padeceram nenhuma grande calamidade custa a entender isso. Mas chega o momento na vida de cada um em que tem que encarar a vida com é e não como um sonho prazeroso. Só existe uma vontade que é livre e essa é a do Altíssimo. Aquele que se submete à vontade de Deus atravessa sem muito dano as tormentas e dificuldades.

Conta-se uma estória na Índia: Havia um yogui, que certa vez estava parado na praia, quando se levantou um vendaval. Ele viu um barco que ia sendo levado pelos fortes ventos. O yogui havia adquirido alguns poderes sobrenaturais, podia controlar até os elementos da natureza. Movido pela compaixão pelos passageiros deste barco, exclamou: "Que se acalme a tormenta" e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento se acalmou de repente, o barco afundou causando a morte de todos a bordo. Sem dúvida o yogui tinha boa intenção, mas sua visão era limitada, não podia ver além das aparências. Assim são os juízos do homem, propensos à equivocação. Portanto é necessário que tratemos de conformarmos com a vontade de Deus. Sri Ramakrishna ensinou uma parábola sobre a vontade de Rama, que ilustra esta idéia de submissão à vontade divina. Havia um tecelão, um grande devoto, que cumpria com todo o dever que lhe correspondia e ao mesmo tempo recordava a Deus. Até em seus negócios via a vontade de Rama, seu Ideal escolhido. Era honesto e por conseguinte as pessoas tinham confiança nele. Aos que iam comprar tecidos lhes dizia: "Pela vontade de Rama o valor do fio é tanto; pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o ganho é tanto." As pessoas da aldeia lhe queriam. Certa noite, quando não podendo dormir estava sentado no oratório de sua casa pensando no Senhor, alguns

ladrões, que necessitavam de um homem para carregar o que iam roubar, o levaram a força. Depois cometeram um roubo em uma casa e puseram a carga roubada sobre a cabeça do tecelão. Nesse momento chegou a polícia, os ladrões fugiram, mas o tecelão foi capturado e levado para a cadeia. No dia seguinte foi levado diante do juiz para ser julgado. Os aldeões se inteiraram do que havia acontecido e foram ao tribunal. Disseram ao juiz: “Sua Senhoria, este homem jamais pode cometer um roubo.” O juiz pediu ao tecelão que fizesse sua declaração. O homem disse: “Sua Senhoria, pela vontade de Rama acabara de jantar a noite. Depois, pela vontade de Rama estava sentado no oratório. Era noite avançada, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama estava pensando em Deus e cantando Seu Nome e Suas Glórias, quando pela vontade de Rama, passou por ali um bando de ladrões. Pela vontade de Rama me levaram a força com eles. Pela vontade de Rama cometeram roubo em uma casa e pela vontade de Rama chegou a polícia e pela vontade de Rama fui preso. Depois, pela vontade de Rama a polícia me prendeu durante a noite e esta manhã, pela vontade de Rama, fui trazido diante de Sua Senhoria.” O juiz se deu conta de que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua liberdade. Em seu caminho de regresso à casa, o tecelão disse aos seus amigos: “Pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.”

Mas este tipo de submissão à vontade divina não se obtém de repente, mas pela longa prática de disciplinas espirituais e levando uma vida de pureza e abnegação. Também tem que haver conformidade entre o que se diz, faz e pensa. Esta pessoa é chamada de grande alma. Se pudermos seguir este princípio, gradualmente poderemos nos desfazer de nosso ego e submeter-nos à vontade de Deus.

Qual é a utilidade desta submissão? Não se parece com escravidão? Falamos menosprezando as pessoas que se submetem à vontade divina ou nos sentimos rebaixados ao mero pensar que temos que aprender a submeter-nos a ela, mas não nos sentimos humilhados quando temos que adaptar-nos à vontade de pessoas de quem esperamos beneficio material. E neste caso, o que ganhamos? Intranquilidade e sede, desejo de ter mais e mais bens, enquanto que a submissão à Deus tira a agitação e traz a paz. Nada perturba a pessoa que se submeteu à vontade de Deus, como vimos no caso do tecelão da parábola. Se pode argumentar que isto é apenas uma estória e que não há certeza de que tal acontecimento aconteceu alguma vez. No entanto, têm existido pessoas em todo o mundo cuja vida está bem refletida nesta parábola; mas eles não fazem demonstração de sua santidade ou de suas nobres qualidades. Essas pessoas se entregam por completo à vontade divina, não porque esta seja inevitável, mas porque sentem alegria em fazê-lo, sabendo que a bem-aventurança depende desta entrega. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Assim como uma pessoa que confia seu negócio à um bom homem pode estar tranqüilo, do mesmo modo aquele que se entrega totalmente à Deus pode estar seguro de que não vai lhe acontecer nenhum mal, que o Senhor lhe vai cuidar bem.”

Enquanto acreditamos que somos entidades separadas com distintas vontades, estaremos pensando cada um em nosso próprio interesse: os deveres,

desejos e ambições. E enquanto existam estes variados interesses haverá conflito e brigas. E as vontades que levam ambições não podem ser livres, já que uma vai limitar a outra. E a menos que todos os pensamentos fluam em uma só direção, para Deus, não pode haver união da [nossa] vontade com a [vontade] de Deus. E sem conseguir que essa união seja estabelecida não haverá término á insegurança e às paixões.

Tratemos de cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços para chegar a Ele; pois todos os grandes mestres espirituais afirmaram que a graça de Deus é imprescindível para o progresso espiritual do homem.

Que o Senhor nos outorgue confiança Nele para que possamos alcançá-Lo e terminar com este círculo de nascimentos e mortes!

O QUE É A VEDANTA

Swami Paratparananda[1]

27/11/1972

O significado da palavra Vedanta é: "parte final dos Vedas". Os Vedas são os livros sagrados dos Hindus; a palavra *Veda* em sânscrito significa "A Sabedoria". Podem-se dividir os Vedas em duas partes, a primeira compreende os hinos que são designados como *Samhita* e os textos sobre os métodos dos rituais e sacrifícios, que se chamam *Bráhmanas*; a segunda parte constitui a filosofia ou Conhecimento, os *Upanishads*. Toda a filosofia Hindu está baseada nos *Upanishads*, que geralmente se designa como Vedanta. Ainda que a palavra Vedanta denote a última parte dos Vedas, nem todos os *Upanishads* se encontram na parte final destes. Alguns se encontram nos *Bráhmanas*, ou parte ritual dos Vedas. Por exemplo, o *Isha Upanishad* forma o capítulo quarenta do *Yayur Veda Samhita*. Há outros *Upanishads* que são independentes, ou seja, não estão incluídos nem nos *Bráhmanas* nem em outras partes dos Vedas, no entanto não existe nenhuma razão para supor que são completamente independentes das outras partes, pois sabemos que muitos textos se perderam. Portanto é muito possível que os *Upanishads* independentes pertenceram a alguns *bráhmanas* que com o passar do tempo deixaram de ser usados, enquanto que os *Upanishads* permaneceram.

Vedanta é ao mesmo tempo uma filosofia e uma religião prática. Na Índia filosofia como mero intelectualismo não tem muita importância; para os hindus a filosofia deve ser prática, que possa ser praticada na vida diária. Deve ser útil para o homem comum para formar sua vida neste mundo e elevar-se ou unir-se com deus. Também a religião para eles não significa meramente crer em alguns dogmas ou credos, senão levar à prática as crenças.

Swami Vivekananda disse: "As primeiras ideias religiosas começam com a de Deus". Aqui está o universo e é criado por um Ser. Tudo o que se encontra neste universo foi criado por Ele. Junto com essa ideia, em uma etapa posterior, chega a [ideia] da alma – de que existe este corpo e existe também dentro dele algo que não é o corpo. Esta é a ideia mais primitiva que conhecemos da religião. Podemos achar alguns seguidores dela na Índia, mas foi descartada há muito tempo. As religiões

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

na Índia começam de um modo particular. Só mediante aguda análise e muita conjectura podemos pensar que aquela etapa existiu nestas religiões. O estado tangível em que as achamos é a etapa seguinte, não a primeira. Na mais antiga etapa a ideia de criação é muito peculiar e é que todo o universo foi criado do zero, segundo a vontade de Deus; que não existia este universo e do nada foi gerado. Na etapa seguinte encontramos que esta conclusão é duvidosa. Como pode ser produzida a existência da inexistência? É o primeiro passo da Vedanta. Se este universo é existente, deve ter sido gerado de algo, porque é fácil ver que nada se cria do nada em nenhuma parte. Se quisermos construir uma casa são necessários materiais que já existam; se vemos um bote podemos concluir que sua matéria prima já existia previamente. Portanto naturalmente a primeira ideia de que este universo foi criado do nada foi rechaçada, mas faltava conhecer o material com que foi criado este mundo. Toda a história da religião, na realidade, é a busca deste material.

"De que foi produzido tudo isto? De quê, Deus criou tudo?" Todas as filosofias, por assim dizer, giram ao redor desta questão. Uma solução é que a natureza, Deus e o ser individual são existências eternas como se fossem três linhas paralelas que correm eternamente, das quais a natureza e a alma [ser individual] compõem o que se chama de dependentes de Deus, que é por sua vez, a Realidade independente. Cada alma, da mesma forma que cada partícula de matéria, depende por completo da vontade de Deus.

Contudo todos os vedantistas têm uma psicologia comum; quaisquer que sejam suas filosofias, sua psicologia é a mesma, a *Sankhia*. Segundo esta, a percepção é causada pela transmissão das vibrações que chegam primeiro aos órgãos externos dos sentidos, daí aos [órgãos] internos, em seguida à mente, daí chegando ao *buddhi* ou intelecto e em seguida ao Atman, ao Ser.

Este Ser é potencialmente divino e eterno. No entanto, achamos três aspectos da Vedanta em sua filosofia segundo seu conceito do Ser, a saber, dualismo, monismo qualificado e monismo puro, ou melhor, não-dualismo, já que em sânscrito *advaita* significa não-diversificação. O primeiro considera que existe distinção perceptível entre a alma, ou ser individual, a natureza e Deus. Isto é, que a alma sempre permanece separada de Deus durante a eternidade, que a alma, ou *jiva*, é pequena, impotente, sempre dependente de Deus. O segundo, ou seja, o monismo qualificado, considera a natureza e a alma como o corpo de Deus; as almas nunca estão separadas de Deus, são partes Dele. Quando se liberam permanecem em Sua presença e gozam da bem-aventurança eterna.

Em troca, o não-dualismo insiste em que *Brahman* ou Deus não é distinto do ser individual, que não existem muitas almas, que é a

ignorância ou *maya* que projeta a multiplicidade que vemos no mundo. Tudo o que existe – segundo eles [os não-dualistas] – é a manifestação de Deus; o ser individual é idêntico à *Brahman*. Para ilustrar como chegamos a considerar o mundo como algo distinto de Deus, dão o exemplo bem conhecido, da serpente sobreposta em uma corda na escuridão. Um homem na escuridão se equivoca e vê uma serpente em uma corda que está no caminho e se espanta; mas depois quando alguém lhe assegura que não há serpentes nesse lugar e levando uma lanterna lhe mostra a corda, compreende que estava iludido. Da mesma forma, sob o feitiço de *maya*, ou ignorância, o ser humano considera todo o manifestado como distinto de Deus, mas quando logra desfazer-se da ignorância percebe que não existiu nada senão Deus todo o tempo; que era sua ignorância sobre a realidade que produziu esta ilusão da multiplicidade. Também dão o exemplo da miragem: um homem sedento em um deserto avista um oásis de árvores com frutas suculentas e um lago de água limpa e se apressa a chegar lá, no entanto quanto mais avança em sua direção o vê cada vez mais distante. E aquele que conhece este fenômeno, depois de um tempo se dá conta disto. E assim que o descobre não se deixa enganar mais. No entanto, enquanto se encontra no deserto o fenômeno volta a aparecer diante dele. Mas todas as vezes que aparece, ele sabe que é uma ilusão e não se torna mais sua vítima. Da mesma forma, aquele que realizou e viu intimamente a Deus, a Realidade, não se deixa levar pelo encanto da multiplicidade. Então, sabe que a Realidade, a Existência, é única. E tudo aparece como real por causa dessa Existência que está por trás de tudo. Este aspecto se chama em sânscrito *Advaita*, ou não-dualismo.

Podemos considerar a todos estes aspectos como etapas progressivas. O homem comum que está consciente de seu corpo e da multiplicidade, que se considera como um indivíduo separado dos demais e, no entanto anela por ver a Deus, não pode seguir o aspecto do não-dualismo. A maioria da humanidade é incapaz de compreender a altíssima filosofia do não-dualismo, porque nela se apresenta a Realidade, a Existência, como Absoluta, Abstrata, sem forma. O homem comum necessita de um Deus Pessoal para fixar sua mente. Para isso não há melhores exemplos que as Encarnações Divinas. Não se pode imaginar um Deus Pessoal mais excelso que aquele que se manifesta como Deus-homem. A mente humana, circunscrita como está por suas debilidades, não pode conceber um ser mais eminente que a Encarnação Divina. Nela se percebem com maior claridade as maiores virtudes e qualidades. A compaixão e o amor sem motivo transbordam de Seu coração para todos os seres vivos; Ela é a personificação da Verdade e de outras magnas qualidades. Por conseguinte, a adoração das Encarnações Divinas é conceituada como igual à de Deus.

Todos os vedantistas estão de acordo sobre três pontos. Creem em Deus, nos Vedas como revelações divinas e nos ciclos. A crença sobre os ciclos é a seguinte: toda matéria em todo o universo é o resultado visível da matéria primária chamada *akasha* e toda força, seja gravitação, atração ou repulsão, ou vida, é a consequência de uma força primária chamada *prana*. O *prana*, atuando sobre o *akasha*, cria ou projeta o universo. Ao começo de um ciclo o *akasha* está imóvel, não-manifestado; em seguida o *prana* atua mais e mais, projetando formas mais e mais densas do *akasha*: as estrelas, as plantas, animais e seres humanos. Depois de um tempo incalculável esta evolução cessa e começa a involução. Tudo se transforma pouco a pouco em formas mais e mais finas, sutis, até que tomam a forma original de *akasha* e *prana*. Em seguida começa um novo ciclo. Há algo que está além de *akasha* e *prana*; estes dois podem transformar-se em um terceiro elemento chamado *mahat*, a Mente Cósmica. Esta não cria o *akasha* e o *prana*, senão que se converte por si mesma neles. Este processo de ciclos segue eternamente, começa com a projeção que chamamos criação, em seguida a dissolução; depois de um período de não-manifestação, começa novamente a projeção.

Vamos falar agora da psicologia *sankhia*. Segundo ela, na percepção, por exemplo, no caso de ver algo, primeiramente existem os instrumentos da visão, os olhos; por trás dos instrumentos está o órgão correspondente ou *indrya* - o nervo ótico e seu centro no cérebro – que não é o instrumento externo, mas sem o qual os olhos não podem ver. Porém se necessita mais para ter a percepção. A mente deve colocar-se em contato e prender-se a este órgão; além disso, é necessário que a sensação chegue ao intelecto ou *buddhi*, a faculdade determinativa da mente. Quando chega a reação de parte do intelecto, junto com ela aparece o mundo externo e o ego, mas o processo ainda não está completo. Todas as ideias na mente devem ser unidas e projetadas sobre algo que permanece sem movimento, ou seja, sobre o que é chamado de Alma, ou Purusha ou o Atman.

Segundo a psicologia *sankhia*, o estado reativo da mente chamado *buddhi* ou intelecto, é o resultado da mudança ou certa manifestação do Mahat ou Mente Cósmica. O Mahat se transforma em pensamentos vibrantes e estes em parte se convertem em órgãos sutis e em parte se transformam nos cinco elementos sutis, a saber: espaço, ar, fogo, água e terra. Devido à combinação destes últimos, é produzido todo o universo. Além do Mahat está o Aviakta, o não-manifesto, onde nem a manifestação da mente está presente. Só existem as causas. Também é chamado de *Prakriti*. Além desta *Prakriti* e eternamente separado dela, está o *Purusha*, a alma dos *sankhias*, que não tem atributos e é onipresente. O *Purusha* não é o ator senão a testemunha.

Os vedantistas rechaçam as ideias *sankhias* sobre a alma e a

natureza. Afirmam desde o começo que esta alma e esta natureza são uma e mesma coisa. Mesmo os dualistas entre os vedantistas admitem que Brahman, ou Deus, não é somente a causa eficiente deste universo senão também a [causa] material. Só dizem isto em palavras, mas não tentam chegar a uma conclusão. Dizem: "Existem três coisas, Deus, a alma e a natureza; a natureza e o ser individual são, por assim dizer, o corpo de Deus e neste sentido se pode dizer que Deus e o universo inteiro são uma e a mesma coisa. Mas esta natureza e estas almas diferentes, ficam separadas umas das outras através da eternidade; só no começo de um ciclo se manifestam e quando o ciclo termina voltam ao seu estado fino ou sutil".

Os não-dualistas rechaçam esta teoria da alma e constroem sua própria filosofia, sobre os ditos dos Upanishads que em sua maioria estão em seu favor. Disse um dos Upanishads: "Quando se conhece um pedaço de argila também se conhece todos os elementos feitos de argila, como por exemplo, a jarra, o prato, a taça e o pote, já que todas estas coisas não são nada mais que formas da mesma argila. Do mesmo modo, conhecendo Brahman, o Ser Supremo, o Absoluto, o Infinito, se conhece tudo, pois tudo que está manifestado são variações de nomes e formas, a realidade é só Brahman". Aqui claramente demonstra que o universo não é senão Brahman, Deus. Surgirá a pergunta: Se Deus se converteu em tudo isto, o que algebricamente podemos chamar de X, não implica que o restante de Deus seria Deus menos X? A isto os advaitistas ou não-dualistas respondem: Nada disto; todo o universo é só uma aparência, uma ilusão. Todo este universo e todas as criaturas que nascem e morrem, todo este número infinito de almas que se elevam e decaem, são sonhos; não existe nenhum ser individual. Como pode haver muitos? Tudo é a Realidade Única. Pois, disse um dos Upanishads: "Assim como o sol refletido em distintas partículas de orvalho parece como muitos e cada sol refletido nelas é uma imagem perfeita dele e sendo que, no entanto só existe um sol, desta mesma forma todos os *jivas* ou seres individuais são reflexos do Infinito nas diferentes mentes". Portanto o ser humano como corpo, mente ou alma é um sonho, sendo que realmente é a Existência, Consciência e Bem-aventurança Absoluta. Esta é a posição do não-dualista. Para nós que não transcendemos a ideia de que somos o corpo, esta posição pareceria incongruente, mais ainda, uma bobagem, mas devemos dizer que aqueles que chegaram a esta conclusão não eram charlatães senão que realizaram o que estavam dizendo. Os *rishis*, videntes que proclamam esta ideia nos Upanishads da muito antiga Índia, e os grandes mestres como Goudapada e Shankaracharya, que vieram depois, experimentaram sua unidade com o Absoluto. Na Índia talvez nunca tenha faltado seres que realizaram este estado de não-dualismo. Para os que ainda duvidam de uma experiência deste tipo

vamos citar o que aconteceu com Swami Vivekananda quando se aproximou de Sri Ramakrishna. Narendra – como se chamava Swami Vivekananda naquela época - não apenas duvidava como também ridicularizava este ensinamento. Quando Sri Ramakrishna queria ensinar-lhe um texto não-dualista[2] pedindo-lhe que o lesse diante dele, protestava dizendo: "Estes *rishis* devem ser loucos; dizem que tudo é Brahman. Isto é uma blasfêmia, pois não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não há maior pecado neste mundo que pensar em mim mesmo como idêntico com o Criador. Eu sou Deus! Você é Deus! Estas coisas criadas são Deus! O que pode ser mais absurdo do que isto? Os sábios que escreveram estas coisas devem ter sido insanos". Sri Ramakrishna se divertia diante desta atitude abertamente áspera de Naren e apenas dizia: "Pode ser que não aceites a opinião destes sábios, mas como podes insultá-los ou limitar a Infinitude de Deus? Continue rezando para o Deus da Verdade e creia em qualquer dos Seus aspectos para que Ele se revele diante de ti". Mas Narendra não se submeteu facilmente; tudo o que não estava de acordo com a razão ele o considerava como falso e era sua natureza opor-se a toda falsidade.

Como consequência, não deixava escapar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita. Mas o Mestre sabia que o caminho de Narendra era o caminho de Jnana, Conhecimento; por esta razão persistia em falar-lhe desta filosofia. Certo dia [Sri Ramakrishna] tentou fazer-lhe compreender a identidade do ser individual com Brahman, mas sem êxito. Narendra saiu do quarto e aproximando-se de Pratap Chandra Hazra – um cavalheiro que vivia naquela época em Dakshineswar – lhe disse: "Como pode ser isso? Esta jarra é Deus, esta taça é Deus, também nós somos Deus, nada pode ser mais absurdo!" E riu a gargalhadas. Sri Ramakrishna, que estava em seu quarto em um estado semiconsciente, ouvindo as risadas de Naren, saiu com sua roupa embaixo do braço, como um menino e disse sorrindo: "Olá! Do que estão falando?" E tocou a Narendra e entrou em *samadhi*, ou êxtase espiritual. O efeito do toque, Naren o descreveu assim: "O toque mágico do Mestre naquele dia, imediatamente produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Espantado, via que realmente não havia nada no universo, senão Deus; vi muito claramente, mas fiquei em silêncio para ver se a ideia durava. Mas a impressão não diminuiu com o passar do dia. Voltei para casa, mas ali também tudo o que via parecia Brahman. Sentei-me para comer e vi que todas as coisas – a comida, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – não era nada além Daquele. Comi uma ou duas porções de comida e permaneci mudo; fiquei surpreso pelas palavras de minha mãe que dizia: 'Por que está aí sentado imóvel? Termina tua comida.' Comecei

[2] Ashtavakra Samhita, também conhecido como Ashtavakra Gita (nota do tradutor).

a comer, mas todo o tempo, enquanto comia, estava deitado ou ia a Universidade, tinha a mesma experiência e sentia constantemente um tipo de estado letárgico. Enquanto caminhava pelas ruas percebia a passagem das carruagens mas não me sentia inclinado a afastar-me de seu caminho. Sentia que os carros e eu mesmo éramos de uma mesma matéria; não tinha sensação em meus membros, tanto que acreditava que estavam paralisados. Não sentia gosto pela comida, ou melhor, sentia como se alguém estivesse comendo por mim. As vezes me deitava durante a comida e depois de algum tempo me levantava de novo para continuar a comer. O resultado foi que em alguns dias comia demasiado mas isso não me fez mal. Minha mãe se assustou e disse que devia haver algo errado com minha saúde. Ela temia que eu não vivesse muito tempo. Quando esse estado mudou um pouco, o mundo começou a parecer-me um sonho. Enquanto caminhava pela praça da cidade batia minha cabeça contra as grades para comprovar se eram reais ou apenas um sonho. Este estado continuou por alguns dias. Quando me normalizei de novo me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita; então me ocorreu que as palavras das escrituras sagradas não eram falsas. Desde então não pude mais negar as conclusões da filosofia Advaita".

Uma teoria muito convincente sobre a disparidade que encontramos no mundo é a que afirma a Vedanta. É a [teoria] do Karma, que expressa que todos os seres humanos estão colhendo o que semearam, ou seja, sua condição neste mundo é o resultado de suas ações nas vidas anteriores. É ele quem fabricou seu nascimento e vida feliz ou infeliz. Somos responsáveis pelo que somos, ninguém é culpado de nosso infortúnio, mas nós mesmos. Mas não devemos confundir esta teoria com o fatalismo. Há uma ideia muito alentadora nesta teoria: se chegamos a padecer nesta vida de sofrimentos e morte como consequência de nossas ações, poderemos elevar-nos e liberar-nos mediante estes mesmos meios, ou seja, por nossos atos e pensamentos bons. A teoria do Karma é como a da ação e reação, o resultado da ação persegue ao homem até que este resultado termine. Todos os atos geram resultados bons e maus. E para desfrutar dos atos meritórios, aquele que os executa com motivo pessoal vai aos 'céus' – dizem as escrituras sagradas hindus. Mas nesse caso, os 'céus' significam apenas um lugar de gozo e quando termina o mérito dos atos, ele tem que voltar a esta terra segundo seu desejo e os deméritos das ações anteriores. Além disso, dizem: 'Só os atos dos seres humanos produzem resultados bons ou maus, mas não os [atos] dos animais, nem os [atos] dos *devas*, ou seres celestiais. Eles só colhem o que semearam'. Portanto aquele que quer liberar-se deve desapegar-se de todos os objetos mundanos, de todos os desejos.

Uma declaração maravilhosa da Vedanta se encontra no Rig Veda, que é o mais antigo de todos. Diz: "A Existência é Única, os sábios A

chamam por distintos nomes". Ou seja, Deus é Único ainda que as raças e as seitas de diferentes religiões O chamem pelos nomes que lhes agradem. Este é um fato que Sri Ramakrishna provou em sua vida. Praticou não somente as distintas disciplinas das seitas do Hinduísmo, senão também as do Islã e Cristianismo. E chegou a ter a Realização final de todas elas. Depois disse: "As várias opiniões são vários caminhos para chegar à mesma Realidade". Portanto a Vedanta não menospreza nenhuma religião, e mais, aceita a todas como verdadeiras. Tampouco quer converter a nenhum ser humano que segue uma religião, senão que o ajuda a confirmar sua fé em sua própria religião e a tirar dúvidas que prevaleçam em sua mente. É por isso que a Vedanta não tem disputas com nenhuma religião. Desde os tempos remotos a Índia deu refúgio a todos os perseguidos. Os persas – seguidores de Zoroastro – fugiram de seu país para preservar sua religião e foram recebidos com os braços abertos na Índia. Tudo o que restou de sua religião se encontra apenas na Índia. Poderíamos citar mais exemplos, mas o que dissemos é suficiente para demonstrar quão profundamente o povo hindu absorveu esta ideia de que a Existência é Única e os que os sábios A chamam por diferentes nomes.

Também podemos encontrar a base fundamental da moral no não-dualismo, ao afirmar que não existem muitas almas, todo ser vivente é Brahman. Por isso aquele que odeia o próximo, odeia a si mesmo. Se não fosse por isso, por que deveríamos andar pelo caminho reto? Ou seja, por que não roubar ou enganar as pessoas para nossa própria felicidade? Seria por medo da sociedade ou da justiça? Nesse caso quando o homem se sentisse forte ou bastante astuto, cometeria atos viciosos para apoderar-se dos bens alheios. Mas a moral baseada na consciência de que todos somos um não lhe permitirá fazer nenhum dano ou enganar a seus semelhantes.

Dissemos que a Vedanta aceita a todas as religiões como verdadeiras. Devemos notar que a palavra 'aceitação' não significa tolerância; a palavra tolerância implica algo de menosprezo ou tratar de um mal que deve suportar como inevitável. Esta não é a atitude da Vedanta. Realmente crê que todos os caminhos, quaisquer que sejam, conduzem à Realidade, à Deus, e devem ser aceitos como verdadeiros.

A Vedanta diz: "O Ser, o Atman, é imortal; não nasce, nem morre, nunca houve um tempo em que não existisse, nem haverá um tempo em que não existirá. É eterno, não morre quando o corpo deixa de existir". Sri Krishna também afirma o mesmo no *Bhagavad Gita*. Vamos examinar esta declaração. Vemos que tudo que é criado perece. Não há nada neste mundo que exista para sempre; inclusive os planetas, a terra, o sol, todos um dia irão desaparecer. Se a alma ou o Ser foi criado, então é logico deduzir que perecerá. Mas todas as religiões insistem em que o Ser

continua existindo depois da morte do corpo. Esta crença também é inerente no ser humano. Quando isto é desta forma, é ilógico concluir que [o Ser] foi criado em algum tempo. Tampouco podemos sustentar que existam tantas almas como seres viventes – como dizem os *sankhias* - porque eles mesmos declaram que o Purusha, o Ser, é onipresente e eterno. O vedantista pergunta: "Como podem existir duas ou mais entidades eternas e onipresentes? Se isto fosse correto, uma vai limitar a onipresença de outras. Ou a onipresença de uma se estenderá sobre outras. Isto é absurdo; portanto não podemos dizer que haja mais de uma entidade onipresente e esta é a Realidade, a Existência Absoluta ou Deus". Por este raciocínio também chegamos a mesma conclusão que a do não-dualista, que o universo, com seus seres viventes, é idêntico à Brahman.

Até agora falamos da filosofia Vedanta. Agora diremos quais são as práticas que a Vedanta sugere para alcançar a perfeição, a liberação, à Deus. A Vedanta não exige que fujamos do mundo, que deixemos de cumprir com nossas obrigações e deveres. No entanto necessitamos mudar o modo de percepção das coisas. Os sábios que proclamaram esta filosofia Vedanta se aprofundaram na mente humana e chegaram à conclusão de que todos não têm a mesma aptidão, as mesmas tendências e inclinações. Sabiam que assim como os seres humanos são distintos em sua aparência física, da mesma forma cada qual tem uma disposição diferente dos demais, portanto deram liberdade a cada um para seguir suas próprias inclinações e desenvolver-se de acordo com sua disposição. É um fato bem conhecido de que quando se impede o desenvolvimento natural de uma pessoa, ainda que seja com boas intenções, o progresso desta se restringe e às vezes seu caráter se transforma em algo complexo. Sri Krishna definitivamente proíbe interferir no desenvolvimento natural do homem, quando diz: "Não se deve confundir o intelecto dos ignorantes que estão apegados às ações e aos rituais. Um sábio deve animá-los apresentando-se como exemplo da atividade". Sri Ramakrishna explica – por dizer assim – este mesmo ensinamento da seguinte maneira. Diz: "A mãe prepara pratos diferentes para seus filhos, segundo o poder de digestão de cada um; para um dá peixe frito, para outro peixe cozido e para aquele que tem um estomago delicado, lhe dá apenas uma sopa de peixe. Do mesmo modo o *guru*, ou mestre espiritual, que conhece as tendências inerentes de seus discípulos, prescreve diferentes práticas para cada um segundo sua capacidade". Vemos aqui que a tarefa de seguir um caminho não deve ser algo pesado, nem deve transtornar a aptidão do aspirante.

Portanto, a direção de um mestre perfeito que conheça todos os caminhos e também possa se aprofundar na mente do discípulo é necessário. Normalmente o ser humano não conhece bem suas próprias

inclinações; é atraído pelo intelectualismo e se considera apto para seguir o caminho do não-dualismo. Mas para aqueles que vivem em família, que são a maioria da humanidade, isto é perigoso. Até que não se renuncie a todos os gozos do mundo e a todos os desejos nos céus [após a morte], não se é apto para seguir este caminho. A renúncia total, interna e externa, é um requisito imprescindível deste caminho.

A atitude da devoção é a melhor nesta época em que o ser humano não pode superar a identificação com seu corpo. Neste caminho não é necessário arrancar os ternos sentimentos humanos, senão dirigi-los à Deus. Pode-se estabelecer qualquer das relações com Deus, a saber, a de um servidor ao seu amo ou patrão, a de um menino à sua mãe ou pai, a de um amigo, etc. O essencial é amar a Deus com todo o coração, rogar-lhe constante e ininterruptamente que se revele em nosso coração. Devemos destacar aqui que a renúncia, pelo menos a [renúncia] interna, é indispensável neste caminho também. A menos que se afaste dos apegos e das coisas mundanas, será impossível fixar a mente em Deus. A constante recordação de Deus é o melhor modo de dirigir a mente a Ele. Mas não se pode adquirir isto em alguns poucos dias, é uma tarefa de toda a vida. Por conseguinte, o aspirante deve designar certo tempo de sua vida diária, especialmente durante as horas da madrugada e do anoitecer, à oração e levar a cabo esta prática sem falta todos os dias. Aquele que anela ver a Deus sentirá o impulso para fazer estas práticas sem que ninguém lhe diga. Também é certo que à medida que se avança nas práticas sentirá esse anelo mais e mais. Até lá se deve continuar rezando como se fosse um dever. No início das práticas quase todos se sentiram assim, mas não se deve desesperar. Chegará um momento em que omitir a prática será como a falta do alimento. Este é o amanhecer do anelo por ver a Deus.

O terceiro caminho é o da ação. Ninguém pode evitar atuar. Fazendo bem aos demais a mente se limpa, mas nessa ação não deve haver nenhum motivo pessoal, não se deve desejar recompensa de nenhuma índole, nem ter desejo pela fama. Só é possível atuar assim quando se tem a total convicção de que tudo que está manifestado é Deus, que está servindo unicamente a Deus em todas essas formas. No entanto, esta convicção não se adquire pelo mero desejo de tê-la, é necessário imprimir na mente esta ideia uma e outra vez quando ela se equivocar e se orgulhar por haver realizado atos meritórios.

O controle psíquico é o quarto caminho. Neste caso o aspirante deve ser puro mentalmente desde o princípio. Aqui as práticas são duras, quase impossíveis de praticar nesta época. Portanto devemos ter muito cuidado antes de praticar as disciplinas que este caminho sugere.

Dissemos que cada ser humano tem que desenvolver-se segundo sua disposição natural. Em todos existem, em maior ou menor grau, as

inclinações para a devoção, a ação, o conhecimento e o controle psíquico. Segundo a sua preponderância na mente do aspirante, ele deve escolher o caminho adequado. O melhor modo é uma mescla de todos os caminhos, ou seja, efetuar boas ações, como ajudar aos demais sem interesse pessoal, orar, meditar em Deus, recordá-Lo sempre e tendo a convicção de que este mundo é Sua manifestação ou Deus mesmo.

Vamos recapitular. A filosofia Vedanta é ampla; todos podem servir-se dela sem que necessitem mudar sua própria religião. Segundo ela o ser é potencialmente divino, os desejos são os que cobrem sua divindade, esta é a ignorância. Os desejos obrigam ao ser humano a aferrar-se às coisas mundanas, tais como elas aparecem. O que o conhecedor de Brahman ou Deus adquire é ver ao universo em sua real perspectiva, não como se apresenta. A aparência é enganadora, enquanto que a Realidade detrás dela é Deus mesmo. Realizando-O, o ser humano se torna perfeito, se libera para sempre. Esta é, de forma breve, a essência da Vedanta.

■ ■ ■ ■ ■ ■

Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

OS OBSTÁCULOS NO CAMINHO ESPIRITUAL

Swami Paratparananda[1]

11-4-1979

O primeiro obstáculo no caminho espiritual é a incerteza sobre o que desejamos na vida. Antes que nada devemos reflexionar bem se queremos levar uma vida espiritual com a esperança de livrar-nos de nossas dificuldades do mundo, tais como as enfermidades, problemas familiares ou financeiros. Se chegarmos à conclusão de que nenhum desses motivos nos impele a seguir este caminho, devemos indagar se estamos tentando fazer algo impossível, sem significado para a vida, algo quimérico, sem substância alguma, mas que pode nos brindar certa satisfação, passar momentos de ócio sem preocupações mundanas, ou como dizem alguns, servir como ópio. Se a resposta for afirmativa, então por mais que nos esforcemos, não teremos os resultados devidos. A indecisão ou falta de fé no que está seguindo é prejudicial, porque não permite dar os passos com segurança, por assim dizer. Se pelo contrário, consideramos que é algo importante, que é a parte real de nossa vida, a mais significativa, a mais duradoura, e até eterna, como afirmaram milhares de santos, sábios e outros mestres espirituais através de toda a história da humanidade, então devemos indagar os motivos, as causas que nos fazem desviar sem que nos demos conta disso e enfraquecer nosso entusiasmo, inclusive o interesse e deixar crescer em nós sentimentos mundanos disfarçados de espiritualidade.

A vida espiritual consiste em esforçar-se para chegar ao Espírito, ou à Realidade, ou à Deus, como quer que O chamemos. Este Espírito está em nós, é nossa verdadeira essência, nossa natureza real. Todos os grandes mestres espirituais declararam isto. Por exemplo, Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: "Ó Arjuna, o Senhor, morando na região do coração de todos os seres, os move, por Seu poder, como se estivessem montados sobre uma máquina". O Senhor Jesus Cristo declara: "O Reino de Deus está dentro de vocês". Os Upanishads da antiguidade também dizem: "Este Atman, sendo menor do que o que há de menor e maior do que há de maior, reside na caverna do coração de todos os seres". "Aquele está longe, e está muito próximo do mais íntimo de todos, mas também está fora de tudo isto."

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

Proclamações como estas, que asseguram a proximidade de Deus, encontramos nas escrituras de todas as religiões. Podem ser estas apenas formas de expressão para animar ao aspirante para que siga adiante? Ou é um fato verificável? É algo que pode deixar-nos confusos. Não parece isto um paradoxo, dizer que este Ser, Deus, está mais próximo do que o mais próximo e ao mesmo tempo não ser capaz de experimentar sua presença?

Assim que, a situação parece tragicômica, no entanto não é assunto para risos. É um fato como qualquer outro. Por exemplo, o que está mais próximo dos olhos do que a face? Mas podemos vê-la sem a ajuda de um espelho ou uma superfície refletora? Não podemos. No entanto não consideramos este fato como estranho. Aceitamos como um fato bem conhecido. Além disso, uma pergunta semelhante seria considerada como uma estupidez. Da mesma forma, o Senhor, ainda que more em nosso interior, permanece desconhecido para nós, pela maioria das pessoas.

Por que acontece isso? São várias as causas. Primeiro veremos o que serve como refletor, ou seja, o que toma conhecimento dos objetos apresentados diante de nós. É a mente. Podemos compará-la com um espelho. Como sabemos o espelho tem dois lados, um é a superfície que reflete e o outro é opaco, às vezes protegido por madeira ou outro material. Este espelho da mente, para a maioria da humanidade, podemos dizer, está com sua face refletora voltada para fora e a face opaca voltada para dentro. Por conseguinte, a mente recebe impressões do mundo exterior e não do Senhor [Deus] que mora no nosso interior, ou seja, estamos alertas ou despertos em quanto ao mundo e adormecidos com relação ao Senhor; estamos bem conscientes do mundo exterior e inconscientes quase por completo de Deus. De que serve então queixar-nos de que não podemos ver ao Espírito ainda que esteja muito próximo? Devemos girar a face refletora do espelho da mente para dentro para que possamos vê-LO. Isto é o que o Upanishad diz quando afirma: "O Senhor auto manifestado criou os sentidos com a tendência de ir para fora e, portanto eles percebem apenas o externo e não ao Senhor que mora no interior. No entanto uma ou outra pessoa com firme resolução e determinação, anelando a liberação e retirando os sentidos dos objetos, percebe esse Ser interno".

Como podemos dirigir nossa mente ao interior? Quais são os impedimentos que aparecem no caminho? São os apegos que têm sido gerados durante milhares de vidas devido à beleza dos objetos exteriores. Estes apegos formaram algo como uma crosta de ferrugem ao redor das dobradiças do espelho da mente, impedindo-o de mover-se completamente. Junto com estes apegos surgiram outras debilidades, como a ira, cobiça, luxúria, soberba, malícia, vaidade e assim por diante. São muitas, mas podemos resumi-las em duas, como disse Sri Ramakrishna, "luxúria e cobiça"; ou como disse Sri Krishna [no Bhagavad

Gita], "desejo" – desejo por riqueza, gozos sensuais, poder, e outras semelhantes. Os Upanishads as qualificam de buscas e as dividem em três, de ter filhos, riqueza e chegar aos céus, que são outros tantos mundos de gozo.

Vamos analisar esta questão: Qual é o motivo subjacente nesses desejos, buscas ou cobiças? Não é a felicidade este motivo? Devemos admitir que sim. Mas há felicidade nas coisas do mundo? Podemos encontrá-la nos objetos sensórios? Se presumirmos que a felicidade está nos objetos, deve existir sempre neles. Pois nesse caso a felicidade será uma qualidade inerente do objeto, assim como o calor e a luz são qualidades inerentes do fogo. Mas vemos que este não é o caso nos objetos. Notamos que o mesmo objeto nos dá algumas vezes felicidade e em outras, sofrimento ou incômodo. O calor do fogo em uma noite fria é agradável e desejável, mas o mesmo fogo em um dia de sol sufocante se torna insuportável. Se as coisas são assim, como podemos supor que a felicidade está no objeto? O objeto neste caso não mudou sua qualidade e manteve sua natureza; o que mudou foi nossa atitude em relação a ele. Pode-se dizer que a felicidade do objeto depende do lugar e do tempo. Suponhamos que uma pessoa esteja favorecida por muitas dessas coisas prazerosas, mas que sofreu uma calamidade, a morte de um ser querido, por exemplo. Terá felicidade ainda que esteja rodeada de todas as atrações do mundo? Não. Daí podemos concluir que a felicidade não está no objeto, mas que é uma condição da mente. Os objetos são apenas os instrumentos que estimulam a alegria ou o sofrimento. O papel principal é desempenhado pela mente.

Também sobre a pressão das circunstâncias a mente muda seus gostos e aversões. Uma pessoa que em certo tempo era querida cessa de sê-lo quando se alteram as circunstâncias. Isto mostra que a mente não segue um curso rígido nem regras determinadas. Então por que não fazê-la ter interesse no próprio Ser? É possível, já foi feito antes e pode-se fazer de novo, apenas deve-se liberar a mente de suas amarras. Ela se submergiu desesperadamente no mundo. Deixamos durante muito tempo o mundo entrar em nossa mente. É como permitir que a água entre no bote; o bote pode entrar na água, mas a água não pode entrar no bote, pois o afundaria se não fosse retirada e fechados os furos e trincas pelos quais entra. Só então este pode seguir seu curso sem perigo. Do mesmo modo se deixamos que os sentidos nos levem para onde eles querem, então nosso destino será como desse bote. Se pode perguntar: Por que não satisfazer os desejos e terminar com eles de uma vez por todas? Esta seria uma solução simples se pudéssemos esgotar os desejos apenas dando curso e desfrutando deles. Mas a experiência humana tem sido oposta até agora, ou seja, quanto mais se satisfazem os desejos, mais eles aumentam. E mais ainda, cada um desses desejos satisfeitos faz surgir outras centenas, não

vendo-se seu fim. Também se pode comparar a mente com um deserto sedento, não há água que o satisfaça. Buddha descobriu que essa sede é a causa primária de todo o sofrimento. Esta corrida atrás dos objetos do mundo – quantas coisas desagradáveis trás como seu séquito! Ira, inveja, ódio, e outros, são seus companheiros inseparáveis e quando entram na mente a tornam um caldeirão de desgosto e insatisfação.

Sri Ramakrishna dizia: "A enfermidade mundanal é como a febre tifoide. E no quarto do paciente há uma jarra de água e picles de tamarindo. Se quiser curar o paciente da enfermidade tem que afastá-lo do quarto. O homem mundano é como este enfermo de febre tifoide. Os diferentes objetos de gozo são como a jarra de água e os picles, e seu desejo de gozar é como a sede. O mero pensar em picles dá água na boca; não há necessidade que os tragam para perto e o homem está rodeado deles. Tem que ir a solidão por alguns dias e pensar em Deus; e uma vez fortalecido em sua vida espiritual pode voltar ao mundo".

Os sábios aconselham que retiremos a mente dos objetos de gozo. Como podemos fazê-lo? Controlando os sentidos que continuamente estão alimentando-a com as sensações dos objetos. O olho vê coisas lindas e tenta a mente; os ouvidos lhe levam sons prazerosos e a enfeitiçam; do mesmo modo os outros órgãos do tato, gosto e olfato a encantam levando-lhe as impressões de seus próprios objetos. Apenas evitando os objetos sensórios e dirigindo a mente à Deus, se pode gradualmente dominá-la, e não dando rédea solta aos sentidos ou desejos. O Kathopanishad com uma formosa alegoria explica este ponto: "Saiba que o corpo é como uma carruagem, o ser é como o dono, o intelecto é como o condutor, a mente é como as rédeas, os sentidos são como os cavalos, e os objetos são os caminhos. Os sábios chamam ao ser que está identificado com o corpo, os sentidos e a mente, como aquele que desfruta ou goza. Aquele que não é hábil e tem a mente inconstante e volúvel, encontra seus sentidos como os cavalos indômitos fora do controle do condutor. Pelo contrário, aquele que tem discernimento e uma mente unida, acha a seus sentidos como os cavalos bem treinados, que se submetem facilmente ao condutor". Sri Shankaracharya comentando este verso explica: "Se o intelecto, que é como o condutor, é ignorante, adormecido, sem o discernimento do que deve fazer e do que evitar, e permite a mente, que é como as rédeas, atuar como queira ou vagar, então os sentidos, como cavalos indômitos e viciosos, serão impossíveis de dominar". E o resultado será que a carruagem, junto com o dono, logo estará em dificuldades.

Mas o trabalho de retirar a mente dos objetos sensórios é difícil, duro e leva muito tempo. Não há método fácil, tenhamos isto bem claro. Não se encontrou nunca nenhum tesouro pelo mero fato de ter o conhecimento de sua localização. Nunca se obteve êxito em nenhum campo da vida sem esforço. Quão pueril o homem crer que poderá

alcançar o Altíssimo sem trabalhar, sem sentir inquietude por Ele, sem sentir angústia a tal grau que o faça perder o sono e esquecer-se da fome, sede e outras necessidades físicas! Crer nisto será bom em momentos de ócio, mas não beneficiará ao ser humano que quer verdadeiramente sentir a presença do Senhor, que quer vê-LO. Shankaracharya no Vivekachudamani[2] (Joia Suprema do Discernimento) ilustra isto bem graficamente, "Sem vencer os inimigos, e conquistar todo o território, se uma pessoa proclama 'Sou o imperador', não será considerado como tal. Do mesmo modo, sem desfazer-se dos apegos aos objetos do mundo e conhecer diretamente ao Ser, pelo mero pronunciar as palavras 'sou Brahman', não se atinge a liberação". Goethe, o poeta alemão, comenta: "Feliz é o homem que aprende cedo na vida a grande diferença que existe entre seus desejos e suas forças". Tudo isto nos mostra que não se pode obter nada somente por abrigar o desejo, mas que se devem fazer os esforços devidos.

Agora vejamos, existem dois métodos pelos quais se pode chegar a ter o gosto por uma vida mais elevada. O primeiro consiste em permitir a mente que adquira a experiência dos frutos doces e amargos da vida, os que ela tanto deseja, até que um fruto[3] muito amargo a faça deter-se e perguntar-se: "Depois de tudo, é isto o que significa o gozo?" Para a maioria da humanidade esta experiência é necessária para poder apreciar o gosto da vida mais elevada. A menos que se tenha saboreado os frutos amargos da vida, não ficará convencido de que este mundo não é um mar de rosas, mas também de espinhos. Nem o maior dos mestres espirituais pode remediar isto. Sri Ramakrishna certa vez falando destes disse: "Há três classes de preceptores, assim como há de médicos. Alguns dos médicos examinam ao paciente, receitam os remédios e se vão e não se preocupam mais se o enfermo seguiu suas instruções ou não; estes são os da classe inferior. Depois estão os medianos, que tentam convencer ao paciente argumentando com ele, persuadindo-o a tomar os medicamentos que ele mesmo preparou. Depois estão os da classe superior, que usam a força se necessário para obrigar ao enfermo a engolir o remédio. Do mesmo modo, alguns mestres só dão a instrução ao discípulo e não se preocupam em saber se este a seguiu ou não. São os dá classe inferior. Há outros que tentam persuadir a seus discípulos de várias maneiras, para que sigam sua instrução, mas se os discípulos não lhe fazem caso não se preocupam mais. Mas os preceptores da classe superior não somente instruem aos discípulos, senão que vigiam o cumprimento de sua instrução, usando a força se necessário". Nesta ocasião também agregou: 'Mas se deve levar em conta o fator tempo'. Ouvindo isto um pandit[4] que

[2] Sua mais conhecida e estudada obra (nota do tradutor).
[3] Experiência da vida ou resultado da ação (nota do tradutor).
[4] Erudito, conhecedor do texto das escrituras sagradas (nota do tradutor).

havia ido visitar o Mestre lhe perguntou: 'Senhor, se há mestres espirituais como os que acabou de citar, então porque disse que se deve levar em conta o fator tempo?' Sri Ramakrishna respondeu: "Sim, isto é verdade, mas que pode fazer até o melhor médico se o medicamento que coloca na boca do enfermo cai para fora e não chega ao estomago? Do mesmo modo, se a mente do discípulo não quer aceitar e seguir a instrução do mestre, devido aos fortes apegos e desejos que abriga pelas coisas do mundo, que pode fazer o melhor dos Gurus?"

O segundo método consiste no discernimento entre o Real e o irreal, o Eterno e o transitório. Os que já passaram pelas experiências referidas, seja nesta vida ou nas anteriores e se convenceram que não existe felicidade eterna nas coisas do mundo, ao ouvir falar de uma vida mais elevada tentam compreender e seguir este caminho. Mas a mente que já estava imersa há muito tempo na vida do mundo não pode ser retirada de repente. A mente que se acostumou a pensar de certa maneira não pode de repente mudar para um modo totalmente oposto. Primeiro deve-se afirmar a ideia de que o mundo é transitório, logo virá o desejo de avaliar as coisas em suas próprias perspectivas, sem preconceitos ou danos; com isto virá o desapego. Para que este se estabeleça fortemente na mente devemos usar o discernimento, aquele que ensina: Só Deus é Real e todas as outras coisas são irreais, só o mago é real, mas sua magia é irreal, existe por alguns momentos. Devemos repetir esta ideia constantemente até que a mente a aceite e a ponha em prática. Ao princípio, em alguns casos, também durante muito tempo, a mente resistirá com toda sua força; cairá uma e outra vez nos sulcos já formados, os hábitos já cultivados. No entanto se queremos alcançar a paz duradoura, teremos que persistir em nossas tentativas e evitar cair nas armadilhas que a natureza colocou em toda parte. É uma vigília de toda a vida; um aspirante espiritual nunca pode dar-se ao luxo de permitir-se afrouxar sua vigilância de si mesmo, sem risco de perder o adquirido. Sri Ramakrishna costumava dizer: "A capacidade de renunciar ao apego à luxúria e cobiça vem da prática constante da disciplina espiritual. Pela prática se adquire poderes extraordinários da mente. Então não acha difícil dominar os sentidos e as paixões como a ira, luxúria e outras semelhantes". Sri Krishna também disse o mesmo no Bhagavad Gita: "Ó filho de Kunti, se pode controlar esta mente inconstante pela prática e pelo desapego". Sri Ramakrishna adverte inclusive aos que avançaram no caminho espiritual sobre as tentações. Devemos tomar nota disto e ter muito cuidado em não afrouxar nossos esforços no cuidado com os encantos do mundo.

A vida espiritual, como dissemos no início desta conversa, não é somente um modo de vida, seguir alguns dogmas ou credos, senão um esforço para chegar à Deus, para realizar, sentir intimamente nossa verdadeira natureza. Sem ter este fim em vista, a vida espiritual se tornará

árida, pois a mente não pode estar vazia, necessita de um apoio, algo para pensar, um objetivo para alcançar. Portanto, junto com o desapego, que é um sentimento negativo, ou seja, o que nega aceitar as coisas prazerosas, devemos cultivar o gosto pelo positivo, o bom, como disse o Kathopanishad: "O ser humano é rodeado pelo bom e pelo prazeroso; aquele que é sábio, discernindo escolhe o bom e descarta o prazeroso enquanto que o ignorante, pensando no bem-estar, persegue o prazeroso". Se a mente está convencida de que não está perdendo nada, senão que será dona de uma paz duradoura quando alcance a meta, então podemos preveni-la para que não escorregue e caia em seus defeitos anteriores. Sri Ramakrishna afirmava: "Quanto mais se vai para o Leste, mais se afasta do Oeste; do mesmo modo quanto mais se aproxime de Deus, tanto mais longe deixa os apegos aos objetos do mundo". Estes perdem seu poder sobre a mente daquele homem que se deleita pensando em Deus, em ouvir falar sobre Ele e escutar Suas glórias. Sri Ramakrishna dizia: "Por acaso um refresco feito de melaço atrai a uma pessoa que saboreou açúcar cande? Assim também aquele que saboreou ainda que uma só vez a bem-aventurança de Deus não será atraído pela felicidade que os objetos do mundo podem dar-lhe. Não terá nenhum sabor". Mas para chegar a ter este gosto devemos trabalhar duro, fazer muitos sacrifícios no sentido em que o homem comum os compreende.

O homem, contudo, nasce neste mundo com várias tendências, algumas boas, outras viciosas. Estas lhe obrigam, por assim dizer, a fundir-se em um molde particular. São muito poderosas no homem comum e o torna seu escravo. Mas são criações próprias de suas vidas anteriores como homem, dizem as escrituras hindus. Porque elas declaram que as ações feitas pelos outros seres como os animais, não têm resultados acumulativos, não criam karma; só o homem, dotado da faculdade do discernimento, quando não a utiliza para distinguir entre o que é bom e o que é mal, e age egoisticamente, cria as tendências viciosas, as que permanecem na mente. A mente não morre quando se deixa o corpo, senão que acompanha ao ser e o conduz a diferentes regiões segundo seus méritos, e em seguida o faz nascer como homem [ser humano] ou outro ser, dependendo do resultado de suas ações; quando estas foram muito más, nasce como inseto ou outro animal. Só quando há um equilíbrio entre as ações boas e más, ele volta a nascer como homem. Mas recordemos que todas estas tendências são criações nossas.

Swami Vivekananda disse que já que o homem criou estas inclinações, pode, se o desejar, criar novas e melhores para combater as anteriores. Fazendo o bem aos demais e pensando bons pensamentos se criam bons *samskaras*[5]. Os pensamentos, devemos dar-nos conta disso, são

[5] Tendências ou impressões mentais

tão poderosos quanto as ações para criar as tendências; porque é o pensamento constante em alguma ideia o que nos impele a atuar dessa maneira. Além disso, o pensamento deixa seu selo na mente para sempre, que atua como uma semente pronta a germinar quando as circunstâncias forem propícias. Isto foi explicado com clareza por Sri Krishna no Bhagavad Gita: "No homem que pensa constantemente nas coisas do mundo surge o apego a elas, com o apego vem o desejo, do desejo [obstruído] surge a ira, a ira ofusca a mente, com a ofuscação a mente perde a faculdade de recordar os valores das coisas, em seguida perde a faculdade do discernimento e como consequência sofre a morte espiritual". Esta é a maneira em que atua o pensamento, mas não estamos conscientes disto. Como podemos neutralizar estas forças? Discutimos em detalhe nas nossas conversas anteriores, portanto aqui só mencionaremos algumas das práticas que nos podem ajudar. Primeira, é a repetição do Nome de Deus. O que há no Nome de Deus? Não são mais que quatro letras, de que serve repeti-LO como um papagaio, dizem alguns céticos. Mas se perguntaram alguma vez quando estão pensando intensamente em um ser querido que resida em um lugar distante, de que serve pensar nele? Deus é mais íntimo que qualquer parente ou amigo, repetir Seu Nome é pensar Nele; é como não poder imaginar a uma pessoa sem trazer à sua mente seu nome e forma. Em outra ocasião citamos os ditos dos grandes mestres espirituais, tanto antigos quanto recentes, nos quais eles afirmam que Deus e Seu Nome são idênticos, e que este é tão potente quanto Deus mesmo.

Outra ajuda é a companhia de seres avançados na vida espiritual, os que sempre recordam à Deus, falam Dele e cantam Seu Nome e glórias; retirar-se à solidão pelo menos alguns dias e dedicar todo este tempo ao pensamento de Deus; ter uma disposição carinhosa com todas as pessoas com que se tenha contato; a prática do discernimento. São algumas outras disciplinas que nos ajudam no caminho espiritual. Há também o caminho de Karma Yoga, executar ações benéficas para outros na maneira ensinada pelo Bhagavad Gita. Swami Vivekananda diz a respeito, "Devemos trabalhar por amor ao trabalho, sem nos importarmos com o renome, a fama ou ir ao céu. Trabalhar só porque disso resultará o bem". Agrega Swami Vivekananda: "Há outros que fazem bem aos pobres e ajudam a humanidade tendo motivos ainda mais elevados, porque creem em fazer o bem e amam o bem". Depois continua, "Amor, verdade e abnegação não são simplesmente figuras retóricas da moral, mas formam nosso ideal mais elevado, pois neles reside uma manifestação muito grande de poder. Um homem que pode trabalhar durante cinco dias, ou até cinco minutos sem nenhum motivo egoísta, sem pensar no futuro, no céu, castigo ou qualquer coisa deste tipo, possui nele a capacidade de tornar-se um poderoso gigante moral". Este método pode ser utilizado pelas pessoas de

qualquer parte do mundo e em qualquer etapa da vida, para purificar-se moralmente, e até para alcançar o Altíssimo.

Como podemos trabalhar abnegadamente? Swami Vivekananda nos ensina: “Devemos começar do princípio, aceitar os trabalhos à medida que nos vão chegando e, pouco a pouco, tornar-nos mais abnegados a cada dia. Devemos fazer o trabalho e indagar qual a força motriz que nos impele a atuar e quase sempre, sem exceção nos primeiros anos, descobriremos que nossos motivos são egoístas; mas gradualmente este egoísmo se desvanecerá pela persistência, até que ao final chegará o dia em que poderemos fazer trabalho realmente abnegado”.

Um dos muitos conselhos sãos que Sri Ramakrishna dá a respeito de como se pode afastar a mente turbulenta de sua preocupação mundana será de imensa ajuda a todos os aspirantes. Diz ele, “Não se pode conseguir nada sem discernimento e renúncia. Mas não é possível adquirir esta renúncia de repente. O fator tempo deve ser levado em consideração. No entanto, também é certo que um homem deve ouvir sobre a renúncia. Assim quando chega o momento oportuno, esse homem dirá a si mesmo, ‘Oh, já ouvi sobre isso’. Também deves recordar de outra coisa: ao ouvir falar constantemente sobre a renúncia vossos desejos pelos objetos do mundo diminuirão pouco a pouco. Deve-se tomar água de arroz [água onde se lavou o arroz] em pequenas doses para curar a embriaguez produzida pela bebida alcóolica. Então gradualmente vai se recuperando”. A mundanalidade é como a embriaguez e o ouvir falar da renúncia é como tomar a água de arroz para curar esta embriaguez. Mas Sri Ramakrishna não insiste na renúncia externa para os vivem em família, mas lhes recomenda que renunciem internamente as coisas, que desenvolvam desapego por elas.

Que possamos superar os obstáculos em nosso caminho e chegar a Deus, sentir Sua presença vividamente em nós antes de nos despedirmos deste mundo.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

ONDE BUSCAR CONSOLAÇÃO [1]

Swami Paratparananda[2]

Abril de 1978

É um fato bem conhecido que este mundo é uma mistura de bem e mal, de prazer e dor, de concordância e discordância, de carinho e medo, de união e separação, de criação e destruição. Onde está um desses pares de opostos, está também o outro. Não se pode separar um do outro nem se pode achar em uma pessoa comum um só deles isoladamente. Até o ladrão ou assaltante que rouba e mata sem piedade tem em seu coração carinho por sua família ou por uma pessoa em particular, roubando ou matando talvez para mantê-los. Vemos em todos, não somente entre os seres humanos, estes dois sentimentos. Até os pássaros que se comportam como inimigos dos vermes, o fazem com o propósito de alimentar aos seus filhotes. Em outras palavras, podemos dizer que é evidente que o mundo inteiro é um conjunto desses pares de opostos. O que está sob a influência de um, também está sob o domínio do outro. E nenhum dos dois nos permite sair de suas garras e liberar-nos. Todo esforço humano é precisamente ir além destes pares de opostos e alcançar a bem-aventurança plena e eterna. O ser humano tenta lograr este estado de várias maneiras: alguns adquirindo riquezas, outros tendo filhos, estes mediante logros intelectuais, aqueles adquirindo poderes, quer sejam terrenos ou ocultos, no entanto nenhum deles chega a alcançá-lo. Em vez da paz e consolação que buscam através destes meios, se encontram em meio de um labirinto de inquietude, provocada pela sede de possuir mais e mais dessas coisas ou na conservação do já adquirido.

O mundo que criamos desta maneira absorve a mente em sua totalidade e quanto mais nos apegamos aos objetos, tanto mais nos identificamos com eles. O resultado é que a angústia que se sente ao afastar-se deles se faz mais aguda. O homem sabe tudo isto, no entanto não pode desfazer-se do apego pelos objetos e o triste do caso é que a maioria da humanidade nem o tenta. Sri Ramakrishna costumava dizer: “O camelo come arbustos espinhosos e enquanto o faz sua boca sangra abundantemente, não obstante, não cessará de comê-los”. É assim também a vida do ser humano. Sabe que tem que passar por incontáveis sofrimentos neste mundo uma vez que se enreda nele, no entanto não pode evitar envolver-se. O que é que o

---

[1] Traduzido do original em espanhol “Donde Buscar Solaz”.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

compele a fazê-lo? Arjuna, o grande herói do Mahabharata, faz uma pergunta idêntica a Sri Krishna: "Então o que, por assim dizer, obriga ao homem a levar uma vida cheia de erro, ainda que não queira?" Sri Krishna lhe responde: "É este desejo, é esta ira, produto de rajas, que o obriga. É voraz e malvado. Conhece-o, com certeza, como teu pior inimigo aqui". Vemos aqui que se usou o verbo no singular, ainda que aparentemente existam dois sujeitos, 'desejo e ira'. Shankaracharia comentando este verso diz que a ira é outro aspecto do desejo; quando se impede o cumprimento do desejo este se converte em ira, portanto no texto o verbo está no singular. Em realidade, a base de toda amarra ou corrente deste mundo é o desejo. E enquanto se tenha ainda que seja um vestígio de desejo, não pode ir além dos pares de opostos.

Por que acontece isto? Por que não é possível desfazer-se do desejo? Não é que todos não possam fazê-lo. Pelo contrário, sabe-se que alguns se liberaram rompendo a corrente do desejo. Mas muito poucas são as pessoas que pertencem a esta classe. A maioria da humanidade vem à terra devido ao impulso desse desejo, que eles haviam abrigado durante vidas anteriores. Geralmente buscamos felicidade e consolação no externo, fora de nós, por estarmos sujeitos às nossas paixões e desejos.

Os sankhias, psicólogos hindus de épocas anteriores, dizem que a criação ou o universo é o produto do desequilibro dos três elementos constituintes da Prakriti ou Natureza. Eles os chamam gunas. Estes três gunas existem em toda a criação, tanto no ser humano como em qualquer outra coisa vivente; mas são perceptíveis, pelas qualidades que eles engendram, de uma maneira mais clara no homem. Cada um destes gunas tem suas peculiaridades; cada um produz no ser vivo certas inclinações. O Bhagavad Gita em seu décimo quarto capítulo descreve detalhadamente a influência de cada um deles: "Sattva, rajas e tamas são os três gunas que se originam da Prakriti. Atam ao ser imutável que mora no corpo. Sattva, sendo sem mácula, é brilhante e tranquilo, no entanto ata ao ser por seu apego à felicidade e ao conhecimento". A felicidade e o conhecimento à que se refere aqui não são os mais elevados, mas os relativos a este mundo objetivo, por exemplo, a felicidade que se sente contemplando um panorama natural de paisagens ouvindo música, etc, e o conhecimento do múltiplo. Esta felicidade e esse conhecimento não levam alguém a Deus, ainda que estejam em um nível mais alto que os das pessoas comuns. O apego a esta classe de felicidade e conhecimento, apesar de ser mais fino, prende o homem ao mundo.

O Bhagavad Gita continua: "Sabe que rajas é da natureza da paixão, a fonte da sede e do apego, prende fortemente ao ser encarnado pelo apego à ação." Aqui 'sede' se refere ao desejo por coisas não adquiridas. Sabemos que não há saciedade para esta sede. Pensamos que logrando tal ou qual objeto

estaríamos satisfeitos. Com este motivo trabalhamos duramente, mas tão logo o logramos a mente sugere outro objeto mais brilhante, mais atrativo como meta. Por acaso obtendo-o o homem fica satisfeito? Não. Sua busca segue sem parar. É assim como rajas impele ao ser humano a meter-se em um turbilhão de atividade.

"Tamas, - diz Sri Krishna, - é produto da ignorância, que ilude todos os seres e submetendo-os ao erro, preguiça e sono os prendem fortemente". O que está sob a influência deste guna, vê tudo ao contrário: toma o transitório pelo eterno, o mal pelo bem e assim por diante.

Sri Ramakrishna compara a esses gunas com ladrões, pois todos eles privam ao homem de sua faculdade de discernir e lhe ocultam a Verdade. Para explicar isto, o Mestre relata uma estória: "Certa vez um homem passava por um bosque quando três ladrões lhe assaltaram e lhe roubaram tudo o que tinha. Um deles dizendo: 'De que serve deixá-lo com vida?' estava por matá-lo com sua espada quando o segundo ladrão lhe deteve dizendo: 'Oh não! De que serve matá-lo? Ata-lhe os pés e as mãos e deixe-o aqui.' Em seguida os ladrões fizeram isto e se foram. Depois de um tempo, o terceiro ladrão voltou e disse ao homem: 'Ah, sinto muito. Você está ferido? Vou te soltar as cordas.' Depois de libertá-lo o ladrão lhe disse: 'Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada.' Depois de um longo tempo chegaram ao cominho principal. Então o ladrão disse ao homem: 'Siga por este caminho. Lá está sua casa.' A isto o homem respondeu: 'Senhor, Tu foste muito bom comigo. Venha à minha casa'. 'Oh não! – disse o ladrão. Não posso ir lá, a polícia saberá.'"

Sri Ramakrishna explicou: "Este mundo mesmo é o bosque. Os três ladrões que andam aqui são sattva, rajas e tamas. São eles os que roubam ao homem o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destruí-lo. Rajas o ata ao mundo. Mas o sattva lhe salva das garras de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva o homem se salva da ira, luxúria e outros maus efeitos de tamas. Além disso sattva solta as amarras do mundo. Mas sattva também é um ladrão. Não pode dar ao homem o Conhecimento final da Verdade, ainda que lhe mostre o caminho que conduz à Suprema morada de Deus. Ao mostrar-lhe o caminho, sattva diz: 'Olhe lá, sua casa está daquele lado.' Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman."

Já dissemos que estes três gunas existem em todo ser vivo; em alguns predomina um dos gunas e em outros seres, outro deles, e segundo qual deles predomina em um ser humano, este manifesta tranquilidade, atividade ou preguiça. Rajas inquieta ao homem, o faz correr atrás de todo tipo de atividades e prazeres. Impulsionado pelos desejos, o ser humano comete erros e como consequência colhe seus frutos amargos. Então se sente miserável. Tamas, devido à letargia que engendra no homem e pelas ideias equivocadas

que planta nele, é muito mais perigoso. Estando preso na rede da ignorância, sob o domínio de tamas, o pobre ser humano crê que é um sábio. Este tipo de crença não o libera do sofrimento que vem como resultado de suas ações errôneas. É então quando trata de jogar a culpa de seu sofrimento em alguém, ignorando que está colhendo o fruto de suas próprias ações. Só então o homem busca consolação. A questão é saber onde deve buscá-lo.

Um agnóstico ou cético que não crê em um Ser Supremo ou Deus, depende da matéria, das comodidades materiais para reconfortar-se. Mas por acaso o logra? Não. Então tenta esquecer seu sofrimento talvez com bebidas alcoólicas ou drogas. Mas o efeito de todas estas coisas é momentâneo. Quando o efeito passa, o sofrimento o ataca, como se com vigor redobrado. Além disso, a mente que este pobre homem quer adormecer ingerindo estes tóxicos, é tão ingrata que não somente não lhe deixa esquecer os danos causados pelos demais ou os erros cometidos por ele mesmo, senão que lhe lembra tão constantemente que não o deixa em paz. Talvez se possa escapar da observação das pessoas, mas de nenhum modo de sua própria mente. Esta o acompanha por todas as partes e em todos os momentos como uma sombra. Sua censura é mais aguda, quando não se vê uma saída para seu sofrimento.

Vejamos, talvez exista o sofrimento no mundo como um corretivo para a humanidade que erra. Se pode perguntar: "Bem, por acaso não sofrem aqueles que creem em Deus ou levam uma vida espiritual? Vemos que eles sofrem mais do que os que não creem em nada." Certamente eles também sofrem. O mundo, como dissemos ao início desta conversa, é uma mistura de prazer e dor. Nenhum deles é permanente. Felicidade e sofrimento se alternam na vida do homem. O corpo é de matéria e tudo que é material é mutável e mutante. Portanto todos os seres encarnados estão sujeitos a estas mudanças da matéria. Além disso, como Swami Vivekananda disse: "A vida está e deve estar acompanhada pelo mal. Um pouquinho de mal é a fonte da vida." Que quer dizer ele com esta última frase? Um ser perfeito não necessita encarnar-se, salvo nos poucos casos dos que vêm à terra para ensinar a humanidade. Um ser nasce porque é imperfeito, tem desejos e até que não consiga a perfeição terá que vir a este mundo uma e outra vez. Isto é o que afirmam os Upanishads quando declaram: "Pelas ações meritórias se alcançam os mundos superiores e pelas más ações se alcançam os mundos inferiores e com um equilíbrio entre estes dois tipos de ações retornam ao mundo do ser humano." Ou seja, nascem como homem.

Aquele que crê em Deus e segue o caminho da retidão e do espírito sabe, ou melhor dito, deve saber que sua crença em Deus, sua intenção e seus esforços para seguir este caminho não o liberam de seus sofrimentos físicos nem das preocupações. O verdadeiro amante de Deus não busca milagres,

nem reza pela cura de suas enfermidades ou por seu bem-estar. Ama a Deus por amor à Ele. Tenta desenvolver o gosto por levar esta vida, sem ostentação. Não espera nem sequer o reconhecimento das pessoas. Sabe que o amor por Deus que busca é em si mesmo a recompensa de suas duras práticas e austeridades. Luta com suas paixões e sentidos, os quais querem arrastá-lo para o caminho da escuridão. E ao final chega a ter uma paz que mesmo a duras penas só alguns poucos alcançam. Sente a proximidade do Senhor e não se sente abandonado em nenhum momento ainda que o mundo inteiro esteja contra ele. Sri Krishna disse sobre isto: "A Suprema Bem-aventurança com certeza vem a este yogui, cuja mente se tranquilizou, cuja paixão se aquietou e que se tornou Brahman, havendo-O realizado e que não tem mancha."

Vejamos, a verdadeira habilidade consiste em poder ir além do bem e do mal, porque só então se pode alcançar a paz e a consolação. Como podemos fazê-lo? Confiando em Deus e submetendo-nos à Sua vontade. Como podemos saber qual é Sua vontade? Tudo o que acontece, acontece por Sua vontade. Neste caso por que não deve pensar alguém que o que está fazendo também é por Sua vontade? Verdade, não há argumento contra isto. Mas está certo que é Sua vontade que está trabalhando por meio dele? Sendo assim não se sentirá exaltado com o êxito e nem se sentirá deprimido pelo fracasso. Caso contrário, ainda que sinta só um pouquinho de exaltação ou orgulho por haver alcançado algo ou pensa que é ele o agente da ação, então esta pessoa não crê no que diz. É hipocrisia o que a faz dizer que a vontade de Deus trabalha por meio dela. Surge outra pergunta: "Devemos submeter-nos, sem fazer esforço algum, a todo tipo de calamidades?" Ninguém aconselha isto. Enquanto uma pessoa seja consciente de que ela é o agente de suas ações deve resistir a tudo que considera como maldade. O ensinamento "não resista ao mal" é para as almas muito evoluídas. Não significa somente a resistência física senão também a mental. Na pessoa que segue este ensinamento não deve surgir nem sequer uma ideia contrária, ou um sentimento de ódio por quem lhe prejudica. Só se pode falar de cumprir com este preceito na sua totalidade quando se alcança o estado em que a mente se mantém equânime sob todas as circunstâncias. Mas para as pessoas comuns que são movidas ainda pelas menores mudanças no comportamento dos demais em relação a elas, o caminho consiste em resistir ao mal, não somente o que se origina de fora, senão também o que está dentro delas mesmos.

Pode chegar à consolação e a paz a alguém que crê que é a vontade de Deus a que atua no mundo? Vamos ser explícitos: se por consolação e paz se entende de que não vai sofrer mais, que não vai ter mais preocupações, então ninguém no mundo a terá. Mesmo para aquele que toma refúgio em Deus chega o sofrimento físico e não se suaviza o golpe que cai sobre ele;

acontecerão as calamidades se tem que passar por elas, mas junto com as mesmas virá também a força para enfrentar o perigo e as tribulações. Não se desesperará quando se encontre em situações difíceis, sabendo que é a vontade de Deus que age aqui e que Ele fará o que é bom para ele.

Tem um crente comum esta confiança, essa força? Isto depende da intensidade da fé de cada um. Diz-se que a fé pode mover montanhas, mas ela tem que ser inamovível como uma montanha. Há uma estória que Sri Ramakrishna costumava contar a seus discípulos que explica sobre os diferentes tipos de fé: "Em certa aldeia vivia um brahmin, a quem uma pastora que vivia no outro lado do rio, dava leite todos os dias. As vezes ela demorava em levar o leite. Um dia o brahmin se zangou e lhe perguntou porque demorava. Ela lhe explicou que tinha que esperar o bote que as vezes se encontrava do outro lado e que o barqueiro também aguardava os passageiros e tudo isto era a causa se sua demora. No mesmo instante o brahmin lhe disse: "Mulher, as pessoas cruzam este oceano do mundo repetindo o nome de Deus, e tu não podes cruzar este pequeno rio fazendo o mesmo?"A mulher, simples como era, aceitou esta reprimenda e acreditou nas palavras do brahmin. A partir do dia seguinte ela levava o leite sem demoras. Observando isto, o brahmin lhe perguntou: "Por que não demoras mais em vir aqui?"A mulher respondeu: "Repetindo o nome de Deus, como o senhor me indicou, cruzo o rio e não preciso esperar mais o barco." Assombrado e não podendo acreditar nisto, o brahmin lhe pediu que lhe mostrasse como o fazia. Ambos desceram ao rio e a mulher com toda a facilidade caminhava sobre as águas repetindo o nome de Deus. Mas voltando-se notou que o brahmin, ainda que repetisse o nome de Deus, levantava suas roupas para que não se molhassem. Então a pastora lhe disse: "Senhor, repetes o nome de Deus e ao mesmo tempo levantas tuas roupas. Tu não crês no que dizes." Aqui estão os dois tipos de fé. E a maioria das pessoas é como este brahmin, fala da fé mas não a tem. Mas é claro, a fé inquebrantável vem com a visão de Deus ou sendo simples como esta pastora ou como uma criança.

Como se desenvolve esta fé? Sendo simples e cândido como um menino. Quando alguém é cândido confia nas palavras das escrituras e dos grandes mestres espirituais. Em seguida põe em prática seus ensinamentos sem vacilação nem dúvida. Esta prática fortalece sua fé em Deus, pois nela encontra uma força que não é deste mundo.

Vejamos agora, o que acontece com os que não são francos e simples? Se eles querem ter consolação e paz também têm que lutar duramente para vencer seus defeitos. Têm que rezar ao Senhor com todo o coração para que os coloquem no bom caminho e possam corrigir-se. Pode surgir a dúvida: E se as orações não forem respondidas? A própria dúvida demonstra que não

tomamos o caminho a sério, que não temos o verdadeiro anelo. Porque esta dúvida não tem base. Por acaso não nos asseguram os grandes mestres da humanidade, que realizaram a meta da vida, que viram a Deus, que Ele é nosso guia interno e escuta nossas orações quando são sinceras? Por exemplo, o Senhor Jesus Cristo afirma: "Peçam e lhe darão; busquem e acharão; chamem e lhe abrirão. Porque qualquer um que peça, recebe e o que busca, acha e ao que chama, lhe será aberta [a porta]. Que homem entre vós, a quem se o filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedisse um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedem." Portanto, se rezando uma vez não conseguimos resposta, não devemos pensar que Deus não escuta nossa oração. Swami Vivekananda disse: "Quantas tempestades e ondas é preciso enfrentar antes de chegar ao porto de Paz! Quanto maior foi o homem, mais terríveis foram as provas pelas quais teve que passar." Assim, se queremos uma coisa valiosa, devemos estar preparados para pagar seu preço. E a paciência e a perseverança são o preço da paz eterna. Não devemos fraquejar nem afrouxar nossos esforços, mas continuar com a luta, não importa o que aconteça. Porque não há consolação em nenhum outro lugar senão em Deus. Se O deixamos, a que outro lugar podemos recorrer em busca de paz? Em que podemos confiar? Em riquezas, em filhos, em parentes ou amigos? Até quando podem eles ajudar-nos e como podem dissipar nossos sofrimentos que estão além da ajuda humana? Sabendo que não temos a ninguém senão ao Senhor neste mundo a quem podemos chamar propriamente nosso, devemos tomar refúgio n'Ele. Swami Vivekananda aconselha: "Renuncie a todo 'eu e meu', pois o Senhor chega àquele que não tem nada neste mundo." Estas palavras surgiram de sua própria experiência, não é mero palavreado. É por isso que ainda enchem ao leitor com estremecimento e lhe infundem confiança em si mesmo. As palavras daquelas pessoas que tocaram e apalparam o infinito levam uma força própria. Estas palavras consomem, por assim dizer, como o fogo, toda dúvida, todo temor e vacilação dos que as ouvem ou leem.

Por que então se queixam e gemem até os crentes quando estão em circunstâncias difíceis? Porque ainda não aceitaram ao Senhor como seu no sentido mais pleno. Além disso, entregar-se a Deus não é tão fácil como parece enquanto exista tão sequer um pequeníssimo vestígio do desejo de gozar, enquanto haja imperfeição no homem. Porque aquele que se entrega totalmente a Deus não tem nada que temer, pois Sri Krishna nos assegura: "Eu (o Senhor) Me encarrego daqueles que sempre pensam em Mim unicamente, Me servem e Me adoram, e lhes provejo do que lhes faz falta e cuido do que já têm."

Ouvindo isto se pode atribuir parcialidade a Deus e dizer que em tal caso Ele também, como qualquer ser humano, está sujeito a todas as debilidades, como ódio, parcialidade e coisas assim. Esta acusação não tem fundamento como veremos do que disse Sri Krishna: "Eu me manifesto igualmente em todos os seres. Ninguém é odioso nem mui querido para Mim. No entanto, Eu estou naqueles devotos que Me adoram com devoção e eles estão em Mim." O Senhor está em todos os seres como seu guia interno, como seu Ser mais recôndito. Como podemos então odiar alguém? O significado é que o devoto por sua intimidade com Deus perde a noção de diferenciação e distância que um homem comum sente entre ele mesmo e Deus. Para o devoto, o Senhor é muito seu, muito íntimo e as coisas do mundo não têm muito valor para ele. Sua vida se centra em Deus. Pelo contrário, para o homem mundano Deus é uma palavra e os objetos sensórios são como se fossem sua própria vida. Sri Ramakrishna costumava dizer: "Deus está em todas as partes, mas se manifesta de uma maneira especial no coração do devoto." Eis aqui um canto que expressa a atitude do devoto por Deus:

Ó Senhor, Tu és meu Tudo em tudo, a Vida de minha vida, a Essência da essência;
Nos três mundos não tenho a ninguém senão a Ti a quem possa chamar meu.

Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança;
Tu, meu apoio, minha riqueza, minha glória,
Tu, minha sabedoria e minha força.
Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu amigo íntimo, meu parente mais querido.

Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação;
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos, Tu, meu sempre bondoso Guru.
Tu és a fonte de minha bem-aventurança sem limite.

Tu és o caminho; Tu, a meta; Tu, ó Adorável, ó Senhor.
Tu és a mãe de coração terno; Tu, o pai que castiga.
Tu és o Criador e o Protetor. Tu, o Timoneiro que guia minha barca através do mar da vida.

Aqui vemos como desaparece da vista do devoto a barreira do resplendor e glória que interferem na relação de um ser individual com o Ser Supremo. Para o devoto, Deus não é um estranho, por conseguinte, sente Sua proximidade. Em troca, o homem comum, devido a sua ignorância, constrói barreira sobre barreira entre ele e Deus; barreiras do ego, riqueza, renome, fama, orgulho e assim por diante. São estas que nos impedem de ver a Deus, que mora em nosso coração.

O que acontecerá com aqueles que levam uma vida imoral e má, aqueles que cometem erros? Não há saída para eles? O Bhagavad Gita promete a salvação para eles também: "Ainda que um homem seja o pior dos malvados, se Me adora com a devoção de todo coração, deve ser considerado como uma alma nobre, pois tomou uma boa determinação." O significado é este: O ser humano comete erros, por vários motivos, mas por esta razão não deve ser condenado por toda vida. Se ele se arrepende e toma refúgio em Deus existe a possibilidade de que suas tendências viciosas desapareçam e caiam dele, como as folhas secas de uma árvore no outono. Sri Krishna agrega: "Em pouco tempo este homem se converte em um santo e alcança a paz imortal. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece." Temos aqui a promessa inequívoca do Senhor.

Qual é a atitude que melhor convém ao devoto, está explicado por Sri Ramakrishna. Cita o exemplo do gatinho: "O gatinho só sabe chamar a sua mãe, dizendo 'miau, miau'. Fica contente aonde quer que a mãe o ponha. A gata o põe às vezes na cozinha, às vezes no solo e outras vezes sobre a cama. Quando o gatinho sofre, grita, 'miau, miau', não sabe fazer outra coisa. Mas tão logo a mãe gata ouve este grito, aonde quer que esteja, vem até ele. Clama por Deus, — conclui Sri Ramakrishna — desta maneira, com um coração anelante, então com toda certeza poderás vê-Lo."

Surge outra vez a velha dúvida, que já foi respondida, de outra forma: "Por que Deus não outorga a todos fé n'Ele? Por que só dá a alguns e não a outros? E por que, mesmo a estes poucos, dá a fé de diferentes graus? O Bhagavad Gita o aclara: "O Senhor não obriga ninguém a atuar, não cria para as pessoas nem os objetos nem a união com os frutos das ações. É a natureza que atua. O Senhor não recebe nem o mal nem o bem de ninguém. O conhecimento está coberto pela ignorância, por conseguinte, os seres ficam iludidos."A natureza ou Prakriti, por seus poderes de ocultar a realidade e projetar a irrealidade, rouba do ser individual sua faculdade de discernimento e ele identificando-se com a natureza toma o irreal pelo Real, o transitório pelo Eterno e permanece apegado ao mundo. O dia em que cessar de fazê-lo se dará conta de sua verdadeira natureza e se liberará para sempre.

Vejamos agora, como podem aqueles que já estão presos no mundo, chegar a Deus, a morada da consolação? Não podem de repente romper sua relação com aqueles com quem convive, nem desfazer-se de seus deveres. A eles Sri Ramakrishna aconselha: "Cumpra com todos os deveres, mas mantenha vossa mente em Deus. Viva com todos, com esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem seus mui queridos, mas saiba no mais íntimo de vosso coração que eles não lhe pertencem, que Deus é vosso amigo, parente e morada."

Que possamos alcançar a Deus, a morada da consolação, nesta mesma vida, por Sua misericórdia!

• • • • • • • • • • • •

O QUE É MĀYĀ

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Novembro de 1963

Aparência e Realidade

Com frequência nos deparamos com este termo, Māyā e muitas vezes vemos que tem sido mal interpretado. Tem sido traduzido como ilusão em Português[2] e isto fez surgir toda a confusão. Mas para um pensador e observador imparcial isto não deve necessariamente acontecer. Ele vê quase um paralelo entre as teorias científicas de hoje e Māyā.

Vemos, por exemplo, a primeira afirmação da doutrina de Māyā, ou seja: a aparência não é a realidade. Parece real porque algo mais que forma o substrato ou essência é real. Isto é o que a ciência nos diz também. Vamos citar alguns exemplos concretos ao invés de confundir-nos no labirinto das palavras. Quantas mudanças revolucionárias tiveram os conceitos comuns, com relação aos fenômenos básicos! Há mil anos as pessoas aceitavam o mundo como sendo uma superfície plana e quantas ideias estranhas haviam de como ele permanecia em sua posição. Acreditamos nessas coisas agora? Se alguém acreditar nisto, será considerado como vindo da era neolítica, apesar de que a ciência moderna não é tão velha. Foi apenas quando Colombo, que disse que poderia atingir a Índia seguindo ao redor do mundo, se a outra rota não estivesse disponível, quando teve sucesso até certo ponto, foi que houve algum tipo de crença na declaração de que o mundo era redondo.

Dizemos que o sol surge no leste e desaparece o oeste. Mesmo agora esta fraseologia não mudou; mas o sol gira ao redor da terra como parece aos olhos comuns? Não, diz o cientista. É a terra que se move ao redor do sol, como também sobre seu próprio eixo. Esta última rotação produz a noite e o dia, como também o movimento inicialmente citado produz as estações do ano. Outra maravilhosa teoria ou fato, como quer que a chamemos, da ciência é que a nossa Terra está se movendo à uma grande velocidade de 17,5 milhas por minuto. Apesar disso nós não sentimos o impacto de tal velocidade. Para nós parece que a Terra está estacionária.

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

2 Do original em Inglês, 'Illusion' (nota do tradutor).

Ainda há muitas outras coisas além dessas que apenas poderosos telescópios e um olho experimentado poderiam descobrir. Por exemplo, foi recentemente descoberto pelos 'astrônomos soviéticos e americanos simultaneamente e independentemente que uma das mais distantes e visíveis galáxias, 3C-273, está mudando seu brilho'.

''O espectro de 3C-273 mostra que está se afastando de nós a uma velocidade de 30.000 milhas por segundo – centenas de vezes mais rápido do que qualquer estrela de nossa própria galáxia poderia possivelmente se mover – daí sua identificação como uma galáxia.

'Até agora radiação variável tinha sido observada somente em estrelas e ninguém jamais suspeitou que também as galáxias pudessem mudar seu brilho.'

'A própria existência de tais superestrelas era considerada como impossível até muito recentemente.''[3]

Podemos continuar a apresentar evidências para provar que o que as pessoas acreditavam ingenuamente sobre o mundo no passado, teve que ser descartado e novas crenças, formuladas de acordo com teorias científicas, foram cultivadas. Mas nosso propósito sendo o de mostrar que o mundo não pode ser considerado como aparece mesmo do ponto de vista da ciência, estes poucos exemplos devem ser suficientes. A doutrina de Māyā não exige nada além do que este reconhecimento: a aparência tem uma existência condicional e quando a condição varia a existência também sofre uma mudança, ou seja, não é eternamente real.

Māyā como Ignorância

Antes de tratar da natureza de Māyā veremos como tem sido geralmente interpretada. Māyā é descrita por um dos Upanishads como *prakrti* e o controlador de Māyā como *Iswara*.[4] Tem sido também chamada de ignorância. Ignorância nem sempre significa a ausência de sabedoria mundana ou das ciências materiais. Alguém pode ser ignorante de tudo isso, porém consciente de sua verdadeira natureza que é a verdadeira sabedoria. Enquanto que outro pode ter conhecido muitas ciências e ainda assim ser ignorante do que é realmente. Esta última sabedoria leva ao bem estar material e a primeira à liberação espiritual que é a paz eterna.

Aqui encontramos algumas questões intrincadas. De quem é esta ignorância? De onde vem? Como pode o resplandecente Ātman[5], estar coberto por essa ignorância? Então Māyā é mais poderosa do que o Ātman? Vamos verificar estas questões uma por uma. A ignorância, diz o

[3] Citada do Soviet Weekly, 1 de Agosto de 1963. Publicada do 3, Rosary Gardens, London, S.W.7.
[4] Svetasvataropanishad, 4.10.
[5] O Ser Supremo, ou Brahman (nota do tradutor).

Vedantista, é de dois tipos, uma é a primordial Māyā, através da qual Iswara[6] projeta o mundo; e a outra que controla o jiva[7] prendendo-o ao mundo. Portanto, existe Māyā em Iswara, que é o Seu próprio poder e ignorância no Jiva. Por isso esta ignorância é do jiva. Chegamos à segunda questão: De onde vem esta ignorância se o Ātman é a consciência auto resplandecente ou Conhecimento Absoluto? A resposta do Vedantista que apela à razão é que esta ignorância não teve um início. Ou como Swamiji diz, 'a Verdade nunca sonha...a ilusão surge da ilusão apenas.' Nenhuma resposta satisfatória pode ser obtida para esta questão enquanto estejamos no plano de Māyā. Isto é verdade não apenas para Māyā, mas para o mundo também, que de acordo com o Vedantista não é nada além de Māyā. Não se sabe de onde veio este universo e em que é suportado. Esta afirmação pode parecer absurda para muitos, pois tanto tem sido descoberto sobre isto pelos cientistas. Mas esquecemos de que a ciência lida apenas com coisas que já surgiram, de objetos percebidos, ou para dizer de modo breve, objetos ao alcance dos sentidos. Eles não podem dizer o que existia antes da criação, talvez bilhões de anos atrás. Além disso, os cientistas não podem pensar em um tempo quando não havia a criação. Ou seja, eles trabalham no tempo, no espaço e em termos de causalidade. Quando puderem ir além destes somente então poderão chegar a conhecer de onde surgiu esta criação. Swami Vivekananda pertinente e categoricamente afirma, 'nenhuma quantidade de conhecimento do mundo externo poderia solucionar este problema (do mistério do universo).' "Mas, diz o cientista, estamos apenas começando a conhecer um pouco. Espere alguns milhares de anos e teremos a solução." "Não, disse o Vedantista, pois ele já provou acima de toda dúvida que a mente é limitada, e não pode ir além de certos limites – além do tempo, espaço e causalidade. Como nenhum homem pode pular para fora de si mesmo, assim também não pode ir além dos limites que foram colocados para ele pelas leis do tempo e espaço. Cada tentativa de solucionar as leis da causalidade, tempo e espaço, seriam fúteis pois a própria tentativa teria que ser feita pressupondo a existência destes três.' Estes modos de pensamento de acordo com tempo, espaço e causalidade é o que o Vedantista chama de Māyā.

Sri Ramakrishna sobre Māyā

Sri Ramakrishna em seu jeito simples e inimitável descreve Māyā como 'luxúria e cobiça'. Veremos como esta declaração se compara com a interpretação tradicional de Māyā e quanto está de acordo com a vida

[6] O Supremo Senhor do Universo, Deus Pessoal (nota do tradutor).

[7] Ser Individual, ser humano (nota do tradutor).

prática. O Vedantista diz que Māyā prende o jiva ao mundo e esta é exatamente a ação da luxúria ou paixão – paixão por poder, por gozo e por riqueza. Que isto é verdade tem sido provado várias vezes. Por isso é que todos os mestres da humanidade ensinaram ao verdadeiro aspirante espiritual a renunciar a estes, se querem a libertação desta escravidão. Analise os motivos por trás de qualquer ação de qualquer indivíduo em qualquer parte do mundo. Existe alguém, - exceto é claro aqueles que foram além do apego mundano – cujo motivo não pode ser classificado sob estas divisões? Se conhecermos o motivo de um indivíduo que mata, rouba ou engana, ou uma nação que viola, invade ou destrói seus vizinhos, certamente descobriremos que o motivo está entre uma dessas categorias. A Religião, contudo, não existe para exercitar nosso poder de gozar, mas de vencer o forte desejo de fazê-lo. Esta simples definição de Sri Ramakrishna é muito apta e ao mesmo tempo elimina completamente as teias da confusão que se juntaram ao redor desta palavra Māyā que parece tão simples para ser verdade. Mas como Swamiji afirma, 'As Verdades da vida são as mais simples', mas não podemos compreendê-las na primeira vez devido a sua simplicidade. Porém esta definição não contradiz em nada o significado Vedântico[8] de Māyā, que é o poder de encobrir o Real e apresentar o irreal como o Real. Pois não é a paixão pelo irreal que arrasta ao homem para o redemoinho do mundo? Isto ficará claro se mencionarmos Sri Ramakrishna novamente onde ele diz, 'Apego a seus parentes é Māyā'. O mundo inteiro sabe quão poderoso é este apego.

Swami Vivekananda sobre Māyā

Swamiji ilustra ainda mais esta mesma ideia de Sri Ramakrishna quando diz, 'Māyā é uma simples constatação de fatos tais como são - o que somos e o que vemos ao nosso redor'. Ele não apenas comenta enfaticamente e nos pede para acreditar ou deixar o resto para a nossa imaginação. Ele substancia esta declaração com comentários. Ele toma o tremendo fato da morte e comenta: 'O mundo inteiro segue em direção à morte; tudo morre. Todo nosso progresso, nossas vaidades, nossas reformas, nossos luxos, nossa riqueza, nosso conhecimento, têm aquele único fim – morte. Isto é tudo o que é certo. Cidades vêm e vão, impérios surgem e decaem, planetas se desfazem em pedaços e viram poeira, para serem absorvidos pelas atmosferas de outros planetas. Isto tem acontecido desde um tempo sem início. A morte é o fim de tudo. A morte é o fim da vida, da beleza, da riqueza, do poder, da virtude também. Santos morrem e pecadores morrem, reis morrem e mendigos morrem. Estão todos indo para a morte, e mesmo assim este tremendo apego à vida existe. De

[8] Relativo à Filosofia Vedanta (nota do tradutor).

alguma maneira, nós não sabemos por que, nos prendemos a vida; não conseguimos abandoná-la. E isto é Māyā'. Adiante ele assinala como 'a menor quantidade de prosperidade material que desfrutamos está em algum lugar causando a mesma quantidade de miséria'.

Swamiji então continua a descrever energicamente o fato do universo: Como, assim como uma gangorra, alternando entre sofrimento e felicidade, encanta ao homem e o mantém em suas garras. 'Isto, ele diz, é Māyā'. Por um pouquinho de felicidade, se sofre uma carga de sofrimento pacientemente. A natureza nos faz trabalhar como um boi preso a um moinho. Com um punhado de feno pendendo a sua frente e amarrado nele o boi fica tentado e se move sem parar, mas nunca atinge o cobiçado alimento. Assim também nós somos usados para arar os campos da natureza e moer neste moinho e ainda assim pensar que venceremos um dia esta natureza. Isto é Māyā.

Outro argumento errôneo ao qual o homem está sempre inclinado é: que ele está progredindo rumo ao bem, e chegará um dia onde haverá só o bem e nenhum mal. Se fosse assim, porque existe um crescente número de cortes de justiça e um crescente número de ações judiciais? Porque existem tantos esquadrões de polícia, tantos esquadrões anticorrupção e polícia de segurança, homens mendigos, etc.? É este o sinal de diminuição do mal? Não há dúvida, o homem da era moderna comparado com o homem da floresta, consideravelmente melhorou em direção ao bem, como também em seu poder para fazer o bem. Mas pelo dito acima também é claro que na mesma proporção o mal também aumentou. Ainda assim não acreditamos nisso e isto é Māyā.

Este mundo é um lugar de contradições. É na melhor das hipóteses o inferno de Tântalo[9], e ainda assim não o reconhecemos como tal, pois quando o saibamos, desejaremos deixá-lo. Não podemos adicionar uma gota a mais na felicidade do mundo, sem adicionar sofrimento a ele na mesma proporção. Podem perguntar-nos então aqui se é errado fazer o bem. Ninguém dirá isso. Mas devemos nos lembrar de que todo este ato de fazer o bem é para o sua própria elevação. Devemos fazer o bem, pois este é o modo de evitar o mal; apenas não o façamos com a ideia de que seremos capazes de eliminar o sofrimento deste mundo. Pois, como Swami Vivekananda diz, 'É como reumatismo crônico. Elimine-o das pernas e ele irá para a cabeça'. Nós vimos assim, como a ideia de Māyā de Swamiji, longe de ser contraditória à de seu Mestre, explica-a mais completamente e

[9] Rei mitológico grego, filho de Zeus. Certa vez, ousando testar a omnisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim. Como castigo foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força do vento. A expressão suplício de Tântalo refere-se ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular "Tão perto e, ainda assim, tão longe". (Fonte Wikipedia – nota do tradutor).

por isso em nada está em desacordo com o significado tradicional. Ele apenas eliminou o labirinto sobre este assunto e colocou-o em uma linguagem simples para que mesmo um homem comum, não acostumado com a tradição, possa também compreender e assimilar.

Māyā é Eterna?

Quando o Vedantista diz que Māyā não tem início, significa então, como consequência natural, que não tem um fim? Vedanta não deixa dúvidas sobre isto. Vedanta diz: 'Não, Māyā pode terminar.' Esta posição da Vedanta será clara quando discutirmos a natureza de Māyā. Por agora aceitaremos isso com uma hipótese. Se esta declaração da Vedanta for aceita, então a liberação, que é a meta da vida humana torna-se um fato assegurado. Māyā cessa de ter influência sobre o indivíduo quando ele vê a si mesmo em sua forma verdadeira, que é Sat-Cit-Ananda[10]. E este "ver" é a liberação de acordo com qualquer conceito conhecido, apenas um pouco modificado aqui ou ali em conformidade com os temperamentos individuais. E se mantivermos que Māyā sendo sem um início deve também ser interminável? Então não haveria a questão do esforço para a liberação, neste caso a alma individual não poderia ir além de Māyā, que é o critério da liberação.

Como Māyā ou Ignorância cobre o Auto Resplandecente Ātman?

Isto nos leva à terceira questão: Se está dito que o Ātman é o Conhecimento Absoluto, como pode a ignorância obscurecê-lo? Responderemos isto com um exemplo familiar. Considere o sol, que é um corpo luminoso. Ele é obscurecido pela presença de nuvens na atmosfera e de acordo com a densidade das nuvens, o sol é parcialmente visto ou não percebido totalmente. Pode ser que não sejamos capazes de vê-lo por vários dias. Como consideramos isso? As nuvens não são tão vastas como o sol, no entanto elas o cobrem em uma área particular. Pode ser objetado aqui que a comparação é incorreta, pois o sol está muito longe enquanto que as nuvens estão muito próximas comparadas com a distância do sol, o que não é o caso com o Ātman. O Ātman é nosso próprio Ser. Sim, diz o Vedantista, apesar de ele (o Ser) estar muito próximo, parece muito longe estando manchado pelas nuvens do apego às coisas, como o corpo, e outras além do Ātman. Por isso os Upanishads dizem, 'Ele está longe e (ao mesmo tempo) é o mais íntimo; está dentro de tudo e (ao mesmo tempo)

[10] Existência – Consciência - Bem-aventurança Absoluta (nota do tradutor).

fora de tudo.'[11]. Portanto não é uma fantasia, um argumento infundado ou um argumento sem paralelos dizer que a ignorância cobre o Auto Resplandecente Ser. Agora, quando as respostas acima forem completamente compreendidas, será fácil saber o que esperar para a quarta questão. Se Māyā ou ignorância pode terminar, como pode ser mais poderosa do que o Ātman? Nós nos deixamos manchar e estamos chorando, ou como Swamiji diz, 'Nós colocamos nossas mãos diante de nossos olhos e choramos dizendo que está escuro. Retire as mãos e haverá luz; a luz existe sempre para nós, a auto resplandecente natureza da alma humana'.

Māyā como Nome e Forma

Falamos de Māyā como ignorância. O que significa isto é explicado por uma passagem dos Upanishads. 'Todas as formas e nomes são apenas um jogo de palavras, o barro (a substância [que forma a cerâmica]) apenas é real'[12]. Nossa ignorância é sobre esta substância. Consideramos o nome e a forma como sendo reais. E isto é o que nos ilude. O Upanishad nos dá três exemplos: do barro, do ouro e do ferro. O Upanishad diz que quaisquer que sejam as formas em que uma substância se transforme e por quaisquer nomes que seja chamada, não têm existência separada da substância. Potes, panelas e vasilhas que são feitas de barro não podem ter existência exceto no e através do barro, a substância. Os colares, anéis e pulseiras de ouro não podem ter existência separada do ouro. 'Jamais podemos ver nome, forma ou causas existirem por si mesmos. Este fenômeno é Māyā', diz Swamiji. Assim como isto é assim no mundo da matéria, também é com o universo – seja homem, animal, sol, lua ou estrelas, tudo é nome e forma enquanto que a verdadeira substância é apenas Uma. Quando os nomes e formas são destruídos o que permanece é apenas aquele Eterno Espírito, Ātman, Brahman. Este nome e forma traz a dualidade e assim cria a ilusão. É a ignorância da substância, da qual o universo é apenas uma visão distorcida, que traz toda a ilusão. Agora a questão é como o Espírito Infinito torna-se finito. Nós tratamos dessa questão antes em um contexto diferente, mas merece repetição aqui. Vedanta diz que esta dualidade é apenas uma aparência, em realidade é Não-Dual[13]. Quando olhamos através de Māyā, através do tempo, espaço e causalidade, o infinito parece ter se tornado finito. E enquanto se permanece neste campo do tempo e espaço não se pode deixar de ver os muitos e iludir-se. Esta é uma constatação de um fato e vemos como é bela

[11] Isa Up. 5.
[12] Chandogya, 6.1.4.
[13] Mandukyakarika, 1.17.

e adequada a definição de Swamiji sobre Māyā, como uma constatação de fatos, tais como são.

Mas para todos os propósitos práticos vemos a natureza agindo. Ela produz o dia e a noite, a folhagem e o deserto, as perturbações na mente do homem e as convulsões nas galáxias. Esta é uma força tremenda e sentimos o impacto dela em todos os dias de nossa vida. Ainda assim, diz o Vedantista, o caminho para a liberação, liberdade, não é com a natureza, mas contra ela. Swamiji observa: 'Nós não nascemos como ajudantes da natureza, mas para competir com a natureza. Nós somos seus mestres, mas nós mesmos nos amarramos. Por que esta casa está aqui? A natureza não a construiu. A natureza diz, 'vá e viva na floresta'. O homem diz, 'eu construirei uma casa e lutarei contra a natureza' e assim ele faz. Toda a história da humanidade é uma luta contínua contra as assim chamadas leis da natureza e o homem ganha ao final'. Isto é assim mesmo no mundo interno. 'O homem, continua Swamiji, abre seu caminho para fora da natureza em direção à liberdade'. Esta natureza, que é uma constatação de fatos, tem sido descrita na Vedanta como Māyā. Agora vemos que importa pouco por qual nome é chamada, ignorância, natureza ou Māyā, o poder é o mesmo. Estamos nela; não sabemos como chegamos a ela, mas vivemos nela. Todo nosso pensamento e ações estão em Māyā.

Natureza de Māyā

Qual a natureza desta Māyā que é uma força tão poderosa? E qual é o modo de sair dela? Māyā, também chamada de *avyakta* é o poder do Senhor. É sem início; é constituída dos três *gunas* – sattva, rajas e tamas, e é superior aos efeitos. Pode ser deduzida somente pelos sábios pelo efeito que produz. E é esta Māyā que projeta o mundo, diz Sri Sankara em seu *Vivekachudamani*[14]. Continuando ele descreve a sua natureza assim: 'Não é existente e também não é inexistente; nem tem a característica de ambas[15]'. Não é existente, pois pode ser destruída pelo Conhecimento de Brahman, da mesma forma que a corda confundida por uma cobra vista no escuro não é mais existente quando a luz brilha sobre ela e a corda torna-se conhecida. Não é inexistente, pois projeta todas as diferenças e pode ser deduzida pelos efeitos que produz. Não pode ser de ambas as características, pois tal coisa é uma incongruência. Pelo jogo de seus *gunas* Māyā lança um véu, por assim dizer, sobre a Real substância e aparentemente a distorce para parecer como coisas divergentes. Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que explica a natureza de Māyā: "Um dia um sacerdote estava indo ao vilarejo onde morava seu discípulo. Ele

[14] Verso 108.
[15] Verso 109.

não tinha nenhum servente com ele. Vendo a um sapateiro no caminho, ele pediu que o acompanhasse. O sapateiro hesitou pensando que não ficaria bem para ele, mas o sacerdote assegurou que ninguém saberia sobre sua identidade se ficasse em silêncio. O sapateiro concordou. Ao anoitecer, enquanto o sacerdote estava sentado fazendo suas orações na casa do discípulo, outro brahmana[16] chegou e perguntou ao servente do sacerdote para trazer seus sapatos. Fiel ao comando de seu mestre, não respondeu apesar dos pedidos repetidos. No fim, ficando zangado, o brahmana disse com raiva: 'Tonto, por que não fala? Você é um sapateiro?' O sapateiro ouvindo isso começou a tremer de medo e olhando para o sacerdote disse: 'Venerável senhor, fui descoberto. Não ficarei aqui mais.' Assim dizendo saiu correndo do lugar. Da mesma forma, assim que Māyā é reconhecida, desaparece".

Māyā é poderosa, sem dúvida, mas pode ser superada, diz o Vedantista, por aqueles que recorrem à Brahman. Sri Krishna disse no Gitā, 'Esta Minha divina Māyā constituída pelos gunas é muito difícil de transcender. Apenas aqueles que se refugiam em Mim podem fazê-lo'[17]. Cristo também disse o mesmo, 'Venham a Mim, vocês que estão sobrecarregados e Eu lhes darei descanso'. Māyā, portanto, pode ser transcendida apenas realizando o Senhor, ou Brahman, a verdadeira Realidade. Até então o que quer que façamos ou pensemos estaremos ainda em Māyā e simplesmente negá-la não nos ajudará.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[16] Pertencente à casta sacerdotal (nota do tradutor).
[17] Bhagavad Gita, 7.14.

O QUE É YOGA

Swami Paratparananda[1]

Tradução do Editorial da revista Vedanta Kesari em Inglês – Maio 1962; Vol. 49

Yoga é um dos largamente reconhecidos caminhos para Deus, para a Paz e Beatitude. Mas esta palavra Yoga tem sido tão livremente usada que devido ao uso e tradição veio a apresentar uma grande variedade de significados, frequentemente totalmente contrários a aqueles implícitos por seu uso na literatura religiosa – tanto isto ocorreu que hoje a expressão da palavra projeta nas mentes dos homens comuns imagens totalmente inconsistentes com a vida religiosa. Por outro lado, para aquelas mentes que estão familiarizadas com o conhecimento filosófico da Índia, a palavra Yoga invariavelmente traz a mente o nome de Patanjali. Pois foi ele que coletou os pensamentos então existentes e os arranjou em uma ciência. Ele claramente definiu o que yoga significava; codificou as instruções de como praticá-la; enfatizou sobre os sucessivos estágios em sua prática e por fim a meta que se atingia ao recorrer a ela. Mas ele não foi de maneira nenhuma o originador desta ciência ou filosofia. Ele apenas sistematizou os pensamentos. Os pensamentos e instruções já existiam desde a era dos Upanishads. O primeiro tratamento regular deste sistema de filosofia e sua prática vemos no *Svetasvataropanishad*. Ainda assim, a despeito de claras indicações, a despeito de toda filosofia e de todas as escrituras que declaram em termos inequívocos o que significa Yoga, a mente humana tem associado yoga com algo que não é religião, que não é Yoga. Por quê?

Antes de tudo devemos lembrar que o homem normalmente tenta seguir o caminho da menor resistência. E o que é mais natural no homem do que a vida dos sentidos, a vida no grosseiro mundo material? O que é tão sedutor e cativante como os fenômenos da natureza; a beleza do amanhecer, a grandeza do sol do meio dia quando ele queima de forma ardente e faz que todos se abriguem em habitações e lugares frescos? O que é tão refrescante como a brisa fresca do anoitecer quando o sol não tem mais aquele poder? O que é mais natural que as diversões que facilmente se apresentam? Em resumo, o que é mais natural que a vida dos sentidos? A maior parte da espécie humana está satisfeita com estas

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

coisas e se eles se esforçam é apenas para aumentar estes prazeres e prolongar sua duração. Todas as ciências externas tratam somente com esta parte do problema. O cientista quer superar a inquietação acumulando riqueza, adquirindo comida e vestimenta em quantidades sempre crescentes sujeitando a natureza a entregar seus segredos a ele. O homem, por sua natural inclinação mental, desta forma tenta pensar em tudo em termos de utilidade. Se a yoga pode fazê-lo viver cem anos gozando de boa saúde, é bem-vinda. Se puder dar a ele o poder de governar os outros, ajudá-lo a adquirir nome, fama e riqueza, não será descartada, do contrário ele a rejeitará. Para ele é inútil coisas que não têm utilidade material.

Mas a ciência da Yoga trata da perfeição do homem, capacitá-lo a ter uma comunhão com o Divino, fazê-lo perfeito como "o Pai que está no Céu é perfeito". Aqui o objeto de sua experimentação não está em seu exterior. É com a mente, sempre fugaz e nunca controlada que deve lidar. Aqui, os instrumentos gigantescos ou microscópicos que o homem usa nas ciências físicas, não podem atingir. Aqui os sentidos não podem ajudá-lo, pelo contrário, quanto mais turbulentos os sentidos, mais estupendos impedimentos serão em seu caminho. Yoga é um caminho interior, um mergulho profundo em nossas próprias mentes, descobrir as aberturas pelas quais ela busca matéria estranha, fechar estas aberturas, descartar, por assim dizer, matéria em decomposição e limpar o recipiente da mente para receber o néctar da Divina graça e iluminação. É um processo longo que requer imensa paciência não apenas em uma, mas em várias vidas e esta é a razão pela qual se teme adotá-lo. Mesmo um guerreiro como Arjuna[2] lamenta-se aflito de que a mente é turbulenta e incontrolável. Daí não é estranho que a maior parte das pessoas evite este caminho.

A palavra yoga em Sânscrito tem sido usada normalmente em dois sentidos, como concentração (*yuj samadhau*) e como unir, conectar (*yujir yoge*). Patanjali e os Upanishads que o precederam o usam principalmente no primeiro sentido. O Bhagavad Gita, contudo, faz uso dela em ambos os sentidos.

Patanjali, logo no início [dos Yoga Sutras] define o que é Yoga. Ele diz: "[Yoga] é restringir as modificações da substância mental." A questão agora é: Por que se deve restringir os processos ou ações da mente? Para obter a paz, para retornar a sua forma original que é a Bem-aventurança. O que faz alguém se quer retirar-se para descansar? Busca o mercado agitado ou um canto quieto de uma humilde cabana? Óbvio que o último. Por quê? Porque a atmosfera no mercado não é favorável ao descanso. Ele fervilha com atividade e ruído, nenhum descanso é possível lá.

[2] Herói do Mahabharata, discípulo de Sri Krishna (nota do tradutor).

Similarmente se a substância mental fervilha como um caldeirão tomando formas a cada segundo, como se pode ter paz? Pode um barco navegar suavemente em um mar agitado? Quando uma tempestade ruge, ondas enormes se levantam no oceano, só o caos prevalece então. Na mente perturbada pela tempestade das paixões, perturbada pelos sons, cheiros, gostos, vistas e toques apresentados a ela pelos vários sentidos, pode haver serenidade, pode haver paz? O Kathopanishad de forma reveladora enfatiza esta ideia:

"Aquele que não cessou com as más ações, que não é calmo e controlado, cuja mente não está tranquilizada, não pode atingir este Atman[3] pelo mero conhecimento [livresco] de Brahman".[4]

A mente é como um cavalo selvagem, indomado. Se o cavaleiro de tal cavalo não sobe como domá-lo e não é forte para controlá-lo, com certeza será jogado com o consequente risco para sua vida. Swami Vivekananda faz a analogia de um macaco: "Como é difícil controlar a mente! Bem ela foi comparada com um macaco enlouquecido. Havia um macaco, inquieto por sua própria natureza, como todos os macacos são. Como se isto não bastasse alguém o fez beber bebida alcoólica, o que o fez ficar ainda mais inquieto. Então um escorpião o picou. Quando um homem é picado por um escorpião pula de dor por um dia inteiro; portanto o pobre macaco teve sua condição pior que nunca. Para completar seu sofrimento um demônio entrou nele. Quais palavras podem descrever a incontrolável inquietude daquele macaco? A mente humana é como este macaco, incessantemente ativa por sua própria natureza; então se torna embriagada pelo vinho do desejo, assim aumentando sua turbulência. Depois do desejo a possuir, vem a picada do escorpião do ciúme pelo sucesso de outros, e por fim de tudo o demônio do orgulho entra na mente, fazendo pensar de si mesmo como muito importante"[5]. A Yoga ensina a controlar tal mente por um processo gradual, melhor dito, se seguirmos o processo da yoga seremos capazes de controlar a mente, diz o yogin[6].

Qual é o processo? Patanjali diz que *yama, niyama, asana, pranayama, pratyahara, dharana, dhyana e samadhi* são como os oito membros da yoga. Yama e niyama são como suas pernas. Eles são os primeiros a serem praticados: as disciplinas morais como não matar, veracidade, não roubar, continência e não receber dádivas, são chamados de *yama*[7]; cultivar pureza interna e externa, contentamento, austeridade, estudo e

[3] O Ser Supremo presente em todos os seres. (nota do tradutor).
[4] II.24.
[5] Complete Works of Swami Vivekananda, Vol. 1, p.174, Seventh Edition.
[6] Praticante da Yoga ou aquele que atingiu a meta da yoga, mesmo que yogi. (nota do tradutor).
[7] Yoga sutras.

adoração de Deus, são chamados de *niyama*[8]. Todos estes esforços são para subjugar a mente que sempre corre sem restrições. Sri Ramakrishna diz, "A conclusão de tudo é que, não importa qual caminho você siga, a yoga é impossível a menos que a mente torne-se quieta. A mente de um yogi está sob seu controle, ele não está sob o controle da mente". Sri Krishna exorta: "Apenas pela constante prática e renúncia pode a mente ser controlada"[9]. Adiante Sri Krishna é muito claro ao declarar que para um homem com os sentidos descontrolados e de mente dissipada a yoga é uma impossibilidade.[10]

Vemos pelo declarado acima que o próprio alicerce da espiritualidade é uma vida moral e pura na qual não há nenhum pensamento de auto engrandecimento, aquisição ou para si mesmo. A eficácia de se praticar cada uma das disciplinas mencionadas acima foi descrita longamente por Patanjali em seus *Yoga Sutras* e tem sido demonstrada na vida de muitos santos e sábios, mas isto não é intenção deste artigo. Elas apenas provam que Yoga é uma ciência que pode ser demonstrada. Mas o propósito da Yoga não é provar que é uma ciência, mas que é uma ciência que deve ser utilizada para atingir o Mais Elevado, o Supremo.

Simultaneamente com a prática destas disciplinas morais, yama e niyama, devem-se cultivar os outros degraus como pranayama e pratyahara. Uma pessoa que avança neste caminho encontra com maravilhosas experiências após algum tempo. Concentrando a mente no nariz ele sentiria maravilhosas fragrâncias, concentrando entre as sobrancelhas, ele veria muitas visões maravilhosas. Isto, diz Swami Vivekananda, é uma indicação de que o aspirante apenas começou sua jornada. Mas deve-se descartar tudo isso e prosseguir no caminho. Se tornando mais e mais competente para concentrar, sua capacidade para dharana e dhyana (meditação) se desenvolve. Uma completa metamorfose, por assim dizer, acontece na constituição do aspirante. Ele começa a ver extraordinárias visões, e ouvir vozes de planos mais elevados. Todo seu organismo torna-se bem afinado para receber manifestações mais sutis.

Mais além ele começa a obter poderes maravilhosos. Mas estes mais tarde são as armadilhas em que aspirantes mal guiados caem. Eles ficam enamorados destes poderes. Eles pensam que obtendo poderes sobrenaturais ou super-humanos atingiram a meta. Eles caem do caminho. Sua atenção é desviada por isso. Mas isso é um mau presságio. Um alpinista é advertido para ser cuidadoso em seus passos. É um caminho estreito que trilha. As paisagens que aparecem diante dele são

[8] Ibid.
[9] Gita, VI.35.
[10] Gita, VI.36.

maravilhosas e encantadoras, mas se ele não prestar atenção aos avisos e prosseguir em seu caminho com seus olhos desviados para aquelas vistas maravilhosas e a mente absorvida na contemplação da beleza é certo que escorregará e cairá no abismo abaixo. Ainda mais cuidadoso deveria ser neste caminho espiritual que é afiado como o fio de uma navalha.

Os aspirantes enamorados destes poderes esquecem o propósito pelo qual abandonaram tudo, o propósito pelo qual fizeram uma fogueira de seus desejos. Ou ainda havia algum desejo espreitando em algum imperceptível canto de seu coração? Enfeitiçados com estes poderes se esquecem de Deus e desejam gozos materiais, nome e fama, as mesmas coisas que eles tinham descartado como inúteis, escorregam do caminho e desperdiçam suas vidas.

Mas uma pessoa assim está perdida completamente? Serão em vão todos seus esforços como uma nuvem dispersa? O que acontece com a pessoa que cai do caminho mesmo após buscar sinceramente no início? Uma pergunta similar foi feita por Arjuna a Sri Krishna. Sri Krishna responde: "Nunca, um homem de ação benevolente terá aflição eterna. Ele, por seus bons méritos, viverá nas esferas superiores por um longo tempo e então nascerá em uma pura e próspera família ou em uma família de almas avançadas espiritualmente. Lá, entrando em contato com o conhecimento que adquiriu no nascimento anterior, se esforça ainda mais do que antes pela perfeição". Apesar de que nenhum esforço é perdido, uma queda do caminho retarda muito o progresso rumo à meta.

Praticando samyama ou concentração sobre qualquer objeto um yogi pode conhecer seu segredo. Toda a natureza é um livro aberto diante dele. Mas Patanjali diz que isto não ajuda no propósito principal do yogi. As tentações de testar estes poderes chegam. Elas são os obstáculos em seu caminho. Aquele que é capaz de resistir e vencer as tentações e perseverar em sua busca, somente este pode ter sucesso e ninguém mais.

No Bhagavad Gita a palavra Yoga é também usada algumas vezes no sentido de Karma Yoga. Todo o Gita é descrito como um tratado sobre Brahma Vidya e também como um Yoga Shastra: uma escritura que tem como objetivo unir o Jivatman com o Paramatman ou ensina a identidade de Atman e Brahman; e como tal qualquer caminho que é descrito nele é um caminho para Deus, é uma Yoga. Não há nada impróprio em chamar estes caminhos como Yoga. Além disso, apesar de que em teoria possamos criar compartimentos entre Jnana[11], Bhakti[12], Karma[13] e Yoga[14], na prática uma mescla sensata de todos estes contribui para o crescimento saudável da natureza e progresso do aspirante.

---

[11] Jnana Yoga, o caminho do Conhecimento (nota do tradutor).

[12] Bhakti Yoga, o caminho da Devoção (nota do tradutor).

[13] Karma Yoga, o caminho da Ação abnegada (nota do tradutor).

[14] Raja Yoga, o caminho da Meditação e controle psíquico (nota do tradutor).

Tendo visto o que é Yoga, temos que examinar as credenciais do que se faz passar por Yoga no mundo hoje. Um fisiculturista diz que ensina yoga. Quais são as credenciais desta yoga? Ela pode torná-lo forte; torná-lo imune a doenças sem tomar remédios. Pode fazê-lo ter uma vida longa. Ele pode realmente desfrutar dos prazeres materiais. Em resumo ela pode fazê-lo concentrar toda sua energia no corpo. Mas é este o propósito da Yoga real? É claro que a saúde é um imperativo para uma intensa sadhana[15] espiritual, mas o corpo é apenas um instrumento e não um fim em si mesmo. Aquele que dá toda sua atenção e tempo ao corpo, quando pensará em Deus? Por isso a mera cultura física não pode ser a Yoga que um aspirante religioso deseje praticar.

Agora vamos considerar a pretensão de que a posse de poderes miraculosos – viajar pelo ar, ficar invisível, andar sobre a água, etc. – é um critério da Yoga. Se um yogi não pode ou não faz estas acrobacias, ele não impressiona os homens comuns. Uma conversa que alguns devotos tiveram com Sri Ramakrishna expressa a atitude típica de uma pessoa de mente mundana e o modo que julgam a eminência de uma personalidade espiritual. Um dia o Mestre estava conversando com uma pessoa que tinha retornado de uma peregrinação à Benares. A pessoa tinha encontrado o grande sadhu[16] Trailinga Swami. Sri Ramakrishna, que também o tinha encontrado, dava a ele um lugar muito elevado entre os santos, mas no entendimento das pessoas mundanas ele tinha perdido seu estado exaltado, pois não fazia mais milagres. A pergunta pertinente de um verdadeiro buscador deveria ser: Os poderes de fazer milagres nos levam mais próximos de Deus? Vamos ter o testemunho de Sri Ramakrishna. Uma vez Sri Ramakrishna perguntou a Narendranath (Swami Vivekananda): "Meu filho, como resultado das práticas de austeridades eu consegui todos os poderes sobrenaturais, tais como assumir a dimensão de um átomo, etc. Mas eu não tenho nenhuma utilidade para eles. Estou pensando agora em pedir à Mãe[17] para transferir todos estes para você. Pois Ela me disse que você terá que fazer muito do Seu trabalho. Se todos estes poderes forem dados à você, será capaz de usá-los quando necessário. O que você diz?" Narendra em seguida perguntou ao Mestre, "Senhor, eles me ajudarão a realizar a Deus?" O Mestre respondeu, "Eles não seriam de ajuda a esse respeito, mas ajudariam você quando se engajasse no trabalho de Deus, após realizá-LO". Mesmo assim a resposta de Narendra foi, "Senhor, eu não necessito destas coisas. Que eu realize a Deus primeiro e então eu decidirei se os aceito ou não". O Mestre estava testando Narendra tentando-o, mas quando o discípulo suportou o teste, o Mestre ficou

[15] Prática (nota do tradutor).
[16] Monge renunciado (nota do tradutor).
[17] A Divina Mãe do Universo (nota do tradutor).

profundamente satisfeito. Aqui, na categórica declaração do Mestre não há lugar para qualquer dúvida da inutilidade destes poderes para realizar a Deus. A tendência natural do poder é corromper o homem, degradá-lo, portanto um buscador real de Deus não se aproximará destes poderes sobrenaturais. Se um dia possui-los, os usará na elevação espiritual da humanidade e não para se promover nem para ganhos pessoais. Para ele o ganho supremo é a realização de Deus, ganhando a qual, não considera nada mais desejável e estabelecido no qual, não é abalado pela maior das calamidades.[18]

Outro equívoco é que o poder de comunicar-se com espíritos de pessoas falecidas é um estado muito avançado na Yoga. Verifiquemos com cuidado o progresso para Deus e o que encontramos? Descobriremos que estamos à milhas do caminho da verdadeira espiritualidade, no escuro das florestas, sem um caminho e sem luz. Por isso deveria ser o dever de um verdadeiro buscador de Deus, cuidadosa e escrupulosamente evitar estas assim chamadas 'yogas' e cultivar real amor e anelo por Deus sem ser seduzido por magia ou pelo tráfico das coisas misteriosas.

Com relação à prática da Raja Yoga existe o perigo, diz Swami Vivekananda, da pessoa tornar-se mentalmente desiquilibrada ou fisicamente inválida se aplicar-se sem a guia de um Guru competente. O aspirante deve ficar praticamente sobre a observação e supervisão do mestre até que atinja a meta ou até que o mestre considere que pode deixar o aspirante seguir o caminho com seu próprio esforço. Tais mestres são poucos e distantes entre si, as disciplinas requeridas são rigorosas e o período longo e indefinido. Temos nós esta infinita paciência? Se não, evitemos tal caminho. Pois o que se ganha através dessa Yoga pode ser alcançado com menos perigo por bhakti[19] também. Sri Ramakrishna inequivocamente nos assegura, não por ouvir falar, mas por sua real experiência que, "Pode-se ter o mesmo kumbhaka[20] através de bhakti yoga também. O prana[21] para de funcionar através do amor a Deus também. No Kirtan[22] o músico canta, '*Nitai amar mata hati*'[23]. Repetindo isto ele entra em um estado espiritual e não pode cantar a sentença inteira. Ele simplesmente canta, '*Hati*! *Hati*!' Quando este estado se aprofunda ele canta apenas, '*Ha*! *Ha*!' Então seu prana para com o êxtase e vem o kumbhaka."

Resumindo temos: Yoga no sentido religioso não é cultura física,

[18] Gita, VI, 22.
[19] Amor por Deus (nota do tradutor).
[20] Suspensão da respiração no êxtase da realização de Deus (nota do tradutor).
[21] Energia vital (nota do tradutor).
[22] Canto em coro (nota do tradutor).
[23] Meu Nitai dança como um elefante louco.

não está nas sessões espíritas, não é a manifestação de poderes sobrenaturais, não é o tráfico das coisas misteriosas, senão o caminho que leva a Deus. Têm sido comprovado pelas escrituras, pelos santos, pelos sábios e Encarnações [de Deus] repetidas vezes que nenhum destes nos aproxima de Deus. Aquilo que nos une com Deus somente é Yoga, todas as outras coisas não tem nenhum valor digno de ser mencionado. Existem quatro caminhos que nos levam a Deus, Jnana, Bhakti, Karma e Yoga[24] e cada um pode escolher aquele mais adequado a sua disposição ou que o mestre, por seu conhecimento intuitivo considera apto e adequado ao temperamento do aspirante. O primeiro e último teste da Yoga por isso é: se nos leva em direção a Deus. Se não leva, não é Yoga, mas *bhoga* (gozo das coisas do mundo), ou então até *roga* (doença) e deve ser descartada.

• • •

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[24] Raja Yoga

OS REQUISITOS PARA A VIDA ESPIRITUAL

Swami Paratparananda[1]

13-6-1972

É conhecimento comum que todos os homens do mundo, qualquer que tenha sido a esfera de sua ação, obtiveram êxito e chegaram ao cume de suas carreiras mediante perseverança, dedicação e métodos sistemáticos. Tomemos por exemplo os pintores e músicos renomados que apreciamos muito; os que têm aptidão para estas artes e querem brilhar como eles devem estudar seus métodos e segui-los. Não há atalho para a grandeza. É o trabalho árduo e persistente que lhes permitem alcançá-la. Igual é na vida espiritual. Mais vale algumas gramas de prática que toneladas de teoria, como dizia Swami Vivekananda. Aquele que aspira levar esta vida deve seguir as rotas dos grandes seres espirituais, ou seja, praticar as disciplinas com que eles mesmos se exercitaram. "Não existe outro caminho para chegar ao Altíssimo", disse um dos Upanishads.

Estando claro a importância e a necessidade da prática, agora vamos falar das disciplinas. A **veracidade** ocupa o primeiro lugar entre elas, pois Deus é a Verdade, declaram os Upanishads. Como se pode alcançar a Verdade seguindo um caminho oposto? Além disso, a veracidade é indispensável mesmo em nosso trato cotidiano com as pessoas. O homem confia em uma pessoa veraz mui facilmente. Pelo contrário, ainda que seja atraído por outra com suas promessas fascinantes, perde a fé nela quando descobre que não é honesta, que não cumpre com suas promessas. Há um ditado sânscrito: "Unicamente triunfa a Verdade, nunca a mentira." Esta, a primeira vista, pareceria uma declaração tonta porque percebemos que no mundo só prosperam os que seguem o caminho da astúcia e da mentira. Mas se temos a paciência de observar os chamados êxitos dessa gente, veremos que tudo o que é logrado pelo mau caminho não dura muito tempo, nem tampouco lhes proporciona a felicidade e paz que buscavam. Pois têm medo de serem descobertos, medo de confiar em alguém, incluindo seus parentes mais próximos. Podemos qualificar então essa sua existência como feliz? Distinta é a situação de um seguidor da verdade. Se um homem fala como pensa, atua segundo suas palavras e aceita tudo o que resulta de suas ações com calma, então não tem medo de nada. Porque pensa bem

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

e corretamente antes de falar e atuar; não deixa nada oculto. Só quando se oculta algo ou se faz alguma ação má ou contra as leis sociais ou do país e as escondidas, é que se teme ser descoberto e castigado e para encobrir uma mentira se recorre a mil outras; no entanto não se pode esconder a verdade. Esta, como o sol do meio-dia não deixa nada de escuridão, mostra a luz, revela toda mentira. É por isso que todos os preceptores espirituais, desde os tempos remotos, deram uma posição proeminente à verdade entre as disciplinas espirituais. Dizem os Upanishads: “Não deveis desviar-vos da verdade.” “O caminho do céu está feito da verdade”. Entre as qualidades piedosas ou divinas que Sri Krishna enumera no Bhagawad Gita também encontramos a veracidade. Sri Ramakrishna, a quem milhões na Índia e fora dela aceitam como a Encarnação Divina desta época, declara: “A veracidade constitui a maior disciplina espiritual para a era atual.” E continua: “Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus. Sem este respeito por ela [a verdade], gradualmente perde-se tudo. Depois que tive a visão da Divina Mãe, lhe roguei, com uma flor em minha mão: ‘Mãe, aqui está Teu Conhecimento, e aqui está Tua ignorância. Tome ambos e brinde-me solo com o amor puro. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua corrupção. Tome ambas, Mãe, e dá-me o amor puro. Aqui está Tua bondade e aqui está Tua maldade. Tome ambas, Mãe, e proporcione-me o amor puro. Aqui está Tua correção e aqui está Tua injustiça. Tome ambas e brinde-me com o amor puro.’ Mencionei tudo isto, mas não pude dizer, ‘Mãe, aqui está Tua verdade e aqui está Tua falsidade. Tome ambas.’ Submeti tudo aos Seus pés mas não pude decidir em abandonar a verdade.”

Nesta citação encontramos uma frase mui reveladora: “Se um homem adere-se com tenacidade à verdade, ao final realiza a Deus.” Talvez se pergunte: ‘Mesmo um homem que não é religioso chega a ter a visão de Deus se é veraz?’ Mui possivelmente, se esse homem não se afastar da verdade por nada, em todas as circunstâncias e durante toda sua vida, por mais adversas que elas sejam, então os véus de ilusão diante dos olhos de sua mente desaparecerão pouco a pouco. Deus o conduzirá a um verdadeiro santo e, estando em sua companhia, recobrará sua consciência espiritual, e logo dedicará seu tempo em pensar em Deus, até que alcance Sua visão.

Todos vocês conhecem o significado da palavra ‘verdade’. Não obstante citaremos algumas acepções [desta palavra] dadas pelo dicionário, para aclarar a que nos referimos quando a utilizamos: “A verdade é a qualidade do que é certo. Conformidade do que se diz com o que existe. Sinceridade.” Devemos agregar, “Conformidade do que se diz com o que se faz.” Isto é, se digo algo devo fazê-lo, custe o que custar. Assim pois, quando nos referimos a esta palavra incluímos em seu significado todas estas acepções. Se o homem cultiva a verdade em todo este sentido, sem dúvida alguma alcançará à Deus, a Suprema Realidade, a seu devido tempo.

Passaremos agora a outra disciplina muito importante na vida espiritual: a **repetição do nome de Deus**. Para muitos isto parece pouca coisa. Perguntam: 'Que há nisto? Como pode ajudar-nos?' tentaremos responder-lhes. Suponhamos que uma pessoa está caminhando na rua em uma parte da cidade onde não é conhecida por ninguém; de repente ouve alguém gritar seu nome. Que faz? Imediatamente se detém e olha até a direção de onde veio a voz. Mas logo se dá conta de que o chamado não era para ela, pois não vê a ninguém que reconheça, mas sim a outra pessoa que certamente tem o seu nome, falando com uma terceira e sem prestar nenhuma atenção a outros. Mesmo sabendo que era estranha naquele bairro, a primeira não pode deixar de verificar se o chamado era para ela. Vemos assim que o nome tem sua potência.

Esta repetição do sagrado nome de Deus se chama "Japam" em sânscrito. Patanjali, o grande mestre, que escreveu os aforismos sobre a Yoga, disse: "Japam consiste em pensar no significado do mantram, ou fórmula sagrada, enquanto se lhe repete." Nossa mente está cheia de tendências boas e más, impressões das ações das vidas anteriores e também desta vida. A maioria delas se encontra latente e cada uma se manifesta no momento oportuno quando vem um estímulo particular do que [mundo] externo. Repetir o nome de Deus e pensar Nele é despertar as boas tendências. E a medida que se vai repetindo esta prática, sua inclinações viciosas gradualmente vão sendo vencidas. Deus é amor puro, existência e bem-aventurança eterna. Pensando sempre Nele a mente também se torna pura e desenvolve amor por todos e sente algo da bem-aventurança eterna. Cremos que com esta explicação respondemos às perguntas sobre a utilidade desta prática.

A terceira disciplina constitui **a companhia dos santos**. Sri Ramakrishna deu muita importância a esta. Há um ditado: "Diga-me com quem andas e te direi quem és". Que significa isso? Que a companhia influi em alto grau no caráter das pessoas. Estando na companhia dos santos ou devotos piedosos assimilam-se suas boas qualidades. Além disso, devido a que os santos sempre falam de Deus, engendram naqueles que os acompanham sede por vê-Lo. Sri Ramakrishna costumava dizer: 'A companhia dos devotos é como a água de arroz [que lavou o arroz] para aquele que vive no mundo, pois tira a embriaguez mundana'. Um provérbio sânscrito diz: "Um momento da companhia dos piedosos ajuda ao homem a cruzar este oceano da vida". Vamos narrar um incidente da vida de Swami Vivekananda. Certa vez, quando ainda não havia se tornado famoso, estava viajando pelo norte da Índia. Viajava só, dependendo totalmente de Deus, se alimentava com o que davam as pessoas, e não aceitava dinheiro algum. Mas às vezes os devotos o forçavam a viajar por trem proporcionando-lhe o bilhete para seu próximo destino. Em uma dessas ocasiões desceu do trem em certa estação e se sentou em um canto de sua plataforma. Depois que o trem partiu, o chefe da estação, que estava para ir para sua casa, o viu sentado no solo. Ao vê-lo ficou atraído pela aura de espiritualidade que rodeava o jovem

monge e se aproximou para oferecer-lhe seus serviços. Depois de saudá-lo, Sarat Chandra Gupta, o chefe da estação, lhe perguntou: “Swamiji, está com fome?” O monge respondeu: “Sim”. “Então me faça o favor de vir comigo a minha casa”. O monge respondeu com a simplicidade de um menino: “Mas o que você me dará para comer?” Citando um verso de um poema persa, o chefe lhe disse: “Ó querido, tu vieste ao meu lar. Prepararei o prato mais delicioso para ti com a carne de meu coração”. O Swami aceitou o convite. Mais tarde, Sarat ouviu ao Swami cantar uma canção em bengali que dizia: “Meu querido deve visitar-me com cinzas em sua testa”. O jovem devoto desapareceu para aparecer de novo despojado de seu uniforme oficial e com cinzas em sua testa. Uns dias mais tarde o Swami decidiu deixar o lugar. Em seguida o Chefe conseguiu um substituto para que ficasse a cargo de seus deveres e acompanhou ao Swami como discípulo. Nunca mais voltou a sua vida anterior. Ingressou na Ordem e se fez monge e foi conhecido pelo nome de Swami Sadananda. Este homem, antes de seu encontro com Swami Vivekananda, ainda que levasse uma vida honesta e correta, não sabia muito da religião. Mas ao conhecer a um gigante espiritual, despertaram nele todas suas inclinações mais elevadas adormecidas, e todo o pensamento sobre o amanhã que assalta a um homem do mundo se desvaneceu para sempre de sua mente. Isto ilustra bem claramente o provérbio já citado.

Este não é de modo algum o único exemplo na vida espiritual do mundo. Todos vocês conhecem a transformação que aconteceu nos pescadores Simão e André, seu irmão, quando Jesus os viu e lhes disse: “Venham a mim, e eu os farei pescadores de homens”. Então eles, deixando no mesmo instante as redes, o seguiram. Vemos assim que a companhia dos santos e Encarnações Divinas é um fator muito potente na vida espiritual.

A **castidade** forma um dos fundamentos imprescindíveis da vida espiritual. Os jovens que querem levar esta vida devem aderir-se a ela estritamente, e os casados devem viver uma vida bem moderada se anelam ver a Deus. Ninguém na historia da religião chegou a ter a visão de Deus sem praticar esta virtude.

Na Índia, os que seguem o caminho do conhecimento, dão primazia ao **discernimento entre o Real e o irreal**. Só Deus é Real, todas as outras coisas do mundo são irreais, impermanentes, transitórias. Enquanto se considere ao mundo e seus objetos como reais não se pode afastar-se deles, mais ainda, aferra-se a eles intensamente, ansia gozos neste mundo e anela prazeres no além, nos céus. Não se dá conta que todo prazer mundano é fugaz, momentâneo. Quando descobre isto por sua própria experiência nesta vida ou em vidas passada, então, só então, não se envolve nas coisas mundanas. Começa a discernir e a perguntar-se: “Quem sou? Por que vim aqui, a este mundo? Qual é a meta, o objetivo da vida humana?” Com esta reflexão começa a vida espiritual.

Os grandes Mestres deste caminho prescrevem a **prática das seis virtudes** seguintes: Primeira, shama, domínio sobre a mente; segunda, dama, domínio dos órgãos dos sentidos; terceira, uparati, não deixar a mente identificar-se com as modificações dos objetos apresentados pelo externo; quarta, titiksha, suportar todas as dores e pesares sem queixas nem angústias; quinta: shraddha, fé sem reserva, ou plena, nos ensinamentos das escrituras e do Guru, preceptor espiritual; sexta, samádhana, estabelecer sempre e firmemente o intelecto ou a mente em Deus. Por último, eles insistem em que se deve ter um **desejo ardente pela liberação**.

O que significa shama, ou domínio sobre a mente? Sabemos que a mente sempre vaga pelos objetos apresentados pelos sentidos, e pensa neles ainda que não estejam presentes. Não permitir que a mente ande buscando os prazeres, mas que se dirija à sua própria morada, ou seja Deus, constitui seu domínio.

Dama consiste em controlar e estabelecer os órgãos dos sentidos, tanto os externos como os internos, nos lugares que lhe correspondem. Existe um quadro japonês de três monos, em que um cobre seus olhos com as mãos; outro, os ouvidos e outro a boca, que representa simbolicamente o conceito de que não se devem ver coisas sujas ou imorais; nem ouvir palavras frívolas e inúteis; nem tampouco falar ou dizer coisas não corretas, triviais e fúteis. Há uma oração nos Upanishads que diz: “Que escutemos tudo o que é bom, vejamos o que é auspicioso, executemos com nossos membros ações que agradem à Deus, toda nossa vida”. Esse é o significado de dama.

Retirar a mente dos objetos se chama uparati. À medida que se vai praticando as duas disciplinas anteriores logra-se a força para desapegar-se das coisas externas e estabelecer-se em pensamentos de Deus.

Falamos em uma de nossas conversas anteriores sobre titiksha, mais amplamente. Por tanto não o repetimos aqui.

A fé ou shraddha na palavra do Guru é indispensável para um aspirante espiritual. Mesmo no mundo não se pode lograr nada se não se confia em alguém. Sri Ramakrishna costumava dizer que um devoto deve ter uma fé como a de uma criança. Se a mãe diz ao menino que tal ou qual pessoa é seu irmão, ele o crê sem reserva. Narraremos uma estória para mostrar quão certa é esta declaração do Mestre.

Havia uma pobre viúva em certa aldeia que tinha um filho. Para educá-lo o enviava a uma escola longe de sua casa. O caminho até ela atravessava um bosque. Um dia o menino disse a sua mãe: “Mãe, sinto medo quando passo pelo bosque”. A mãe, como era pobre, não podia dar-lhe um acompanhante para protegê-lo das feras e do medo dos fantasmas. Pensou um pouco e como era devota de Sri Krishna, entregando-lhe mentalmente o cuidado de seu filho, disse a ele: “Olhe filho, tu tens um irmão mais velho que se chama Madhusudana (um nome de Sri Krishna) que vive no bosque. Quando sintas medo chame-O e Ele aparecerá diante de ti e te acompanhará”. O menino confiou na palavra

de sua mãe e enquanto atravessava o bosque no dia seguinte gritou: "Ó irmão Madhusudana, vem logo, tenho medo!" De imediato ouviu uma voz que dizia: "Já vou, irmão, não te assustes," e apareceu um jovem de brilhante aspecto que o acompanhou até o final do bosque. Assim o menino teve um acompanhante todos os dias que ia à escola. E brincavam enquanto cruzavam o bosque. O menino contou a mãe tudo o que acontecia. Um dia houve uma festa na casa do mestre e se pediu a todos os alunos que levassem presentes. Este menino também pediu a sua mãe que lhe desse algo para levar ao preceptor. A mãe que apenas podia sustentar-se a si mesma e à seu filho, lhe disse: "Peça a teu irmão e ele te proporcionará o melhor presente que possas levar." O menino seguiu a instrução da mãe e quando seu irmão apareceu no dia seguinte, ele lhe pediu o presente. O jovem trouxe um pequeno pote de leite e o entregou ao menino ao sair do bosque. O preceptor, que recebia presentes valiosos, não prestou nenhuma atenção a este menino. Ao final da cerimônia o mestre lhe perguntou: "Que trouxeste para mim?" O menino presenteou seu pote de leite, o qual ele recebeu com desprezo, dizendo a um de seus alunos que derramasse o conteúdo em uma vasilha. Mas aconteceu algo assombroso. O pequeno pote de leite não somente encheu todas as vasilhas que o mestre possuía, mas ainda assim permanecia cheio. Maravilhado o mestre perguntou ao menino: "Bom, meu filho, onde conseguiste este pote?" O menino relatou todo o ocorrido. De novo o preceptor lhe disse: "Queres apresentar-me a esse teu irmão? Anelo muito vê-lo." O menino consentiu logo com alegria, e ambos foram ao bosque. O menino chamou em alta voz a seu irmão por seu nome. Mas desta vez não aconteceu nada. O irmão não apareceu. Então muito aflito, o menino chorando, disse: "Irmão, se não aparecer meu mestre me considerará um mentiroso, por favor revela-te diante de nós." Como resposta a este rogo, só ouviram uma voz dizendo: "Irmão, eu estou sempre disposto a aparecer diante de ti, mas teu mestre ainda não é digno de ver-me, ele terá que esperar muito." Ouvindo estas palavras o mestre ficou muito envergonhado, pediu perdão ao menino por tê-lo tratado com desprezo e o abençoou com todo coração.

Vemos assim, que a mera erudição sem as práticas espirituais, muitas vezes forma uma barreira entre nós e Deus. Pelo contrário, a plena fé nos ajuda a alcançá-lo. Não temos que considerar esta estória como um conto para entreter as crianças. Tudo isto aconteceu na Índia não muito antiga. Tampouco é um incidente único. Há casos similares que lemos na história das religiões, em todas as partes do mundo. Vamos citar outro exemplo.

Havia um Brahmin piedoso que sempre fazia o culto a seu Ideal. Um dia, na hora de oferecer a comida ao Senhor, teve que sair por alguma causa. Antes de partir disse ao seu filho de tenra idade que fizesse a oferenda ao Ideal. O menino levou os pratos e os colocou no altar e pediu ao Senhor que se servisse da comida. Quando viu que o Senhor, a Imagem, não mostrava nenhum sinal de movimento, começou

a chorar, dizendo: “Ó Senhor, meu pai teve que ir a outro lugar, ele me encarregou de te oferecer este serviço. Parece que Tu estás zangado comigo. Desculpe-me se cometi algum erro; por favor sirva-se, senão meu pai brigará comigo”. Ouvindo estas palavras simples do simples menino, o Senhor apareceu diante dele e comeu todas as oferendas nos pratos. Depois de alguns minutos as pessoas da casa chamaram ao menino para que trouxesse a oferenda, mas o menino disse que o Senhor já havia comido toda a comida. Assombrados, eles foram ao templo e viram que os pratos estavam limpos. E quando o pai voltou e ouviu sobre o acontecido, ficou alegre e triste ao mesmo tempo, pois seu filho com sua fé infinita e intensa havia visto a Deus; triste, porque ele mesmo depois de todos os seus esforços e cultos para ver a Deus, não havia chegado a ter Sua visão.

Observamos assim que a fé é indispensável na vida de um aspirante espiritual, qualquer que seja seu caminho para Deus. Mas desgraçadamente a debilidade de nossa época consiste em não crer em nada, especialmente na vida religiosa, enquanto não tenhamos provas tangíveis sobre ela. Praticamente já afastamos o Espírito do nosso terreno de pensamento e ação. Fechamos a porta de nosso coração para Ele. Devemos remediar esta situação. Devemos converter ao coração em templo de Deus e, como disse Jesus, expulsar a todos aqueles que vendem e compram, ou seja, as inclinações que nos dirigem ao prazer mundano e afirmar como Ele que ‘minha casa, casa de oração será chamada’. Devemos abrir nosso coração para que entre a fé nele. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: ‘Assim como é a fé de um homem, de igual modo é a formação de seu caráter’. O homem sátvico adora a Deus, naquele que tem fé nos seres celestiais predomina as qualidades rajásicas; e aqueles que têm inclinações ou propensões tamásicas, adoram aos fantasmas ou ao mundo material. Sejamos adoradores de Deus, afastando-nos do puro materialismo.

Agora iremos discutir sobre o samádhana ou tranqüilidade mental. Todos sabem como a mente é inconstante; aquietá-la é um esforço de toda a vida, para a maioria da humanidade. No entanto, sem dirigi-la à Deus não se consegue a tranqüilidade, a paz eterna. Só quando se praticam todas as disciplinas já mencionadas ou outras semelhantes, é possível alcançar este estado. Se não, é difícil, mais ainda, impossível que logremos tê-la, pois a tranqüilidade não está na felicidade material. A sede do homem pelas coisas materiais não se apaga nunca, senão que aumenta cada vez mais. E com todas estas preocupações, como se pode ter a tranqüilidade mental? É ao contrário o que acontece. Tudo isto agita a mente em lugar de acalmá-la. Além disso, o que busca a maior parte da humanidade não é a tranqüilidade, senão a felicidade e isto o fazem mesmo sabendo que é passageira, que traz consigo inumeráveis dificuldades e pesares e que também debilita a pessoa física e mentalmente. Sri Krishna disse no Bhagawad Gita: “Está ausente a faculdade de discernir naquele que se ocupa dos prazeres. Aquele que a

perdeu [a faculdade de discernir] não é capaz de pensar em coisas mais elevadas. Aquele que não pensa no Ser ou Deus não tem paz, então, como pode lograr a felicidade ou bem-aventurança eterna? Em troca, aquele que está livre dos pares de opostos, tais como o afeto e a repulsão, ainda que viva no mundo, os subjuga por sua vontade e alcança a equanimidade. Uma vez lograda a serenidade se desvanecem todos os pesares para este homem".

Os hindus crêem que um ser humano renasce repetidas vezes até que alcance a liberação. Liberação de quê? Liberação destes nascimentos e mortes, liberação de todas as correntes que nos prendem ao mundo. Também crêem, que é o próprio ser humano que fabrica seus renascimentos nesta terra, mediante suas ações. Cada um tem que passar pelas experiências do mundo antes que chegue a ter desapego aos prazeres. Só então se dispõe a valorizar as coisas pertencentes ao reino do Espírito. Se não, por mais que se lhe aconselhe ou ensine, não é capaz de crer na necessidade de levar uma vida espiritual. Portanto, um anelo ardente é imprescindível para lograr a visão de Deus ou conseguir a liberação.

Na vida espiritual a guia de um mestre é necessária, mas devemos ter extremo cuidado antes de escolher ou submeter-nos a um Guru. Sri Shankara em seu livro Viveka Chudamani dá alguns signos pelos quais se pode reconhecer ao verdadeiro mestre espiritual. Diz: "Aquele que estudou as Escrituras Sagradas, aquele que é sem mácula, a quem os desejos não movem, quem conhece a Brahman, a Suprema Realidade, cujo descanso está em Brahman, que realizou a Brahman, cuja personalidade é como o fogo sem fumaça, que é como um oceano de compaixão por todos os que se aproximam com o desejo de liberar-se, é um verdadeiro Guru". Nele não existe o desejo de ganhar dinheiro, fama ou renome. Tudo o que lhe dá o impulso para ensinar aos demais é sua compaixão pelos aflitos do mundo. Mas é difícil encontrar a alguém que realizou e viu a Deus. Isto não quer dizer que o mundo carece de pessoas que levam uma vida completamente entregue a Deus, que nunca pensam em seu próprio bem estar material quando tentam compartilhar suas experiências espirituais com os demais. Esse deve ser o critério com que se deve escolher um Guru. Hoje em dia é moda mudar de mestre espiritual tão frequentemente quanto seja possível. Por que as pessoas não sabem o que querem. Seu ideal é muito nebuloso; às vezes crê que anela a Deus, mas no instante seguinte dirige sua mente para seus bens, sua saúde ou como sair de algum apuro. Se observar-se, se achará que a maior parte destas pessoas busca somente estas coisas e não à Deus. É por isso que andam visitando a um Guru e a outro, sem ter uma ideia fixa do que querem. Mas isto é justamente o que não deve fazer um aspirante espiritual, porque mostra sua falta de fé no mestre que se aproximou e por conseguinte, não logra nada neste mundo nem no além. Deve-se observar ao mestre durante um longo tempo antes de submeter-se ao seu cuidado. Uma vez aceito, nunca deve mudar senão seguir suas

instruções ao pé da letra e em seu espírito, até a morte, sem vacilar. Porque só Guru pode mostrar o caminho adequado a um discípulo particular, segundo suas inclinações. O resto depende dele mesmo. Só em casos muito especiais em que o Guru é a Encarnação Divina ou um santo de muito alta categoria e o discípulo possui algumas boas qualidades bem proeminentes, é que o mestre tira os obstáculos do caminho espiritual do discípulo por seu mero toque. Tampouco um preceptor espiritual aceita a um discípulo muito facilmente. O observa durante um longo período. O submete a muitas provas e só quando se assegura que o discípulo o seguirá sem reservas e não se afastará do caminho espiritual, lhe concede sua graça.

O caminho da devoção não exige muitas das disciplinas do caminho do conhecimento, no entanto, insiste na fé, tanto nas Escrituras como no Guru; também na repetição do santo nome de Deus. Mas isto não significa que permite a ausência das virtudes enumeradas anteriormente. Neste caminho, o aspirante, pela intensidade de sua devoção, desenvolve nele todas as boas qualidades, como por exemplo, compaixão, natureza suave, domínio sobre a mente, tranqüilidade e outras semelhantes, e até que não as alcance não consegue a visão de Deus.

Resumindo, os requisitos para a vida espiritual consistem em praticar disciplinas tais como a veracidade, a castidade, a companhia dos santos, a repetição do santo nome de Deus, o domínio sobre a mente e os órgãos dos sentidos, a intensa fé nas palavras dos textos sagrados e no Guru, e por último, se bem não menos importante, a guia do Preceptor espiritual. Além disso é necessária uma intensa ansiedade para liberar-se dos nascimentos e mortes. Bem-aventurados serão aqueles que encontram um verdadeiro Guru e seguem praticando intensa e firmemente as disciplinas que ele aconselha.

O PAPEL DA MORTE[1]

Swami Paratparananda[2]

I

Uma criança vem ao mundo distribuindo felicidade, por assim dizer, para todos seus próximos e amados. Sim, até a mãe que sofre dor extrema para trazê-lo ao mundo fica contente e esquece todas suas dores ao olhar para ele. Mas a própria criança nasce com um choro. A criança torna-se um adolescente e então um homem, executa ações boas ou más, envelhece e ao final se despede deste mundo quer queira quer não, mergulhando seus parentes próximos em sofrimento. Esta é a existência do homem. Mas como o homem faz sua saída do mundo? Tentaremos explicar isto aqui. A maior parte das pessoas o faz contra sua vontade, lutando para escapar, mas incapaz de livrar-se das garras da morte. Com suas mentes pairando sobre a riqueza que adquiriram, sobre seus filhos queridos que o cercam e por fim sobre seus próprios corpos que apesar de destrutíveis foram bem cuidados, mesmo estando desgastados. É com um aperto no coração que deixam o corpo, é insuportável, mas ao mesmo tempo inevitável. Este é o modo que a maioria das pessoas parte deste mundo – com lamentos e gemidos. As dores da morte são terríveis.

Não acreditemos nem por um momento se alguém disser que todos estes que dizem adeus desta maneira são agnósticos, ateus ou céticos, pois mesmos os assim chamados crentes não partem de maneira melhor. Pois estes não praticaram o que seus lábios disseram e seus corações não responderam. Não têm fé em suas próprias crenças, nenhuma confiança no Deus que professam. Por isso eles também partem deste mundo da mesma maneira. A morte é um processo inevitável[3] desta criação. Esta é a única coisa certa neste universo; florestas se transformam em cidades e cidades se transformam em dunas desérticas; onde existem montanhas pode haver lagos no futuro. Portanto existe incerteza sobre tudo, mas a morte é certa para cada ser que nasce[4]. Tudo é momentâneo. Você teve seus bisavós e também estes os tiveram; onde todos estão agora? Se foram, se foram para o ventre da morte.

Que os mais sofisticados não pensem que uma visão pessimista da

---

[1] Editorial da revista *Vedanta Kesari* – Junho de 1964, página 163.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

[3] Bhagavad Gita, II, 27.

[4] Ibid.

vida está sendo apresentada aqui. Não há intenção nisto de enfraquecer o homem. Esta a mais realista visão de todos os realismos. Por que não seríamos realistas e cegaríamos nossos olhos para este fato incontestável? Pois a morte não consome tudo? A resposta é sim. Que isto não seja esquecido. O papel da morte é, portanto, fazer o homem consciente de seu destino: que por mais elevada sua posição na sociedade, por mais ajuda da tecnologia e medicina que tenha, seu fim está em um caixão ou em um punhado de cinzas. Então iremos lamentar em nossa vida e viver enlutados? Não, este não é o propósito da vida, nem o da morte. Este processo de nascimento e morte será repetido até que conheçamos a Deus, vejamos a Deus, O realizemos nesta mesma vida. Uma referência a esta ideia é encontrada em um dos Upanisads que comenta: "Se você O conhecer aqui, terá a verdade, terá tudo. Do contrário será uma grande perda – um final. Conhecendo a Ele (Brahman) como presente em todos os seres os sábios, deixando seus corpos mortais, atingiram a Imortalidade."[5]

A passagem acima implica em quatro coisas claramente: (1) que existe vida após a morte, (2) que existe um modo de vida em que a vida do homem pode ser frutífera aqui e abençoada após a morte, (3) que toda vida vivida de outra forma é um desperdício colossal, (4) que o caminho para a Imortalidade está em ver a divindade manifesta em todos os seres.

II

Se a morte espreita o mundo e pensarmos sobre isto, como teremos coragem de viver uma vida, gloriosa ou não? Esta pergunta também foi respondida na passagem acima citada. Vejamos como. Temos aqui [nesta passagem] duas palavras, *mrtyu* (morte) e *amrta* (imortal). Após a morte [a pessoa] torna-se imortal. Isto não é uma contradição? Aparentemente é. Mas o que é aquilo que morre? Podemos dizer que é o corpo? Não. O corpo está lá apesar de que o espírito se afastou. O que mantinha o corpo se movimentando? O espírito. Portanto a morte é uma separação deste corpo material de algo que nós, homens comuns, somos normalmente ignorantes, mas que aqueles que O sentiram e experimentaram chamam de Espírito, o Ātman, Jiva ou Ser. E conhecendo este Ātman tornam-se imortais, eles dizem. Qual o significado disto? Eram mortais então? Não, mas em palavras comuns não podemos descrevê-lo de outra forma. Pois o homem vê o corpo e acha que é uma massa de carne e ossos. Muito poucos podem transcender esta ideia. É impossível para muitos até pensar que pode haver alguma existência além do corpo. Esta ideia até os assusta. Para estes se diz que este Ātman torna-se imortal. Assim,

[5] Kena Up., II, 5.

sabendo que nem tudo termina aqui, o homem pode ter coragem de trabalhar para o além, ou imortalidade.

Nos tempos antigos este fenômeno da morte deve ter feito o homem começar a pensar no 'o que acontece após', como notamos na estória de Nachiketa no *Kathopanisad*. Até hoje é um grande enigma para uma grande parte da humanidade. O homem não se atreve a espiar além do mundo dos sentidos. Pois lá é escuro para ele. Ele não tem o equipamento nem os instrumentos para explorar suas profundidades. Não consegue conhecer nada.

O que está além é um mistério que a morte mesma guarda em sua posse. Aqueles que são capazes de arrancar este segredo dela partirão daqui sorrindo; eles aceitarão a dissolução física com a mesma equanimidade que aceitaram a vida. Pois desmascararam a morte. É a máscara que está assustando ao homem. As crianças têm medo quando alguém as assusta colocando máscaras sinistras. Mas algumas espertas entre elas descobrirão que é a mãe que veio assustá-las e estando certas disto, abraçam a ela sorrindo. Da mesma forma, assim que o homem conhecer a verdadeira natureza da morte e ver a face da Realidade sem máscaras, ele não mais terá medo. Pois descobrirá que o real em si mesmo e a Realidade por trás do universo são idênticos ou verá que é a bem-amada Mãe que existe além do alcance dos sentidos. Então compreende que ao partir deste mundo não perderá nada, mas ganhará a eterna companhia da Divina Mãe ou do Senhor. Sendo assim, como pode a morte assustá-lo? Existem exemplos de pessoas que se despediram deste mundo com a visão de seu Ideal escolhido, dizendo, 'Estou indo, Mãe, estou indo', provavelmente em resposta ao aceno da Mãe. Isto não deve ser confundido, contudo, com o delírio de um cérebro febril, pois foram vistos estando em total controle de suas faculdades enquanto partiam deste mundo. Após exclamar estas palavras, com um sorriso em seus lábios eles partiam sem qualquer esforço, sem qualquer arrependimento. Sri Krishna diz no *Gita*, 'Aquele que ao final de sua vida deixa seu corpo recordando a Mim apenas, sem dúvida alcança minha verdadeira natureza.'[6]

Não há uma única passagem nas escrituras Hindus que fale ou indique a morte como algo a ser temido. Aqui, na *sloka* (verso) do *Gita* citado acima, por exemplo, temos as palavras, *kalevaram muktvā*, abandonando o corpo e *prayāti*, vai. Estas expressões mostram que não há extinção do indivíduo (o Ātman) pela sua separação do corpo. Esta é a ideia que é ensinada – de uma viagem – uma bela ideia, cheia de significado. Quem não conhece sobre viagens nestes dias? Todos viajam de acordo com seus meios e gostos. Alguém vai a um lugar sagrado,

[6] Gita, 8.5.

outro para ver belas paisagens, um terceiro viaja a negócios, e um quarto é arrastado pela corrente da escravidão de um lado a outro do mundo, etc. Da mesma forma, o homem de acordo com seus desejos, de acordo com seus gostos e inclinações e com a carga de mérito e demérito sobre suas costas viaja, isto é, transmigra de um corpo a outro, de um lugar de gozo a outro, ou de forma direta volta ao Senhor, de quem veio, para viver em comunhão com Ele. Quando a morte é vista nesta perspectiva, pode o homem ter medo dela? Sem dúvida é bom e grandioso desprezar a vida e enfrentar a morte sorrindo por uma boa causa, tornar-se um mártir. Mas é muito melhor e mais grandioso partir conhecendo a Realidade – um estado que elimina a roda de nascimento e morte para sempre para essa pessoa.

Como a realização de Deus ou a Realidade liberta ao homem do medo da morte? Como já dito, este fenômeno da morte une o devoto com seu Ideal escolhido, o bem-amado Senhor, 'por medo de quem o fogo queima e o sol brilha e dá calor; por medo de quem, Indra, Vayu e até a Morte, o quinto, cumprem suas tarefas obedientemente'[7]. Se é o próprio Senhor que dirige a Morte, por que o devoto deveria ter medo dela? Pois quando a morte chega é pela vontade de Deus. Visto pelo ponto de vista do *Advaita* [Vedanta], também é o mesmo, pois 'após realizar a unidade de tudo, onde poderá haver afeto ou sofrimento'[8]. Neste estado não há mais ir ou voltar. Sri Ramakrishna discute este ponto de forma muito penetrante. Ele coloca as questões: Quais são os deveres do homem? O que lhe acompanhará após a morte, no além? Ele mesmo responde assim:

> "Verdade. Quando um homem morre após atingir o Conhecimento, não tem que ir a outro plano de existência; ele não nasce de novo. Mas enquanto não atingir o Conhecimento, deve-se voltar para a vida nesta terra, não pode escapar disto. Para esta pessoa existe um além. Um homem é liberado após realizar a Deus. Para ele não existe mais a volta a esta terra. Se grãos de arroz cozido são plantados, não germinarão. Assim também, se um homem é cozido pelo fogo do Conhecimento, não pode levar uma vida mundana, pois não tem nenhum apego por 'mulher e ouro'. O que você ganhará plantando grãos de arroz cozido?... Aquele que realizou a Deus obteve o fruto da Imortalidade – não um fruto comum como cabaça e abóbora. Ele está livre do renascimento. Ele não nasce em nenhum lugar – na terra, no mundo solar ou no mundo lunar."[9]

Esta declaração de Sri Ramakrishna é amplamente suportada pelo Śruti e Smrti. Yājñavalkya foi questionado por Ārthabhāga: 'Quando este homem liberado morre, seus órgãos o deixam ou não?' Yājñavalkya

---

[7] Katha Up. 6.3.
[8] Isha Up. 7.
[9] The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947, p. 640, Pub. Sri Ramakrishna Math, Madras Índia.

responde, 'Não, eles se absorvem nele apenas. O corpo incha e neste estado morre.'[10]

Na discussão anterior Yājñavalkya estabelece que a morte é devorada por outra morte – a morte da realização; e dá o exemplo do fogo e da água. Como o fogo consome tudo e até este fogo torna-se alimento [é consumido] da água, portanto a própria morte torna-se o alimento da auto realização. O *Gita* também diz: 'Aqui mesmo a transmigração é vencida por aqueles cuja mente está estabelecida na equanimidade; pois Brahman é perfeito e imaculado; por isso se estabelecem em Brahman.'[11]

III

Quando dizemos que as escrituras Hindus não descrevem a morte como algo a ser temido, podemos supor que elas encorajam a morte pelo suicídio? Não existe nenhuma base para tal suposição. O suicídio é cometido geralmente por pessoas frustradas ou covardes que não se atrevem a enfrentar as calamidades ou então por pessoas que perderam seu equilíbrio mental, pelo menos por um momento. Mas podem existir alguns poucos casos onde algumas almas realizadas terminaram suas existências físicas deliberadamente; mas tais exemplos são muito raros e não podem ser chamados de suicídio. Sri Ramakrishna tinha esta opinião.

Aqui é necessário dizer que meramente imaginar que se realizou a Deus, ou por ter tido alguns sonhos ou visões passageiras com relação a Deus, não capacita ninguém a terminar sua vida nesta terra. As marcas da realização de Deus são muito claras para não serem notadas. Para realizar a Deus deve-se estar livre dos desejos, como na analogia de Sri Ramakrishna do barco – 'todos os parafusos e porcas de um barco que está passando sobre uma mina magnética se soltam e o barco afunda', da mesma forma, quando uma pessoa realiza o Supremo, seus desejos são completamente destruídos, os gozos mundanos ou celestiais não o atraem, todas suas dúvidas ou vacilações terminam; os frutos de todas as suas ações, boas ou más, são aniquilados.[12] Aqui está um teste da abnegação de um homem. Geralmente as pessoas desejam os frutos de suas boas ações. Se um homem pode sinceramente abandonar seu desejo de gozar os frutos de seus atos meritórios – até mesmo o desejo de ganhar nome e fama – então ele atingiu a perfeição. Em outras palavras, somente um homem que realizou a Deus, que sente a Deus em cada respiração, pode ser tão desapegado. Esta pessoa pode largar seu corpo se sentir a atração de Deus demasiado intensa para resistir ou então reter seu corpo

[10] Br. Up. 3.2.11. Traduzido por Swami Madhavananda.
[11] Gita, 5.19.
[12] Mundaka Up. 2.2.8.

enquanto seu *prārabdha karma* durar.

IV

A morte é um instrumento no arsenal da natureza para prevenir o homem de prender-se demasiado nos assuntos do mundo. Se nós considerarmos seu papel de um modo mais materialista, a morte é um grande apaziguador do sofrimento e da doença. As doenças assaltam o homem não importa qual seja sua idade, de acordo com os méritos de suas ações feitas no passado ou na vida atual; com a idade o poder de resistência cai e as doenças assumem magnitude assustadora. Ainda assim, o homem dedicado à vida exterior, não sente que seus desejos diminuem. Sri Sankara em uma gráfica descrição no seu poema *Mohamudgara* declara: 'Com a pele enrugada, com a face coberta de manchas, desdentado, o homem velho cambaleia com seu bastão e mesmo assim sua inútil massa de desejos não o abandona'[13]. Este é o destino do homem que se ilude no mundo que criou ao seu redor. Sri Ramakrishna cita o exemplo do bicho da seda que constrói um casulo ao redor de si e sofre para morrer nele. Se ele se importar, pode quebrar e sair dele e voar livre em sua bela forma. Mas tal é seu apego à casa que construiu que prefere permanecer e consequentemente morrer lá! O homem não age melhor que isso. Ele está satisfeito em desfrutar dos seus ciúmes mesquinhos, com suas aquisições moralmente questionáveis e com sua esposa e filhos, a quem considera seus mais queridos e próximos. Mas o que acontece quando morre? Sankara pateticamente descreve assim: 'Enquanto houver respiração no corpo, eles [sua família] perguntarão pelo seu bem-estar, mas quando o último respiro deixar o corpo, sua própria esposa terá medo daquela carcaça.'[14]

Contudo, é pela *maya* [ilusão] que o homem é enganado para acreditar que tudo está bem com ele. Sri Ramakrishna declara que mesmo o Senhor preso na *maya* não gosta de sair dela. Ele dá o exemplo da mítica Encarnação do Senhor Vishnu como uma porca. Por um longo tempo após ter sido cumprido o propósito pelo qual Ele assumiu aquele corpo, o Senhor não retornou a Sua morada. Os deuses [seres celestiais] ficaram perturbados e mensageiros foram enviados, mas o Senhor não deu ouvidos a eles. Por fim os devas com Shiva à frente foram a Ele e o encontraram dando de mamar aos seus pequenos. Disseram-lhe que deveria retornar a Sua morada e Ele respondeu que estava muito feliz ali e não queria deixar seus filhotes. Com isso, conta a estória que Shiva com Seu tridente destruiu o corpo de porca do Senhor e Ele com uma grande gargalhada retornou a Sua morada. A estória pode ser um mito, mas dá

[13] Mohamudgara, 15.
[14] Ibid, 6.

uma grande lição. A condição do homem é quase idêntica. O homem também, esquecendo sua própria natureza, brinca nas poças de lama deste mundo, chora e geme e algumas vezes ri para em seguida chorar novamente. Mas quando chega a conhecer sua verdadeira natureza, renuncia a todas as coisas passageiras e busca o Eterno. E até que atinja o Eterno, até que cesse de ver, por assim dizer, muitas coisas aqui, terá que enfrentar a morte repetidas vezes, diz o *Kathopanisad*[15]. A este respeito também o papel da morte é notável. Se uma morte apenas é insuportável, não deveria então o homem tentar vencer esta ronda de nascimentos e mortes?

Qual é o caminho? Para o ser humano comum o caminho da retidão, *dharma*, foi aconselhado pelas escrituras. Quando tiver sido praticado corretamente o homem torna-se preparado para seguir adiante. Sem uma base moral, não poderá haver um edifício espiritual, grande ou pequeno. 'Aquele que não deixou a maldade, aquele que não atingiu a equanimidade, que não controlou seus sentidos e com uma mente instável, não pode aspirar alcançar este conhecimento (do Ātman).[16]' Este é o veredito dos sábios de todas as épocas e climas e aquele que quiser cruzar este oceano de nascimento e morte deve praticar equanimidade, moralidade, castidade e controle dos sentidos. Não há outro caminho. 'Nem pelo *karma,* nem gerando filhos, nem pela riqueza, mas apenas pela renúncia (de todos os desejos) alguns alcançaram a imortalidade (foram além dos limites da morte)[17], declara o *Upanisad* categoricamente.

■■■■■■

Este texto foi traduzido do original em Inglês por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

[15] Katha Up. 4.10.

[16] Ibid., 2.24

[17] Kaivalyopanisad, 1.3.

A RECORDAÇÃO DE DEUS

Swami Paratparananda[1]

8/8/1972

Um dos métodos mais eficazes para liberar-se das armadilhas deste mundo, ou alcançar a liberação, consiste na prática da constante presença de Deus; assim dizem os santos de todas as religiões em todos os tempos. Geralmente o homem só está consciente do mundo físico, ou seja, aquele que pode perceber pelos cinco sentidos. Seu conceito de mundo na época atual é apenas de uma entidade material. Não o vê nem mesmo como uma criação de Deus. Mas não há dúvida de que é movido e se sente atraído pela constante mudança do panorama do mundo. Por exemplo, o formoso pôr do sol refletido sobre um lago ou mar, as maravilhosas cores e extensão do arco íris, a refrescante luz da lua em uma noite silenciosa, cada um desses quadros talvez o arrebate. O doce murmúrio de um arroio ou o cantar dos pássaros tranquiliza seus nervos e às vezes até o leva ao êxtase; no entanto todos estes elementos somente podem tocar a parte superficial de sua pessoa, ou seja, seus sentidos e, em certo grau, sua mente. Pode recordar estes momentos durante toda sua vida como de alegria inexpressável e sem inibição.

No entanto tudo isto não o capacita para penetrar em sua personalidade se não pode tocar seu ser. A sensibilidade dessa pessoa pela natureza é somente passageira, pois no momento seguinte pode ser que cometa um ato brutal ou perverso e sem nenhuma delicadeza de consciência, se não crê em um propósito elevado da vida, em um destino nobre do homem, em um ser que more em todos e perceba tudo. Não obstante não se descarta a influência da natureza sobre a vida espiritual. Vamos narrar um acontecimento na vida de Sri Ramakrishna que ilustra isso.

Quando era um menino de sete anos, livre como o ar, estava atravessando certo dia um campo em sua aldeia natal, viu passar voando um bando de garças brancas, destacando-se sobre um fundo de nuvens escuras na vasta extensão do céu na aldeia. Ele entrou em êxtase e caiu ao solo, perdendo assim toda a consciência externa.

Mas infelizmente o homem normalmente não tenta olhar além das aparências, além do mundo fenomenal. É por isso que seus frutos

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

também são deste mundo, pois como disse o Katha Upanishad: "Não se pode alcançar Aquilo que está além, o Eterno, recorrendo ao efêmero". Também é a experiência de todos no mundo de que se colhe o que se planta. Se se pensa todo o tempo no material, nos últimos momentos da vida também se pensará em coisas mundanas; e isto o fará nascer várias vezes aqui no mundo. Devemos destacar que a vida humana tem um propósito mais elevado, que é ver a Deus e assim poder liberar-se. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: "Pensando em qualquer pensamento, quando se descarta seu corpo, Ó Arjuna, o alcança, já que em toda sua vida pensou nisto. Portanto, recordes sempre a Mim e lute. Entregues assim, tua mente e intelecto, chegarás a Mim. Não cabe dúvida nisto".

Então que devemos fazer? Devemos renunciar a tudo? Isto não é possível para todos. Sri Ramakrishna sugere aos que vivem com sua família a renunciar mentalmente e agarrar os pés de Deus com ambas as mãos quando não estiverem ocupados em suas tarefas e deveres. E quando se encontrem trabalhando, aderir-se a Ele com uma mão ao menos. Que significa isso? Que devemos recordar a Deus com todo o coração e alma quando nos encontremos livres de nossas ocupações e mesmo quando estivermos cumprindo com nossos deveres, pensar Nele com uma parte de nossa mente.

É claro que isto de nenhuma maneira é uma prática fácil, no entanto não há outra saída deste mundo de pesares e atribulações para o ser que se encontra envolvido no mundo. Para a maioria da humanidade Deus é uma palavra e nada mais, porque não O viram.

Como podemos aproximar-nos de Deus, a Quem não percebemos? Vamos responder com as palavras de um discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Adbhutananda, quem no sentido mundano era considerado um analfabeto, pois nem sequer podia ler ou escrever as letras e no entanto tinha as mais elevadas realizações. Certa vez dois jovens ocidentais se aproximaram dele e fizeram esta mesma pergunta. Ele respondeu: "Suponhamos que vocês busquem empregos, que farão? Enviarão súplicas ao gerente ou diretor das empresas, sem conhecê-lo, não é assim? Então, onde está a dificuldade em que vocês possam fazer o mesmo com Deus?" Esta resposta simples calou as orgulhosas jovens e as fez admitir sua lógica. Se considerarmos ao Senhor como próprio não haverá dificuldades ou dúvidas a respeito destas coisas.

A dificuldade está em pensar que estamos longe Dele. Deus não é um estranho, nem está longe de nós. Para aquele que considera o universo como a criação de Deus, todos são filhos de Deus e o filho tem seu direito à herança da imortalidade e bem-aventurança eterna. Só temos que reclamá-la ou sermos maiores de idade para recebê-la. Senão, como um bondoso pai, Ele não nos entregará, temendo que a desperdicemos.

Só vendo-O pode-se exigir Dele o que se quer. Ele está sempre disposto a dar-nos tudo que pedimos, mas devemos ter cuidado em não pedir coisas fugazes que nos envolvam neste mundo; devemos orar como Nárada. Certa vez o Senhor apareceu diante dele e lhe disse: "Estou muito satisfeito contigo. Peça-Me um dom". O sábio respondeu: "Ó Senhor! Estou contente com Tua visão, não quero nada mais". Mas o Senhor insistiu: "Peça-Me outra coisa". Então Nárada disse: "Bendiga-me para que tenha amor puro por Ti e não seja enfeitiçado por Tua encantadora Maya (ilusão) do mundo".

As pessoas falam em renunciar a tudo ao final de sua vida como se isto fosse tão fácil como descartar a uma roupa usada. Os apegos às coisas aumentam à medida que as acumulam, sem que se dê conta disso, até que penetrem na medula dos ossos, por assim dizer. Portanto abandonar todas essas atrações e posses ao entardecer da vida será igual a quebrar-se os ossos ou afogar-se pela falta de ar. Mesmo quando o homem está no vigor de sua juventude suas ideias giram ao redor de seu tesouro, então, será possível abandonar este apego quando se envelhece? O que acontece com uma pessoa que se apega às suas posses e parentes está descrito de forma gráfica por Sri Ramakrishna. Disse: "Essa pessoa, inclusive no leito de sua morte, pede aos que o rodeiam que não acendam tantas luzes e gastem inutilmente". Este homem ainda está pensando em economizar, mas não sabe que não pode levar a riqueza consigo quando morrer.

Que ninguém se engane especulando que poderá dedicar a última parte de sua vida à contemplação de Deus. Devemos prestar atenção ao que dizem os sábios quando exortam: "Apliquem-se com empenho ao que é auspicioso, pois na realidade quem saberá quando a morte nos levará a sua morada"? Se algo é certo neste mundo é a morte, ninguém pode evitá-la. Quase a metade dos poucos anos da vida que nos são proporcionados passamos dormindo ou na atenção do corpo; a quarta parte ou mais passamos ganhando o necessário para viver. Também devemos descontar os primeiros vinte anos que se passam na infância e em preparar-se para enfrentar o mundo. Vemos assim que só uma pequena fração resta ao homem para ser utilizada como ele quer.

Não pode haver duas opiniões sobre a duração da vida. Mesmo cem anos que talvez seja o limite do que o homem pode viver de forma sã, são insuficientes para cumprir todas as ambições e desejos no mundo. Que a vida é curta é aceitável até para os agnósticos e ateus. O homem é livre para utilizar devidamente ou não, estes poucos anos para ir além da transmigração, para afastar-se deste círculo de nascimentos e mortes. Também, se acreditamos nas escrituras, que são a autoridade com relação a tudo que se relaciona com o que está além da compreensão do homem

comum, devemos aceitar que aqueles cujas ações são parecidas com às dos animais nesta vida, irão nascer possivelmente como bestas na próxima. Disse o Prashna Upanishad: "Como resultados das boas ações se vai para as esferas mais elevadas; e com as ações más, se nasce como ser inferior. E como resultados destes dois tipos de ações combinadas é que se obtém o nascimento humano".

Também é razoável presumir que uma pessoa se transforme naquilo que pensa constantemente. Se há desejos em um homem que não pode satisfazer no corpo humano, é natural que adquira um corpo adequado, depois da morte, para gozar destes desejos.

Portanto, tendo este corpo humano, não devemos abrigar desejos que nos obriguem a cair deste estado. É por isso que Sri Shankara no princípio do Viveka Chudamoni[2] louva com palavras elogiosas a vida humana, dizendo: "Rara é esta vida humana, muito mais precioso é nascer com boas tendências, ainda mais apreciável é a inclinação pela reta conduta enunciada pelas escrituras, mais elevado ainda é ter a faculdade do discernimento entre o Ser e o não-Ser e em seguida experimentar a unidade com Brahman que é a liberação. Não se consegue esta liberação senão mediante os méritos adquiridos durante milhões de vidas anteriores". Hoje em dia não podemos apreciar o valor da vida humana porque milhares morrem em acidentes e guerras. Assim se considera ao ser humano como qualquer inseto desprezível, mas se examinarmos esta declaração citada, ficaremos assombrados em ver quão precioso é.

Havendo nascido neste mundo imperfeito, devemos descartar de um modo ou de outro as limitações que encontramos em todas as partes e em todos os caminhos. Livrar-nos delas de uma vez por todas é chamado em sânscrito mukti ou liberação.

Mediante esta discussão vimos como o homem chegou a prender-se ao mundo. Também nela encontramos a saída disso. Se nos enredamos contemplando as coisas efêmeras, é lógico deduzir que pela contemplação de Deus ou do Supremo, do eternamente puro, consciente e livre, podemos inculcar em nós mesmos todas estas qualidades em certo grau, pouco a pouco, até que ao final o encanto do fenomenal se desvaneça e comecemos a ver a Aquele Ser, que tudo permeia, em toda parte.

Sem dúvida é difícil alcançar a meta, mas nem por isso deve-se descuidar totalmente de seguir o caminho ou desanimar-se. Sri Krishna

[2] "A Joia Suprema do Discernimento", uma das obras mais conhecidas de Sri Shankaracharya (nota do tradutor).

disse que mesmo um pequeno ato de retidão nos salva de uma grande catástrofe. Para o homem que aspira ter a visão de Deus, tudo o que o afasta Dele é uma catástrofe. Pode salvar-se das tentações perigosas se aderir-se firmemente às suas práticas diárias em horas fixas. Há uma estória que ilustra este ensinamento de Sri Krishna. Em certa aldeia vivia um piedoso e elegante devoto a quem toda a comunidade respeitava; mas uma mulher se sentiu atraída por ele e com a intenção de seduzi-lo o convidou a sua casa. O devoto, que não tinha nenhuma ideia do que ela pensava, aceitou o convite. Ele falou sobre assuntos espirituais até o entardecer e depois se recordando que era a hora de sua prática, despediu-se dela.

Isto se repetiu vários dias até que a mulher, vendo que não podia desviá-lo, abandonou sua intenção e dedicou sua vida a religião.

Todas as pessoas não estão dotadas igualmente com os dons de saúde, força e intelecto. Portanto cada um tem que escolher e seguir o caminho segundo sua capacidade, pois há vários caminhos que conduzem a Deus, como por exemplo, o da ação, o da devoção, o do conhecimento e o do controle físico-mental. Nem todos estão capacitados para seguir o caminho do conhecimento ainda que os intelectuais sejam atraídos por ele. Este caminho não se constitui de mero intelectualismo, se bem que se necessita de um intelecto bem firme e agudo. Consiste de muitas práticas duras; o praticante tem que começar com a negação do universo em seu estado aparente e até negar a realidade objetiva de seu corpo. Só os que são capazes de fazer isto devem escolher este caminho. Nesta época, o caminho da devoção é aconselhado por Sri Ramakrishna para a maioria e uma prática comum para todos estes caminhos é a recordação de Deus.

Como se pode praticar esta recordação? Em todos os momentos de nossas vidas fazemos algo, imaginamos algo ou planejamos algo. Não é possível para nós viver sem atividade, seja física ou mental, nem por um momento, mesmo aquele mais preguiçoso estará sonhando com fortunas ou prazeres infinitos. A inatividade é uma impossibilidade neste mundo, salvo para alguns poucos, que se pode contar com os dedos das mãos. Quando Arjuna se propôs a renunciar a tudo e retirar-se da batalha, Sri Krishna o advertiu: "Tua própria existência estará em perigo se não trabalhares". Observamos assim que o trabalho não é uma desculpa para não pensar em Deus. Sri Krishna sugere o método para recordar a Deus quando diz: "Qualquer coisa que faças, que comas, o que sacrificas, o que dás, o que executas como austeridade, ó Arjuna, ofereça tudo a Mim".

Aqui temos a instrução perfeita, só necessitamos colocá-la em prática. Como podemos fazê-lo? Nesta época de demasiada pressa, o

homem esquece muitas coisas, incluindo as mais importantes e assim corre o risco de provocar desavenças na família e entre os amigos. Se isto acontece com os que ele considera como seus, como podemos esperar que recorde a Deus? Para sair desta situação, primeiro devemos deixar de apressar-nos, pois a demasiada pressa não conduz à perfeição, em nenhuma ação, pois a pressa agita a mente e a mente agitada não pode pensar corretamente em tudo. Se observarmos a vida deste homem descobriremos que é muito desordenada; se levanta a qualquer hora, pois esteve desperto até noite muito avançada e mesmo assim não se sente repousado. Mas suas obrigações o obrigam a apressar-se. Não encontra tempo para recordar todas as coisas que deve fazer e muito menos a Deus. Esta situação deve mudar. Aquele que deseja levar uma vida espiritual deve ordenar sua vida cotidiana. Ao despertar, ainda estando na cama, deve saudar a Deus mentalmente e após atender as necessidades físicas, passar um bom tempo na contemplação do Senhor. Antes de tomar o desjejum deve oferecê-lo ao Senhor ainda que seja mentalmente; antes de começar qualquer trabalho deve recordá-Lo e invocar sua benção e quando terminar oferecer a Ele e assim em todas as atividades deve sentir a presença de Deus.

Por outro lado, se o homem recorda a Deus somente quando está em apuros ou precisa de algo, não se pode chamá-lo um amante de Deus. A recordação constante é imprescindível, para aquele que anela vê-Lo. Deve-se recordá-Lo em todos os atos, mesmo quando está comendo, porque essa é a hora em que as pessoas costumam esquecê-Lo devido à atração da comida ou outras circunstâncias. Um poeta e devoto cantou: "Ó minha mente, contempla a Divina Mãe de qualquer modo que queiras. Recorde-A em todos os seus atos. Considera o que comes como uma oferenda a Ela". Também diz o Senhor no Gita: "Eu moro em todos os seres como o fogo que queima o alimento ou poder de digestão". Aqui temos uma sugestão para a contemplação: o que comemos deve ser considerado como uma oferenda ao Senhor. Esta é a atitude que devemos tentar cultivar.

O poeta continua: "Quando estás ocupado em tuas tarefas, considera que estás passeando ao redor da Divina Mãe, quando te deites, pense que estás prosternando-se diante Dela". Quando se dá ou presenteia algo a alguém deve considerar como uma oferenda a Deus. Normalmente a atitude de uma pessoa que faz caridade é a de um superior a alguém inferior, mas não são todos filhos de Deus? Como pode ser alguém superior a outro? Esta atitude só aumenta a vaidade e de nenhum modo é favorável à vida devocional, pois até que se logre ter a equanimidade e ver a igualdade em todo o manifestado, não se pode

alcançar a Deus. A atitude correta deve ser a de adoração mesmo quando se dá esmolas a um mendigo. Swami Vivekananda disse, "Deus deu ao homem a oportunidade de fazer caridade e assim servi-Lo". Todo serviço que prestamos a humanidade deve ser realizado com esta atitude. Se o homem recorda isso, não esquece a Deus em nenhum momento.

Isto o tira de seu egocentrismo, o que o faz sempre pensar em sua própria comodidade e felicidade.

Este mundo é a criação de Deus, portanto tudo o que existe nele deve trazer a nossa mente o pensamento do Senhor; em lugar disso estamos enfeitiçados e presos pela emoção gerada pelo mundo e esquecemos a seu Criador. Esta é a causa de perdermos a capacidade de controlar nossa mente. Ela tenta afastar-nos de nosso ser real, de Deus. Por que faz isso? "Porque – diz um dos Upanishads – a mente foi criada com os sentidos com a tendência de extroversão". Os órgãos dos sentidos apresentam ante a mente os objetos fascinantes, e se esta [a mente] não está dominada pela faculdade do discernimento, cai vítima de imagens agradáveis e inevitavelmente esquece a Deus. Além disso, se nossas orações têm motivos pessoais, há o perigo de esquecê-Lo totalmente quando não obtemos os objetos desejados. A recordação de Deus se estabelece firmemente somente quando nasce o amor por Ele em nosso coração, mas não devemos esperar que ele nasça, pois o amor germina só quando o terreno estiver preparado, ou seja, quando nos desligamos de outros pensamentos e objetos. Não devemos aspirar à perfeição repentina por qualquer método de aproximação à Deus. É uma luta de toda a vida; portanto não devemos diminuir nossos esforços. É como nadar contra a corrente: no momento em que cessamos nossos esforços, seremos levados rio abaixo, antes que nos demos conta disso ou que recuperemos nosso fôlego. Sri Ramakrishna dá o exemplo do barqueiro para ilustrar como se deve lutar para ver a Deus. Disse, "Enquanto o bote se encontra nas curvas do rio e o vento sopra contra ele, o barqueiro rema e está alerta, e se mantém afastado dos bancos de areia e rochas ocultas; mas assim que alcança a corrente principal pode deixar de remar, solta as velas ao vento favorável e senta-se para fumar". A corrente principal significa estar completamente imbuído do pensamento de Deus. O vento favorável é Sua graça, remar significa fazer esforços, os bancos de areia e as rochas ocultas são os perigos ocasionados pela fascinação pelas coisas do mundo. Soltar as velas é a submissão à vontade de Deus. Quando a graça de Deus e a absorção total em Seu pensamento estão combinadas, nada neste mundo pode perturbar ao devoto; pode estar certo de alcançar a meta.

Sobre até quando é necessário esforçar-se, Sri Ramakrishna cita

outro exemplo. Disse: “Um ourives em seu trabalho de fundir utiliza os foles, sopra através de um tubo e abana, para gerar o calor adequado. Mas assim que consegue terminar seu trabalho, descansa quanto pode”. Similarmente, devemos aproveitar toda oportunidade que se apresente para pensar em Deus até que O vejamos e tenhamos comunhão com Ele intimamente. Vamos citar alguns incidentes da vida de Sri Chaitanya, uma Encarnação Divina. Certa vez passava por um bosque quando de repente recordou-se do pequeno bosque de Vrindaban e entrou em êxtase; também, vendo ao mar o tomou pelo rio Jamuná, a cujas margens Sri Krishna passou sua infância espargindo felicidade por toda a aldeia; recordou a Sri Krishna e caiu em suas águas. Para o devoto, tudo traz a sua mente alguma manifestação de Deus e assim, se recorda Dele.

Patanjali disse que o progresso na vida espiritual de uma pessoa está na devida proporção da força com que luta. Existem aqueles que dizem que nada acontece senão ao seu devido tempo e não fazem nenhuma prática; estas pessoas não poderão lograr nada, disse Sri Ramakrishna. As pessoas mostram esta atitude só no que diz respeito ao Espírito. Já vimos alguém que deixou de esforçar-se para ganhar a vida dizendo que comerá ao seu devido tempo? Não, porque sente que o alimento é indispensável para a sobrevivência do corpo e que o corpo é seu; e mais ainda, que ele é o corpo. Quando tenhamos esse mesmo sentimento para com o Espírito, só então o anelo para ver a Deus será indomável e não nos importará o que aconteça com o corpo. A única ideia proeminente em nosso coração será a de Deus.

Pode surgir uma dúvida: muitos praticaram árduas disciplinas, durante longo tempo antes de lograr um vislumbre de Deus. É possível então ver a Deus apenas pela prática de Sua presença ou Sua constante recordação? Sim, existiram santos que alcançaram a Deus simplesmente mediante a recordação de Deus, mas sua recordação era genuína. Para expressar nas palavras de Sri Ramakrishna: “Não havia fraude na câmara de seu coração”, ou seja, não falavam uma coisa enquanto pensavam em outra. Sua submissão a Ele era total, sem nenhuma reserva.

Pareceria que esta prática é insignificante, que não vale a pena. Mas se aprofundarmos descobriremos que não é tão fácil como parece. Ocupado nos deveres do mundo, o homem esquece a Deus por completo. E ainda se repete Seu nome, só se movem seus lábios, mas no coração não sente nada; lá se adora alguma outra coisa. Há uma estória que ilustra esse ponto. Certa vez Nárada, que sentia orgulho de ser um grande devoto do Senhor, foi à Sua morada. O Senhor, percebendo os pensamentos mais íntimos de Nárada, quis mostrar-lhe o que significa ser

um verdadeiro devoto e lhe disse: "Meu filho, tu me farás um grande favor se for a tal lugar onde um querido devoto meu vive e trouxer notícias suas. Trate de conhecê-lo, pois ele está verdadeiramente dedicado a Mim". Nárada foi aonde o Senhor lhe disse e encontrou a um camponês que se levantava muito de madrugada, pronunciava o nome do Senhor só uma vez e levando seu arado, arava seus campos todo o dia. A noite voltava e antes de deitar-se pronunciava o nome de Deus outra vez mais. Essa era toda sua prática espiritual. Nárada, observando-o durante muitos dias, disse a si mesmo: "Como pode ser este homem rústico um amante de Deus? Eu o vejo sempre ocupado em deveres mundanos e não possui nenhum sinal de homem piedoso". Voltou à morada do Senhor e expressou o que pensava desse novo conhecido. Ao ouvir isso o Senhor lhe disse: "Ó Nárada, pegue essa taça de azeite, e dê um passeio pelos caminhos da cidade e volte com ela, mas tenha cuidado para que não caia nenhuma gota de azeite". Nárada obedeceu ao pé da letra a ordem do Senhor e quando voltou o Senhor lhe perguntou: "Bem, meu filho, quantas vezes recordas-Te à Mim no transcurso de teu passeio pela cidade?" Respondeu Nárada: "Nem uma só vez, Senhor. Como poderia fazê-lo quando todo tempo tinha que observar essa taça cheia até a borda com azeite? Então o Senhor respondeu: "Esta taça de azeite distraiu tanto tua mente que tu, que se considera um grande devoto Meu, esqueceste completamente de Mim!" Mas olhe para o camponês, que ainda que levando a carga pesada de uma família, se recorda de Mim duas vezes todos os dias". O sábio ficou envergonhado e desapareceu o orgulho de sua mente. Pois não se julga nossa devoção pelo que expressamos, mas pelo modo em que levamos nossa vida. Se não existe conformidade entre o que dizemos e o que fazemos, as práticas que realizamos não poderão dar os resultados desejados.

Quando se sente o coração cheio de amor por Deus, o homem fala e atua com amor por todos. A verdadeira recordação de Deus transforma ao homem em um deus. Sua mera proximidade faz sentir aos que o rodeiam, a presença do Altíssimo. Mas esta constante recordação de Deus se estabelece firmemente após um longo período de prática e nasce do verdadeiro amor por Deus. No entanto, este é um método que está aberto para todos: o avançado e o principiante, o rico e o pobre. Sri Ramakrishna menciona alguns signos de uma pessoa que realizou Deus. Diz: "Seu anelo pelo Senhor se manifesta no discernimento, desapego, compaixão para com todos os seres viventes, serviço aos homens piedosos, alegria em sua companhia, cantar o nome e as glórias de Deus, aderir-se à verdade e coisas similares. Quando se veem esses signos de anelo em um aspirante, se pode dizer sem equivocar-se que para ele a visão de Deus não está longe". E ilustra assim: "O estado da casa de um servente lhe

dirá sem dúvida se o patrão decidiu visitá-la. Primeiro limpam o lixo e as ervas daninhas ao redor da casa; depois se limpam a fuligem e os desperdícios; então se limpam os quartos, o quintal, os pisos e outros lugares; ao final o próprio patrão envia várias coisas para a casa, tais como almofadas, sofás, etc. Quando se vê a chegada destes objetos se pode concluir que o patrão virá breve". Limpar a casa por fora e por dentro significa levar uma vida moral e correta, e pensar em coisas elevadas, apagando por completo todas as paixões da mente; equipar a casa com almofadas, sofás e outros móveis significa encher a mente com as boas qualidades já mencionadas.

Que Deus nos outorgue força e a vontade para praticar Sua recordação em todas as circunstâncias.

■ ■ ■ ■ ■

Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.

A SÍNTESE DOS YOGAS EM SWAMI VIVEKANANDA

Swami Paratparananda[1]

Outubro de 1976

Hoje em dia o nome de Swami Vivekananda é amplamente conhecido em quase todas as partes do mundo por sua mensagem da Eterna Religião que ele fez conhecer a toda humanidade, sem fazer distinção de raça, credo ou cor; uma mensagem cheia de esperança ao pisoteado, ao caído, ao menosprezado e ao sofredor; uma mensagem de harmonia e paz. Quando pela primeira vez a grande assembleia do Parlamento das Religiões, que aconteceu em 1893 na Exposição Mundial em Chicago, escutou esta mensagem do Hinduísmo de tolerância e aceitação de todas as religiões como verdadeiras, a mensagem de que todas elas são outros tantos caminhos para a mesma Realidade, citando estes dois belos versos dos livros sagrados: *"Assim como os diferentes rios, ainda que tenham sua origem em diferentes lugares, vertem suas águas e se mesclam nas águas do oceano, da mesma forma, Ó Senhor, os diferentes caminhos que os homens seguem, devido a suas diferentes tendências, ainda que pareçam diferentes, por tortuosos ou retos que sejam, todos conduzem a Ti"*, e *"Qualquer um que se aproxime de Mim (o Senhor), sob qualquer forma, Eu vou a ele; pois todos os homens lutam por diferentes caminhos, os quais ao final, conduzem a Mim"*, aquela assembleia ficou, por assim dizer, enfeitiçada e ao final do discurso ovacionou ao orador, mostrando assim sua total aprovação desses sentimentos. Neste mesmo Parlamento expressou o seguinte na sessão final: "Se o Parlamento das Religiões demonstrou algo ao mundo foi isto: Provou que a santidade, a pureza e a caridade não são posses exclusivas de nenhuma igreja do mundo e que todos os sistemas produziram homens e mulheres do mais sublime caráter. Se alguém, contra esta evidência, sonha com a sobrevivência exclusiva de sua própria religião e a destruição das demais, me compadeço de todo o coração e lhe indicarei que sobre a bandeira de cada religião será escrito breve, a pesar da oposição: 'Ajuda mútua e não luta', 'Assimilação mútua e não destruição', 'Harmonia e Paz e não discórdia'". Desde aquele dia durante os três anos seguintes, espalhou essa e outras mensagens da Vedanta nos Estados Unidos sem descanso algum. Uma grande parte dessas

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, *Vedanta Kesari*, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

conferências e palestras se perdeu para sempre e o que se pode reunir chegou a formar oito tomos no idioma inglês[2].

Agora vejamos, qualquer um pode falar ou escrever sobre religião, mas muito poucos podem levar sua convicção ao ouvinte ou leitor, pois como Sri Ramakrishna costumava dizer, "Quem lhe escutará ou dará atenção se não tens o mandato de Deus?"; porque a religião é algo que se transmite diretamente; e se não se realizou a Deus, como pode falar d'Ele com certeza e autoridade? Podemos passar horas em discussões sobre Deus e os meios para chegar a Ele, mas isto não nos capacitará para dar nem um só passo para Ele; pelo contrário, é possível que nos confunda mais ainda.

Swami Vivekananda, além de haver realizado o mais elevado estado espiritual, recebeu o mandato de seu Mestre para ensinar a humanidade. Teve que fazê-lo apesar de si mesmo. Toda vez que ele quis retirar-se a um lugar solitário e viver totalmente absorto em Deus, um ou outro de seus condiscípulos, a quem seu Mestre havia deixado aos seus cuidados, adoecia ou ele mesmo padecia de alguma doença muito grave, a qual o obrigava a abandonar seu plano, até que a poderosa vontade de Sri Ramakrishna, que sempre estava por trás dele, o obrigou a lançar-se ao campo da intensa atividade para levar a mensagem de seu Mestre ao Ocidente e a todas as partes da Índia. E isto significava não somente a prédica, mas também o treinamento dos condiscípulos e discípulos e socorrer ao ser humano faminto tanto espiritual quanto fisicamente. A sede das pessoas pelas águas vivificantes da espiritualidade, que ele possuía em abundancia, o fez entregar-se sem reservas mediante conferências, palestras íntimas, entrevistas e treinamento. O motivo de sua viagem ao Ocidente foi despertar o interesse do povo americano no bem-estar dos pobres da Índia, a Índia que havia sido apresentada diante deste povo como um país habitado por gente selvagem e inculta, que jogava aos filhos recém-nascidos aos crocodilos, e contos semelhantes. Ele mesmo foi àquele país como resposta direta aos caluniadores. Sua sabedoria e a mensagem deslumbrante da religião hindu que ele apresentou diante daquele povo fez pensar a imprensa norte-americana e comentar: "Ao escutá-lo, sentimos o absurdo de enviar missionários a esta sábia nação". Não havia motivo pessoal algum, nem renome nem fama, muito menos riqueza detrás de seus esforços para fazer conhecer a humanidade em que consistia a verdadeira religião. Queria somente o bem do ser humano.

Só quando um mestre espiritual assim, que realizou, viu a Deus e

[2] Atualmente são nove tomos. (nota do tradutor).

que não se sente movido por nenhum interesse pessoal, fala de Deus, as pessoas escutam com toda a atenção e aprendem dele o modo de aproximar-se da Divindade e viver nela. E este mestre, mesmo depois de seu desaparecimento físico, infunde coragem mesmo nas pessoas mais débeis. Swami Vivekananda foi um desses mestres espirituais, que a leitura de cujas obras, mesmo agora, produz em uma pessoa deprimida algo assim como uma corrente elétrica de ânimo e vitalidade, fazendo-a descartar toda covardia, erguer-se e enfrentar tudo o que lhe pode chegar, com calma e intrepidez. A força com que esses mestres pronunciaram suas mensagens não se perde nunca, pelo contrário, ajuda sempre todos aqueles que buscam socorro espiritual.

Dissemos que os grandes mestres espirituais nunca ensinam o que eles mesmos não experimentaram e que por esta razão o método que aplicam é seguro e inequívoco. Swami Vivekananda falou sobre cada um dos quatro yogas principais e ensinou a alguns a maneira de meditar segundo o raja yoga. Tendo em conta o perigoso que é praticar este yoga sem um guia adequado e para não deixar nenhuma ambiguidade sobre o procedimento, tomou a precaução de escrever em detalhe e com clareza um tratado sobre ele. Pode fazer tudo isso porque tinha a experiência direta. Agora veremos como estes yogas se manifestam nele.

Se as vidas das grandes personalidades espirituais são estudadas com um pouco de profundidade, se descobrirá que a grandeza do adulto aparece através do comportamento espontâneo na infância, que a semente da futura e gigantesca árvore espiritual já estava nelas e que desde a infância foi crescendo. Afortunadamente, no caso de Swami Vivekananda, temos amplos dados desde sua infância. Mesmo quando era um menino brincava de meditação e esta brincadeira despertava nele emoções espirituais muito profundas. Os meninos da vizinhança às vezes se uniam a ele neste jogo. Certo dia quando estava meditando junto com seus companheiros apareceu ali uma cobra, vendo a qual, os outros meninos se assustaram e avisando a gritos sobre o perigo a Narén[3], se foram correndo do lugar. Mas ele, que já havia perdido totalmente a consciência externa, não os ouviu e consequentemente não se moveu do lugar. A serpente permaneceu um tempo e depois suavemente se arrastou e desapareceu. Houve outro incidente similar. Certa vez o menino [Narén] que tinha só cinco anos, escutou a estória de Rama e atraído por Sua vida comprou uma imagem de Sita e Rama e a instalou em um dos quartos sobre o terraço de sua casa. Em seguida junto com um amigo de sua idade se trancou nesta habitação e os dois se sentaram para

[3] Como Swami Vivekananda era chamado na infância e juventude. Seu nome pré-monástico era Narendranath. (nota do tradutor).

meditar. Ao darem falta de Narén começara a buscá-lo por todas as partes e ao final chegaram ao quarto fechado, mas mesmo depois de chamá-lo várias vezes, ao verem que não se abria a porta tiveram que forçá-la. Uma vez aberta, encontraram aos dois meninos sentados e imóveis diante da imagem de Sita e Rama.

Havia outro fenômeno peculiar que era natural em Narén. Cada noite lhe trazia alguma visão estranha. Singular era a maneira em que adormecia. Logo que se deitava e fechava os olhos, aparecia entre as sobrancelhas uma maravilhosa luz que mudava de cor e que se expandia até estourar, banhando todo seu corpo com seu brilho; e enquanto a mente se ocupava de contemplar este fenômeno, o corpo caía no sono. Narén pensou que isto era natural em todos os seres humanos e um dia perguntou a um amigo seu se ele também tinha este tipo de experiência. Quando o amigo respondeu que não tinha, lhe aconselhou que observasse bem antes de dormir. Este fenômeno ficou com ele até o fim de sua vida, se bem que em sua última parte não era tão frequente nem tão intenso. Tudo isto mostra a profundidade do estado de meditação a que havia chegado sua alma e o natural que se tornou nele. Mais tarde quando Narén se aproximou de Sri Ramakrishna em sua busca de um homem que houvesse visto a Deus, o Mestre certa vez lhe perguntou: "Você vê uma luz antes de dormir?" e quando o jovem respondeu que sim, exclamou, "Ah! Isto é verdade. Este rapaz é um dhyana siddha, realizado na meditação desde o nascimento." A meditação forma uma parte importante da vida espiritual e consiste em dirigir a mente exclusivamente a um só objeto, a uma só ideia, assim como se verte o azeite de uma vasilha a outra ininterruptamente, até ficar absorta nesse pensamento. Um homem comum passa quase toda sua vida tentando conseguir um pouco de concentração e mui raras vezes chega a alcançar a meditação, em seu verdadeiro sentido. É o penúltimo degrau, segundo a raja yoga, sendo o próximo o samadhi[4]. E sem ter este poder de meditar, retirando a mente de todos os outros objetos e pensamentos, não se pode progredir no caminho espiritual. E como se sabe, yoga significa a união do ser individual com o Ser Supremo e por extensão o caminho que nos leva a esta união também é chamado yoga. Em Swami Vivekananda vemos como desde sua infância todos os elementos necessários para esta união com Deus já estavam presentes, só faltava o toque final da mão mestra para que chegasse à meta, ao cume. Voltaremos ao tema do raja yoga mais adiante.

Sri Ramakrishna descreve assim a primeira visita de seu discípulo: "Narendra entrou no quarto pela porta oeste. Pareceu ser indiferente por

---

[4] O estado de união com Deus. (nota do tradutor).

seu corpo e roupas, e contrariamente aos demais, não prestava atenção ao mundo exterior. Seus olhos mostravam que tinha uma mente introspectiva, como se uma parte dela estivesse sempre concentrada em algo interno. Fiquei assombrado ao encontrar que uma alma tão espiritual vinha da atmosfera, do ambiente materialista de Calcutta. Cantou a meu pedido alguns cantos bengalis. Um deles era um canto comum do Brahmo Samaja[5], que começa com essas palavras, 'Ó mente minha, vá para tua própria morada; neste mundo estranho, porque vagas inutilmente como uma forasteira?' Mas o cantou com todo o seu coração e infundiu tanto sentimento nele que eu não pude conter-me mais, senão que entrei em um estado de êxtase." Aqui temos dois aspectos proeminentes de Swami Vivekananda: a introspecção unida à indiferença pelo corpo e a ternura ou sentimento que tinha por Deus. Como se sabe, antes de ter contato com Sri Ramakrishna, Narendra, em sua busca de Deus, recorreu a muitas pessoas destacadas e reconhecidas como líderes espirituais e até se fez membro do Brahmo Samaja, onde se adorava a Deus sem forma, mas com atributos. Contrariamente, Sri Ramakrishna adorava a Deus com forma, como a Divina Mãe, Kali. Havia praticado também as disciplinas do monismo e alcançado o Nirvikalpa Samadhi[6], onde não existe a diferença entre o adorador e o Adorado; melhor dizendo, onde tudo é o Único sem segundo, em que o adorador se submerge no Absoluto. Experimentando este estado, Sri Ramakrishna uniu-se com a mente cósmica e, portanto podia medir as profundidades da alma dos seres com quem ele entrava em contato. Quando viu a Narendra pela primeira vez, em seguida o reconheceu; no entanto durante sua segunda e terceira visita quis comprovar os antecedentes do discípulo, fazendo-o mergulhar nas regiões mais recônditas de sua alma. Ao ter a confirmação de suas visões sobre Narendra, começou a treiná-lo de uma maneira muito diferente dos demais discípulos. Durante suas visitas, frequentemente lhe pedia que lesse para ele, o Ashtavakra Samhita[7] ou outro tratado sobre Advaita ou monismo, com a intenção de familiarizar a Narendra com esta filosofia. Mas estes tratados pareciam a Narendra, um firme aderente do Brahmo Samaja, heréticos e dizia abertamente: "É uma blasfêmia, porque não há nenhuma diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não existe um pecado maior no mundo que acreditar-se ser idêntico com o Criador. Eu sou Deus, Tu és Deus, estas coisas criadas são Deus – que pode ser mais absurdo que isto? Os sábios

---

[5] Sociedade religiosa importante naquela época, a qual Narendranath chegou a frequentar. (nota do tradutor).

[6] O estado Supremo de união com o Absoluto. (nota do tradutor).

[7] Também conhecido como Ashtavakra Gita. (nota do tradutor).

que escreveram estas coisas devem ter sido loucos.” Sri Ramakrishna se divertia diante destas bruscas afirmações e lhe dizia: “Não é necessário que você aceite as opiniões destes sábios. Mas como pode insultá-los ou limitar a infinitude de Deus? Continue rezando ao Deus da Verdade e creia em qualquer de Seus aspectos que Ele te revele.” Mas Narendra não se submeteu facilmente. Qualquer conceito que não concordava com a razão o considerava como falso e era sua natureza opor-se à falsidade. Por conseguinte não deixou passar nenhuma oportunidade de ridicularizar a filosofia Advaita, monista. Não obstante, Sri Ramakrishna, que sabia melhor que o discípulo que seu caminho era o caminho do Conhecimento, insistiu em falar-lhe sobre esta filosofia. Certo dia, o Mestre tentou convencê-lo sobre a ideia de que o ser individual é idêntico com Brahman, mas sem êxito. Narendra saiu do quarto e começou a ridicularizar e rir-se disto com outra pessoa que vivia naquele tempo no templo de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, ouvindo as risadas de Narendra, também saiu de seu quarto em um estado semiconsciente e sorrindo perguntou: “Olá, de que está falando?” Dizendo isto tocou a Narendra e entrou em samadhi. O efeito do toque foi estupendo.

Narendra mesmo descreve assim: “O toque mágico do Mestre naquele dia, de imediato produziu uma maravilhosa mudança em minha mente. Fiquei estupefato ao ver que na verdade não havia nada no universo que não fosse Deus! Vi claramente isto, mas fiquei em silêncio, para ver se a ideia durava. A impressão não diminui este dia. Voltei para casa, mas ali também, tudo o que via pareceu ser Brahman. Sentei-me para comer e vi que tudo – o alimento, o prato, a pessoa que me servia e até eu mesmo – eram nada além do que Aquilo, o Absoluto.” Essa experiência, ele relata, durou alguns dias sem interrupção. “Depois – continua Swami Vivekananda – quando voltei ao normal, me dei conta que devo ter tido um vislumbre do estado de Advaita. Então me ocorreu que as palavras das Escrituras Sagradas não eram falsas. Desde então não pude negar as conclusões da filosofia Advaita, monista.” Assim pouco a pouco saiu de todo conceito objetivo da Divindade até chegar a ter a gloriosa consciência da natureza subjetiva do Verdadeiro Ser, além da forma, do pensamento, dos sentidos, além de todo bem e mal relativos. Tudo isto não aconteceu em um dia. Teve que descartar os conceitos anteriores e modo de meditar; o trabalho era duro, no entanto não desanimou. Tendo a capacidade de isolar sua mente de todos os pensamentos que não fossem do modo particular de rezar, começou a orar de uma maneira nova e se submergia durante as noites na profundidade de seu interior a tal ponto que ficava como um embriagado. Não sentia vontade de levantar-se do assento de meditação. Sri Ramakrishna também lhe ensinava os diferentes modos de meditar.

A pesar de ter respeito e reverência por Sri Ramakrishna como uma pessoa de completa renúncia e pureza, Narendra não podia aceitar a Deus com forma, um conceito fundamental no caminho da devoção, bhakti. O Mestre, certa vez, observando minuciosamente as características físicas de seu discípulo, lhe havia dito: "Teus olhos mostram que não és um jñani[8] seco; em ti estão unidas harmoniosamente a terna devoção e o profundo conhecimento." Havendo conhecido este fato, Sri Ramakrishna não ia deixar que o desenvolvimento espiritual de seu querido discípulo fosse parcial e em pouco tempo se apresentou a oportunidade. Morreu o pai de Narendra e a família se encontrou desprevenida; e a pesar de todos os esforços o jovem não conseguiu nenhum trabalho para manter a sua mãe e seus irmãos. Quando esgotou todos os meios que lhe podiam ajudar a aliviar o sofrimento de sua família, Narendra se aproximou de Sri Ramakrishna e lhe disse que pedisse a Mãe[9] que tirasse a penúria da família. O Mestre respondeu: "Meu filho, eu não posso pedir essas coisas. Porque não vai você mesmo e pede à Mãe? Todo teu sofrimento é devido ao teu desprezo por Ela." Narendra respondeu: "Eu não conheço a Mãe, por favor, fale o senhor por mim." Sri Ramakrishna respondeu com grande ternura: "Querido, eu disse várias vezes, mas como você não A aceita, Ela não me faz caso. Bom, hoje é terça-feira, - um dia auspicioso para os adoradores da Mãe – vá esta noite ao templo de Kali, prosterne-se diante da Mãe e peça a Ela qualquer dom que queiras, e o conseguirás. Ela é o Conhecimento Absoluto, o Poder Incompreensível de Brahman. Por Sua mera vontade deu a luz ao mundo. Pode dar o que queira." O próprio Swami Vivekananda relata o que ocorreu depois: "Acreditei em cada uma dessas palavras e esperei ansiosamente que anoitecesse. Às nove da noite o Mestre me mandou ao templo. Quando ia senti uma divina embriaguez, cambaleavam minhas pernas; meu coração batia fortemente com a esperada alegria da visão da Mãe vivente e o desejo de ouvir Suas palavras. Estava preenchido com a ideia. Quando cheguei ao templo e dirigi meu olhar para a imagem, realmente vi que a Divina Mãe era viva e consciente, a Fonte Eterna do Divino Amor e Beleza. Fiquei preso em uma onda de devoção e amor." Em um êxtase de alegria, se prosternou algumas vezes diante da Mãe e rezou: "Mãe, me dê discernimento, me dê renúncia, me dê conhecimento e devoção! Bendiga-me para que eu possa ter tua ininterrupta visão!" Esqueceu tudo da família, da penúria; reinava em seu interior uma paz indescritível e ainda que tenha recordado, ao voltar à habitação de Sri Ramakrishna, o propósito com que havia ido ao templo, não pode pedir nada das coisas

[8] Seguidor do caminho do Conhecimento. (nota do tradutor).
[9] A Divina Mãe do Universo, Kali. (nota do Tradutor).

do mundo à Mãe em sua segunda e terceira visita a Ela nesta mesma noite. Disse ele: "Ao entrar no templo pela terceira vez, uma terrível vergonha se apoderou de mim. Pensei: Que coisa tão insignificante eu vim pedir para a Mãe! É como pedir algumas verduras a um rei bondoso!" Mas indo ao quarto de Sri Ramakrishna insistiu em que ele devia abençoá-lo para que sua família não sofresse de aguda pobreza. O Mestre ao final cedeu e lhe assegurou que as pessoas em sua casa não mais sofreriam por falta de comida e roupa. Depois lhe ensinou um canto para a Divina Mãe, que ele cantou durante toda a noite com um coração desbordante de amor por Ela. Assim foi iniciado no caminho de bhakti, devoção e abençoado com a visão da Divina Mãe. É por isso que ele pode ensinar as pessoas que a devoção não consiste em amar a Deus para conseguir coisas do mundo; chamava a esta forma de querer a Deus como um negócio.

Mais tarde, quando Sri Ramakrishna adoeceu de câncer e o levaram a Calcuta para dar-lhe uma melhor atenção médica, os jovens reunidos ao redor dele, ficaram na casa de Casipur para servi-lo e quando Narén se deu conta de que a enfermidade do Mestre era grave e que possivelmente Ele logo deixaria Seu corpo, seu desejo de realizar a Deus aumentou cada dia mais. Reunia seus condiscípulos jovens e os incitava a praticar disciplinas espirituais advertindo-os de quão grave era a enfermidade do Mestre, e com toda intensidade trataram de ter a visão de Deus, antes que partisse Sri Ramakrishna. Certo dia o Mestre o iniciou com o mantram de Rama, dizendo-lhe que Ele mesmo o havia recebido de seu Guru. Como consequência surgiram ondas de emoções em Narendra a tal ponto que a tarde começou a dar voltas ao redor da casa repetindo o nome do Senhor com voz excitada. Havia perdido totalmente a consciência externa e estava preenchido de ânimo extático. Deste modo, Sri Ramakrishna treinava e preenchia a seus discípulos com amor por Deus, enquanto permaneceu na casa de campo de Casipur, em que jazia gravemente enfermo. Não se pode descrever com que intensidade Narendra amava a Deus. Certa vez, estando em casa, foi repreendido pelos familiares por descuidar de seus estudos, mas quando tentou fazê-lo se apoderou dele um grande susto, como se estudar fosse uma coisa horrível. Vamos narrar o que aconteceu com suas próprias palavras: "Começou uma grande luta em meu coração. Nunca em minha vida chorei tanto! Depois, deixando meus livros e tudo, vim correndo sem parar até chegar aqui (Casipur). Minhas sandálias se perderam, não sei onde." Referindo-se a este estado de Narendra, Sri Ramakrishna, ainda que não pudesse falar devido a sua enfermidade, esta noite indicou através de sinais o maravilhoso estado em que se encontrava Narendra. "Houve um tempo – disse em voz baixa – em que ele não acreditava no

aspecto pessoal de Deus. Veja agora como deseja com ânsia a realização!"

Na casa de campo de Casipur cada um dos discípulos de Sri Ramakrishna havia sido abençoado com uma ou outra experiência espiritual. Narendra, ainda que tivesse as experiências já mencionadas, se sentia privado deste privilégio. Um dia se queixou diante do Mestre: "Todos foram abençoados com algum tipo de realização. Que eu também tenha algo. Quando todos o tiveram, serei apenas eu o excluído?" Sri Ramakrishna respondeu: "Termine seus assuntos familiares e depois terás tudo. Que queres?" Narendra expressou seu desejo de permanecer submergido no Samadhi durante três ou quatro dias seguidos e então baixar ao plano normal só para comer algum alimento. Respondeu o Mestre: "Como és tonto! Há um estado ainda mais elevado que este. Não canta você: 'Tudo o que existe és Tu'? Venha depois de prover a tua família, em seguida realizaras um estado mais elevado que o samadhi."

Passaram-se os dias. Narendra, atraído pela vida de Buddha, foi ao lugar de Sua iluminação e meditando debaixo da árvore bodhi chegou a ter uma experiência muito elevada. A renúncia de Buddha agora ardia sempre na mente de Narendra. Ele queria realizar o mais elevado estado espiritual, em que se perde o ego por completo, e a Consciência brilha em sua glória original. Certa vez, este seu anelo se cumpriu inesperadamente. Estava meditando, quando de repente sentiu uma luz detrás de sua cabeça, como se uma lanterna tivesse sido colocada ali. Logo esta luz aumentou de intensidade e cresceu e ao final pareceu estourar. Sua mente se submergiu nela; o que aconteceu depois não pode ser descrito com palavras, pois este estado Absoluto está além da palavra e da mente, afirmam os Upanishads. Nesse momento só Narendra e outro discípulo de Sri Ramakrishna, Gopal, o sênior, estavam neste quarto meditando; tudo estava silencioso. Subitamente, o condiscípulo ouviu Narendra gritar: "Irmão, onde está meu corpo?" Baixando parcialmente a consciência normal, Narendra sentia só sua cabeça. O outro surpreendido respondeu: "Está aqui! Está aqui!" e em seguida vendo o corpo rígido de Narendra, foi depressa pedir ajuda a Sri Ramakrishna, a quem encontrou intensamente calmo, mas cujo rosto emanava uma seriedade profunda, como se soubesse o que estava ocorrendo no quarto adjacente. Em resposta ao pedido de ajuda, disse o Mestre: "Deixe-o, que fique neste estado por um tempo. Atormentou-me muito tempo por isso!" Quando Narendra recobrou completamente sua consciência normal, viu que estava rodeado de seus ansiosos condiscípulos. Sentia como se estivesse submerso em uma paz inefável. Seu coração desbordava de êxtase. Mais tarde, ao apresentar-se diante de Sri Ramakrishna, o Mestre olhando profundamente em seus olhos, lhe disse: "Bem, a Mãe te mostrou tudo. Assim como se tranca com chave em uma caixa a um tesouro, do mesmo

modo, a realização que acabas de ter será guardada e a chave ficará comigo. Tu tens trabalho para fazer. Quando terminares meu trabalho, se abrirá a caixa e saberás tudo, como sabes agora.” Depois o advertiu que cuidasse do corpo por um tempo e que tivesse muita prudência quanto a comida e a escolha de companheiros e aceitasse só aos mais puros. Vemos assim como a tendência natural de introversão de Narendra era como se fosse a precursora da mais elevada realização espiritual, a do Nirvikalpa Samadhi, o objetivo do caminho do Conhecimento. A menos que se transcenda a ideia de que se é o corpo, não se pode progredir neste yoga. Sri Shánkara explica claramente: “Aquele que seguindo uma vida de prazeres sensórios quer alcançar o Absoluto, perece como aquele que tomando equivocadamente a um crocodilo por um tronco de madeira, quer cruzar o rio.” A desidentificação com o corpo é a condição essencial neste yoga, e Swami Vivekananda, como vimos, a tinha desde a infância e um sumo grau; por isso lhe foi possível realizar a meta deste caminho em tão pouco tempo.

No começo desta conversa nos referimos a facilidade com que Narendra se perdia na meditação e como esta também forma uma prática importante do raja yoga. Os dias de Casipur, como já dizemos, foram para os discípulos jovens de Sri Ramakrishna, um período de intensas práticas espirituais, de serviço dedicado ao Mestre e de elevadas experiências. Uns meses antes do acontecimento que acabamos de mencionar, Narendra teve outra experiência: Um dia estava meditando. De repente sentiu uma sensação peculiar em seu peito. O senhor ‘M’, a quem Narendra relatava isto disse: “Era o despertar da Kundalini (a energia espiritual que jaz na base da coluna dorsal).” “Talvez fosse – disse Narendra. Percebi claramente os nervos Ida e Pingala. Pedi à Hazra que colocasse sua mão sobre meu peito. Ontem contei isto ao Mestre.” Deste modo Narendra avançava rapidamente pelo caminho do raja yoga também. O compêndio que ele escreveu sobre este yoga não deixa dúvida alguma de que esse texto foi uma anotação de sua própria experiência.

Nos falta agora dizer como está manifesto em Swami Vivekananda o karma yoga. Se recordarão as palavras de Sri Ramakrishna à Narendra depois que este teve o Nirvikalpa Samadhi em Casipur: “Já conheceste tudo, agora esta realização, como um tesouro, será guardada fechada com chave. Tu tens que fazer meu trabalho e quando o termines se abrirá a caixa, não antes.” O primeiro trabalho foi o cuidado dos jovens discípulos do Mestre. Ele o encarregou expressamente que cuidasse dos rapazes para que não voltassem aos seus lares, mas que fossem monges para levar adiante Sua mensagem. Espalhar essa mensagem no Ocidente foi a segunda tarefa e a terceira foi infundir vitalidade à nação debilitada e prostrada. Tudo isto cumpriu enfrentando muitas resistências, calúnias e

outros fatores adversos, mas sem motivo pessoal algum, sem querer nem renome nem fama. As tarefas eram enormes e os anos que lhe restavam eram poucos[10], por tanto se impacientava quando o trabalho não avançava como queria. Portanto às vezes o vemos repreender severamente inclusive a seus condiscípulos, por quem tinha carinho e respeito; era só para prepará-los a fim de encarar a obra quando ele partisse. Era um karma yogi sem igual, trabalhou até o último dia de sua vida e em meio do trabalho intenso, se sentia profundamente calmo. Vemos assim que a vida de Swami Vivekananda é uma síntese de todos os yogas.

Mais se pensa na vida de Swami Vivekananda, mais ficamos maravilhados. Toda pequenez desaparece da mente. É lindo ler como esta pessoa, espiritualmente gigantesca, se colocava ao nível do estudante para que este se sentisse livre de temor reverente e esquecendo a grandeza do Swami pudesse sentir uma relação íntima com ele.

Que Deus nos dê a capacidade de seguir pelo menos um dos yogas com constância e afinco.

• • • • • •

Traduzida para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Swami Vivekananda e da Vedanta.

[10] Swami Vivekananda faleceu aos 39 anos, em Quatro de Julho de 1902.

SRI RAMAKRISHNA, O TYAGI[1]

Por Swami Paratparananda

(Sri Ramakrishna jamais se cansou de repetir que a essência da disciplina espiritual é a renúncia de Kama-kanchana, luxúria e cobiça. Swami Paratparananda, dirigente do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina[2] e anteriormente Editor da revista The Vedanta Kesari[3], explica como a liberdade dos desejos carnais e da avareza ajuda na realização de Deus e como Sri Ramakrishna, o cientista demonstrou por sua própria vida que isto pode ser alcançado.)

O exemplo é melhor que o preceito, diz o velho adágio. Isto é aplicável em um sentido mais forte na vida espiritual. Todas as religiões têm suas escrituras e são sublimes seus ensinamentos, mas de maneira geral a humanidade não pode compreendê-las corretamente se não ver diante dela pessoas nas quais tais princípios estão encarnados em ações. Os Upanishads, que formam a parte final dos Vedas, a suprema autoridade entre as escrituras hindus, diz: "Nem pelo trabalho, nem pela procriação, nem pela riqueza, mas pela *Tyaga* (Renúncia) apenas eles atingiram a imortalidade"[4]. O propósito de todas as religiões é ensinar e equipar o homem a atingir a imortalidade, a liberdade de todos os tipos de escravidão, escravidão criada pelo apêgo às coisas mundanas, às pessoas, ao seu próprio corpo, etc. Como a passagem acima claramente expressa, a imortalidade não é possível sem *tyãga*, renúncia. A passagem acima não é um exemplo solitário. No Brihadarnyaka Upanishad está claramente declarado que a imortalidade não pode ser atingida pela riqueza[5]. No Kathopanishad Yama oferece à Nashiketa donzelas celestiais, carruagem, riqueza ilimitada, vida longa, etc., em lugar do Conhecimento sobre a vida após a morte. Nashiketa rejeita-as totalmente como transitórias e evanescentes e insiste em ser ensinado sobre aquele

[1] O texto original em inglês foi publicado na revista "The Vedanta Kesari"; Sri Ramakrishna Post-Centenary Golden Jubilee Number Nov-Dec 1985, Vol. LXXII No. 11 & 12.

2 O Swami foi dirigente espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina de 1973 a 1988.
3 O Swami foi Editor da revista em inglês Vedanta Kesari de 1962 a 1967.

4 Kaivalya Up. 2; também Mahanarayana Up. 12-14.

5 Brihadaranyaka Up. 2.4.2

Conhecimento, adquirindo o qual torna-se imortal[6]. As escrituras classificaram os desejos que impedem o homem de realizar à Deus em desejo pela procriação, pela riqueza e desejo de desfrutar no céu ou em outros mundos[7]. O abandono destes desejos é renúncia. Todos estes ensinamentos das escrituras não teriam nenhum significado a menos que houvesse pessoas que os praticassem e atingissem aquele bem-aventurado estado que é prometido. Esta ausência foi preenchida pela vida de Sri Ramakrishna.

O advento de Sri Ramakrishna ocorreu em um tempo quando bhoga, gôzo acompanhado do materialismo, reinava, quando a religião era considerada o ópio dos pobres e o Hinduísmo uma massa de superstições. A pesar de que haviam surgido algumas organizações, tais como o Brahmo Samaj, para reviver a vida religiosa da Índia, elas se preocupavam com reformas sociais, que tocavam apenas a periferia e não o coração do problema. Elas estavam apenas tentando adaptar a religião à atmosfera existente. O tema central da religião, *tyāga*, renúncia, estava tão longe de sua visão quanto daquela dos materialistas. E apesar de que à Índia não faltavam renunciantes, Sannyasins, eles em sua maioria viviam nas regiões dos Himalayas, longe da maioria da humanidade, desconhecidos por ela. Agora era a vida nas cidades que determinava o padrão e aqui, sob a influência do pensamento ocidental as pessoas, especialmente os jovens, estavam começando à duvidar da veracidade dos ensinamentos das escrituras Hindus. Por isso, não pode ser negado que o advento de Sri Ramakrishna neste momento crítico foi um efetivo e sólido remédio para os males que estavam atingindo a sociedade. Isto será amplamente verificado se nós olharmos através de alguns dos maiores eventos de sua vida.

Uma das práticas essenciais para se levar uma vida espiritual é o discernimento entre o real e o transitório. Desde sua infância Gadadhar, como Sri Ramakrishna era então chamado, possuía esta virtude em um grande grau. Ele era também um agudo observador. A piedade, dedicação e dependência de Deus de seu pai não deixou nenhuma dúvida na mente do menino sobre o real propósito da vida humana. Os menestréis que costumavam ir às aldeias recitando estórias mitológicas dos épicos e Puranas costumavam inspirar os habitantes à executar peças teatrais sobre elas. Gadadhar nunca perdia estas funções e sendo possuidor de uma maravilhosa memória repetia estes dramas diante de seus amigos. Assim "ele dirigia todas suas energias ao estudo das vidas e caráter dos heróis espirituais"[8]. A morte de seu pai quando o menino tinha sete anos de idade o fez buscar a solidão e passava longas horas absorvido em seu pensamento. Além disso a companhia de monges errantes que passavam

---

6 I. 25-26

7 Brihadaranyaka Up. 3.5.1.

8 Life of Sri Ramakrishna, (Advaita Ashrama, Calcutta. 1977) p.13 (daqui para frente 'Life')

alguns dias na casa de repouso da aldeia em seu caminho à sagrada cidade de Puri, fortaleceu nele o sentimento da transitoriedade deste mundo, algo que estava começando a se manifestar nele. A constante companhia destes monges, escutando seus discursos e leituras das escrituras deu ao menino um incentivo para a meditação. A investidura com o cordão sagrado que deu a ele a oportunidade de adorar a divindade familiar Raghuvir lhe grande felicidade e elevou sua mente a um nível sublime, no qual ele teve extraordinárias visões.

Assim estava o grande renunciante se preparando para o ato final, tanto que na época que ele tinha dezessete anos, sua decisão de abandonar a educação que o proveria apenas com prosperidade material, já tinha sido tomada. Por isso, quando seu irmão Ramkumar o repreendeu por negligenciar sua educação, prontamente veio a resposta: "Irmão, o que farei com uma educação para se ganhar o pão apenas? Ao invés disso quero adquirir aquela sabedoria que iluminará meu coração e conseguindo a qual torna-se satisfeito para sempre"[9].

O mesmo espírito de independência e desejo por liberdade o fez fugir de todas as propostas de um emprego no templo de Kali apesar de que ele vivia lá com seu irmão Ramkumar. Por trás desta atitude havia também a intensa convicção que o principal objetivo da vida era atingir a consciência de Deus pela conquista da carne e a renúncia da riqueza. A morte de Ramkumar, sobre quem ele tinha derramado toda sua afeição filial após o falecimento de seu pai, foi um tremendo choque para ele, pois aconteceu quando sua mente estava buscando por algo que era real e imperecível neste mundo transitório. Ele estava convencido de que o homem poderia ir além de todo sofrimento e atingir a imortalidade apenas realizando à Deus, a fonte da eterna bem-aventurança. Sua designação como o sacerdote do templo de Kali o ajudou a dirigir toda a energia para ter Sua visão e derramar sua devoção sobre a Mãe sempre afetuosa. Esta devoção uni-dirigida e a ansiedade para sentir a presença da Divina Mãe devorou, por assim dizer, todo pensamento sobre o conforto corpóreo, mais ainda, mesmo suas necessidades básicas. Assim a difícil luta para conquistar a carne se tornou fácil e não havia lugar em sua mente para pensamentos sobre a riqueza. E assim que ele teve a visão da Divina Mãe sua mente jamais se dirigiu aos objetos dos sentidos, pelo contrário sua ânsia de sentir a perpétua presença da Mãe aumentou de forma extraordinária.

Contudo ele não estava a salvo de passar por algumas provas. O estado intoxicado por Deus pelo qual Sri Ramakrishna passou, fez com que ele algumas vezes agisse aparentemente de forma estranha. Rani Rasmani e Mathur suspeitando que isto fosse devido à algum problema nervoso, inicialmente arranjaram para seu tratamento por um médico experiente, mas como isto não trouxe nenhum alívio, eles acharam que um pequeno desvio da rígida prática da continência lhe faria bem. "Assim

9 Ibid., p. 34.

eles contrataram duas mulheres de má reputação para que entrassem no quarto em Dakshineswar e tentassem este filho da Divina Mãe”[10]. Ao vê-las Sri Ramakrishna tomou refúgio aos pés da Mãe, repetindo Seu nome em voz alta. Diz-se que em outra ocasião Mathur levou Sri Ramakrishna à Calcutta e parou em uma casa onde havia muitas jovens bonitas esperando e retirou-se o deixando só no meio delas. Imediatamente Sri Ramakrishna perdeu toda consciência exterior repetindo o nome da Mãe. Vendo-o naquele estado as jovens ficaram temerosas das conseqüências de se tentar um santo e começaram a implorar seu perdão. Mathur ouvindo o ruído entrou no quarto e ficou espantado com esta maravilhosa prova do total controle de Sri Ramakrishna sobre suas paixões.

Isto foi novamente demonstrado quando ele experimentou as práticas Tântricas sob a direção da Bhairavi Brahmani. Muitas destas práticas foram realmente provas supremas mas ele passou por elas permanecendo intocado. Ele podia ver a Mãe do Universo manifesta em todas as mulheres, mesmo na mulher da rua. Portanto sua renúncia da luxúria, *tyãga*, foi totalmente perfeita.

A culminação destes testes veio de Sri Ramakrishna mesmo. Quando a santa Mãe veio pela primeira à Dakshineswar, ele permitiu que ela compartilhasse seu leito e "um dia vendo sua esposa adormecida ao seu lado, Sri Ramakrishna disse à si mesmo: 'Aqui está um corpo de mulher que o mundo considera tão querido. Mas aquele que encontra prazer nele está confinado ao corpo e não pode realizar à Deus. Diga-me francamente se você quer isto ou Deus. Se quer o primeiro então aqui está.[11]'" Sua mente pura respondeu à esta questão íntima entrando em um Samadhi tão profundo que durou a noite inteira. Mesmo no dia seguinte foi com grande dificuldade que ele foi trazido de volta à consciência do mundo pela repetição do nome do Senhor em seu ouvido. Nem este foi um exemplo solitário. Meses se passaram deste modo e ainda assim nunca, nem mesmo por um momento, sua mente desceu ao plano sensório.

Agora nos voltaremos ao segundo obstáculo no caminho espiritual, ou seja, a riqueza e veremos como ele encontrou este impedimento. Nós já mostramos quão categoricamente ele recusou adquirir o que denominou de "educação para ganhar o pão", ou seja uma educação que dará riqueza, nome e fama. Ele nunca deu um só pensamento a estas coisas. Não apenas isto, quando a riqueza era oferecida a ele, se sentia extremamente desconfortável, pois ele tinha banido de sua mente todo pensamento sobre a riqueza, descartando-a como não tendo mais valor do que um punhado de terra: "Pelo raciocínio ele chegou a certeira conclusão de que uma pessoa que fez da realização de Deus a única meta de sua vida não conseguiria mais ajuda do ouro do que de um punhado de terra. Por isso, repetindo várias vezes 'Rúpia é terra e terra é Rúpia',

10 Ibid., p. 68.

11 Ibid., p. 192.

ele atirou ambos no Ganges"[12]. Seguindo esta disciplina, esta idéia ficou tão firmemente gravada em sua mente que qualquer idéia de posse levantaria, por assim dizer, uma tempestade em sua mente.

Uma vez Mathur quis fazer uma provisão para a manutenção do Mestre. Ao fazer tal proposta Sri Ramakrishna contestou: "Você quer me fazer um homem mundano?"[13] "Entre as muitas pessoas que vieram visitar Sri Ramakrishna havia um rico senhor Marwari chamado Lakshimi Narayan, que tinha o Mestre em grande estima".[14] Nós narraremos aqui as circunstâncias como encontramos na biografia: "Um dia Lakshimi Narayan notou uma colcha manchada sobre a cama do Mestre e imediatamente ofereceu-se para depositar no banco em seu nome uma soma de dez mil rúpias, para que suas necessidades fossem sempre satisfeitas. Esta proposta foi tão dolorosa para Sri Ramakrishna que ele implorou com as mãos juntas que este assunto nunca fosse mencionado de novo. Vendo seus pedidos inúteis, o Marwari em seguida se aproximou de Hriday e o pressionou para que aceitasse o dinheiro em nome da Santa Mãe, que assim seria capaz de cuidar do conforto do Mestre. Quando isto chegou ao conhecimento do Mestre, ele de novo objetou, dizendo que mesmo neste caso o dinheiro seria praticamente seu e ele não poderia suportar a idéia de possuir qualquer coisa. O homem generoso ainda insistiu. Vendo que seus argumentos não eram aceitos o Mestre gritou angustiado: "Ó Mãe, por que Tu trazes tais pessoas aqui, que querem afastar-me de Ti?"Ao ouvir este apelo patético, aquele senhor desistiu. Referindo-se à este incidente o Mestre mais tarde declarou: "Com as ofertas de Mathur e Lakshimi Narayan eu me senti como se alguém estivesse enfiando agulhas através de meu crânio'".[15] A renúncia de Sri Ramakrishna era completa e total. Ele não podia abrigar a idéia de posse mesmo por coisas triviais. Seu sistema nervoso se contraía apenas com a idéia de acumular. Nós podemos entender isto melhor se dermos aqui um exemplo. "O Mestre gostava de mascar certas especiarias de vez em quando, especialmente após as refeições. Um dia, depois de ter tido sua refeição no quarto em que Sri Sarada Devi a Santa Mãe ficava em Dakshineswar, ela deu a ele algumas especiarias em um pequeno saquinho de papel e pediu à ele que as levasse para o seu quarto. O Mestre saiu em direção do seu quarto mas se sentiu confuso. Ele se dirigiu em linha reta a murada e estava para cair dentro do rio. Sarada Devi não sabia o que fazer. Ela era muito tímida para sair no meio das pessoas e segura-lo. Subitamente ela viu o sacerdote do templo e pediu à ele que chamasse Hriday, que salvou o Mestre da iminente catástrofe.

12 Sri Ramakrishna, The Great Master, (Sri Ramakrishna Math, Madras, 1963)pp. 166-167.

13 Ibid., p. 435

14 'Life', pp. 225-226.

15 Ibid.

Evidentemente, para Sri Ramakrishna, carregar um pequeno pacote de especiarias era um ato de acumular"[16].

O próprio toque de metal que simboliza o dinheiro causava intensa dor à ele. Um dia, após sua última doença ter começado, um grande médico chamado Bhagavan Rudra foi chamado. Contaram ao médico tudo sobre a doença do Mestre. Sri Ramakrishna então começou a conversar com o doutor. "Bem, o que você acha disso? Quando eu toco uma moeda minhas mãos ficam contorcidas, minha respiração para. Mais ainda, se eu faço um nó no canto da minha roupa, eu não posso respirar. Minha respiração pára até que o nó seja desatado", disse o Mestre. "Ele pediu à um devoto para trazer uma rúpia. Quando Sri Ramakrishna segurou-a em sua mão, a mão começou a contorcer com dor. A respiração do Mestre também parou. Depois que a moeda foi retirada, ele respirou profundamente três vezes e suas mãos relaxaram."[17] Mesmo um toque inconsciente de dinheiro produzia o mesmo resultado como nós vemos no seguinte incidente de sua vida. "Um dia quando o Mestre estava ausente em Calcutta, Narendra veio à Dakshineswar. Vendo que não havia ninguém em seu quarto, um desejo surgiu em sua mente de testar a renúncia do Mestre à riqueza. Assim ele secretamente colocou uma rúpia sob a cama e foi ao panchavati para meditar. Depois de um tempo Sri Ramakrishna retornou. Tão logo ele tocou a cama ele recuou com grande dor. Espantado ele olhou ao redor quando Narendra entrou e observou-o silenciosamente. Um atendente examinou a cama e a presença da rúpia foi descoberta.[18]" Tendo assim observado o Mestre por muitos anos como ele praticou a renúncia, não apenas no plano consciente mas mesmo no inconsciente, Swami Vivekananda em seu hino em Bengali sobre o Mestre descreve a ele como *Tyāgisvara*, supremo entre os renunciantes.

Nós concluiremos com o que a Santa Mãe disse desta característica única da vida de Sri Ramakrishna. "Um dia um discípulo perguntou à ela sobre a especial mensagem de Sri Ramakrishna. Não foi a harmonia das religiões que ele experimentou e ensinou? A Mãe respondeu: 'Meu filho, o que você diz sobre a harmonia das religiões é verdadeiro. Mas nunca me ocorreu que ele tivesse praticado as disciplinas de diferentes fés com a idéia definida de pregar esta harmonia. Dia e noite o Mestre permanecia submerso no divino êxtase. Ele desfrutou do jogo de Deus seguindo os caminhos dos Vaishnavas, Cristãos, Muçulmanos, etc. Mas parece para mim, meu filho, que a principal característica da sādhana do Mestre foi sua renúncia. Alguém já viu alguma vez tal renúncia natural? A renúncia é seu grande ornamento.[19] '"

16 Swami Nikhilananda, Holy Mother, (Ramakrishna-Vivekananda Center, New York, 1962) p. 69 (daqui em diante 'Holy Mother')

17 Gospel of Sri Ramakrishna, (Ramakrishna Vivekananda Center, New York) p. 845.

18 Life' p. 267.

19 'Holy Mother', p. 216.

UM TEMPLO DE DEUS

Swami Paratparananda[1]

Maio - 1978

As pessoas em todo o mundo conhecem a ideia de lugares sagrados de adoração, como por exemplo, um templo, uma igreja, uma mesquita, etc. Os homens constroem templos, os adornam com beleza arquitetônica, colocando as imagens da Divindade, nomeando pessoas preparadas para conduzir a adoração, e empregando pessoas para manter limpos seus recintos, pois a limpeza, segundo um refrão inglês, está próxima da santidade ou piedade. A limpeza externa é um fator essencial que contribui para a limpeza interna do coração ou da mente. É sabido que um lugar limpo produz espontaneamente um efeito tranquilizador no homem.

Qual é a ideia que está por trás desses templos? Milhões de pessoas, mesmo apesar da tendência da sociedade materialista atual, visitam igrejas, templos e mesquitas e assistem aos serviços religiosos nesses lugares. Por quê? Porque no homem há uma sede insaciável de conhecer o Desconhecido, conhecer ao Governador de nosso destino, o Princípio Mais Elevado e adorá-Lo. Deus é aquele desconhecido, por qualquer nome que seja chamado. Para a humanidade, geralmente o Princípio Abstrato, está além de sua compreensão. Necessitam de algum símbolo concreto mediante o qual possam adorar a Deus. Por conseguinte, as imagens e símbolos são uma necessidade no campo religioso, pelo menos para a maioria. Para adorar as imagens se constroem os templos. Nos dias pré-históricos, na Índia, não se falava muito de templos. Naquele tempo as pessoas faziam sacrifícios e adoravam ao fogo como representante da Divindade. Mais tarde o sacrifício de animais foi substituído pelo culto às imagens. Se lermos a história da fundação de qualquer templo que tem continuado a exercer sua influência sobre as pessoas, se perceberá que foi algum santo ou sábio espiritual quem santificou aquele lugar por suas austeridades, práticas espirituais, prédica religiosa ou por sua estadia ali. O sábio Nárada, em seus Bhakti Sutras (aforismos sobre devoção) disse: "Eles (os grandes devotos) transmitem a santidade aos lugares de peregrinação". Sua mera visita ou morada nesses lugares cria uma atmosfera elevada que em muitos casos duram milhares de anos. Sri Ramakrishna disse a respeito:

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

“Deus está presente onde as pessoas falam Dele. Pode-se sentir ali a presença de todos os lugares sagrados. É por isso que onde Deus é adorado, naturalmente se pensa Nele”. Conhecemos bem a lei da associação, a qual pode aplicar-se tanto a respeito das ideias como das pessoas ou lugares de adoração. Sri Ramakrishna costumava citar o exemplo de um devoto que a mera vista da árvore babla ficou subjugado pelo êxtase. Associou a árvore com Krishna, seu Ideal, pelo fato de que o machado utilizado no templo de Radhakanta, outro nome de Krishna, estava feito dessa madeira. Para os que não estão acostumados a pensar em Deus tão intensamente, isto pareceria um mito ou fantasia. Mas aquele que vive pensando constantemente em uma forma particular de Deus, pode de vez em quando, recordar ao Senhor mediante episódios apenas um pouco relacionados com Ele. Isto se pode comprovar quando uma pessoa muito querida deixa de existir e algo pertencente a ela aparece diante de nossos olhos; isto nos comove e sentimos de novo a perda dessa pessoa. Do mesmo modo e em um sentido mais agudo, um devoto recorda a Deus. É claro que os exemplos desta classe de devotos são muito poucos. A mente deste devoto deve estar limpa de toda ansiedade e de todo desejo mundano; mas por isso não podemos descartar a ideia de que o homem sinta a presença de Deus ou pelo menos lhe chegue o pensamento do Senhor nos templos. Este é o propósito de construir edifícios destinados a adorar ao Senhor: fazer recordar ao homem que existe um Ser Supremo que controla tudo e que o propósito do nascimento humano é unir-se com Ele.

Além disso, o templo não é em absoluto um lugar onde as pessoas possam reunir-se para fazer negócios nem tampouco deve ser usado para funções sociais. É um lugar para adorar a Deus. A própria ideia de visitar um templo nos faz sentir que devemos ser puros. Na Índia, antes de ir ao templo, as pessoas se banham, vestem roupas lavadas e limpas, e contemplando a Deus, se aproximam Dele. E se neste momento se percebe que os arredores do templo estão sujos e que está descuidado, sua mente se rebela, pois a ideia de santidade que se associa com o templo se desvanece. Se essas regras simples e diretas são esquecidas, o templo se converte em um mercado barulhento ou em um lugar onde as pessoas falam e trocam ideias sobre assuntos mundanos; e como consequência perde a santidade. Recordemos como Jesus expulsou a todos os que vendiam e compravam no templo, dizendo-lhes: “Escrito está, minha casa, casa de oração é, mas vocês a fizeram uma cova de ladrões”. Tampouco se devem usar esses templos como lugares de passatempo, tal como jogar cartas. Certa vez Sri Ramakrishna foi visitar um templo em Calcuta e lá encontrou os sacerdotes do templo jogando cartas; de imediato disse à seus discípulos que o acompanhavam: “Jogar cartas em um templo! Aqui se deve pensar só em Deus.”. Portanto é

necessário manter a pureza e a santidade de um lugar de adoração, com muito esmero.

Essa ideia de imagens e templos deve ser estendida a si mesmo para que possa tirar bom proveito espiritual. Vemos que nos encontramos atados, acorrentados pelas limitações do corpo, os sentidos e a mente, ou seja, as ideias de que somos corpo, sentidos ou mente sempre intervêm quando tentamos elevar-nos; não se pode desfazer-se dessas ideias nem depois de muito esforço. As enfermidades do corpo e os transtornos que perturbam e dominam a mente nos obrigam a pensar em nós como corpo e mente. Só existem dois métodos para vencer estes conceitos, pelo desapego intenso por tudo que é deste mundo e do seguinte e tratar até o corpo, que é tão querido por todos, como uma carga sem objeto, pelo qual se deve ser indiferente. Mas é uma posição muito dura, que só uma pessoa que segue o caminho do conhecimento pode seguir com sinceridade e chegar a ter êxito. Pois é difícil manter esta atitude para aquele que leva uma vida em família, que tem obrigações que cumprir com sua família e outras pessoas no mundo. Ele se sente responsável pelo cuidado de seus filhos e das pessoas que dependem dele, por conseguinte, não pode ter esta atitude de indiferença por eles e muito menos por seu próprio corpo; pois se não o cuida bem é possível que se enferme e não possa cumprir com os deveres que lhe correspondam. **O outro método é considerar ao corpo como um templo de Deus**. Não somente devemos cuidar da estrutura externa, mantendo-a limpa, mas também devemos fazê-lo com o santuário interno, ou seja, devemos ter tanto esmero em preservar o coração e a mente pura e limpa como na conservação do corpo. Senão, como podemos colocar no coração a imagem de Deus?

Mas há um grande perigo em considerar ao corpo como templo de Deus: o de dar-lhe demasiada atenção esquecendo-se do Senhor. Há uma estória dos Upanishads que ilustra quão arriscado é não compreender bem os ensinamentos espirituais. Certa vez o Criador declarou: “Todo ser que busca da devida maneira e chega a conhecer a este Atman, que é sem mancha, sem velhice, nem morte, sem pesar, nem sede e cuja vontade e pensamentos se cumprem, logra todos os mundos e se capacita para satisfazer todos os seus desejos”. Chegando a conhecer sobre esta declaração, diz a estória, o rei dos devas e o rei dos demônios se aproximaram do Criador e lhe pediram que os ensinasse sobre este Atman tão maravilhoso. O criador lhes pediu que ficassem com ele trinta e dois anos como celibatários. Quando terminou este período de treinamento, eles se aproximaram de novo. Então o Criador disse: “Esse Purusha que se vê no olho, esse é o Atman, esse é imortal, sem medo, e esse é Brahman”. Para estarem certos de que o haviam compreendido bem eles lhe perguntaram: “Venerável Senhor, qual deles é ele, o que se

vê na água ou aquele que se vê no espelho?" O Criador respondeu: "Em realidade esse mesmo é percebido em todas essas coisas." Depois acrescentou: "Olhem a vocês mesmos na água de uma vasilha, e se não compreenderem sobre o Atman, venham e perguntem-me". Eles se olharam na água. O Criador perguntou: "O que veem?" Responderam: "Venerável Senhor, vemos tudo de nós, até as unhas e os cabelos; um reflexo perfeito." Durante todos esses anos, como não se barbeavam, lhes havia crescido barba e os cabelos; além disso tampouco usavam as roupas e os adornos reais. O Senhor queria tirar-lhes sua equivocação, mostrando-lhes a mudança que sofre este reflexo, por conseguinte lhes disse: "Barbeiem-se, vistam-se bem e adornem-se; depois vão olhar-se na água da vasilha." Depois de seguir as instruções do Preceptor, olharam-se na água. "O que veem?", perguntou o Criador. Disseram: "Bem adornados, bem vestidos e limpos como estamos, assim nos vimos lá". O Criador então lhes disse: "Esse é o Atman, esse é imortal, é sem medo; esse é Brahman". Ele se deu conta que a esta altura de sua compreensão, não podia ensinar-lhes mais; e eles bem contentes se foram. Vendo-os o Criador observou: "Estão indo sem ter conhecido, nem realizado ao Atman. Qualquer deles, sejam devas ou demônios, que siga esta doutrina perecerá". O rei dos demônios, muito contente, se foi e predicou à seus súditos: "Se deve adorar e servir aqui só ao corpo; pois somente adorando-o e servindo-o adquire-se este mundo e o além." Mas o rei dos devas [seres celestiais] refletiu e achou que o corpo que se refletia na água não podia ser o Atman, já que estava sujeito a mudanças, portanto voltou várias vezes ao preceptor até que chegou a conhecer a verdade do ensinamento. Tenhamos cuidado para não cometer esse erro como o rei dos demônios.

Sri Ramakrishna mediante uma parábola nos ensina como devemos nos aproximar de Deus. "Em certa aldeia vivia um jovem chamado Padmalochan. As pessoas abreviando seu nome o chamavam de "Podo". Nesta aldeia havia um templo em condições muito más, sem nenhuma imagem de Deus em seu interior. O ashwatta e outras plantas cresciam nas ruínas de suas paredes. Os morcegos viviam lá e o piso se encontrava coberto de seus excrementos e de poeira. As pessoas daquela aldeia haviam parado de visitar ao templo. Um dia, após o crepúsculo, os aldeões ouviram ao som do caracol [utensílio para o ritual que se sopra] que vinha da direção do templo. Pensaram que talvez alguém tivesse instalado uma imagem no santuário e estivesse fazendo o culto vespertino. Um deles abriu a porta sem fazer ruído e viu a Padmalochan parado em um canto soprando o caracol. Não havia colocado imagem alguma. O templo não havia sido limpo, em toda parte havia imundice. Então gritou para Podo: 'Não colocaste imagem alguma aqui, no santuário, ó insensato. Soprando o caracol está criando simplesmente

mais confusão. Dia e noite onze morcegos gritam aqui sem cessar'".

Continuando Sri Ramakrishna disse: "Não serve para nada o mero fazer ruído, se queres colocar a Divindade no santuário de seu coração, se queres realizar a Deus. Antes de qualquer outra coisa, purificai vossa mente. Deus senta-se no coração puro. Não se pode colocar a imagem sagrada no templo se este estiver coberto do excremento de morcegos. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco de ação, cinco de percepção e a mente". Todos eles exigem sua satisfação a todo o momento. E limpar a mente consiste em esvaziá-la de todos os desejos mundanos.

É verdade que a Divindade mora dentro de todos. Mas enquanto o coração não esteja limpo, não se pode sentir Sua presença ali. Sri Ramakrishna disse: "Uma coisa é saber que existe fogo na lenha e outra completamente diferente obter fogo esfregando dois pedaços de lenha, cozinhar os comestíveis nesse fogo e alimentar-se. Uma coisa é saber que o leite é bom para a saúde e outra completamente diferente é bebê-lo e sentir-se beneficiado por ele." Do mesmo modo, uma coisa é conhecer intelectualmente que todos somos divinos, mas algo muito diferente sentir esta presença divina em nós. A maioria da humanidade se conhece como brancos, negros ou amarelos, de certa altura, peso e coisas assim. Que significam todas estas descrições senão dados do corpo? No entanto o corpo não é mais do que um veículo para o Ser, para sua viagem através deste mundo; para adquirir as experiências doces e amargas até que desperte para a realidade. O corpo é somente uma estrutura; e assim como um templo no pode ser considerado tal enquanto não tenha uma imagem de Deus dentro, da mesma maneira, até que não se tenha realizado a Deus e sentido Sua presença dentro de si mesmo, seu corpo não é nada além de um conjunto de carne, ossos, sangue e coisas semelhantes.

O amor a Deus pode ser comparado ao sacerdote do templo do coração humano e o discernimento e o desapego são como os cuidadores que mantêm o templo limpo. O amor por Deus, ou devoção, é essencial para progredir na vida espiritual, antes que Deus responda e se revele. Diz-se que o Senhor olha o mais profundo do coração do homem e não ao que diz ou faz. Ele se sente contente com o menor serviço que se preste a Ele com toda a sinceridade.

A sinceridade é a argila com que os tijolos do santuário do templo estão feitos. Quando um homem ora com sinceridade a Deus para que Ele se revele, o Senhor lhe envia todo o necessário para seu progresso espiritual, virá o mestre que lhe possa guiar corretamente e terá todas as coisas que sejam necessárias para estar seguro em seu caminho. Como o Senhor Jesus Cristo disse: "Mas buscai primeiramente o Reino de Deus e Sua justiça e todas estas coisas lhes serão acrescentadas." Os obstáculos no caminho espiritual de uma pessoa desaparecem sem muito esforço de

sua parte se busca a Deus unicamente, com anelo e sinceridade. O Senhor vem correndo a uma pessoa que não deseja nenhuma outra coisa senão Sua visão, Seu amor, Sua presença e que dependa totalmente Dele. E esta entrega completa salva ao aspirante de muitos perigos. Sri Ramakrishna costumava afirmar: "Um menino que, agarrado na mão de seu pai caminha por uma passagem estreita pode escorregar dentro da vala; mas isso jamais acontecerá se é o pai quem segura ao menino pela mão". Neste tipo de entrega ou confiança, a oração desempenha um grande papel; mas não as orações que pedem coisas deste mundo, senão aquela que pede apenas amor por Ele e Sua visão. Este tipo de oração limpa a mente de todos os demais desejos. E até que não haja a limpeza do coração, não é possível colocar a imagem sagrada de Deus ali; Ele não entrará em um lugar onde já existem outros habitantes e estes, no caso de ser humano, são os desejos e apegos mundanos.

Certa vez um devoto perguntou a Sri Ramakrishna como se podia desenvolver o amor por Deus. Ele respondeu: "Gradualmente se adquire amor por Deus pela prática de cantar Seu nome e Suas glórias. Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome do Senhor, - e acrescentou, - Há um ditado, 'Não se pode lograr êxito [na vida espiritual] enquanto se tenha essas três coisas: vergonha, ódio e medo'" Estes são exatamente o que impedem nosso progresso espiritual. Temos vergonha de sermos qualificados como religiosos pela sociedade, na época atual, em que a religião é considerada ou como um caminho seguido por pessoas de curto alcance ou imaturas, ou como o ópio dos pobres. Como podem então aqueles que buscam posição social identificar-se abertamente com a religião? Também acontece muitas vezes que as pessoas adictas a uma ou outra seita ou religião chegam a odiar aos que não seguem sua fé; isto também é um impedimento na vida espiritual. E o medo à crítica adversa por associarem-se com as pessoas piedosas, também é comum nesta época. Esta é a posição desconcertante em que muitos se encontram. Mas, assim como a lei da natureza não muda para adaptar-se a uma ou outra pessoa, assim também a lei do desenvolvimento espiritual tampouco pode modificar-se para concordar com os gostos de todos.

Agora vejamos, que quis dizer Sri Ramakrishna ao afirmar, "não se deve sentir vergonha ao cantar o santo nome de Deus"? Por acaso quis dizer que devemos fazer uma demonstração de nossa religiosidade? Não, pois em outras ocasiões repetidas vezes instruiu aos devotos dizendo-lhes: "Devem praticar as disciplinas espirituais em vossa mente, em um canto de sua casa ou em um bosque". Também aconselhava até mesmo os que vivem em família a retirar-se a um lugar afastado de sua casa e viver isolado praticando tais disciplinas. Mas é uma coisa distinta , quando se trata de cantar em coro, ou em congregações, as glórias de Deus. Sri

Ramakrishna cantava louvores à Mãe[2] não somente no templo de Kali, senão também diante dos devotos e dançava em nome de Deus. Às vezes insistia em que se unisse ao canto ou dança um ou outro de seus discípulos um pouco tímidos para tirar-lhe esse sentimento de vergonha.

A limpeza do coração chega mediante a oração e a repetição do nome de Deus. Como já dissemos, isto significa não ter desejos mundanos, os quais sempre engendram outras más inclinações tais como egoísmo, vaidade, crueldade, etc. Enquanto estas tendências estejam aí, a devoção ou amor por Deus não achará oportunidade de levantar sua cabeça, por assim dizer. E a menos que se tenha amor por Deus não se capacitará para recordá-Lo constante e ininterrompidamente. Nárada, em seus aforismos sobre bhakti menciona as características da devoção; depois de citar a outros autores sobre este tema, disse: "Mas Nárada considera como devoção a aquele estado em que se consagram todas as atividades ao Senhor e se entrega por completo a Ele, sentindo aguda angústia ao esquecê-Lo". É essa classe de amor por Deus que converte ao homem em um santo, transformando seu corpo em um templo do Senhor, no verdadeiro sentido da palavra. É claro que não se adquire esse amor assim de repente, devemos trabalhar muito e persistentemente para lográ-lo. É um tesouro valioso que o homem pode ter; pois o que o possui ultrapassa a todos e é adorado nos três mundos, disse Sri Krishna.

Para fortalecer nossa devoção e fazê-la inesgotável é necessário que cultivemos o desapego pelas coisas do mundo e o discernimento entre o Real e o transitório. Porque é impossível agarrar-se a Deus e pensar ou meditar Nele por um tempo longo, se não estivermos convencidos de que só Deus é Real e todas as outras coisas são transitórias e têm a existência de dois dias. O discernimento é imprescindível mesmo para o seguidor do caminho da devoção, pois sem discernimento entre o que é eterno e o que é transitório, como aferrar-se com firmeza ao eterno, ao Senhor? Como se pode evitar tornar-se vítima das tentações no meio das quais está vivendo?

A questão que surge agora é: Que devemos fazer com nossos sentidos turbulentos? Como podemos controlá-los? De que maneira podemos vencê-los?

Um devoto de Deus os dirige a Ele [o Senhor]. Em um poema muito belo um devoto persuade aos seus órgãos assim: "Ó língua, canta o nome e as glórias de Keshava; ó mente, medita em Muraripu; ó mãos, adorem à Shridhara; ó ouvidos, escutem a estória de Achiuta; ó olhos, vejam a Krishna; ó pés, caminhem até a morada de Harí; ó nariz, cheire a folha de tulsi oferecida aos pés de Mukunda; ó cabeça, inclina-te diante Adhókshaya". Os vários nomes que encontramos aqui são de Vishnú, o

[2] Divina Mãe do Universo ou Kali (nota do tradutor).

Senhor que a tudo interpenetra; cada um desses nomes projeta diante dos olhos do devoto um quadro de algum episódio ocorrido em uma ou outra Encarnação do Senhor ou descrevendo Sua glória. Contemplando tudo isso, o devoto absorve-se no pensamento de Deus e assim logra concentrar sua mente Nele. Quanto mais possamos contemplar a forma de Deus e Seu jogo divino, tanto mais poderemos elevar-nos deixando para trás o plano mundano. Então os desejos baixos estarão momentaneamente subjugados e se alguém prosseguir em seu caminho com anelo e sem interrupção, poderá debilitá-los e finalmente aniquilá-los por completo.

Talvez surja aqui uma dúvida: Pode ser que este seja o caso de uma mente que de um modo ou de outro se encontrou com o caminho [espiritual], mas o que acontecerá com as pessoas que não têm nenhum gosto pela vida espiritual, aquelas que apesar de submersas nas ocupações mundanas, deveres e gozos, só de vez em quando têm um desejo passageiro de transcendê-los? A estas Sri Ramakrishna recomenda a companhia de homens piedosos. Diz: "A oração e a companhia de homens santos engendram o anelo por Deus nas pessoas mundanas. Mas não é suficiente estar em sua companhia só por um dia. Deve-se buscá-la constantemente, pois a enfermidade tornou-se crônica". Por que se diz que a companhia dos homens santos é necessária para os que vivem no mundo? Porque as pessoas religiosas não falam de nada exceto de Deus. Sabemos bem como, pensando constantemente em uma coisa ou pessoa, se adquire certo apego por ela. Falando sempre de assuntos mundanos, o homem até sonha com eles e assim vai agravando sua enfermidade mundana dia a dia. Se tiver que livrar-se da febre deve tomar o antídoto e no caso da febre mundana o remédio é a companhia santa. O Bhagavata também exalta a eficácia da companhia de pessoas muito avançadas na espiritualidade, dessa maneira: "Neste mundo, a companhia de pessoas piedosas mesmo por alguns momentos é um tesouro desejável para o homem". "Pois para o homem que está por afundar nas terríveis águas deste mundo, o sábio, que logrou acalmar suas paixões e que é conhecedor de Brahman, é o maior refúgio, assim como uma barca invulnerável o és para aquele que está para afogar-se". Nárada expressa sua opinião sobre este tema: "Mas é extremamente difícil lograr a companhia de uma grande alma e ser beneficiado por ela; sua influência é sutil, incompreensível, no entanto infalível no seu efeito". Se lermos a estória das religiões ou os livros sagrados, encontraremos exemplos de pessoas cujas vidas foram transformadas pelo contato que tiveram com grandes mestres espirituais.

Mas devemos advertir de um fato que conhecemos bem. É sabido que uma faísca pequena não pode acender uma grande pilha de lenha verde ou molhada; mas um fogo ardente e em chamas pode reduzir a

cinzas até a bananeira. Da mesma maneira, chegando a colocar-se em contato com os conhecedores de Brahman, ou sábios que viram a Deus, até um malvado estabelecido pode transformar-se em um santo, enquanto que um homem comum com um pouco de devoção pode perdê-la se associar-se intimamente com uma pessoa viciosa. Portanto os principiantes e aspirantes comuns não apenas devem buscar a companhia de pessoas piedosas senão também ao mesmo tempo evitar a má companhia. Senão todo o benefício que possamos adquirir da primeira será neutralizado pela segunda, e mais ainda, podemos ser arrastados à níveis mais baixos que antes.

Como no caso da companhia, também para escolher o alimento se deve ter cuidado. No Chandoguia Upanishad encontramos uma passagem que dá ênfase sobre o alimento. Diz: "Se o alimento é puro, então a mente também se purifica. Em uma mente limpa a memória se estabiliza. Quando a memória se torna firme todos os nós e amarras se desfazem por completo". Sri Shankaracharia comentando esta passagem afirma: "Tudo o que se reúne [ou é colhido] é chamado alimento, assim por extensão se aplica também ao conhecimento dos objetos como o som, etc., que é colhido pelos sentidos e pela mente. Esse conhecimento é puro quando os contatos dos sentidos com seus objetos não são influenciados pelo apego, aversão ou engano". O que Sri Shankaracharia quer dar a entender é que a pureza da mente pode ser adquirida unicamente desfazendo-se do apego e aversão aos objetos do mundo. E quando se logra essa pureza da mente, a recordação de Deus se torna constante e conduz à liberação.

Outros comentaristas, no entanto, tomam o sentido literal da palavra alimento: o que se come. Dizem que há três classes de impurezas no alimento, a saber: primeiro, os que são impuros por natureza, segundo, por adulteração e terceiro, devido a sua associação. Prestar um pouco de atenção a estas coisas pode realmente ajudar aos aspirantes. Mas não precisamos ser demasiados escrupulosos sobre isto, esquecendo-se do propósito principal da vida, que é a realização de Deus. Há um canto de uma santa do Rajasthán, Mirabai, o qual ainda que seja dito em uma linguagem sarcástica, indica a verdadeira disciplina que nos leva a Deus. Canta: "Ó homem, é necessário praticar disciplinas espirituais e também cantar as glórias de Deus. É preciso que desenvolvas devoção pelo Senhor e amor por Ele. De que serve a mera purificação externa com os banhos [nas águas de rios sagrados]? Se isso fosse suficiente para ter a visão de Harí (o Senhor) então a lograriam os animais aquáticos que sempre estão submersos na água. Se sustentando-se apenas com frutas e raízes pudesse trazer a visão de Deus, então a teriam os morcegos e macacos. Se mantendo-se com leite apenas pudesse levar a visão do Senhor, então a alcançariam as crias dos mamíferos. Mas Mira [Mirabai]

declara que o Mimado de Nandá [Krishna] não pode ser visto sem o amor puro". Sri Ramakrishna também falando do alimento dizia, "Bendito é aquele que sente anelo por Deus ainda que coma carne de porco. Mas vergonha daquele cuja mente mora na luxúria e cobiça, ainda que coma alimentos muito puros, tais como verduras fervidas, arroz e manteiga clarificada". Tudo isto demonstra que mesmo que não seja necessário descartar ou desdenhar as regras comuns sobre a pureza do alimento, colocar uma ênfase demasiada sobre as coisas externas só irá desviar nossa atenção retardando nosso progresso espiritual. A meta principal é amar a Deus por Ele mesmo, lograr Sua visão e sermos benditos. Aquele que chega a ter essa bênção converte seu corpo em um templo de Deus. Sri Ramakrishna costumava afirmar: "Deus está em todos, sem dúvida, mas Sua manifestação é maior no coração de uma grande alma".

Que Deus, que mora em nosso coração, nos faça sentir Sua presença ali antes que deixemos este corpo!

■ ■ ■ ■ ■ ■

Tradução para o Português do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Ramakrishna, Vivekananda e da Vedanta.

A VIDA ESPIRITUAL E O DESAPEGO

JUNHO 1978

SWAMI PARATPARANANDA

A vida espiritual ou religiosa consiste primeiro em desenvolver em si mesmo o anelo por conhecer o Desconhecido, ou Deus, ou como quer que O chame, em seguida sentir sua presença intimamente, pois a religião, em essência, pertence ao plano interno, supra-sensório e não ao plano dos sentidos. "A religião—diz Swami Vivekananda, - está além de todo raciocínio e do plano intelectual. É uma visão, uma inspiração, um mergulho no desconhecido e incognoscível; que faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode 'conhecer'. Esta busca tem estado na mente humana, creio eu, - continua Swami Vivekananda, - desde o princípio da humanidade. O raciocínio e o intelecto humanos não podem haver permanecido, em nenhum período da história do mundo, sem esta luta, sem esta busca do além." Aqui pode parecer que Swami Vivekananda está falando em termos contraditórios quando diz que a religião 'faz ao incognoscível mais que conhecido, já que a Ele jamais se pode conhecer'. Deus ou o que está além, não pode ser conhecido por estes nossos sentidos como qualquer outro objeto do mundo, no entanto, pode ser percebido por uma mente pura, despojada de todo tipo de desejo mundano, e quando o percebe é muito mais real que os objetos do mundo apalpados pelos sentidos. É por isso que fala nestes termos.

Mas na época atual a maior das questões é: Supondo que o conhecível e o conhecido estão circunscritos pelo incognoscível e eternamente desconhecido, por que devemos lutar para conhecer o incognoscível? Por que não devemos ficar satisfeitos com o conhecido? Porque isto não satisfaz ao ser humano, sendo uma das razões que o conhecido, esta manifestação, é uma parte do não-manifestado; o universo sensório é, por assim dizer, tão só uma projeção de uma partícula desse infinito universo espiritual, ao plano da consciência dos sentidos. Como se pode explicar ou entender esta partícula, sem conhecer o que está além, ou seja, a fonte e origem? Diz-se que um dia, quando Sócrates estava falando em Atenas se encontrou com um brahmin, que havia viajado à Grécia. Sócrates disse ao brahmin que a maior indagação da humanidade é o homem. No mesmo instante o brahmin lhe disse: "Como pode o senhor saber sobre o homem a menos que conheça a Deus?" Swami Vivekananda comenta: "Este Deus, este eternamente Incognoscível, Absoluto, Infinito ou como quer que O chames, é a única explicação das razões em que se

baseiam o conhecido e o conhecível ou esta vida atual." Ou seja, o universo sensório não tem existência separada do Absoluto, de Deus.

Como podemos saber que é assim? Vamos responder com as palavras de um Upanishad. O Kena Upanishad começa com esta indagação: "Movida por qual vontade, a mente se dirige ao objeto? Ordenado por quem, o prana principal (a força vital) cumpre com suas funções? Por qual vontade se move a fala do homem? Quem é o deus que dirige os olhos e os ouvidos?" Daqui podemos concluir que o discípulo que faz estas perguntas já sabe que a mente e os sentidos não são independentes, é algum outro que os maneja, ainda que a crença comum é que a mente pensa por si só. Se isto fosse certo, então um homem inteligente não pensaria em coisas más; no entanto é sabido que mesmo dando-se conta de que vai colher frutos amargos, a mente abriga às vezes pensamentos viciosos. E a pesar de ser advertido por outros, se é impelido a agir mal e sofrer suas conseqüências desagradáveis. Por conseguinte é correto supor que a mente não está totalmente livre em suas atividades. É uma crença comum que o corpo, que consta dos sentidos e membros, comanda uma pessoa a atuar e que a mente também está sob o controle do corpo. Mas um homem inteligente se dá conta que o corpo, os sentidos e a mente, na realidade todas as coisas em uma pessoa encarnada salvo o Ser mais recôndito, são mutáveis, impermanentes e materiais. A mente e todo o restante cumprem suas funções pela mera vontade do Atman.

O discípulo pergunta ao preceptor sobre este Atman imutável e eterno. O mestre responde: "Ele é o Ouvido do ouvido, a Mente da mente, a Fala da fala, o Prana do prana e o Olho do olho. Tendo se desligado dos sentidos e renunciado ao mundo, os sábios alcançam a imortalidade."

Sri Shankaracharia comentando este verso, diz: "Ao discípulo que era qualificado ou apto para o conhecimento, o preceptor explica quem é aquele que dirige a mente e todos os outros instrumentos no corpo." A segunda palavra 'ouvido' se refere ao instrumento de ouvir, que é o órgão sutil por meio do qual se ouve o som. No entanto, segundo o Upanishad, não é o próprio órgão que ouve; funciona desta maneira por causa da presença do Atman, que é luminoso, todo-penetrante e a inteligência eterna. Não é que o mestre esteja se referindo a outro ouvido, mas ao Atman cuja presença dá ao instrumento ou órgão, sua sensibilidade de ouvir, pensar e ver respectivamente. Como não há outra maneira de referir-se, ou melhor dito, de conhecer ao Atman senão mediante as funções de cada um dos instrumentos, o preceptor ensina que este Atman é aquele que está por trás de todas as funções dos órgãos. O que é certo no microcosmo também o é no macrocosmo, o que se vê em um individuo também pode dizer-se do universo. Daí a conclusão a que chegamos antes.

Lemos também no Chandoguia Upanishad que assim como conhecendo um torrão de argila se conhece a natureza de todas as coisas feitas de argila, conhecendo um pedaço de ouro se conhece a natureza de todos os adornos feitos de ouro e conhecendo uma navalha feita de aço se conhece a natureza de todos os objetos de aço, do mesmo modo, conhecendo o Absoluto se pode conhecer todo o universo, já que as diferentes formas e nomes são só superficiais, sendo a substância principal o Absoluto. É por isso que não se encontra paz nem felicidade duradouras no externo, quando se esquece do principal.

Swami Vivekananda diz: "A vida será um deserto, a vida humana será em vão, se não podemos conhecer ao além (o desconhecido). É muito fácil dizer 'estejam contentes com as coisas do mundo'. As vacas e os outros animais estão e é isto que os tornam animais. Assim, se o homem permanece satisfeito com o presente e abandona toda a busca do além, a humanidade terá que voltar ao plano animal. É a religião, esta indagação sobre o além, que faz a diferença entre o homem e um animal. Bem se disse que o homem é o único animal que por natureza olha para cima; todo outro ser vivo, por índole, olha para baixo. Este olhar para cima e elevar-se e chegar a ser perfeito é o que se chama salvação e quanto mais cedo um homem começa a elevar-se tanto mais cedo compreenderá esta idéia da verdade como salvação. Esta não consiste na quantidade de dinheiro que se tem em seu bolso, ou no traje que se veste, ou na casa em que se vive, mas na riqueza do pensamento espiritual que tem em seu cérebro. Isto é o que contribui ao progresso humano; essa é a fonte de todo progresso material e intelectual, a força motriz e o entusiasmo que empurra para frente a humanidade."

Em outra oportunidade Swami Vivekananda comentou: "Não se deve julgar a religião segundo as normas materiais, de utilidade material. Se pergunta: 'Que bem pode fazer a religião? Pode tirar a pobreza dos pobres? Suponhamos que não possa, provará isto a falsidade da religião? Suponhamos que um menino se ponha de pé diante de vós, quando estais tentando demonstrar uma teoria de astronomia e lhes pergunte: 'Isto me dará guloseimas?' 'Não, não dará,' respondereis. 'Então, - dirá o menino, não serve.' Os meninos julgam ao universo inteiro desde seu ponto de vista, de dar-lhes guloseimas e desta maneira fazem os meninos do mundo espiritual. Não devemos julgar as coisas elevadas desde o nosso baixo ponto de vista. Se devem julgar todas as coisas pela norma que lhe corresponde e o infinito deve ser julgado pela norma da infinitude. A religião interpenetra toda a vida do homem, não somente o presente, mas o passado, o presente e o futuro. É a relação eterna entre o Ser eterno e Deus eterno. Por acaso será lógico medir seu valor pela sua ação sobre cinco minutos da vida humana? É certo que não."

A contribuição da religião ao homem é muito mais sólida, duradoura e enobrecedora. Fez do homem o que é, e poderá transformá-lo em um Deus. Isto é o

que a religião pode fazer. Este é o propósito da religião: converter ao homem animal primeiro em humano e depois em divino. Fazer-lhe sentir a presença divina que está em seu interior. Para alcançar este estado a religião ensina vários métodos, entre os quais os mais proeminentes são: de devoção, de ação desinteressada, de conhecimento e controle psíquico. Se pode dizer que há tantas religiões, tantas seitas; cada uma pretende ser o único caminho para Deus; qual delas nós devemos seguir? Todas as religiões são verdadeiras e no fundamental não estão em desacordo. Mas as diferenças que vemos ou encontramos às vezes são devido ao clima, temperamento das pessoas e o ambiente em que as religiões foram espargidas ou divulgadas primeiro. Podem haver diferenças entre os ritos e rituais que duas religiões seguem mas nos princípios não se encontra muita diferença.

Se estudarmos cuidadosamente as disciplinas que recomendam as diferentes religiões, ou os diferentes caminhos de qualquer religião, chegaremos a conclusão de que há certas práticas que são comuns em todas elas, por exemplo, a renúncia. Os Vedas declaram: "Não pela ação (recomendada pelos Vedas) nem tendo filhos nem riquezas, mas unicamente pela renúncia, alguns alcançaram a Imortalidade." Jesus disse ao jovem rico que tinha se aproximado e perguntado: "Bom Mestre, que bem farei para ter a vida eterna?"—Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, ou seja, Deus; e se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. 'Disse-lhe: 'Quais?' E Jesus disse: 'Não matarás, não adulterarás, não dirás falso testemunho. Honra à teu pai e tua mãe, e amarás o próximo como a ti mesmo.' Disse o mancebo: 'Tudo isto guardei desde a minha juventude. Que mais me falta?" Disse-lhe Jesus: "Se queres ser perfeito, anda, vende o que tens e dá aos pobres e terás tesouro no céu; e vem, siga-me." Aqueles que querem se aprofundar mais podem estudar os ensinamentos das diferentes religiões por eles mesmos e encontrarão que as divergências estão nas coisas superficiais, enquanto que no fundamental não existe diferença alguma em seus ensinamentos.

Entre as disciplinas que ensinam os diferentes yogas e os requisitos que exigem existem algumas práticas imprescindíveis para seguir qualquer um deles, por exemplo, o discernimento entre o Real e o transitório, o desapego pelas coisas do mundo e um anelo forte para alcançar a liberação, ou chegar à Deus. A religião não é somente para os poucos que renunciam ao mundo formal e mentalmente, mas para todos aqueles que aspiram a uma vida mais elevada, uma vida do Espírito; por conseguinte, deve ser factível para os que estão vivendo uma vida doméstica, com seus pais, esposa e filhos. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: "Cumprindo com os próprios deveres torna-se perfeito; e ouve como se pode chegar a ter a perfeição dedicando-se aos deveres. Aquele de quem se originou todos os seres, por quem tudo isto está interpenetrado, adorando a Ele por meio do cumprimento dos próprios deveres o homem alcança a perfeição." No mundo ninguém pode estar

ocioso, sem trabalhar, já que todos têm seus deveres a cumprir. Mas na maioria dos casos se trabalha pelo apego ao trabalho, por interesse pessoal, ou outro objetivo, ou seja, sempre por algum motivo pessoal. O resultado é que se apega cada vez mais ou à ação ou ao motivo e assim se enreda cada vez mais fortemente. Além disso, toda ação tem uma reação ou resultado que tem que colher aquele que a faz. É um labirinto em que damos voltas e voltas sem poder sair dele. Os resultados das ações das vidas anteriores nos fazem renascer e com as ações que estamos fazendo nesta vida acumulamos mais resultados para um futuro nascimento e deste modo segue o ciclo sem cessar. Não há modo de salvar-nos deste ciclo de nascimento e morte? Na passagem já citada do Bhagavad Gita, Sri Krishna nos brinda com um dos métodos mediante o qual o homem pode pelos próprios atos de sua vida diária liberar-se de seus efeitos. Não necessitamos fazer nada especial nem descuidar de nossos deveres; pelo contrario, temos que cumprir com eles com sumo cuidado e ao mesmo tempo dedicá-los ao Senhor. Em outro lugar do mesmo livro Sri Krishna diz à Arjuna: "Qualquer coisa que faças, qualquer alimento que comas, qualquer sacrifício que ofereças, qualquer coisa que dês, qualquer austeridade que pratiques, faça tudo como uma oferenda a Mim. Desta maneira te libertarás das amarras das ações que são fonte de bons e maus resultados e com o coração firme na yoga da renúncia e liberado virás à Mim."

Sem dúvida custa-nos muito oferecer tudo à Deus com sinceridade, pois neste caso não poderemos desfrutar de nosso êxito, nem sentir exaltação com as boas obras que fazemos. Um homem que sempre esteve levando um tipo de vida distinto não pode fazê-lo em seguida, no entanto, se quiser ir além das limitações e amarras, deve tentar dedicar as ações ao Senhor, deve aprender a desapegar-se dos resultados de seu trabalho.

O desapego às coisas transitórias desempenha um grande papel em todos os yoga e não apenas no caminho da ação abnegada ou karma yoga. Por que um devoto que segue o caminho da devoção não pode desde o princípio dedicar as ações à Deus, a quem ele quer amar? Por causa do apego aos resultados. Também porque os objetos do mundo são tão tangíveis e tão atrativos que não podemos de repente desapegar-nos deles. E a menos que possamos fazê-lo estaremos longe da vida espiritual e ainda mais distantes de Deus. Temos apegos incontáveis, apego à riqueza, às coisas adquiridas, aos parentes, aos amigos, ao renome, fama e muitos outros. Estes apegos nos cegam. Sri Krishna afirma: "O homem que pensa continuamente nos objetos dos sentidos desenvolve apego por eles, em seguida surge o desejo e quando este é obstruído produz a ira. Esta ofusca a mente e por conseguinte perde a faculdade de recordar as coisas em sua própria perspectiva e portanto o discernimento e ao final causa sua morte espiritual." Pelo contrário,

aquele que está livre do apego e aversão, ainda que esteja atuando entre os objetos sensórios, controlando sua mente, logra a paz.

Há uma estória no Mahabhárata, uma das maiores epopéias da Índia, que nos demonstra com clareza quão perigoso é este apego: Havia um rei chamado Bhárata, quem durante muitos anos reinou sobre seu império e quando envelheceu, colocou ao seu filho sobre o trono, como era o costume então, e se retirou aos bosques nos Himalayas, para dedicar o resto de sua vida ao pensamento de Deus. Construiu com suas próprias mãos uma choça perto de um riacho e viveu ali se alimentando com as frutas e as raízes que ele mesmo recolhia e meditando no Senhor. Passaram-se dias, meses e anos, um dia uma cerva sedenta foi ao riacho para beber água. Neste momento ouviu o rugido de um leão que se encontrava a certa distância. A cerva, muito assustada, deixou de beber a água e tentou cruzar o riacho de um salto. Estava prenha e por causa do susto repentino e demasiado esforço, dando a luz a um cervinho, caiu morta. O cervinho por sua vez caiu na água do riacho e estava sendo levado rapidamente pela corrente. O rei que estava meditando, observou isto e lançando-se ao rio, salvou o cervinho, o levou a sua cabana e aquecendo-o perto da fogueira, restaurou-lhe a vida. Vendo a condição desamparada do animal, o rei o criou alimentando-o com pasto tenro e frutas, até que se convertesse em um cervo. Mas aquele que tinha tido a força mental para cortar o apego de toda a vida, o poder, a posição e família, ficou preso na rede do carinho pelo pequeno cervo que ele havia salvado de uma morte iminente. Sentiu uma forte atração pelo animal e quanto mais aumentava seu carinho pelo cervo menos podia concentrar sua mente em Deus. Se o animal ia ao bosque para pastar e se demorava em voltar, a mente do rei se punha inquieta, ansiosa e preocupada. Pensava: "Talvez meu pequeno tenha sido atacado por um tigre ou esteja correndo algum outro perigo, se não por que a demora?"

Passaram-se alguns anos mais desta maneira e a morte se aproximava do rei. Este em vez de pensar no Senhor, a razão pela qual havia renunciado ao seu reino, família e todas as outras comodidades, ficava preocupado pelo cervo. Ao final, quando chegou o momento, olhando aos olhos tristes de seu animal favorito, o rei deixou seu corpo. E por conseguinte renasceu como um cervo. Mas jamais se perde algum karma bom e todas as boas ações que o rei havia feito quando governava seu reino e depois como sábio, deram seu fruto. Este cervo nasceu yatismara, isto é, com a memória do que ocorreu em sua vida anterior. Ainda que não pudesse falar e vivia em um corpo de animal, se afastava de seus companheiros e instintivamente buscava pastar na proximidade das ermidas, onde se faziam oferendas ao fogo e predicavam sobre os Upanishads.

Depois de viver os anos que correspondem a um cervo, morreu e nasceu de novo, desta vez como o filho mais novo de um rico brahmin. Neste nascimento também recordou sua vidas anteriores. Como conseqüência, desde sua infância

estava decidido a não envolver-se mais no bem nem no mal da vida. O menino era forte e são, mas se comportava como um mudo. Vivia como uma coisa inanimada ou como um louco, por medo de prender-se nos assuntos do mundo. Seus pensamentos eram sempre do infinito e levava a vida para esgotar seu prárabdha karma, ou seja, os resultados das ações das vidas passadas que causaram este corpo. Com o passar do tempo o pai do menino morreu e os irmãos dividiram a propriedade entre eles mesmos e pensando que o menor era mudo e imbecil, se apoderaram de sua parte também. No entanto tiveram a piedade de dar-lhe alimento e roupa. As esposas de seus irmãos não o tratavam com simpatia, o faziam trabalhar duramente; se o rapaz não podia fazer tudo o que elas mandavam, brigavam com ele. Mesmo assim o rapaz não mostrava raiva ou medo, tampouco pronunciava palavra alguma. Quando lhe tratavam muito mal, saía da casa e ia sentar-se embaixo de uma árvore durante horas, até que as cunhadas se acalmassem. Depois retornava a casa.

Um dia em que elas o trataram com maior severidade que o normal, Bhárata saiu da casa como era seu costume e se sentou a sombra de uma árvore para descansar. Neste momento passava por ali o rei do país em um palanquim levado sobre os ombros de carregadores. Como um deles se enfermara repentinamente, os servidores do rei buscavam a uma pessoa para substituí-lo. Vendo à Bhárata sentado sob a árvore, lhe perguntaram se queria tomar o lugar do enfermo para levar o palanquim. Não recebendo resposta alguma e observando que ele era um homem forte e são, o levaram pela força e colocaram a base do palanquim sobre seu ombro. Mesmo assim Bhárata não pronunciou nem uma palavra, e seguiu o caminho. Logo o rei observou que o palanquim não se movia como deveria e isto lhe causava incômodo; por conseguinte olhando para fora, se dirigiu ao novo carregador: "Tonto, descansa um pouco, se lhe doem os ombros." Bhárata, baixando a base do palanquim, falou pela primeira vez: "A quem, ó rei, chamas tonto? A quem está ordenando que baixe o palanquim? A quem dizes que está cansado? A quem se diriges como 'tu'? Se queres dizer, ó rei, pela palavra 'tu' esta massa de carne, então está composta do mesmo material que a tua; é inconsciente e não conhece o cansaço, não conhece a dor. Se queres significar por esta palavra a mente, esta é a mesma que a tua, é universal. Mas se a palavra 'tu' está aplicada a algo que está mais além, então é o Ser, a realidade em mim que é a mesma que está em ti e é o Único no universo. Queres dizer, ó rei, que o Ser pode, por acaso, estar cansado, que pode machucar-se? Eu não quis, ó rei, - este corpo não quis, - pisotear os vermes que se arrastavam no caminho e por isso como estava tentando evitá-los, o palanquim se movia erraticamente. Mas o Ser jamais esteve cansado, nunca esteve débil; nunca levou o palanquim, pois é onipotente e onipresente." Desta maneira falou eloqüentemente sobre a natureza do Ser e sobre o conhecimento mais elevado. O rei, quem estava orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e se

prosternou diante de Bhárata dizendo: “Te peço perdão, ó grande alma, eu não sabia que tu eras um sábio quando te pedi que me levasses.” Bhárata o abençoou e se despediu. Logo retomou o mesmo ritmo de vida de antes até que esgotou seu karma e quando deixou seu corpo ficou liberado para sempre das amarras do nascimento.

Assim podemos ver quão perigoso é o apego pelas coisas efêmeras. Um rei que tinha tudo, desfrutava dos prazeres do palácio e governava sobre milhões, abandonou tudo com a finalidade de dedicar-se ao pensamento de Deus, mas este laço de apego pelo pequeno cervo o arrastou duas vezes à este mundo. É por isso que se dá muita importância a essa prática de desapego.

Agora se pode perguntar: isto está bem para os que renunciaram ao mundo, mas para nós que vivemos nele como podemos deixar de nos prendermos aos nossos parentes, amigos, casa, propriedade e riqueza? Como podemos ser cruéis com nossos filhos? A religião não nos ensina a sermos cruéis, pelo contrário, aquele que segue realmente um caminho espiritual jamais abandona suas obrigações no mundo. Sri Ramakrishna aconselha aos que levam uma vida doméstica: “Viva no mundo como a criada da casa de um homem rico. Ela cuida de todos os afazeres da casa, mas os seus pensamentos estão em seu próprio lar em sua aldeia natal. Cria aos filhos de seu patrão como se fossem seus próprios filhos e até chega a dizer, ‘Meu Harí’ ao filho do patrão. Mostra a casa e diz; ‘Esta é a nossa casa. ’ Ela diz tudo isto, mas no mais íntimo de seu coração sabe que nem a casa, nem Harí lhe pertence. Do mesmo modo faça todos os seus deveres, mas mantenha sua mente em Deus. Viva com todos, esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem vossos mui queridos, mas saiba no íntimo de vosso coração que não lhes pertencem.” É necessário imprimir esta idéia em nossa mente até que chegue à recebê-la e assimilá-la, pois a mente é caprichosa e rechaça qualquer nova idéia ou novo pensamento.

Pode surgir uma dúvida: Praticando o desapego, não vamos perder nosso afeto aos que dependem de nós? Se realmente buscamos à Deus não há possibilidade de perdermos as virtudes como simpatia, carinho, compreensão e outras semelhantes. E aquele que chega a alcançar à Deus se enche dessas virtudes como vemos em todos os grandes mestres espirituais. Além disso, o afeto humano é sempre motivado por interesse egoísta, quer seja uma recompensa imediata ou futura; e até os que dependem de nós deixam de ser queridos uma vez que se comportem contra nossa vontade ou desejo. O carinho nesse caso desaparece e a indiferença ou aversão toma seu lugar. Em troca, uma pessoa que continua avançando no caminho espiritual não espera nenhum resultado de suas ações e tampouco diminui sua atenção aos seus deveres. Sri Ramakrishna é muito claro sobre isto: “Um chefe de família tem seus deveres para cumprir, dívidas a pagar: sua dívida aos deuses, aos antepassados, aos rishis e à sua esposa e filhos. Se uma esposa é fiel, o marido deve sustentá-la; também deve criar seus filhos até que sejam

maiores.” Também repreendeu severamente a um de seus discípulos por ter se afastado de seus pais, dizendo: “Por acaso pai e mãe são pouca coisa? Nenhuma prática espiritual produzira fruto a menos que eles estejam satisfeitos. Chaitanya estava embriagado de amor por Deus, mesmo assim, antes de tomar o voto de monge, tentou persuadir a sua mãe para que lhe outorgasse sua permissão para renunciar ao mundo, durante muitos dias. Teus pais te criaram. Você mesmo é pai de vários filhos. No entanto deixaste o lar com tua esposa. Enganaste a teus pais. Saíste do lar com tua esposa e filhos e sentes que converteste em um santo. Um homem não pode avançar nada sem pagar as dívidas que deve aos seus pais.” Aqui vemos claramente a posição verdadeira de uma pessoa que quer seguir o caminho espiritual; não pode fugir de seus deveres senão cumpri-los com perfeição e ao mesmo tempo não esperar nenhum tipo de recompensa. É só esta forma de desapego que pode nos levar à perfeição, conduzir-nos à Deus. Sem este desapego ninguém jamais pode, pode ou poderá alcançar à Deus.

Que o misericordioso Senhor nos outorgue este desapego e nos dê refúgio à Seus Pés!

BHAKTI YOGA
O CAMINHO DA DEVOÇÃO[1]

Swami Paratparananda[2]

Buenos Aires, 4 e 18 de agosto de 1971

I

Amigos,

Uma das mais brilhantes declarações da religião da Vedanta, que é comumente reconhecida como Hinduísmo e que chama a atenção de qualquer um, é a de que todos os caminhos são igualmente eficazes em conduzir o homem para Deus se o segue com sinceridade e constância. Nenhum caminho é inferior ou superior a outro, mas cada um de nós deve escolher seu caminho segundo seu temperamento, sua inclinação, sem menosprezar ou criticar o caminho do outro. Deus criou todos os caminhos para que Seus filhos possam chegar a Ele. Sri Ramakrishna dizia com relação a isso, "A mãe prepara para seus filhos diferentes pratos do mesmo peixe. Para um deles ela lhe dá frito, para outro, fervido e para o terceiro lhe dá apenas a sopa feita do peixe, segundo a capacidade de digestão de cada um. Assim nutre aos seus filhos". Do mesmo modo Deus mostrou distintos caminhos para chegar a Ele, o caminho da devoção, do conhecimento, do *Karma*, etc. Assim como entre crianças que não fazem caso de sua mãe e pedem coisas que não podem digerir e em seguida sofrem, assim também há pessoas que sem serem aptas para seguir um caminho árduo como o do conhecimento, tratam de fazê-lo e como resultado de que sua ideia de Deus, do Ser, etc., se torna confusa e não podem progredir na espiritualidade. O caminho para unir-se com Deus através da devoção se chama em sânscrito *Bhakti Yoga*. É o caminho mais apropriado para esta época, disse Sri Ramakrishna. Por que? Pois em outros caminhos existem dificuldades às vezes insuperáveis para as pessoas comuns. Por exemplo, no *Karma Yoga* que

[1] Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão (duas partes), que está disponível no original em espanhol em: https://estudantedavedanta.net/parataudio.html.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

acabamos de estudar[3] por mais que se queira fazer o bem aos demais, sem algum motivo ou sem prender-se ao trabalho, a mente inconscientemente busca sempre uma recompensa de algum modo e se desvia. Na prática do *Raja Yoga* existem perigos ocultos; para começar a própria prática deste *yoga* é difícil, pois este *yoga* exige que o aspirante leve uma vida controlada desde o início com relação a sua comida, bebida, sono e coisas desta natureza. Em seguida, à medida que o aspirante avança neste caminho adquire alguns poderes sobrenaturais, desfrutando dos quais ele se perde se não está alerta para não cair em suas armadilhas. E o caminho do Conhecimento está aberto só para uns poucos que se negam por completo todo o prazer e consideram todas as coisas do mundo, até seus próprios corpos como impermanentes, transitórios. No entanto o *Bhakti Yoga* não insiste em tais coisas, unicamente pede que dirigimos todas nossas emoções a Deus. *Bhakti*, ou devoção, segundo os grandes mestres desta escola de filosofia, constitui a forma superior do amor por Deus. Na realidade esta é a etapa mais elevada de *Bhakti*, a culminação do amor Divino que se chama também *Para-Bhakti* em sânscrito. Enquanto o aspirante tenta alcançar esta culminação, esta sua prática se chama *Apara* ou *Gauni-Bhakti*, devoção preparatória. O *Bhakti Yoga* se ocupa de apresentar-nos os meios de lograr este amor Divino. A emoção é natural para o ser humano, mais ainda, os animais possuem [também] este sentimento. Isto pareceria uma declaração até poética, mas não é assim. Se observamos bem ao nosso redor podemos verificá-lo. Entre os animais que conhecemos bem nas cidades estão os gatos e cães. Sua cria nasce quase cega, dependem de suas mães para seu sustento e cuidado até que possam cuidar-se a si mesmos. Com que carinho as gatas cuidam da cria, não vemos isto? Os pássaros põem ovos, os chocam e quando nascem seus filhotes os alimentam até ficarem famintos eles próprios. Até as feras da selva fazem o mesmo e se diz que se tornam mais ferozes quando a fêmea tem sua cria. Assim vemos, portanto, que o sentimento de carinho ou amor é natural em toda a criação. Deus colocou esse amor na criação. Os *Upanishads* nos brindam uma ideia ainda mais elevada. Dizem, "Criando este universo, Deus entrou nele", ou em outros termos, esta criação é Sua manifestação. Disse o *Bhagavad-Gita* também, "Ó Arjuna, Deus mora no coração de todas as criaturas". É por isso que se sente amor por outros, mas devido a ignorância prende-se à forma exterior e nesse caso o amor se torna egoísta. Se o amado não retribui o amor, o amante sofre. Logo se cria nele a raiva, o ódio, etc. Swami Vivekananda, o grande discípulo de Sri Ramakrishna, classifica esse amor como de 'compra e venda'. A maioria das pessoas que amam a Deus pertencem a esta classe. Rogam

---

[3] *Karma Yoga*, palestra apresentada anteriormente.

a Deus pedindo-Lhe coisas que lhes falta ou querem desfrutar. Existe outra classe de pessoas que adoram a Deus por medo do castigo, já que havendo cometido erros graves ou pequenos Lhe pedem perdão. Mas isto não é devoção. Não existe amor por Deus no coração destas pessoas. Trataremos desse assunto detalhadamente mais adiante. Amar por causa do amor, isso é o que significa devoção verdadeira. O amor que não pede nada, senão que oferece tudo. Como podemos lograr esse amor? O homem comum só pode amar uma pessoa, a um Ideal personificado. Por mais que tente ter uma ideia impessoal de Deus, não pode concebê-la até que perca a ideia de que é o corpo, melhor dizendo, até que deixe de identificar-se com o corpo. Por conseguinte, é natural para o homem adorar a Deus Pessoal. Arjuna, o grande herói do *Mahabharata*, pergunta a Sri Krishna, "Ó Krishna, quem entre os dois, é o maior *yogui*: aquele devoto que sempre dedicado, Te adora, ou aquele que está dedicado ao Não-Manifestado, o Absoluto"[4]? Sri Krishna responde, "Sem dúvida, aquele que, submergindo sua mente em Mim, sempre dedicado, Me adora, tendo fé absoluta e suprema, segundo Meu parecer é o maior devoto[5]. No entanto, aquele que dominando por completo os órgãos dos sentidos, tendo um olhar equânime sobre todas as coisas e ocupando-se de fazer o bem para todos os seres, adorando ao Imortal, o Não-Manifestado, Onipresente, também chega a Mim[6]. Mas as dificuldades para este último são muitíssimas e este caminho ao Não-Manifestado é alcançado por esforços duríssimos[7]'. Os hindus consideram a Krishna como uma Encarnação Divina. Portanto devemos entender que quando ele disse 'a Mim' se refere a Deus, qualquer que seja o nome pelo qual O chamemos.

Portanto vemos que para ter devoção necessitamos de um Ideal. Devemos recordar aqui que a filosofia Vedanta, como no caso dos caminhos, e também no Ideal, não limita a nenhum em particular. Cada qual pode escolher seu Ideal, de acordo com a sociedade, religião e ambiente em que nasceu e crescido. Mas só adverte que não se odeie ou menospreze a nenhum Ideal. Certamente, o Ideal deve ser Deus ou Suas Encarnações. Disse Swami Vivekananda que as Encarnações Divinas manifestam em Suas vidas as qualidades mais elevadas em um grau de perfeição maior do que um homem comum pode conceber.

Uma vez escolhido esse Ideal, como devemos seguir esse caminho? Sri Ramakrishna disse, "Estabelece uma relação com Deus, com o Ideal, seja a de um servidor, de uma criança, de um amigo, ou de um amante [bem-amado]

---

[4] *Bhagavad Gita*, XII, 1.
[5] B.G, XII, 2.
[6] B.G, XII, 3-4.
[7] B.G, XII, 5.

considerando-O muito seu". Na realidade não há nada mais íntimo, mais querido para nós que Deus. As outras pessoas mudam suas atitudes conosco, quando não lhes convêm ou quando nos opomos a sua vontade. Aqui está a diferença. Quando uma pessoa ama a outra, sempre exige desta pessoa que esteja com ela, que se sente ou se levante de acordo com sua vontade ou desejo, que pense como ela o faz. Em resumo, deseja que esta pessoa seja como um escravo, esquecendo que tendo essa atitude, um se faz escravo do outro. Nesse amor não existe felicidade, não existe liberdade. O verdadeiro amor, pelo contrário, converte o homem em um ser bem-aventurado e ele não deseja nenhuma recompensa por seu amor. Narraremos aqui uma estória para ilustrar esse amor.

Yudhishthira, o irmão mais velho de Arjuna, certa vez perdeu seu reino em uma partida de xadrez em que foi ludibriado e foi exilado para o bosque junto com sua esposa e quatro irmãos. A esposa, que era uma princesa e que até o momento não tinha sentido nenhum incômodo, certo dia, padecendo de forma aguda de necessidades mínimas, ainda que ela mesma fosse uma devota, se zangou dizendo, "Tu que sempre pensas em Deus, que fez Ele por ti? Não tens nem mesmo um teto pra proteger-te das inclemências do clima." Então o rei respondeu, "Querida, eu não amo a Deus para que Ele proveja minhas necessidades, senão que é minha índole amá-LO. Vês a montanha Himalaia diante de ti? Eu a amo também por sua magnificência, por sua beleza, mas não espero nada dela. Do mesmo modo amo a Deus." Talvez pensemos que os hindus têm contos para tudo, mas que a vida diária é diferente e dura e que aqui estes contos não servem. Sem dúvida alguma, a vida diária de um homem comum é distinta dos contos, mas por outro lado, os que querem levar uma vida espiritual têm que ser algo diferente dos demais, têm que sacrificar muitas coisas que o homem comum desfruta. Pode perguntar-se, "É possível ter tanto amor por Deus?" Há pessoas ainda no mundo, mesmo que sejam muito poucas, para quem Deus é seu tudo. Narraremos aqui um episódio da vida de Sri Ramakrishna, a quem milhões de hindus consideram uma Encarnação Divina. Ele adorou a Deus como Mãe. Mas seu amor por Deus não era tíbio. Houve um tempo em que, se passava um dia sem ter a visão da Divina Mãe, engendrava nele uma angústia insuportável. Ao final não podendo aguentar mais e querendo pôr fim a sua vida, apoderou-se da espada pendurada na parede do templo. De imediato, a Mãe apareceu diante dele. Ficou submerso na bem-aventurança desta visão Divina, inconsciente do que se passava ao seu redor durante três dias. Em seguida surgiu nele o desejo de ter constantemente a visão de Deus. Fez tantas austeridades e práticas que chegou um tempo em que não pode fechar os olhos durante meses, então, disse mais tarde a seus discípulos,

"Roguei a Mãe: 'Mãe, é este o resultado que me brindas por entregar-me totalmente a Ti?' Mas em seguida lhe disse, 'Não importa o que aconteça ao corpo, mas não me tires o amor por Ti, nem soltes as minhas mãos.'" Claro, como dissemos há alguns momentos, pessoas como Sri Ramakrishna são mui, mui poucas e só vêm a Terra, talvez uma vez durante muitos séculos, para mostrar ao homem cético e agnóstico mediante sua própria vida que Deus existe e se pode aproximar e realizá-Lo. Mas há pessoas, ainda que não sejam de tão alta categoria, que amam a Deus por amor a Ele, sem esperar nenhuma recompensa. De que modo podemos amar a Deus? Uma pessoa ama a uma outra depois de ver-lhe e conhecer-lhe bem. Mas não vimos Deus. Para muitos Deus não é nada mais que uma palavra composta por quatro letras, D, E, U, S.

Como já dissemos, a ideia impessoal de Deus é incompreensível para a maioria da humanidade, Portanto devemos ter um Deus pessoal, como o Pai que está nos céus, ou sua Encarnação como Filho de Deus. Os hindus têm sua Encarnação Divina como Rama, Krishna, etc. Eles Os adoram em imagens, símbolos, etc. Não vamos dizer que colocar uma imagem sobre um altar e adorá-la é idolatria. Muitos de nós precisamos de algum símbolo, de alguma imagem que nos faça recordar a Deus. Ao fim e ao cabo, em que pensamos quando projetamos na mente a palavra Deus? Não imaginamos uma forma qualquer? Há muitas pessoas que necessitam de ajuda exterior para recordar a Deus. Que há de mal nisso? Talvez um incidente na vida de Swami Vivekananda explicaria esse assunto confuso. Durante suas viagens como monge errante, Swami Vivekananda foi a Alwar, um estado da Índia onde reinava um príncipe. O primeiro-ministro do estado ouviu sobre o Swami e o convidou a sua casa. Conhecendo-o melhor sentiu que o Swami seria um bom amparo para o Maharaja que havia adotado muitos costumes europeus. Portanto escreveu ao Maharaja, que naquela época se encontrava em um palácio, não muito longe dali, dizendo, 'Um grande monge, com maravilhoso conhecimento de inglês está aqui'. No dia seguinte o Maharaja veio a casa do primeiro-ministro e se encontrou com o Swami e o saudou. Depois de algumas perguntas, o Maharaja disse, 'Bem Swami, eu não tenho fé na adoração dos ídolos. O que vai acontecer comigo?' Fez essa pergunta sorrindo, mostrando assim seu menosprezo por esse tipo de adoração. O Swami exclamou, 'Na verdade, você fala brincando'. 'Não Swami, na verdade não. Olhe, para dizer a verdade não posso adorar a madeira, a argila, a pedra ou metal como fazem os demais. Significa isso que algo mal me ocorrerá após a morte?' O Swami respondeu, 'Suponho que cada um deve seguir seu ideal religioso segundo sua própria fé'. Mas o Swami não havia terminado sua resposta. Seus olhos se fixaram em um retrato do Maharaja que estava pendurado na parede. Por seu pedido lhe foi entregue o retrato.

Tomando-o em suas mãos perguntou, 'De quem é este retrato?' O primeiro-ministro respondeu, 'É um retrato de nosso Maharaja'. Momentos depois todos os presentes tremeram de medo quando ouviram o Swami ordenar ao primeiro-ministro, 'Cuspa sobre o retrato, qualquer um de vocês pode cuspir sobre ele. O que é isso senão um pedaço de papel? Que objeção podem ter em fazer isso?' O primeiro-ministro ficou estupefato e todos olharam com terror para o príncipe e para o Swami alternativamente. Mas o Swami seguiu insistindo, 'Cuspam, cuspam!' O primeiro-ministro com temor e confusão exclamou, 'Swamiji, o que o senhor está me pedindo? Este é o retrato de nosso Maharaja, como posso cuspir sobre ele?' Disse o Swami, 'Mas o Maharaja não está presente corporeamente neste quadro, é unicamente um pedaço de papel. Não contêm nem sua carne, nem seus ossos, nem seu sangue. Não fala, não atua nem se move como faz o Maharaja. E, no entanto, vocês se recusam em cuspir sobre isso. Por que? Por que vocês veem a sombra da forma de Maharaja, na realidade sentem que insultariam ao soberano, ao príncipe mesmo, cuspindo sobre o quadro'. Voltando-se para o Maharaja disse Swamiji, 'Olhe, ó Maharaja, ainda que este retrato em um sentido não é você, em outro sentido é você. Esta é a razão porque seus dedicados servidores ficaram tão perplexos quando lhes disse que cuspissem sobre ele. Tem uma sombra tua. Traz a ti a suas mentes. Um simples olhar a esse quadro lhes fazem recordar-te. Portanto o consideram com tanto respeito quanto fazem com sua própria pessoa. Assim também acontece com os devotos que adoram as imagens dos *devas* e *devis* feitas de pedra ou metal. Os devotos adoram a Deus na imagem devido a que trazem a suas mentes seu *Ishta*, seu Ideal escolhido e os ajudam a concentrar-se. Não adoram a pedra ou metal como tal. Viajei por muitos lugares, mas em nenhuma parte achei a um só hindu adorar a imagem dizendo, 'ó pedra, te adoro, ó metal, seja misericordioso comigo'. Cada qual adora, ó Maharaja, ao mesmo e único Deus, que é o Espírito Supremo, a Alma de Puro Conhecimento, e Deus aparece diante de cada um segundo seu entendimento e seu conceito dele. Ó príncipe, eu falei segundo o meu entendimento. Claro que não posso falar segundo o seu entendimento.' E o príncipe que esteve escutando lhe disse com muita reverência, 'Swamiji, devo admitir que segundo a luz que você jogou sobre a adoração das imagens, ainda não encontrei a ninguém que adore a pedra ou ao metal. Nunca antes entendi seu significado, você me abriu os olhos.'

Portanto, cada qual deve seguir seu modo de adorar a Deus sem desprezar o dos demais. Porque aquele que fomenta desprezo, ódio e coisas semelhantes, jamais alcançará a Deus. Deus é o Conhecimento Puro e Absoluto. E enquanto não se tenha esse Conhecimento, como se pode lograr Sua visão? O homem não logra esse Conhecimento fomentando em seu coração desprezo, ira,

inveja, ódio, etc., pois esses são produtos da ignorância. O sentimento de que uma pessoa é próxima e outra é afastada pertence a aquele que possui uma mente fechada. Mas para aquele que possui uma visão extensa, um caráter amplo, o mundo inteiro constitui sua família, expressa um ditado sânscrito. Retirando-se essas debilidades a mente se torna pura e na mente pura ou coração puro se reflete a imagem de Deus. Este é o significado das palavras de Jesus, "Bem-aventurados os puros de coração, pois eles verão a Deus". Portanto devemos compreender que nada que nos conduza a Deus é vil ou inferior. Devemos seguir, cada um de nós, nosso caminho segundo nosso entendimento da vida espiritual, tendo ajuda de qualquer símbolo ou imagem, seja interno ou externo.

Um aspecto imprescindível na vida espiritual é a ajuda de um mestre, um *guru*. A maioria dos aspirantes necessitam de um *guru*, um guia. Isso é essencial para ele. A espiritualidade é como uma lamparina que se acende por meio de outra lamparina. É comunicada através de um *guru* iluminado, ou pelo menos que tenha em sua linhagem de mestres um ser iluminado, um ser que realizou a Deus. O grande mestre não-dualista Sri Shankara descreve assim ao *guru*, "Aquele que é conhecedor das escrituras, que não comete erros, nem é movido pelo desejo, conhecedor do Absoluto, estabelecido em Brahman, tranquilo como o fogo sem mais lenha para queimar, que é compassivo sem nenhum motivo, amigo de todos que se acercam, esse é o mestre verdadeiro"[8]. Vemos aqui que o *guru* não tem interesse próprio algum e, no entanto, está sempre disposto a ajudar aos que sinceramente se aproximam dele. Agora pode surgir a pergunta: 'Por que necessitamos de um guia? Como se sabe, mesmo para estudar e conseguir conhecimento para as coisas materiais se necessita de um mestre que saiba bem a matéria. Do mesmo modo, para adestrar a mente na concentração, essa mente que espalhou toda sua energia por toda parte, faz falta um maestro que adquiriu o domínio sobre sua mente e que a entregou totalmente a Deus. Devemos advertir aqui que para ser um *guru* não basta apenas possuir o conhecimento das escrituras, senão também deve ter realizado seus ensinamentos ou pelo menos deve continuar praticando-os sem falha e de forma constante. Só assim o *guru* pode guiar aos demais tendo em conta as inclinações de cada um. Se não, ocorreria como dizem os *Upanishads*, "Como cegos que conduzem a outros cegos, cairiam no poço e dando voltas ali se considerariam felizes". Não alcançariam a meta suprema, senão que sofreriam cada vez mais.

---

[8] Vivekachudamani, verso 33.

II

É nossa experiência geral em todos os campos na vida que, existem certos fatores que nos ajudam em nossa jornada ou no logro de determinados objetivos, assim como existem outros elementos que nos impedem de consegui-los. De igual modo existem fatores que são favoráveis e outros desfavoráveis para o aspirante no campo espiritual. Tentamos dar uma ideia deles até agora. Mencionaremos agora alguns mais e explicaremos como os primeiros nos animam a prosseguir no caminho espiritual. Sabemos bem que a companhia de algumas pessoas nos agrada muito e a de outras nos repele ou nos desagrada. Se analisamos a razão disso, encontraremos que há certas qualidades nestas pessoas que gostamos e admiramos, ou as possuímos nós mesmos e nos sentimos felizes em sua companhia. Sri Ramakrishna aclara isso com um exemplo. Disse, "Se um animal estranho se aproxima de uma manada de vacas, logo o expulsam atacando-o por todo lado. Mas se tratando de uma vaca será bem recebida e se tornam amigas, lambendo-se mutuamente. Assim também, quando um devoto se encontra com outro, ambos experimentam grande deleite e não se sentem muito dispostos a se separar." Por essa mesma razão, o aspirante espiritual deve procurar a companhia dos santos, pois as pessoas piedosas e santas sempre falam de Deus, meditam n'Ele e cantam Sua glória. Estando em sua companhia, a mente do aspirante também se dirige a Deus com muita facilidade, não lhe custa muito, pois a mente de um homem comum quase sempre busca coisas do mundo e, portanto, sente dificuldade em concentrá-la em Deus. Por mais que tente "levá-la pela mão" a Deus, por assim dizer, mais turbulenta a mente se torna. Por que acontece isso? Porque estivemos ocupados durante centenas de vidas, dizem os psicólogos da Índia, com as coisas do mundo e deixado sulcos profundos na mente, através dos quais ela está acostumada a 'passar', ou seja, a pensar. Assim como em qualquer novo esforço humano diferente do costume ou hábito estabelecido, se encontra uma veemente oposição, assim a mente se rebela quando queremos orientá-la. Não obstante, não precisamos desesperar-nos, pois até os maiores heróis do mundo tiveram que enfrentar situações similares. Por exemplo, no *Bhagavad-Gita* vemos a Arjuna dizer a Sri Krishna, "Encontro a mente muito inconstante e se agita de forma firme e incessante. Considero que dominá-la é tão difícil como subjugar o vento."[9] Sri Krishna responde, "Sem dúvida, ó tu de braços poderosos, a mente é indominável e inconstante, no entanto, ó filho de Kunti, é possível

[9] Bhagavad-Gita, XI. 34.

controlá-la mediante a prática e o desapego"[10]. Nessa resposta encontramos mencionadas duas forças que podem submeter a mente a nossa vontade, que são a prática e o desapego. Se um homem pratica seus exercícios espirituais diária e ininterruptamente, logra o domínio da mente. Por certo ele também deve praticar o desapego. Para lograr esse desapego, não há nenhuma força mais poderosa que a companhia dos santos, pois neles se vê o espírito do desapego personificado. Já ouvimos mais de mil vezes que o 'exemplo é melhor que o preceito'. Pois qualquer um pode predicar, fazer discursos brilhantes, dar conferências excelentes sobre a moral e a espiritualidade, mas se essa pessoa leva uma vida que não está em conformidade com suas prédicas, estas não produzirão nenhum efeito sobre o auditório. As pessoas o elogiarão e dirão que falou maravilhosamente, em seguida esquecerão tudo que escutaram. Enquanto que, umas poucas palavras de um santo, ainda que sejam pronunciadas em uma linguagem não tão brilhante, deixam suas marcas nas mentes de seus ouvintes e os modifica para melhor, apesar de si mesmos, sem se darem conta disso. Disse Sri Ramakrishna, "A companhia dos santos é como a água com que se lava o arroz. A água do arroz tem o poder de desvanecer a embriaguez (alcoólica). Do mesmo modo, a companhia dos devotos tira dos homens mundanos a embriaguez que lhe causa o vinho dos vários desejos". Se pode perguntar, por que não acontece isso com todos os homens que veem um homem espiritual? Há muitos fatores que impedem aos homens de sentir sua influência. Em primeiro lugar estão as fortes tendências que o obrigam a desfrutar das coisas do mundo. Cada um de nós deve passar pelas experiências da vida e chegar à conclusão de que não há nada permanente aqui, que só Deus é nosso Pai, Mãe, Amigo e tudo; que só Ele não muda Sua atitude por nós, mesmo que O esqueçamos. Até então não surgirá em nossa mente a ideia de aproveitar nossa vida humana, a companhia dos santos e outras ajudas que estão ao nosso alcance. Para mostrar a verdade dessa declaração, relatamos o que Sri Ramakrishna observou durante sua permanência em Dakshineswar. Quando a fama do Templo de Kali em Dakshineswar como um lugar vivo com a presença Divina se espalhou por as partes de Calcutta, centenas de pessoas começaram a visitá-lo. Algumas foram lá movidas por curiosidade, outras para ver os edifícios e sua arquitetura e umas poucas mais afortunadas para ver ao santo que vivia ali. Às vezes estas últimas vinham acompanhadas por outras que não se interessavam ouvir as palavras, os cantos e os ensinamentos sobre Deus que fluíam constantemente dos lábios de Sri Ramakrishna. Ele disse com pesar e simpatia, "A esses homens mundanos não agradam as conversas religiosas,

---

[10] Bhagavad-Gita, XI. 35.

ficam muito impacientes e intranquilos se outros falam de Deus e da vida espiritual. Até é difícil ficarem quietos e de vez em quando dizem ao ouvido aos seus amigos, 'Quando iremos, ficarão aqui muito tempo?' Seus amigos lhes respondem, 'Esperem um pouco, iremos daqui a pouco.' Essas pessoas mundanas dizem com desgosto, 'Continuem vocês com suas conversas, nós iremos e esperaremos vocês no bote que nos levará a Calcutta."Também dizem os *Upanishads*, "Há muitos que nem sequer chegam a ouvir em suas vidas algo sobre o Ser Supremo, muitos outros tendo ouvido sobre Ele, não O compreendem. Maravilhoso é aquele que expõe [sobre o Ser Supremo] e hábil é aquele que escuta. Raro, na verdade, é aquele que experimenta o Ser, ensinado por um preceptor competente". Que significa 'hábil' aqui? Neste caso se refere a habilidade de compreender os ensinamentos de um mestre espiritual e em seguida segui-los com intrepidez até lograr a meta. Em que consiste essa habilidade? Consiste em possuir uma preparação prévia, fazer bem ao mundo sem nenhum motivo, ter fé em Deus, rezar a Ele com afinco, etc. Além disso, assim como quando se está doente, não vai se consultar com um professor de Química, mas sim a um médico, do mesmo modo, para curar-nos da enfermidade mundanal, devemos nos aproximar de um homem espiritual, pois somente ele, tendo cruzado este oceano de mundanidade, conhecem os meios pelos quais nós também podemos fazer o mesmo.

O segundo elemento que obstaculiza o caminho espiritual do homem é seu orgulho pela erudição livresca. Ele pensa, "O que vou aprender de novo dos santos? Estudei todas as escrituras religiosas e sei tudo. Por acaso os santos sabem mais que as escrituras?" Este orgulho é muito prejudicial. É a maior barreira que o homem pode conceber. Isto não significa que o homem não deve ler e estudar as escrituras, senão que ao estudar todos os livros sagrados, ao mesmo tempo deve praticar pelo menos algo do que leu. Há um ditado sânscrito, "O conhecimento nos torna humildes e a humildade nos torna competentes." Competentes para receber a graça de Deus. Aonde se acumula a água? Não nos picos das montanhas, senão nas depressões e barrancos. Ao orgulho pode comparar-se com os picos das montanhas, a humildade com as depressões e as águas com a sabedoria religiosa. Um homem sábio nunca é orgulhoso, senão humilde, e esta é a razão dele não atrair nossa atenção.

A terceira causa de santos não influírem sobre todos, é que existem pessoas que não se interessam pela vida espiritual. Para dar um exemplo da vida moderna, o 'receptor de rádio' de sua vida não está sintonizado para receber as notícias do espiritual. Assim, vemos que não se pode culpar os santos ou Deus, se não se sente atraído pela vida religiosa. O homem tem o que merece. É nosso dever fazer esforços para que mereçamos a bem-aventurança da

companhia de um verdadeiro santo. Diz o *Bhagavata*, uma das escrituras sagradas dos hindus, "Para aqueles que estão por afogar-se neste terrível oceano do mundo, de nascimento e morte, o tranquilo santo conhecedor de Brahman, o Absoluto, constitui o lugar supremo de descanso, assim como um forte e invulnerável barco é o melhor refúgio para os náufragos". O que ocorre em sua companhia? Como esses santos vivem num plano espiritual elevadíssimo, possuem e desfrutam da Paz e Bem-aventurança Suprema e irradiam essa paz ao seu redor e qualquer um que entre nesse âmbito com uma mente humilde, sentem essa paz e se esquecem de todos os transtornos e dificuldades momentaneamente. Mesmo as dúvidas sobre a veracidade da existência de Deus se desvanecem em sua presença. Em seguida se o homem conduz sua vida segundo o visto e ouvido do santo, chega a sentir esta paz cada vez mais.

Passaremos agora a outro fator sobre o qual os hindus põem ênfase, que é, *ahara* ou alimento. Dizem os *Upanishads*, "Quando o alimento que se ingere é puro, se purifica a natureza de sua mente. Na mente pura a concentração em Deus se torna firme e constante e, portanto, o homem consegue romper todas as correntes por completo"[11]. Mas os comentadores das escrituras interpretaram de forma diferente esta passagem dos *Upanishads*. Alguns explicam a palavra *ahara* ou alimento, como aquilo que tomamos para nutrirmos fisicamente. Afirmam que a comida é impura devido a três causas a saber, primeiro a sua própria natureza, segundo, sua adulteração e terceiro, sua associação com pessoas impuras. Outra interpretação da palavra *ahara* segundo o grande não-dualista Shankara é que qualquer coisa que se absorve através dos sentidos de percepção e a mente é *ahara* ou alimento. Não há contradição entre essas duas interpretações, pois um devoto deve seguir as duas. Deve abster-se de comer qualquer coisa, em qualquer lugar e de qualquer pessoa, pois a mente, por ser uma substância material, ainda que sutil, é influenciada pelo alimento que se toma. Mas não devemos nos tornar fanáticos e gastar nossa vida na busca da origem e da associação da comida. Uma fórmula simples para os devotos será comer coisas feitas em casa.

Por outro lado, devemos cuidar-nos também do que absorvemos mediante nossos sentidos, os olhos, os ouvidos, etc., ou seja, o que lemos, vemos, ouvimos e também pensamos. Controlando a mente deste modo e dirigindo-a sempre ao Senhor, o devoto pouco a pouco rompe com as correntes do mundo. O importante é lograr a pureza da mente ou coração, sermos sinceros, sermos verazes. A veracidade constitui a austeridade para esta época. Não devemos mentir nem mesmo em brincadeira, pois aquele que pode dizer a verdade em

---

[11] *Chandogya-upanishad*, Verso 7.26.2.

todas as circunstâncias vence todo temor. Se transforma em um homem forte. Só um homem forte e firme de caráter pode alcançar a visão de Deus. Dizem os *Upanishads*, "Este *Atman* ou Ser Supremo, não é alcançado por um homem débil, nem se pode chegar a Ele pelo intelecto, nem lendo muitas escrituras. Só aquele sobre quem desce Sua graça pode alcançá-LO. A ele, o Senhor que é o mais íntimo do homem, se revela." Aqui entra também a graça de Deus. Pode-se praticar durante milhares de vidas, mas se a graça de Deus não descende sobre ele, não logra Sua visão. Então pode surgir a pergunta, 'Se é assim, por que devemos praticar na vida espiritual?' Recordemos a estória do devoto a quem não lhe importou em nada ter que passar por centenas de milhares de vidas e ficou alegre ao ouvir que havia esperança mesmo para ele e notemos como ao continuar repetindo o santo nome de Deus, se liberou naquele mesmo momento. Portanto devemos continuar praticando; além disso à medida que avancemos no caminho espiritual, sentiremos maior gosto pelo santo nome de Deus e a companhia dos santos.

O devoto também deve cultivar certas qualidades; os mestres dessa escola de devoção ou *Bhakti* nos dão uma lista delas. As enumeramos aqui. Veracidade, sinceridade, fazer o bem aos demais sem ideia de recompensa, *ahimsa*, ou não causar dano a ninguém, nem fisicamente, nem por palavra, ou por pensamento; não cobiçar os bens dos demais, não pensar em ideias vãs e não pensar em dano sofrido, por culpa de seu semelhante; *anavasada*, não ceder ao cansaço; *anudharsa*, evitar o júbilo excessivo. Já tratamos de algumas dessas qualidades, agora necessitamos explicar o conceito de *ahimsa* ou não causar dano. Há pessoas que não causam danos ao seu semelhante, mas são cruéis com os animais; há outros que, pelo contrário, são compassivos e carinhosos com os animais e não prestam nenhuma atenção aos seres humanos, aos seus sofrimentos. Nenhuma das duas atitudes são boas. A prova de haver alcançado a atitude de não causar dano constitui a ausência de inveja ou ciúmes. Qualquer homem pode fazer um bom ato impulsivamente ou sob a pressão de alguma superstição, mas o verdadeiro amante da humanidade é aquele que não tem inveja de ninguém. Se pode ver que os chamados grandes homens do mundo têm inveja ou ciúme uns dos outros pelo renome, um pouco de fama, etc. Enquanto houver inveja ou ciúmes no coração, se está muito longe da perfeição em não fazer dano. O homem que não fomenta em seu coração a ideia de causar dano, que se regozija na prosperidade mesmo de seu maior inimigo é um verdadeiro devoto, ainda que viva comendo carne todos os dias, disse Swami Vivekananda. Portanto devemos saber que as práticas externas têm um valor somente como meios para lograr a pureza interna. Se deve evitar o júbilo excessivo, porque não permite que se pense em ideias sérias. Também reduz as

energias da mente. Quanto mais forte a vontade, menos cede às emoções. E a realização religiosa é possível só para aquele, cuja mente se mantém numa condição firme, cheia de paz e equilíbrio, enquanto que, este regozijo excessivo é tão prejudicial para a visão de Deus, como são prejudiciais a tristeza e a seriedade excessiva. Devemos advertir isso.

Outra prática que o devoto faz é a constante recordação de Deus. Se levanta da cama recordando-O, passa um bom tempo pensando n'Ele e quando vai trabalhar, repete Seu nome antes de começar suas tarefas diárias e uma vez terminadas, às oferece ao seu Ideal. Lhe oferece sua comida antes de comê-la. Desta maneira, sempre e incessantemente, leva a recordação de Deus consigo. Se deita repetindo Seu nome e devido a intensidade desse costume, nem no sonho esquece de Deus. O aspirante à vida espiritual deve tentar essa prática. A constante recordação de Deus não chega tão cedo, não é fácil. Enredados como estamos no mundo, a única coisa que escapa de nossa atenção é a recordação de Deus. Sempre recordamos as coisas que gostamos, que amamos, as que desejamos possuir. Ainda quando nos sentamos sozinhos para pensar em Deus a mente corre atrás dessas coisas, pensa nas maneiras de adquiri-las e faz planos para desfrutá-las. E o tempo que havíamos separado para concentrar nossa mente em Deus, se passa ruminando coisas transitórias. Esta constante recordação de Deus é igual a vê-LO, disse Swami Vivekananda. Esta é uma etapa elevadíssima em que não existe na mente do devoto outra ideia senão Deus. Nárada, um grande e antigo mestre da escola de devoção da Índia disse, "As características dessa devoção suprema são a consagração de todas as atividades mediante a entrega completa e o sentimento de extrema angústia em caso do esquecimento do Senhor". Devemos dar atenção às palavras 'todas as atividades'. Para aquele que se entrega totalmente a Deus, todas suas atividades são atos de devoção, cada ato tem seu próprio lugar na vida espiritual, pois a entrega total é outro fator para a aniquilação do ego e qualquer trabalho inegoísta[12] tem seu lugar na vida espiritual, já que leva pela mão ao aspirante até Deus.

A angústia extrema ao esquecer-se a Deus constitui outra indicação, outro signo desse amor puro. No entanto, não é possível para o homem de realização esquecer a Deus em nenhum momento. Há exemplos desse amor puro na história, em personagens como Jesus, no ocidente e Sri Chaitanya e recentemente Sri Ramakrishna na Índia. Eles não sabiam de nada, senão de Deus, viviam com Ele, comungavam com Ele, em suma, Deus era para eles tudo em tudo. Disse o mesmo sábio Nárada, "Eles transmitem santidade aos lugares

[12] O oposto da palavra egoísta, (neologismo), do espanhol inegoísta.

de peregrinação, constroem a montanha das boas ações e proporcionam autoridade as escrituras”. Sabemos bem como os lugares onde os santos e as Encarnações nasceram, passaram sua vida nesta terra ou predicaram Sua mensagem se transformam em lugares de peregrinação. Eles, com sua vida, deixam nesses lugares, vibrações espirituais para sempre e aqueles aspirantes que levaram uma vida espiritual, enquanto os visitam, as captam palpavelmente, dando-lhes um maior impulso à vida religiosa. Isso é o que significa transmitir a santidade a um lugar. As ações que foram e são executadas por santos são corretas e boas e por isso, seguindo seus passos, os demais também podem melhorar espiritualmente. Sri Krishna disse no *Bhagavad-Gita*, “Todos no mundo imitam as ações daqueles que são considerados seus líderes e qualquer trabalho que estes últimos façam é autêntico e o povo o segue.”[13]

Qual é o significado de conferir autoridade as escrituras sagradas? Para a maioria, as escrituras são só palavras, mas quando vemos os ensinamentos contidos nelas praticados por uma pessoa, sentimos que são certas e factíveis, que podem ser colocadas em prática e não podemos negar sua validade qualquer que seja a época ou país em que vivamos. Os santos demonstram, mediante sua vida, a total certeza das escrituras. Além disso, as escrituras sagradas da humanidade, não são nada mais que os dados e a crônica das realizações dos antigos sábios e para o homem comum podem parecer como impraticáveis numa determinada época. Mas quando ele vê aos santos personificarem os ensinamentos, se desvanecem suas dúvidas. Sri Ramakrishna disse a um jovem discípulo, que na época estudava muito a Vedanta, “Meu filho, ouço que estudas muito a Vedanta. O que diz a Vedanta? Só *Brahman* é real e o restante é irreal, transitório. Não é assim? Há algo mais? Então por que não tentas realizá-LO?” Em outra ocasião disse aos presentes diante dele, “De que serve o mero estudo das escrituras sagradas, se não se põe em prática o que elas dizem? Sem dúvida, elas nos proporcionam os métodos e as descrições das diferentes etapas pelas quais o aspirante passa no caminho espiritual. Mas para lograr os estados descritos nela, ele mesmo tem que trabalhar, praticar. É assim, um homem de uma cidade recebeu uma carta de seus familiares de sua aldeia natal. O homem perdeu a carta e depois de procurar muito a encontrou e a leu. Havia uma lista de mercadorias que eles necessitavam. Gravou em sua mente, jogou a carta fora e foi buscar as coisas mencionadas nela. Já não necessitava mais dessa carta. De igual modo, quando se conhece o conteúdo das escrituras, se deve praticar os ensinamentos até lograr a visão de Deus.”

---

[13] Bhagavad-Gita, III.21.

Outro grande perigo para o devoto está em debater sobre Deus, as verdades espirituais ou o mérito comparativo dos santos. Cada um pode argumentar e re-argumentar a favor de qualquer filosofia ou teoria e aquele que possui o talento mais poderoso em discutir, ainda que não seja um homem de realização, pode vencer aos seus oponentes no momento e assim perturbar a fé destes. Por isso, o aspirante que segue o caminho da devoção deve evitar os debates. Por que? Depois de tudo, não se alcança nada por meros argumentos e discussões. Sri Shankara disse, "A rede das palavras é como uma grande selva e causa confusão na mente. Assim, mesmo a erudição dos pundits (eruditos) é só para desfrutar das coisas do mundo e não para conseguir a liberação." Os que se ocupam em meras discussões e uso do raciocínio, sem praticar nada, buscam renome, fama ou dinheiro. Sri Ramakrishna costumava deixar claro qual deveria ser a atitude do devoto pela vida espiritual mediante este exemplo:

Uns homens entraram em um pomar de mangueiras. A maioria deles se detiveram em contar o número de árvores e os galhos e folhas que cada árvore tinha e ficaram discutindo sobre a que espécie pertenciam e coisas semelhantes. Enquanto isso, um deles foi visitar ao dono do pomar, fez amizade com ele, recolheu algumas mangas maduras e se sentou para comê-las. Quem entre eles foi o mais sábio? Por certo aquele que se nutriu comendo as mangas. Do mesmo modo, os eruditos só discutem sobre alguns versos ou palavras das escrituras, enquanto que o verdadeiro devoto pratica, realiza a Deus e desfruta da visão de Deus. Consequentemente não devemos desperdiçar nossa energia e tempo em argumentos inúteis e discussões, pois existem diversas opiniões e nenhuma opinião baseada sobre a mera razão é conclusiva em si mesma. Deixemos contar os galhos, folhas e árvores aos que gostam de divertir-se deste modo, nós iremos saborear a manga.

Agora iremos tratar de quais são as representações humanas do ideal Amor Divino. É impossível expressar a índole deste supremo e absoluto ideal de Amor na linguagem humana. Mesmo o voo elevadíssimo da imaginação humana se encontra incapaz de compreendê-lo em toda sua perfeição e beleza infinitas. Não obstante, os seguidores desta religião ou caminho de amor em suas formas superiores e mesmo nas inferiores de todos os países, sempre tiveram que utilizar a inadequada linguagem humana para compreender e definir seu próprio ideal de amor. Mais ainda, se fez ao mesmo amor humano, em todas suas variadas formas, representar este inexpressável amor divino. O homem pode pensar nas coisas divinas somente em seu próprio modo humano. Para nós, o absoluto pode ser expressado unicamente em nossa linguagem relativa, por conseguinte os devotos utilizam todos os termos comuns associados com o amor comum da humanidade, em relação com Deus e Sua

adoração através do amor. Alguns dos grandes autores hindus sobre o Amor Supremo tentaram compreender e sentir este Divino Amor em várias formas distintas. Geralmente se encontram nesses textos cinco formas, que são, *shanta* ou tranquila, *dasya*, como o amor de um servidor por seu amo, *sakya*, como o de um amigo por outro, *vatsalya*, como aquele de uma mãe por seu filho, *Madhurya*, como o de um amante por seu amado.

No primeiro tipo se pode incluir todo o amor que o homem sente por Deus como Pai ou Mãe. A maioria dos devotos seguem esse tipo de amor, cantando Suas glórias, repetindo Seu santo nome, mesclando-se com devotos de mesma inclinação e assim por diante. Quando o homem adora a Deus sem possuir o ardor do amor, sem a loucura de amar, quando seu amor é simplesmente calmo e comum, ainda que seja superior a mera execução de formalidades, rituais e cerimônias, isto é o que em sânscrito se chama *shanta*.

A segunda forma, *dasya*, constitui a atitude de um dedicado servidor por seu carinhoso Amo. O prazer de seu Amo é tudo que lhe importa, não pensa em suas próprias comodidades. De igual modo este devoto sempre está pronto para levar a cabo os mandatos do Senhor sem pensar nas dificuldades que vai enfrentar.

Sakya é a atitude para Deus como de um amigo. O amigo íntimo é aquele a quem abrimos nossos corações, revelamos nossos pensamentos mais recônditos, transtornos e defeitos secretos, sem temer que ele nos repreenda, já que, pelo contrário, nos ajudará em nossas dificuldades, em suprimir os defeitos e em endireitar os pensamentos. O universo constitui o campo de jogos de Deus. Do mesmo modo que mesmo os grandes reis ou homens têm seus esportes e jogos, para Deus esse universo é um jogo e todos nós somos Seus companheiros de jogo. Quando olhamos ao universo com essa atitude, nada nele pode perturbar-nos, pois então saberemos que tudo é um jogo e não tem nenhuma característica de realidade. Claro, lograr essa atitude é dificílimo, mas de outra maneira, todos os sofrimentos do mundo se tornarão insuportáveis.

Vatsalya, ou amor a Deus como filho, pode parecer estranho, mas constitui uma disciplina que nos capacita a separar todas as ideias de poder no conceito de Deus, pois a ideia de poder traz consigo a ideia de temor reverente. No amor não deve estar presente este temor. As ideias de reverência e obediência são necessárias para a formação do caráter, mas uma vez que se tenha formado o caráter e o devoto haja saboreado o amor tranquilo, então não necessita falar mais de disciplina e ética, disse Swami Vivekananda. **Pois aquele que logrou o verdadeiro amor a Deus, nunca dá um passo em falso**. Ao devoto dessa classe não lhe importa conceber a Deus como poderoso, majestoso e glorioso. É para evitar esse sentimento de temor que o amante adora a Deus

como se fosse seu Filho, pois sabemos bem que o pai ou a mãe não se comovem por temor de seu filho, não podem pensar em pedir-lhe algum favor. A posição do filho é sempre de recebedor e por amor a Ele os pais sacrificariam até suas vidas. Na Índia há mulheres que se consideram como mães de Krishna.

Madhurya, ou doce, é a manifestação mais elevada do amor neste mundo e a mais forte conhecida pelo ser humano. Qual amor sacode mais toda a natureza do homem, o torna louco, o transforma em um deus ou em um demônio, que o amor entre um homem e uma mulher? Nesta doce representação do amor Divino, Deus é nosso Esposo. Dizem os devotos dessa classe, "Todos nós somos Suas esposas, não há homens nesse mundo, existe só um homem e Ele é Deus, nosso Bem-amado". Todo aquele amor que o homem sente pela mulher, ou a mulher pelo homem, deve ser dirigido ao Senhor. Por sua natureza, esse caminho do amor é mais fácil para a mulher do que para o homem, mas devemos advertir que por mais doce que essa classe de amor se torne no final, os sofrimentos devidos a separação de Deus são mais intensos e insuportáveis e só um ser humano forte fisicamente e de coração limpo, ou seja, que não tenha nenhum vestígio do desejo de desfrutar das coisas mundanas, o poderá suportar. Também existe o perigo de cair do caminho se não se é puro por completo e tornar-se muito mundano. Portanto um aspirante comum deve começar com a atitude tranquila, a primeira mencionada, e à medida que seus desejos se desvaneçam e não sinta nenhum ódio, inveja ou ira, poderá passar para as atitudes mais e mais elevadas.

Dissemos que o Conhecimento Superior e o Amor Divino puríssimo têm uma semelhança. O seguidor do caminho do Conhecimento Superior deve conhecer a *Brahman*, ao Absoluto e apenas então terá logrado este conhecimento em que se submerge e realiza sua identidade com o Absoluto e vê a tudo como *Brahman*. O mesmo ocorre com aquele que logra o Amor Supremo, pois a definição dessa classe de amor segundo as escrituras de *Bhakti* é "o pensar ininterruptamente no Senhor, do mesmo modo que o azeite é derramado de uma vasilha para outra, cai como um fio sem interrupção". Essa classe sempre firme de direção da mente e do coração a Deus, com apego inseparável a Ele, em verdade é a manifestação mais elevada do amor humano por Deus. Este aspirante não dará lugar em sua mente a outros pensamentos que aqueles relacionados com Deus. Assim vemos que quando o devoto logra o Amor Supremo, também se submerge sua mente em Deus, sempre se sente feliz e desfruta da paz suprema e vê em todos Deus manifestado. Portanto não há diferença no estado final dos dois caminhos, do Conhecimento e do Amor.

Tentamos dar-lhes uma ideia a respeito do *Bhakti Yoga*, citando os grandes mestres dessa escola. Concluímos com uma frase sânscrita, "Ó querido,

deve ver o *Atman*, ao Ser Supremo, para isso primeiro deve ouvir sobre Ele, em seguida pensar sobre o que foi ouvido, e depois meditar n'Ele". As escrituras hindus insistem em que se deve pensar se o que foi ouvido está conforme a razão ou não. E quando está conforme o raciocínio, deve praticar sem cessar até lograr a meta. Só escutar não dá resultado, só ler tampouco ajuda. Se necessita prática e quanto mais se pratica com anelo, mais cedo se logra a visão de Deus.

Adeus amigos.

● ● ● ● ● ● ●

*Este texto foi traduzido por um estudante dos ensinamentos
de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, Santa Mãe e da Vedanta.

*Todas as notas de rodapé foram editadas por este estudante.

DEUS E SEU NOME[1]

Swami Paratparananda[2]

Curitiba, 5 de agosto de 1977

No *Rig Veda*, o registro mais antigo preservado até agora sobre a religião, encontramos este verso, "A Realidade ou Verdade é Única, os sábios a chamam com distintos nomes". Esta foi a experiência dos sábios e foi uma verdade muito apreciada e inculcada pelos hindus desde tempo imemorial. Por conseguinte, eles respeitaram sempre e ainda continuam respeitando todos os nomes da realidade e a todas as religiões como verdadeiras. Essa única realidade é chamada por alguns como Deus, por outros de distintas maneiras como Allah, Bhagavan, Brahman, Rama, Krishna, Kali, etc. Mas os que ignoram esse aspecto do Hinduísmo, com motivos interessados, o qualificam como panteísmo, etc. São como a rã do poço que nunca conheceu nada, senão seu pequeno poço, e acreditava que nada poderia ser maior que seu poço. Mas agora alguns pensadores em todas as partes do mundo se deram conta de que a humanidade inteira não pode ter uma ideia única sobre costumes, a religião, a forma de vida, etc., que a variedade é imprescindível no mundo, que todos não podem ter as mesmas aptidões nem inclinações e cada um tem o direito de escolher seu caminho e forma de vida. Deus mesmo criou todas as religiões para prover à cada um o necessário para seu desenvolvimento espiritual, de outro modo não existiriam várias religiões. Da mesma maneira, Ele apareceu ante Seus devotos em distintas formas para satisfazê-los e abençoá-los com a bem-aventurança. Por conseguinte, aquele que quer receber esta benção deve ater-se a um ideal, a uma forma de Deus que lhe atraia, sem menosprezar Suas outras formas e nomes.

Se pode perguntar, "Então aquele que quer pensar em Deus sem forma, não deve fazê-lo?" É certo que sim, mas são muito poucas as pessoas que podem fazê-lo. Enquanto se estiver consciente do corpo, enquanto pensar em 'eu" e 'tu', o mundo e seus objetos, é melhor recorrer a uma forma de Deus, pois isto o

[1] Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão, que está disponível no original em espanhol em: https://estudantedavedanta.net/parataudio.html.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

ajudará muito. Do contrário, como disse Sri Krishna no *Bhagavad-Gita*, "Muito árduo será o trabalho daqueles se atraem pelo Não-manifestado, pois a meta desse caminho é difícil de alcançar pelos que são conscientes do corpo". Além disso, o mundo fenomenal inteiro está constituído de nome e forma. Não se pode recordar uma forma sem referir-se ao seu nome. Tampouco se pode recordar a um nome sem pensar na forma. Os dois estão intimamente relacionados. As pessoas podem dar grandes discursos e práticas sobre suas ideias do absoluto e sua preferência por esse caminho, mas são muito poucos os que podem pôr em prática o que falam, pois é difícil pensar no absoluto, o sem-forma. Teremos que recorrer a alguns conceitos ou quadros, tais como o espaço ou o infinito oceano, os quais não são senão outras formas e ideias.

Um dos métodos mais eficazes adotados pelos seguidores de todas as religiões para aproximar-se de Deus é a repetição de Seu santo nome. Sri Ramakrishna costumava dizer, "Por acaso o nome [de Deus] é pouca coisa? Não há diferença alguma entre Deus e Seu nome. Satyabama, uma esposa de Sri Krishna, tentou pesar a Krishna com ouro e pedras preciosas, mas não conseguiu. Rukmini, outra esposa, colocou uma folha de Tulsi com o nome de Krishna no outro prato da balança e isto equilibrou o peso do Senhor. Isto nos pareceria um mito ou conto de fadas, no entanto não é difícil comprovar a identificação que uma pessoa sente com seu nome. Suponhamos que alguém insulta uma pessoa dirigindo-se a ele por seu nome, qual será a reação dessa pessoa? Em seguida se enfurecerá e se é forte, reagirá com bofetadas ou não o deixará ir sem pedir perdão, e até uma pessoa muito fraca se sentirá agitada e esperará o momento oportuno para devolver o insulto. Vemos assim que o nome não é pouca coisa. O mero pronunciar ou ouvir o nome de uma pessoa conhecida traz a nossa mente suas qualidades ou defeitos, ou as características principais que a diferencia de outra. Em cada momento de nosso estado de vigília estamos ocupados em pensar em objetos ou pessoas por seus nomes e em seguida em seus méritos ou deméritos. Mais ainda, mesmo nos sonhos este procedimento continua. O que o praticante religioso faz é mudar o centro de atração, dos objetos do mundo para Deus. Pela repetição do nome do Ideal ou de qualquer forma de Deus, o devoto traz a sua mente a bondade e outras qualidades do Senhor ou as inumeráveis façanhas de Suas Encarnações, cada uma das quais mostram a bondade, a compaixão que derramaram sobre Seus devotos. Assim como pensando constantemente em algo, adquire-se apego por isso, do mesmo modo pensando em Deus ou Suas Encarnações, pode-se ter atração, apego por Ele. Para isso os sábios recomendam a repetição do santo nome de Deus. Este método é muito antigo e ao mesmo tempo muito eficaz. Por essa prática [muitos] alcançaram ao Altíssimo.

Todos vocês devem ter ouvido falar da epopeia *Ramayana*. Se diz que o escritor desse livro, Valmiki, antes de converter-se em um sábio era assaltante de estradas, vivia em um bosque e roubava aqueles que passavam por ali. Um dia o sábio Nárada ia por esse bosque quando esse ladrão o assaltou. O sábio, que não tinha nada, salvo um instrumento musical de cordas, em vez de assustar-se com o assaltante, lhe perguntou, "Bom homem, por que você faz isto? Sabe que está fazendo mal a você mesmo por esta sua conduta? Por acaso aqueles que você mantém ganhando a vida desta maneira vão compartir de seus pecados?" Isto deixou o homem perturbado. Nárada continuou, "Vá para casa e averigua com seus parentes se eles estão dispostos a fazê-lo. Pode me prender aqui a uma árvore para assegurar-se que não vou escapar." O homem seguiu suas instruções ao pé da letra, prendeu ao sábio a uma árvore e foi a sua casa e fez a pergunta que lhe havia perturbado tanto. Sua mulher lhe disse, "Eu não compartilho de seus pecados, nem sei como ganha a vida. Você se casou comigo e é seu dever manter-me." Os pais também lhe disseram que não podiam aceitar nenhuma parte de seus pecados e como filho era seu dever sustentá-los em sua velhice. O homem, muito angustiado ao ouvir as respostas daqueles que pensava que eram seus muito íntimos e queridos, voltou para onde estava Nárada, o sábio. E prostrando-se diante do sábio lhe pediu que o salvasse de seu destino horrível. Então Nárada lhe ensinou o nome de Rama, mas desgraçadamente era tal a condição em que se encontrava devido a suas ações cruéis e ímpias que nem podia pronunciar este simples nome. Mas a bondade de Nárada era imensa, sem limites, e com muita paciência lhe ensinou e lhe pediu que repetisse "Mara", o inverso de Rama e que isso o salvaria de todos seus atos pecaminosos. E o ladrão, utilizando este nome, que repetido várias vezes se torna "Rama", chegou a ser Valmiki, o primeiro entre os poetas da literatura sânscrita e um verdadeiro sábio, alcançando a mais alta realização. Este é um exemplo em que aparentemente não houve nenhum preparativo anterior, pelo contrário, tudo [em sua vida anterior] parecia contraproducente para a vida espiritual, no entanto repetindo o nome do Senhor ainda que fosse incorretamente, mudou o rumo de sua vida. Por certo o que lhe ajudou foi a angústia e o desejo de liberar-se de seu iminente destino terrível e a personalidade santa de Nárada, quem o iniciou nessa vida.

Kabirdas, um muçulmano de nascimento, se aproximou de Ramananda, um ser altamente espiritual de sua época, e lhe pediu que o iniciasse. Mas o mestre, sendo um hindu, não quis dar instrução a Kabir. No entanto, era tão grande a confiança deste último em Ramananda que, observando sua rotina diária, certo dia muito de madrugada foi às margens do Ganges e se deitou sobre a escalinata onde o mestre ia se banhar todos os dias quando ainda estava

escuro. Nesse dia quando descia pela escalinata, pisou sobre o corpo de Kabir e Ramananda, pronunciando o nome de Rama, pensando que havia machucado a alguma criatura, retrocedeu. Então Kabir se levantou e se prostrou diante do mestre dizendo humildemente que já havia recebido a iniciação. Tomou este nome de Rama como uma fórmula sagrada. Desde então dedicou sua vida a Deus adorando-O pela mera repetição de Seu nome e teve várias visões de seu Ideal. Há muitos cantos de Kabirdas que expressam sua angústia por ver ao Senhor e também suas experiências espirituais.

Poderíamos seguir citando exemplos de pessoas cuja prática não consistia em outra coisa senão a repetição do santo nome do Senhor e que foram abençoadas com Sua visão, mas esperamos que os já citados sejam suficientes para que nos demos conta de que este método apesar de ter sido adotado desde tempo muito remoto ainda continua em vigência e é eficaz. Por isso os sábios hindus deram muita importância ao nome [de Deus]. Alguns dos grandes santos até chegaram a dizer ao Senhor, "O que me importa de Ti e Tua ajuda? Me basta Teu nome e o resultado da repetição desse nome, pois ouvi que Teu nome salvou de grandes perigos até os malvados mais arraigados, então não me salvará?" Por certo eram seres que viram a Deus e por isso tinham plena confiança n'Ele. Há alguns cantos de Ramprasad, um devoto da Divina Mãe, que exaltam a glória do nome de Deus. Em um deles disse, "Ó mente, tu não sabes como plantar, árido está o campo de tua vida. Se tivesses trabalhado bem, que rica colheita terias conseguido. Cerque-a por todos os lados com o nome de Kali, se for manter a salvo tua colheita. Esta é cerca mais forte de todas, pois a própria morte não pode aproximar-se. Cedo ou tarde amanhecerá o dia em que terás que perder teus preciosos campos, por isso agora mesmo junta, ó mente, a fruta que queres. Como semente, semeie o santo nome de Deus que teu Guru te deu, regue-o com amor e se achares muito árduo o trabalho, chama por ajuda à Ramprasad." Nessas poucas linhas está descrita a condição em que se encontra um ser humano comum. O corpo é o campo de que a mente pode servir-se para alcançar grandes logros, no entanto o homem não se aproveita dele, senão o desperdiça para conseguir coisas fúteis e prazeres de pouca duração. Isso é o que significa 'tornar árido'. Também a mente está sempre ameaçada pelo "gado" das paixões e por conseguinte necessita ser protegida por uma cerca. O nome de Deus é a cerca mais forte que existe, pois protege a uma pessoa até dos repetidos nascimentos e mortes. O corpo não é permanente, cedo ou tarde devemos abandoná-lo. Por isso devemos tratar de juntar a fruta da imortalidade, semeando o nome de Deus como semente e regando-a com amor. Tudo isso é muito simples, no entanto o ser humano não quer crer que por essa prática se pode chegar a Deus, busca coisas complicadas, exercícios físicos

difíceis, posturas raras e coisas semelhantes. Por trás de toda essa busca, não há um desejo genuíno de ver a Deus, senão de conseguir saúde, longevidade do corpo, etc.

O nome do Senhor é uma fonte de grande força, tendo a qual o homem de fé enfrenta todas as situações difíceis do mundo, mais ainda, enfrenta até a morte. A morte não o assusta mais porque sabe que não pode destruí-lo, que só o une com seu bem-amado Deus. Está pronto para afogar-se no mar da vida clamando 'Glória ao Senhor!'. A literatura religiosa da Índia está cheia de cantos que descrevem vividamente a potência e a glória do nome de Deus e essas canções não foram escritas por meros poetas, senão por homens e mulheres de experiências místicas, portanto têm valor e autenticidade, pois descreveram o que eles mesmos experimentaram em suas próprias vidas. Se conta a estória de um corvo que estava muito dedicado a repetição do santo nome de Rama. Vivia próximo à um lago, mas era tal seu anelo e gosto pelo nome do Senhor, que mesmo tendo sede não queria beber água por medo de interromper a repetição. Este gosto pelo nome de Deus é muito importante na vida espiritual, assim como se diz que o paciente que sofre de febre tifoide tem gosto pela comida então há esperança de sua recuperação, da mesma forma, aquele que tem gosto pelo nome do Senhor tem esperança de desfazer-se das amarras do mundo e alcançar a liberação. A repetição do nome de Deus se chama *Japam* em sânscrito. Geralmente, como já vimos, junto com a ideia vem à mente a forma concreta do objeto que essa ideia representa. Mas tal é o encanto que os objetos do mundo têm para a mente do homem comum que mesmo repetindo o nome de Deus não pensa n'Ele, pelo contrário, pensa em qualquer outra coisa, menos no Senhor. *Japam*, segundo Patanjali, o grande psicólogo hindu de outra época, consiste na repetição do *mantra* (fórmula sagrada) junto com o pensamento de seu significado. Um *mantra* é uma fórmula sagrada, geralmente um nome de Deus unido à sílaba *Om* e às vezes com outra sílaba sagrada. Mediante o *japam*, tenta-se concentrar-se no Ideal que o *mantra* representa e com esse propósito algumas pessoas piedosas na Índia quando chegavam a certa idade se retiravam das atividades mundanas e iam aos lugares santos como Benares para passar o resto de suas vidas na companhia de homens dedicados a Deus e ao pensamento do Senhor, pois Sri Krishna disse no *Bhagavad-Gita*, "Uma pessoa vai às regiões ou objeto em que pensa no último momento de sua vida, pois nesse momento vem a sua mente o pensamento do que constantemente pensou durante toda sua vida, portanto, ó Arjuna, pensa sempre em Mim, o Senhor e luta. Dedique seu intelecto e mente a Mim e sem dúvida virá somente a Mim", conclui Sri Krishna. Vemos assim que a constante recordação de Deus é a única maneira de salvar-nos deste labirinto do mundo. O nome de Deus é muito eficaz em mais de um

sentido. No *Bhagavata*, outro livro sagrado dos hindus, lemos o episódio de Ajamila. Era um *brahmin* de nascimento, mas depois de levar uma vida correta, digna de um *brahmin*, caiu do caminho [espiritual]. Casou-se com uma mulher de baixa casta, esquecendo todos os seus deveres como *brahmin* e viveu submerso na mundanidade. Certa vez ficou seriamente enfermo e perdeu-se toda a esperança de recuperar-se. Sofria de dores agudas e em sua angústia pronunciou a gritos o nome de seu querido filho que afortunadamente se chamava Narayana. Então, disse a estória, que os mensageiros de Narayana, o Senhor, chegaram ali para socorrer o devoto mesmo que houvesse pronunciado Seu nome sem intenção de chamá-Lo e o salvaram da morte iminente dando-lhe outra oportunidade de reformar-se. Ajamila pode recordar nesse momento de crise o nome de seu filho, que tinha o mesmo nome do Senhor pois havia feito algo bom em sua juventude. Sri Krishna nos assegura que o bem feito por uma pessoa, ainda que seja muito pouco, a salva de graves perigos. Ajamila é um exemplo dessa asseveração do Senhor. No entanto, hoje em dia as pessoas não têm fé no nome de Deus. Às vezes se ouve dizer que nesta época a repetição do santo nome de Deus não dá resultado. Mas Sri Ramakrishna afirma várias vezes que a eficácia do nome de Deus não se perde jamais. Pode ser que tarde em dar frutos devido a débil fé ou falta de sinceridade do praticante, mas não obstante chegará o dia em que dará seus frutos, assim como uma semente deixada sobre o teto de um edifício brota quando a casa desmorona e a semente cai ao solo. O nome do Senhor é como a pedra filosofal que converte os metais em ouro, é como a vareta do mago que faz milagres inacreditáveis, com uma pequena diferença que nestes últimos casos os milagres do mago são de momentânea duração, em troca, a transformação que o nome de Deus faz num aspirante sincero é permanente, é para sempre. Achamos referências sobre a eficácia do nome [de Deus] inclusive nos *Vedas*, que demonstra que esse método não foi uma inovação posterior à época dos *Vedas*. Por exemplo, encontramos um verso no *Sama-Veda* que disse. "Ó Senhor onipresente, não usamos os postes de sacrifício, nem sacrificamos animais, no entanto adoramos a Ti pela repetição de Teu nome." Os *Upanishads* menores, o *Ramayana*, o *Bhagavad-Gita*, o *Mahabharata*, o *Bhagavata* e outros *Puranas* contêm hinos e instruções sobre o *Japam*, ou repetição do *mantra*. O *Yogashikha Upanishad*, por exemplo, define o *mantra* (fórmula sagrada) assim, "O *mantra* é sagrado devido à que dá lugar a reflexionar por seu poder salvador e também porque revela a natureza do Senhor e constitui Sua morada." Outro *Upanishad* disse, "Rama por Sua conduta e Sua vida estabeleceu o caminho da retidão e por Seu nome o caminho do conhecimento." O *Mahabharata* afirma, "O aspirante, pela repetição do *mantra*, reflexionando sobre seu significado e aderindo-se aos votos de *brahmacharya*

(castidade) alcança o Altíssimo. Sri Krishna no *Bhagavad-Gita*, quando fala de Suas manifestações mais excelsas se refere ao *japam* como a Si mesmo. É um método seguido por quase todos os caminhos para Deus. O *yogui* repete a sílaba OM, o seguidor do caminho do conhecimento também repete uma fórmula sagrada e mesmo que não seja um nome de Deus Pessoal, tem alguma relação com seu Ser íntimo que é idêntico com *Brahman*, o Absoluto. Por certo o devoto, o seguidor do caminho da devoção, depende principalmente dessa prática para chegar a sua meta. Somente o *karma-yogui*, se não crê em Deus, não reza. Mas é muito difícil encontrar um *karma-yogui* assim, pois se não tem a quem dedicar suas ações, este praticante logo se torna egoísta e perde de vista a meta de sua vida.

Outro método para recordar o nome do Senhor consiste em cantar hinos e canções que descrevem Sua glória. Na Índia os devotos cantam em coro os nomes de Deus ou Suas Encarnações e para isso há os chamados *Ashtottarashata* e *Sahasranama*, ou seja, os cento e oito e os mil nomes do Senhor. Alguns devotos recitam esses livros todos os dias antes de tomar qualquer alimento. E cada um desses nomes traz a mente do devoto algum episódio que descreve a graça que outro devoto recebeu de Deus em outra época ou expressa alguma façanha do Senhor em alguma de Suas Encarnações. Também podem expressar as características proeminentes de uma Encarnação, por exemplo, Sri Krishna tem vários nomes como Gopala, Giridhari, etc. Gopala significa aquele que cuida das vacas [pastor] e Giridhari, aquele que sustém o monte, todos incidentes de Sua vida em Vrindavan. Quando o devoto canta esses nomes passam por sua mente os episódios e jogos do Senhor e se esquece do mundo. Do mesmo modo o devoto de cada aspecto de Deus como Shiva, Kali, etc., cantam esses hinos relacionados com esses aspectos particulares para concentrar sua mente na Divindade. Para a melhor demonstração da eficácia do santo nome de Deus temos diante de nós os ilustres exemplos das Encarnações Divinas, Seus apóstolos e outros sábios e santos. Sri Chaitanya em sua juventude exerceu a profissão de professor de lógica e era considerado o melhor professor dessa matéria em sua época. Tinha uma jovem esposa, no entanto ao receber a iniciação no santo nome de Deus, perdeu todo o gosto pela erudição e pela vida mundana, como se um rio caudaloso tivesse arrasado todos os impedimentos em seu caminho ao oceano. Nem os pedidos de seus alunos para que terminasse de ensinar seu curso começado, nem os ansiosos pedidos de sua mãe puderam mantê-lo envolvido no mundo, tal era a atração que sentia por Deus. Mais adiante, ele mesmo por sua vez foi o centro de atração para muitos. Falando sobre Sri Chaitanya, Sri Ramakrishna comenta, "As pessoas mundanas não vão te escutar se lhes pede que renuncie a tudo e se dedique totalmente a Deus,

portanto Sri Chaitanya e Nitai, depois de deliberar sobre esse assunto chegaram a um acordo para atrair as pessoas mundanas. Lhes diziam, 'Venham, repitam o nome do Senhor e terão uma deliciosa sopa de peixe fino e o abraço de uma jovem mulher'. Muita gente atraída por essas coisas começava a cantar o nome de Deus. Depois de saborear o néctar do santo nome de Deus, se davam conta que a sopa de pescado na realidade significava as lágrimas que eles vertiam por amor a Deus, enquanto que a jovem donzela não era outra coisa senão a própria terra. O abraço da mulher queria dizer rodar pelo solo em um êxtase de Divino amor.' Sri Chaitanya sentia compaixão pelas pessoas que viviam imersas na mundanidade e por isso para ensinar-lhes a sair deste lodaçal, prescreveu o nome de Deus como o mais adequado.

Sri Ramakrishna nesta época, atacou com viva força, por assim dizer, a cidadela de Deus com o nome da Mãe Kali. Podemos dizer que fez todas as demais práticas e austeridades depois de sua primeira visão da Divina Mãe e foi tal a insistência e força dos rogos desse menino, que a Divina Mãe não pode ocultar-se dele por mais tempo. Ele a obrigou a revelar-se pegando a espada que estava pendurada no templo, com a intenção de matar-se, pois tal era a angústia que sentia pela separação da Divina Mãe. E mesmo depois das demais práticas, até de monismo, manteve em sua relação com Deus a atitude de um menino por sua mãe e todas as vezes que se sentia perturbado pelo comentário de seus discípulos sobre suas visões, recorria a Mãe do Universo e Ela o consolava. Se lemos o *Evangelho de Sri Ramakrishna*, em que estão anotados alguns acontecimentos e conversações dos últimos quatro anos de sua vida daremos conta de quão ébrio ficava com o canto do nome de Deus e quão frequentemente entrava em Divino êxtase ouvindo cantar o nome ou louvores do Senhor. Nessas ocasiões muitas vezes se perdia por completo no mais profundo *Samadhi*, não obstante, sempre repetia os santos nomes de Deus de madrugada e ao anoitecer.

Pode perguntar-se, os hindus dizem que tal ou qual pessoa é uma Encarnação Divina e ao mesmo tempo falam das práticas e austeridades feitas por eles. Se realmente são Encarnações [Divinas], devem ser perfeitas desde seu nascimento, como Deus é perfeito, então que necessidade eles têm das práticas ou outras disciplinas espirituais? Primeiro vamos responder esta pergunta com outra concomitante. Que necessidade teve Deus de projetar esta criação se é perfeito e não lhe falta nada, não tendo nenhum motivo ou interesse próprio? Devemos admitir que não havia esta necessidade, nem tem motivo algum, que tudo que fez é como se fosse um jogo. Similarmente, Ele descende de vez em quando à Terra para ensinar a humanidade como devemos sair deste remoinho do mundo. E quando vêm, forçosamente têm que aceitar um corpo e como consequência desempenhar o papel de um homem, tendo então fome e sede,

enfermidade e aflição. Mas uma Encarnação Divina não sucumbe a esses transtornos, senão que nos mostra como devemos enfrentá-los e qual o objetivo da vida do ser humano. Se a humanidade não tem diante dela exemplos de vidas perfeitas e do modo de aperfeiçoar-se, nunca tentará fazê-lo. Pensará que todos os conselhos que se encontram nos livros sagrados não são mais que teorias impraticáveis, portanto essas Encarnações e outros homens perfeitos vêm a Terra e colocam em prática as indicações das escrituras, apenas com a finalidade de demonstrar ao ser humano que Deus não é um mito, senão que existe eternamente e que se alguém tentar, pode vê-Lo. A esse respeito Sri Ramakrishna costumava dizer, "Os *Ishvarakotis*, os sempre-perfeitos, praticam disciplinas espirituais apenas pelo bem da humanidade, para deixar um exemplo. Vêm ao mundo pra ensinar ao homem o caminho para Deus."

Se poderia dizer que tudo isso está certo no caso das Encarnações e Seus apóstolos, que foram perfeitos desde o nascimento ou tiveram mestres poderosos para ajudá-los e guiá-los, mas que nós temos que vencer uma grande carga de tendências inerentes contrárias. A isso podemos responder que justamente por essa razão devemos prender-nos ao nome do Senhor, então desaparecerão pouco a pouco todos os contratempos e más tendências. Não necessitamos fazer grandes sacrifícios, nem exercícios difíceis se podemos repetir o nome de Deus com fé, constância e anelo, de madrugada e ao anoitecer. Sri Ramakrishna nos assegura que repetindo o nome do Senhor se purifica a mente e o corpo de uma pessoa e que nessa mente pura se reflete a imagem de Deus em todo seu esplendor. Ele não se cansava em dar ênfase na fé no poder do nome de Deus. Citava uma estória dos *Puranas* para ilustrar isso. Certa vez um homem ia cruzar o mar do Ceilão [hoje Sri Lanka] até a Índia. Vibhishana, o rei do Ceilão lhe disse, 'Ata isto na sua vestimenta e poderás cruzar o mar sem nenhum perigo caminhando sobre suas águas, mas tenha cuidado, não queira saber o que tem dentro, senão afundarás.' O homem com muita facilidade ia caminhando por sobre as águas, quando tendo já ido por um bom trecho [do mar] pensou, 'Que será essa coisa maravilhosa que Vibhishana me deu que me capacita para caminhar sobre as águas? Em seguida desatou o nó [do pacote] e achou uma folha com o nome de Rama escrito nela. Pensou, 'Oh, só isso?' e instantaneamente se afundou nas águas.' Como já dissemos, repetir o nome do Senhor não é uma peculiaridade dos hindus. Na Bíblia também encontramos algumas passagens glorificando o nome de Deus. Nos *Salmos* encontramos esses versos, 'Em Ti se regozijam os que amam Teu nome. Também 'Canta Davi quando estava no deserto, 'Deus meu és Tu. De madrugada Te buscarei. Minha alma tem sede de Ti, minha carne Te anela. Em terra seca e árida, onde não há águas para ver Teu poder e Tua glória, assim como mirei no santuário, pois

melhor é Tua misericórdia que a vida, meus lábios Te glorificarão, assim te abençoarei em minha vida, em Teu nome levantarei minhas mãos''. Também, 'Clamai a Deus com alegria por toda a terra, cantai a glória de Seu nome, glorificai seu louvor'. Vemos assim que esta prática não é estranha para nenhuma religião, por isso já que sentimos a carga de nossas tendências contrárias, devemos refugiar-nos no nome de Deus, tendo confiança nessa declaração do Senhor Jesus Cristo, 'Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu darei descanso a vocês.'[3] No entanto, a verdade é que a fé na potência do nome do Senhor surgirá no homem quando tenha sua própria experiência. Recordemos o que disse o Senhor Jesus Cristo, 'Pedi, e vos será concedido; buscai, e encontrareis; batei, e a porta será aberta para vós. Pois todo aquele que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, se lhe abrirá'[4]. E também, 'E tudo que pedires em oração, crendo, o recebereis.[5]' A palavra 'crendo' é muito importante, pois sem fé em Seu nome, sua mera repetição não nos dará o devido fruto.

Por acaso devemos repetir o nome de Deus para conseguir coisas materiais? Sem dúvida Deus cumprirá todos nossos desejos se Lhe pedimos com ansiedade, mas não é bom para nossa vida espiritual que todos eles se cumpram. Poderemos ter mais riquezas, mais conforto, etc. No entanto nunca teremos a saciedade dos prazeres do mundo nem teremos paz. Portanto devemos ter o cuidado de não pedir nada deste mundo a Deus quando praticamos a repetição de Seu santo nome. Em um verso está dito, "Benditas são aquelas pessoas virtuosas que bebem o néctar da Imortalidade do nome do Senhor". Realmente são benditas, pois não é privilégio de todos ter alegria na repetição do nome de Deus, muitos o fazem mecanicamente e a maioria da humanidade o ignora por completo. Tratemos de conseguir este gosto por Seu nome, que nos levará através do mar do nascimento e morte. Que Deus nos ampare, nos dê refúgio aos Seus pés e que sintamos felicidade na repetição de Seu nome.

• • • • • •

*Este texto foi traduzido por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, Santa Mãe e da Vedanta.

*Todas as notas de rodapé foram editadas por este estudante.

---

[3] Mateus 11:28

[4] Mateus 7: 7-8

[5] Mateus 21:22

PORQUE NÃO RECONHECEMOS AS GRANDES PERSONALIDADES ESPIRITUAIS[1]

Swami Paratparananda[2]

São Paulo, 18 de agosto de 1979

É nossa pior desgraça não sermos capazes de reconhecer a uma grande personalidade espiritual ainda quando está entre nós e aproveitar assim sua presença para nosso progresso no caminho [espiritual]. Isto tem acontecido desde tempos remotos, por exemplo, quantos em sua terra reconheceram Jesus Cristo como o filho de Deus, mesmo ele tendo declarado isso mais de uma vez? O mesmo ocorreu com Sri Rama e Sri Krishna. Muito poucos na verdade têm, por dizer assim, olhos para ver. Por que ocorre isso? O que impede ou obstaculiza a vista do homem que não lhe deixa perceber o Divino nestes seres?

Primeiro, eles têm como qualquer pessoa uma forma humana, sem nenhum sinal externo que os diferencie dos demais. Não têm asas como pintam aos anjos nas escrituras nem outros signos chamativos. E com o conceito de igualdade que o homem de hoje em dia tem, torna muito difícil aceitar que haja diferença na manifestação do Divino em diferentes seres. Até grandes eruditos cometem esse erro.

Certa vez Sri Ramakrishna foi visitar o grande erudito e filantropo Ishwara Chandra Vidyasagar. No transcurso da conversação este perguntou ao Mestre, "Deus dotou a alguns com mais poder, e a outros com menos?" Sri Ramakrishna respondeu, "Como Espírito que transpassa a tudo, Deus existe em todos os seres, inclusive na formiga, mas a manifestação de Seu poder é diferente em diferentes seres. Se não fosse assim como é que uma só pessoa pode afugentar a dez enquanto que outra não é capaz de enfrentar nem sequer uma só? E por que todos respeitam você, por acaso lhe cresceram um par de chifres? Você possui mais compaixão e conhecimento." Essa pergunta do erudito pareceu ao Mestre tão pueril que comentou esse fato durante suas conversações

[1] Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão, que está disponível no original em espanhol em: https://estudantedavedanta.net/parataudio.html.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

com os devotos dizendo, "Até um grande pundit como Ishwara Chandra Vidyasagar, com toda sua fama e erudição disse essa coisa tão infantil, 'Deus dotou a alguns com mais poder e a outros com menos?'" Isso mostra quão limitada é a capacidade da mente humana. Como podemos então com essa mente sondar a profundidade das almas puras?

O segundo obstáculo diante de nós é que essas personalidades não fazem demonstração de sua santidade, senão que ocultam sua verdadeira natureza e se comportam como os mais humildes dos humildes. Além disso vivem e se movem entre nós como qualquer outro ser humano sentindo fome, sede e pesar e padecendo de enfermidades. Devido a todas essas razões, sua sublime divindade escapa de nossa atenção, só as almas mais desenvolvidas espiritualmente chegam a reconhecer a estas personalidades. Pode surgir a pergunta, 'por acaso esses seres avançados precisam de ajuda?' De um modo ou de outro, eles poderiam ter chegado à meta por seus próprios esforços. Uma pessoa sã não precisa ser cuidada. É o enfermo que requer um médico e atenção. Por que então as Encarnações Divinas não proclamam sua vinda e levam à luz a maioria da humanidade que se encontra em densa escuridão da ignorância?

Há várias razões pelas quais se abstêm de atuar desse modo. Antes de tudo, havendo tomado forma humana, estão sujeitas às limitações do corpo. Por exemplo, quando Sri Ramakrishna viu que lhe chegavam pessoas submersas em mundanidade, rogou a Divina Mãe, "Mãe, por que trazes aqui gente sem nenhuma substância? Não posso fazer tanto. Um litro de leite pode conter no máximo um quarto de litro de água, mas vejo que no caso dessa gente é como se cada litro de leite estivesse misturado com cinco litros de água. Meus olhos estão ardendo da fumaça de tanto colocar lenha no fogo. Se queres, dê Tu mesma. Não posso colocar tanta lenha no fogo. Não tragas mais a esse tipo de gente aqui." Por que o Mestre pediu isso a Mãe? Pois ainda que ele tenha vindo a Terra para ressuscitar a religião e redimir a humanidade, fisicamente era impossível que uma só pessoa se ocupasse de atender as necessidades de todos. Sua missão era restabelecer a religião dando provas por sua própria vida e experiências que essa, a religião, não é um mito, nem fantasias de cérebros febris, senão que é uma senda que nos leva a Deus, que Deus pode ver-se, se uma pessoa anela vê-Lo, e para ensinar a humanidade deveria treinar alguns jovens puros de coração que mais tarde levariam a cabo seu trabalho. Se pelo contrário, ele desperdiçasse seu tempo e energia que estavam acabando dia após dia, como poderia cumprir com sua missão? É por isso que rogou a Divina Mãe dessa maneira e até se aborreceu com ela para que lhe enviasse seus devotos mais puros para poder treiná-los. Além disso um homem julga a espiritualidade segundo seu próprio desenvolvimento mental, moral e religioso e influenciado

por seus desejos e ambições. Avalia as pessoas por sua fama, esplendor e poderes sobrenaturais que possua, mas o que ganharão com tudo isso, senão riqueza, honra, fama, e comodidades materiais? As pessoas em grande número recorrem a aqueles que possuem poderes ocultos para conseguir as coisas do mundo, cura de suas doenças, reconquistar sua juventude e beleza e prolongar a vida. Para um homem comum, aquele que pode fazer essas coisas é um grande santo e não aquele que se perde por completo pensando em Deus. Sri Ramakrishna não quis saber nada dos poderes sobrenaturais, tampouco lhe agradou o esplendor que lhe chegou pela prática de intensas austeridades. Disse certa vez a seus discípulos sobre isto, "Quando pela primeira vez tive um estado muito elevado da mente, meu corpo irradiava luz, meu peito ficava sempre avermelhado. Então disse a Divina Mãe, "Mãe, não Te reveles externamente, por favor vá para dentro. É por isso que minha tez é tão opaca agora. Se meu corpo fosse luminoso agora, as pessoas me teriam atormentado e haveria sempre aqui uma grande multidão. Só os devotos genuínos ficarão comigo agora." Também é certo que as pessoas nem sempre querem conhecer a Deus ou vê-Lo, senão usá-Lo. Pensam, 'que posso conseguir d'Ele?' Essa é a atitude da maioria da humanidade. Com esse fim também eles se aproximam de uma pessoa espiritual, seu motivo é egoísta, não buscam a iluminação. Se pode objetar que com tudo o que foi falado, não respondemos à pergunta sobre o porquê das Encarnações Divinas não se revelarem a todos e levarem a luz aos inumeráveis ignorantes que se encontram na densa escuridão e que estamos evitando a questão. Respondemos: não estamos nos afastando do tema, já que a resposta se encontra na própria pergunta. Quer o enfermo curar-se? Querem as pessoas iluminarem-se? Isso é o essencial. Se é assim, então virá o médico, pelo menos isso tem sido um fato no campo religioso até agora e por conseguinte não há dúvida de que assim será no futuro. Analisemos a vida dos grandes salvadores do mundo e veremos que qualquer um que busque, achará. Qualquer um que se arrependeu de seus erros e quis reformar-se, conseguiu ajuda. Por exemplo, levaram diante de Jesus a mulher surpreendida em adultério, para ser julgada e castigada e ele não somente a salvou e a perdoou, senão que lhe deu oportunidade de mudar o rumo de sua vida. Buddha estava em seu leito de morte, deitado entre duas árvores e nesse momento chegou ali um homem que havia viajado de longe para encontrar-se com o Iluminado. Os discípulos o haviam tratado como um intruso para manter a paz ao redor do Mestre a qualquer preço. Mas Buddha pode ouvir a discussão e disse, "Permitam que ele se aproxime, o *Tathágata*, o que foi enviado, está sempre pronto" e se apoiou em seu cotovelo e meio levantado ensinou ao homem.

Girish Chandra Gosh era o administrador de um teatro e levava uma vida boêmia. Muitas vezes se embriagava e em uma dessas ocasiões insultou a Sri Ramakrishna na mais vil linguagem, não obstante, por haver tomado refúgio no Mestre, não se afundou, senão que gradualmente foi mudando até converter-se em um santo. O principal é o desejo intenso de melhorar a si mesmo. Se isto faltar, qualquer que seja a força externa que seja aplicada, não dará resultado algum. Swami Vivekananda contou certa vez a estória de um homem que foi encarcerado e colocado em uma cela escura durante muitos anos. Quando foi libertado e levado ao ar puro e à luz do dia sentiu que esta era demasiada para seus olhos que já se haviam acostumados a escuridão. Rogou que o levassem de volta a sua cela escura. Essa é a patética condição da maioria das pessoas. Não querem ver a luz de Deus e estão satisfeitos com a vida que levam, mesmo que de vez em quando, apertados pelo sofrimento e dificuldades sintam um pouco de inquietação. Essas pessoas podem compreender o que é uma Encarnação Divina? Não. Sri Krishna diz no *Bhagavad-Gita*, "Os ignorantes, desprezam a Mim, que tomei uma forma humana, sem conhecer Minha natureza divina de grande Senhor de todos os seres"[3]. Essas pessoas que se enganam com vãs esperanças e dedicadas a fugazes ações e conhecimento inútil, desenvolvem uma natureza cruel e demoníaca. Como podem compreender as sublimes verdades espirituais? Falar a eles sobre vida religiosa será perda de tempo e energia, mais ainda, será como disse Jesus, ""Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão.[4]" Nem todos podem entender as verdades espirituais e a maioria da humanidade não lhe interessa conhecê-las. Seu olhar está fixo nos gozos materiais. Portanto, as Encarnações Divinas conservam sua energia para preparar alguns que possam assimilar e em seguida espargir sua mensagem ao mundo. Desta maneira servem melhor a humanidade. Muitas pessoas se aproximam de uma pessoa santa com diferentes motivos, como já vimos, assim também aconteceu com Sri Ramakrishna. Chegaram vários tipos de aspirantes de todas as seitas religiosas. Alguns eram sinceros buscadores que se beneficiaram por sua companhia. Mas muitos deles eram tão só visitantes e peregrinos de passagem. Haviam outros que vinham com motivos egoístas. Isso se vê claramente se lemos as conversas do Mestre com cuidado. Em um lugar ele disse, "Quem trouxe isto? Ele é um avarento até sua medula. Abriga muitos desejos, por isso trouxe essas coisas. Não posso tocá-las." Logo as tirava de seu prato. Não podia comer nem tocar presentes levados por gente mesquinha e imoral. Sabia que davam esses

[3] Bhagavad-Gita, IX, 11.
[4] Mateus, 7:6.

presentes pensando que assim se cumpriria um ou outro de seus desejos. Havia uma outra classe de devotos que viam nele seu guia terno e único refúgio para conduzi-los até a meta, Deus. Entre toda essa gente, só uns poucos lhe seguiram até o final, um fato que nos faz recordar uma frase de Jesus Cristo, "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos". Sobre isso, Sri Ramakrishna disse a aqueles que estavam ao seu redor durante sua última enfermidade, "Vocês sabem por que tenho esta enfermidade? É para escolher os genuínos. Aqueles em que sua devoção por mim tem um motivo de interesse, fugirão ao ver-me assim e ficarão apenas meus devotos sinceros". Isto é o que as pessoas comuns perguntam, 'Se ele é um santo, por que tem que sofrer de enfermidades?' Também, aqueles que se aproximam de uma pessoa religiosa por motivos egoístas pensam, 'Como pode ajudar aos demais aquele que não pode curar-se a si mesmo?' Há um diálogo no *Evangelho de Sri Ramakrishna* entre o Mestre e um médico que mostra que grande impedimento no caminho espiritual é a sabedoria livresca para o homem e como não lhe permite ver as coisas em sua própria perspectiva. O Dr. Mahendralal Sarkar era um renomado médico homeopata. Havia lido filosofia ocidental e havia sido educado ao [conhecimento] ocidental. Não acreditava que Deus poderia encarnar-se como um ser humano. Opinava que Deus criou ao homem e ordenou que cada alma fizesse progresso infinito. O médico não acreditava que um homem poderia ser maior que outro, por isso não podia aceitar a doutrina da Encarnação Divina. Certa vez expressou, 'Creio no progresso infinito, se não for assim de que valeria levar uma existência de cinco ou seis anos nesse mundo. Melhor seria me suicidar com uma corda no pescoço. Encarnação? Que é isto? Humilhar-se diante de um homem que excreta matéria fecal? É absurdo.' Mas essa mesma pessoa foi repreendida por Sri Ramakrishna que conhecia a natureza interna dos que vinham visitá-lo. Entrando de repente em um ânimo espiritual, o Mestre disse, "Mahendra Babu, o que é essa sua loucura pelo dinheiro? Por que tanto apego a sua esposa? Por que tanto anelo por renome e fama? Abandone tudo isso agora, dirija sua mente a Deus com a devoção de toda sua alma." Era o médico que atendia ao Mestre e sem cobrar nada. Isso é o que pensa um homem do mundo, que pode fazer tudo para ganhar dinheiro, renome e fama. Mas lhes parece absurdo que aqueles que se sentem inclinados a vida espiritual busquem e tratem com reverência a homens altamente evoluídos no caminho espiritual. Em outra ocasião o Mestre disse ao Dr. Sarkar, "É muito difícil entender que Deus possa ser um ser humano finito e ao mesmo tempo o espírito que a tudo permeia. O Absoluto e o relativo são seus dois aspectos, como podemos dizer com ênfase com nossa pequena inteligência que Deus não pode tomar uma forma humana? Podemos entender todas essas ideias com nosso

pequeno intelecto? Por isso devemos ter fé nas palavras de pessoas santas e grandes almas que realizaram a Deus. Eles pensam constantemente n'Ele, como um advogado nos pleitos."

Voltando a considerar o esplendor externo, devemos advertir que é um grande perigo, até para uma pessoa muito avançada na vida espiritual. Somente aquele que foi além do elogio e da censura, que conquistaram a luxúria, a cobiça e a ira e que vêm a terra com uma mensagem para a humanidade, podem estar a salvo mesmo tendo esplendor, porque eles estão sendo cuidados por Deus Mesmo, que não lhes permite tropeçar e cair. Por conseguinte, consideram ao elogio como o excremento de corvos e as atrações mundanas desejáveis como as cinzas das piras funerárias. Recordemos aqui o que já vimos no caso de Sri Ramakrishna com respeito a intenção das Encarnações [Divinas] de permanecer menos conhecidas possíveis por receio do prejuízo de pessoas de baixa mentalidade com seus desejos mundanos. Tudo isso nos leva a inevitável conclusão de que com uma mente repleta de desejos mundanos, não podemos reconhecer a uma personalidade divina, mesmo que vivamos com ele durante anos. Isso é o que ocorreu com Hriday, o sobrinho e durante muito tempo um servidor de Sri Ramakrishna. Quanto infatigavelmente serviu ao Mestre. Vamos relatá-lo com as próprias palavras de Sri Ramakrishna. "Hriday me serviu muito, me cuidou como um pai ou mãe cria a um filho. Quanto a mim, permanecia inconsciente do mundo dia e noite. Além disso estive enfermo por muito tempo, me encontrava por completo a sua mercê." Mas por acaso Hriday reconheceu a Sri Ramakrishna como uma Encarnação Divina? Duvidamos disso. Se o tivesse feito, teria torturado Sri Ramakrishna ao final de sua [de Hriday] estadia em Dakshineswar? Eis aqui as palavras de Sri Ramakrishna sobre a conduta de Hriday, "Me atormentou tanto quanto me serviu. Quando minha enfermidade do estômago havia reduzido meu corpo a um par de ossos e não podia comer nada, um dia [Hriday] me disse, 'Veja que como bem. Mas você está tão enjoado que não pode comer.' Logo acrescentou, 'Você é um tonto, se eu não estivesse vivendo com você, onde estaria tua profissão de santidade?' Um dia, chegou a atormentar-me de tal maneira que decidi subir ao muro da escadaria do Ganges decidido a deixar meu corpo saltando ao rio, que estava nesse momento com a maré alta."

Tudo isso comprova que o mero viver com uma personalidade divina não significa que se esteja consciente da grandeza daquele que está servindo. Isto é um enigma, um dos paradoxos maiores da vida e mostra que é importante não apenas o serviço, senão também a atitude ou motivo com que se serve ao outro. Para dar-nos conta disso, precisamos ver a outra pessoa que mais tarde foi servidor do Mestre, ou seja, Swami Adbhutananda, conhecido então como

Latu. Esse rapaz, analfabeto e de origem humilde, começou a servir a Sri Ramakrishna sem nenhuma pretensão ou esperança, só queria estar ao lado da pessoa mais querida e reverenciada por seu pratão anterior. Quando chegou a pôr-se em contato com o Paramahamsa, como seus devotos chamavam ao Mestre naquela época, se submeteu a sua vontade de corpo e alma, e apesar dos árduos trabalhos e severo treinamento, queria ao Mestre cada vez mais e o serviu até o final de sua vida. E a bênção do Mestre foi tão grande que o discípulo logrou um estado espiritual tão elevado, como poucos com toda sua erudição ou austeridades podem alcançar. Vemos o contraste, por um lado está Hriday e por outro Latu. Que vasta é a diferença. O primeiro queria utilizar a Sri Ramakrishna para conseguir seus motivos egoístas, casas, propriedades e coisas assim. Enquanto que o segundo, não sabia nada, não desejava nada senão servir ao Mestre com todo seu coração.

Mas também é certo que não se pode culpar ou censurar o pobre homem que está acostumado a correr atrás dos feitiços do mundo. O que sabe ele da bem-aventurança de pôr-se em contato com as personalidades divinas, a menos que elas mesmas por sua graça se revelem? Há um canto que expressa isso com respeito a Deus e que igualmente pode aplicar-se no caso da Encarnação Divina. Disse:

"Quem pode conhecer-Te se não Te revelas? O *Veda* e *Vedanta* não encontram Teu fim, por conseguinte andas incógnita. O culto do fogo, o sacrifício, a austeridade e o *yoga*, tudo isso não é nada mais que colher o resultado das ações, não podem levar alguém até a Ti.

A retidão e a religião, por acaso sabem sobre Tua verdadeira natureza? Ó Mãe, Tu estás além de toda ação. Só podemos conhecer-Te, se Tu revelas a Ti mesma, por Tua própria vontade."

Não foram muitos que reconheceram a grandeza espiritual de Sri Ramakrishna. Alguns lhe deram o lugar de aspirante, outros de um *sadhu* (monge) e a maioria das pessoas não sabia de sua existência. Alguns outros o consideravam como louco. Cada um o julgava de acordo com seu próprio desenvolvimento espiritual. Certa vez houve uma grande discussão entre os devotos de Sri Ramakrishna e um seguidor *Brahmo*[5] que havia escrito um livro no qual opinava veementemente que não era possível que Deus se encarnasse como homem. Depois da discussão Sri Ramakrishna dirigindo-se aos devotos disse, "Por que discutes com eles? Não desfrutaram da bem-aventurança de Deus, por isso não conhecem Sua doçura. Seu conhecimento sobre Deus é algo aprendido apenas por ouvir, assim como as crianças aprendem escutando suas

---

[5] Brahmo Samaj: Movimento sociorreligioso reformista da religião Hindu, surgido na Índia no século XIX.

tias jurar por Deus. Eles não têm culpa. Por acaso todos podem compreender ao Indivisível *Satchidananda* (Existência-Consciência-Bem-aventurança Absoluta)? Somente doze *rishis* (sábios espirituais) puderam reconhecer a Sri Rama como Deus Encarnado. Nem todos podem reconhecer a uma Encarnação Divina, alguns o consideram como um homem comum, outros como um santo e só uns poucos podem reconhecê-Lo.” Em seguida disse, “Cada um avalia as coisas segundo seu próprio capital”. Depois ilustra com uma parábola, “Certa vez um rico chamou a seu servente e entregando-lhe um diamante disse, ‘Leva isso ao mercado a averigua quanto vale avaliado por cada um dos comerciantes. Antes leve ao vendedor de berinjelas, volte e conte-me o que ele disse.’ O servente seguindo as instruções do patrão, levou-o ao verdureiro. Este olhando o diamante por todos os lados comentou, ‘Irmão, posso dar-lhe nove quilos de beringelas por ele.’ Disse o servente, ‘Irmão, por que não aumenta um pouco mais, vamos dizer dez quilos?’ Contestou o outro, ’Já avaliei por mais que o preço de mercado, se aceitas pode dar-me.’ O servente sorrindo retirou o diamante e voltando contou ao seu patrão o que o vendedor de beringelas havia dito. O homem rindo pediu a seu servente que fosse ao comerciante que vendia tecidos dizendo que ‘o outro só sabe de berinjelas e o capital daquele que vende tecidos é um pouco maior. Vamos ver o que diz ele.’ O servente foi e perguntou ao comerciante, ‘Senhor, lhe interessa comprar isso? Quanto pode pagar?’ Disse o comerciante, ‘Que bela peça, posso fazer uma bela joia com ela. Posso dar-lhe novecentas rúpias.” O servente disse, ‘Aumente o preço um pouco, vamos dizer mil rúpias, então lhe vendo’. O outro contestou, ‘Não regateie, já estou oferecendo mais do que o preço de mercado. Não posso dar nem uma rúpia a mais do que novecentas.’ O criado levou o diamante de novo ao patrão rindo e lhe contou tudo. O patrão comentou, ‘Desta vez leve-o ao joalheiro, vamos ver o que ele diz.’ Quando o servente se apresentou diante do joalheiro e lhe mostrou o diamante, este o olhou um pouco e disse, ‘Vou lhe dar cem mil rúpias.’ A maioria das pessoas são como o vendedor de berinjelas, sabem somente apreciar as coisas do mundo, já que todo o tempo estão ocupadas com elas, pois estas são perceptíveis pelos sentidos, prazerosas ao primeiro contato e relativamente fáceis de adquirir. Os sentidos nos homens são como cavalos indômitos, buscam seus objetos sem cessar e não se submetem com facilidade e aquele que lhe dá rédeas soltas, nunca poderá saber sobre a vida mais elevada. Além disso, o ser humano não vem ao mundo como uma *tabula rasa*[6], como opinam alguns filósofos, senão que com tendências das vidas anteriores, nasce porque é imperfeito e até que atinja a perfeição, não cessa de ir e vir ao mundo.

[6] Semelhante a uma folha de papel em branco. (nota do transcritor)

Em que consiste a imperfeição? Nos desejos de desfrutar dos objetos. Se vimos a terra e ao invés de eliminar esses desejos que nos prendem mais e mais a esse corpo e ao mundo, lhe permitimos plena liberdade, então teremos que passar por repetidas mortes e renascimentos antes que tenhamos paz e sossego. E para livrar-nos das tendências viciosas, devemos recorrer a Deus e rogar-Lhe ansiosamente que nos mostre a saída desse labirinto. Se nosso rogo é sincero, o misericordioso Senhor nos ajudará abrindo nossos olhos para a realidade. Somente então poderemos ver em que consiste nosso verdadeiro bem-estar, quem realmente é nosso melhor amigo.

O outro grande obstáculo em reconhecer uma grande alma espiritual é o egotismo, ou seja, egotismo de erudição, de riqueza e de linhagem. Estes cegam ao homem, não lhe permitem reflexionar com calma o que é para seu bem e o que lhe prejudicará espiritualmente. O egotismo de linhagem, por exemplo, faz o homem pensar, 'Que dirão se eu me uno a essas pessoas que cantam o nome de Deus? Sou de família aristocrática, é indigno de minha parte lidar com essa gente'. E por outro lado, quando se tem demasiada riqueza se esquece de Deus, pensando sempre em como cuidar da riqueza. Já vimos no caso do Dr. Mahendralal Sarcar como atuou este ego de erudição. Mesmo pondo-se em contato com uma grande alma como Sri Ramakrishna e visitando-o diariamente durante meses, o médico com toda sua sabedoria, não pode compreender a grandeza de seu paciente. **Sem a graça de Deus, ninguém pode compreender ou aproximar-se de uma grande personalidade divina**. E não podemos receber a graça a menos que limpemos nossa mente dos desejos, nos livremos das paixões como a luxúria e a cobiça e nos tornemos simples como crianças. Certa vez alguns discípulos perguntaram a Jesus quem é maior no Reino dos Céus? E Jesus, chamando a um menino, o colocou no meio deles e disse, "De verdade vos digo, se não se tornarem e forem como crianças não entrareis no Reino dos Céus. Assim, qualquer que se humilhar como esse menino é o maior no Reino dos Céus." No entanto, o que significa 'ser como uma criança'? Por acaso imitar seus modos infantis? No, pois isso nos tornaria ridículos. A criança está livre da luxúria e da cobiça. Não está apegado a nada. Constrói casas de brinquedo e se alguém tente tirar, fará um alvoroço. Mas no momento seguinte arrasará ele mesmo com tudo. Faz amizades íntimas com seus companheiros de brincadeira, mas se seus pais se mudam a outra cidade, se esquece destes e forma novas amizades sem sentir muita angústia pelas anteriores. Crê sem vacilação nas palavras de sua mãe e se ela diz que tal pessoa é seu irmão mais velho, crê cem por cento que é assim, mesmo que a pessoa pertença a outra raça. Uma pessoa que é simples como uma criança, sem

falsidade ou hipocrisia, chega a ter fé nas palavras de um ser espiritualmente elevado.

Até agora falamos sobre os obstáculos ao reconhecimento das grandes personalidades [espirituais]. Agora vamos dar um exemplo que mostra o que nos ajuda no caminho espiritual para conhecer a Deus. Sri Ramakrishna afirma, "Para conhecer a Deus e reconhecer as Encarnações Divinas se necessita prática espiritual. Os peixes grandes vivem nos grandes lagos, mas para vê-los é preciso atirar iscas condimentadas na água. Há manteiga no leite, mas para obtê-la é necessário bater o leite. Há óleo nas sementes de mostarda, mas para extraí-lo se deve esmagar as sementes. Do mesmo modo, para ver a Deus ou reconhecer a uma Encarnação Divina, é necessário prática espiritual, simplicidade e fé.

Já vimos como para o servente Latu foi uma grande fortuna possuir essas qualidades. Uma outra pessoa que desfrutou da bem-aventurança de reconhecer a Sri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus mesmo na primeira visita foi também uma pobre idosa, sem nenhuma pretensão de instrução e no entanto dotada de um forte anelo por seu Ideal, o Menino Gopala [Krishna] e pela graça do Senhor ela teve experiências muito elevadas. Viu seu Ideal acompanhá-la a todo instante, brincando com ela e importunando-a por coisas, que ela sendo pobre, não lhe podia prover. Essa experiência durou alguns meses e o próprio Sri Ramakrishna declarou que não foram alucinações ou algo inverídico.

Vemos assim que bem-aventurados são aqueles que chegam a estar em contato com uma personalidade divina. Roguemos a Deus para que possamos ser humildes e alcançar Sua graça e Sua visão nesta mesma vida.

• • • • • •

O VALOR DAS PRÁTICAS NA VIDA ESPIRITUAL[1]

Swami Paratparananda[2]

Curitiba, 6 de agosto de 1977

Não faz muito tempo, se espalhou por muitas partes do mundo a opinião de que a religião era como o ópio para os débeis e imbecis, ou seja, que não havia nada substancial, nada de valor nela e que apenas os débeis ou os que não podiam esforçar-se para conseguir o que desejavam, recorriam a religião para esquecer seus pesares, fracassos e transtornos ou escapar de suas obrigações. Aquela época passou, mas apesar de que às vezes se ouve ainda essas frases em algum rincão do mundo, não leva tanta convicção como antes. Foram os materialistas que introduziram essa opinião, pois havendo logrado certo êxito em suas tentativas para dominar e utilizar as forças da natureza, se sentiam orgulhosos e onipotentes. Mas devemos admitir que nenhuma teoria ou filosofia pode arraigar-se e nem muito menos estender-se se as circunstâncias não forem favoráveis, assim como nenhuma semente pode germinar em um solo inadequado, seja devido ao clima ou outro fator.

Naquela época a que nos referimos, o ambiente deve ter sido propício ao crescimento deste tipo de ideia. As ondas destes pensamentos chegaram até a Índia, criaram perturbação e confusão na mente daquele povo. Ali também as pessoas bem instruídas começaram a perder fé na religião. Quais foram os fatores ou circunstâncias que favoreceram o nascimento e expansão desta ideia? Vamos analisar primeiro a condição em que se encontrava a Índia naqueles dias que facilitou a assimilação deste conceito pelo menos por uma pequena minoria do povo.

A Índia se encontrava sob domínio estrangeiro. Era natural que isso a afetasse economicamente. Mas a influência da ocupação estrangeira foi muito maior. Produziu uma mudança radical nas convicções firmemente estabelecidas que haviam guiado aos homens e mulheres do país desde tempo imemorial.

---

[1] Este texto foi traduzido e editado do áudio da palestra em questão, que está disponível no original em espanhol em: https://estudantedavedanta.net/parataudio.html.

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

Como resultado, foi crescendo a impressão de que a teoria que expressava que o objetivo final do gozo [das coisas do mundo] era capacitar ao homem para renunciar a tudo, era uma invenção dos sacerdotes interessados, que a ideia de que o ser continuava vivendo após a morte era uma fantasia poética. Chegando mais e mais baixo devido a influência do encantamento da cultura ocidental, a Índia rechaçou o ideal da renúncia e autodomínio e começou a correr detrás dos prazeres sensórios. Isso trouxe como seu séquito o ateísmo, a falta de confiança em si mesmo e a inclinação de imitar a outros cegamente e como consequência causou a decadência do antigo sistema educacional. Assim, a nação ia perdendo o fundamental de sua vida. As pessoas, a maioria dos instruídos, começaram a crer que sua muito querida e antiga religião e suas práticas eram equivocadas e que talvez suas tradições fossem toscas, como os ocidentais pelo seu maravilhoso conhecimento as haviam apresentado. Cegadas pelo desejo de gozo sensório, essas pessoas esqueceram a antiga cultura e glória da Índia. E isto por sua vez, lhes fez perder a capacidade de entendimento a tal ponto que a Índia corria o perigo de perder totalmente sua existência como nação. Cada país tem uma cultura e civilização diferente, que não somente o distingue de outros, senão que também contribui para a manutenção do equilíbrio entre as forças materialistas e espirituais, o qual é necessário para a própria existência do mundo. Mas os pensadores da Índia daquela época, enfeitiçados pelo progresso material dos países ocidentais se perguntavam, 'Pode nosso antigo ideal de vida cumprir seu propósito nos tempos modernos? Pode este tipo de vida conduzir-nos a meta? Existe alguma possibilidade de realizar o propósito principal da vida segundo a nossa tradição sendo que há diferenças de opiniões sobre isso?' Os meios que sugeriam também diferiam muito, alguns diziam que se deveria levantar a âncora e levar ao barco em uma nova direção, ou seja, que a antiga tradição não valia nada, que essas crenças religiosas não eram nada mais que superstições e que só traziam impedimentos ao desenvolvimento do país. Outros eram de opinião que deveríamos incorporar a nossa sociedade só aqueles pensamentos do ocidente que pudessem se adaptar bem ao nosso ideal e rechaçar os demais. Tudo isso foi possível porque a religião, que era a alma da nação, se havia debilitado, porque as pessoas ortodoxas que a professavam eram meramente estritos observadores de costumes sociais e superstições regionais e consideravam isso como o tudo em tudo da religião. As pessoas rezavam somente pelas coisas do mundo e faziam cultos para ir ao céu, outro lugar de gozo mais intenso e mais duradouro. Em poucas palavras, o ambiente era favorável para o crescimento de qualquer tipo de ideia que fosse contra essa classe de religião. Essa também deve ter sido a condição em que se encontravam os países em que surgiram o ateísmo e o materialismo. A decadência da religião

foi a causa da origem do agnosticismo, etc. **A degeneração espiritual ocorre quando faltam, aos líderes religiosos, a sinceridade, a dedicação e a fé**. Se estudarmos a história desses países naquela época, seguramente se descobriria que essa era a situação. Mas o materialismo em sua forma crua, não pode manter-se em seu pleno vigor por muito tempo, já que não podia apresentar diante da humanidade, nem muito menos subministrar um princípio que lhe levasse a consolação, a tranquilidade e a paz eterna. Pelo contrário, agudizou no ser humano o princípio de competição, de dissensão e de egotismo, o qual por sua vez conduziu a humanidade a beira da aniquilação na forma de duas guerras mundiais. Isto e o temor de outra guerra mais sangrenta e destruidora quebrou o orgulho dos materialistas. Além disso, muito antes que acontecesse isso, na Índia, observando a situação patética e a angústia de alguns sinceros buscadores de Deus, o Senhor cumprindo Sua promessa feita no *Bhagavad-Gita*, "Todas as vezes que se degenera a religião e aumenta a irreligiosidade, Eu me encarno de época em época para proteger aos bons e destruir aos malvados"[3], se encarnou de novo na forma de Sri Ramakrishna. Ele, por sua vida e por sua própria experiência, demonstrou a humanidade equivocada que a religião não era superstição, que Deus não era um mito, que se pode vê-Lo, que se pode falar com Ele, se o buscamos com anelo e sinceridade. Aos que lhe aproximaram com simplicidade e verdadeiro desejo de ver e sentir a Deus, lhes dizia Sri Ramakrishna que era imprescindível a prática na vida religiosa. Sua vida impregnada de Deus, atraiu a atenção dos líderes mais destacados da sociedade de sua época, alguns dos quais se beneficiaram imensamente estando em contato com ele e espargiram sua mensagem através de suas palestras e publicações. Vários jovens, que buscavam conhecer a verdade sobre Deus se aproximaram e ele lhes ensinou os métodos de realizar a Deus, vê-Lo, senti-Lo, cada um segundo suas próprias inclinações. Seu treinamento era perfeito, os observava em todos seus atos e os corrigia se davam passos equivocados, fazendo-os praticar as disciplinas espirituais com regularidade. Ele mesmo havia feito as práticas de uma maneira intensa, esquecendo-se da comida, do sono e de outras comodidades, inclusive de seu corpo durante doze anos e havia visto a Deus em Seus diferentes aspectos. A sede de Sri Ramakrishna de ver a Deus era insaciável e O alcançou não somente seguindo as práticas dos diferentes ramos do hinduísmo como também de outras religiões. Logo chegou à conclusão de que todas as religiões são verdadeiras e são apenas tantos outros caminhos na marcha à mesma Realidade. Por conseguinte, sabia em que consistia a religião, a espiritualidade.

[3] Bhagavad-Gita, IV, 7-8.

Entre esses jovens que se aproximaram de Sri Ramakrishna estava Narendranath que mais tarde se tornou monge com o nome de Swami Vivekananda e que levou ao Ocidente a mensagem da Eterna Religião ensinada por seu mestre. O advento dessas duas personalidades, Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda, e suas brilhantes vidas rejuvenesceram a fé dos que duvidavam e a inculcaram nos incrédulos, pois eles não baseavam seus ensinamentos em argumentos, mas sobre suas experiências diretas.

Os que leram a vida e o *Evangelho de Sri Ramakrishna* devem ter notado como aqueles que se aproximaram dele, sentiam a paz inclusive nos momentos em que se encontravam muito angustiados devido ao falecimento de alguma pessoa mui querida ou outra causa e como ele lhes mostrava que esse era o destino de todos e que o único refúgio era Deus. Aos jovens limpos de coração e cândidos por natureza, lhes tirava os pequenos obstáculos de seu caminho espiritual por um simples olhar ou por um toque. Nos ensinamentos de Sri Ramakrishna não há muita especulação, para ele tudo era certo sobre Deus. Podemos dizer sem vacilação que o advento destes dois seres tão elevados espiritualmente foi um ponto decisivo na história do mundo, mesmo que demore muito para ser reconhecido assim. Mas se lhe reconheça ou não, está claro que os métodos científicos da Vedanta que foram difundidos por eles, demoliram todos os planos do materialismo. Como pode a Vedanta fazê-lo?

Na Índia a religião significava e significa algo que é muito prático. Não era considerada uma ajuda na política nem nos movimentos socioeconômicos. Não era algo curioso para adornar-se, como costuma ocorrer em algumas partes do mundo. Na Índia se buscava a religião ou espiritualidade por amor a ela. Por isso os antigos sábios espirituais a fizeram muito factível para ser vivida diariamente. Não existe nenhum princípio da Vedanta que não seja prático. A Vedanta não é apenas uma filosofia, mas também uma religião. Por isso na Índia não se julga a eminência de uma pessoa por sua erudição ou pela capacidade de exposição da filosofia, senão que se observa até que ponto essa pessoa foi capaz de pôr a filosofia em prática. **Podemos conhecer muitos textos sagrados de memória e dar discursos sobre eles, mas se não os vivemos de que nos servirão?** O mero conhecimento de que com o fogo se pode preparar a comida não é suficiente. Há que buscar os ingredientes e o combustível, acender o fogo e colocar as coisas para cozinhar, só então teremos a comida. Sri Ramakrishna costumava comparar aos meros eruditos com os abutres que voam muito alto no céu, enquanto mantêm seus olhares fixos na carniça abaixo, quer dizer, os eruditos, ainda que falem de alta filosofia, estão apegados a riqueza e aos gozos sensórios. A menos que se pratique disciplinas espirituais, a cobiça pelas coisas do mundo e pelos gozos sensuais, jamais diminuirá e sem nos livrar-nos dela, a

visão divina é impossível. A ciência comprova que se um objeto não for além da força de gravitação da terra, não pode escapar dela. Do mesmo modo, a menos que se retire a mente da atração pelas coisas do mundo, é impossível elevar-se espiritualmente. Quanta força se põe nos foguetes que projetam as naves espaciais para que possam sair da órbita da terra? Isto é o que também ensina a ciência da religião. Para ir além da gravitação dos desejos mundanos, se deve sair da atração pelos objetos sensórios, mas a força que capacitará alguém para fazê-lo deve ser lograda por si mesmo. Ninguém poderá consegui-la para ele.

Agora vejamos, há uma continuação ordenada e sucessiva de acontecimentos, melhor dizendo, uma sucessão de ações, que determinam sem deixar dúvidas, se um homem é sincero em sua busca da religião ou não. Pode-se afirmar veementemente que é sério em seu propósito, mas a menos que pratique disciplinas espirituais não se pode acreditar. Tampouco se pode enganar as pessoas por muito tempo, será descoberto cedo ou tarde como ocorre com uma moeda falsa. Além disso, uma vez que alguém comece a acreditar ser altamente avançado, não irá querer sair dessa ilusão e este é um perigo muito grande para um aspirante que sinceramente busca a Deus. O que lhe pode salvar deste perigo são as práticas. Quando vê que não pode concentrar sua mente em Deus nem por alguns momentos, há possibilidade de sair desta presunção. O único modo de medir nosso progresso espiritual é pela absorção no pensamento de Deus que possamos lograr e pelo grau de ausência de egotismo que possamos desenvolver em nós. Portanto vemos que o fundamental da religião é a prática do mesmo modo que em qualquer arte. Que esforço não se deve fazer para aprender a tocar qualquer instrumento musical, ainda que com um êxito moderado? Que trabalho não tem que se fazer para lograr um pouco de êxito e ser até um pintor de terceiro grau? Quantos anos se passa nessas ocupações? Por acaso é considerado um desperdício? Os que seguem estas artes o fazem com gosto, por isso por maior que seja o esforço, não lhes parece demasiado. Aqui temos a chave de todo o trabalho, se temos gosto por qualquer arte, ciência ou outro tema, não sentimos o esforço como um peso, como uma carga e por conseguinte não nos queixamos do trabalho que temos que fazer e sim faremos tudo com alegria e diligência. Perguntemo-nos, 'temos gosto pela vida religiosa ou espiritual?' Se a resposta for afirmativa então não devemos titubear em pagar o preço devido e este consiste em uma firme determinação em seguir o caminho custe o que custar, aconteça o que acontecer. Swami Vivekananda ilustra isso com um exemplo mui familiar. Disse, "Que atenção profunda se necessita em um negócio [comercial] e que severo é o patrão? Mesmo que morra o pai, a mãe, a esposa ou o filho, não se pode parar o negócio, mesmo que o coração estiver estourando, ainda que cada hora de

trabalho seja uma dor aguda, devemos ir ao lugar de nosso negócio. Isto acontece com um negócio e pensamos que é certo e justo". Temos pelo menos este tipo de anelo pela religião? Swami Vivekananda disse que a ciência da religião exige mais dedicação que qualquer negócio. A menos que a ânsia para chegar à verdade da religião não se apodere de nós, o desejo de praticar não surge em nossa mente e essa ânsia vem quando buscamos a religião por amor a ela e não como meio para lograr outras coisas.

O propósito da religião é apenas um e este é a realização de Deus [que é] liberar-se das armadilhas dos sentidos, da roda de nascimentos e mortes, é viver em Deus e tornar-se perfeito como Ele, tal como afirma Swami Vivekananda. Todas as religiões põem ênfase sobre esta ideia. Disse Jesus, "Assim sendo, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está nos céus."[4] E vocês sabem bem que resposta ele deu a um jovem rico que queria saber que bem deveria fazer para ter a vida eterna. Lhe aconselhou que renunciasse a tudo e que o seguisse. Sem abandonar os desejos pelos gozos sensórios, não se pode elevar-se. Os *Upanishads* declaram, "Nem pela ação, nem pela riqueza, nem tendo filhos, senão apenas pela renúncia alguns alcançaram a imortalidade". Sri Krishna no *Bhagavad-Gita* disse, "Fixa sua mente somente em Mim, o Senhor, submerge teu intelecto em Mim, então ao deixares o corpo, sem dúvida viverás em Mim apenas"[5]. Portanto todos os profetas comprovaram invariavelmente que a religião significa prática de abnegação, dirigir a mente só a Deus e cultivar todas as virtudes que conduzem a esse propósito. Onde quer que não se pratique essas disciplinas, não pode haver verdadeira religião, ainda que tenha um valor utilitário. Resumindo podemos dizer que não existe e nem pode existir uma religião cômoda, ou seja, não se pode gozar dos prazeres sensórios e ao mesmo tempo aspirar a visão de Deus.

Todos sem exceção podem alcançar a Perfeição, a culminação de todo esforço espiritual. A respeito, Swami Vivekananda comenta, "Mas é uma tarefa tremenda. Se uma pessoa quer chegar a essa verdade, deveria fazer algo mais que escutar conferências e alguns exercícios de respiração. Quanto tempo é preciso para acender uma luz [de uma vela]? Somente um segundo. Mas quanto tempo leva a fabricação de uma vela? Quanto tempo leva para se comer, para jantar? Talvez meia hora. Mas quantas horas se leva para preparar a comida? Queremos acender a luz em um segundo, conclui Swami Vivekananda, mas esquecemos que o principal consiste na fabricação da vela." E como já dissemos, na vida espiritual o acender e fabricar a vela depende de si mesmo, ou seja, cada pessoa tem que controlar todos os pensamentos que distraem sua mente de seu

---

[4] Mateus, 5:48.

[5] Bhagavad-Gita, XII, 8.

anelo por ver a Deus e em seguida dirigi-la unicamente ao Senhor. Há uma grande massa de pensamentos submersos na mente, os quais se tornaram automáticos em nós. A má ação, disse Swami Vivekananda, sem dúvida se faz no plano consciente, mas a causa que produziu esta má ação estava muito atrás no reino do inconsciente ou subconsciente, sem ser vista e, portanto, mais poderosa. Dominar estes pensamentos é o que devemos fazer primeiro, antes de tudo. Isto é como fabricar a vela. Agora, vemos que algumas pessoas têm o costume de condenar, vilipendiar e rebaixar outras religiões e seitas, tanto que isto se converteu em um hábito neles. Pensam que não podem exaltar sua própria religião ou seita sem condenar e vilipendiar a outras. Isto mostra a falta de compreensão das verdades de sua própria religião, pois se a tivessem seguido fielmente teriam moldadas suas vidas na imagem de Deus a quem eles adoram. Por conseguinte, podemos concluir forçosamente que o que lhes interessa é argumentação, discussões e brigas e não a espiritualidade. Swami Vivekananda disse, "o próprio fato das disputas e desavenças entre as seitas mostra que essa gente não sabe nada sobre a religião, para eles a [religião] é uma massa de palavras espumosas, por estarem compiladas em livros. Eles brigam e falam sobre a religião, mas não a querem". Quando paramos de debater e argumentar e buscamos só a Deus, então estaremos no caminho. Só então Ele se revelará. Os *Upanishads* declaram categoricamente, "Não se pode alcançar a este *Ātman* [Ser], pelo mero estudo dos *Vedas*, nem pelo intelecto, nem por ouvir muito, senão somente por aquele que Este escolhe". Como já dissemos, a religião propõe preparar o homem a realizar sua própria natureza, que é a Divindade, a Perfeição.

A religião nos ajuda a acender a chama do infinito conhecimento, uma luz que dissipa de imediato e para sempre toda escuridão inclusive a que está no mais recôndito de nossa mente. Mas não se pode adquirir esse conhecimento em um dia, nem de um dia para outro, pois há muitas coisas que estão cobrindo essa lâmpada de nosso *Ātman* ou Ser, tantos obstáculos e incrustações em forma de apegos que não podemos ver sua luz. Adquirimos esses apegos durante o transcurso de milhares de vidas passadas e estão profundamente enraizadas e até que possamos aniquilá-las, não poderemos ver essa luz, não poderemos lograr a perfeição. A mente é o assento de todo apego e aversão e o armazém de todas as impressões das vidas anteriores e também desta vida. Além disso é o repositório de todo conhecimento. Todo pensamento que passa pela mente, toda ação que se faz, deixa sua marca sobre a mente e a soma total de todas estas contribuem para a formação do caráter do homem. Assim vemos que a mente contém as tendências, boas e más e cada pessoa atua segundo a preponderância destas inclinações. Se preponderam as boas, então atua corretamente. Se pelo

contrário, as impressões viciosas são mais fortes, se comporta mal apesar de si mesmo. Essas ações se tornam automáticas em seus casos. Pelo controle do subconsciente com as práticas, pode-se mudar o rumo de sua vida. Um dos métodos para controlar as tendências viciosas que jazem no subconsciente é recorrer aos bons pensamentos e ações, discernimento entre o transitório e o Real e pensar em nossa verdadeira essência. Enquanto nos identifiquemos com o corpo, estaremos sujeitos à tentação de provê-lo com objetos de gozo. Com certeza é difícil superar a ideia de que somos o corpo, mas não existe outro método para sair da rede de nascimento e morte. Além disso, todas as nossas tentativas, por mais pequenas que sejam não são em vão. Arjuna teve essa dúvida e perguntou a Sri Krishna, "O que acontece com aqueles que tendo fé, mas não podendo controlar seus sentidos e mentes, falham em alcançar a perfeição nesta vida? Extraviados de ambos os caminhos e confundidos no caminho a *Brahman* e sem sustêm, se perdem como a nuvem dispersa?"[6] Sri Krishna responde, "Ó Arjuna, nem aqui e nem no além há destruição para eles. O benfeitor nunca termina mal. Havendo conseguido ir ao mundo dos justos e estando ali por um longo tempo, aquele que se desliza do *Yoga*, se reencarna em um lar de pessoas puras e prósperas ou renasce em uma família de *yogis*, um nascimento realmente muito raro de obter neste mundo. E lá, unido a sua inteligência adquirida na vida anterior, se esforça ainda mais para chegar à Perfeição."[7] Aqui Sri Krishna tira toda a dúvida sobre o destino de uma pessoa que faz esforços para elevar-se. Sem dúvida, a prática é uma luta, mas somente por meio da luta que tudo cresce. A semente semeada na terra luta e luta para germinar, para empurrar a terra que a cobre. Para nossa própria existência, temos que lutar. Da mesma maneira, aquele que quer aperfeiçoar-se, deve esforçar-se. Não existe uma alquimia que possa transformar um homem comum em um santo de um dia para outro, ainda que disso gostaríamos muito. No entanto têm existido pessoas, ainda que muito poucas, cujas transformações aparentemente ocorreram desta maneira. Nestes casos também, se observamos minuciosamente, isto aconteceu devido ao contato que eles mantiveram com personalidades como as Encarnações Divinas e além disso porque eles possuíam algum dom ou qualidade especial em sumo grau. Bem se comparou a vida espiritual com o nadar contra a corrente ou rio acima. A tendência humana é sempre recorrer ao modo de vida mais fácil e nada é mais cômodo que seguir os impulsos dos sentidos engendrados pelos contatos com os objetos. Em poucas palavras, uma vida extrovertida, em contrário, a vida religiosa é

[6] Bhagavad-Gita, VI, 37-38.
[7] Bhagavad-Gita, VI, 40-43.

oposta, é uma introversão, consiste em retirar os sentidos e a mente dos objetos sensórios e dirigi-la a Deus, nossa verdadeira morada, nosso ser íntimo, a alma de nossa Alma.

Se pode perguntar, 'Por que devo buscar a Deus que é uma entidade desconhecida?' Se uma pessoa está contente e satisfeita com a vida que leva, não busca a Deus, mesmo que milhares de pessoas lhe aconselhe ou observe que muita gente o faz. E tampouco a maioria dos que O buscam, o fazem para lograr Sua visão ou aproximar-se d'Ele, senão por algum interesse, algum motivo, como por exemplo, a cura de enfermidades, conseguir riquezas, ter filhos, etc. Mas quando se vê que a felicidade que busca nestas coisas não é duradoura, e que cada grama dela custa mais do que dez mil vezes seu peso em sangue na forma de preocupações, ansiedade, etc., só então começa a indagar se existe algo que seja eterno, se existe realmente a felicidade imortal e não antes disso. Com essa indagação começa também a vida espiritual e se chega a saber que Deus não está somente lá em cima por cima das nuvens e que também está em seu próprio coração e que se deve conhecê-Lo. Em seguida se esforça para conhecer os métodos que lhe podem revelar a suprema realidade. Mas devemos advertir que é necessário infinita paciência e muita coragem para seguir esta vida, já que não se pode esperar os resultados nem em poucos dias, nem em poucos anos. Os *Upanishads* são claros sobre isto, "Este Ser não é alcançável pelos débeis". Débeis aqui não significa apenas no sentido físico, mas também no sentido de ânimo, de coração. Aquele que se desencoraja quando não vê resultados instantâneos não poderá continuar a vida espiritual no verdadeiro sentido. É uma luta constante com a mente de si mesmo, uma mente que está acostumada em divertir-se e distrair-se com os objetos externos. Sri Ramakrishna comparava esta luta com a de um barqueiro que rema sua embarcação através das curvas e mais curvas da parte estreita do rio. Nessa situação tem que trabalhar muito, deve estar sempre alerta para que o barco não bata nas rochas. Ali o vento não pode ajudar-lhe para nada, mesmo que leve velas, mas assim que alcança a corrente principal, suas preocupações e trabalhos diminuem, pois levanta as velas se sopra um vento favorável, mantém firme o timão, se inclina contra o mastro e fuma com tranquilidade. Já não necessita mais trabalhar tão duramente e o barco chega ao seu destino sem dificuldades. Do mesmo modo, enquanto a mente se perturba e se excita continuamente ante os objetos sensórios, deve-se fazer suas práticas espirituais com intensidade e estar alerta para não cair nas armadilhas de alucinações acreditando tê-la dominado.

A mente não se acalma a menos que se realize a Deus, O veja cara a cara e sinta Sua presença dentro e fora de si mesmo. Somente tendo o homem essa classe de experiência, se dissiparão todas as suas dúvidas e se

desaparecerão todos os seus apegos, sentindo uma paz indescritível. Tudo isso será possível só pelas práticas espirituais, mas o tempo necessário para lograr esse estado, depende de si mesmo, ou seja, quanto de seu tempo dedica as disciplinas espirituais, com que intensidade e sinceridade as pratica. Swami Vivekananda disse, "A religião é sempre uma ciência prática e nunca houve ou haverá uma religião teológica. A religião é, primeiro prática e depois conhecimento." Não se refere aqui do conhecimento das coisas do mundo, senão o da Suprema Realidade. Vemos pois, que praticar as disciplinas espirituais não é como andar na escuridão, pelo contrário, se uma pessoa segue o caminho religioso, gradualmente chega a perceber a mudança que ocorre em si mesmo. Agora vejamos, quais são as disciplinas espirituais? Como sabemos há quatro caminhos principais[8] e cada caminho tem suas práticas especiais, no entanto existem certas disciplinas fundamentais que são comuns para todos os caminhos, como a oração, a repetição do santo nome de Deus, a meditação, etc. Além dessas práticas deve-se possuir algumas qualidades que são imprescindíveis em um aspirante espiritual, a mais importante delas é o desejo pela liberação, o de não nascer mais e liberar-se das correntes tais como os apegos e paixões nesta mesma vida. Uma vez que se desperte este anelo [desejo intenso], outras qualidades requeridas surgirão por si mesmas. Sem este desejo veemente, a vida religiosa se converte em algo árido e desinteressante. Em troca, quando este anelo se manifesta em uma pessoa, mesmo as disciplinas mais severas não lhe molestam, senão que as faz com alegria. O mal que padece a maioria da humanidade está em perceber o irreal e transitório, como real e eterno. Não negamos que o mundo tem uma realidade relativa, passageira. O que hoje existe, amanhã desaparece neste mundo. Se estamos contentes com essa classe de realidade, deveremos pagar com os sofrimentos que traz consigo. Mas existe uma Realidade que nunca muda, que continua existindo nos três tempos, passado, presente e futuro, mais ainda, o próprio tempo se origina e desaparece nela e somos parte dessa Realidade. Não a sentimos, pois a cobrimos com nossa ignorância, com nossos apegos pelas coisas do mundo, tomando-os como reais. Qualquer que seja o caminho que se escolha, não se pode avançar a menos que se tenha este discernimento despertado em seu interior.

Vamos repetir, **a verdadeira vida espiritual começa quando o homem discerne entre o Real e o efêmero, o aparente e descarta a este para prender-se ao Real, a Deus**. As disciplinas que seguem são o controle dos sentidos e da mente, suportar os transtornos e sofrimentos com paciência e manter a mente em perfeita calma. Pelas práticas dessas disciplinas durante um longo tempo a

[8] *Karma Yoga, Bhakti Yoga, Jnana Yoga e Raja Yoga*, tratados em outros textos. (nota do tradutor).

mente se limpa e em uma mente limpa a imagem de Deus se reflete, afirma Sri Ramakrishna. O Senhor Jesus Cristo também disse, "Bem-aventurados os de limpo coração, pois eles verão a Deus." "Ver ao Senhor cara a cara e conhecê-Lo intimamente, isso é religião", declarou Sri Ramakrishna repetidas vezes. O valor da prática consiste em preparar-nos para esse encontro, se não o fizermos, se não se acalma a mente, se não podemos deixar nossos vícios, então será porque não buscamos realmente a Deus e temos outro motivo oculto que nos faz seguir só aparentemente a vida espiritual. Pois Swami Vivekananda pergunta, "Que falta existe no homem que não tenha um objeto correspondente no exterior?" Aplicando essa mesma regra podemos dizer que se o anelo é intenso será cumprido e este anelo se expressará na forma de prática.

Vamos resumir, a prática das disciplinas espirituais é o fundamental da religião. As escrituras sagradas são como um guia de um país ou cidade, mas sua mera leitura ou habilidade para comentá-las, não nos leva a experimentar ou conhecer a Deus, de quem estes livros falam. A questão principal é acalmar a mente que se agita mui facilmente ao encontrar-se com os objetos do mundo. Isso só será possível devido as práticas feitas devidamente. Unicamente quando uma pessoa se desapega das coisas efêmeras, as disciplinas espirituais começam a dar seu fruto, não antes.

Que Deus nos bendiga com este discernimento para que possamos ser firmes em nossos esforços para lograr Sua visão.

A VIDA ESPIRITUAL E A EQUANIMIDADE

Swami Paratparananda[1]
(1977)

Todas as coisas no universo estão em um estado de instabilidade, pois mudam a cada momento. Por exemplo, a semente que se semeia brota em alguns dias, se converte em uma planta que em seguida produz botões e estes se abrem como flores. Algumas horas depois as flores murcham dando lugar em alguns casos ao fruto. A lua dá voltas ao redor da terra e esta por sua vez ao redor do sol, sem parar. Tudo no universo se encontra em um vórtice de atividade. Não pode parar nem descansar por medo de ser aniquilado. No entanto a atividade eterna é um conceito impossível. Deve haver períodos de repouso seguidos pelos de atividade. Vemos isto em tudo o que está manifestado na criação. Pode ser que o período de atividade e de descanso em certos casos seja curto, uns momentos, unas horas, enquanto que em outros casos, como por exemplo com relação ao planeta terra, seja de milhões de anos. No entanto, se a natureza obedece a um esquema definitivo e se podemos chegar a uma conclusão sobre o processo cósmico observando a construção do microcosmo, então temos que admitir que deve haver períodos de repouso alternando com os de atividade no universo inteiro. As escrituras hindus apoiam esse ponto de vista. A esse respeito citamos um verso do *Rig Veda*, "O Senhor projetou o sol, a lua, e as outras coisas, como em ocasiões anteriores". Aqui está escrito claramente que esta não foi a única vez que se manifestou um universo e que já existiram universos como esse várias vezes e existirão no futuro também. A criação é sem princípio, mas é alternadamente projeção e repouso. Depois da dissolução do universo há um período em que não há manifestação de nenhuma classe. Em seguida o Senhor volta a projetar o universo de si mesmo. Assim o processo continua sucessivamente, dizem os sábios hindus.

Pode surgir uma dúvida aqui para os que estudam os *Upanishads*, pois numa parte do *Chandóguia*, está dito, "No princípio, meu filho, o universo era apenas Existência Pura, não havia nenhuma outra coisa". Sri Shankaracharia, comentando esse dito do Upanishad diz que "o princípio" aqui se refere ao momento antes da manifestação, não a um princípio da manifestação. Há um

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

belo conceito no *Rig Veda* que descreve esse momento assim, "Nesse momento não havia Inexistência, nem Existência, não havia nem a terra, nem o longínquo céu. O que cobria a escuridão? Quem morava ali? Onde estavam essas águas profundas? Então não existia a morte, nem a imortalidade, nem o dia, nem a noite. No entanto, Aquilo só vibrava sem movimento em Sua pristina glória. Não havia nenhuma outra coisa. Ao princípio a escuridão repousava envolvida na escuridão, indistinguível como uma massa de água." Esta é a verdadeira descrição do Indescritível; somente pode senti-lo intimamente no coração aquele que logrou acalmar todos os desejos de sua mente. As pessoas podem propor teorias maravilhosas sobre a criação do que se vê por toda parte, mas o que está além dos sentidos e do pensamento não pode ser descrito com palavras.

As pessoas que vivem em aldeias, longe das cidades, onde ainda não chegou a eletricidade, podem ter uma ideia, mesmo que sem clareza, sobre a 'escuridão envolta na escuridão'. Podem ter observado a calma da noite escura de lua nova, a calma que inspira temor reverente no vilarejo. Imaginem quanto mais calma deve haver existido naquela 'escuridão envolvida na escuridão'! A muitos esta descrição pode parecer uma fantasia poética. Opinarão que, na realidade, ninguém pode saber o que havia antes da manifestação do universo. Sim, isto é certo nos casos de pessoas que nunca tentaram ir além dos objetos sensórios, mas os que chegam a realizar o seu próprio Ser, o *Ātman*, como o chamam em Sânscrito, ou Deus, podem sentir algo dessa descrição. Por exemplo Sri Ramakrishna costumava dizer, "Quero descrever-lhes minha experiência no estado de *Samadhi*, mas não posso, sinto como se algo apertasse minha língua". Em outra ocasião disse, "Tenho que baixar como dois ou três degraus do *Samadhi* antes de pronunciar o Om". Apesar disto, os sábios tentaram dar uma indicação do Absoluto por meio dos conceitos mais próximos possíveis de suas experiências.

Vejamos, há vários tipos de calma: há a calma antes da tormenta e também a calma da noite pesada em que o vento, como se esgotado devido a muito soprar sem parar, foi descansar em uma cova nas montanhas. Mas que enorme é a diferença entre a calma antes da projeção do universo e as outras mencionadas aqui! Na primeira há a certeza da placidez, nas outras muito temor diante da calamidade iminente. Na primeira existe a frescura que tranquiliza a alma, nas outras se sente a presença da ansiedade insuportável; em uma há paz, nas outras preocupações. A primeira é nossa verdadeira morada e só chegando ali teremos a paz que transcende toda descrição, não antes.

Se pode experimentar uma tranquilidade algo parecida à que brinda paz a alma, nas montanhas dos Himalayas. A ermita nas montanhas apresenta um contraste direto com a impetuosa e louca atividade do mundo, preso na qual o

homem se perde no mar deste mundo. Longe da multidão submergida em sua atividade sem medida, o homem em sua ermita, estabelecido na contemplação de seu próprio Ser, ou Deus, não só se retira do mundo exterior, senão que também se abstém de criar mundos de desejos em seu interior. Pode-se retirar a um lugar solitário ou a uma montanha, mas se leva internamente desejos, não irá se beneficiar em nada com a solidão. Ali também criará outro mundo. Certa vez um rei foi a um bosque e lá encontrou a um *rishi*, sábio espiritual; satisfeito pelo comportamento do rei, o sábio lhe disse: "Estou satisfeito contigo; tem boas tendências espirituais, fique aqui comigo. Isto te fará bem". O rei lhe respondeu, "Venerado senhor, ainda tenho muitos desejos. Se fico, criarei um reino aqui mesmo." Portanto o que se necessita é acalmar a mente, chegar a alcançar a equanimidade. Depois podemos viver em qualquer lugar. Uma coisa parecida com a calma da qual falamos pode sentir-se também no sono profundo, em que não existe nada, não se ouve nada, não se presencia nada; tudo o que se sente é felicidade imensurável. Muito mais tranquilo deve ser o estado de união com Deus, em que todos os desejos que agitam nosso ânimo descansam para sempre. Swami Vivekananda disse que toda a criação está se apressando, ainda que seja inconscientemente, para lograr esta equanimidade, este equilíbrio perturbado. Os seres humanos também o fazem, alguns de forma consciente e outros inconscientemente. Esta é a diferença entre o ser humano e os outros seres criados; o homem pode lutar, tendo plena consciência de seu objetivo, para lograr essa equanimidade. Pois o ser humano é um fenômeno maravilhoso em toda a criação, pois só ele pode rebelar-se contra a natureza e combatê-la. Ainda que tenha sido criado com um corpo frágil, sobreviveu aos ataques dos animais mais poderosos, as enfermidades e as pestes desastrosas. Domou, até certo ponto, as forças da natureza, mergulhando em seus segredos. Mas a luta contra a natureza externa forma apenas uma fração do combate. Apesar de todo o êxito que o homem teve em sua busca no mundo exterior e o domínio que logrou em suas tentativas, não se encontra em uma situação feliz. As inovações e invenções podem dar-lhe, sem dúvida, algo de prazer por algum tempo, mas isso só aumenta sua tensão nervosa, uma torrente terrível de angústia para chegar a ter mais e mais gozos. A tranquilidade não se logra mediante os prazeres dos sentidos, pelo contrário, estes produzem no homem um grande vazio, um abismo que o assusta.

No entanto, essa corrida atrás dos prazeres dos sentidos também é feita com a finalidade de alcançar aquela Felicidade Infinita e esquecer toda outra coisa, ainda que se faça equivocadamente, assim como um homem sedento em um deserto confunde a miragem como sendo um oásis e corre atrás dela. A grande maioria da humanidade considera os prazeres do mundo como o único

objetivo de sua vida. Por quê? Porque as coisas no mundo são tão tangíveis e o prazer que se sente por elas ao princípio é tão agradável, que pensa que não há outra coisa mais desejável. Um dos *Upanishads*, o *Taittiría* afirma que o prazer que o homem sente nos objetos do mundo só forma uma fração infinitesimal da Bem-aventurança de *Brahman*. O ser humano comum, não conhecendo nada melhor considera essa pequena porção como o todo e a persegue com avidez. Enganado assim repetidas vezes, ao final se dá conta de seu erro e trata de averiguar como sair da rede de tentações que esses objetos lançam sobre ele. E ainda que não exista nada que não seja Deus, aquele que discerne não vai aceitar aquilo que o faz esquecer ao Senhor, pois sabe que o que o afasta de Deus não é permanente, só tem uma existência de dois dias. Por conseguinte, se afastará desses objetos. Pois eles não podem dar-lhe a felicidade eterna. As escrituras hindus também asseveram que não existe bem-aventurança no pequeno, senão unicamente no Magno. É claro que ninguém está perdido para sempre, dizem os *Upanishads*. Um dia todos irão voltar a Aquele de onde foram projetados, mas isso pode ser que tarde milhões de anos ou milhões de vidas. As coisas inanimadas e os animais que não pensam podem esperar. Mas um ser humano, tendo a capacidade de discernir, deve conscientemente fazer esforços para reconquistar 'o reino dos céus', antes de partir desta terra.

Por que dizemos que lograr a equanimidade, a serenidade, é um passo rumo a Bem-aventurança eterna, mais ainda, é a própria Bem-aventurança? Como já vimos, o universo é o resultado da perturbação no equilíbrio da natureza, *Prakriti*, como a chamam os *Samkhias*, em Sânscrito. O que vemos neste universo [e nas nossas vidas]? Tudo girando e voando sem rumo, uns ao redor dos outros, competindo duramente para conseguir algumas migalhas que nem satisfazem ao gosto. Como se pode esperar que haja tranquilidade sob estas circunstâncias? Como podemos aspirar a que o caldeirão de desejos pare de ferver enquanto o fogo das paixões está vivo e ardendo? Como pode reinar a paz e a bem-aventurança em uma mente que está constantemente agitada e perturbada? Até que vejamos a Deus ou alcancemos o Absoluto, que é a morada da Bem-aventurança, não podemos pensar que as conseguimos. E a menos que tenhamos uma mente plácida e em um estado equânime, Deus não se revelará ali. Não que o Senhor seja cruel ou não nos queira, mas que nós gostamos de outras coisas, os brinquedos coloridos, e nos sentimos felizes com eles, mesmo que de vez em quando estes nos deixem no meio de um redemoinho. É razoável supor que onde exista agitação, não pode haver tranquilidade ou serenidade, por conseguinte, não pode haver a bem-aventurança que nunca muda. É por isso que todos os mestres espirituais exigem que cultivemos a virtude da equanimidade. Sri Krishna, por exemplo, fala do *sthitapragña*, ou homem de

conhecimento estável, ou sabedoria imóvel. Devemos notar o adjetivo 'estável' ou 'imóvel', utilizado por Sri Krishna.

Não é um conhecimento que muda a cada momento, nem tampouco significa um conhecimento comum das coisas do mundo. Podemos ter o significado correto dessa palavra se estudamos a descrição do 'homem de conhecimento estável' dada no *Bhagavad Gita*[2]. Disse Sri Krishna, "Aquele que aniquila todos os desejos que se encontram em seu coração, que se sente satisfeito com o pensamento de seu próprio Ser, ou Ātman, é chamado de homem de conhecimento estável". Cada palavra está cheia de significado. Devemos notar que é preciso aniquilar os desejos, não somente subjugá-los, pois os [desejos] subjugados podem surgir de novo e produzir danos imensos por haver sofrido a humilhação antes. Também temos que prestar atenção na palavra 'todos' com relação aos desejos. Não é suficiente eliminar alguns deles. Enquanto tenhamos um só desejo mundano não podemos ter a visão de Deus ou a equanimidade. Em outra parte do mesmo capítulo Sri Krishna diz, "Os objetos dos sentidos deixam de exercer sua tentação a um homem que está afastado deles, ou que pratica jejuns, no entanto ainda persiste nele o desejo de desfrutar, do gozo. Este último [o desejo de desfrutar] também desaparece quando se realiza o Supremo". Por isso é necessário eliminar todos os desejos de nossa mente, antes de adquirir este conhecimento. A definição não termina aí, mas continua, "Satisfeito no pensamento de seu *Ātman*, ou Ser". O que significa isso? Quer dizer que para a satisfação dessa pessoa, não se requer nada do exterior, nem sonhos, nem imaginações sobre o prazer [dos sentidos]. Quando chega a alcançar este estado, sua mente não conhece nada senão a presença do *Ātman*, ou Ser, ou Deus, que é auto-luminoso e repleto de bem-aventurança. Só uma pessoa que logra este estado pode ser chamada de *sthitapragña*. O *Samadhi*, cume da vida espiritual, não está longe dessa pessoa. "É como o alvorecer, - disse Sri Ramakrishna – que mostra que logo o sol vai aparecer". O *Bhagavad Gita* continua, "Aquele que não é perturbado na calamidade, desapegado da felicidade [do plano dos sentidos], livre de apego, medo e ira e ao mesmo tempo inclinado naturalmente à introversão, é chamado de homem de conhecimento estável". Aqui vemos que Sri Krishna não deixa nenhuma dúvida sobre a verdadeira natureza daquele que possui este conhecimento, para que possamos julgar-nos bem e não nos equivocar crendo havermos chegado ao cume da vida espiritual. Os mestres espirituais tentam ser os mais explícitos possíveis, tão claros como o veículo da linguagem lhes

[2] A instrução de Sri Krishna sobre este tema encontra-se em vários versos no Capítulo II, "Yoga do Conhecimento", do Gita.

permita dar expressão a suas ideias. E para isso descem ao nosso nível de entendimento.

Talvez Sri Krishna sentiu que a posteridade poderia entender mal o que Ele havia dito e seguir um caminho equivocado. Para evitar isso explica extensamente sua ideia, mencionada no verso já citado. Porque podemos mostrar a nós mesmo como possuidores de muita coragem em uma situação difícil e ao mesmo tempo sentir trepidação em nossos corações. Ao contrário, a coragem engendrada pela verdadeira força é algo muito diferente. Vamos dar um exemplo. Certa vez, em seus primeiros dias como monge errante, se apoderou de Swami Vivekananda um forte estado de ânimo para praticar intensa austeridade e uma insatisfação espiritual terrível, como ocorre com os grandes místicos. Por conseguinte, decidiu internar-se em um bosque denso e como um *rishi*, sábio espiritual de épocas passadas, deixar cair seu corpo simplesmente pelo esgotamento e fome. Em seguida pôs a decisão em prática. Caminhou todo o dia sem provar um bocado de comida, até que chegou a noite. Estava tão fraco que não pode continuar mais e se sentou sob uma árvore, fixando sua mente no Senhor. Depois de curto tempo viu a um tigre aproximar-se dele cada vez mais. Quando já havia uma pouca distância entre eles, o tigre se sentou.

O Swami pensou, "Isto está bem, ambos estamos famintos, depois de tudo este corpo não foi o veículo para a realização absoluta e já que, possivelmente o mundo não se beneficiará por ele [seu corpo], é bom e desejável, que possa servir ao menos para esse animal faminto". Pensando assim enquanto jazia ali onde se encontrava, tranquilo e sem mover-se, esperando que o tigre se lançasse sobre ele. Mas por um motivo ou outro, a fera se foi em outra direção. O Swami lhe esperou, crendo que poderia voltar, mas o animal não voltou. Swami Vivekananda passou toda a noite no bosque sob aquela árvore, submerso em comunhão com seu próprio Ser. Qual foi a experiência que teve que lhe inundou em seguida com uma grande força, só ele soube! Essa é a serenidade a que Sri Krishna se refere nestes versos. É engendrada pela realização da Verdade Suprema.

Em uma ocasião falando sobre a intrepidez, Swami Vivekananda citou o exemplo de um monge que costumava repetir "'*Shivoham*' – Sou Shiva, a Eterna Bem-aventurança"! Certo dia um tigre atacou a este monge e o levou arrastado e o matou. Mas enquanto estava vivo, o que se escutava eram as palavras, "*Shivoham*, *Shivoham*!", conclui Swami Vivekananda. Esta é a equanimidade, isto é o que se chama estar estabelecido no conhecimento, ser intrépido até nas garras da morte, estar unido com o Ser, estar satisfeito no Ser e também estar livre de todo apego. Pois, que outra coisa é tão querida e

preciosa para o homem, como seu corpo? Não é toda a luta do homem comum manter o seu corpo são e salvo? É assim. No entanto aqui vemos a uma pessoa que não pensou em seu corpo como sendo algo com mais valor que os farrapos que levava.

Sri Krishna continua com a descrição desse grande *yogui*: "Aquele que sob qualquer circunstância, não se prende a nada, mas aceita o que vem, quer seja agradável ou desagradável, sem alegrar-se pelo primeiro, nem se deprimir pelo segundo, tem o conhecimento estável". Agrega que essa pessoa, tendo dominado os sentidos, dirige sua mente ao Senhor. Em seguida diz, "Só chega a ter a paz (a equanimidade) eterna aquele em quem todos os desejos entram sem a mínima perturbação, assim como o oceano que se mantém igual e imóvel, mesmo que as águas entrem nele por toda parte, e não aquele que deseja prazeres do mundo". Em outra parte do *Bhagavad Gita*, este mesmo estado de equanimidade está descrito como o de *gunatita*, ou seja, o estado de alguém que transcendeu os três gunas. Como sabemos, a Natureza ou *Prakriti* tem três componentes que se chamam *gunas*. São *sattva*, *rajas* e *tamas*. Todo o universo está feito destes três *gunas*. Não existe coisa alguma que não os tenha. Todos eles atam ao homem ao mundo de distintas maneiras, mas entre os *gunas*, *sattva* é o que mais ajuda ao homem a sair da rede da ilusão, mas não o conduz até Deus. Portanto aquele que deseja chegar a Suprema Verdade tem que transcender estes três componentes da *Prakriti*. Só então atinge a equanimidade.

Os que estão dispostos a lutar para conseguir as qualidades já mencionadas podem ter esperanças de lograr a visão de Deus, não os demais; pois dizem os Upanishads, "Este Ātman não é alcançado pelos débeis, nem por meio de caminhos equivocados, tampouco sem austeridade e renúncia". Sri Shankaracharya comentando este verso observa, "As práticas que ajudam a lograr o Ātman são a força engendrada pela dedicação a Ele, austeridade e renúncia e não cair na ilusão. Cair na ilusão significa buscar a felicidade nos prazeres, tendo filhos, posses e riquezas". O *Upanishad* agrega que só seguindo essas práticas se pode entrar na morada de *Brahman*, ou seja, unir-se com Deus, que é a Existência, Consciência e Bem-aventurança absoluta.

Em outro *Upanishad*, o *Brihadáraniaka*, encontramos um diálogo entre um sábio espiritual e sua esposa, Yágñavalkia e Maitreyi, que explica com clareza como são inúteis os objetos e riquezas do mundo para a obtenção da graça de Deus. Yágñavalkia desejando retirar-se a um bosque abandonando ao mundo, com a finalidade de dedicar-se totalmente a Deus comunicou sua decisão a suas duas esposas. Também lhes disse que dividiria seus bens entre elas. Maitreyi, que era a mais inteligente, lhe perguntou, "Senhor, eu posso lograr a imortalidade se chego a possuir toda a riqueza que existe na terra?" Yágñavalkia

lhe respondeu, "Não, não há esperança de atingir a imortalidade por meio da riqueza, mas podes viver confortavelmente no mundo". Respondeu a esposa, "De que me servem as coisas que não me ajudam a conseguir a imortalidade? Por favor, ensina-me sobre o que me trará aquele estado bem-aventurado." Este é o desapego verdadeiro, nascido do discernimento.

Este desapego, estar livre dos desejos, do qual o *Bhagavad Gita* fala, não é passageiro, mas permanente. As vezes se consegue um tipo de equanimidade depois de alcançar um objetivo mundano ou o cumprimento de alguns desejos, mas no momento seguinte se desvanece. Entram em sua mente outras ambições, outros desejos e perturbam a serenidade que havia logrado. Mas é diferente a equanimidade da pessoa que chega a estabelecer-se no conhecimento imutável. Pode surgir uma dúvida aqui, "Quando todo o universo muda e é variável, como pode ser estável e permanente somente este estado?" Sim, mas há outras coisas que não podem mudar, por exemplo as sementes cozidas. Mesmo que as semeie e regue, não vão germinar. Do mesmo modo, quando todos os desejos, que são como sementes de nosso enredo neste mundo, estejam queimados no fogo do conhecimento ou dirigidos totalmente a Deus, não podem germinar, dar lugar a novos nascimentos e mortes; tampouco podem tentar ao homem a que caia na armadilha da ilusão. Sri Ramakrishna faz a analogia dos dois ímãs. Diz, "Suponhamos que haja dois ímãs, um grande e outro pequeno. Qual deles atrairá o ferro? Claro que o ímã grande. Deus é o ímã grande, comparado com Ele as coisas do mundo são o Ímã pequeno." Se isto é assim, por que Ele não atrai a todos? Porque Ele não quer que o Jogo do Universo termine tão rápido. Mas acaba para aqueles que se cansam do jogo e não se deleitam mais com ele. Deus, como uma bondosa mãe não perturba as crianças que estão entretidas com os brinquedos coloridos, que são as coisas do mundo. Mas corre para aqueles que choram e se impacientam por Ele e não querem nenhuma outra coisa. Entreter-se com os objetos sensórios é como estar fora do campo de atração do grande ímã. E como quando o ferro está fora do campo de atração do ímã, não é atraído por este, do mesmo modo quando as pessoas se sentem felizes com os objetos do mundo, seu coração não responde a atração de Deus.

Nos referimos no início dessa conversa, ao estado em que se encontrava a Existência antes da projeção deste universo. Como puderam saber disso, estes *rishis* que o descrevem? Por meio de sua realização chegaram a saber que o que existia antes da criação deve ser também o que haverá após a dissolução e como no *Samadhi* que dissolve tudo, o que fica, não pode ser descrito. A mente da pessoa em *Samadhi* está na condição do barco que entra nas 'águas escuras do mar'. O barco não volta e por isso não pode dar notícias sobre a região. Da mesma maneira, a mente da pessoa que se une com o absoluto não volta para contar-nos o que vê ou percebe ali. E até os que baixam desse estado de *Samadhi* não podem descrever o que experimentaram nele. No entanto não é um estado do qual se deva assustar-

se, ao contrário, é o estado logrando o qual se eliminam todas as dúvidas, todos os nós do coração e todos os resultados das ações, tanto desta vida como das anteriores.

O que ocorre se uma pessoa chega a ter esta classe de conhecimento? Sri Krishna disse que esta pessoa se estabelece em Brahman; como consequência percebe com equanimidade a um *Brahmin* dotado de sabedoria e humildade, a uma vaca, a um elefante, a um cachorro e até mesmo a quem come carne de cachorro. Para essa pessoa todos são iguais, já que vê ao Absoluto, ou ao seu próprio Ser manifesto em todos eles. Dessa pessoa desaparecem o apego, o ódio, a ira, a cobiça e outras paixões. Sempre se sente satisfeita com o que lhe vem, seja bom ou mal, sem ser agitada pelas mudanças e transtornos da vida.

Agora vem a pergunta: Como podemos lograr este estado? Pela prática, como ocorre em qualquer carreira, profissão ou arte. Swami Vivekananda certa vez observou, "Vocês podem escutar-me durante horas, mas se não o praticam, não vão avançar nem um passo". Este é um fato que todos conhecem por sua própria experiência. Não somente devemos praticar o que nos leva à meta, como também devemos prestar atenção aos meios empregados para lográ-la. Estes devem ser tão puros como a meta. "Não podes lograr o Infinito, por meio das coisas finitas", disse o *Kathopanishad*. Da mesma maneira, não se pode atingir um estado nobre seguindo caminhos duvidosos.

A equanimidade é um estado muito elevado. Por conseguinte, todas as qualidades que se manifestam espontaneamente em uma pessoa que logrou esse estado devem ser cultivadas com diligência como meios para alcançar a equanimidade. Pode-se lograr esse estado também pelo caminho da devoção [*bhakti*], pois encontramos no *Bhagavad Gita* a descrição idêntica de um devoto que ama a Deus com todo coração e a de um ser estabelecido no conhecimento [*jnāna*]. Em poucas palavras, o método consiste em submeter o ego à vontade do Senhor e amar a Deus com exclusão de todas as outras coisas do mundo, fazendo-O o único objetivo da vida. Os que querem trilhar o caminho do conhecimento, devem discernir entre o Real e o irreal e aferrar-se ao Real com todas as suas forças, sem olhar ou fixar-se com que acontece com os objetos que são irreais ou transitórios. Se podemos ter tenacidade e perseverança então, um dia esse estado de equanimidade, que nos outorgará a Paz Eterna e a união com Deus, será nosso.

Que o Senhor nos guie e nos conduza à meta e nos dê a força necessária para alcançá-la!

● ● ● ● ● ● ● ●

Este texto foi traduzido do original em espanhol por um estudante da Vedanta.

POR QUE NÃO PROGREDIMOS NA VIDA RELIGIOSA?

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* - junho 1966; Vol. 53

ESTA é uma pergunta que persistentemente surge ou deveria surgir na mente de um aspirante espiritual genuíno. Pois é o modo pelo qual pode avaliar o seu próprio progresso – não para exaltar-se – mas para descobrir os impedimentos que obstruem seu caminho e buscar os meios necessários para vencer esses obstáculos; em resumo, é um indicador para a autoanálise. E a autoanálise para uma pessoa religiosa é tão essencial quanto é a respiração para um ser vivo. Sem autoanálise se torna apto a mergulhar na autocomplacência que não está longe do egocentrismo.

Vamos examinar onde para o homem é provável tropeçar na atual situação. Antes de tudo é importante notar que temos que começar com o equipamento que possuímos – uma mente que vaga, vacilante e sem controle. No contexto antigo [épocas passadas na Índia], percebemos, a situação era totalmente diferente, as pessoas tinham um diferente modelo, um plano de vida, com relação a vida espiritual. Havia um sistema de se viver com o preceptor, que era um homem avançado espiritualmente. O mestre estava lá para testar os discípulos e regular suas vidas para que não estagnassem; isso fluía em direção a meta suavemente. Além disso, sob o antigo sistema o conhecimento das escrituras era transmitido muito cedo na vida. Toda a atmosfera se tornava propícia ao saudável crescimento do corpo, mente e espírito. Nós não temos hoje muitas destas vantagens fundamentais, ao invés disso somos sobrepujados por um ambiente antagonista e ateístico. Nossa educação tornou-se academicamente orientada e motivada pelo dinheiro. Religião tornou-se um tabu para muito. Dificultados e oprimidos por este clima pesado, não conveniente ao crescimento da religião, ainda temos muito que

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

avançar.

O que significa progresso na vida espiritual? Como podemos saber sobre isso? Não podemos conhecer sobre o crescimento espiritual de outra pessoa, pois não é como conhecer o crescimento físico notável de fora. Nem é algo que os instrumentos científicos e tecnológicos atuais podem revelar. Não está relacionado com o corpo ou seus órgãos internos superficialmente. É a mente que cresce e muda, que se expande e é iluminada, que derrama suas sementes de egoísmo e apresenta buquês de variados tons desse egoísmo. E quem pode julgar isso, exceto ela própria? Como podemos estar certos de não cometermos erros em tais julgamentos? Bem, existem alguns códigos pelos quais podemos garantir e evitar que superestimemos nosso progresso e sermos vítimas da vaidade. Um desses é a ausência da própria vaidade. **O orgulho de santidade é talvez o pior tipo de vaidade que se prende ao homem e só o deixa com muita dificuldade.** A atitude "mais santo do que você" não é o solo apropriado para germinar as outras tendências favoráveis ao caminho espiritual. Se tal atitude surgir em nossas mentes podemos estar certos de que nosso progresso é interrompido. Pois quem pode saber qual instrumento o Senhor gostaria de usar para manifestar santidade e conhecimento? Não existem os exemplos de estudantes que eram orgulhosos de sua sabedoria foram humilhados por seus preceptores, fazendo um entre eles, a quem desprezavam, tomar o papel de preceptor? Existe a estória de Totaka, um discípulo de Sri Shankara, que parecia um estúpido em seus estudos, mas era grande e sobressaiu no serviço pessoal ao seu Guru. A estória continua com os outros discípulos de Shankara que o olhavam quase com desdém. Um dia, quando todos, exceto Totaka, estavam reunidos para as suas lições diárias, os discípulos perguntaram a Shankara, por que ele não iniciava a lição. Sri Shankara notou o desprezo pelo discípulo ausente, vendo o que estava atrás dessas palavras. Sem uma palavra o mestre esperou pelo discípulo, até então ausente, chegar. E quando ele chegou Sri Shankara pediu a ele que tomasse o seu lugar [do preceptor] e desse a aula nesse dia. Não houve nenhum protesto de Totaka e nenhuma objeção dos outros. Sri Shankara, com seu comando, infundiu no discípulo (Totaka) o conhecimento que era necessário para explicar as complexas verdades da filosofia. Assim vemos quão pouco conhecemos sobre a vontade de Deus. Portanto não deveria haver lugar para qualquer tipo de vaidade em um homem santo, e aqueles que querem seguir os seus passos devem também afastar-se disso.

Podemos lembrar aqui aquela oração introdutória que é feita antes do canto do *Gītā*: "Aquele por cuja graça o mudo fala eloquentemente, o aleijado cruza as montanhas, a Ele, Mādhava, que é suprema bem-aventurança, eu me

prosterno." Se um Swami Vivekananda pode dizer, "Milhares de Vivekanandas podem surgir através de um gracioso olhar de Sri Ramakrishna", não é absurdo de nossa parte atrever-nos a ter uma atitude de superioridade? Sempre que essa atitude penetrar em nossas mentes, façamos a pergunta, "O que já consegui para querer ditar aos outros, como de um pedestal de julgamento, o que devem fazer ou não fazer? Por acaso realizei aquele Supremo para poder me envaidecer e pavonear-me por aí?" Sabemos que pais que são muito cuidadosos com o bem-estar de seus filhos nunca os elogiam em suas presenças para que não se envaideçam pelo progresso que fizeram em seus estudos, pois existe a possibilidade de que fiquem demasiado envaidecidos e se nós pudermos lembrar que "o orgulho vem antes de uma queda", seríamos cautelosos. Aqui temos como exemplo a estória de Svetaketu. Svetaketu foi enviado por seu pai para aprender sob os cuidados de um preceptor e após retornar ao completar o período requerido de permanência com o Guru, o pai notou que o filho demonstrava sua vaidade e indiferença. O pai ficou perturbado, pois ele mesmo era um preceptor por excelência e sabia como impedir uma possível queda de seu filho. Um dia se dirigiu a ele, "Meu filho, por que se comporta como se fosse alguém com elevadas realizações? Por acaso você conheceu *Aquilo que escutado, tudo se se torna escutado, conhecendo o qual, tudo se torna conhecido*? O filho ficou surpreendido e ficou intrigado. Gaguejando disse, "Como pode ser isso, pai? Eu nunca escutei isso, talvez meu mestre não conheça isso. Por favor, me instrua você mesmo sobre isso."[2] Por essa questão levantada por seu pai, parece que apenas um homem de conhecimento, um homem de realização tem o direito de tornar-se orgulhoso e afastar-se do mundo. Não há dúvida de que somente tal pessoa tem o direito de agir assim, se tivesse, mas são essas mesmas pessoas que realizaram a unidade da existência, de Deus em tudo e tudo em Deus, que são as mais humildes. Não há fingimento de humildade neles, nem ela é cultivada. Deles é uma humildade espontânea. Por isso o que o mestre mostra é que a vaidade nos outros é imperdoável, e que não há vaidade nos conhecedores de Deus e se parecem ser indiferentes ao mundo, isso é consequência de que neste estado eles negligenciam até seus próprios corpos. Pois é um estado onde não veem ou escutam nada exceto a Deus. Para eles a criação, seus próprios corpos também, se parecem como coberturas sem uma substância. A Substância, a Consciência que eles percebem não tem destruição. Em que outro lugar você encontrará homens-divinos tão afetuosos e humanos para os problemas da vida, que as pessoas se aproximam e se juntam por socorro e consolação? Quando a mãe que tinha perdido seu único filho, correu

[2] Chandogya, VI.i.3&7.

até Buddha carregando o corpo de seu filho e lhe pediu que restaurasse sua vida, não foi ele o ser mais compassivo e consolador? Não sentiu ele a dor da mulher assolada pelo sofrimento? Mas ele era um sábio, vindo ao mundo para ensinar a evanescência de toda a criação e não os iludiria mais do que já estavam. Ainda assim ele não deu um discurso sobre filosofia para aquela mãe. Ao invés disso, ele lhe pediu que trouxesse algumas sementes de mostarda de uma casa que não tivesse conhecido nenhuma dor pela separação (de entes queridos), que ele traria de volta a vida seu filho. Não era isso a verdade? Ao mesmo tempo não iria ferir a sensibilidade da mãe enlutada. Também muitas pessoas enlutadas vieram até Sri Ramakrishna e foram consoladas. Para um deles ele disse, "Não é natural que aqueles que perdem um filho, que é como parte de si mesmo, se sintam deprimidos e desamparados?" Então ele citou seu próprio caso, "Quando Akshaya (o sobrinho de Sri Ramakrishna) morreu, eu estava ao lado dele e vi sua alma deixando o corpo, como se uma espada estivesse sendo retirada da bainha e eu ri. Mas, mais tarde, por três dias eu senti que meu coração estivesse sendo torcido como uma toalha molhada. Se isto acontece comigo, quanto mais você não sentirá? Mas a morte persegue o homem em toda parte, portanto esteja preparado." Então ele cantou uma canção com sua voz encantadora, com grande sentimento que aliviou o coração da pessoa enlutada como um bálsamo. Portanto se alguém tiver a impressão que um homem-divino não tem sentimentos, esse será o mais infeliz engano. Mas sua simpatia é genuína e de nenhum modo formal ou apenas palavras saídas da boca.

Nós vemos que todos os grandes mestres eram de opinião que a humildade é o solo onde outras virtudes poderiam brotar e prosperar. Sri Ramakrishna disse, "A água da chuva não se junta nos montes e elevações. Ela escorre e se junta em lugares baixos". Da mesma forma podemos assumir que todas as virtudes se acumulam nos humildes apenas.

II

Fazemos algumas austeridades, praticamos algum tipo de *sādhana* [práticas espirituais], sonhamos com divindades ou vemos figuras santas e divinas e pensamos que já atingimos muito e não há nada mais para alcançar. Enquanto tudo isso é muito bom e não é nada para rebaixar de nenhuma forma, concluir que um se tornou mais santo do que outro, que não teve a sorte de experimentar nenhuma dessas coisas, é uma atitude totalmente fora de sintonia com a vida religiosa. Sri Krishna nos dá uma ideia sobre o modo que os devotos se comportam quando se encontram, "Aqueles que entregaram suas mentes a

Mim, cujos órgãos sensórios estão dedicados a Mim, eles, explicando e falando sobre Mim entre si, estão sempre satisfeitos e felizes,"[3] Falar sobre o Senhor nos faz esquecer nossas pequenas personalidades. Somos elevados a uma esfera superior de onde, pelo menos durante certo tempo, todas as coisas do mundo aparecem como mesquinhas, frívolas e frágeis, não sendo dignas de qualquer atenção. Sob tais circunstâncias, como pode alguém, tendo praticado alguma *sādhana* desprezar alguém? Como pode a arrogância dominar sua mente? Nada disso deveria ser capaz de capturar ou influenciar as mentes dos devotos se seus esforços tem sido sinceros, se suas práticas forem corretamente dirigidas. O próprio fato de sermos incapazes de vencer essas desvantagens deve fazer-nos conscientes de que nossos esforços são insuficientes ou que nossos desejos internos são contrários e mais fortes. Se nestas circunstâncias se fizer um pouco mais de austeridades ou coisas do gênero, como pode clamar por qualquer tratamento excepcional ou preferencial de outros? **Por outro lado, se fizer qualquer ato religiosos com vistas a ganhar nome e fama ou reconhecimento, derrota-se o próprio propósito pelo qual eles foram feitos**. A meta da religião é realização, emancipação e não ficar preso a este *sāmsara* [ciclo de nascimento e morte, renascer, etc., quase interminável]. Já temos muitos e suficientes impedimentos que nos prendem a ele e não temos que adicionar mais. Sri Krishna nos diz sobre algumas dessas características que nos farão retornar a este círculo de contínuos nascimentos e mortes. "Ostentação, arrogância, vaidade, raiva, crueldade e ignorância,"[4] são algumas das qualidades que são denominadas demoníacas e que precisam ser exterminadas de nossas mentes. Na verdade, são estas e outras de natureza similar, que nos derrubam, não nos permite elevar-nos. Elas são como o lastro do balão. Mas ao contrário do lastro, que somos livres para jogar para fora à nossa vontade, estas qualidades ou características se prendem a nós com tenacidade uma vez que permitimos e demos lugar a elas. Nos livrar apenas de uma delas, é trabalho para uma vida inteira. Devemos então permitir que se apoderem de nós? Conscientemente não devemos permitir e muito cuidado devemos tomar para que de forma sorrateira isso não aconteça. Por fim, não menos agressivas entre essas paixões são a luxúria e a cobiça. Vemos que o mundo inteiro se move devido a essas duas paixões. Analisem os motivos de todas ações no mundo inteiro, sejam de nações ou de indivíduos, e descobrirão a verdade dessa declaração. Por isso Sri Ramakrishna disse uma vez, "*Māyā*[5] é constituída por luxúria e cobiça apenas". Estas [paixões] cobrem a inteligência do ser humano e o afastam de seu ideal.

[3] Bhagavad Gita, X, 9.
[4] Idem, XVI, 4.
[5] Ilusão. Mais significados descritos em "O que é Māyā" em http://estudantedavedanta.net/O-que-e-Maya.pdf

Não é necessário para nós detalhar as ações de cada tendência má. Nós já o fizemos com uma delas e o malefício que é capaz de fazer; as outras são igualmente maléficas ou até mais ainda.

III

Precisamos saber que a mente não pode tornar-se um vácuo. Ela necessita de algo para conter em si mesma. Portanto, um bom método para eliminar as más tendências é infundir, colocar boas tendências nela. Sri Krishna lista as boas tendências no *Gītā* como segue: "Destemor, pureza de coração, firmeza na yoga do conhecimento, benevolência, autocontrole, sacrifício, estudo das escrituras, austeridade, franqueza, não ferir a ninguém, veracidade, ausência de raiva, renúncia, paz, ausência de calúnia, bondade pelos seres, ausência de cobiça, gentileza, modéstia, constância, coragem, perdão, fortaleza, pureza, ausência de ódio e orgulho – estas são, ó Arjuna, as posses daqueles nascidos com dons divinos."[6] Portanto, junto com nossas práticas espirituais devemos absorver alguns desses divinos atributos pouco a pouco. Pode não ser possível para nós possuí-los todos ao mesmo tempo. Mas se tentarmos e rezarmos a Deus sinceramente seremos capazes de absorvermos a maioria dessas boas tendências, que por sua vez, nos prestarão um grande serviço. Mesmo a posse de apenas uma dessas qualidades é um dom na vida espiritual.

Uma característica comum difícil de ser erradicada é ciúme. O remédio indicado por Sri Ramakrishna para todas as paixões é dirigi-las para Deus. 'Tenha ciúme de Deus, de que Ele mostrou Seu favorecimento por outros com visões divinas e bençãos e não a você.' Qual o significado da declaração acima? Num primeiro olhar parece um pouco mais do que os olhos encontraram; mas se você ponderar sobre ela realizará que não é o ciúme que está sendo enfatizado e sim o direcionamento [do ciúme] a Deus – um processo que faz uma pessoa naturalmente pensar em Deus, orar a Ele com muito anelo para que se revele. Neste processo, você se esquecerá do ciúme e se lembrará de Deus apenas. Se examinarmos os hinos e canções compostas por poetas-santos, ficaremos comovidos em ver como constante e intimamente eles argumentaram ao se comunicarem com Deus. Canta um poeta:

Que delírio febril é este que sofro!
Ó Mãe, Tua graça é minha única cura.
O falso orgulho é a febre que tortura minha forma enfraquecida;

[6] Bhagavad Gita, XVI.1-3.

"Eu" e "meu" são meu clamor, oh, que ilusão cruel!
Minha sede insaciável por riqueza e amigos nunca cessa;
Como, então, sustentarei minha vida?
Falar sobre coisas irreais, este é meu delírio miserável,
E eu me envolvo nisso sempre, Ó Dadora de todo bom destino!
Meus olhos em sono aparente estão fechados, meu estômago está cheio
Com os vis vermes da crueldade.
Ai de mim! Eu vago absorvido em ações sem significado;
Mesmo pelo Teu santo nome eu não tenho nenhum gosto, Ó Mãe!
Eu duvido que algum dia serei curado dessa doença.[7]

Somente um aspirante que passa seu tempo em cantar para Deus é consciente de sua pequenez e mesmo enquanto ora pode cantar '**Mesmo pelo Teu santo nome eu não tenho nenhum gosto**'. Esta será nossa atitude quando estivermos progredindo no caminho espiritual. O que quer que façamos, sentiremos que é um esforço insuficiente, comparado com a bem-aventurança que está nos esperando no final. Por que então se importar com um pouco de nome e fama e reconhecimento aqui? Vamos nos perguntar sempre que este pensamento de nome [e reconhecimento] nos atacar: Qual a utilidade deste nome e fama enquanto vivermos? Quem se lembrará de você após sua partida? Que benefício irá receber desta lembrança, se houver? Para todas estas questões você receberá algumas respostas vagas e insatisfatórias. **Tudo é vaidade**, esta será sua conclusão. Mas pense na quantidade de bem você fará a si mesmo e a outros ao seu redor se viver uma vida sem ostentação, de pureza, sem raiva e ciúmes. Mais ainda, quem pode dizer que não atingirá a meta desejada se apenas persistir em sua *sādhana* isenta de qualquer motivação a não ser o amor por Deus?

Pensamos que somos incomodados e perseguidos por outros. Vejam uma canção:

Ó Mãe, eu não tenho ninguém para culpar:
Ai de mim! Eu afundo no poço que estas minhas próprias mãos cavaram.
Com as seis paixões[8] *como minha pá,*
Cavei um fosso nesta sagrada terra;
E agora jorra a água escura da morte!
Como posso me salvar, Ó Libertadora?

[7] The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947 Edn. P.138.
[8] Luxúria, ira, avareza, ilusão, orgulho e inveja; El Evangelio de Sri Ramakrishna, Tomo I, pág. 79.

Com certeza eu tenho sido meu próprio inimigo;
Como posso repelir esta escura água da morte?
Veja, a água chega ao meu peito!
Como posso me salvar? Ó Mãe, salva-me!
Tu és meu único refúgio; com Teu olhar protetor,
Leve-me para a outra margem do mundo![9]

'Eu tenho sido meu próprio inimigo', esta é a ideia correta. Sri Krishna também afirma no *Gītā*, "Eleve-se pelo Ser [Superior], não rebaixe a si mesmo. Pois só o ser é o amigo de si mesmo e só o ser é o inimigo de si mesmo. O ser é o amigo daquele que conquistou o ser [inferior] pelo Ser e para aquele sem controle, o ser (inferior) atua como seu inimigo".[10] Ninguém pode nos prejudicar espiritualmente a menos que permitirmos ser prejudicados. Se é assim, por que odiamos outros e criamos mais problemas para barrar nosso progresso? Busque em sua própria mente cada vez que tiver raiva de alguém por um suposto erro que foi cometido contra você e você descobrirá que havia algum desejo em você que foi frustrado. Desejos não fazem nenhum bem para aquele que quer escapar deles. Sabendo disto como podemos nos sentir inimigos daqueles que impedem estes desejos de serem cumpridos? Tudo isso indica que não há nada além de nossas mentes que seja responsável por sermos aprisionados e estarmos em dificuldades. Se este fato é firmemente compreendido então muitas das tendências desfavoráveis em nosso caminho poderão ser superadas e muito da energia desperdiçada em preocupação e raiva, poderá ser preservada. Por acaso temos a coragem de culpar a nós mesmos [pelas más tendências]? Se tivermos, ganharemos muito e saberemos o que está impedindo o nosso progresso.

● ● ● ●

Esse artigo foi traduzido do original em inglês por um estudante da Vedanta. O original em inglês encontra-se em: http://www.estudantedavedanta.net/why_do_we_not_make_progress_spiritual_life.pdf

[9] The Gospel of Sri Ramakrishna, 1947 Edn. P.138.

[10] Gita, VI.5&6.

O LUGAR DO GURU NA VIDA ESPIRITUAL

Por Swami Paratparananda[1]

* *Editorial da revista The Vedanta Kesari – Fevereiro de 1965; Vol. 51; pág. 487*

UMA INTERESSANTE pergunta colocada por pensadores, que de algum modo tem um vago conhecimento de que a divindade é a verdadeira natureza dos seres humanos é: 'Se nós todos somos fagulhas do mesmo divino Espírito, que necessidade existe de um homem ajudar outro a realizá-la?' É uma colocação sincera e inteligente. Podemos sentir que aquele que questiona é sincero. Talvez um pouco de tudo tenha perturbado tal mente — e existem tantas novas filosofias surgindo, o suficiente para confundir qualquer homem comum.

Qual é a resposta para tal questionamento? Vamos colocar em prova aquele que questiona. Como ele sabe que é uma fagulha da divindade? Ele sabe por sua própria experiência ou de livros, literatura ou de outras pessoas? Bem, se ele conheceu isto de outras pessoas ou livros, ele foi derrotado por sua própria pergunta. Pois se ele pode acreditar em certas coisas ditas em algum lugar e por algumas pessoas que o impede de acreditar na necessidade de confiar na eficácia e na utilidade de um guia espiritual, uma pessoa, talvez, mais regular em suas orações e meditações, sincera até o âmago em sua vida espiritual e de caráter puro e imaculado? Isto, é claro, o questionador não pode responder exceto concordando que sua premissa estava errada. Ainda assim ele pode sentir que sua pergunta permanece sem resposta. Portanto vamos nos voltar para o lado prático da questão. Vamos tomar o exemplo de um filho ocupado com seu jogo. O jogo o absorveu e ele esquece seus estudos. Não é necessário que a mãe o lembre de seus estudos? No mundo espiritual nós somos todos crianças até que tenhamos atingido os mais altos estágios da realização. Precisamos de um guia, o Guru, para lembrar-nos, mais ainda, ajudar-nos realmente a vencer os obstáculosem nosso caminho.

Por que nós não podemos fazê-lo por nossos próprios esforços? Talvez isto seja possível em casos muito raros onde o anelo por Deus é intenso, onde a renúncia é como um fogo flamejante, mas para os aspirantes comuns um guia espiritual é essencial. É verdade que nossa natureza é divina, que somos filhos da Imortalidade. Mas somos conscientes deste fato? Quantos dias em um ano somos

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

conscientes disto, quantos minutos em um dia? Temos que confessar que muito raramente somos conscientes disto. A ideia das práticas espirituais é a de tornar-nos conscientes desta divindade mais e mais. Agora, os caminhos espirituais são numerosos, qual deveria um determinado aspirante escolher?

Todas estas questões intrincadas são resolvidas por um verdadeiro mestre por sua percepção profunda da vida do discípulo. De outra forma os aspirantes serão tentados a seguir quaisquer caminhos que se apresentem a eles como atrativos, como fáceis. Será como cavar em busca de água em determinado local agora e em seguida em outro, mas não suficientemente fundo para atingir o veio da água. É preciso ser perseverante e persistente se desejar qualquer resultado na vida espiritual. Apenas flutuar nas águas não nos levará às gemas que repousam no leito do oceano. Deve-se mergulhar fundo, diz Sri Ramakrishna.

O *Kathopanishad* adverte os futuros aspirantes à vida espiritual de forma rígida: "Não é para muitos nem mesmo escutar sobre isto. E mesmo entre aqueles que escutam sobre Ele, muitos não compreendem. Maravilhoso é o mestre e afortunado o que obtém este ensinamento. Ainda mais maravilhoso é aquele que O compreende quando ensinado por um sábio."[2] Muitas vidas têm sucumbido nos mares desta existência. Um sábio piloto é necessário. Se mesmo depois de repetidas instruções nós não somos capazes de compreender o Supremo Espírito, então como podemos por nossos próprios esforços atingi-lo!

Tomando como certo que algum dia a fagulha em nós se acenderá se as condições se tornarem propícias, como nós podemos saber que outras circunstâncias permitirão a ela brilhar? Se, por exemplo, uma grande carga de lenha molhada é jogada sobre brasas, estas serão capazes de consumir a lenha? Nunca. O fogo diminuirá e se apagará em breve. Mas supondo que se conheça como acender o fogo com esta fagulha, irá manuseá-la com sabedoria e o faria crescer e brilhar mais adicionando folhas secas, não seria este mesmo fogo capaz de queimar até mesmo uma floresta? A condição do homem é quase idêntica. Uma grande quantidade de tendências está abafando a divina fagulha e tornando impossível uma melhor visão daquele brilho divino. A luxúria e a cobiça são as duas principais dificuldades que oprimem sua mente tornando impossível para ele estar consciente de sua divindade.

A parábola de Sri Ramakrishna do tigre comedor de ervas descreve corretamente a condição do homem. Um tigre recém-nascido que foi deixado no meio das ovelhas, mesmo antes de ter bebido o leite de sua mãe, seguiu os modos das ovelhas — comia grama e balia quando ameaçada por um perigo. Um dia outro tigre atacou o rebanho e quando viu um tigre balindo e fugindo, ficou surpreso. Contudo ele agarrou o tigre comedor de ervas e perguntou, 'Por que você está fugindo? Você é um tigre como eu.' Mas o tigre comedor de ervas não

---

[2] Kathopanishad 2.7.

podia acreditar nisto. Então o outro tigre o arrastou até um lago; mostrou a ele seus reflexos na água e empurrou um pouco de carne em sua boca e rugiu. O tigre comedor de ervas, assim convencido de sua natureza e tendo provado a carne, rugiu em resposta. Aqui é como o verdadeiro mestre ajuda um aspirante. Nós nos esquecemos de nossa verdadeira natureza e presos nas redes do mundo acreditamos ser ovelhas. Portanto dúvidas surgem em nossa mente mesmo quando nos dizem que somos a própria divindade. O outro tigre é o Guru que nos torna consciente de quem somos.

Agora vamos analisar outra ilustração. Swami Vivekananda deu o exemplo sobre plantar uma semente. 'Você faz crescer uma planta?' ele perguntou. Não. A vitalidade para germinar está na própria semente. Você não pode infundir esta vitalidade nela. 'O que você pode fazer é colocá-la em um solo adequado, aguá-la e assim ajudá-la a crescer. Você apenas remove os impedimentos e obstáculos no seu caminho permitindo que ela cresça por si só'. Da mesma forma a divina fagulha no homem é para ser sentida e não simplesmente conhecida teoricamente. O trabalho do Guru é ajudar o discípulo a senti-La, realizá-La, descobrindo e removendo os impedimentos que bloqueiam seu caminho.

Nós temos apenas que verificar a maneira com a qual Sri Ramakrishna treinou seus discípulos para compreender esta relação entre o Guru e o sisya. Primeiro houve sua seleção dos discípulos apropriados e então seu treino deles. Ele conhecia o passado, presente e futuro daqueles que ele tomou em suas mãos para moldar como seus discípulos. Não foi apenas Sri Ramakrishna que possuía tais poderes. Jesus também os teve diante dele. Não escolheu Jesus alguns de seus discípulos entre pescadores? As Encarnações podiam com um olhar conhecer a natureza de qualquer homem que tivessem contato.

Conhecendo assim seus mais íntimos pensamentos as Encarnações podiam corrigir seus discípulos sempre que agissem errado. Jesus previu para seu rebanho apenas um dia ou dois antes da crucificação: Um entre vocês me trairá. E eles ficaram tristes, pois o Senhor não acreditava neles. Mas esta profecia não foi cumprida? Pois ele disse a Pedro, 'Você me negará três vezes antes do galo cantar' e não foi isto cumprido? E Pedro não negou firmemente que tal coisa fosse possível para ele? E ainda assim como isto veio a acontecer? Isto mostra que Jesus podia ver não apenas o que iria acontecer com si mesmo, mas também que pensamentos surgiriam nas mentes daqueles próximos a ele. Isto prova que as Encarnações de Deus têm o poder de conhecer tudo que querem saber. Nada fica escondido ao seu olhar. Por isso eles têm o mais alto lugar como Gurus, como mestres de humanidade, em todas as épocas.

O ministério espiritual de Sri Ramakrishna foi um fenômeno maravilhoso. É como uma paisagem de tonalidades em constante mudança, sempre atrativas e

nunca cansativas, o jogo espectral de cores, contudo apontando para a mesma meta, que é Deus. Algumas vezes ele costumava fazer seus jovens discípulos rolarem no solo de tanto rir por seu humor; em outros momentos ele cantava canções para eles sobre o divino e os transportava a uma região exaltada. Em outros momentos haviam discussões sobre as filosofias de diferentes seitas em diferentes épocas. E então ele os exortava a uma vida austera e de meditação. Uma vez quando um discípulo disse a ele que tentava meditar, mas sua meditação não era muito profunda e nem sem perturbações, Sri Ramakrishna escreveu algo sobre a língua do discípulo e o mandou para o retirado Panchavati em Dakshineswar. O discípulo, mesmo enquanto ia para o citado lugar foi perdendo sua consciência externa e a perdeu totalmente tão logo chegou ao lugar e se sentou sob aquela árvore. Ele voltou a si, para usar uma expressão mundana, somente quando Sri Ramakrishna massageou seu corpo, do peito para baixo. Numerosos são os exemplos na vida do Mestre e seus discípulos em que ele acentuou o potencial espiritual de seus discípulos.

Uma pergunta pode ser feita: Por que você diz que existe a divindade em todos os seres humanos, se deve ser atingida por duros esforços e a ajuda de um mestre? Pela simples e óbvia razão de que um objeto não pode mudar sua natureza e permanecer o mesmo. Nós nunca escutamos falar de fogo gelado e gelo quente, exceto como uma forma de expressão. Se o fogo não fosse quente, de que serviria? Um objeto pode manifestar apenas o que é inerente nele. Se um homem não fosse divino ele jamais poderia se tornar assim. Mas a nossa experiência é totalmente oposta. Nós vemos personagens divinos manifestando-se e seres humanos se tornarem divinos. Assim a proposição de que o homem não é divino mais atinge a divindade não é também verdadeira. O que acontece pelos esforços é que eles descobrem a si mesmos, se descartam das incrustações que os envolvem uma por uma. Portanto a única solução aceitável e racional é que o homem é divino, chame-o de fagulha da divindade ou um filho de Deus ou do que você quiser.

Agora veremos a assistência que o Guru realmente presta ao discípulo. A vida espiritual tem alguns assuntos que devem ser considerados como reais, assuntos que você não pode desvendar pelo raciocínio. Mas não é fato que a vida religiosa é desprovida de todo raciocínio. É dada grande importância para a razão na religião e filosofia Hindu. Você é livre para questionar e inquirir, mas quando se torna um caso de mera argumentação, aí os sábios antigos colocam um limite.

A razão seria cega quando não existir comparações a fazer. O raciocínio é possível e benéfico enquanto se referir ao mundo fenomenal. Se você tem que inferir, você deve tecer um paralelo e o que existe que possa se comparar com a vida transcendental? Se o transcendental pode ser reduzido ao fenomenal, ele não mais permaneceria transcendental; em outras palavras o transcendental jamais

poderia se tornar fenomenal. As leis do mundo fenomenal jamais poderão, portanto, ser aplicadas ao transcendental. O Atman, por exemplo, não pode ser visto pelos olhos, nem mesmo o mais poderoso microscópio pode revelá-lo. Mas ele é o ser mais recôndito do homem. Quando o homem morre algo se retira dele. Ele não pode ser impedido, pois ele não é visível. Mas que algo, que estava movendo o corpo e o fazia vivo mesmo antes do momento da morte, estava no corpo não pode ser negado. A vida espiritual lida com aquele ser, o Atman. Portanto, da mesma forma que você busca aprender música de um músico e não de um professor de lógica, temos que aprender a ciência da alma somente de um mestre espiritual. Ele conhece ou descobrirá quais as nossas atitudes e inclinações e nos guiará de modo adequado.

Os seres humanos não são todos iguais; eles têm diferentes gostos e várias naturezas. Talvez todos concordamos com esta declaração. Agora, o que é melhor — deixar o homem crescer em seu próprio modo natural, que é fácil para ele ou forçá-lo a seguir um padrão de disciplina rígido, fixo e intolerante, que certamente lhe causará danos e destruirá sua natureza? Os sábios Hindus pensaram ser melhor deixar o homem crescer em seu próprio modo rumo a Deus; eles não tentaram modificar sua natureza inerente.

Por isso existem tantos caminhos para se aproximar de Deus descritos nas escrituras Hindus. Assim também sobre a forma ou ausência de forma de Deus que o aspirante gosta de adorar. Uma forma particular de Deus apela mais para um homem e assim ele é capaz de concentrar seus pensamentos em Deus mais facilmente, mesmo que haja outras formas que, apesar de ser do mesmo Divino Espírito, não provocam o mesmo nele. É o Guru que descobre qual forma da Divindade é mais adequada para cada discípulo, seleciona um mantra ou uma fórmula sagrada pela qual ele pode invocá-Lo e o instrui como deve prosseguir em seu caminho. Tudo isto o Guru faz sem qualquer motivo. O único desejo do Guru é que o discípulo possa realizar a Deus, possa se libertar das redes de Maya, do mundo. Isto é compaixão sem motivo, amor inegoísta que impele o Guru a tomar para si a tarefa de despertar o potencial espiritual do discípulo. Assim nós vemos que alta posição o verdadeiro Guru ocupa no plano do Espírito. Ele é considerado como um pai, mãe, amigo, filósofo e guia. Como um pai o Guru nos pune quando erramos, como uma mãe amorosa nos ajuda quando hesitamos, como amigo fica conosco em nossas dificuldades e como um filósofo ele nos aconselha quando não sabemos como prosseguir.

Por tudo isto fica claro que o Guru ocupa uma posição suprema na vida do aspirante espiritual. Muitos hinos foram escritos sobre o Guru, entre os quais o Guru-Gita é famoso.

O *Mundakopanishad* dá a descrição do verdadeiro mestre: *srotriya*, bem versado nas escrituras – e *brahmanistha*, estabelecido em Brahman[3]. Sri Sankara em seu *Vivekachudãmani* ampliando este conceito e em concordância com as passagens da *Sruti* diz que aquele que está possuído de profundo espírito investigativo e de renúncia deve se aproximar de um Guru, 'que é versado nos *Vedas*, imaculado, intocado pelo desejo e um conhecedor de Brahman par excellence, que retirou-se em Brahman, que é calmo como o fogo que consumiu seu combustível, que é um oceano de compaixão sem nenhuma razão e um amigo de todas pessoas boas que se prosternam a ele'[4]. Este é o verdadeiro mestre de quem se nos aproximarmos estaremos certos de encontrar nosso caminho e a paz duradoura.

● ● ●

[3] 1.2.12.

[4] Vivekachudamani, 33. 33.

AS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS E A TRANSFORMAÇÃO INTERIOR DO HOMEM

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* - abril 1965; Vol. 51

A existência do homem é uma luta contra a natureza. A natureza tenta limitá-lo, aprisioná-lo em sua rede. A ciência no mundo exterior e a religião no mundo interior, lutam por liberdade dos caprichos da natureza. O homem manifesta sua vitalidade quando luta contra um mórbido conjunto de dogmas e credos, sejam científicos ou religiosos. Ele expressa inteligência quando tem honestas dúvidas com relação às crenças estabelecidas. Mas se parar apenas nesta mera abordagem negativa, perde os fundamentos da vida. Torna-se uma pessoa negativa, o que não é um sinal de uma mente profunda. A mente humana deve ter algum suporte, algum conceito positivo em que trabalhar. Seja na religião ou ciência, o homem aceita um conceito, uma proposta, o experimenta antes de descartá-lo. Enquanto que este método racional é fielmente seguido nas ciências empíricas, é tristemente negligenciado no campo religioso. A razão é, contudo, óbvia. Um homem de ciência tem que trabalhar sobre o externo, enquanto que um homem de religião tem que trabalhar sobre si mesmo, sua própria mente. Um homem de ciência não necessita necessariamente ser de um caráter puro, mas para o homem religioso, a nobreza e o caráter puro formam sua base. Estes são os instrumentos pelos quais terá que trabalhar. Deve estar acima das tentações do mundo. Por isso poucos estão realmente qualificados para alcançar aquele plano onde poderiam cruzar a barreira do mundano e ter um vislumbre do transcendente. Mas tal é a presunção do homem, que pela mera racionalização, fatos empíricos e algumas experiências feitas sobre o corpo de seres humanos como em cobaias, ele saberia de toda a Verdade transcendental. Ou então acredita que as experiências religiosas não são mais do que algumas doenças nervosas, produzidas por excessivo emocionalismo e não têm valor algum.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

Tem sido uma alegação repetida como papagaios *ad nauseaum*[2] contra a religião é de que é o 'ópio do povo', sem nem mesmo tentar investigar as profundezas da vida religiosa. Isso muitas vezes também tem o suporte da frase de Freud, 'Eu nunca duvidei que o fenômeno religioso deve ser compreendido apenas baseado no modelo dos sintomas neuróticos do indivíduo.' Não satisfeitos com o termo 'sintomas neuróticos', os discípulos atuais de Freud o teriam como 'sintomas psicóticos'. Não é conhecido se eles compreendem que há algo além do corpo. É duvidoso se acreditam em uma mente separada do corpo. Se nós seguirmos os seus argumentos chegaremos a isso: onde poderá existir qualquer mente se não há um corpo – e um corpo material? É um grande obstáculo para eles, contudo, pois não podem negar as experiências dos sonhos, com resultado de que são obrigados a conceder um estado subconsciente para a mente. Talvez ignorem o estado de sono profundo como digno de atenção, pois nenhum fenômeno é experimentado naquele estado.

Alguns psiquiatras modernos[3] começaram a fazer experimentos nos seres humanos, para descobrir o efeito de certas drogas, para provar suas teorias de que as experiências religiosas não são mais do que mudanças químicas que ocorrem no cérebro, que podem ser induzidas por drogas também. Eles apresentam certos resultados e estatísticas que descrevem os achados de suas experiências. Eles citam os escritos de alguns aspirantes da Índia como também cristãos que parecem ter tido experiências espirituais sob o efeito de canabis, ópio, algum tipo de bebida alcoólica, etc. Sem dúvida, existe algum efeito destes sobre o homem. Podem ter tido algumas experiências enquanto estiveram sob seu efeito, mas descrevê-las como experiências religiosas é algo absurdo. Se estas foram declarações de genuínos buscadores, temos que presumir que foram distorcidas para agradar aos intérpretes, senão temos que tomá-las como vindas de aspirantes mal guiados. Enquanto ninguém nega o efeito da morfina sobre as dores do corpo por um certo tempo, o retorno da dor tão logo o efeito da morfina passe é também um fato inegável. Da mesma forma que alguém embriagado com álcool experimenta um certo tipo de satisfação e esquecimento de suas tristezas, assim também o vício de algum tipo de droga pode causar algumas experiências. Mas uma droga é uma droga e considerar essas experiências como as mesmas de um homem de Deus é o mesmo que dizer que a felicidade que os porcos sentem no chiqueiro enlameado é a mesma daquele homem que está fascinado com a beleza de uma vista panorâmica ou por uma ótima peça musical. O que queremos dizer com

---

[2] Argumento inválido repetido até a exaustão.
[3] Este artigo foi escrito em 1965.

isso é que experiências consideradas por alguns como "espirituais" não são o critério de religião, mas as verdadeiras experiências são. As primeiras são espúrias, como bolhas sem nenhuma substância, vazias como aquele que as experimenta, na medida em que a espiritualidade é considerada.

É significativo neste estágio notar que as aparências são frequentemente enganadoras. Tome o exemplo do pássaro corvo[4]; agora veja como se parece, as características e o doce canto do pássaro cuco[5]! Mas que diferença no canto dos dois pássaros! O canto do corvo é áspero e irritante enquanto que do cuco é doce e tranquilizante. De forma similar as experiências induzidas por drogas, etc., conduz o homem para os planos inferiores da morbidez e em seguida para a adicção da própria droga, que será muito difícil de superar depois. Frequentemente também conduz ao entorpecimento moral e daí a ruína do corpo e da mente; enquanto que a real experiência espiritual transforma o homem. Não é, contudo, uma transformação física. Usando a linguagem de Sri Ramakrishna, 'nele não crescerá dois chifres', mas seu caráter se enobrece.

II

Como então distinguir entre o espúrio e o genuíno, entre um charlatão e um santo? Como já citado acima, a pessoa espiritual real se desenvolve em caráter. Perde a toda hostilidade, descarta todos os desejos, está satisfeito com o que quer que chega até ele sem pedir. Não manifesta nenhuma pompa ou glamour, não anseia por nome e fama. Ele está sempre pronto para ajudar as pessoas em seus problemas. Está sempre imerso no pensamento do Supremo. Ama a todos e não odeia a ninguém. Mesmo a picada de uma serpente venenosa é uma mensagem do Senhor para ele. Em suma, não tem um ego imaturo, o que quer que faça beneficia a sociedade, mais ainda, toda a humanidade.

É o ego imaturo que separa o homem de outro homem, uma sociedade de outra, uma nação de outra. Ele afirma-se de vários modos. O amor ao poder é um deles. Quase todos querem dominar sobre alguém. Mesmo na família, numa sociedade ou numa nação, isto é o que acontece – a tendência de controlar e dominar. Mas quem realmente controla os corações das pessoas? Swami Vivekananda disse uma vez que é a criança que controla de forma suprema o lar. Isto não é um fato? Portanto a menos que sejamos como crianças, simples e francos, puros e sem sofisticação, é impossível ganhar o coração das pessoas. E

[4] Corvus corax (nota do tradutor).
[5] Cuculus canorus (nota do tradutor).

isso é possível quando o homem ultrapassou a ideia de 'eu' e 'meu', - uma condição que é possível apenas quando se realiza o Supremo, se realiza a Deus.

Por outro lado, o que encontramos na história das nações em todo o mundo – não apenas no presente, mas também desde o início da história? É conflito e estresse, guerra e derramamento de sangue. Conflito entre setores da sociedade, entre os que têm e aqueles que nada possuem; guerra entre nações por supremacia, por posse de terra que não lhes pertence e coisas semelhantes. Isso é o que poder mundano cria – tirania. É o ego – o 'eu' e 'meu', 'nós' e 'nosso' – que comete estes crimes. O ego está presente em todos os seres humanos, de uma forma ou de outra – o ego de posse, o ego de casta, o ego de hereditariedade, o ego de erudição, o ego de raça, o ego de beleza [de seu corpo], etc. Mas o propósito da religião é transformar este ego autocentrado em um ego centrado em Deus, transformar o ego imaturo em um ego maduro. Isso é o que a experiência religiosa faz. Pode a experiência induzida por drogas fazer isso?

Que aqueles que afirmam que as experiências religiosas são apenas reações químicas ocorrendo no cérebro, que podem ser induzidas por drogas, nos dê um exemplo de uma pessoa que tenha obtido a abnegação, pura e simples, que tenha ido além dos desejos, através destas drogas e então apresente sua reivindicação. Se disserem que começaram agora seus experimentos e levará tempo para sua ocorrência, não será melhor pedir a eles não confundirem as mentes de pessoas simples em nome de argumentos infundados em nome da ciência até chegarem a esta conclusão provada com resultados? Achamos que isso seria melhor. Também seria um bem para a humanidade não prestar atenção até que chegue tal hora, mas seguir o caminho bem construído em que miríades de santos e sábios já percorreram e que por sua vez permanecem como faróis a iluminar o caminho para a humanidade. Vamos lembrar o provérbio, 'Roma não foi construída em um dia'. A 'Roma' do caráter, que forma a própria base da vida religiosa não pode ser formada por algumas drogas. Se pudesse, por que existe tanta tensão na vida afluente do ocidente - queremos dizer aqui sobre aqueles que dependem inteiramente da matéria e da ciência para seu suporte? Eles gostam de viver sob tensão? Gostam de ser neuróticos? Por que [drogas] tranquilizantes falharam em curar de forma definitiva a ansiedade nervosa? Até que estas questões sejam resolvidas satisfatoriamente não nos deixemos levar por estes experimentos empíricos que nada provam de forma conclusiva.

Se os experimentos são apenas para criticar a experiência religiosa, como parece ser seu propósito, essas pessoas terão que enfrentar o desafio colocado acima, se querem ser considerados cientistas. E de novo, há

experiências e experiências. Não podemos colocar todas em uma só categoria. Vamos nos lembrar que este pensamento de drogas serem capazes de produzir experiências peculiares não era desconhecido na Índia. Vemos, por exemplo, o que Patanjali diz nos *Yoga Sutras*, "Poderes ocultos podem ser obtidos por nascimento, drogas, *mantras*, austeridades e *samadhi*"[6]. Talvez isso surpreenda estes 'psico-cientistas': que drogas possam induzir certos poderes também, sem falar em vagas experiências religiosas. Os *yogis*, contudo, nunca encorajaram que se buscasse estes poderes ocultos. Pelo contrário, foram citados como impedimentos ao progresso espiritual, como armadilhas para serem evitadas em seu caminho.

Aquela experiência que fortalece e firma a sabedoria de uma pessoa, dissipa todas as dúvidas sobre a existência de Deus, desfaz todas as amarras que prendem um homem a este mundo, só isso é uma experiência religiosa genuína. O que é firmeza no conhecimento? Sri Krishna a descreve longamente no segundo capítulo do *Gita*. Algumas das características de tal pessoa podem ser citadas aqui para ilustrar a que alturas pode se elevar uma pessoa espiritualmente avançada. Sri Krishna diz, "Aquele que não se perturba nas dificuldades, desapegado em circunstâncias felizes, para quem apego, medo e raiva desapareceram, é chamado de um homem de conhecimento firme."[7] Provavelmente cada um de nós poderia ter experimentado este tipo de sabedoria por um breve período de tempo; um tempo quando não desejamos nada, não sentimos atração por nada, não tememos a nada e sentimos amor que tudo abarca com relação a todos os seres. Mas no momento seguinte uma ou todas essas emoções podem ter passado. O *Gita* não se refere aqui a estas emoções passageiras, mas a continuidade deste estado mental uma vez alcançado. Como sabemos que é a um contínuo estado que está sendo referido? Em primeiro lugar, é conhecimento comum que as escrituras falam de coisas que não são discerníveis pelos sentidos. As escrituras expõem e explicam o que está além do alcance da mente do homem comum, além da experiência da maioria da humanidade. Portanto não teria nenhum propósito repetir uma experiência bem conhecida do dia a dia. Em segundo lugar, as escrituras direcionam o modo de libertar-se do sofrimento e alcançar a bem-aventurança eterna, pela qual o homem, apesar de forma ignorante, se esforça em seu próprio modo. Em terceiro lugar, neste contexto Sri Krishna deixa claro este ponto, ao final do discurso. Ele diz, "Alcançando este estado de Brahman, ó Arjuna, não se é iludido."[8] Sri Ramakrishna compara esta pessoa a uma abelha

[6] Yoga Sutra, 4.1.
[7] Bhagavad Gita, Ch. II.56.
[8] Ibid., II.72.

que não pousará em nada, apenas em uma flor; não beberá nada além de néctar.

III

A paixão pela qual o mundo está sitiado produz sofrimento e para sair deste sofrimento o homem luta intensamente por vários meios. Dos esforços do homem das cavernas aos do homem civilizado de hoje, com os dispositivos e instrumentos da ciência, são todos para atenuar o sofrimento. Nossos sábios indianos eram conscientes de que por mais que se esforçasse no mundo exterior, não se atingiria o estágio de saciedade pelo gozo [das coisas do mundo]. A sensação de sofrimento retornaria redobrada assim que o deleite terminasse. Assim, pelos golpes de marreta, por assim dizer, a verdade de que não existe felicidade no mundo exterior, surge de forma repetida. "Aquele [estado] onde não se vê outra [coisa], não se escuta outra [coisa], não se conhece outra [coisa], é o Grande. E este [estado] no qual vemos outro, ouvimos outro e conhecemos outro é pequeno, insignificante. Este Grande é imortal e o pequeno é perecível."[9] "Não há felicidade no pequeno, apenas no Grande está a bem-aventurança. Apenas este deve ser conhecido,"[10], diz o *Chāndogyopanisad*. Portanto os antigos sábios exploraram o plano do Espírito e foram amplamente recompensados. Eles atingiram um estado no qual poderiam olhar com equanimidade o prazer e a dor, no qual tudo na terra e nos céus parecia pulsar com o sopro do Princípio Consciente; mais ainda, eles o viram como uma sólida massa da Consciência Única, indivisível e impenetrável. Eles viram que também eles não estavam separados dele. Se tornaram calmos e destemidos, pois eles não o perceberam como uma 'segunda coisa'. Somente de uma 'segunda coisa' que surge o medo em um ser[11,] explica o Upanishad. Esta é transformação que ocorre com este homem. Externamente ele se parecerá com um ser humano comum. Mas nele o conhecimento do Supremo será como um fogo ardente.

Vamos concluir com o que Sri Ramakrishna, o mais moderno e liberal dos Médicos Espirituais, diz sobre as experiências religiosas: "Shivanath disse uma vez que se perde a cabeça pensando muito em Deus. 'O quê?' eu disse. 'Pode alguém tornar-se inconsciente por pensar na Consciência? Deus é da natureza da Eternidade, Pureza e Consciência. Através da Sua Consciência, nos tornamos conscientes de todas as coisas; através de Sua Inteligência o mundo inteiro aparece como inteligente.' Shivanath disse que alguns Europeus se

[9] Chandogyopanishad, 7.24.1.
[10] Ibid., 7.23.1.
[11] Brihadaranyaka Up. 1.4.2.

tornaram insanos, que tinham ‘perdido suas cabeças’ pensando demais em Deus. No caso deles pode ser verdade, pois pensam em coisas do mundo. Há um verso numa canção: ‘O fervor Divino enche meu corpo e me rouba a consciência’. A consciência referida aqui é a consciência do mundo exterior.” Agora, da mesma forma que você chama um médico para consultar quando está doente e não um carpinteiro, um ferreiro, um ator, assim também para curar-nos da doença da mundanidade somente o conselho de médicos espirituais, isto é, os santos e sábios, devem ser buscados e não de qualquer um. A declaração de Sri Ramakrishna, citada acima, deve tirar todas as dúvidas com relação a validade e veracidade das experiências religiosas e o imenso bem derivado delas.

● ● ● ● ●

QUANTO É LIVRE A NOSSA VONTADE

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* – julho 1966; Vol. 53[2]

Há uma ideia atual, já há algumas décadas, de que a vontade do homem é irrestrita ou livre. Uma completa negação desta declaração não é possível, nem se pode aceitá-la cegamente como totalmente verdadeira. Por que não podemos afirmar de uma maneira ou de outra? Por que hesitamos em aceitar ou rejeitar esta declaração *in toto*[3]? Iremos examinar essas questões. O que significa 'vontade'? De acordo com o dicionário Oxford [do inglês 'will'] significa 'a faculdade pela qual uma pessoa decide ou concebe a si mesma em decidir ou iniciar uma ação'. Também nos dá o significado de 'livre arbítrio [ou vontade]' como o poder de determinar sua escolha da ação independentemente do ato de causar ou da causa. Os filósofos indianos chamam esta faculdade de decisão em sânscrito de '*buddhi*'. De acordo com eles é uma parte, por assim dizer, do órgão interno (*antahkarana*); *manas* (mente), *citta* (substância mental) e *ahankāra* (o ego) formam as outras partes.

A primeira objeção a se levantar contra a teoria da vontade livre ou livre arbítrio, se aceitarmos as definições acima, é 'como pode um instrumento ser livre?'. Se fosse assim a caneta do escritor, o pincel do artista, o formão do marceneiro, a marreta do ferreiro, etc. fariam o trabalho por si só. Podemos responder que não é o instrumento propriamente que queremos dizer aqui, mas o instrumento ou faculdade que está energizada pela consciência. Neste caso não é a vontade que é livre, mas a pessoa que para muitos é no máximo o ego, o 'eu'. Então surgem as perguntas: É livre o ego? O que é o ego? Estas são perguntas que devem ser respondidas para chegarmos a uma concepção clara

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

[2] Todos os editoriais originais em inglês, escritos por Swami Paratparananda estão em: https://estudantedavedanta.net/vkesari.html

[3] Do Latim, 'na totalidade' (nota do tradutor).

do que dizer sobre a vontade. O ego, de acordo com o Advaitin[4], é uma falsa identificação – devido a nesciência ou ignorância – do Ātman ou alma com a ideia de 'eu'. Como pode aquilo que está sob o feitiço da ignorância ser livre? Talvez a pessoa desejando favorecer esta ideia de vontade livre ou livre arbítrio pode não gostar de entrar neste intrincado método de raciocínio. Essa ideia apela para ele. Portanto ele aceita. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida do dia a dia. Um homem de vontade livre como definido acima não deve ser dissuadido pelas circunstâncias. Todas suas resoluções devem se tornar verdadeiras e frutíferas ou ele não deveria se preocupar nem se perturbar com os resultados. Mesmo quando os resultados são desfavoráveis, deve ser capaz de recebê-los calmamente. Por acaso um homem, que adere a teoria da vontade livre ou livre arbítrio possui esta tranquilidade? Essa é a questão. Isso é o que ao final conta; para a meta última do homem, para cujo fim são todos seus esforços e lutas durante toda sua vida, é alcançar a tranquilidade, a paz e bem-aventurança. Pergunte a si mesmo: Por que eu quero a liberdade? Porque só nela há paz e felicidade. Na dependência, na escravidão, muitas coisas lhe obrigam a atuar e agir contra seus desejos apesar de si mesmo; você é inibido pelas circunstâncias e guiado pelas tendências herdadas e situações criadas.

Como então alguém pode ser livre? Não precisamos ir muito longe para testar esta liberdade. Tente quebrar um mau hábito ou cultivar um novo hábito e você descobrirá a diferença. Fazemos boas resoluções pela manhã, mas até de noite, carregadas pela corrente dos hábitos, elas desaparecem e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano e mesmo assim não conseguimos levar as resoluções à prática. É essa uma indicação de uma vontade livre [livre arbítrio]? Portanto é evidente que a vontade, com o que quer que se identifique, não é tão livre quanto pensamos.

Ainda assim, esta ideia tem sido colocada na mente do homem como um incentivo para a ação. Se este incentivo não existisse, se tudo fosse automático, não haveria evolução do homem; talvez hoje seria tão primitivo em seus hábitos, costumes, moralidade e religião como o homem da era paleolítica, vivendo em cavernas e agindo pelas paixões como os animais. O homem é como é, pois pode lutar contra a natureza externa e interna, ele tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio diz, 'Foi Deus que plantou na mente do homem o que os ingleses chamam de 'livre arbítrio' [vontade livre]. As pessoas que não realizaram a Deus teriam se engajado em mais e mais ações más se Deus não tivesse plantado nelas a noção do livre

[4] Seguidor do caminho do conhecimento ou monista (nota do tradutor).

arbítrio. O pecado cresceria se Deus não fizesse com que o pecador sentisse que é apenas ele o responsável pelo seu pecado.' Nós teríamos descoberto que as leis da terra não teriam significado se todos não fossem responsáveis por suas ações. Não haveriam regras saudáveis. Teria sido um pandemônio, um caos. Isso é o que acontece com as pessoas que têm o entendimento pervertido da teoria do Karma. Vencidas por *tamas*, inércia, não têm o desejo de agir e atribuem tudo ao Karma. Mas pergunte a elas o que sabem sobre a teoria, que é muito difamada pelos tolos ou pelos que não a compreendem e você descobrirá que ou eles não sabem sobre isso ou apenas dirão que é o resultado das ações em vidas passadas. Não param para considerar sobre quem fez as ações no passado cujos resultados estão colhendo agora. Todos colhem os resultados de suas próprias ações e não de outros. A justiça pode ser levada a erro num tribunal onde o juiz deve considerar as evidências colocadas diante dele, mas diante de Deus que é a testemunha de todas nossas ações, toda evidência é auto revelada e não poderá haver injustiça. Somente os fracos e ignorantes não querem seguir nesta linha de raciocínio. Então eles serão naturalmente confrontados com a pergunta: Se as ações passadas produziram os resultados atuais, por que não mudar o padrão de nossas ações para moldar nossas vidas futuras? Talvez esses pensamentos sejam demais para os inertes, pois são argumentos lógicos e convincentes e naturalmente os rebaixariam aos seus olhos se após chegarem a essa conclusão permanecessem indolentes.

II

De onde surgiu esta ideia de liberdade? Sabemos que há algumas noções que são fundamentais ao homem que são, vida eterna, felicidade imaculada e liberdade ilimitada. O Advaitin diz que essas são da natureza da essência do homem, do Ātman. Por isso não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que seja sufocado pela ignorância, por mais impedido que seja pelos seus adjuntos limitadores. Da mesma forma que um homem que teve um sonho assustador, mesmo após acordar continua num estado de medo por algum tempo mais, assim também a natureza interna do homem apesar de coberta por pesadas incrustações persiste em afirmar-se de algum modo. A noção de livre arbítrio é dessa maneira.

A pergunta que enfrentamos agora é: Por que aquilo que é livre não necessita ser chamado de livre? Não vamos confundir uma coisa com outra. É um fato que o Ātman é livre, mas não no estado ao identificar-se com o corpo. O Ātman não tem ação a fazer, nada a alcançar. O que tem que obter aquele

que é eterno, puro, iluminado e livre por sua própria natureza? Nada. Enquanto que a ação é para um propósito, satisfazer um desejo ou cumpri-lo. É claro que temos que fazer exceções para as Encarnações [divinas] e seus apóstolos. Eles vêm para redimir a humanidade, para mostrar-nos o caminho; eles não têm um propósito próprio para alcançar. Sri Krishna diz no Gita: "Eu não tenho nenhum dever a cumprir nos três mundos, nem algo a alcançar que não tenha alcançado, mas mesmo assim me envolvo na ação."[5] Outros são movidos a atuar por algum motivo, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como a realização de Deus, alcançar *bhakti* são bons e não prendem o homem, não o fazem dar voltas através do ciclo de nascimentos e mortes. Ele torna-se mais e mais livre enquanto fortalece este motivo. Os motivos baixos que em sua maioria são egoistas e relativos à satisfação dos desejos do corpo e da mente não nos liberam. Pelo contrário, eles pregam mais um prego no caixão de nossa escravidão. Assim vemos que o envolver-se em ação mostra um estado de imperfeição. Como então pode haver perfeição em um estado imperfeito? Não é possível e aí nós tropeçamos – tentar ver perfeição no imperfeito; ou melhor, ver o imperfeito como perfeito. E quando soubermos que o que consideramos como nosso ser, não é o Ser, mas o não-ser, não será correto chamá-lo livre. Mas esse conhecimento discriminativo vem mais tarde, na realização de Deus ou Ātman. Até lá este erro permanecerá. No início, apenas temos que saber que a vontade não é inteiramente livre apesar de que a aparência de liberdade está lá. Sri Ramakrishna explicou esta ideia em sua maravilhosa maneira. Dá o exemplo de uma vaca amarrada a uma estaca por uma corda. A vaca pode se mover livremente dentro da área descrita pelo círculo com a corda como raio e não mais do que isso. Se o dono da vaca quiser pode aumentar o comprimento da corda e permitir mais espaço para a vaca se mover e pastar. A vaca pode pensar que está livre, mas quando quer ir além do comprimento da corda sentirá o puxão da corda ao redor de seu pescoço. A vontade do homem também é assim. Foi dado a ele uma liberdade dentro de certos limites, além dos quais não pode ir. Um herói como Arjuna pergunta a Sri Krishna, "Pelo quê o homem é induzido a fazer más ações, mesmo não querendo, como que forçado?"[6] Responde Sri Krishna, "Este desejo, esta raiva, nascida de *rajas* é um grande destruidor e pecador; saiba que é seu inimigo aqui."[7] Portanto onde está o livre arbítrio quando somos facilmente motivados e movidos pelos desejos e agitados pelas paixões? Chegamos a saber de nossas limitações

---

[5] Bhagavad Gita, 3,22.
[6] B.G., 3.36.
[7] B.G., 3.37.

somente quando as tempestades dos fracassos sacudirem nosso barco da vida no oceano de *samsāra*[8]. Um jovem, cheio de saúde, riqueza e poder não realiza isso. Pensa que é supremo. Mesmo pessoas mais velhas que não tiveram que enfrentar grandes calamidades não o compreenderão. Mas chega um tempo quando todos têm que enfrentar a vida como ela é e não como um sonho dourado. Os espinhos na rosa o picarão e abrirão seus olhos para a realidade. Somente uma vontade é livre e esta é a vontade do Supremo. Aquele que se submete a Sua vontade passa suavemente por todas as tempestades e estresse.

III

Como unir-se com a vontade do Criador? Há uma estória de um *Yogi* que estava parado as margens do mar. Uma tempestade começou e ele viu um barco pego por ela e ser jogado sem misericórdia para todos os lados. O *Yogi* tinha adquirido alguns poderes. Podia controlar até mesmo os elementos da natureza. Devido a compaixão [pelos que estavam no barco] ele exclamou, 'Que a tormenta passe!' e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento parou subitamente, o barco virou matando todos que estavam a bordo. Isto mostra que a vontade do homem não distingue a tudo. Não pode olhar além das aparências e então falha e faz julgamentos errôneos. Por isso é muito necessário que tentemos sintonizar nossa vontade com a vontade de Deus. Há uma bela parábola de Sri Ramakrishna que ilustra essa atitude. Havia um tecelão que era um devoto de Deus que fazia tudo que se esperava dele na sua etapa de vida, mas jamais se esquecia de Deus. Mesmo em suas transações comerciais via a vontade de Rama, sua Divindade escolhida. Era honesto e por isso quando as pessoas vinham comprar com ele, costumava dizer, 'Pela vontade de Rama, o valor da linha é tanto, pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o lucro é tanto e o preço é tanto'. As pessoas da aldeia gostavam e confiavam nele. Uma noite, contudo, quando ele não conseguia dormir e estava sentado em seu oratório pensando no Senhor, alguns ladrões que tinham intenções criminosas o forçaram para que os acompanhassem. Eles assaltaram uma casa e colocaram os objetos roubados na cabeça do tecelão para que os carregasse e o levaram. Neste momento a polícia chegou e os ladrões fugiram. O tecelão foi preso e colocado na cadeia. No dia seguinte ele foi levado à presença do magistrado. As pessoas da aldeia que se juntaram no tribunal ficaram espantadas em ver o tecelão ali. Eles disseram ao magistrado que o tecelão jamais poderia ter roubado as joias. O

[8] O ciclo dos seres humanos em nascer, morrer e voltar a nascer, contínuo e quase interminável [nota do tradutor].

magistrado então perguntou ao tecelão que desse seu depoimento sobre o que tinha acontecido.

O tecelão disse, 'Excelência, pela vontade de Rama eu terminei minha refeição à noite. Então pela vontade de Rama eu estava sentado no oratório. Já era tarde da noite, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama eu estava pensando em Deus e cantando Seu nome e Suas glórias, quando pela vontade de Rama um bando de ladrões passava pela rua. Pela vontade de Rama me levaram com eles; pela vontade de Rama cometeram um assalto em uma casa, pela vontade de Rama colocaram uma carga sobre minha cabeça. Neste momento, pela vontade de Rama a polícia chegou e pela vontade de Rama eu fui levado preso. Pela vontade de Rama me prenderam por uma noite e pela manhã, pela vontade de Rama fui trazido à presença de sua excelência.' O magistrado percebeu que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua libertação. Em seu caminho para casa o tecelão disse aos seus amigos, 'Pela vontade de Rama eu fui libertado.'

Mas esse tipo de entrega à vontade do Senhor é obtido após longa e sincera prática, vivendo uma vida pura e abnegada. Emprestando uma expressão dita por Sri Ramakrishna, não deve haver nenhum 'roubo na câmara do coração' dessa pessoa. A mente e a fala devem ser uma só. Essa pessoa é chamada uma grande alma, um *mahatma*. Um verso sânscrito o descreve assim, 'Igual em pensamento, palavra e ação'. Se tentarmos seguir esse princípio, gradualmente nos libertaremos do nosso ego e seremos capazes de nos entregarmos à vontade de Deus.

Qual a utilidade desta entrega? Não se parece com a escravidão? Usamos sem hesitar a palavra escravidão quando se relaciona com a defesa de nosso ego, mas quando se trata de nossa prosperidade material estamos prontos a sofrer qualquer humilhação. E o que ganhamos com isto? Inquietação e desejo por cada vez mais, enquanto que a entrega a Deus nos trará paz. Nada perturba uma pessoa que se entregou a vontade de Deus. Ele se curva a vontade do Senhor com calma e isso **não porque é inevitável, mas com alegria, sabendo que nisso apenas se encontra a bem-aventurança de sua vida.** Sri Ramakrishna costumava dizer, "Você não se preocupa, quando confia num bom homem". E quem pode ser melhor que Deus? Enquanto pensarmos em nós mesmos como entidades separadas possuindo nossas vontades separadas, estaremos pensando em nossos deveres a cumprir, desejos a satisfazer, ambições a alcançar e a ideia de confiar em outro, por melhor que seja, não surgirá em nossas mentes. E enquanto estas ideias permanecerem seremos obrigados a buscar nossos próprios interesses egoistas que entrarão em conflito mutualmente. Portanto as vontades com ambições

mundanas não podem ser livres pois limitariam uma a outra. A menos que as correntes de pensamento fluam em uma direção, na direção de Deus não poderia existir a união de nossa vontade com a divina vontade e como dito antes, sem alcançar a identificação de nossa vontade com a de Deus, sempre haverá tumulto e conflitos tornando a vontade cada vez mais sujeita a restrição. Vamos tentar cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços rumo a realização, pois todos os mestres espirituais têm mostrado que a graça de Deus é o fator mais potente e essencial no progresso e realização da meta da vida, a Liberação.

● ● ● ● ●

Este texto foi traduzido do original em inglês por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

A VIDA ESPIRITUAL E A PERSEVERANÇA[1]

Swami Paratparananda[2]

Sabemos bem que para lograr êxito em qualquer esforço, profissão ou carreira, se necessita perseverança. Isso é muito mais certo na vida espiritual, pois nesta não há máquinas ou instrumentos que nos possam ajudar, no entanto, as pessoas, especialmente na época atual, esperam ter os resultados de suas ações de imediato ou o mais rápido possível. A maioria dos que iniciam o caminho espiritual não têm paciência e por conseguinte, depois de praticar as disciplinas durante alguns meses, ao verem que não podem acalmar suas mentes ou seus sentidos e que ao contrário, se tornam mais agitados que antes, se queixam de que não puderam fazer nenhum progresso. E muitas vezes se perguntam se estão seguindo o caminho correto, se após tudo Deus, as visões e essas coisas não serão nada mais do que ideias quiméricas, ilusórias, sem substância alguma, provocadas pelo jejum ou resultante de um cérebro febril. Em alguns esta condição de vacilação e dúvida pode ser passageira, em troca, em outros pode engendrar reações sérias, como abandonar o caminho e até converter-se em inimigos da religião, dizendo que nela [na religião] não existe nada que possa ajudar o homem, ou ainda que seria um impedimento ao seu progresso neste mundo. Este estado de dúvida e vacilação pode chegar a qualquer aspirante e não apenas aos principiantes. Até aqueles que seguiram o caminho espiritual com todo cuidado durante um longo tempo, podem chegar a sentir-se desta maneira, mas em seu caso essa vacilação não dura muito. Para eles esse estado é a "noite escura da alma", em que têm que lutar para lograr um pouco da luz de Deus, mas sabem que logo virá o amanhecer e se irá a escuridão, que apesar de ser uma etapa dolorosa, devem passar por isso.

Vamos analisar por que ocorre isto. O que é que o homem espera da religião ou de levar uma vida espiritual? Se procuramos profundamente os motivos que fazem ao ser humano atuar, acharemos na raiz de todas as atividades, se encontra o desejo pela liberdade e felicidade. Mas cada um crê

---

[1] Este artigo é tradução ao português do texto original em espanhol que pode ser baixado em: https://estudantedavedanta.net/paratbooks.html .

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

que conseguindo este ou aquele objeto, terá a felicidade que busca. Então se esforça por alcançar esta meta ou obter esse objeto. No entanto, nem sempre ocorre que encontre experiências agradáveis ao alcançar o objeto desejado. Muitas vezes descobre que a este objeto faltava as qualidades do objeto ideal e que não era o que buscava. Desiludidos dessa maneira, os sábios de tempos antigos se deram conta de que a liberdade e felicidade permanentes não podem ser encontradas no [mundo] externo e dirigiram sua busca para o seu interior, afastando-se totalmente dos objetos do mundo. Como resultado dessa busca, alcançaram o próprio espírito e descobriram que a felicidade eterna está em si mesmos, a pesar de que a estavam buscando em todos os lados, como ocorre com o *almisclero*[3], que percebendo o aroma do almíscar, corre para toda parte para obtê-lo, sem resultado e ao final quando esgotado pelos esforços e cansado, se deita para descansar, descobre que o aroma saía de seu próprio ventre e nunca esteve fora dele.

O quadro que as escrituras pintam sobre o homem que realizou intimamente seu próprio Ser é maravilhoso. "Este Ātman – dizem – é único, já que interpenetra tudo e é a alma de todos os seres, mas brilha de diferentes maneiras através de diferentes objetos e seres, e aquele que O experimenta intimamente como seu próprio Ser, apenas esse sábio desfruta da bem-aventurança eterna e nenhum outro. Este Ātman é eterno em meio ao perecedouro, a Consciência dos conscientes e o único que outorga a todos os frutos de suas ações e aquele que O vê manifestado em seu coração, a esse sábio pertence a paz eterna e nenhum outro." Dizem também, "O conhecedor do Ātman vai além do pesar". E também, "O conhecedor de Brahman alcança o Supremo".

Chegando a saber desse estado tão cheio de promessas, é natural que alguns tentem lográ-lo e com esse propósito, antes ou após buscar a felicidade em outras partes, recorram a religião. Não a religião no sentido que o homem comum a compreende, ou seja, a crença em alguns dogmas e credos, seguir certas normas e coisas assim, mas algo que fale de um Ser Superior não limitado por nenhuma dessas coisas e a algo que ensine os métodos para alcançar esse Ser.

A vida espiritual tampouco consiste em adquirir conhecimento livresco nem em saber interpretar bem as escrituras, mas em dirigir a mente a Deus. Sri Ramakrishna disse a respeito: "O que você vai aprender sobre Deus dos livros? Enquanto estiver longe do mercado só ouves um murmúrio incompreensível.

[3] Mamífero da família dos cervos, de uns 50 cm de altura, sem chifres; o macho tem no ventre uma glândula que segrega almíscar; habita solitário no leste de Ásia.

Mas é muito diferente quando realmente estás ali. Então se ouve e se vê tudo claramente. Se ouve as pessoas dizendo, 'comprem minhas batatas, é só pagar e levar'. À distância só se ouve o ruído surdo do oceano. Aproxime-se e verá muitos barcos navegando por ali, pássaros que voam e ondas que se quebram." E conclui Sri Ramakrishna – "Não se pode obter um sentimento verdadeiro [de amor] por Deus com o estudo dos livros. Esse sentimento é muito diferente daquele que se aprende das escrituras". Alcançar a Deus, vê-Lo, sentir Sua presença intimamente, é religião," disse Swami Vivekananda. E aqueles que realmente querem ver a Deus devem trabalhar duro até chegar à meta, pois muitos são os perigos que estão no caminho, como as tentações do mudo, as paixões e a mente inconstante. Quando podemos alcançá-Lo? Sri Ramakrishna responde: "Deus se revela ao devoto que se sente atraído por Ele com a força reunida destas três atrações: a atração que um homem mundano sente pelas posses materiais, a atração de uma mãe por seu filho e a atração de uma fiel esposa por seu marido. Se se sente atraído por Deus com a força combinada dessas três atrações, então poderá alcançá-Lo".

Agora vejamos, muitas vezes ocorre que as pessoas que se interessam pela vida espiritual, pela descrição do estado maravilhoso que se logra ao alcançar a Deus, descobre que chegar a esse estado não é fácil, que requer grande esforço e total desapego. Como consequência, a maioria se desanima e se afasta do caminho, seja súbita ou gradualmente em diferentes etapas de sua aprendizagem. Há uma estória que ilustra como é a mentalidade do homem comum: Certa vez um aspirante foi ver um mestre espiritual com a intenção de ingressar no mosteiro. Quando se aproximou do mestre e lhe pediu que permitisse viver com ele, este lhe disse: "Um discípulo tem muitos deveres que cumprir". Em seguida lhe deu uma longa lista de tarefas que deixava pouco tempo para o descanso. Então o aspirante lhe perguntou: "Quais são os deveres do mestre?" "Receber os serviços dos discípulos, dar conselhos as pessoas que se aproximam e coisas deste tipo", respondeu o Guru". "Então me faça logo um Guru", disse o aspirante. Pode ser que seja um mero conto, mas por trás deste relato está a realidade, ou seja, a atitude humana. Geralmente, o ser humano não quer esforçar-se, quer ter tudo rapidamente, salvo naqueles trabalhos que realmente lhe interessam e em que os resultados são mais tangíveis. Por isso corre detrás dos milagres ou métodos que prometem dar-lhe resultados em um período muito curto. O triste nisto é que há pessoas que creem que já alcançaram a liberação, apenas por terem visitado outras que diziam poder outorgá-la a qualquer um que se acercasse. Pode isto ser correto? Sri Shankaracharya no *Vivekachudamoni* aclara esta dúvida dando dois exemplos: "Assim como a enfermidade não se cura apenas por pronunciar o nome do

remédio, mas que é necessário tomá-lo, do mesmo modo, sem ter a experiência direta de Brahman, não se libera, apenas por pronunciar a palavra Brahman. Sem destruir aos inimigos e sem possuir a riqueza de todo o território, ninguém se torna imperador apenas por dizer, 'sou o imperador'. Do mesmo modo, sem fazer desaparecer da mente o mundo objetivo e sem conhecer a verdade do Ser, como pode ter a liberação apenas repetindo a palavra Brahman?" Já estamos bastante iludidos, não somemos as nossas vidas mais enganos, dos quais não há saída. Não há um atalho para a visão de Deus. Enquanto não limparmos nossa mente de todos os desejos mundanos, não podemos esperar que o Senhor se revele em nosso coração. Esta é a declaração de todos os grandes mestres espirituais.

Agora vamos seguir com nossa indagação sobre as causas do afastamento das pessoas do caminho espiritual. Antes de tudo, como já vimos, vem a preguiça que faz estimar como demasiado o esforço do homem. Depois, por trás dos esforços, não existe o devido anelo, não existe a sinceridade de propósito. Não dizemos que todos comecem assim, mas existe toda a possibilidade de que se perca a firmeza com que começou sua busca de Deus. Manter o entusiasmo com que se começa um trabalho, apesar dos enormes obstáculos como montanhas, é algo que muito poucos corações estão capacitados. Isso é muito mais certo quando o resultado não é palpável, não é perceptível pelos sentidos. É por isso que muitos abandonam o caminho quando fracassam em suas primeiras tentativas. A terceira razão é o grande contraste que existe entre a vida religiosa e a vida cotidiana de hoje em dia. É como falar de polos opostos, uma ensina abnegação, veracidade e como mergulhar no Espírito; a outra reclama por comodidades materiais, satisfação dos desejos mundanos e coisas semelhantes; por conseguinte induz as pessoas a cometer erros vezes seguidas. Aquele que realmente busca a Deus e quer chegar a Ele, não pode servir a dois amos, como disse Jesus. Os Upanishads também declaram: "Quando todos os desejos que moram no coração humano estão aniquilados, então o mortal se torna imortal aqui e de imediato e desfruta da bem-aventurança de Brahman". E agregam: "**Unicamente quando se vê ao Ser Supremo se desatam os nós do coração, se desvanecem todas as dúvidas e são destruídos todos os karmas (resultados das ações)**". Vemos assim que aquele que quer chegar a Deus deve, cedo ou tarde, desenvolver o desapego pelas coisas do mundo. Em outra ocasião foi explicado como este desapego não significa fugir dos deveres nem se tornar duro de coração.

Já falamos dos que se afastam por completo da vida espiritual devido à distintas causas. Mas há os que mudam várias vezes de caminho ao encontrar dificuldades ou impedimentos no trajeto [a Deus] e como consequência, não

logram nada substancial. Sri Ramakrishna, mediante um exemplo, explica como se perdem em vão todos os esforços dessas pessoas: "As pessoas se encantam com o sensacional. Começam a cavar em um lugar para obter água, mas se encontram uma pedra, abandonam o lugar e começam a cavar em outro. Ali encontram areia e também abandonam o segundo lugar. Depois começam em um terceiro lugar e assim continuam. Como vão ter êxito em conseguir água, a menos que continuem cavando de forma persistente onde começaram?"

Os sábios dizem que a religião outorga ao homem eterna bem-aventurança e liberdade. Mas não devemos confundir essa liberdade e felicidade com as mundanas. Uma alma que assumiu um corpo está sujeita as limitações do corpo e padecerá de dores e enfermidades, não pode evitar. Por conseguinte, a verdadeira felicidade pode existir apenas na Realidade intemporal e transcendental, que é a essência do homem. Afirma o Upanishad: "O *Purusha*, do tamanho do polegar, o Ser mais recôndito, sempre mora nos corações dos homens. Deve-se separá-Lo do corpo com habilidade, assim como se separa a medula da erva *munja*[4]. Conheça-O como Resplandecente e Imortal". Se pode separar o Ātman, ou *Purusha*, ou Ser, do corpo, mente e sentidos, por meio das disciplinas espirituais como o discernimento, desapego e autodomínio; e para isso se necessita infinita paciência e perseverança. O descuido e fraqueza são os grandes inimigos no caminho. Não se pode alcançar a esse Ātman nem pela riqueza nem por outros esforços materiais [mundanos]. O que nos impede de experimentar nosso próprio Ser é nossa inclinação pelos gozos mundanos. Apenas retirando nossa mente desses objetos podemos chegar a Deus ou sentir a presença da Realidade transcendental dentro de nós.

Além disso, é sabido quão fortes são as atrações pelas coisas do mundo, quão profundo nossa mente está mergulhada nelas; como uma solução saturada, a mente não pode absorver nada mais de outra coisa. Este é essencialmente o caso das pessoas de hoje em dia. Deus não tem um lugar em seu programa diário. Com a mente nessas condições é que devemos começar a trabalhar. Claro, seria muito melhor se tivéssemos uma mente pura. Mas nem todos somos afortunados neste aspecto. Por outro lado, não se pode lograr a pureza mental apenas querendo, mas com o cultivo de qualidades tais como desapego e renúncia e aquele que faz dos objetos do mundo a meta de sua vida nunca poderá chegar a ter a pureza mental. Sri Ramakrishna dizia: "Os órgãos internos são dominados de forma natural por meio da devoção. À medida que o amor por Deus cresce, os prazeres dos sentidos parecem cada vez mais sem gosto." As atrações do mundo perdem seu feitiço para a pessoa que se move

[4] Saccharum munja - Wikipedia

em direção a Deus. Devemos mover-nos em Sua direção, chamando-O com um coração cheio de anelo. Se pode perguntar: 'Como podemos, com a nossa mente tão manchada chamar a Deus, a própria Pureza e pedir a Ele que se revele ali?' Mas então quando começaremos? Como se purificará nossa mente? Se aguardamos até que todas as impressões da mente desapareçam, antes de chamar por Deus, então acontecerá como a pessoa que foi ao mar para banhar-se e ficou esperando que as ondas se acalmassem: nem as ondas cessaram nem o homem pode tomar o seu banho. Por isso é necessário que comecemos a chamar ao Senhor no mesmo momento em que sintamos que existe um Ser eterno, que sendo nosso Pai, Mãe, Amigo íntimo ou Alma de nossa alma, irá nos libertar deste círculo de nascimento e morte, apesar de todas as nossas falhas, se apenas o desejarmos com sinceridade.

Há um ditado sânscrito: "Deve-se praticar as disciplinas espirituais ainda quando se é jovem, pois a vida é tão incerta como a gota de água sobre uma folha de lótus". Seguindo esse conselho devemos começar as práticas o mais cedo possível, pois se nos deixamos levar pelas tendências inatas e corrermos atrás dos objetos do mundo, estas inclinações se fortalecerão e nos amarrarão mais fortemente ao mundo objetivo. Os sulcos que essas impressões sensórias deixarão no cérebro se aprofundarão e ampliarão, como consequência nos farão seus escravos para sempre, sem esperança de redenção. Como já dissemos, os dois caminhos da vida são diametralmente opostos, portanto, quanto mais avance no caminho mundano, mais duro terá que trabalhar para ir em direção a Deus. Infelizmente, a juventude não é permanente, o homem envelhece dia a dia, e vai perdendo sua força física e também suas faculdades. Se torna difícil, então, aplicar-se a um novo tipo de vida, adotar um novo caminho. Será, apesar de si mesmo, impelido pela força dos velhos hábitos a seguir o caminho já percorrido [anteriormente]. Sabemos como são fortes os hábitos, quase impossíveis de serem vencidos. Portanto, antes que se convertam em nossa natureza, devemos descartá-los usando o método do discernimento. De um modo ou de outro devemos começar a recorrer este caminho elevado e com toda a tenacidade aderir a ele, só então virão os resultados. Mas, o aspirante deve esforçar-se com intrepidez para alcançar a meta sem fraquejar, nem se importar com o tempo que leve para chegar a ela. Há um canto bengali que diz: "Mergulhe fundo, ó mente, repetindo o nome de Kali, no oceano de teu coração, aonde jazem muitas gemas preciosas. Mas não acredites nunca que o fundo do mar carece delas, se tuas primeiras tentativas forem infrutíferas. Com firme determinação e autodomínio, mergulhes e abra caminho até o reino da Mãe Kali. Nas profundidades do oceano da Sabedoria celestial jazem as maravilhosas pérolas da Paz e tu mesmo podes juntá-las, se

apenas tem amor puro e cumpres com os mandamentos das Escrituras". Com a perseverança se obtém tudo o que lhe dá a paz.

As pessoas rezam por vários motivos: alguns desejam riquezas, outros filhos, ou ajuda para vencer as aflições ou preocupações e muito poucos O querem por Ele mesmo. Sri Krishna declara no *Bhagavad Gita*: "Ó Arjuna, quatro tipos de pessoas, com grande mérito, Me adoram; aqueles que se encontram em dificuldades, os que querem saber sobre Mim, os necessitados e o homem de Conhecimento. Entre eles, este último, estando sempre unido a Mim e tendo devoção imutável, sobressai. Eu sou muito querido para ele e ele é muito querido por Mim." Não há dúvida de que os que repetem o nome de Deus, creem em Sua existência e rezam a Ele, são pessoas com ações meritórias a seu crédito, mas o homem que não quer saber de nada senão de Deus, é muito querido pelo Senhor. Por quê? Porque o primeiro e terceiro tipo de pessoas mencionadas por Krishna querem a Deus como um meio para satisfazer suas necessidades. O segundo tipo de pessoas é só de indagadores, que querem saber se Deus existe ou não. Mas o homem de Conhecimento O quer por Ele mesmo, O quer como o sopro de sua vida. Só aqueles que alcançam esse estado, adoram a Deus no verdadeiro sentido da palavra.

Um verso sânscrito aconselha: "Tornando-se como Deus, deve-se adorá-Lo". Deus é a própria pureza, por isso quando a mente se torna pura como a própria pureza, então se pode dizer que a adoração a Deus por essa pessoa é verdadeira e é de muito valor. Sendo esta a condição, temos que perguntar-nos que direito temos de queixar-nos de que não logramos nada, de que Deus não escuta nossas orações e coisas semelhantes. Façamos nossa parte do trabalho e deixemos que Deus se ocupe do restante.

E como purificar esta mente manchada? Mediante a recordação constante de Deus. Sri Ramakrishna disse: "Agarre-se aos pés do Senhor com uma mão enquanto que com a outra faça seu trabalho no mundo e quando estiver livre de suas obrigações, segure a Ele com suas duas mãos." Esse é o método que todos podem tentar adotar em sua vida diária, mesmo em meio de seus múltiplos deveres.

Este mundo é um campo de batalha onde cada um deve lutar por si mesmo. Assim como o alimento ingerido por outros não nos nutre, assim como o remédio tomado por outra pessoa não cura a enfermidade daquele que a tem, da mesma forma os esforços feitos por outros não vão beneficiar-nos espiritualmente. Se queremos progredir no caminho espiritual, devemos seguir com constância as práticas adequadas a nosso temperamento e capacidade. Se pode perguntar: 'Não existiram pessoas que tomaram para si o sofrimento dos demais e os liberaram?' Quantos podem fazê-lo? Somente as Encarnações de

Deus e Seus apóstolos estão capacitados para isso e não outros. E as Encarnações vêm ao mundo muito de vez em quando. Mesmo entre os poucos que realmente chegam a pôr-se em contato com tais personalidades, quantos tomam refúgio aos Seus pés? Quantos os reconhecem? Sri Krishna expressa no *Bhagavad Gita*: "Pessoas de pouca compreensão, sem Me conhecer como o Senhor do universo, Me desprezam, ao ter tomado forma humana". Muito poucos, na verdade, são capazes de reconhecer uma Encarnação [de Deus] durante sua vida terrena. Não possuímos os olhos divinos, nem aquela pureza mental que pode revelar as coisas como são. Nessas circunstâncias o único modo que nos resta é lutar, abrir o caminho e sair deste labirinto pela força do [nosso] trabalho. A prática incessante das disciplinas espirituais e a recordação constante de Deus são os únicos métodos pelos quais pode-se superar os defeitos.

Sri Ramakrishna aconselhava a seus discípulos: "Estabeleça alguma relação com Deus, como por exemplo a de um servidor, a de filho, amigo, ou outra de acordo com seu temperamento. Faça-O seu." Todas estas atitudes a humanidade conhece. Quanto ama uma mãe a seus filhos! Quando as crianças ficam enfermas, a mãe sacrifica seu sono, comida e outras comodidades para cuidá-los e mesmo quando estão bem, trata de dar-lhes todo o conforto de que é capaz. Vocês devem seguramente ter amigos verdadeiros, cuja presença os enche de alegria, a quem anseiam ver. Também existem servidores fiéis, a quem não lhes importam palavras ou ocasionais tratamentos duros de seu patrão, pois sabem que este os quer bem, e que os tratam desta maneira para seu bem. O que necessitamos é cultivar qualquer destas atitudes para com Deus e desenvolver amor por Ele. Também se pode seguir o caminho do Conhecimento ou de Yoga. "A conclusão final - afirma Sri Ramakrishna – é que qualquer que seja o caminho que sigas, a *yoga* [união com Deus] é impossível a menos que a mente se aquiete. A mente de um *yogi* está sob seu domínio e não ele sob o domínio da mente. Quando a mente está quieta, o *prana* (força vital) deixa de funcionar. Então se logra *kumbhaka* (retenção da respiração). Também se pode obter esse mesmo *kumbhaka* por meio de Bhakti yoga, o *prana* deixa de funcionar também por meio do amor a Deus". Assim vemos que por qualquer caminho que sigamos, chega-se a ver o Senhor ou o Ser Supremo, apenas se persistir com intrepidez até o final.

Não temos que nos sentir desamparados enquanto recordemos que existe Aquele que nos trouxe ao mundo e que morando em nosso coração, nos cuida. Talvez tenhamos medo de que Ele esteja observando-nos quando cometemos erros, mas esse medo não é algo mal. Pois isso impedirá nossas inclinações viciosas e assim ajudará a limpar nossa mente. Na verdade, nada

escapa a Sua observação, nada está fora de Seu alcance, pois é o Espírito Interno de todos. Então devemos tremer, gemer e chorar temendo a ira do Senhor? Claro que devemos estar preparados para colher o fruto de nossas ações, boas e más. Apenas chorar e lamentar-nos não vai ajudar, a menos que possamos corrigir nossos hábitos viciosos. Deus, como uma bondosa e carinhosa mãe perdoa nossas faltas e nos dá força para aguentar a carga de nossas ações, quando cai sobre nós. E cuida para que nestes momentos não afundemos no mar do desespero.

Além disso, este chamado por Deus com perseverança e anelo nos capacita a manter-nos firmes diante de todos os transtornos e dificuldades. Eis aqui um canto que ensina como devemos chamar a Deus:

Clame a tua Mãe Shyama com clamor verdadeiro, ó minha mente.
E como poderá Ela manter-se afastada de ti?
Como poderá Shyama não aparecer?
Como poderá tua Mãe Kali ficar afastada de ti?
Ó minha mente, se tens fervor, leve uma oferenda de folhas de bel e flores de hibisco;
Ponhas a Seus pés tua oferenda
E a mescle com a fragrante pasta de sândalo do Amor.

"O anelo, declara Sri Ramakrishna, é como a aurora rosada. Depois da aurora sai o sol. O anelo é seguido pela visão de Deus". Mas esse anelo não vem se não perseveramos em nossas práticas.

Agora veremos que tipo de perseverança é necessário para alcançar a meta. Sri Ramakrishna ilustrava isso com alguns exemplos: "Enquanto haja fogo sob a panela, o leite em seu interior ferve e se levanta, mas tão logo se retira o fogo, o leite permanece quieto. Do mesmo modo o coração do neófito ferve de entusiasmo enquanto continua com seus exercícios espirituais". Se os deixa ainda que seja por um curto período, lhe custará muito retomá-los. "Aquele que descende de família de lavradores não deixa de cultivar a terra ainda que não chova por doze anos; pelo contrário, um comerciante que acaba de dedicar-se a agricultura se desanima na primeira seca. Da mesma forma um verdadeiro devoto jamais se desencoraja, mesmo que não logre ver a Deus após ter levado toda sua vida em intensas práticas". As pessoas que vão pescar sabem o quanto tempo têm que esperar antes que um peixe trague o anzol; passam horas pacientemente aguardando um grande peixe. Um devoto que quer ver a Deus deve ter essa paciência e perseverança. Há um verso no Upanishad: "Este Ātman não pode ser alcançado pelo débil". Aqui 'débil' não se refere somente

a debilidade física, senão também a do coração. Aquele que se assusta ou desanima quando vê que [ainda] não fez nenhum progresso em seu caminho [espiritual], não pode chegar à meta. Vemos assim que sem perseverança não se logra nada, seja neste mundo ou no mundo espiritual, e os que persistem e perseveram, não importando os obstáculos e contratempos, ao final são recompensados.

Que Deus nos outorgue essa bendita virtude da perseverança para que possamos, por Sua graça, vê-Lo antes de partir deste mundo!

● ● ● ● ●

Este texto foi traduzido do original em espanhol por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

A TRANQUILIDADE MENTAL

Swami Paratparananda[1]
27/06/1972

Já nos referimos aqui [numa palestra anterior] mais de uma vez sobre a tranquilidade mental; também sugerimos algumas práticas para alcançá-la. Hoje vamos discutir esta questão um pouco mais extensamente.

Primeiro devemos ter um conceito claro da constituição da mente. A Vedanta diz que o ser humano é constituído de invólucros ou camadas. Cita cinco deles, a saber: *annamaiakosha*, o corpo denso, aquele que é sustentado pelo alimento; *pránamaiakosha*, o involucro dos pranas ou órgãos dos sentidos: cinco órgãos de ação e cinco órgãos de percepção; *manómaiakosha*, ou o invólucro da mente que consiste nas tendências inerentes; *vijñámayakosha*, a faculdade de discernimento; *ánandamaiakosha*, o invólucro da bem-aventurança. Os hindus também os classificam em três corpos, a saber: *Sthula-sharira* ou corpo grosseiro, ou *annamaiakosha*; *sukshma-sharira*, corpo sutil que consiste nos três invólucros seguintes, a saber, *pranamaia*, *manomaia* e *vijnamaiakoshas*; e finalmente *karana-sharira*, corpo causal que consiste no último invólucro. Vemos que a mente faz parte do corpo sutil, ou seja, é formada por elementos sutis ou matéria sutil e é o repositório de todas as tendências do ser humano. Nenhum homem nasce como *tabula rasa*, ou seja, sem nenhuma impressão anterior em sua mente. Porque o próprio fato do nascimento representa o anseio do ser humano por alguma satisfação, são as tendências que o fazem renascer repetidamente neste mundo. Vamos examinar esta proposição. Tomemos um exemplo da vida cotidiana: o homem trabalha. Por quê? Existe algum propósito, sustentar a família ou a si mesmo, ganhar riqueza, renome, posição ou fama. Em alguns poucos casos, ajudar aos demais. Aqui encontramos um estímulo. Sem algum estímulo ou impulso ninguém faz alguma ação. Da mesma forma deve haver um motivo ou outro para um ser nascer. E quando ele nasce, esses motivos ou desejos estão latentes em sua mente.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968.

O que são as tendências? Como elas puderam se estabelecer na mente? Para os hindus que acreditam na reencarnação e na teoria do Karma, ou seja, a explicação da vida atual como consequência das ações e pensamentos de vidas passadas, não é difícil de entender. São as teorias que melhor explicam a situação atual do mundo; se não, como entender a imensa diferença que encontramos no mundo?
Alguns desfrutam de todas os seus bens, riqueza, posição, beleza e coisas do gênero, enquanto outros carecem de tudo. Isso acontece até com os filhos do mesmo pai; alguns são inteligentes, física e mentalmente fortes, enquanto outros são estúpidos, fracos e perversos. Essas teorias nos dizem que o ser humano é produto das ações e pensamentos de suas vidas passadas; que ninguém é responsável por seu infortúnio além de si mesmo. Qualquer ação ou pensamento deixa sua impressão na mente se tiver um motivo pessoal e essas impressões são o que mais tarde se tornam tendências. Ninguém pode evitar as consequências de suas ações, mais cedo ou mais tarde você deve colher os resultados. Podemos esconder algum ato vicioso do mundo observador, mas não podemos fazê-lo de nós mesmos. Além disso, esses atos não são únicos, eles querem se repetir. Essa é a força das tendências. E estas se manifestam como desejos no devido tempo, quando o impulso ou sugestão apropriada assalta a mente. E cada vez que o homem satisfaz algum desejo, sem discernir ou pensar nas consequências, inconscientemente forja mais um elo na cadeia de nascimentos e mortes. Porque os desejos têm a natureza de se repetir se não se discerne nem são devidamente avaliados. Essas tendências permanecem submersas na mente de forma latente e voltam à superfície assim que chega um estímulo externo. Geralmente não se pode satisfazer todos os desejos em uma vida, muitos deles permanecem insatisfeitos e, portanto, é preciso renascer repetidamente para satisfazê-los. A situação é como a de um homem sedento que procura por toda parte água para saciar sua sede ou como a de uma lagarta que agarra uma folha nova antes de deixar a que já comeu até saciar sua enorme fome. É por isso que todos os sábios e todos aqueles que alcançaram a Meta, Deus, desde os tempos antigos insistem que devemos aniquilá-los se quisermos ser livres ou salvar-nos. Os Upanishads dizem: "O homem de mente infantil, que é iludido pelo feitiço da riqueza e que sempre se equivoca, nunca vê o caminho para o Além [vida pós-morte]. Acreditando que este é o único mundo e que não existe o além, uma e outra vez ele se submete à morte". A palavra riqueza aqui representa simbolicamente todas as coisas mundanas e aquele que é enganado por elas acreditando que são reais, permanentes, nunca pensa na Verdade Suprema ou em Deus e, como consequência, renasce repetidamente para realizar seus desejos. Eles também

dizem: “Quando um mortal aniquila todos os desejos que habitam em seu coração, se torna imortal e alcança Brahman, a Verdade Suprema, mesmo aqui neste mundo.”

Sri Krishna diz no Bhagavad Gita: “Aqueles cuja natureza está inclinada para os prazeres mundanos ou celestiais falam de muitas atividades que levam aos prazeres e à riqueza e, ao final, aos repetidos nascimentos. Assim imersos no prazer mundano, e com o intelecto ofuscado, eles não podem direcioná-lo para a tranquilidade, muito menos estabelecê-lo nela”. Buddha, por meio de sua própria experiência espiritual, estava convencido das quatro nobres verdades, ou seja, que o sofrimento existe, que tem uma causa, que pode ser removido e que existe uma maneira de aniquilá-lo. Atribui a origem do sofrimento ao anseio excessivo por coisas prazerosas e prosperidade, e a causa dos desejos enganosos a atribui à ignorância, ignorância sobre o que é real, permanente, e o que é irreal, transitório ou passageiro. E o método de aniquilar os desejos é adquirir o conhecimento ou realizar o Nirvana.

Sri Ramakrishna também afirma que, enquanto se tenha o menor traço de apego aos objetos mundanos, não se pode realizar Deus, não se pode ter paz eterna, tranquilidade mental. Todos vocês sabem o que Jesus diz sobre preocupação e ansiedade. Assim, vemos que todos os homens de Deus declaram a uma só voz que o desejo é a causa de toda perturbação mental e de todo sofrimento, e que para alcançar a tranquilidade devemos dominá-los.

É possível encontrar ou sentir tranquilidade ao conseguir algum objeto, mas isso é momentâneo, então mais desejos assaltam o homem e consequentemente a perde, novamente a mente se sente agitada. Vendo esse fenômeno, pode-se perguntar: “Na realidade, existe a tranquilidade? Porque vemos que tudo no mundo está em estado de mudança. A semente que é semeada brota em poucos dias, torna-se uma planta, e a planta produz brotos, que depois florescem. Algumas horas depois as flores murcham, dando origem, em alguns casos, aos frutos. A lua gira em torno da terra e a terra gira em torno do sol. O universo inteiro está em um vórtice de atividade; ele não pode descansar por medo de ser aniquilado. Mas atividade eterna é um conceito impossível. Após a atividade deve haver períodos de descanso. Encontramos isso em todo o manifestado. É possível que o período de atividade e o de repouso em alguns casos possam ser calculados em horas, enquanto em outros, como o da Terra, em milhões de anos. Em todo caso, se a natureza é construída segundo um plano definido, se se pode chegar a uma conclusão sobre o processo cósmico, levando em consideração a formação do microcosmo, deve-se admitir que deve haver períodos de atividade alternados com períodos de descanso, em todo o universo. As escrituras hindus apoiam

essa visão. Falam da teoria da manifestação cíclica quando dizem: "O Senhor projetou o sol e a lua (e as outras coisas) da mesma forma que o fez anteriormente." Os hindus não acreditam que esta criação seja a única que existiu no ventre do tempo. Segundo eles, a criação não teve começo, tudo isso constitui apenas um processo de repouso e projeção.

Encontramos uma descrição maravilhosa do estado do Absoluto, antes da criação, nos Vedas. Diz: "Então não havia existência nem inexistência, nem terra nem céu existiam. O que cobria a névoa? De quem era esse poder? O que havia nas profundezas da densa escuridão? Não havia morte ou imortalidade. Não havia noite separada do dia. No entanto, Aquele apenas vibrava imóvel em sua própria glória, nada mais existia. Havia apenas escuridão envolta em escuridão." Devemos lembrar que os Vedas são dados das experiências de vários sábios. Aqui temos uma vaga ideia, um vislumbre da tranquilidade, mas talvez seja necessário explicar essa afirmação. Sabemos bem que não podemos expressar nossas ideias com a clareza que desejamos, que as palavras, por mais precisas que sejam, carecem do vigor e da visão das ideias. Isso é muito mais verdadeiro em relação ao tema do espírito, ou o Absoluto. O Absoluto não pode ser expresso em palavras, mas todos os que o alcançaram fizeram tentativas de comunicar suas experiências à posteridade. Portanto, não é surpreendente que essas suas declarações sejam incompreensíveis à primeira leitura. Porém, à medida que se pratica as disciplinas espirituais e se pensa nelas, pouco a pouco tudo ficará claro. Ora, quando se refere à existência ou não-existência, o ouvinte imediatamente pensa em coisas manifestas ou na ausência delas, certo? Considerando este conceito das pessoas, o sábio declara: "Então não havia Existência nem inexistência." Isso o esclarece quando ele diz: "não havia nem a terra nem o céu", também que o tempo não existia, quando ele diz "a noite não existia separada do dia". Outra frase dessa afirmação que deixa alguém perplexo é "a única coisa que vibrava sem movimento"; vibração implica movimento, então como pode ser sem movimento? O movimento pode ser explicado em relação a outras coisas, mas quando não havia nada além Daquele, quando nem mesmo o espaço existia, em relação a que o movimento pode ser explicado? Agora nos voltamos para a frase "Escuridão envolta em escuridão". Quando você ouve a palavra escuridão, pensa na escuridão da noite e não se sente nada feliz. Mas a escuridão mencionada aqui pelo sábio não é deste universo; ele quis dizer que esse estado era impenetrável até para ele. No entanto, ele estava cheio de felicidade. Na Índia, a noite de lua nova é considerada auspiciosa para a prática de disciplinas espirituais em um local isolado e temível, como um crematório ou uma floresta, pois as pessoas comuns não se atrevem a

interromper as práticas em tais lugares e se tem toda a facilidade e tranquilidade para realizá-las.

Agora, há calmas e calmas. Temos a calma antes da tempestade, há também a calmaria da noite sufocante, quando parece que o vento cansado de soprar foi descansar em alguma gruta distante. Mas que grande diferença há entre os dois tipos de calma, uma antes da projeção do universo e as outras que acabamos de mencionar! Em uma há toda a segurança da placidez, na outra todo o medo da calamidade que se aproxima. Numa há a frescura que conforta a alma, na outra a presença de um desconforto insuportável. Em uma há paz, na outra, ansiedade.

Essa reconfortante tranquilidade da alma pode ser encontrada, num sentido muito distante, na serenidade das montanhas, especialmente a dos Himalayas. O retiro nas montanhas apresenta um forte contraste com o turbilhão de atividade louca do mundo, preso no qual o pobre homem perde suas forças e amarras. Longe do tumulto do povo, seguro na contemplação do seu próprio ser, o homem da ermida não só se afasta do mundo exterior, mas também dos mundos que vai criando dentro de si. Talvez um paralelo quase próximo a essa tranquilidade indescritível possa ser experimentado no sono profundo. Aqui, em sono profundo, temos uma ideia, ainda que muito vaga, do que é a equanimidade, a tranquilidade.

Toda a criação está voltando para essa tranquilidade, para essa equanimidade que foi perturbada, embora inconscientemente. Os seres humanos também fazem isso, alguns inconscientemente e outros conscientemente. Sim, essa é a diferença entre o homem e as outras criaturas: o primeiro pode conscientemente tentar alcançar essa equanimidade. Pois o ser humano é um fenômeno peculiar, talvez a mais maravilhosa criação da natureza. É ele quem evidentemente se opõe a ela; luta com todas as suas forças. Embora tenha sido criado com um corpo frágil, sobreviveu a todos os ataques de animais mais fortes que ele e aos micróbios sutis das pestilências. Ele domou as forças da natureza para servi-lo, mergulhou nas profundezas de seus segredos e está tentando conhecê-los completamente. Mas a luta contra a natureza externa constitui apenas uma fração do total. Com toda a sua conquista de forças externas, o homem ainda não está em uma posição feliz. Sem dúvida, suas invenções de todos os tipos lhe dão prazer por um tempo, podemos dizer que o excitam, mas isso só aumenta a tensão nervosa, só aumenta a hedionda corrente de inquietação. A tranquilidade não é gerada por prazeres; em vez disso, como reação, ele logo desenvolve um enorme vazio dentro de si.

No entanto, essa busca de prazeres também é feita com vistas a alcançar aquela felicidade infinita, para esquecer tudo, mas apenas equivocadamente, assim como um homem sedento no deserto corre atrás da miragem, tomando-a por um oásis. A grande maioria da humanidade erroneamente considera esses prazeres como o objetivo da vida. Por que ocorre isso? Como surge o erro? Os Upanishads dizem que a felicidade que os seres desfrutam constitui uma fração infinitesimal da bem-aventurança divina. O equívoco ocorreu porque a humanidade tomou essa pequena e insignificante fração de felicidade, como a infinita. É por isso que se desviou, pois a bem-aventurança divina não pode ser encontrada em coisas finitas, a bem-aventurança plena existe apenas no Infinito, diz um dos Upanishads. É verdade que as escrituras hindus dizem que ao final todos chegarão a Ela, porque tudo saiu d'Ela, vive n'Ela e ao final para Ela retorna. Mas isso pode acontecer depois de milhões de anos, depois de passar por inúmeras vidas. Objetos inertes e seres não pensantes podem esperar, mas um ser humano, tendo a oportunidade em suas mãos, deve se esforçar conscientemente para recuperar esse "reino dos céus".

Por que dizemos que alcançar a equanimidade, a serenidade, é um passo em direção à Bem-aventurança, mais ainda, é a própria Bem-aventurança? Porque Ela só pode habitar em um lugar imperturbado. Somente na superfície plácida de um lago os objetos são refletidos. Além disso, não há movimento nessa Felicidade Infinita, assim como era antes da criação. É por isso que todos os mestres espirituais exigem que cultivemos a virtude da equanimidade ou tranquilidade. Por exemplo, Sri Krishna fala do *Sthita Prajña*, o homem de conhecimento ou sabedoria firme. Observe as palavras "sabedoria firme". Não é um conhecimento que muda de momento a momento, nem significa o que é comumente entendido pelo termo. Podemos ter um conceito nebuloso do que é se não estudarmos a descrição do *Sthita Prajña* dada no Gita. Sri Krishna define tal pessoa: "Quando alguém aniquila todos os desejos que surgem na mente e fica satisfeito em seu ser, somente então pode ser chamado de homem de sabedoria firme". Cada palavra aqui é muito significativa. Devemos observar que os desejos devem ser aniquilados, não apenas subjugados, porque os subjugados podem ressurgir e causar estragos na pessoa devido à subjugação que sofreram. Também a palavra "todos" é importante. Não há meio termo, não há concessão, não podemos transigir, devemos erradicar <u>todos</u> os desejos. É possível que não expressemos nossos desejos, mas que eles estejam ocultos na mente; isso é muito perigoso, eles devem ser apagados de lá. A definição não termina aí, continua: "satisfeito em seu próprio ser". O que isto significa? Significa que para a satisfação ou contentamento de tal pessoa, nenhum agente ou objeto externo é

necessário, nem mesmo sonhos ou imaginação de prazeres. Sua mente nesse estado não conhece nada além da presença do Atman, o Ser, resplandecente por si mesmo e infinitamente bem-aventurado. Quando o homem atinge esse estado, só então se pode dizer que ele tem "sabedoria firme". O Samadhi, o ápice da vida espiritual, não está longe dessa pessoa e como diz Sri Ramakrishna, é como o aparecimento da aurora indicando que o sol está para nascer em breve.

Sri Krishna continua: "Imperturbado na calamidade e desapegado da felicidade, livre de apego, medo e raiva, aquele homem que se dedica à contemplação de Deus é chamado de homem de sabedoria firme". É outro esboço de tal pessoa que explica a descrição acima. Os mestres espirituais do mundo não nos deixam em suspenso quanto ao que afirmam, o que é bom para nós. Eles querem expressar suas ideias tão explicitamente quanto possível. Eles descem ao nosso nível de compreensão para fazer isso. Sri Krishna provavelmente sentiu que as gerações seguintes poderiam dar um sentido errôneo ao que Ele havia dito e, assim, se desviar. Ele não queria que isso acontecesse e é por isso que expandiu Sua primeira declaração.

Podemos parecer destemidos quando estamos em perigo, mas ao mesmo tempo pode haver trepidação em nossos corações. Mas o destemor gerado pela força é algo diferente. Swami Vivekananda, falando de suas experiências de viagens como um monge errante, disse em uma palestra: "Um dia eu estava passando por uma floresta quando de repente ouvi uma voz repetindo '*Shivoham*' - eu sou o Eterno e Auspicioso - e olhando na direção de onde vinha o som, vi ao longe que um tigre estava arrastando um monge, mas mesmo assim ele não repetia nada além de '*Shivoham*'". Isso é equanimidade, isso é ser firme na sabedoria, ser intrépido mesmo nos portões da morte, estar unido com o Atman, o Ser, estar satisfeito no Ser e também estar livre de todo apego. Pois, o que mais é tão precioso para o homem quanto seu corpo? Não é toda a luta do homem comum manter esse corpo ileso? No entanto, nesse caso, vemos uma pessoa que não pensou nele, mas como uma roupa gasta. Isso é o que dá tranquilidade ao homem.

Podemos nos perguntar: quando tudo é mutante e mutável, como só esse estado pode ser permanente? Pois bem, sabemos que as sementes brotam mas não as sementes cozidas, nem as torradas. Da mesma forma, realizar Deus, atingir o Samadhi, consiste em queimar todos os desejos e, assim, destruir todas as sementes de futuro nascimento. Sri Ramakrishna expressa essa ideia muito bem de outra maneira. Ele diz: "Suponha que haja dois ímãs, um grande e um pequeno, qual atrairá o pedaço de ferro? Naturalmente, o grande ímã. Deus é o grande ímã. Comparado a Ele, as outras atrações do

mundo são insignificantes.” Pode-se perguntar, então, por que todos não são atraídos a Deus se Ele é o maior ímã? Se o ferro está preso na lama, não importa quão forte seja o ímã, não pode atraí-lo, nem se a peça estiver muito longe. Quem conhece essa teoria do magnetismo sabe que existe um campo atrativo do ímã e que o ferro que está fora desse campo não responde ao ímã, embora sua força não tenha diminuído de forma alguma.

O que significa estar fora do campo de atração de Deus? Aquele que se contenta com os objetos mundanos, que não sente necessidade de pensar em Deus, está longe d’Ele. Um dos Upanishads diz: “Aquele que está longe, também está perto”. Está perto de quem abre o coração ao pensamento de Deus, enquanto quem não sente necessidade da Sua contemplação, afasta-se d’Ele.

Até agora falamos sobre a constituição da mente, o estado de tranquilidade e sua utilidade. Agora vamos estudar os métodos para atingir esse estado. Primeiro é preciso discernimento, para discernir entre o que é Real e o que é irreal, transitório. Há um episódio da vida de Yajñavalkia narrado nos Upanishads. O sábio, depois de levar uma vida reta e moral e percebendo a vacuidade das coisas mundanas, quis retirar-se ao bosque, e com este propósito chamou a sua esposa e lhe disse: ‘Querida, creio que chegou o momento para mim de renunciar ao mundo; agora, deixo toda a propriedade em suas mãos.’ A esposa, que era inteligente, perguntou-lhe: “Meu querido, eu poderia ser imortal se toda esta terra cheia de riquezas fosse minha?” O sábio respondeu: “Não há esperança de imortalidade através da riqueza”. Maitreyi, a esposa, respondeu: “Se é assim, de que me serve qualquer coisa que não me dê a imortalidade? Diga-me apenas o que você sabe sobre os métodos para atingir esse estado”.

Esse deve ser o tipo de desapego nascido do discernimento. Junto com esse discernimento e desapego é preciso praticar as disciplinas espirituais. Discutimos isso em nossa conversa anterior. Hoje vamos sugerir algumas coisas muito importantes e proveitosas para a vida espiritual.

O homem faz tudo sozinho, mas quando falha em sua empresa quer colocar a culpa em alguém. Isso é um defeito da maioria das pessoas. Certa vez, uma pessoa foi pedir conselho a Sri Sárada Devi, a Consorte Divina de Sri Ramakrishna. Disse-lhe: “Mãe, diga-me como posso ter paz de espírito”. Ela respondeu: “Minha filha, se você quer paz de espírito, não procure defeitos nos outros, pois ninguém neste mundo é um estranho”. Parece um conselho simples e fácil de praticar e muitos o considerarão pouca coisa, mas quem o põe em prática verá como é difícil. As coisas simples não têm encanto para a maioria; assim também a verdade, assim também Deus.

Mas, uma vez que você prova o fruto desses conselhos, fica maravilhado. Muda o rumo da sua vida para sempre. Quase ninguém é perfeito neste mundo; quase todos têm defeitos; então de que adianta ficar procurando lacunas nos outros? Isso nos prejudica muito mais do que beneficia. Pensando nas deficiências dos outros, nós as incutimos em nós mesmos. Há uma parábola de Sri Ramakrishna que expressa esse fato de maneira muito penetrante: havia um monge que tinha seu albergue em frente a uma casa de má reputação. Um dia ele mandou chamar a prostituta e disse a ela: "Olha, você está levando uma vida muito viciosa e eu te aconselho a mudar seu modo de vida a partir de agora, caso contrário você irá para o inferno." A pobre mulher despediu-se do monge, mas como não conhecia outra forma de ganhar a vida, continuou como antes, embora implorando a Deus que a salvasse de suas aberrações. Quando o monge viu que ela não havia mudado, começou a contar seus desvios, empilhando uma pedrinha para cada extravio, e depois de um tempo mandou chamá-la novamente e disse: "Você vê aquele monte? Cada pedra representa sua aberração. Pelo menos de agora em diante, não repita." Vendo a pilha de pedrinhas, a mulher se assustou e rezou com mais fervor e arrependimento sincero a Deus para livrá-la daquela vida desprezível. Sua oração foi ouvida e naquele mesmo dia ela deixou de existir [morreu] neste mundo. Pela estranha vontade do Senhor, o monge também morreu no mesmo dia. Os mensageiros de Vishnú, Deus, desceram do céu e levaram o corpo espiritual da mulher arrependida para as regiões celestiais; em vez disso, os mensageiros de Yama, a Morte, amarraram o corpo sutil do monge e o levaram para as regiões inferiores. Vendo a boa sorte da prostituta, o monge exclamou: "É esta a sutil justiça de Deus? Eu que passei toda a minha vida em ascetismo e pobreza, sou levado ao inferno, enquanto que la prostituta, que viveu constantemente no pecado, está subindo ao céu." Ouvindo isso, os mensageiros de Vishnú lhe disseram: "Os desígnios de Deus são sempre justos, o que se pensa é o que se colhe. Você levou uma vida de ostentação e vaidade, tentando obter honra e fama, e Deus lhe deu essas coisas. Você nunca teve um desejo sincero por Deus. Esta mulher, ao contrário, orava fervorosamente dia e noite, embora seu corpo vivesse no erro. Olha, o tratamento que o seu corpo e o dela estão recebendo, aí na terra. Como você nunca pecou com seu corpo, seu cadáver foi decorado com guirlandas de flores e levado em procissão com música para ser enterrado no rio sagrado. Em vez disso, o corpo dessa prostituta agora foi despedaçado por abutres e chacais. Mas como ela era pura de coração, ela agora vai para as regiões dos puros. Já seu coração estava sempre ocupado contemplando os pecados da

prostituta e, assim, tornou-se impuro. É por isso que você vai para as regiões dos impuros.”

Mas, ouvindo esta parábola, não se deve concluir que alguém pode ir para o céu, ou ver a Deus, vivendo no erro toda a sua vida, iludindo-se de que deseja sinceramente ser livre de apegos. Não havia outra maneira da infeliz mulher se sustentar, mesmo modestamente. Como a sociedade não a recebia em casa nem como criada, ela teve que continuar vivendo como antes. Hoje em dia o caso é diferente; aqueles que anseiam por reformas têm amplas oportunidades. Portanto, não há desculpas para levar uma vida errada. O importante é que seja sincero na ação, na palavra e no pensamento, senão sua vida será de um hipócrita. Ele pode enganar os outros ou a si mesmo, mas não a Deus. Deus vê o fundo de nossos corações, o pensamento mais íntimo do homem é como um livro aberto para ele.

Estudemos psicologicamente como o pensar nos defeitos dos outros, suja sua própria mente. A mente é como um gravador, registra tudo o que a pessoa ouve, percebe, age ou pensa e depois arquiva. E toda vez que percebe algo semelhante, traz aquela sensação particular de volta à memória e começa a ruminar tanto sobre essas coisas que não deixa espaço para outros pensamentos. Se forem bons, a mente é purificada, se forem viciosos, ela se torna suja.

A segunda parte do conselho já citado diz: “Ninguém neste mundo é estranho”. Se examinarmos todas as lutas e competições existentes no mundo, observaremos que elas são causadas pela diferenciação na consideração das pessoas como próprias e estranhas.

Um bom pai não compete com seu filho nos negócios, mas sim fica feliz quando vê que seu filho demonstra habilidade e comprometimento nos negócios. Nem se luta consigo mesmo. Portanto, quando considerarmos cada um como nosso, não haverá mais luta, teremos a tranquilidade.

Se precisamos procurar deficiências, devemos fazê-lo em nós mesmos para que possamos nos reformar. Jesus disse: “E por que você olha para o cisco que está no olho do seu irmão e não percebe a trave que está no seu próprio olho, hipócrita! Tire primeiro a trave do seu próprio olho e então enxergará bem para ‘tirar o cisco do olho do teu irmão’”. Recordem também do episódio da mulher surpreendida em adultério que os escribas trouxeram a Jesus e pediram a Sua opinião sobre a lei de apedrejar tais mulheres e Sua resposta: “Quem estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela”. Vocês se lembrarão do que aconteceu quando ouviram isso. Eles, acusados pela sua consciência, saíram um a um, começando do mais velho ao último, e só ficaram Jesus e a mulher que estava no meio. Jesus, que até então estava

curvado escrevendo no chão com o dedo, endireitou-se e não viu ninguém além da mulher, disse-lhe: "Mulher, onde estão aqueles que te acusaram? Ninguém te condenou?" Ela disse: "Nenhum, senhor." Então Jesus lhe disse: "Nem eu também te condeno; vai e não peques mais". Assim, vemos que todos os Mestres espirituais nos aconselham a não ver os defeitos dos outros se quisermos ter ou alcançar a paz, a tranquilidade mental.

Outra coisa muito importante, principalmente na vida espiritual, é a sinceridade. A hipocrisia é perigosa. Sri Krishna diz no Bhagavad Gita: "Quem, controlando os órgãos de ação, pensa nos objetos de prazer, esse perverso é um hipócrita." A renúncia formal, sem o devido desapego mental dos objetos mundanos é inútil, isso faz mais mal do que bem. Ele também diz: "Aquele que pratica o jejum perde o gosto pelos objetos, mas não suas tendências internas de gozo." Desaparecem pouco a pouco quando amanhece a ânsia de ver a Deus, ao perceber como são fugazes as coisas do mundo, e arde de desejo de livrar-se delas e alcançar a liberação. O desapego pode surgir em alguém devido a várias causas: fracasso em seus intentos, descontentamento familiar e, por último, o verdadeiro discernimento. O desapego causado pelas duas primeiras pode ser permanente ou transitório, mas o engendrado pelo último permanece firme. Com a mudança das circunstâncias, o homem que foi assediado pela renúncia nos dois primeiros casos, volta a meter-se no mundo. Isso é apenas momentâneo. Às vezes também surge a ideia de renunciar quando um ente querido morre; então o homem pensa: "Ah! Isso é tudo que existe! É o fim de todas as coisas vivas". Mas quando ele sai do crematório ou do cemitério, ele se esquece de tudo. Retoma sua vida diária como antes. Mas aqueles que em que se desperta esse discernimento e permanecem firmes, mudam seu modo de vida e buscam a Suprema Verdade. E somente quando o alcança é que se logra a tranquilidade eterna.

● ● ● ● ● ● ● ●

Este texto foi traduzido do original em espanhol por um estudante da Vedanta e dos ensinamentos de Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

DHARMA STHAPAKA: REGULADOR DA RELIGIÃO
–GRIHASTHA DHARMA–

* Artigo publicado na revista *The Vedanta Kesari* – Janeiro 1976

Swami Paratparananda[1]

A palavra *dharma* em sânscrito significa aquilo que sustenta ou suporta. O homem é sustentado não apenas pelo que faz para manter a si mesmo e a sua família, mas também pelo Espírito que habita em nós ou Ser; pois todos os seres têm esse Espírito por trás de sua forma externa, o corpo. Sem esse Espírito, o *Atman*, nada existiria. Somente o ser humano é dotado da inteligência para compreender isso e só ele tem a oportunidade de perceber o Ser ou Deus. Chega um momento, mesmo na vida de uma pessoa totalmente entregue aos prazeres sensoriais e à aquisição de confortos e riquezas materiais, quando ele sente que nem tudo está indo bem com ele, que lhe falta alguma coisa, que todas as riquezas, nome e fama que possui não lhe conferem a paz e a felicidade que anseia. Os sábios da Índia descobriram esta verdade em tempos muito antigos e declararam que a felicidade e a bem-aventurança eterna que o homem procura só pode ser experimentada no *Atman* e aquele que realmente busca a bem-aventurança eterna deve trilhar o caminho do Espírito, religião ou *dharma*.

O caminho do Espírito é difícil de trilhar. É como nadar contra a corrente; pois a tendência natural dos órgãos dos sentidos do homem é ir para fora, em direção aos seus objetos. Enquanto isso, o Espírito habita internamente e não é perceptível por esses sentidos. Aqueles que desejam procurá-lo têm que retirar os sentidos de seus objetos e mergulhar em seu próprio Ser. Novamente, a inclinação geral do homem é seguir o caminho fácil, e o que é mais fácil do que buscar a felicidade nos objetos externos? É por isso que a religião ou o caminho do Espírito, embora repetidamente restabelecida, declina com a passagem do tempo, deixando apenas suas formas externas sem sua profundidade e extensão interna. Quando o declínio religioso atinge um nível assustadoramente baixo, Deus mesmo assume a forma humana para ressuscitá-la e rejuvenescê-la, para regulá-la e reformá-la. E cada vez que uma Encarnação Divina aparece na terra, coloca uma nova marca de autoridade nos fundamentos da religião, praticando-os em Sua própria vida, assim provando sua validade. Sua mensagem declarada através de Sua vida e preceitos é

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968. O Swami retornou a Índia em 1988.

um guia para a sociedade e humanidade como um todo. Quando, no século passado [século XIX], as pessoas na Índia perderam de uma forma geral a crença na sua própria religião, e aqueles que a professavam estavam apenas a servindo por palavras de boca, nasceu um Deus-homem para ensinar à humanidade que a religião não consistia meramente em doutrinas e em mera erudição, que a religião não era superstição, que Deus existe e quem O busca com seriedade e sinceridade O alcança e com quem pode até conversar.

Ora, a religião não é propriedade exclusiva de nenhum grupo de pessoas ou seita. É o caminho da comunhão com Deus ou o Espírito Supremo. Qualquer homem, onde e em qualquer estação ou posição de vida em que esteja colocado, se realmente desejar a perfeição pode se esforçar para realizá-lo. Este fato foi reconhecido na Índia antiga e os sábios, de tempos em tempos, de acordo com as mudanças nas condições de vida, estabeleceram regras e métodos para que cada indivíduo de acordo com sua posição ou posição na sociedade pudesse tentar realizar a Ele. Antigamente, na sociedade hindu a vida era regulada em períodos como *Brahmacharya*, *Garhasthya*, *Vanaprastha* e *Sannyasa*, ou os períodos de celibato e estudo, de trabalho doméstico, de retirar-se na floresta e de renúncia total.

O chefe de família ou *grihastha*, que desejava levar uma vida espiritual, tinha certas regras de orientação a seguir, tinha certos deveres a cumprir, bem como certas responsabilidades, além do sustento de sua família. Ele tinha três outros tipos de dívidas para quitar, isto é, dívidas para com os *Rishis* [sábios espirituais], para com os deuses e para os ancestrais. O estudo das Escrituras, com o objetivo de compreender seu significado e colocar seus ensinamentos em prática o aliviariam de sua dívida para com os *Rishis*; pelas oferendas apropriadas e pela adoração no momento adequado, ele saldava suas dívidas para com os deuses e ancestrais. Além destas, ele também tinha a obrigação de alimentar um hóspede faminto que chegasse a sua porta. Ele tinha que ser veraz e ganhar seu sustento honestamente.

Sri Ramakrishna, o Deus-homem desta era que mais tarde ensinaria a humanidade, nasceu de pais que observaram essas injunções das Escrituras ao longo de sua vida. Seu pai, Kshudiram Chattopadhyaya, possuía grande fé e devoção a Deus, e nunca comia nada até que houvesse realizado a adoração de seu Ideal Escolhido e de outras Deidades que estavam instaladas em sua casa. A firmeza de Kshudiram com a verdade era admirável. Diz-se que quando um senhorio sem escrúpulos da sua terra natal, a aldeia de Dere, pediu-lhe que prestasse falso testemunho, ele recusou-se a fazê-lo e como resultado, perdeu todas as suas propriedades devido às maquinações do perverso proprietário. Mesmo sob tais circunstâncias adversas, a sua fé e devoção a Deus não vacilaram. Ele era uma imagem de contentamento e perdão. Por todos estas qualidades piedosas suas, ele era respeitado e venerado em Kamarpukur, a aldeia para onde se mudou depois de

sofrer a calamidade já citada, e onde Sri Ramakrishna nasceu mais tarde. Falando sobre seu pai Sri Ramakrishna disse uma vez: “Quando meu pai caminhava pelas ruas da aldeia vestindo suas sandálias de madeira, os lojistas se levantavam por respeito e diziam: ‘Lá vem ele!’ Quando ele se banhava no Haldarpukur [o lago da aldeia], os aldeões não tinham coragem de entrar na água. Antes de tomar banho, eles perguntavam se ele já tinha terminado o banho. Quando meu pai cantava o nome de Raghuvir, seu peito ficava vermelho.[2]”

Sri Chandramani Devi, a mãe de Sri Ramakrishna, também era uma parceira ideal de seu nobre marido. Após todas as pessoas da família salvo ela mesma faziam as refeições, ela ia até a porta da frente para ver se qualquer pessoa faminta estava passando ou esperando do lado de fora. E muitos dias ela serviria tal pessoa com a comida que sobrou, e saciava sua fome comendo um punhado de arroz inflado ou coisas assim. Embora a família fosse pobre, ninguém que se aproximasse de sua porta saía de mãos vazias. Neste clima de devoção a Deus, de veracidade, de generosidade e de contentamento Sri Ramakrishna nasceu e foi criado. Desde a infância ele era um observador atento, nada escapava aos seus olhos penetrantes. Então, ele poderia discernir o motivo ou a falta de motivo por trás das ações das pessoas. Tendo observado a devoção inabalável de seu pai a Deus e a vida exemplar que levava, chegou à conclusão correta de que um chefe de família também poderia chegar a Deus, se levasse uma vida de veracidade, justiça, desapego e cultivasse a dependência de Deus.

Colocando ênfase na veracidade, Sri Ramakrishna costumava dizer: “Mesmo aqueles envolvidos em atividades mundanas, como trabalho de escritório e negócios, devem ater-se a verdade. Somente a veracidade é a disciplina espiritual no Kali Yuga.[3]” Antigamente as pessoas praticavam todos os tipos de austeridades, como a Chandrayana Vrata[4], Purascharana, etc. Mas devido às mudanças nas condições de vida nesta época, todas as pessoas não encontram tempo para observar esses votos ou praticar outras austeridades duras, como parte de sua disciplina espiritual. Sri Ramakrishna, portanto, deu este conselho simples que ao mesmo tempo é um dos fundamentos da vida espiritual. Ele disse ainda: “Se um homem se apega tenazmente à verdade, ao final realiza Deus. Sem essa consideração à verdade, gradualmente perde-se tudo. Depois da minha visão da Mãe Divina, orei, segurando uma flor na mão: ‘Mãe, aqui está Teu conhecimento e aqui está Tua ignorância. Pegue os dois e me dê apenas amor puro. Aqui está Teu

---

[2]The Gospel of Sri Ramakrishna (Tr. by Swami Nikhilananda, pub. by Ramakrishna_Vivekananda Center, New York, 1942), p.408.

[3]Ibid., p. 177.

[4]Chandrayana Vrata é um jejum regulado de acordo com a posição da lua, sendo que a comida é diminuída todos os dias em um punhado durante a quinzena escura e aumentada da mesma maneira durante a quinzena brilhante.

bem e aqui está o Teu mal. Pegue os dois, Mãe, e me dê puro amor. Aqui está a Tua justiça e aqui está a Tua injustiça. Pegue ambos, Mãe, e dá-me amor puro.' Mencionei tudo isso, mas não consegui dizer: 'Mãe, aqui está a Tua verdade e aqui está a Tua falsidade. Pegue os dois'. Eu abandonei tudo aos pés dela, mas não consegui abandonar a verdade.[5]"

A tendência da opinião, naqueles dias, em relação ao *dharma* ou deveres do chefe de família tinham uma perspectiva extremamente materialista, como é refletida na resposta de um grande erudito da época, ao comentário de Sri Ramakrishna que lhe pergunta sobre o que pensava que seriam os deveres do homem: 'Se você me pergunta sobre isso, devo dizer que são comer, dormir e uma vida sexual.' Esta tendência de opinião mostra que o conselho sensato dos antigos *Rishis*, repetidamente reiterado pelas sucessivas Encarnações Divinas, havia sido esquecido ou descartado pela classe educada como inútil para a época atual. Esta era uma tendência perigosa, especialmente quando se manifesta através de pessoas que a sociedade considerava como grandes eruditos. Pois são os estudiosos e eruditos que a generalidade da humanidade imita. Assim, podemos perceber até que ponto a religião havia degenerado e quão necessária era uma Encarnação de Deus para restabelecê-la.

Pode-se imaginar que reação tal resposta teria causado na mente de Sri Ramakrishna, que desde sua infância pensava diferentemente. Sua resposta foi incisiva: "O que você faz dia e noite sai através de sua boca. Um homem arrota o que come. Se ele comer rabanete, ele arrota rabanete; se ele come coco verde, ele arrota coco verde. Dia e noite, você vive no meio de 'mulher e ouro'; então, sua boca profere palavras apenas sobre isso. Ao pensar constantemente nas coisas mundanas, um homem torna-se calculista e enganador. Por outro lado, ele se torna inocente e simples pensando em Deus. Um homem que viu Deus nunca dirá o que você acabou de falar. De que lhe beneficiará os títulos de um erudito se ele não pensar em Deus e não tiver discernimento e renúncia? O pundit [erudito com conhecimento livresco] sem dúvidas estudou muitos livros e escrituras, pode recitar seus textos, ou ele pode ter escrito livros. Mas se ele é apegado à mulheres, se pensa em dinheiro e a honraria como coisas essenciais, você o chamaria de erudito?[6]"

As Escrituras Hindus mencionam quatro objetivos do homem, a saber, *dharma*, *artha*, *kama* e *moksha*, ou seja, retidão, dinheiro, desejo e liberação. Essa é a ordem em que estão dispostos, denotando um grande significado: que o homem deveria dar o primeiro lugar ao *dharma* ou retidão, para que ele possa dominar seu desejo por dinheiro e prazeres dos sentidos de acordo com o *dharma*.

[5]Op. Cit., p. 312.
[6]Ibid., p. 669.

Na verdade, os três primeiros destes objetivos são apenas meios para o quarto, a liberação. Se um homem adere assiduamente à retidão mesmo na sua busca de riqueza ou na satisfação de seus outros desejos, ele desenvolve a faculdade de compreender os verdadeiros valores da vida. Com relação ao desejo, Sri Krishna diz no *Gita*: "Nos seres, Eu sou o desejo que não vai contra a retidão.[7]" Mas a natureza da mente do homem comum é tal que quando um desejo é satisfeito, projeta cem novos e o impulso para satisfazê-los fica mais forte cada vez que um desejo é satisfeito. No *Mahabharata* temos um ditado sábio: 'Jamais se pode se livrar do desejo satisfazendo-o; ele aumenta cada vez mais como o fogo em que se derrama manteiga clarificada'.

Agora a questão é como controlar o desejo. Sri Ramakrishna disse: "Um homem mundano está sofrendo de uma febre delirante, por assim dizer. Suponha que existam tamarindo em conserva e potes de água no quarto de tal paciente. Agora veja, você pode esperar que ele se livre da doença? Basta ver, a própria menção de tamarindo em conserva está me deixando com água na boca! Você pode muito bem imaginar o que aconteceria se o tamarindo fosse realmente colocado na minha frente. Para um homem, uma mulher é o tamarindo em conserva e seu desejo por gozo, os potes de água. Não há fim nem limite para este desejo de prazer mundano. E as coisas estão no próprio quarto do paciente. Você pode esperar que o paciente se livre da febre delirante desta forma? Ele deve ser removido por alguns dias para outro lugar onde não se encontrem tamarindo em conserva nem potes de água. Então ele ficará curado. Depois disso, se ele voltar para seu antigo quarto, não terá nada a temer. 'Mulher e ouro' não pode fazer mal ao homem que vive no mundo depois de alcançar Deus. Só então ele poderá levar uma vida desapegada no mundo. Mas ele deve ter cuidado no início. Ele deve praticar disciplina espiritual em estrita solitude[8]." A luxúria e a cobiça não serão capazes de levantar a cabeça na mente do homem que retorna à vida no mundo depois de aumentar sua força espiritual e desenvolver amor a Deus através da prática de disciplina espiritual em solitude[9].

Pode se perguntar, então o que acontecerá com os deveres para com a família? Sri Ramakrishna nunca aconselhou o chefe de família a abandonar seus deveres. Por outro lado, se ele ouvia ou vinha a conhecer uma pessoa que negligenciou os deveres para com a sua família, ele se sentia desgostoso. Em certa ocasião se referindo a uma pessoa que desperdiçou tudo em uma vida imoral e tornou-se indiferente à sua esposa e filhos, Sri Ramakrishna disse: "Ele é um infeliz

[7]Gita, Ch. VII.11.

[8]The Gospel of Sri Ramakrishna, p. 626.

[9]Em português, diferentemente de "solidão", solitude é a condição de quem se isola propositalmente ou está em um momento de reflexão e de interiorização. (nota do tradutor).

desgraçado. O chefe de família tem seus deveres a cumprir, suas dívidas a pagar: sua dívida para com os deuses, sua dívida para com seus ancestrais, sua dívida para com os *rishis* [sábios espirituais] e sua dívida para com a esposa e os filhos[10]." Em muitas ocasiões, ele aconselhava os chefes de família: "Viva no mundo, mas para realizar a Deus, apegue-se firmemente a Seus Pés de Lótus com uma mão e com a outra cumpra com seus deveres. Quando você conseguir uma pausa em seus deveres, agarre-se aos Pés de Lótus de Deus com ambas as mãos – viva em solitude e medite n'Ele e sirva-O incessantemente.[11]"

Nos *Upanishads* lemos que devemos considerar a mãe como Deus, o pai como Deus, o preceptor espiritual como Deus. Sri Shankaracharya antes de renunciar ao mundo, prometeu à mãe que estaria com ela ao lado da cama durante seus últimos momentos e cumpriu essa promessa. Sri Chaitanya também deu sua palavra solene à sua mãe, antes de tomar o voto de *sannyasa* [voto de total renúncia], que estaria ao seu lado sempre que surgisse uma necessidade. Sri Ramakrishna quando foi informado por Sri Tota Puri, o monge Vedântico, que teria que abandonar seu cordão sagrado e o tufo de cabelo em sua cabeça antes da iniciação em *sannyasa*, pensou em sua mãe que morava em Dakshineswar naquela época e respondeu que não tinha a menor objeção, se a cerimônia pudesse ser feita secretamente e que ele não poderia de forma alguma ser capaz de fazê-lo publicamente, pois isso seria um golpe terrível no coração de sua velha mãe angustiada. Tal era o seu amor e consideração pelos sentimentos de sua mãe, que ele não faria nada que pudesse machucá-la. Uma vez, quando ele soube que 'M', o escritor do *Evangelho de Sri Ramakrishna* em bengali, havia deixado sua casa ancestral por causa de alguns problemas na família e se alojou em habitação separada para si, sua esposa e filhos, ele protestou com 'M': "Deixe-me dizer uma coisa para você. Seu pai e sua mãe criaram você. Você mesmo é pai de vários filhos. No entanto, você saiu de casa com sua esposa e filhos e sente que se tornou um homem santo. Seu pai não precisa de nenhum dinheiro seu, caso contrário eu teria lhe dito, 'Que vergonha!' Um homem não pode conseguir nada sem pagar a dívida que tem com seus pais. Por acaso pai e mãe são meras ninharias? Nenhuma prática espiritual dará frutos a menos que eles estejam satisfeitos. Como são dignos de adoração os pais!"[12]

Em outra ocasião, Sri Ramakrishna disse a um jovem devoto seu, que mais tarde se tornaria monge e a quem costumava dar instruções específicas sobre a vida espiritual: "Sinto como se um véu escuro tivesse coberto seu rosto. É porque você aceitou um emprego em um escritório. Deve-se manter as contas corretamente lá. Além disso, é preciso cuidar de muitas outras coisas e isso sempre mantém a mente

[10]Ibid., p.156.
[11]Ibid., p.627.
[12]Ibid., p.424.

em estado de preocupação. Você está servindo em um escritório como outras pessoas do mundo, mas há uma pequena diferença, pois você está ganhando dinheiro para o bem de sua mãe. É preciso mostrar o mais alto respeito por sua mãe, pois ela é a própria personificação da Bem-Aventurada Mãe do Universo[13]." Assim, vemos que pelo seu exemplo pessoal e seus preceitos, Sri Ramakrishna reiterou a necessidade de venerar e cuidar dos pais como parte da disciplina espiritual, *dharma*.

Sri Ramakrishna expressou a opinião de que um chefe de família não precisava abandonar o mundo. "Ele achará ser mais conveniente em casa. Ele pode até morar com sua esposa. Ele encontrará ao seu alcance tudo o que o corpo necessita em tempos diferentes." Ao mesmo tempo, ele aconselhou o *grihastha [chefe de família]* a buscar a companhia santa. Dirigindo-se aos devotos chefes de família, certa vez comentou: "Por que não deveria ser possível para um chefe de família entregar sua mente a Deus? Mas a verdade é que ele não tem mais a sua mente com ele. Se ele a tivesse, então poderia certamente oferecê-la a Deus. Mas, infelizmente, a mente foi hipotecada – hipotecada à "mulher e ouro". Então, é necessário que ele viva constantemente na companhia de homens santos. Quando ele recuperar sua própria mente, então ele poderá devotá-la à prática espiritual; mas primeiro é preciso viver com o guru, servi-lo e desfrutar da companhia de pessoas espirituais[14]". A companhia de pessoas santas faz lembrar a Deus e se alguém procura constantemente tal companhia, lhe ajuda a adquirir um anseio por Deus. Todos nós sabemos que somos influenciados pelos pensamentos e ideias das pessoas com quem nos associamos intimamente e por muito tempo. Então, segue-se naturalmente que a companhia de pessoas espirituais produz no homem o amor a Deus. Sri Shankaracharya no *Vivekachudamani* diz: 'Três coisas são muito difíceis de conseguir, o nascimento como ser humano, o desejo de liberação e a companhia de uma alma espiritualmente avançada'. A mente não pode pensar em Deus se estiver sempre absorta nas coisas do mundo. Então é preciso retirá-la dessas coisas e direcioná-la a Deus pela oração, pela vida na solitude e pela companhia santa.

Ninguém pode permanecer inativo, portanto Sri Krishna aconselha a Arjuna que ao cumprir os deveres como adoração ao Senhor, atinge-se a perfeição. Sri Ramakrishna disse aos chefes de família: "Cumpra com seus deveres de maneira altruísta, sem desejar nenhum resultado. Todos, sem nenhuma exceção, realizam trabalho (ação). Até mesmo cantar o nome e as glórias de Deus é trabalho, assim como a meditação do não-dualista em 'Eu sou Ele'. Respirar também é uma atividade. Não há renúncia total ao trabalho. Então faça o seu trabalho e entregue o resultado para Deus. O chefe de família deve sentir-se obrigado a cumprir o seu

[13]Ibid., p. 448.
[14]Ibid., p. 1019.

dever para com a sua esposa e filhos, desde que se sintam necessitados de comida e roupas. Se uma esposa é casta, então o marido deveria cuidá-la; ele também deveria criar os filhos até atingirem a maioridade. Mas não é preciso assumir a responsabilidade de um filho quando ele é capaz de se sustentar"[15]. Ele também deixou claro que o objetivo da vida não é o ganho de dinheiro, mas o serviço a Deus. O dinheiro não é prejudicial se for usado a serviço de uma família religiosa e de homens piedosos e santos. Sri Ramakrishna às vezes pedia aos devotos chefes de família que alimentassem os jovens que mais tarde se tornariam monges que renunciariam a tudo, dizendo que faria muito bem a si mesmos.

Agora surge a questão: como viver no mundo com todas os múltiplos deveres do chefe de família e ainda assim não estar envolvido neles? 'Oferecendo todas as ações a Brahman, aquele que age sem apego não se sujará pelos seus efeitos, assim como a folha de lótus não se suja pela água,' diz Sri Krishna no Gita[16]. A água que cai na folha de lótus não permanece nela e embora a folha de lótus esteja na água, não sofre os efeitos da água enquanto outras folhas sofrem. Sri Ramakrishna disse repetidamente: "Eu digo às pessoas que não há nada de errado na vida do mundo. Mas eles devem viver no mundo como uma servente vive na casa de seu patão. Referindo-se à casa do seu patão, ela diz: 'Essa é a nossa casa'. Mas sua real casa talvez esteja em uma aldeia distante. Apontando a casa de seu patrão para outros, ela diz, sem dúvida, 'Esta é a nossa casa', mas no seu coração ela sabe muito bem que não lhe pertence e que a sua verdadeira casa fica em um vilarejo distante. Ela cria o filho de seu patrão e diz: 'Meu Hari ficou muito levado', ou 'Meu Hari não gosta de doces'. Embora ela repita, 'Meu Hari' com os lábios, sabe em seu coração que Hari não pertence a ela, que ele é filho de seu patrão. Assim, digo a quem me visita: Por que não viver no mundo? Não há mal nenhum nisso. Mas sempre mantenha sua mente em Deus. Tenha certeza de que a casa, a família e a propriedade não são suas. São de Deus. A tua verdadeira morada está em Deus".[17]

Sri Ramakrishna também disse: 'Um barco pode estar na água, mas a água não pode estar no barco'. Da mesma forma, um homem pode viver no mundo, mas não o mundo no homem, isto é, ele não deve estar absorto nas coisas do mundo e não deve se identificar com elas. Quanto mais se considera a casa, propriedade e família como próprias, mais cresce o apego a elas e afundamos profundamente no oceano das preocupações e esquecemos completamente de Deus. 'Por quanto tempo deve o chefe de família cumprir seus deveres? Pode-se renunciar aos seus deveres somente depois de realizar Deus. Em vez disso, os deveres caem por si só,

[15]Ibid., pp. 113-4.
[16]Gita, Ch. V.10.
[17]The Gospel of Sri Ramakrishna, p.456.

assim como as flores caem quando os frutos aparecem. Deus mesmo reduz os deveres do devoto que busca sincera e sinceramente a Ele.’

Para ilustrar isto, Sri Ramakrishna costumava citar o exemplo de uma jovem nora. Quando ela está grávida a sogra reduz suas atividades. Quando ela está grávida de nove meses não é permitido que realize qualquer tarefa doméstica. Após o nascimento da criança, ela apenas carrega a criança em seus braços e a amamenta. Ela não tem outro dever.

Assim, vemos que embora as condições de vida e os tempos tenham mudado, as coisas essenciais permanecem as mesmas; que o único objetivo do homem é alcançar Deus e ser libertado do ciclo de nascimentos e mortes, em qualquer que seja a estação da vida em que alguém esteja colocado. As normas antigas para conseguir esse objetivo ainda são válidas e Sri Ramakrishna nesta época mostrou o caminho correto, ao enfatizar os aspectos essenciais da vida espiritual. Ele também disse que no Kali Yuga a devoção ensinada por Narada é o caminho para alcançar Deus. Oração, companhia santa e meditação na solitude são as práticas essenciais mesmo para um chefe de família. Um *grihastha* deve cumprir os deveres que lhe são incumbidos na sua posição, numa atitude de desapego e de serviço a Deus. Somente assim ele poderá alcançar paz de espírito e progredir em direção ao Senhor.

• • • • •

A tradução deste texto foi feita por um estudante dos ensinamentos da Vedanta, Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

SER QUERIDO POR DEUS[1]

*Editorial da revista The Vedanta Kesari – julho 1964

Swami Paratparananda[2]

VÁRIAS SÃO as propensões humanas e diversas são as aspirações do homem, ainda assim, a humanidade pode ser de forma geral dividida em duas seções, aqueles que possuem boas tendências e aqueles com más propensões, ou se falarmos na linguagem do *Gita*, aqueles que têm tendências *daivī* (divinas) e os de tendências *asurī* (diabólicas). As tendências divinas levam à liberação e as diabólicas conduzem a escravidão, diz o Gita[3]. Isto, no entanto, não significa que você possa encontrar em todos os lugares pessoas exclusivamente boas ou exclusivamente más. O homem é um conglomerado de ambas as disposições e quando em alguns as boas tendências são predominantes, eles são considerados bons ou justos; por outro lado, quando em outros as más inclinações manifestam-se predominantemente, eles são considerados maus ou injustos. Mas existem alguns que estão total e completamente cheios de qualidades divinas. Essas pessoas obtêm a liberação mesmo quando estão ainda vivendo no corpo. Nenhuma ação perversa é possível para eles, ou melhor, quando atingem esse estado, nem mesmo um mau pensamento passa por suas mentes. A única ambição de tal homem na vida é tornar-se querido por Deus. Para tal pessoa 'esse é o dever mais elevado, a retidão suprema pela qual alcança a devoção sem motivo e intacta ao Senhor; atingindo a qual seu Ser interior se permeia com uma felicidade etérea'.[4]

Mas muito raras são essas pessoas. Isto não é um exagero. Isso é quase um truísmo. Pois embora muitos professem a religião e se conformem com os dogmas, credos e rituais nela prescritos, poucos podem ser considerados como querendo exclusivamente Deus. Eles podem desejá-lo e ao mesmo tempo querer outra coisa

[1]Tradução do editorial da revista Vedanta Kesari de julho de 1964, intitulado "*On Endearing oneself to God*".

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de maio de 1962 a abril de 1967 foi o Editor da revista em inglês Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem a Argentina em 1968. O Swami retornou a Índia em 1988.

[3]Gita, 16.5.

[4]Bhagavata, I.2.6.

também. Também, pode-se dizer que eles desejam a Deus para conseguir essas outras coisas. Sri Ramakrishna expressou repetidamente como lamentava esta atitude das pessoas. 'Que pena!' ele comenta, 'Quem quer Deus? As pessoas querem tudo, menos Deus!' Por que isso acontece? Deus é tão esquivo? Sri Ramakrishna afirma que é o contrário. Ele afirma: 'Deus está tão ansioso para encontrar o devoto. Se você der um passo em direção a Ele, Ele dá dez passos em sua direção.' Apesar disso, ocasionalmente, apenas alguns querem a Ele e somente a Ele. Agora, como podemos dar este passo é a questão.

Geralmente o coração de alguém está cheio de carinho para com o pai, a mãe, esposa, marido, filhos, amigos e assim por diante. Todo esforço é feito para agradá-los, mas nem sempre é uma tentativa bem-sucedida. No entanto, as pessoas se entregam a isso. Por quê? Por causa do apego. Este apego às vezes se torna mórbido. O filho maltrata a mãe, mas ela se apega mesmo assim por causa desse apego, que ela erroneamente toma como amor, diz Swami Vivekananda. Sri Ramakrishna chama esse apego ou compaixão pelos parentes ou amigos como *maya*, enquanto a compaixão por todos os seres ele chama de *daya*. E esta compaixão por todos os seres constitui uma das disciplinas pelas quais nos tornamos queridos por Deus. Como sabemos disso? Os teístas certamente acreditam que este universo é a criação de Deus e não é preciso muito esforço para concluir que Deus definitivamente ficará satisfeito se suas criaturas forem servidas, cuidadas. Pois Sri Krishna não diz: 'Aquele que Me adora como morando em cada ser, em um espírito de Unidade, é um iogue. Seja qual for o seu modo de vida, ele vive em Mim'?[5] Ainda assim, não é a compaixão no sentido comum do termo, mas adoração, que é exigida de nós para todas as criaturas. Jesus também disse: 'Amarás o teu próximo como a ti mesmo.'

Mais uma vez, os Advaitistas [seguidores do caminho do Conhecimento] não podem deixar de adorar tudo o que veem, pelo menos intelectualmente, pois "não há muitos aqui".[6] 'Tudo o que é móvel e imóvel deve ser coberto pelo Senhor', diz o *Isãvãsya Upanisad*.[7] Sobre o Ser Supremo ou os mundos além dos sentidos, nós só podemos saber através das escrituras e de pessoas que transcenderam os sentidos e tiveram uma experiência real da Realidade. As escrituras declaram, como vimos, que temos que ver tudo como Deus. Assim como tomamos como certas muitas das teorias científicas, embora não por nossa própria experiência, de maneira semelhante sobre a ciência da alma, (*Atman*) ou *Brahman* também, temos que

[5]Gita, 6-31.
[6]Br. Up. 4.4.19.
[7]Isa Up., 1.

aprender a confiar em Deus-homens e nas escrituras, que nada mais são do que o registro das experiências de sábios nesta direção.

Contudo, para obter um domínio perfeito desta disciplina é necessário ser ajudado e fortalecido por outras virtudes. Para isso, ver Deus em tudo, não é uma questão que possa ser facilmente realizada. Uma grande quantidade de trabalho fundamental é necessária para esse propósito. Pureza de coração é de uma imensa ajuda para isso. Jesus disse: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus". Todos os esforços de *yoga*, de todas as ações, de todas as peregrinações e coisas semelhantes servem para atingir esta pureza de coração.

O que é pureza? Como pode ser alcançada? Temos conhecimento de água limpa. Vemos roupas brancas imaculadas. Sabemos também dos cuidados com qual um cientista seleciona suas substâncias para seu experimento - elas deveriam ser todas puras, caso contrário a experiência não será um sucesso; os resultados não serão precisos; por outro lado, se os ingredientes estiverem impuros, os resultados serão enganosos. Da mesma forma, nossos corações devem ser imaculados – imaculado por desejos, ciúme, ódio, orgulho, raiva e coisas do gênero. Quando tal pureza é alcançada, o coração, como um espelho desprovido de toda escória, reflete a Deus.

Essa pureza pode ser alcançada sendo inocente. A malícia é o maior inimigo da vida espiritual. O que acontece é o seguinte: um homem malicioso esconde os seus sentimentos e desejos internos sob o manto de sentimentos opostos. Simultaneamente, o seu Ser interior também fica envolto por aqueles muitos mantos, até que as incrustações se tornam espessas demais para serem penetradas, e uma visão clara de seu próprio ser interior torna-se impossível. Vestido com estes vários disfarces, a consciência parece horrível para o próprio homem; e ele tem medo de mergulhar em si mesmo. É aí que a malícia o leva – ao abismo sem fundo do medo, medo até de sua própria consciência. Por isso os sábios nos pedem para sermos verdadeiros em mente, palavra e ação. Sri Ramakrishna amava muito as pessoas de natureza inocente. A própria vista deles às vezes o colocava em êxtase. Ele dizia: 'Não se pode ser inocente, sem muita disciplina espiritual praticada em vidas anteriores. A mente hipócrita e calculista nunca pode alcançar Deus.'

O que foi dito acima é significativo quando, hoje em dia, todo ato é pesado e julgado pelo benefício material que pode proporcionar; utilidade como eles chamariam isso; valor pragmático do ato como os filósofos vão denominá-lo. Não deveria haver cálculo no que diz respeito à vida espiritual; o amor para com Deus deve ser sem motivo (*ahaituki*), é isso que está implícito na afirmação acima. Swami Vivekananda diz: 'O amor não conhece a barganha. Onde quer que haja alguém

buscando algo em troca não pode haver amor verdadeiro; torna-se uma mera questão de compra e venda.’ Em outra ocasião, ele comentou: ‘O amor perfeito é muito raro nas relações humanas, pois o amor humano é quase sempre interdependente e mútuo. Mas o amor de Deus é um fluxo constante, nada pode machucá-lo ou perturbá-lo.’

Vemos que um amor que barganha não é amor e a menos que o homem seja sem desejos, não pode amar dessa maneira. Diz-se que Deus é um amante ciumento. Ele não tolerará compartilhar esse amor. Sri Ramakrishna disse: “Se houver qualquer encarregado da despensa, o dono da casa não irá lá. Ele diria, ‘O que eu faria lá? Já existe alguém lá.’” Da mesma forma, se o nosso coração estiver cheio de desejos, cheio de egoísmo, Deus não terá lugar para ficar lá.

Os impedimentos comuns na vida do aspirante espiritual são luxúria e cobiça. Eles dominam o homem, especialmente o primeiro tem um grande poder de arrastá-lo e com a luxúria vem também a ganância. É inevitável. Por isso tanta ênfase é colocada em *brahmacharya* para uma pessoa que deseja tornar-se querido por Deus. Quando o desejo básico da luxúria é controlado e voltado para Deus, um sexto sentido, por assim dizer, cresce no homem e ele vê o mundo sob uma luz bastante diferente. Ele vê que é somente Deus quem tornou-se tudo. Mas isso não pode ser feito em um dia. Aqueles que querem resultados rápidos ficarão, portanto, desapontados se depois de um ano ou dois acharem que não fizeram nenhum progresso. Mas a depressão que leva a abandonar o caminho é ruim, mas se isso o faz resolver alcançar mais firmemente o objetivo, quaisquer que sejam as consequências, é louvável.

Existem, como afirma a teologia cristã, ‘as noites escuras da alma’. O aspirante passa por uma tremenda angústia pela perda da visão de seu Ideal, um vislumbre que ele já tinha há algum tempo. Pode ser, do ponto de vista do leigo, um momento difícil. Mas a própria pessoa não sabe disso. Seus olhos, por assim dizer, não veem nada. Ele não sente nada, exceto um grande anseio por Deus. Quando tal anseio se apodera de um homem, Deus vem até ele. Sri Ramakrishna deu o exemplo de um mestre que ensinou seu discípulo como poderia ficar face a face com Deus. O mestre levou o discípulo até um rio e enquanto o discípulo mergulhava na água, o mestre segurou-o e não o soltou até que ele começasse a debater-se violentamente. Quando o discípulo recuperou o fôlego, o mestre perguntou: ‘O que você mais desejou naquele momento?’ O discípulo respondeu: ‘Um bocado de ar e nada mais.’ O mestre disse: ‘Quando você desejar Deus dessa maneira, Ele virá.’ Então essa pessoa será querida por Deus.

Além da luxúria e da ganância, o orgulho também é um bloqueio para o homem no caminho de Deus. Orgulho de riqueza, beleza, poder, escolaridade, força física e assim por diante. Cada um deles é uma barreira intransponível para o homem comum. Mas diante de um homem que ama a Deus, eles caem como castelos de cartas. 'Só Tu és meu pai e mãe, Tu, meu parente e amigo, Tu, meu conhecimento e riqueza, em breve, ó! Senhor dos deuses, Tu és meu tudo', canta um poeta. Mas como livrar-se desse orgulho? Por discernimento. Raciocine: O que é a beleza? Quanto tempo isso dura? Alguns anos e tudo desaparece. O poder é instável como uma gota d'água em uma panela em brasa. Por que estamos tão apaixonados pela nossa força física? Uma febre em um dia e o homem cai prostrado. Escolaridade? O que isso dará ao homem? Na melhor das hipóteses alguma riqueza, algum nome e alguma fama. Mas de que adianta tudo isso quando se leva em consideração a vida eterna?

Sri Krishna, no décimo segundo capítulo do *Gita*, trata detalhadamente do tipo de pessoa que se torna querido por Deus. Ele diz: 'Desprovido de ódio a todas as criaturas; amigável e compassivo com todos os seres; livre do egoísmo e da possessividade; equânime no prazer e na dor; sempre satisfeito; de sentidos controlados e de resolução correta e cuja mente e intelecto estão submetidos a Mim, tal devoto é querido por Mim.'

'Tal pessoa que não causa preocupação ao mundo, nem o mundo é capaz de causar preocupação; que está livre de sentimentos como felicidade e raiva, medo e ansiedade, ele é querido por Mim.'

'Sem cobiça, puro, hábil em ação, indiferente aos ganhos e perdas mundanas, livre de tristeza e que nunca se move por si mesmo para manifestar a sua vontade, tal pessoa é querida por Mim.'

'Aquele que não fica exultante (por obter objetos desejáveis) nem abatido (por circunstâncias adversas), nem lamenta, nem deseja e que descarta o bem e o mal, esse devoto é querido por Mim.'

'Igual para amigo e inimigo, equânime no louvor e na acusação, suportando calor e frio, sem companhia, sem teto, firme na devoção, satisfeito com o que o acaso pode trazer, tal pessoa é querida por Mim.'[8]

Sri Krishna também afirma categoricamente que estes três – desejo, raiva e cobiça - são portões abertos e largos para o inferno e, portanto, para a própria destruição, podemos dizer, da destruição espiritual. 'Esse desejo e essa raiva

[8] Bhagavad Gita, XII, 13 ao 19.

nascem de *rajo-guna*. Eles têm um apetite desordenado e quase sempre pecaminoso; saiba que eles são inimigos aqui',[9] declara ele em outro lugar.

Como esses objetos sensoriais arrastam o homem para baixo é lindamente demonstrado no segundo capítulo do *Gita*. 'Uma pessoa que sempre pensa nos prazeres dos sentidos torna-se apegada a eles. Através deste contato surgem os desejos. E quando esses desejos não são satisfeitos, a raiva é produzida. E quando a raiva vence o homem, ele fica tomado pela paixão (ele perde todo senso de decoro ou decência). Devido a essa paixão, toda sua memória e raciocínio falham. Quando a memória falha, o seu intelecto sucumbe. E com isso sua morte espiritual está completa',[10] diz Sri Krishna.

Quão efêmeros são esses gozos físicas e prazeres, foi apresentado em um belo verso de Robert Burns assim:

> *"Os prazeres são como papoulas espalhadas,*
> *Você agarra a flor e essa flor se perde,*
> *Ou como a neve que cai no rio,*
> *Um momento branca - depois derrete para sempre.*[11]"

Tal é o fim de todos os bens e vaidades terrenas produzidas daí. 'Quem então, tendo visto os deuses quase eternos e conhecendo estes prazeres e bens do céu e da terra como sujeitos à destruição, entrega-se a eles por qualquer período de tempo?' pergunta Nachiketa a Yama[12]. Portanto para alguém desejoso de conhecer e ver a Deus, não há outra maneira senão descartar todas essas coisas e refugiar-se somente n'Ele.

• • • • •

A tradução deste texto foi feita por um estudante dos ensinamentos da Vedanta, Sri Ramakrishna e Swami Vivekananda.

[9] Ibid., 3.37

[10] Ibid., 2.62 &63.

[11] "Pleasures are like poppies spread,
You seize the flower its bloom is shed.
Or like the snow falls in the river,
A moment white, then melts Forever."

[12] Referência ao menino Nachiketa interpelando Yama, o deus da morte, no Katha Upanishad (nota do tradutor).

A VIDA E O ENSINAMENTO DE BUDDHA

(1979)

Swami Paratparananda[1]

A vida das grandes almas é como um farol que ilumina o caminho religioso, pois essas almas são a própria ilustração de seus ensinamentos. Não há uma divergência entre suas ações e suas palavras. É por isso que suas vidas nos impressionam mesmo depois de milhares de anos. A vida espiritual não teria sentido para o homem se não tivesse diante de si aqueles exemplos vivos dos textos das escrituras. Porque podem se encontrar milhares de pessoas para explicar as palavras das escrituras, mas poucos para demonstrá-las com suas próprias vidas, e sem essa demonstração, essa prova tangível, esse testemunho vivo, todas as escrituras permanecerão como literatura antiga, como muitas outras, para o desfrute de intelectuais. Sri Shankaracharia diz: "A eloquência, a fluidez das palavras, a capacidade de comentar textos sagrados, servem como erudição dos estudiosos, para desfrutar, mas não nos levam à liberação."

Um aspirante à vida espiritual precisa de muita ajuda para manter sua mente em Deus. Você tem que tentar direcionar todos os seus sentidos em direção a Ele, e para isso devemos usar todos os meios possíveis. Sri Ramakrishna aconselhou: "Imagens de santos devem ser mantidas em casa. Sentimentos divinos são despertados através dessas imagens. É verdade que o sentimento espiritual é despertado quando se olha para a imagem de um sadhu. É como lembrar de uma pinha olhando para sua imitação." Na Índia, o teatro também é usado como meio de lembrar de Deus, representando ali os acontecimentos marcantes das grandes personalidades espirituais ou santos. Sabemos o quanto ficamos impressionados com os espetáculos audiovisuais. O mesmo método foi usado na Índia para despertar o sentimento espiritual. Ouvindo e vendo as representações das vidas dos santos, damos à mente um tema que não a distrai de seu objetivo. Outro meio que está disponível para todo aspirante é o estudo da vida dos grandes mestres espirituais, não para aumentar nosso conhecimento intelectual, mas para servir de guia em nosso caminho, pois o homem está sempre propenso a cometer erros, confundir valores e enganar-se. Refletindo sobre a conduta e comportamento dessas almas elevadas nas diferentes circunstâncias de suas vidas, podemos dar-nos conta de quanto nos desviamos do caminho. Além disso, todos estes meios que mencionamos, ajudam a manter a mente em um único tópico, Deus e como chegar

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988).

até Ele. Por estes meios fornecemos à mente temas variados, ao qual ela é sempre tão propensa, e ao mesmo tempo nós a impedimos de pensar no mundo objetivo, nos prazeres.

Portanto, embora tenhamos nos referido à vida de Buddha em outras ocasiões, vamos estudar alguns acontecimentos dessa grande e nobre vida.

Buddha nasceu cerca de seis séculos antes de Cristo, herdeiro do reino dos Sakhias, no norte da Índia. Seu pai, Shuddhódana, descobriu seu futuro através de astrólogos e soube que o menino nasceu sob bons signos do zodíaco e que seria imperador de vastas terras se ascendesse ao trono ou renunciaria ao reino, aos confortos e a tudo e se tornaria um grande salvador da humanidade. O rei, como quase todos os pais do mundo, estava ansioso para ver o filho como um monarca poderoso e desde a infância ele o preparou para esse propósito e quando chegou à juventude o cercou de todo tipo de confortos que poderia fornecer: um palácio para o verão e outro para o inverno, com todos os prazeres materiais imagináveis. Além disso, teve muito cuidado em organizar tudo para que nenhum tipo de sofrimento do mundo aparecesse diante de seu filho. O homem se apega com muita tenacidade aos seus bens, parentes e outras coisas, mesmo sabendo que tudo é transitório; portanto é difícil para ele, lhe dói, separar-se deles. Shuddhódana tentou dessa forma manter o filho enredado no mundo; o casou com uma linda princesa com quem Siddhartha - o nome de Buddha antes de sua iluminação - teve um filho. Mas tudo isso, quando chegou a hora, não pode impedi-lo de abandonar o mundo.

Aconteceu que certa vez, Siddhartha, desejando ver o mundo como realmente é, saiu para conhecer a cidade com a permissão do pai, que ordenou aos cidadãos que tivessem cuidado para não deixar cair à vista de seu filho nenhum doente ou idoso, bem como ninguém cremasse nenhum corpo até tarde da noite naquele dia. Por consequência, quando o príncipe partiu em sua carruagem, viu por toda parte apenas cenas agradáveis, os súditos o saudando com alegria, o que o fez muito feliz. Mas de repente aparece na estrada, rastejando para fora de sua cabana, um velho, em farrapos, com a pele enrugada como se estivesse pendurada dos ossos, curvado, desdentado e com olhos remelentos. De um lado carregava uma bengala para apoiar sua forma trêmula e com a outra mão pressionava as costelas de onde sua respiração vinha convulsivamente.

“Pessoas piedosas, deem-me esmolas, pois posso morrer amanhã ou depois de amanhã”, o homem gemeu. Os outros o empurraram de lá, dizendo: “O príncipe está olhando para você, vá para sua cabana.” Mas Siddhartha, que já havia percebido sua presença, disse: “Deixe-o”, e dirigindo-se ao seu cocheiro, perguntou: “Channa, o que é aquela coisa que parece um homem, mas só é parecido, já que é tão curvado, tão miserável, tão horrível? Nascem os homens, assim às vezes? O que ele quis dizer ao gemer ‘Amanhã ou depois eu vou morrer’? Não está recebendo comida suficiente para que os ossos fiquem para fora? Que mal esse desgraçado sofreu?” Respondeu

Channa: “Querido Príncipe, este é um homem velho; há sessenta anos teve um formato reto, olhos brilhantes e corpo saudável. Agora os anos roubaram sua seiva, saquearam sua força, vontade e inteligência. A lâmpada não tem mais azeite, a vida que resta é uma faísca que está prestes a apagar-se: assim é a velhice. Por que o senhor está preocupado?” “Mas”, insistiu o príncipe – isso acontecerá com outras pessoas ou com todos, ou é um caso raro?” "Senhor, será assim com todos se viverem tanto tempo.” “Isso vai acontecer comigo, com minha esposa Yashódhara e aos outros se chegarem a essa idade?" “Sim, senhor”, respondeu Channa. “Leve-me de volta para casa, eu vi o que não pensei que veria.” Ele passou a noite inteira acordado pensando naquele triste fenômeno que ataca a todos.

No dia seguinte, ele pediu permissão ao rei para sair incógnito e ver o cotidiano dos cidadãos em sua realidade, dizendo-lhe que se ele, Siddhartha era o mais querido do rei e do reino, por isso deveria conhecer a população, suas alegrias e tristezas, seus costumes e deveres diários. “Voltarei mais feliz aos meus agradáveis jardins, embora não completamente satisfeito." Obtendo permissão do rei, Siddhartha sai com Channa, disfarçado de comerciante, e acompanha o dia a dia das pessoas.

Ele viajou uma boa distância sem nenhum incidente significativo, mas de repente ouviu um gemido pedindo socorro: “Socorro, senhores, levantem-me ou vou morrer antes de chegar em casa!” Um pobre infeliz, cujo corpo atacado por alguma doença, estava caído na beira da estrada e se contorcia de dor, tentou se levantar agarrando-se à folhagem, mas pobre homem, sua força não era suficiente e ele caiu. Ele gritava de dor aguda pedindo ajuda.

Siddhartha correu em sua direção, pegou-o com suas mãos ternas e olhando para ele com carinho e apoiando a cabeça do homem em seu joelho, perguntou: “Irmão, do que você está sofrendo? Por que não consegue se levantar?

Então, voltando-se para seu companheiro, ele disse: “Channa, por que este homem engasga e geme, e suspira de forma tão lastimosa?” O cocheiro respondeu: “Senhor, este homem é atacado por uma doença mortal, consequentemente, o sangue que anteriormente corria em suas veias agora está fervendo, seu coração não funciona tão bem como antes, não tem forças em seus músculos, toda a graça e alegria fugiram dele. É um homem doente. Veja como se contorce de dor. Ele pode morrer em breve, mas não morrerá até que a praga destrua seus nervos. Não é bom que o senhor o segure assim. O mal pode passar para o senhor e atacá-lo.” Mas o príncipe, ainda apoiando e confortando o homem, lhe disse: “E há outros? Pode isso acontecer comigo também?” “Meu bom senhor, isso atinge todos os homens de maneiras diferentes.” “Esses males atacam sem que percebamos?" Siddharta perguntou. Channa respondeu: “Eles chegam deslizando-se como a cobra e como o tigre na floresta, ataca sua presa do seu esconderijo ou como o raio que cai sobre alguns e deixa livres a outros.” “Então todos os homens vivem com medo?” “Isso

mesmo, senhor!”

"E ninguém pode dizer: ‘Durmo feliz e saudável esta noite e, portanto, vou me levantar?” “Não, ninguém pode dizer.” “E o fim de todas as dores é um corpo quebrado, uma mente triste e a velhice?” “Isso mesmo, se os homens conseguirem viver tanto tempo.” “O que acontece quando não suportam mais males, ficando cada vez mais velhos?” – “Eles morrem.” – “Eles morrem?” “Sim, no final a morte chega, em qualquer forma, a qualquer hora. Alguns morrem jovens, outros velhos, mas todos têm de morrer. Eis que chega um morto”, disse Channa. Erguendo os olhos, Siddhartha viu alguns homens que iam para a margem do rio carregando um cadáver e outros que o acompanhavam chorando. Eles colocaram o homem morto na pira [funerária] e acenderam o fogo. Logo o corpo estava reduzido a um punhado de cinzas e alguns ossos. “É esse o fim que chega a todos os que vivem?” perguntou Siddharta. “Isso mesmo, saudáveis e doentes, bons e maus, todos morrem. Da morte ninguém se salva.”

Siddhartha começou então a sentir um amor indescritível pelo mundo sofredor, aprisionado na teia da morte e da miséria, de repetidos sofrimentos. Tomando a resolução de procurar uma saída para esse labirinto, voltou ao seu palácio para se despedir de seus entes queridos em silêncio. Naquela noite, quando todos estavam imersos no sono, ele deixou o palácio com a ideia de encontrar uma solução para esse problema da vida e da morte, não só para si mesmo, mas para o mundo inteiro. Abandonou todos os laços mundanos por amor aos seus próprios parentes e a todos seus amigos, conhecidos e desconhecidos.

O buscador da Luz deve começar sua busca abandonando o prazeroso. De acordo com o antigo costume, Buddha adotou a vida de asceta, vestindo-se com uma túnica amarela, e mendigava por comida de casa em casa pelas ruas das cidades. Ele tentou encontrar descanso espiritual na filosofia, mas não obteve muito sucesso. Então ele tentou o método de mortificação. Acompanhado por cinco amigos, retirou-se para um lugar solitário nas matas de Uruvela e ali se dedicou ao jejum e outras mortificações do mais alto grau. Ele também não conseguiu encontrar consolo nisso, porque a Verdade estava tão distante quanto antes. Estava desesperado e um dia quase morre, tendo desmaiado de exaustão e fome. No entanto, a verdade ainda era um problema e a vida era um ponto de interrogação. Depois de seis anos de intensas disciplinas de mortificação, Siddhartha estava convencido do fútil que era esse método. Com o corpo purificado pela abstinência, a mente refinada pela humildade e o coração concentrado devido à solidão, ele começou a meditar e orar. As tentações vieram para distrair a atenção de Siddhartha de seu propósito, mas elas não conseguiram movê-lo de sua determinação. Sentado sob a árvore bodhi, Siddhartha fez este voto: “Ainda que o corpo se seque e os ossos e a carne pereçam na tentativa, este corpo não se moverá daqui até que alcance a suprema Iluminação.” Diz-se que ele passou sete semanas debaixo da árvore e em um de seus estados de

meditação, uma nova luz irrompeu em sua mente. O objeto de sua busca já estava em seu poder. Siddartha se transformou em Buddha, o Iluminado.

Para compreender bem os ensinamentos dos grandes salvadores do mundo, precisamos conhecer as tendências da época em que eles pregaram, isto é, os pensamentos predominantes naquela época. Sem entrar em detalhes, podemos concluir que na época de Buddha, as pessoas comumente buscavam através de sacrifícios e outras oferendas ir aos céus, para um mundo de desfrute, gozo. Mortificar o corpo era considerado uma grande austeridade e prevalecia o caos especulativo, cheio de teologias incongruentes. As crenças eram focadas em dogmas e credos. As verdades dos Upanishads não estavam disponíveis para as massas e os eruditos simplesmente as relegaram.

A obra de Buddha foi confrontar as superstições, negando-as e incutir no homem fé em si mesmo. Ninguém pode salvar ninguém, todos têm que trabalhar por conta própria para alcançar a liberação; nem ouro, nem prata, nem sacrifícios de animais inocentes ajudarão o homem em tê-la, foi sua declaração clara. Buddha não ensinou nenhuma nova verdade, mas ele descobriu o que estava escondido do homem comum, as verdades dos Upanishads; colocou ênfase na moral dizendo: "Seja bom e faça o bem." Sistematizou o sistema moral já existente e deu força por sua própria vida, limpa, compassiva e cheia de ternura.

Através de sua própria experiência espiritual e observação aguçada, descobriu estas quatro verdades: que o sofrimento existe, que tem uma causa, que pode ser suprimido e existe um meio para alcançar [a supressão do sofrimento]. Para muitos parece que a obsessão de Buddha pelo sofrimento é muito exagerada. Sem dúvida, todos têm a liberdade de ter uma opinião diferente, mas é uma verdade inegável de que as coisas que parecem dar felicidade no início, no final se tornam como veneno. Por exemplo, vamos pegar qualquer tipo de desejo: se alguém o satisfaz uma vez, continua a necessitar de sua satisfação repetidamente e não o deixa em paz; mesmo que cumprindo esse desejo tenha sofrimento, tem que satisfazê-lo. E em pouco tempo isso se torna um hábito difícil de arrancar.

Há filósofos que dizem que Buddha colocou demasiada ênfase nesse sofrimento, pintando de preto o que era escuro, e de escuro o que era cinza. Mas devemos lembrar o que Swami Vivekananda diz sobre isso: "Você não deve julgar os profetas da antiguidade com sua cultura de hoje em dia. Você deve, se puder, primeiro compenetrar-se do tempo em que esses profetas viveram, só então você será capaz de compreender sua atitude, não antes". Na época de Buddha a ênfase estava no desfrute, no gozo, seja na terra ou no céu após a morte. Ele teve que imprimir na mente das pessoas que elas não poderiam escapar dos repetidos nascimentos, sofrimentos e mortes até que o Nirvana, a liberação fosse alcançada, e teve que dizer a verdade sem hesitação.

Nos Upanishads também encontramos um diálogo entre o Rei da Morte e um

menino que queria saber a verdade sobre a vida após a morte. Yama, o Rei da Morte, em vez desse conhecimento, lhe oferece tudo o que o menino poderia querer: "Peça-me filhos e netos que viverão cem anos, inúmeros elefantes, cavalos e gado, ouro ilimitado, vastas extensões de terra e você viver tanto quanto queira. Se você acha que algum presente é igual a este, peça-me imensa riqueza e vida eterna; seja o monarca de toda a terra. Te posso conceder tudo o que você deseja. Além disso, olhe todos os desejos impossíveis de cumprir no mundo e ordene-os ao seu gosto. Aceite as donzelas junto com as carruagens celestiais e a música, que são impossíveis de adquirir pelos mortais, e desfrute de tudo isso, mas não insista em conhecer sobre a morte." O menino que tinha um discernimento aguçado respondeu: "Tudo o que tu me ofereces tem dois dias de existência. Além disso, ó Rei da Morte, esses objetos consomem a energia de todos os sentidos, até mesmo a vida eterna que Tu me prometes é pouco comparada à eternidade, portanto, mantenha a dança e a música contigo."

Apesar desta insistência no conceito de sofrimento no mundo, não podemos descrever os ensinamentos do Buddha como pessimistas, porque neles vemos o desejo de que façamos o máximo esforço para abandonar todo desejo. Ele nos pede para nos rebelarmos contra o mal e alcançarmos uma vida mais elevada.

Buddha afirma que essa sede é a causa do sofrimento, a sede dos prazeres sensuais, de prosperidade. Os Upanishads também declaram: "O mago é imortal, todo o resto [sua mágica] é mortal." O eterno imutável é a verdade, liberdade e felicidade; pelo contrário, o mundo de nascimento, envelhecimento e morte estão sujeitos ao sofrimento. Buddha afirma que tudo o que é transitório causa sofrimento e consequentemente, o desejo pelos objetos agradáveis e evanescentes não podem fazer outra coisa senão nos fazer sofrer. O desejo é devido à ignorância da realidade. Considerar o corpo como real é ignorância e por causa disso surgem desejos na mente e os desejos causam o sofrimento.

Estar livre do sofrimento é o objetivo dos ensinamentos de Buddha. A meta da vida moral é livrar-se de todo o mal que penetra a existência. A liberação consiste na aniquilação do nosso ego. Sendo o nirvana a meta suprema, todas as regras de conduta que levam a isso ou para terminar o renascimento são boas, e as opostas, são ruins. O sistema formulado por Buddha para alcançar a redenção do sofrimento está livre dos extremos da satisfação dos desejos, por um lado, e da mortificação, pelo outro. Buddha, depois de seis anos de vida ascética, descobriu que o verdadeiro caminho "não pode ser encontrado por aquele que perdeu suas forças." Em seu primeiro sermão ele diz: "Há dois extremos que aquele que avança não deve seguir: por um lado, a devoção habitual às paixões, aos prazeres sensoriais e por outro, a devoção habitual à mortificação do corpo, que é dolorosa, ignóbil e inútil. Existe um caminho intermediário descoberto por Tathagata – um caminho que abre os olhos,

outorga entendimento, conduz à paz, à visão interior da sabedoria suprema, ao nirvana. Por certo, é o caminho óctuplo Ário, a saber, crença correta, aspiração correta, palavra correta, conduta correta, modo de vida correto, esforço correto, pensamento correto e êxtase correto."

Buddha deu o primeiro lugar à crença correta, pois nossas ações refletem nossos pensamentos, que estão equivocados então por causa das crenças errôneas. Por exemplo, não nos damos conta que o corpo é perecível, por isso nos apegamos a ele. Para corrigir esses pontos de vista errôneos, precisamos do correto conhecimento, que vem da crença correta. "A aspiração correta consiste no desejo intenso de renúncia; a esperança de viver em amor com todos." O aspirante à vida elevada abandona a ideia de sua individualidade e trabalha para todo o universo. Essas aspirações devem converter-se em ações, elas devem se manifestar na fala correta, ação correta e modo de vida correto. A fala correta é definida assim: "Abster-se de mentir, abster-se de caluniar, abster-se de linguagem rude e abster-se de conversas frívolas."

A ação correta é a ação sem motivo egoísta, que leva ao modo de vida correto, livre de mentiras, enganos, fraudes e vãs sutilezas. Até aqui a ênfase tem sido na conduta. Os três últimos caminhos, isto é, esforço correto, pensamento correto e correta tranquilidade são para purificação interna, para remover as causas do sofrimento. O esforço correto consiste em praticar o domínio sobre as paixões, para evitar o surgimento de qualidades prejudiciais. Buddha recomenda os cinco métodos a seguir para se livrar de uma ideia indesejável que a mente persegue persistentemente: 1) ocupar-se de uma boa ideia, 2) tenha em mente o perigo das consequências de permitir a má ideia se transformar em ação, 3) não prestar atenção à má ideia, 4) analisar seus antecedentes e assim anular seu impulso resultante, e 5) restringir a mente com a ajuda do corpo. Mas correto esforço não pode ser separado do pensamento correto. Devemos controlar a mente, que brinca e vagueia, para evitar sua instabilidade, pois diz Buddha: "Dharma, ou religião, ou retidão, depende da mente e a iluminação depende da prática da retidão."

Buddha não considera todo êxtase necessariamente bom; deve ter o fim correto, que é a aniquilação do desejo. Porque sabia que haviam pessoas que se dedicam às práticas de yoga para adquirir poderes sobrenaturais, que ele alertou não indicarem progresso espiritual e a menos que o desejo seja aniquilado, não se pode ser alcançada a liberação ou nirvana: estar livre de todo sofrimento.

O método acima mencionado que Buddha recomenda para conseguir isso coloca ênfase na vida moral e abnegada. Sem a base moral nenhum edifício espiritual é possível é um fato que Buddha reitera tanto por seus ensinamentos quanto por sua vida. Os Upanishads, antes de Buddha, também enfatizaram isso, dizendo: "Aquele que não se absteve de atos viciosos, dos prazeres sensoriais, que não acalmou a mente e não foi capaz de concentrá-la, não pode conhecer o Atman, pela mera

erudição.”

Buddha prescreve algumas regras para adquirir a moralidade. A conduta é boa ou má; a primeira surge da abnegação e se manifesta em atos de amor e compaixão; a segunda está enraizada no egoísmo que produz atos de malícia, vingança e coisas do gênero. Ações resultam boas evitando as dez transgressões, ou seja, as três corporais: homicídio, roubo e adultério; as quatro da fala: mentir, caluniar, insultar e conversar levianamente; e as três da mente: cobiça, ódio e erro. Essas regras implicam uma necessidade de autocontrole em cinco direções diferentes. Eles querem dizer: controle da raiva, o desejo de posses, luxúria, covardia e malevolência. Como resultado o homem conseguirá paz tanto para si como para os outros.

Embora Buddha não tenha falado contra o sistema de castas, ele foi contra todo privilégio. Para ele todos, sem nenhuma exceção, poderiam chegar à liberação desde que tivessem ou desejassem ter as virtudes necessárias. Uma delas é o conhecimento do que é bom; mas este conhecimento não significa aquele obtido pela leitura, nem o do ocultismo, mas o conhecimento cuja base é a moral, e que entra em nosso ser, assombra a alma e é tão querido para nós quanto a nossa própria vida.

Estes são os principais ensinamentos de Buddha, aqueles que pregou por quase quarenta anos viajando pela maior parte da Índia. Teve muitos discípulos monásticos e chefes de família. Swami Vivekananda falando de Buddha diz com grande reverência: “Ele foi o único homem que estava livre de todos os motivos egoístas, quem de si mesmo disse: ‘Buddha significa conhecimento infinito, infinito como o espaço; eu, Gautama, alcancei esse estado; você também o alcançará se esforçar-se por isso.’ Livre de todos os motivos egoístas, ele não queria ir ao céu, nem queria riqueza; ele renunciou ao trono e tudo mais e implorou por sua comida nas ruas da Índia, predicando pelo bem dos homens e animais, com um coração vasto como o oceano. Ele foi o único homem que estava sempre pronto a dar a vida pelos animais, ao acabar com um sacrifício. Certa vez ele disse a um rei: ‘Se o sacrifício de um cordeiro o ajudar a ir para o céu, o sacrifício de um homem o ajudará mais; assim pois sacrifique-me.’ Buddha permanece como a perfeição do tipo ativo e o próprio cume a que chegou mostra-nos que também nós, através do poder do trabalho podemos alcançar a suprema espiritualidade”, conclui Swami Vivekananda.

Que possamos sentir em nossos corações um pouco do imenso amor que Buddha sentiu e derramou sobre o mundo envolto em sofrimento e que a cada dia possamos ser menos egoístas em nossas vidas e assim nos aproximarmos um pouco mais de Deus.

• • •

A GRAÇA DA MENTE

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – março de 1967, Vol. 53; pág. 459.

Por Swami Paratparananda[1]

I

Um ditado muito significativo de Sri Ramakrishna é: 'Você pode ter a graça do Senhor e do guru, mas se não tiver a graça da sua mente, então as outras duas serão de pouca utilidade para a sua elevação espiritual'. Parece realmente um paradoxo. Como pode a mente anular a graça de Deus? É então um fator tão poderoso que reduz a nada a graça do preceptor, bem como a graça do Senhor? Estas são as questões que confrontarão a mente ao ouvir esta declaração. Onde encontraremos a resposta para essas perguntas? Pensando profundamente em nossas próprias mentes.

Em primeiro lugar, temos de saber que a mente é um mecanismo que pode dividir-se, por assim dizer, em duas entidades separadas; uma como jogador, o ator e outra como observador, testemunha. É claro que não nos referimos aqui ao Ser ou ao Ātman, que é a testemunha, o iluminador, o operador da máquina corpo-mente, o motor principal de todos os nossos pensamentos, volições e ações. Neste estágio, nos limitaremos apenas à mente.

Esta fase da mente, que é a sua capacidade de se bifurcar em dois canais, por assim dizer, não será clara para as pessoas comuns que são movidas por impulsos na maioria das suas ações. Tomemos por exemplo um homem num acesso de raiva. O que ele não poderá fazer? Ele pode cometer qualquer crime. Ele é levado pelo impulso e não consegue usar aquela parte de sua mente que os psicólogos indianos chamam de *buddhi* (intelecto). Da mesma forma, os homens sob a força impulsora de outras paixões não conseguem utilizar esta faculdade. Sua mente fica completamente perdida no impulso de agir, ou no ato, durante esses momentos.

Mas não é um fato que a generalidade da humanidade não possua ou não desenvolva esta faculdade. Aquele homem que se arrepende de algumas de suas ações por qualquer motivo, demonstra que esta faculdade não está ausente nele. Além disso, o comércio, a ciência, a literatura, a música, a arte e a arquitetura se desenvolveram por causa disso. No entanto, as mesmas pessoas que alcançaram o

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

auge da glória nestas esferas podem ser influenciadas por paixões, podem cometer crimes. Como isso poderia ser possível se não fossem arrebatados pela corrente de suas paixões, perdendo assim o controle de seu intelecto?

Novamente, é um fato psicologicamente comprovado que uma parte da mente deve sempre cooperar com o corpo na execução de qualquer ação; não há automação nisso. Mesmo quando aludimos à automatização no homem, implica que ele não realiza as suas ações dedicando-lhes toda a sua mente, não utiliza a sua parte discriminativa.

Tudo isso ficará óbvio se começarmos a analisar cada pensamento que pensamos, cada palavra que pronunciamos e cada ação que realizamos. Esta autoanálise, se assim podemos dizer, é o estabelecimento dos fundamentos do caráter do homem sobre uma base sólida. Todos os outros códigos de conduta externa, costumes, tradições e assim por diante são apenas ajudas para desenvolver esta autoanálise intuitiva. Esses códigos e costumes não podem fazer de você um novo ser, a menos que você aceite as disciplinas neles envolvidas de todo o coração e não como um trabalho penoso. Talvez, no início, até mesmo esse trabalho penoso deva ser aceito e possa ser frutífero, desde que haja um verdadeiro desejo pelo espírito, por Deus. Mas se permanecer como um fardo, como uma algema que você acha que está impedindo você a cada momento de sua vida, então as disciplinas externas apenas pesarão em sua mente e criarão tensão.

Bem, o que cria tensão? Muitos de nós podemos ter visto o esporte chamado de 'cabo de guerra'. Uma corda é geralmente o meio pelo qual a resistência das partes é testada. As duas partes tentam puxar a outra à sua maneira. Quando os lados estão equilibrados, a pressão na corda é tal que ela fica esticada. Da mesma forma, na mente existem duas tendências, a boa e a má, cada uma seguindo seu próprio caminho. Quando nenhuma destas quer ceder terreno, cria-se tensão. Tomemos um exemplo concreto. Suponha que um homem seja impelido por suas tendências a ações perversas, ao mesmo tempo em que seu intelecto, funcionando adequadamente, se recusa a submeter-se ao impulso. Se o intelecto for forte, o homem pode dirigir a mente, mas se ele não for nem forte nem fraco, for apenas capaz de contrariar a atração das suas tendências malignas e nada mais, a mente então fica tensa. A tensão também pode surgir quando alguém enfrenta o sofrimento continuamente e por um longo tempo. Então a resistência da mente, por mais forte que seja, desaparece e chega-se a um estágio em que surge um conflito intenso, seja para seguir o caminho mais fácil ou para lutar e permanecer no caminho certo.

É este período de tensão que é crítico na vida do homem. Ou ele sucumbe aos atrativos e tentações ou os domina e sai vitorioso. A história da religião é a história

dessas conquistas do eu inferior pelo ser superior ou, para ser consistente com o nosso tema, dos desejos inferiores da mente pelos valores superiores. Que a mente é a responsável por aquilo que somos, é dado epigramaticamente em um dos Upanishads. 'A mente apenas é a causa da escravidão e da liberação do homem. Aquela (mente) que está extasiada nos prazeres mundanos cria a escravidão e aquela que se libertou de tais seduções ajuda na liberação'[2], diz o *Brahmabindu Upanisad*.

II

Após este preâmbulo, acreditamos que o assunto, a graça da mente, será mais fácil de compreender. Podemos agora dizer que a disposição da mente para submeter-se a Deus é o que pode ser considerado a sua graça. Muitos de nós não sabemos como os cavalos selvagens se comportam quando são capturados para serem domesticados. Mas se diz que este é um trabalho difícil que só homens treinados, fortes e aventureiros podem realizar. Esses cavalos são muito turbulentos e não gostam de perder a liberdade. Alguns deles lutam até ao último limite da sua energia física, antes de ceder. Mesmo quando são apanhados, é uma tarefa difícil domesticá-los e montá-los ou amarrá-los ao arado ou à carroça. A mente do homem é como o cavalo selvagem. Implacável deve ser a pressão exercida sobre ele. Não tanto para criar tensão, mas para observar e erradicar os pensamentos que provocam tensão. Mas isto é mais fácil de dizer do que fazer. É o trabalho de uma vida inteira trazer a mente à subserviência e entregá-la a Deus.

Qual é então o significado da graça de Deus se ela não pode nos desviar de nossas fraquezas, deficiências e loucuras e nos atrair para Ele, se não pode nos transformar? A comparação feita por Sri Ramakrishna, da mãe envolvida em suas tarefas domésticas e da criança ocupada com os brinquedos atrativos, é uma ilustração muito adequada que vai direto ao ponto. Enquanto a criança estiver satisfeita com os brinquedos, a mãe continua com o trabalho doméstico, mas uma parte de sua mente permanece sempre voltada para a criança. Ela a ouve rir e jogar os brinquedos, rastejando ou pulando com grande alegria. Então ela a deixa brincar, mas quando a criança não tem mais nada a fazer com os brinquedos e chora pela mãe, nesse momento corre até a criança, descartando o trabalho, seja o que for o que estiver fazendo. Enquanto estamos ocupados e felizes com nossa vida mundana, Deus nos permite ser assim. Caso contrário, como as crianças que são arrancadas das suas brincadeiras, seremos infelizes. Os melhores pratos não têm um sabor comum e insípido quando não se tem fome? Além disso, os pratos comuns não têm gosto de

[2] Brahmabindu Upanishad, 2.

néctar quando alguém trabalha muito ou deixa de comer por muitos dias? Esse é o contraste. Deve haver fome de Deus, sede de provar Sua doçura. Sem este anseio, mesmo que Deus conceda a sua visão, não seria bem-vinda. Podemos continuar querendo ou não, mas um olhar persistente para trás sempre permanecerá. Mas uma vez que esta sede se desenvolva, qualquer submissão será bem-vinda e suportada com alegria. Quando a mente conseguir criar tal anseio por Deus, então pode-se dizer que sua graça desceu sobre aquela pessoa.

Sri Ramakrishna costumava dizer que a brisa da graça do Senhor está sempre soprando, só temos que desenrolar as velas para pegá-la. Desenrolar as velas é tornar a mente receptiva aos pensamentos sobre Deus. Normalmente, a nossa mente é receptiva às impressões que os sentidos trazem e, embora não seja avessa, em alguns casos, aos pensamentos sobre Deus, a mente não pode ser descrita como ávida por eles. O homem, por sua noção equivocada, busca a felicidade e paz eternas no mundo externo, mas não as encontra em lugar nenhum. Como os astronautas que percorreram o espaço e não encontraram Deus em lugar nenhum, fica desapontado no final se busca a felicidade no exterior.

III

Todas as investigações, seja na esfera da ciência ou da religião, visam descobrir aquele Princípio de Bem-aventurança que permeia cada ser e não-ser e se manifesta de várias maneiras. Mas os véus, tanto no mundo interno como no externo, são demasiado espessos, muito opacos, para permitir a penetração das nossas mentes comuns.

Essas nuvens que impedem o nosso ser de entrar em contato com Deus são as nossas paixões que criam incessantemente um tumulto na mente e nunca permitem que a imagem de Deus se reflita ali. Pois, como já notamos, a rápida torrente de paixões leva o homem consigo, sem lhe dar trégua ou qualquer chance de deliberar sobre as ações que ele é obrigado, intimado, por assim dizer, a fazer. É isso que Arjuna reclama para Sri Krishna: 'Quando isso é assim, o que obriga o homem a cometer más ações, embora sem querer, como se fosse compelido pela força?'[3] A pergunta de Arjuna é porque se é bem conhecido que é preciso colher os amargos frutos das más ações de alguém, por que o homem persiste em praticá-las? A resposta de Sri Krishna é: 'É o desejo, é a raiva (paixão), que nasce de *rajas*, que é insaciável e um grande mal (que faz o homem se envolver em más ações). Saiba que este é seu inimigo aqui.'[4] Sri

[3] Bhagavad Gita, III.36.
[4] Ibid., III.37.

Krishna continua: 'Assim como o fogo é oculto pela fumaça, assim como o espelho é coberto pela poeira, assim como o feto é coberto pelo âmnio, assim também este conhecimento é oculto pela paixão.'[5] Os três exemplos aqui implicam três estágios diferentes de crescimento; a fumaça é natural ao fogo, da mesma forma que as paixões são inerentes à mente na forma de impressões e, portanto, dão origem aos inúmeros corpos pelos quais passamos; a poeira que cobre o espelho é um elemento externo, da mesma forma, as atrações dos sentidos que vêm de fora têm a tendência de fortalecer os desejos; a membrana que cobre o feto limita todos os seus movimentos, assim mesmo a liberdade do homem é restringida pelas suas paixões intensificadas, e ele está preso a elas assim como um prisioneiro está por seus grilhões.

O *Bhagavata*, em um lindo verso, descreve como o homem fica enredado neste mundo. 'A mente cria esses corpos, qualidades e ações para este Ser. Essa mente novamente cria a ignorância (Māyā), de onde resulta toda esta transmigração[6]' [das almas]. Tentamos imaginar coisas e pela influência da nossa imaginação nós as trazemos à existência. Então, como diz Swami Vivekananda: 'Deixem as visões cessarem. Ou, se não puder, sonhe apenas sonhos mais verdadeiros, que sejam Amor Eterno e Serviço gratuito".

Talvez estejamos propensos a deixar de lado o que foi dito acima como um sentimento poético. Mas antes de passarmos à explicação científica sobre o assunto, lembremos que um dos epítetos de Deus, nas escrituras hindus, é Kavi[7], o inteligente, perspicaz, o poeta. Toda poesia não é mero sentimento, pois alguns dos melhores pensamentos da filosofia foram expressos na forma de poemas. Os Vedas e alguns dos Upanishads são exemplos disso. A declaração acima de Swami Vivekananda não é meramente poesia, mas é uma expressão nascida de um profundo 'insight' [percepção] espiritual.

IV

Como a imaginação e, portanto a mente, desempenha um grande papel pode ser facilmente explicado. Tomemos as conquistas científicas e tecnológicas da era atual. Houve um tempo em que até mesmo grandes pensadores e literatos escreviam satiricamente sobre a tentativa do homem de voar pelo ar. Mas hoje é um fato consumado. Tudo isso foi possível graças ao pensamento imaginativo do gênio criativo. Na era atual, ninguém pode criticar como impraticável a imaginação mais

---

[5] Ibid., III.38.
[6] Bhagavata, 12.5.6.
7 Bhagavad Gita, VIII.9 & Isa Up., 8.

selvagem do cientista, de ser capaz de viajar para a Lua[8] ou para Marte. O crítico ou o cético será então considerado como alguém que vive numa era antediluviana, sem ter consciência do avanço que a ciência fez. Assim como é possível elevar-nos através de um processo imaginativo, também é possível envolver-nos em dificuldades através do mesmo processo. É por isso que Swamiji nos alertou para "sonhar com sonhos mais verdadeiros". Assim vemos que a mente tem poder infinito.

Podemos chegar à mesma conclusão mesmo do ponto de vista físico. Tomemos a ciência da biologia. Os biólogos são da opinião de que os germes da maioria das doenças estão presentes no nosso sistema, mas eles aguardam a hora certa e só se tornam ativos quando o corpo fica enfraquecido. Não devemos, portanto, permitir que o nosso corpo fique fraco. Swami Vivekananda diz: 'Existem centenas de milhares de micróbios que nos rodeiam, mas eles não podem nos prejudicar a menos que fiquemos fracos, até que o corpo esteja pronto e predisposto para recebê-los. Pode haver um milhão de micróbios de sofrimento flutuando sobre nós. Deixe para lá! Eles não ousam aproximar-se de nós, não têm poder para nos controlar, até que a mente esteja enfraquecida. Este é o grande fato; força é vida, fraqueza é morte. Força é felicidade, vida eterna, imortal; fraqueza é tensão e miséria constantes: fraqueza é morte".

Assim, de todos os pontos de vista, vemos que a mente tem um grande papel em moldar nossas vidas. Devemos, portanto, ter cuidado ao pensar, visualizar as coisas, pois isso nos beneficiaria espiritualmente. E a graça da mente, num certo sentido, é a sua capacidade de pensar pensamentos espirituais de uma forma contínua e sustentada.

Agora, a palavra em português *graça* pode ser traduzida para o sânscrito como *prasāda*. E esta palavra *prasāda*, em outro sentido, também significa tranquilidade. Se igualarmos estas duas palavras, isto é, graça e tranquilidade, com referência à mente, não pensamos que estaremos cometendo qualquer erro. Por outro lado, a graça da mente é a sua própria cessação de modificações, alcançando a tranquilidade, que, segundo Patanjali, pode ser denominada Yoga.[9] É o fim para o qual todos os nossos esforços, consciente ou inconscientemente, são direcionados. Até mesmo a atividade febril e o desejo interminável de prazer, embora com esforços mal direcionados, visam atingir essa tranquilidade. Mas a tranquilidade que nasce da obtenção de bens ou prazeres mundanos tem vida curta.

Como a tranquilidade eterna pode ser alcançada? Sri Krishna diz: 'Aquele que está livre de apego e da aversão e se move entre os objetos dos sentidos com os

---

[8] Este artigo foi escrito antes da chegada do ser humano a Lua, ocorrida em 1969.
[9] Yoga Sutras, I.2.

sentidos e a mente governados por um ser controlado alcança a serenidade'.[10] Somente então quando se adquiriu a tranquilidade da mente, 'todas os sofrimentos são destruídos e a sabedoria de um homem sereno logo se torna estável'.[11]

O principal objetivo, que permeia todas as nossas escrituras, é que devemos ser capazes de limpar nossas mentes de todas as impurezas, de todos os outros pensamentos que nos fazem desejar as coisas aqui, e direcionar a mente para Deus. Quanto mais formos capazes de nos apegar aos pensamentos sobre Deus, mais, deveríamos dizer, a graça da mente nos é concedida. Pois há casos em que tudo tem sido favorável, mas devido à falta de um impulso interior, deixamos de fazer as nossas práticas espirituais, ou não sentimos qualquer inclinação para fazê-las. A razão é que a mente normalmente flui em direção aos objetos externos e é por isso que podemos concentrar a mente nas coisas externas, mas é muito difícil concentrar-nos na própria mente ou no nosso ser interior. Porque aí o instrumento e o objeto são um só. É somente por esta razão que existem imagens e símbolos [sagrados]. É dado à mente extrovertida um objeto externo que nos lembra de Deus. Ajudada assim a pensar no abstrato através do concreto, a mente que perdeu o gosto pelos prazeres mundanos adotará essa ideia. Somente quando a mente tiver adotado essa ideia a sério, excluindo todos os outros pensamentos, pode-se dizer que a graça da mente despontou sobre aquela pessoa. Swami Vivekananda nos ensina que, 'Este é o caminho para o sucesso, e é assim que gigantes espirituais são produzidos'.

Resumindo: a graça da mente significa a sua disposição para pensar em Deus, a sua ânsia de contemplá-Lo, que por sua vez surge apenas quando o seu anseio por prazeres começa a diminuir, quando se sente inquieto por Deus, quando nada perturba a sua equanimidade. É um processo longo, mas não devemos desanimar. Pois nada tem sido alcançado pelos fracos; apenas para os corajosos e persistentes foram todos os louros deste mundo. E os louros que nos coroarão no campo da espiritualidade são os únicos que dão a paz que 'excede todo o entendimento'.

• • • • • • • •

[10] Bhagavad Gita, II.64.
[11] Ibid., II.65.

SWAMI BRAHMANANDA – O FILHO ESPIRITUAL DE SRI RAMAKRISHNA

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – janeiro de 1964, Vol. 50; pág. 494.

Por Swami Paratparananda[1]

I

Todo empreendimento requer duas forças distintas para mantê-lo em uma condição sólida, saudável e dinâmica - uma para ajudá-lo a se expandir e a outra para ajudá-lo na consolidação. Ambas as forças são imperativas. Pois a falta da expansão em profundidade tende à enfermidade, e sem expansão a profundidade perde o sentido. Isto é sentido de forma mais pungente no caso de um empreendimento que busca servir às necessidades espirituais da humanidade como um todo. Foi o que aconteceu com o Hinduísmo, a Religião Eterna, quando tornou as viagens ao exterior um tabu. A troca de ideias cessou; o firmamento da religião encolheu, por assim dizer, às dimensões tão pequenas que se pensou que estava contido na mera observância de certas práticas externas.

No movimento iniciado por Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda desempenhou o papel dinâmico de espalhar a mensagem do Mestre. Ele andou pela terra quase de ponta a ponta para fazer isto. Mas a vida que lhe foi dada foi muito curta, apenas 39 anos, da qual se pode dizer que seu trabalho real começou somente depois de 1886[2]. Se lembrarmos dos dias do mosteiro de Baranagore, encontramos Swami Vivekananda não como interlocutor dinâmico, mas como o consolidador. Depois do falecimento do Mestre, os jovens discípulos tinham voltado para suas casas e coube a Swami Vivekananda reuni-los de volta, instilar neles a renúncia ardente do Mestre e retomar o fio de onde o Mestre havia partido para abrigar a irmandade em uma base firme. E uma vez feito isso, o Mestre o chamou, por assim dizer, para funcionar como o outro braço, o de levar a mensagem da Eterna Religião para diferentes partes do mundo. Por um tempo parece, na superfície, que Swami Vivekananda deixou de consolidar, mas mesmo esta aparência é por um breve período de tempo. Mesmo da América, pedia aos seus *gurubhais* e discípulos para

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

[2] Sri Ramakrishna, o mestre espiritual de Swami Vivekananda, deixou o corpo em agosto de 1886, quando Swami Vivekananda tinha 23 anos de idade. (Nota do tradutor)

conseguir um terreno e construir um mosteiro, de onde podessem surgir futuros pregadores do Vedanta.

Mas a sua vida, como já dissemos, foi demasiado breve e ele tinha muito para fazer para tornar o mundo conhecedor da mensagem do Mestre. Ele, portanto, apegou-se a isso e submeteu-se aos comandos do Supremo. Mesmo assim ele viu seu fim se aproximando. A quem ele deveria confiar o tesouro do Mestre – a tarefa sagrada de guiar o movimento? O próprio Mestre resolveu este problema para Narendranath nos dias de Dakshineswar. Uma vez Sri Ramakrishna comentou: 'Rakhal tem nele a capacidade de governar um reino.' Narendranath, que estava presente na ocasião, entendeu a dica. Ele contou ao grupo dos jovens discípulos do Mestre sobre a opinião do Mestre e disse: 'A partir de hoje chamaremos Rakhal, de Raja [Rei]', e o epíteto estava dado. Sri Ramakrishna, que ouviu falar disso mais tarde, ficou muito satisfeito. Lembrando as palavras do Mestre, Swamiji desde o início o deixou encarregado do mosteiro e formalmente transferiu para Rakhal, Swami Brahmananda, a presidência da organização em 1901. Durante vinte e um anos Swami Brahmananda guiou os passos vacilantes da jovem organização sem ostentação, mas ganhando o respeito, admiração e amor de todos com quem entrou em contato.

Para a divulgação da mensagem de Sri Ramakrishna para o mundo, era necessário que pregadores aptos a assumir o manto fossem recrutados e treinados, não por alguns anos, mas pelas gerações vindouras. Isto foi um trabalho que exigiu paciência infinita. Foi a tarefa de consolidação do que já foi conquistado. E esta tarefa coube aos ombros de Swami Brahmananda, e antes que dois anos se passassem ele perdeu seu companheiro, Swami Vivekananda.[3]

II

É difícil avaliar a personalidade daqueles espiritualmente grandes. É ainda mais verdade quando a pessoa tem uma disposição silenciosa. Então, para termos um vislumbre da personalidade de Swami Brahmananda que temos que recorrer a Sri Ramakrishna. O Mestre nos deixou, através de suas conversas, sua visão das características exaltadas de seus discípulos, suas inerentes naturezas e sua renúncia de altura inacessível. 'Uma vez, antes de que Rakhal chegasse', diz Sri Ramakrishna, 'eu vi em uma visão que a Divina Mãe de repente trouxe um menino e, colocando-o no meu colo, disse: "Ele é seu filho". Fiquei surpreso ao ouvir isso. Eu disse: "O que é isso? Como posso ter um filho?" Ela sorriu e explicou: "Ele não é um filho no sentido mundano do termo, mas seu filho espiritual que renunciou a tudo." Assim fiquei

[3] Swami Vivekananda deixou seu corpo em 4 de julho de 1902, aos 39 anos.

consolado. Rakhal veio algum tempo depois que eu tive aquela visão e eu o reconheci imediatamente como aquele menino'. Outra vez Sri Ramakrishna declarou como a natureza de Rakhal foi revelada a ele: 'Um dia, pouco antes Rakhal chegasse aqui, eu vi Krishna em transe, como o menino pastor de Vrindavana, de pé sobre um lótus totalmente aberto no meio de um lago e ao seu lado estava um menino olhando para Ele com feição de alegria. Quando Rakhal chegou aqui, eu o reconheci como aquele menino, como companheiro de Krishna.' Rakhal foi, portanto, não apenas o companheiro do Mestre nesta Encarnação, mas também no passado. As Encarnações vêm com almas tão puras para ajudá-las em suas divinas missões.

Assim, Sri Ramakrishna costumava classificá-lo como um Ìswarakoti – alguém possuidor de qualidades divinas, perfeito desde o seu nascimento - e também como aquele de seu círculo interno (*antaranga*). 'Jovens como ele pertencem à classe dos 'sempre perfeitos'. Eles nascem com consciência de Deus. Assim que ficam um pouco mais velhos, percebem o perigo de entrar em contato com o mundo... Seu único pensamento é como realizar Deus', disse o Mestre muitas vezes. Estas palavras do Mestre são muito significativas. Pois Sri Ramakrishna nunca elogiou ninguém indevidamente por qualquer motivo. Ele era simples como uma criança e tudo o que era revelado pela sua visão espiritual ou insight, falava sem reservas. Além disso, ele dependia da Mãe Divina para tudo, até para trazer-lhe gênios espirituais versáteis, que a Mãe havia dito que viriam até ele. Ele orou a Ela e chorou de angústia pela demora de sua vinda, mas logo descansou.

Todos os seus apelos eram para a Divina Mãe e ele tinha certeza de que Ela o faria, nunca falharia com ele. Ela não o decepcionou em nenhum momento. Essa é a razão pela qual sua avaliação é infalível, cada palavra sua, inestimável.

A relação entre Sri Ramakrishna e Rakhal era doce, íntima e muito tocante. Sua atitude em relação a esse discípulo era como de uma mãe para seu filho. Rakhal também em sua presença era como um filho de cinco ou seis anos, totalmente dependente dele e desfrutando, por assim dizer, sob suas asas protetoras.

Tal tinha sido a personalidade de Swami Brahmananda mesmo no início de sua carreira espiritual. Aprofundou-se e expandiu-se com a passagem do tempo. Durante os primeiros anos após o falecimento de Sri Ramakrishna, Rakhal (Swami Brahmananda) passou seu tempo exclusivamente em *tapasya* [austeridades] em Puri, Banaras, Vrindavan e nas margens do Narmada. Conhecendo sua natureza interna e total reticência em prestar atenção às necessidades do corpo, Swamiji recomendou que um de seus irmãos discípulos o acompanhasse e cuidasse de suas necessidades. Swami Subodhananda, outro discípulo direto do Mestre, que morava com ele em Vrindavan, costumava trazer-lhe comida e prepará-la num local determinado, mas

por muitos dias a comida permaneceria intocada, pois Maharaj, como Rakhal era carinhosamente chamado, estava desligado para o mundo exterior, na contemplação do divino.

Em Banaras, quando lhe ofereceram ajuda para conseguir sua comida enquanto permaneceu lá, ele recusou educadamente, mas com firmeza, a oferta e preferia viver da comida pedida nos asilos onde a servem [para mendigos e monges]. Pois isso não implicava em nenhuma obrigação para ele. Além disso, isso o deixou livre de perturbações de pessoas se aglomerando. Este foi o tempo em que ele desejou ser deixado sozinho. De Banaras ele seguiu para as margens do Narmada. Se diz que aqui, uma vez, durante seis dias seguidos, ele não teve consciência do mundo exterior, tão profundo era o seu samadhi. Mas quais divinas experiências e visões teve durante esses tempos, nunca foram conhecidas. Elas permaneceram um livro selado para sempre, pois ele nunca falou sobre elas. Certa vez, porém, ele observou: 'A vida religiosa começa depois de *Nirvikalpa Samadhi*'. Mas quão poucos podem entender! Até que alguém atinja esse estado vê tudo de uma maneira diferente, a avaliação que fazemos das coisas fica colorida pela nossa própria natureza. O ideal é muito elevado e, portanto, parece impossível. Mas pessoas como ele, que atingiram a meta, afirmaram isso. Swamiji também disse: "Religião é realização". Até então estamos todos tateando no escuro.

III

A contribuição de Swami Brahmananda para o mundo é enorme, mas a parte mais brilhante disso é sua vida - empreendida com austeridade, sem ostentação, mas vivida imaculadamente e acima de tudo puramente dependente de Deus. É um estudo que nos absorve seguir seus passos como peregrino de Banaras a Narmada, de lá para Panchavati, Dwaraka e outros lugares. Sua dependência absoluta de Deus e cumprimento severo da regra da não aceitação de dinheiro é algo que nos enche de admiração e ainda mais em um mundo onde tudo parece ficar de pernas para o ar na ausência desta única coisa – dinheiro. Sua dependência de Deus era pura e simples, quase infantil. Em Bombaim, um devoto de Sri Ramakrishna pressionou-o a aceitar sua hospitalidade, mas ele recusou, alegando que isso interferiria em sua solidão e o afastaria de sua dependência de Deus. Ele ficou silenciosamente em um lugar perto do templo de Mumbadevi e viveu de esmolas. Mesmo para viajar ele não aceitava dinheiro. Muitos lugares ele percorreu a pé, apesar de dificuldades incalculáveis.

Durante este tempo, em Vrindavan, ele encontrou Vijay Krishna Goswami, que conheceu em Dakshineswar. Ambos ficaram felizes ao se reunirem. O Goswamiji, que

passou a conhecer a vida austera que estava sendo levada por Swami Brahmananda, perguntou-lhe: 'Senhor, por que está envolvido em práticas tão austeras quando Sri Ramakrishna já havia lhe concedido todos os tipos de experiências e visões?' Com uma voz doce, o Swami respondeu: 'O que experimentei por sua graça [de Sri Ramakrishna], estou tentando fazer com que seja meu.' O Goswami ficou maravilhado. Ele sentiu a onda da fome de Deus que estava passando pelo Swami e pensou que seria inútil tentar dissuadi-lo de sua busca. De Vrindavan ele foi para Hardwar para continuar sua vida de contemplação. Assim foi uma saga de intensa *sadhana* por um longo período até que, talvez, recebesse algum comando de Sri Ramakrishna para retornar ao campo de trabalho. Pois justamente quando estava passando seus dias felizes em Vrindavan ele partiu de repente para Calcutá. Depois de alguns dias depois de sua chegada, ele disse a alguns de seus irmãos discípulos: 'Eu estava feliz em Vrindavan. Mas vim aqui para poder servir os irmãos no Mosteiro, para ajudá-los a expressar em suas vidas esse amor e devoção que encontramos em Sri Ramakrishna, para que as pessoas que entrassem em contato com eles possam lembrar-se d'Ele'. Além disso, ele acrescentou: 'As pessoas virão até vocês, virão ao Mosteiro em busca de consolo. Irão refugiar-se aos pés de Sri Ramakrishna e alcançarão a paz dos sofrimentos deste mundo.'

Deve ser lembrado, no entanto, que não podemos esperar acontecer sempre algo espetacular na vida de um homem de espírito. A contribuição desses seres espirituais passa, na maioria das vezes, despercebida. Pois sua influência, como o orvalho da manhã que faz florescer miríades de flores, é exercida silenciosamente e discretamente. Não pode ser medida em termos de coisas mundanas. Um único momento de contato com eles, uma única palavra deles muda alguns homens, dá a outros um consolo supremo. É, portanto, é imprudente julgar esses grandes seres apenas pelas meras conquistas externas. **As pessoas competentes para conhecê-los são aquelas que alcançaram alturas espirituais semelhantes**. Neste contexto seria proveitoso saber o que Swamiji disse uma vez sobre ele: 'Raja é o maior tesouro da espiritualidade.' Noutra ocasião, quando um europeu devoto veio a Swamiji com seus problemas espirituais. Swamiji o enviou para Swami Brahmananda com as palavras: 'Ele é um dínamo em funcionamento e nós estamos todos sob ele. O devoto depois de conversar com Swami Brahmananda sentiu suas dúvidas esclarecidas e expressou gratidão pela ajuda. Essa era a sua personalidade.

A árvore é conhecida pelos seus frutos. Mas raramente se sabe como a semente cresceu desde seu início minúsculo e imperceptível até a árvore. A Ordem Ramakrishna expandiu-se hoje em uma instituição bastante grande e tem imensas possibilidades de crescimento adicional. Mas foi Maharaj quem semeou a semente,

regou-a e adubou-a com todo cuidado maternal para que possa crescer numa poderosa figueira-de-bengala, para que a mensagem de Sri Ramakrishna pudesse alcançar e ministrar tanto o espiritual como também as necessidades seculares da humanidade para sempre. Maharaj, é desnecessário dizer, firmemente acreditava como Swamiji, que a humanidade precisava da mensagem de Sri Ramakrishna particularmente no momento atual de sua evolução. Então para colocar a organização em bases firmes, Maharaj, que era clarividente na administração, escolheu o tipo certo de instrumentos humanos, monges e devotos leigos, para campos específicos de trabalho, tanto na Índia como no exterior. É por isso que o sucesso dos discípulos, leigos ou monásticos, alcançado em todos os lugares foi quase fenomenal.

IV

Desde a época em que Swami Brahmananda, que passou a ser conhecido pelos devotos de Sri Ramakrishna como 'Maharaj', chegou a Calcutá, após sua longa peregrinação, uma fase diferente se abriu em sua vida — a de ministrar as necessidades espirituais das pessoas. O nome de Sri Ramakrishna já tinha então se espalhado por toda parte e muitos buscadores sinceros, jovens e velhos, estavam agora sedentos para beber da ambrosia da sua mensagem. Mas Sri Ramakrishna não vivia mais em seu corpo físico. As pessoas também ouviram muito sobre Maharaj, como ele era o amado do Mestre e assim por diante; então eles, de todas as esferas da vida, jovens e velhos, estudantes e trabalhadores vinham até ele sempre que permanecia em Calcutá. A facilidade com que ele se misturava com eles os fez deixar a demasiada veneração, que de outra forma despertava neles naturalmente ao vê-lo, e passaram a encontrar nele uma pessoa quase da sua idade. Eles se sentiram livres para desabafar seus pensamentos e problemas como se ele fosse seu confidente de vida inteira. E ele, com seu domínio sobre o reino espiritual, ministrou o que precisavam.

Mas nem sempre ele falava sobre assuntos espirituais. Com muitos ele discutiu coisas nas quais eles estavam interessados. Nós só podemos presumir, agora nesta distância de tempo, que provavelmente esse foi o caminho em que ele os atraiu para si e através desse processo conseguiu interessá-los na vida espiritual. Pois quem consegue evitar a vida espiritual por muito tempo, ao entrar em contato uma vez com o divino? Sua estreita e longa associação com seu Mestre e o seu treinamento lhe revelou as complexidades da natureza humana e esse conhecimento ele utilizou para transmitir instruções adequadas para cada indivíduo. Muitos jovens logo começaram

a vir e coube a ele treiná-los e moldá-los no modelo de Sri Ramakrishna. Esse ministério espiritual assim iniciado continuou pelo resto de sua vida.

V

Após o falecimento de Swami Vivekananda a total responsabilidade de guiar a missão recaiu sobre ele. Dissemos que ele costumava permanecer retraído na maior parte do tempo, mas também era verdade que estava ciente do que acontecia em toda a organização. Embora no início houvesse alguns centros, gradualmente o trabalho da Ordem se expandiu. Mais centros surgiram, mas seu olhar vigilante estava em todas as atividades da missão, sem que ninguém tivesse consciência disso. Ele nunca interferiu com o funcionamento normal de qualquer centro, mas todos se voltavam para ele em busca de suas bênçãos em qualquer novo empreendimento. Ele ainda conhecia o progresso feito por cada um dos membros da ordem e temos isso com base em suas próprias palavras: 'Você acha', disse ele a um discípulo, que não sei o que vocês, rapazes, têm feito e como vocês têm se saído no caminho de Deus. Eu posso morar em um lugar e parecer despreocupado, mas sei o que está acontecendo com cada um de vocês.'

Muitas vezes, sua mera presença resolvia os problemas mais complicados que surgiam em um centro sem que ele tivesse a necessidade de investigá-los. Pois em sua presença as mentes dos aspirantes eram erguidas muito acima do plano mundano e das disputas mesquinhas que poderiam ter se entregado e parecia-lhes infantil e impróprio para eles. Assim, diante dele, todos os problemas derretiam como a neve diante do sol.

"Certa vez, quando lhe pediram", escreve um discípulo, "para fazer algumas novas regras para a orientação dos jovens monges ele respondeu: "Swamiji já fez nossas regras para nós. Não precisamos adicionar nenhuma nova. Adicione mais amor, alcance mais devoção e ajude os outros a avançar em direção ao ideal de Deus." Essa foi a sua prescrição. Pois ele não tinha visto como Sri Ramakrishna sem inaugurar formalmente nenhuma organização manteve a eles, meninos, indissoluvelmente juntos? Esse vínculo era mais firme do que todas as regras poderiam induzir a manter-se unidos. Ele viu que amor destruía o ódio e ciúmes. A devoção elevava o homem do nível animal ao estado divino, e naturalmente nesse estado os homens poderiam viver com poucas regras. Se alguém é realmente devotado a Deus, como poderia odiar Suas criaturas?

E como adicionar esse amor? A menos que alguém amasse a Deus intensamente, não poderia amar verdadeiramente Suas criaturas. Ou todos os outros

amores são uma barganha como Swamiji disse: você me faz algo e em troca lhe dou um pouco de afeição – ou é um faz de conta. E amar a Deus não é uma tarefa fácil. **A menos que se veja a Deus, não poderá amá-Lo verdadeira e totalmente**. Portanto Maharaj colocava grande ênfase na prática das disciplinas espirituais para alcançar a realização de Deus, para ver a Deus. "Avante, adiante" era sua palavra de ordem para todos. A prática das disciplinas espirituais era seu remédio para todos os tipos de problemas, tanto morais quanto espirituais. Pois ele disse que isso limparia a perspectiva da pessoa, purificaria a sua mente e faria alguém ver luz onde antes se via escuridão. **Disciplinas espirituais praticadas adequadamente tornam a pessoa humilde**.

Alguém certa vez perguntou: 'Maharaj, não estou conseguindo concentração mental. Não sinto que esteja fazendo algum progresso espiritual.' Ele respondeu: 'Pratique disciplinas espirituais regularmente durante oito ou nove anos e depois você colherá os frutos de seus esforços. Mesmo em um ano você fará algum progresso.' Assim, com garantias e encorajamentos, ele guiava os discípulos no caminho do Espírito. Mas quando, apesar de seus esforços, se um discípulo não conseguia progredir, Maharaj o ajudava a superar os obstáculos. No entanto, ele colocava grande ênfase no esforço individual.

Uma coisa contra a qual ele alertou foi sobre se manter em conversas inúteis. Ele disse: "Conversa inútil desperdiça muita energia. Um aspirante espiritual deve levantar-se e agir. Seus pensamentos deveriam estar constantemente concentrados em Deus. Os Upanishads dizem: "Conheça somente a Ele, desista de toda conversa vã"[4]. Pois, uma vez que a mente tenha a permissão de correr para onde quiser, será difícil reuni-la novamente. No *Kathopanisad* há uma bela alegoria onde o Eu é comparado com o dono, o corpo com a carruagem, o intelecto discriminador com o cocheiro, a mente com as rédeas, os sentidos com os cavalos e os objetos dos sentidos com as estradas[5]". Então continua dizendo: 'Aquele cujo intelecto não tem energia e discernimento e aquele que sempre tem a mente descontrolada, seus sentidos são descontrolados como os cavalos malvados de um cocheiro.[6]' Eles conduzem a carruagem [para a destruição] e dão tristeza ao dono'. Maharaj diz: 'Dê sua mente ao mundo e isso destruirá não apenas sua mente e alma, mas também seu corpo. Por outro lado, entregue-a a Deus e contribuirá não só para o bem-estar da mente, mas também do corpo.' Sri Ramakrishna também nos adverte: 'A mente é como um pacote

---

[4] Mundaka Up. 2.2.5.

[5] Kathopanishad III. 3 e 4.

[6] Ibid., 5.

de sementes de mostarda – uma vez derramado é muito difícil coletá-las novamente.' Portanto, devemos sempre ser cautelosos com o que pensamos, falamos e fazemos.

Swami Brahmananda foi uma torre de força para a organização. Sob seus cuidados, foi nutrida durante seus primeiros dias, quase desde seu início. Então, quando estivermos comemorando seu centésimo segundo aniversário[7] - ele era apenas alguns dias mais novo que Swamiji - este mês, olharemos para trás e pensaremos nesta personalidade divina que veio ao mundo para transmitir a mensagem da Encarnação da época, Sri Ramakrishna, e vamos absorver alguma inspiração para nos levar adiante no caminho de Deus.

● ● ● ● ● ● ● ●

[7] Este editorial foi publicado em janeiro de 1964 (nota do tradutor).

O QUE AFASTA O HOMEM DE DEUS

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial[2] da revista em inglês *The Vedanta Kesari* – dezembro 1965

Os psicólogos da Índia de antigamente sabiam que os sentidos do homem não eram infalíveis, mais ainda, eles foram definitivos em dizer que os sentidos eram facilmente enganados pela Senhora Natureza. Eles sabiam que algo estava entre nós e as coisas vivenciadas e que nos faz percebê-las em um estado diferente. No *Sānkhya Kārikā* nos deparamos com uma passagem onde o autor enumera as diversas razões pelas quais o homem não consegue perceber os objetos. Essas mesmas razões podem ser dadas para explicar porque vemos o mundo não como ele é, mas de outra maneira bem diferente. A passagem é assim: "Devido à distância extrema, a extrema proximidade, deformidade dos sentidos receptores, uma falta de receptividade mental, sutileza, velamento, supressão ou tornar-se um com o que é semelhante, a não-percepção é possível."[3] Podemos, à luz das descobertas da ciência, acrescentar mais algumas razões para não estarmos bem informados da situação exata em que nos encontramos. Tomemos os fenômenos naturais, por exemplo o nascer do sol. Segundo a ciência, a própria expressão é errada. A ciência diz que a Terra se move em torno do Sol e também em torno de seu próprio eixo e, portanto, resultam os dias e as noites, os meses e as estações. Mas a ideia do homem comum sobre o nascer e o pôr do sol é ingênua, não em consonância com a explicação científica, mas está em voga. De forma similar o homem – como dizem os cientistas da alma, os Rishis, os santos – não vê a si mesmo como realmente é. A experiência sublime desses sábios foi de que aquele Brahman se tornou tudo isso: nosso próprio eu, essas criaturas e tudo o que é visto no universo. O *Chāndogya Upaniśad* diz: 'Ele (Brahman) pensou, deixe-me ser muitos'.[4] Novamente, 'esta mesma divindade pensou, deixe-me entrar nesses devatas (ou seja, fogo, água e terra) por meio do ser vivo, (*jiva*) manifestado como nome e forma.'[5] Existem muitas passagens no *Śruti* que afirmam este tipo de relação entre o *jiva* e Brahman ou Deus.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

[2] "What does Take Man Away from God".

[3] S.K., 7.

[4] Chandogya, VI.ii.3.

[5] Ibid., VI.iii.2.

A questão agora é por que não percebemos esta relação. O que nos impede de experimentá-lo? Esta tem sido a busca dos filósofos e sábios através dos tempos e este é o verdadeiro propósito da religião: descobrir quem somos, de onde viemos e para onde vamos. O *Advaitin* [monista] lhe dirá que é devido à *avidyā*, ignorância, que você vê variedade na unidade, e *avidyā* tem sido descrita de várias maneiras. Sri Ramakrishna nos deu uma definição mais simples desta *avidyā*. Ele costumava dizer que egoísmo no homem é *avidyā*. Outra vez ele disse que é luxúria e cobiça. Permanece entre nós e Deus. Agora pode surgir uma dúvida: Será então que esta *avidyā* é mais poderosa do que Deus para se colocar entre Ele e nós? A resposta foi dada pelo próprio Sri Ramakrishna. Ele diz: 'Não é assim. Mesmo uma coisa minúscula pode cobrir um grande objeto'. Ele citou o exemplo do sol - que sabemos ser muito maior do que a própria Terra - e que pode ser evitado de ser visto por um pedaço de nuvem passageira. Podemos, por esse motivo, dizer que a nuvem é mais poderosa que o sol? A nuvem deve muito de sua existência ao sol e não o contrário. Um efeito nunca pode ser maior que a causa. Sri Ramakrishna deixou ainda mais claro esta verdade ao segurar um pedaço de pano entre ele e o público. Ele disse: 'Você não pode me ver agora por causa deste véu. Tal é *avidyā*, esta é a natureza do egoísmo'. Esconde a verdadeira natureza do mundo e até de si mesmo.

II

Como podemos superar esse egoísmo? Se tivermos que prosseguir cientificamente, antes de tudo devemos saber o que o constitui. Os Upanishads falam do *jiva* como dotado dos cinco invólucros, os *pancakośas* – o *annamaya*, *prānamaya*, *manomaya*, *vijñāmaya* e *ānandamaya*. A própria ideia de que estes são chamados de invólucros mostra que eles não são a coisa real. Sabemos que a bainha não é a espada, é apenas um receptáculo para a espada. Da mesma forma, estes *Kośas* não são o ser, nem o *Atman*. Mas como a bainha é um apetrecho necessário para o porte da espada, então esses *Kośas* são necessários para o propósito do trânsito da alma através do mundo da experiência de volta à sua própria natureza.

Os *Kośas* acima são às vezes reagrupados e denominados como os corpos *sthūla* (grosseiro), *sūksma* (sutil) e *kārana* (causal). O *annamaya kośa* é o corpo visível grosseiro; o *pranamaya*, *manomaya* e *vijñāmaya kośas* constituem o corpo sutil e o *ānandamaya kośa* forma o corpo causal. Neste reagrupamento ou reclassificação embora o termo bainha foi eliminado, o substituto usado, viz. *sarira*, corpo, não tem muito mais respeito na filosofia indiana do que a palavra bainha, invólucro. Sri Krishna no Gita compara o corpo a uma vestimenta. 'Assim como o homem descarta as roupas usadas e veste outras novas, da mesma forma o *jiva* (*dehi*) descarta os corpos velhos e decrépitos e

assume outros novos.’[6] Existe o *śariri*, o morador do corpo, para quem o corpo é a casa. Uma casa não se constrói por si mesma, nem por mera finalidade arquitetônica, mas para quem quer uma habitação. Por si só não tem valor. Só porque alguém mora numa casa vale a pena todo o esforço, o trabalho e o custo. Da mesma forma o corpo vale menos que o pó do qual é feito, assim que o morador o deixa. No entanto, tal é a paixão, que o morador interno se identifica com o corpo e se esquece de si mesmo. Esta sobreposição do corpo insensível à entidade consciente (o ser) e vice-versa, ou seja, a mistura de verdade e falsidade é a base natural, diz Śri Śankara, de todas as transações neste mundo.[7] Não saber sobre isso é o que constitui ignorância e a identificação de si mesmo com qualquer um dos três corpos acima citados é o que é chamado ego (*ahamkara*).

O alcance desse ego é vasto. Como se não estivesse satisfeito com os enfeites desses corpos, ele assume novos. Existem os *upādhis*, os complementos limitantes que comprimem ainda mais nossa alma quando fica apegada a eles. Existem escolaridade e riqueza. Há nome e fama, propriedade e descendência. Se estes *upādhis* não forem devidamente usados, eles certamente usarão o homem de maneira inadequada. Em vez do cachorro abanar o rabo, o rabo vai abanar o cachorro, como diz o ditado. Cada um deles é o suficiente para inchar o ego à proporções infinitas e quando tal coisa acontece, resta apenas um espaço muito pequeno para o *Ātman* ocupar, para Deus se manifestar. Pois seja qual for o nome pelo qual chamamos esse Princípio Consciente, de acordo com a nossa inclinação para *Advaita* ou *Dvaita* [dualismo], tem que ser aceito com base na autoridade de *Śruti* e *Smriti* que este Princípio vive no homem. O *Brhadāranyaka Upanisad* diz: ‘Aquele que vive em todos os seres, mas está dentro deles, a quem nenhum ser conhece, cujo corpo são todos os seres e que controla todos os seres do interior, é o Governante Interno, este é seu próprio Ser imortal’.[8] ‘O Senhor, ó Arjuna, habita no coração de todos os seres e faz com que eles se movam pelo Seu poder, *Māyā*, como se estivessem montados em uma máquina,[9] diz Sri Krishna. Mesmo este Ser nós estamos negligenciando e acumulando enfeites e nos enterrando na pilha de sucata a tal ponto que para todos os efeitos práticos, o *Ātman* em nós afunda-se quase na insignificância. Como alguém se referindo às passagens Upanisádicas disse com humor: ‘Por causa da preocupação do homem com as outras coisas do mundo, o *Ātman* entrou em um lugar muito secreto e se escondeu[10] no menor espaço no coração.[11] Tem medo de ser visto por olhos profanos’. O que

---

[6] Bhagavad Gita, II.22.

[7] Br. Sutra Bhashya, Introduction.

[8] Br. Up. III.vii.15.

[9] Bhagavad Gita, XVIII.61.

[10] Kathopanishad, II.12. and III.12.

[11] Chandogya Up., VIII.i.1.

acontece por esse processo de aumento de nossos acúmulos é que a espessura do véu que projetamos entre nós e Deus aumenta, até tornar-se muito espesso para que possamos ter qualquer vislumbre d'Ele. Toma a forma de uma parede, uma barreira muito espessa para penetrar.

Um exemplo impressionante de como o ego da riqueza atua foi dado por Sri Ramakrishna. Ele disse: 'Se um ladrão roubar dez rúpias da casa de um homem e for pego, o dono exclama: "Roubou de minha casa!" Primeiro ele pega o dinheiro roubado, dá ao ladrão uma boa surra e não satisfeito com isso, o entrega à polícia'. Por que isso acontece? Porque o homem rico se identificou com sua fortuna. Esse é o ego de riqueza. Sri Krishna descreve isso como *āsuri sampat*, traços demoníacos no homem, assim: 'Isto eu adquiri agora; isso que desejo breve terei; essa riqueza é minha, outras posses também serão minhas em breve. Esse meu inimigo eu já destruí e destruirei outros também. Eu sou o Senhor; eu sou o desfrutador; eu alcancei tudo o que pode ser cobiçado, sou poderoso e feliz. Sou dotado de riqueza; sou de origem nobre; quem mais é igual a mim? Eu vou realizar rituais de sacrifício; darei presentes; irei me divertir'.[12]

III

Como superar esse ego que nos impede de ver Deus? Os *Upanisads* prescrevem o método de discernimento. O que é que vê e percebe as coisas neste mundo? É o Princípio Consciente, o *Ātman* que percebe, enquanto no mundo se acredita que o agregado da mente, os sentidos e o corpo é quem vê, quem experimenta. 'Aquilo que é o ouvido do ouvido, a mente da mente, a fala da fala, a força vital do *prāna* e o olho do olho. O homem sábio O distingue dessas faculdades e elevando-se acima da vida sensorial, torna-se imortal'[13], diz o *Kenopanisad*. Disto fica claro que não é o olho que vê, mas sim aquilo que mantém o olho vivo; não é a mente que pensa, mas aquilo que mantém a mente alerta. E aquele que reside em todos os seres e os faz viver, mover e ter o seu ser, é Deus. O *Kathopanisad* afirma isso incansavelmente e nega essa experiência a todas as outras faculdades ou entidades. 'Realizando o UM que vê as coisas que estão no sonho e as coisas que estão quando acordado, como o Grande Ser Onipresente, um homem sábio não se aflige.'[14] O significado é óbvio. Aquilo que está em nós e percebe as coisas tanto no estado de vigília como no sonho, esse é o Ser Onipresente, Deus. E percebendo isso como tal, não há nenhuma tristeza. Como observa outro *Upanisad*: 'Onde está a paixão, onde está a tristeza para aquele que vê a

---

[12] Bhagavad Gita, XVI.13 to 15.
[13] Kenopanishad, I.2.
[14] Kathopanishad, IV.4.

unidade em toda parte e sabe que apenas seu *Ātman* se tornou todos os seres?'[15] Está muito perto de nós, mas mesmo assim muito longe.[16] Está muito longe para aqueles que se envolveram no mundo. Eles têm que viajar uma longa distância antes que possam alcançá-Lo ou vê-Lo. Mas está muito perto daqueles que têm discernimento, que sabem que só Deus existe em tantas formas. Para eles, está dentro de cada ser, bem como fora deles.[17] Quando essas ideias são repetidamente impostas à mente e quando aprende a assimilar esse fato e a torná-lo seu, ser um só com essa ideia, então o homem fez algum progresso em direção ao seu ideal, em direção a Deus.

Mas deve ser precedido pelo discernimento entre o que é real e o que é irreal. Primeiro temos que descobrir, temos que perguntar a nós mesmos, se riquezas, as posses exteriores – nome e fama – elas são reais? Depois vem o que mais valorizamos, o corpo. Isso é eterno? Não, não é. Agora, quando dizemos que uma coisa é efêmera, algo de uma natureza oposta é aceita como existindo sempre. Então há algo eterno comparado a esta existência. O homem se apega às coisas aqui porque elas são tangíveis para ele e pensa que pode mantê-las. Mas quando passa a conhecer o verdadeiro valor das coisas, deseja alcançar uma morada permanente. Ele ouve sobre os prazeres no céu e busca por eles, pois são mais duradouros do que os [prazeres] da terra. Mas esse não é o objetivo. O céu é apenas este mundo de sentidos multiplicados, por mil ou milhão de vezes, se você quiser, mas quando os prazeres no céu que foram conquistados através do mérito das ações realizadas aqui, chegam ao fim, com os méritos esgotados, aí vem a queda. Portanto os sábios aconselham que mesmo **o céu não é a meta**. Assim, quem anseia pela paz e verdadeira imortalidade, deveria ver a Deus, buscar o conhecimento de Brahman. Essa pessoa deve ter intenso desapego por prazer aqui e no além. Quando por muito tempo, sem impedimentos, são feitos incessantes esforços nessa direção, então o conhecimento do *Ātman* surge, então o ego morre de morte natural. Não tem mais poder para trazer-nos de volta a este mundo. Pois os frutos da ação, que levam ao ser encarnado, são então completamente esgotados.[18] Tornam-se impotentes para frutificar e provocar um novo nascimento para aquela pessoa, assim como a semente frita é incapaz de germinar.

IV

Este caminho pode ser seguido por poucas pessoas escolhidas. O número é de uma minoria microscópica. Qual é o caminho para o homem comum? Sri Ramakrishna diz: 'Este ego é como a árvore *peepal*, muito difícil de se vencer. Corte-o

[15] Isavasya Up., 7.
[16] Ibid., 5.
[17] Ibid.
[18] Bhagavad Gita, IV.37.

hoje, amanhã novamente surgirá seu broto. Então deixe esse ego intratável permanecer como servo. Então isso não poderá lhe causar nenhum mal. "Eu sou o servo de Deus". Este ego não é prejudicial'. Mas então deve-se servir aos devotos de Deus e aprender com eles o caminho para alcançá-Lo. As riquezas deste homem são colocadas a serviço do Senhor e de Seus devotos. Ele pode fazer caridade, mas isso não infla seu ego. Pelo contrário, ele fica feliz por ter sido o instrumento na mão de Deus para servir Suas criaturas. É o Senhor quem lhe ordena e ele está lá apenas como Seu servo. Quando alguém consegue cultivar verdadeiramente esta atitude, livra-se do ego imaturo, como Sri Ramakrishna o denomina. O ego maduro também sabe que tudo é Brahman, tudo vem de Deus e vive n'Ele, ou então que é apenas Seu servo e como servo não pode se orgulhar das conquistas alcançadas através dele por seu Mestre, o Senhor, este ego maduro também não tem nada para exibir e, portanto, permanece humilde e subserviente à vontade de Deus. Estas são as duas maneiras de superar o ego. Nesse caso da entrega, de permanecer como servo, o que chamamos de *Karma yoga* também desempenha um grande papel. Deve-se trabalhar, apagando completamente os seus egos, e sem a menor ideia de retorno, recompensa. É apenas para agradar ao Senhor que têm que trabalhar e não reivindicar qualquer recompensa por isso. Sua mente deve estar sempre mergulhada em Deus para conhecer Sua vontade e agir de acordo. ***Bhakti* ou devoção não liberta o homem de suas obrigações no mundo**. Em vez disso, faz com que cumpra essas obrigações com mais consciência e meticulosamente do que antes. Fazendo assim tudo para Deus, estabelecendo a mente n'Ele, curvando-se a Ele e entregando-se de forma completa a Ele, se é capaz de derrubar o véu deste ego e permanecer diante de Sua presença resplandecente.[19] Este é o caminho para voltar a Ele de quem, por um breve período, temos a sensação de que estamos separados. Esta experiência é como a aparência dividida que o oceano apresenta quando um bastão está flutuando sobre ele, enquanto o tempo todo o oceano é um e indiviso. Esta é a natureza do ego. Penetrando e conhecendo-o como tal, iremos além e alcançaremos o Senhor.

● ● ● ● ● ●

[19] Ibid., IX.34.

O SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS NA VIDA ESPIRITUAL

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista em inglês *Vedanta Kesari* – abril 1964

Símbolos e insígnias estão em voga desde tempos imemoriais. Eles não se tornaram obsoletos com o avanço do tempo ou da ciência. Provavelmente hoje mais símbolos ou sinais são usados no mundo do que nunca antes - as nações têm suas bandeiras particulares, os militares têm suas insígnias, os fabricantes têm as suas marcas, os governos têm os seus selos, os partidos políticos têm os seus símbolos. Os sinais e símbolos, conectados com uma nação lembra sua peculiaridade, seu status no mundo, a sua contribuição para o bem-estar ou nas dificuldades do mundo. A marca registrada do fabricante é uma garantia da genuinidade dos produtos, se os produtos provaram a sua utilidade. Assim também qualquer outro emblema traz consigo a memória daquilo que representa tão vividamente como se toda a sua história nos tivesse sido apresentada em poucas palavras.

Outro tipo de sinal tem, tradicionalmente, sido reconhecido como representando um sentimento ou desejo específico – a bandeira branca em batalha indica rendição; um ramo de oliveira é considerado um símbolo de disposição da parte do portador para reconciliação; sinais vermelhos marcam perigo à frente e o verde apresenta um caminho limpo. Existem novamente alguns sinais distintos que a tripulação de uma aeronave deve compreender na sua abordagem a um aeroporto. Em suma, o simbolismo está entrelaçado na vida do homem antigo ou moderno, científico ou não científico.

A religião também adotou este método de simbolismo e é tão antigo quanto a própria religião. Por exemplo, temos no *Rig Veda*, que é reconhecido como o mais antigo registro escrito de revelações espirituais, o *Purusa Sukta* onde o Divino é concebido como uma pessoa com milhões de cabeças, miríades de olhos e pernas, permeando todo o universo e também transcendendo-o.[2] Os seres humanos estão na escala mais alta da evolução de acordo com qualquer estimativa, não excluindo a da ciência biológica. A maioria das pessoas, portanto, só pode compreender Deus como uma pessoa. A concepção do homem comum não pode ir além disso. Ele pode

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

[2] Rig Veda, 10.7.90.1.

entender a Ele como uma Pessoa benevolente, beneficente, generosa, sempre pronta a ajudar Seus filhos. Esta é uma concepção antropomórfica, sem dúvida, mas é a mais próxima da Verdade. Mas aqui novamente os Vedas se destacam. A própria ideia é colocada de uma forma que significa mais do que aquilo que aparenta. Isso não significa que uma forma real como a de uma pessoa foi concebida pelos *Rishis*. O verdadeiro significado é que o Divino se manifesta em todos os seres deste universo e está além também. Isso fica claro nos próximos dois Rks. 'Este universo inteiro que vemos é apenas aquele Purusa (o Divino). Aquilo que já ocorreu, e aquilo que ainda está por vir também é apenas o Purusa. Ele é também o Senhor da imortalidade. Ele se manifesta na forma deste mundo para a experiência das *jivas*, mas por esse motivo esta não é Sua verdadeira essência. Tudo isto é apenas o Seu poder, o Purusa transcende tudo. Este universo e todos os seus seres são apenas um quarto Dele, a porção imutável restante repousa em Sua própria natureza, brilhante e auto iluminada.'[3] Aqui, novamente, a proporção é apenas figurativa, apenas para mostrar que a extensão e extensão do Purusa é imensurável. Ele é infinito – isso é transmitido por esses hinos. Então embora a ideia pareça inicialmente antropomórfica, uma investigação mais profunda desmente esta teoria.

Pois esta metodologia simbólica foi usada tanto nos Yajñas ou sacrifícios e Upãsana ou meditação também. No Aswamedha Yajña, por exemplo, o corpo do cavalo sacrificial era considerado o corpo do Virāt Purusa, o Ser Cósmico. Cada parte dele representava simbolicamente algum aspecto do Ser Cósmico - o amanhecer foi representado pela cabeça do cavalo, o sol pelos seus olhos, o ar pela sua força vital, o fogo pela boca aberta, e assim por diante. Então, mesmo enquanto o sacrifício estava sendo conduzido, o objetivo era imprimir o pensamento constante no Divino. O homem vive geralmente no plano mundano; muito grosseiros são seus prazeres. Então os Vedas disseram que ele pode ter algo melhor e prazeres melhores e mais duradouros se ele acumulasse nos outros mundos. Ele iria para o céu e viveria feliz por muito tempo se fizesse certos sacrifícios. Disseram até que ele se tornaria imortal, no sentido de que a duração da vida lá era infinita em comparação com sua duração mortal. Entre os sacrifícios, o Aśwamedha foi declarado para dar o fruto mais elevado – alcançar o céu mais elevado, o Brahmaloka. Mas isso implicava pesadas despesas e coleta de ingredientes raros que só eram possíveis para reis e imperadores. Por outro lado, havia alguns sacrifícios obrigatórios a serem feitos por um Brahmana. A vida do Brahmana era uma vida de abstinência e sacrifício. Tinha que realizar todos os meses dois sacrifícios conhecidos como Darsapurnamãsa, por um longo período de trinta anos, a partir do dia que ele acende o fogo ou, em alguns casos, para o resto da sua vida. Cada sacrifício demorava dois dias; e nesses dias ele tinha que se abster de carne

[3] Ibid., 10.7.90.2&3.

e outros prazeres carnais. Além disso ele tinha que realizar o sacrifício de Agnihotra, duas vezes diariamente, uma vez imediatamente após o pôr do sol e novamente pouco antes do nascer do sol, durante toda sua vida. Houve outros sacrifícios que um buscador do céu teria que fazer. Os sacrifícios, cuja realização exigia a observância de grande austeridade e autocontrole, ajudava a limpar a mente dos sacrificadores. A mente purificada, por sua vez, refletia as verdades da religião claramente. Portanto, embora o sacrificador possa ter começado com o mais mundano dos motivos, ele logo os superaria e desejaria saber sobre a Verdade Eterna. Este era o propósito do *karma kanda* dos Vedas – sublimar o homem, conduzindo-o gradualmente do grosseiro ao sutil.

II

No que diz respeito ao Upãsana, procede-se de símbolos sutis para símbolos mais sutis. Certa vez, Narada se aproximou de Sanatkumara, um dos primeiros quatro contemplativos e filho-mental de Brahma, e pediu para ser ensinado.

Sanatkumara queria saber o que Narada já sabia. Narada respondeu: 'Eu estudei os Vedas, os puranas, os itihasas' e assim por diante. Em resumo, todas as ciências então existentes eram conhecidas por ele. Mas ele acrescentou 'Eu conheço apenas os mantras (as palavras e seus significados), mas não conheço sobre o Ātman. Ouvi de pessoas como você que um conhecedor do Ātman supera a dor. Caro senhor, ainda estou sob a influência da dor e prazer. Por favor, leve-me através deste oceano de sofrimento.'[4] Saber o significado dos textos das escrituras não é o conhecimento do Ātman. Isto não torna ninguém perfeito, não liberta ninguém dos pares de opostos. Narada sentiu isso profundamente, apesar de todo o seu conhecimento dos diferentes Sastras [Escrituras Sagradas].

'Isso (que você sabe) é apenas nome. Medite nisso como Brahman,'[5] diz Sanatkumara. Meditando sobre isso pode-se alcançar o que quer que receba um nome. 'Existe algo superior ao nome?' perguntou Narada. 'Definitivamente há. A fala é maior que o nome. Através da fala apenas você entende tudo. Medite sobre a fala', respondeu o preceptor. Narada perguntou novamente se havia algo maior que a fala. O preceptor aos poucos instruiu que a mente era maior que a fala; que a vontade era maior que a mente; que *chitta* era maior que a vontade; que meditação era maior que *chitta*; que o conhecimento era maior que a meditação, e assim por diante até chegar ao *Prãna*. Narada que sempre questionava se havia algo maior do que o que o mestre estava descrevendo, falhou ao não perguntar se havia algo maior que *Prãna*. Pois ele pensou que *Prãna* representado por Hiranyagarbha era a realidade final. Embora o

[4] Chandogya Up. 7.1.3.
[5] Ibid., 7.1.4.

discípulo não tenha perguntado, o preceptor sabendo de seu valor, de seu próprio acordo instruiu a Narada a não ficar satisfeito com o conhecimento do *Prãna*, pois havia algo superior ao *Prãna* que deveria ser conhecido. Não se vai além das disputas (tornando-se *ativãdi*) conhecendo o *Prãna*. Um deve buscar a Verdade para se tornar um verdadeiro *ativãdi*.

Narada busca refúgio novamente com o preceptor e deseja ser iluminado. 'Aquilo que é vasto, isso é felicidade. Não há felicidade nessas pequenas coisas. Só no Grande há felicidade. Esse vasto deve ser conhecido.'[6] E o que é esse vasto? 'Quando não se vê mais nada, não se ouve nada mais, não se conhece nenhum outro, esse é o Grande.'[7] Quando se vai além da dualidade conhece-se o Grande, Brahman.

Neste episódio, mencionado no Upanisad, vemos como gradualmente foi pedido a Narada que buscasse verdades cada vez mais elevadas. Embora o Nome (os *Shastras*) não era em si Brahman, ele foi convidado a meditar sobre isso como Brahman, depois na fala e assim por diante. Estes foram projetados como símbolos de Brahman, e tal meditação tinha seus próprios resultados, muito superiores aos das coisas mundanas. Mas eles não foram definitivos. A meta final estava para ser alcançada somente em Brahman. Por que o preceptor não esclareceu imediatamente o discípulo? A verdade é evasiva, quase impossível de entender e há o perigo de mal-entendidos quando ensinado a mentes imaturas.

III

Um exemplo brilhante de quão difícil de assimilação são as verdades sutis, é encontrado na instrução de Prajapati para Indra e Virochana no *Chãndogya Upanisad*. A história é assim: Certa vez, Prajapati, o Senhor do Universo, anunciou que quem conhece o Ātman, que é intocado pelas manchas, sem idade, imortal, livre de sofrimento, desprovido de fome e sede, cujos desejos são verdadeiros, cujos desejos são fatos, atinge todos os mundos e obtém todos os seus desejos. Esta declaração levou os deuses e demônios, que ansiavam naturalmente por prazeres, posses e soberania dos mundos, para delegar seus reis Indra e Virochana para aprender esse conhecimento com Prajapati. Era tradição naquela época ir até um mestre com toda humildade e servi-lo. O preceptor então, pensou se eles estariam com ele há tempo suficiente para entender o conhecimento que ele iria transmitir, perguntou-lhes com que intenção eles estivavam morando com ele. Prajapati também seguia a regra. Ele permitiu-lhes servi-lo e ficar com ele por trinta e dois anos, e no final desse período ele perguntou o que eles queriam saber. Eles expressaram seu desejo de saber sobre o

---

[6] Ibid., 7.23.1.
[7] Ibid., 7.24.1.

Ātman. Prajapati disse: 'Aquele Purusa que é visto no olho, este é o Ātman; é imortal; é destemido; este é Brahman.'[8] O propósito da instrução de Prajapati era fazê-los entender que, o Ātman visto pelos Yogis de sentidos controlados e desejos aniquilados, é Brahman. Mas os discípulos, por causa sua falta de penetração mental, entenderam o Ātman como o reflexo visto no olho. A expressão simbólica foi esquecida e o significado literal foi aceito.

Os discípulos, para ter certeza de que o que eles entendiam como Ātman estava correto – perguntaram se era o mesmo Ātman que se reflete na água e no espelho. Prajapati, para não os envergonhar dizendo que eles estavam completamente errados, disse que era assim e aquele era 'visto em tudo isso'. O Ātman sendo o mais íntimo de todos os seres e mais próximo da mente poderia ser visto dentro de tudo. Mas novamente os discípulos não entenderam o que ele queria dizer e entenderam também literalmente. Prajapati novamente tentou convencê-los de que estavam errados, pedindo-lhes que vissem primeiro o seu reflexo na água, como estavam - com barba e cabelo despenteados e vestidos com vestes ascéticas – e então depois de terem se barbeado e se adornado. No entanto, até então eles estavam tão convencidos de sua compreensão do assunto que não tomaram qualquer nota particular da instrução. Eles assumiram que sua forma externa era o Ātman e se foram.

Virochana não teve a menor dúvida quanto à clareza e veracidade de sua compreensão. Então ele se foi e proclamou aos seus súditos que o corpo era o Ātman e que deveria ser bem alimentado e cuidado. Indra, por outro lado, depois de se afastar um pouco, refletiu sobre as duas imagens que ele tinha visto. Ele pensou: 'Se este corpo é Ātman, então também está sujeito às mudanças - quando o corpo está bem adornado, Ātman fica adornado, quando está bem vestido o Ātman fica bem vestido, quando limpo parece limpo, da mesma forma quando o corpo fica cego, o Ātman também fica cego, quando a perna fica paralisada, o Ātman também fica coxo, e assim também com a morte do corpo, o Ātman também morre. Então onde está o resultado prometido por Prajapati?' Assim cogitando Indra retorna. Prajapati pergunta: 'Você partiu muito satisfeito junto com Virochana. O que o traz aqui agora?' Indra responde: 'Senhor, você não quis dizer que este reflexo era o Ātman quando disse, o que é visto no olho é o Ātman.' 'Não, certamente não,' respondeu Prajapati, 'viva mais trinta e dois anos comigo e eu lhe ensinarei.' Indra fez isso, e Prajapati falou novamente com ele: 'Aquele que você vê desfrutando de muitas coisas no sonho, aquele é o Ātman.' Indra ficou satisfeito e partiu para sua morada. Mas ele refletiu: 'Embora este Ātman não seja afetado pelas modificações ou mutilações do corpo, mas às vezes também é como se ficasse triste, como se chorasse. Então este também não pode ser o Ātman que o Senhor explicou.'

---

[8] Ibid., 8.7.4

Uma segunda vez ele retorna e pede para ser iluminado. Prajapati pede que ele viva com ele novamente por mais trinta e dois anos, e ao final do período Ele diz, 'aquilo que você vê no sono profundo, quando não há sonhos, é o Ātman.' Indra partiu encantado por ter sabido o que ele considerou o segredo sobre o Ātman. Mas novamente a dúvida o assaltou. E ele voltou e disse: 'Senhor, no estado que você descreveu agora para mim, eu não vejo nada que diga "Isto sou eu" nem vejo estas criaturas. Está quase escuro, tudo parece destruído ali. Nisto não vejo nenhum dos seus frutos prometidos.'[9] 'Sim, é como você diz; resida mais cinco anos comigo e então eu te ensinarei', exortou Prajapati.

No final do período, Prajapati disse: 'É verdade que o que você percebeu com seus olhos e outros sentidos, como também com a mente, se evapora no vazio no sono profundo. Você não deveria se arrepender por isso. Pois este corpo (os sentidos e a mente) é dominado pela morte. Está sujeito à destruição, mas é a morada do Ātman, que é incorpóreo e imortal. Enquanto o Ser estiver corporificado e se identificar com o corpo, haverá dor e prazer. É inevitável. Dor e prazer não tocam apenas aquele que transcender a ideia de corpo.'[10] Um vislumbre do qual se sente em sono profundo. Vimos agora como o mesmo conselho foi interpretado de forma diferente por pessoas diferentes, devido à falta de perspicácia para compreender e ausência da pureza de espírito necessária ao refletir. É por isso que um caminho passo a passo e símbolos adequados são uma necessidade no início e na maioria dos casos, por muito tempo.

IV

Raja Yoga é outro método de abordagem ao Divino. Para alcançar *samãdhi* pelo controle do sopro vital, *prãna* é o caminho nele prescrito. Patanjali em seus Yoga Sutras diz em um lugar que o *samãdhi* pode ser alcançado também 'por devoção a Ísvara'.[11] Depois dá uma ideia a respeito de Ísvara. Mas a ideia a ser lembrada deve ser condensada ou nomeada. Então ele postula: 'Seu símbolo é Om.'[12] Swami Vivekananda explicando este sutra diz: 'Cada ideia que você tem na mente tem uma contraparte em uma palavra; a palavra e o pensamento são inseparáveis. A parte interna de algo e a própria coisa é o que chamamos de pensamento. Nenhum homem pode, por análise, separar o pensamento da palavra.' Os sons podem variar de acordo com os idiomas, mas a relação entre os sons e o pensamento é natural. Além disso Swamiji afirma: "O símbolo é o manifestante da coisa significada, e se a coisa significada já existe, e se, por experiência, sabemos que o símbolo expressou isso

[9] Ibid., 8.11.2.

[10] Ibid., 8.12.1

[11] Yoga Sutras, 1.23.

[12] Ibid., 1.27.

muitas vezes, então temos certeza de que existe uma relação real entre eles. Mesmo que as coisas não estejam presentes, haverá milhares que os conhecerão pelos seus símbolos.' Milhões de aspirantes verificaram a eficácia desta palavra 'Om'. Nos Upanishads diz-se que este Om representa o Universo, passado, presente e futuro e até mesmo aquilo que está além dos três tempos, além do universo.[13]

Patanjali nos assegura que a repetição deste *mantra* junto com a meditação sobre o seu significado[14] leva ao fim desejado, o *samãdhi*. Como é que esta repetição de um *mantra* purifica a mente? Uma mente científica irá naturalmente colocar esta questão. Temos que lembrar aqui que o homem nasce com uma carga de *samskãras*, tendências inatas. O que fez estas tendências, ou como essas inclinações são criadas? Elas são criadas por nós. O que quer que nós pensarmos, falarmos ou fizermos, quisermos e sentirmos, perturbam a substância mental. Swamiji comparou essa substância mental a um lago. Quando jogamos pedras na água do um lago ele se perturba. As ondulações são vistas se espalhando por toda parte. As pedras ou seixos vão se depositando no fundo. Da mesma forma, os pensamentos que pensamos e ações que fazemos têm um efeito imediato de perturbar a tranquilidade da mente e tem um efeito posterior e mais duradouro como uma impressão depositada nos recessos da mente na forma de uma tendência - tendendo a surgir novamente quando a oportunidade adequada se apresenta. Nas palavras de Swami Vivekananda, elas deixam um sulco, por assim dizer, no cérebro e depois de um tempo em que as ações são repetidas o homem é obrigado a avançar nesta linha. Qualquer tentativa de desviar-se deste caminho trilhado é vigorosamente resistida pela mente. Estes são chamados *samskãras*. Como então podemos superar esses *samskãras*? Sri Ramakrishna costumava dizer que um espinho que picou você deve ser extraído com a ajuda de outro espinho. Os *samskãras* maus serão eliminados por boas ações e bons pensamentos. Pela repetição de um *mantra* e meditação em seu significado, a mente fica impedida de voltar aos seus velhos hábitos. *Samskãras* novos são formados por esta meditação constante, que subjuga os maus [*samskãras]*, se a prática tiver sido longa e intensa. A mente livre da escória inclina-se naturalmente para a tranquilidade.

O caminho do Raja Yoga, sem dúvida, é através do controle psíquico. Ele prescreve o controle do *prãna*,[15] força vital, — que Swamiji chama de energia do universo - como um meio de purificar a substância mental. Isso é realizado pela regulação da respiração como primeiro meio. O Yoga *sãstra* dá instruções detalhadas sobre quanto tempo se deve inspirar, quanto tempo para segurá-la [a respiração] e quanto tempo se deve levar para expulsá-la [expiração]. Swami Vivekananda sugere que se deveria, em vez de simplesmente contar números para medir o tempo, repetir

---

[13] Mandukya Upanishad, 1.

[14] Yoga Sutras, 1.28.

[15] Ibid., 1.34.

um nome sagrado, que é o símbolo do Divindade, ao fazê-lo, para que a mente possa permanecer o tempo todo no pensamento do Divino.

Se esta ideia parecer muito abstrata para o aspirante, Patanjali sugere alternativas. Ele diz: 'Concentração em uma Luz Refulgente que está além do sofrimento; ou no coração que abandonou todos os apegos dos objetos dos sentidos, ou em algo que seja bom e atraia a pessoa,'[16] que também é útil.

V

Com o passar do tempo, o homem tornou-se cada vez mais extrovertido, quando não conseguia mais cumprir os deveres que lhe eram impostos devido a vários motivos, quando os sacrifícios ritualísticos se tornaram cegas observâncias e sem profundidade, os mestres hindus desenvolveram esta ideia da simbólica representação da Divindade para que pudesse ser facilmente compreendida mesmo pelo homem comum. Imagens e *sālagramas*, templos e santuários para os abrigassem surgiram. As imagens não eram visualizadas em nenhum momento, mesmo pelo hindu mais ignorante, como mera pedra ou madeira. Para eles eram os lembretes do Divino Consciente, símbolos da Divindade. É fácil criticar e condenar a adoração da imagem pelos hindus como idolatria, mas por que alguém que condena tal adoração não olha para seu próprio credo?

Cada seita, cada religião adora um símbolo. Mas cada um pensa que seu próprio símbolo é verdadeiro, uma representação correta da Divindade e que todos os outros estão errados. Esta é uma visão pervertida das coisas e uma forma mais abjeta de amor próprio. Podem ter ocorrido alguns abusos em tal adoração. Mas abusos de todos os pensamentos e práticas sublimes são vistos em toda seita e em toda religião. Isso não é motivo para condenar a prática em si.

É preciso escolher o bem e deixar de fora o mal. Se isto tiver feito um pouco de dano em algum momento devido às mãos malignas em que a prática caiu, também fez um bem infinito. Além disso, enquanto o homem for homem, mais inclinado para a carne do que para a alma, ele requer toda a parafernália exterior também para imprimir em sua consciência a existência de um Ser Supremo que ele não deve esquecer. É infrutífero falar contra símbolos. Eles contribuíram enormemente para a cultura religiosa e elevação espiritual do homem e continuará a fazê-lo no futuro. As massas os requerem e mesmo a maioria das classes intelectualizadas não consegue dispensá-los sem receio quanto às consequências. **A única coisa contra a qual devemos nos precaver é que esta adoração não assuma uma forma dogmática para impor o seu símbolo ou imagem aos outros.**

---

[16] Ibid., 1.36 to 39.

Concluiremos com a exortação de Sri Ramakrishna a respeito da adoração de imagens: ‘Mas por que [chamas de imagem de] barro? É uma imagem de espírito. Mesmo que a imagem seja feita de barro, há necessidade desse tipo de adoração. Aquele que é o Senhor do Universo arranjou todas essas formas para se adequarem aos diferentes homens em diferentes estágios de conhecimento.’ O que é dito das imagens também é verdade para os símbolos.

● ● ● ● ● ●

COMO SABER QUE SE É SINCERO NA VIDA ESPIRITUAL[1]

Por Swami Paratparananda[2]

Amigos,

O caminho espiritual ou vida espiritual, segundo a maioria, é conformar-se com os dogmas e credos, em poucas palavras seguir a tradição, mas o que é o caminho espiritual, em que consiste? Ao dizermos espiritual tem que ter algo que ver com o *espírito*. Geralmente as pessoas que buscam a religião ou tentam seguir um caminho espiritual, buscam curas, milagres, e assim por diante. Se se está satisfeito com as coisas do corpo, que é matéria, então quando vamos pensar no espírito? Caminho espiritual significa o que não é desse mundo, que transcende toda a matéria, pois aqui, por mais longa que seja a vida, um dia teremos que deixar [este mundo]. Este mundo não é permanente. Num ouro sentido, este mundo também termina, pois esse mundo gigante que vemos, um dia vai acabar, mas antes, tudo que é criado neste mundo também acaba. Cada um tem uma dada vida, curta ou longa, para pensar, 'que vou fazer com essa vida?'. Pode melhorar-se ou pode desperdiçar [a vida]. Que significa desperdiçar? Correr atrás das mesmas coisas da matéria. Se seguindo uma religião ou caminho espiritual está buscando prolongar a vida, melhorar a situação econômica, etc., está desperdiçando seu tempo e sua vida. Sri Ramakrishna disse que o dever do ser humano é tentar obter o amor por Deus. Se não o logra, esta vida é em vão. Aí se tem uma indicação de sinceridade. Se não se tenta amar a Deus, mesmo sentir um pouco de devoção por Ele, está perdendo seu tempo [desta vida]. Está traindo a si mesmo, não aos outros. Se buscarmos só as coisas do mundo [prosperidade material, curas], você não causa danos a ninguém, mas a si mesmo.

Então a primeira coisa a se analisar é perguntar-se, 'o que estou buscando?'. Deus é uma entidade desconhecida por nós. Então como podemos pensar n'Ele ou amar a Ele, essa é a questão que surge na mente. Se o homem está buscando, vamos dizer, a felicidade. Que tipo de felicidade estamos buscando no mundo? É de curta duração. Não vai poder ter uma felicidade que dure muitos anos. A vida é como uma onda, às vezes um pouco de alegria, em seguida tristeza ou sofrimento. Esta é a experiência de todos, sem nenhuma exceção. Isso ocorre desde tempo imemorial. Talvez os que leram a vida de Buddha recordarão esse episódio. Uma jovem mãe

---

[1] Palestra transcrita e traduzida do áudio original em espanhol proferida em Buenos Aires, Argentina (data desconhecida).

[2] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

perdeu seu único filhinho. Era pequeno e ela o queria muito. Nesta época Buddha estava passando por essa aldeia ou região. Ouvindo acerca de sua fama como um grande sábio, a mãe com o menino morto em seus braços se aproximou de Buddha e se ajoelhando pediu com toda a dor de sua alma, 'Senhor, tu tens que salvar meu filhinho'. Buddha era compassivo. Não podia dizer que não ia fazê-lo. Mas tinha que ensinar a essa mãe que esse era o fim de todos e o corpo é mortal. Disse, 'Filha, vá e traga um pouco de mostarda [a planta] de uma casa que não tenha passado por nenhum tipo de pesar ou sofrimento'. E a mãe com toda ansiedade de seu coração percorreu toda a aldeia. E quando ela pedia um punhado de mostarda, todos estavam dispostos a dar, mas quando mencionava a condição, não encontrava nenhuma casa que não tivesse passado por algum pesar. E quando voltou a Buddha, ele lhe disse, 'Minha filha, agora viste que tudo é assim, o que nasce, morre, este é o fim de todos'. A jovem mãe o reconheceu e se fez discípula e refugiou-se aos pés de Buddha.

Isso aconteceu há mais de dois mil e quinhentos anos e está ocorrendo mesmo agora, vai seguir sua norma, até que dure este mundo. Assim, se alguém busca felicidade aqui, tem que intercambiar de vez em quando com sofrimento, tristeza e pesar. Devemos perguntar-nos, vale a pena desperdiçar nosso tempo e nossa vida buscando essas coisas [passageiras]? Outros dirão, 'buscamos paz'. Que tipo de paz? Apenas a paz que se pode obter chegando a Deus, sentindo Seu amor é duradoura. Qualquer outra é momentânea. Também é a experiência de todos que não há paz duradoura nem sequer entre os irmãos. Que vamos dizer então dos estranhos. A paz, onde pode encontrar? As vezes as pessoas dizem que tendo isso ou aquilo podemos ter um pouco de tranquilidade. Mas quando conseguem isso, têm mais problemas que antes.

Assim que neste mundo não há paz duradoura. Como podemos então ter a tranquilidade que buscamos. Se alguém realmente não quiser outra coisa pode ter a paz. Como? Em que? Se pensar em Deus. Se pensarmos, não por um momento, mas seguidamente por alguns anos. Claro que não é possível para todos pensar em Deus continuamente durante todo o tempo, mas pelo menos algumas horas do dia, alguns momentos. Se pode fazê-lo por um tempo, vai sentir a paz.

Em seguida deve-se chegar a Deus. Há aqueles que não estão satisfeitos apenas com palavras. Eles querem ver, ver a Deus. Com certeza são poucos, num dado tempo em toda a terra, podemos contar nos dedos das mãos. Mas existem. Para eles Deus é real, a única coisa real, toda outra coisa é momentânea, ilusória eles dizem. Para eles, Deus é tudo, Deus é seu refúgio, seu parente mais próximo e Deus é seu tesouro. Como dizia Jesus, 'onde está teu tesouro, ali está tua mente', se alguém mantém seu tesouro aqui, sua mente estará neste tesouro. Se puder manter a mente em Deus, fazer de Deus seu tesouro, aí irá mudar. Esse tesouro não pode ser perdido, os ladrões não podem roubar. Esse tesouro não traz preocupações, pelo contrário, traz a paz e a

felicidade que buscamos. Os hindus descrevem ao Senhor como Existência, Consciência e Bem-aventurança, uma bem-aventurança sem igual, não há felicidade como essa. Também dizem os Upanishads, *matrena upajivanti,* dessa bem-aventurança que é Senhor, uma fração infinitesimal sustém o mundo [universo]. A felicidade que se sente em qualquer momento é uma parte infinitesimal [da felicidade suprema].

O que ocorre é que nos limitamos ao nosso corpo, pensamos só no prazer ou gozo que sentimos através dos cinco sentidos. Por isso nossa felicidade é de pouca duração. Sri Ramakrishna costumava dizer que se um ladrão soubesse que no quarto adjacente há um grande tesouro, não poderá dormir, até pegar o que está ali. O que acontece conosco é que não sabemos, apenas ouvimos falar [sobre o tesouro espiritual], mas não estamos convencidos de que em Deus existe essa paz, essa felicidade. Por isso estamos procurando em outros lugares.

Agora, que devemos fazer para obter pelo menos uma partícula dessa devoção que nos outorgará essa paz e tranquilidade? Devemos reservar um tempo sem pensar em outras coisas, apenas em Deus unicamente. Se não pudermos fazê-lo, toda nossa afirmação de que estamos seguindo um caminho espiritual é uma mentira. Seremos insinceros com nós mesmos. **Outras pessoas não podem dizer se somos sinceros ou não, nós mesmos devemos julgar, analisar**. É fácil julgar os outros, seja o juízo correto ou não, mas julgar a nós mesmos é difícil. Nossos desejos, nossos apegos, nos impedem de ver onde está a paz.

Quais são as qualidades que devemos desenvolver para sermos sinceros no caminho espiritual? Como acabamos de dizer, **praticar diariamente [segundo as instruções recebidas]**, a **compaixão**, ainda que não seja a palavra apropriada, pelos **demais, pelos que sofrem.** Segundo Sri Ramakrishna, compaixão pertence apenas a Deus. Uma vez falando [de um] dos três mandamentos dos Vaishnavas, seguidores de Sri Chaitanya, Sri Ramakrishna disse: 'Compaixão pelos seres humanos [*jivas*]? Que compaixão pode ter aquele que é como um verme que se arrasta sobre a terra? O que se deve fazer é servir [**serviço aos seres humanos**].' Serviço em que sentido? Serviço ao Senhor que mora em todos. Deus está em nós. Ele não se ocultou em um lugar longínquo após ter criado o universo. Todas as escrituras dizem, 'Deus mora no coração do homem'. Devemos buscá-lo aí. Não há lugar onde Ele não está, mas está mais presente, **mais manifestado no homem**. E ainda mais num ser espiritualmente avançado. Por isso se deve reunir com os que seguem um caminho espiritual. Não para falar de tudo menos de Deus. Tem que se reunir para falar de Deus, escutar sobre Deus. Isso é muito importante para os que vivem no mundo. Não apenas para esses, mas para todos, especialmente para os que estão rodeados das coisas mundanas, pois estando ali, é fácil se esquecer a Deus. Portanto alguns momentos que se passa na companhia daqueles que falam de Deus, lhes ajuda para sair o 'veneno que foi tragado'.

A terceira qualidade que se pode ter como um indício de sinceridade é a **humildade**. Quanto mais se avança para Deus, menos orgulho e soberba, se tem. Com tranquilidade pode passar por situações muito adversas, pois se tomou refúgio em Deus, sente a mão de Deus que o está segurando. E assim está tranquilo. Não é perturbado por nenhum tipo de sofrimento. Pelo contrário, **se tendo alguma classe de 'visão', se pensar que já chegou à meta, que não precisa fazer nada mais senão ensinar aos outros, está equivocado.** Sri Ramakrishna ensina com uma parábola, 'Um dia um lenhador encontrou com um *brahmachari*, um sábio santo, e esse lhe disse, 'vá mais adiante', até então o lenhador só cortava lenha, vendia e vivia disso. Como o santo lhe mandou seguir adiante, encontrou árvores de sândalo, e vendendo-as, se tornou rico. Mas depois de um tempo pensou que o santo não lhe pediu que parasse ali, portanto seguiu adiante e encontrou minas de cobre, prata e ouro, e assim sucessivamente.' Assim ocorre com a vida espiritual. Uma visão ou um tipo de paz que se tem por alguns momentos, não é tudo. Há muito mais para conseguir. Se está satisfeito com uma visão, ficará estancado. Há perigo de perder-se. Por isso há que manter o que ajudava os antigos viajantes de barcos em suas viagens, quando não havia os instrumentos modernos de hoje, a "estrela polar" para guiá-los. Temos que fazer ao Senhor nosso guia [na viagem pela vida], só então não vamos perder-nos no caminho. Não apenas perder-nos, mas atravessar por muitas dificuldades que nem sonhamos.

Que Deus nos dê força para tentar seguir o caminho até Ele.

TAPAS – AUSTERIDADE - NA VIDA ESPIRITUAL

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* – agosto de 1962

A ideia de austeridade, numa época de comodidades e luxos abundantes, é algo que parece ridículo ao homem comum. Ele pensa naqueles que se abstêm, como criaturas dignas de pena. Por que não se deveria aproveitar os luxos generosamente fornecidos pela natureza ou pelas circunstâncias? Isso parece ser sua pergunta. Possivelmente, ele os considera tolos pessimistas. Pois, quem mais, senão um tolo, não aproveitaria a oportunidade em trilhar um caminho fácil na vida, parece ser sua afirmação. Antigamente, havia as injunções dos Sastras, que o homem respeitava, para impedi-lo de ir precipitadamente para o precipício da indulgência excessiva. Mas desde há alguns séculos, esse domínio diminuiu gradualmente e foi praticamente perdido. O homem agora trata os ensinamentos das escrituras como artifícios dos sacerdotes para enganá-lo em seus direitos válidos. Ele, portanto, os trata com escasso respeito. Ele pensa que, enquanto respeitar a lei do país, tem total liberdade para fazer o que quiser. Nesse contexto, por que deveria ele se abster? Por que deveria se conter? Essa é a ideia dele.

Vejamos agora até que ponto esta atitude do homem comum é justificada. O homem não é uma máquina que possa funcionar indefinidamente dessa maneira. Até as máquinas têm sua longevidade reduzida, se trabalhar incessantemente e sem trégua. Que as máquinas que trabalham moderadamente têm vida útil maior e um melhor resultado, é uma experiência ao alcance de todos.

Da mesma forma, todo homem pensante admitirá que esta máquina humana também pode funcionar melhor e servir de forma frutífera, se não for pressionada em todo tipo de serviço. Portanto, moderação e regulação são necessárias mesmo para a pessoa cuja ideia de si mesma é a de não ser mais que um corpo, e cuja felicidade reside no gozo dos sentidos.

Como na vida secular, o corpo e a mente devem ser manejados com cuidado, assim também na vida espiritual eles devem ser habilmente usados. Existem vários processos pelos quais devem passar. Um desses processos é *tapas*. O significado da palavra *tap* em sânscrito é aquecer. A maioria de nós está familiarizada com a fundição

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

de minérios. Os minérios são jogados em um forno onde o calor às vezes atinge 2.000°C ou mais. Esse calor derrete o minério, queima a escória e o metal puro é liberado. A mente do homem também é como o minério. Reuniu, em sua passagem por inúmeras vidas, incrustações em forma de propensões. E estas propensões, como as impurezas do minério, se misturaram e se fundiram na mente, de tal modo que a separação deles é uma tarefa mais formidável do que a extração do metal do minério. O processo de separação também é mais prolongado e complicado. Mas até que tenhamos feito isso, nós não podemos ver Deus, não podemos conhecer a Realidade, o único objetivo de toda vida espiritual.

Devemos lembrar aqui que nenhum calor terrestre pode ser aplicado a mente, pois é sutil. Temos que encontrar um calor sutil. O que é esse calor sutil então? É a concentração da mente no pensamento de Deus. A palavra *tapas*, no sentido de calor, é usada aqui em sentido metafórico e pelo uso passou a significar pensamento correto ou meditação. Continuamente insistir em bons pensamentos ajuda, como o fogo, a queimar a escória da mente. Marque a palavra 'continuamente' aqui. Cada um de nós pensa bons pensamentos em algum momento, por um período mais curto ou mais longo, mas isso não nos ajuda muito a atingir a meta cobiçada: a realização de Deus. Enquanto durarem os bons pensamentos, sentimos uma elevação da mente e somos capazes de pensar que atingimos o nosso fim. Logo pensamentos maus atraem a mente, após o que a depressão se instala como uma reação. Portanto, um fluxo contínuo da corrente de pensamento em direção das coisas elevadas é absolutamente essencial para purificar a mente, tanto quanto é necessário um fogo contínuo para fundir os minérios.

Corpo e Mente são Inter-relacionados

Agora pode surgir a questão: se *tapas* significa meditação, pensar bons pensamentos, então onde está a necessidade de restrição corporal? Para isso perguntamos, o corpo age sem o conluio ou conivência da mente? Não. Por outro lado, a experiência humana foi e é, de que a mente atua sobre o corpo antes que o corpo funcione. Por exemplo, se uma procissão, acompanhada de música, passasse pela sua casa e se naquele momento você estava se debruçando profundamente sobre algum livro interessante você ouviria o barulho? Não. Por que não? Embora seus ouvidos tivessem ouvido e transmitisse a mensagem devidamente à mente, a mente se fechou para a audição. Segue-se, consequentemente, que o corpo por si só é impotente para fazer qualquer ação. Visto de modo inverso, toda ação corporal é feita sob o consentimento tácito ou com a cooperação real da mente. As características corporais mudam com a mudança na mente. E os desejos do corpo na maioria de nós,

tornam a mente subserviente ao corpo. As necessidades ou paixões corporais movem a mente. Assim nós encontramos uma relação estreita e inseparável entre os dois.

Esta relação não é uma ocorrência casual, não existindo no passado, nem isso não será no futuro. Nossas características físicas são representativas da mente. Nós lemos como Sri Ramakrishna costumava testar seus discípulos antes de aceitá-los. Ele olhava para suas características físicas e, se estivesse satisfeito, iria testá-los ainda mais, segurando suas palmas das mãos. Ele segurava e movia a palma da mão do discípulo para cima e para baixo, como se sentisse seu peso. E se ele as sentisse leve, ele o aceitaria. Quando visitou Devendranath Tagore ele lhe pediu que desnudasse o peito, para que pudesse ver o quanto havia avançado na vida espiritual. Além disso, lemos quão fortemente se opôs o Mestre a um aspirante sentado com o queixo na palma da mão. Ele disse que isso indicava uma depressão mental, uma atitude pensativa. Swami Ramakrishnananda também costumava repreender seus estudantes se os encontrasse sacudindo as pernas quando sentado em uma cadeira ou banco, pois isso mostrava a inquietação da mente.

Agora, tome a evidência dos Sastras. *Svetasvataropanisad* exorta como se deve sentar para meditar. 'Mantendo as três partes do corpo (ou seja, o tronco, o pescoço e a cabeça)[2] eretas, fundindo todos os sentidos na mente, um sábio deveria pegar o barco do Sabda Brahman (*pranava*) para atravessar as terríveis correntes do *samsara*, do nascimento e da morte.'[3] Todas estas provam conclusivamente que existe uma estreita afinidade entre o corpo e a mente.

Modos de Tapas

É uma questão de conhecimento e experiência comum que a mente pode se concentrar mais facilmente em um objeto externo do que em algo abstruso. O concreto, segundo estes, é mais fácil de compreender do que o abstrato. Swami Vivekananda, por meio de uma estória, ilustra como o sutil *prana* pode ser captado regulando-se a respiração, uma função comparativamente grosseira do corpo: 'Era uma vez um ministro de um grande rei. Ele caiu em desgraça. O rei, como punição, confinou-o a uma torre muito elevada e o deixou morrer lá. Ele tinha uma esposa fiel, que vinha até a torre à noite e chamava o marido lá em cima para saber o que poderia fazer para ajudá-lo. Ele disse a ela para retornar à torre na noite seguinte e trouxesse consigo uma corda longa, um barbante resistente, linha de embalagem, linha de seda, um besouro e um pouco de mel. Muito surpresa, a boa esposa obedeceu ao marido e trouxe-lhe os artigos desejados.

---

[2] Gita, VI.13.

[3] Svetasvataropanisad. 2.8.

O marido orientou-a a prender firmemente o fio de seda ao besouro, depois untar suas antenas com uma gota de mel e soltá-lo na parede da torre, com a cabeça voltada para cima. Ela obedeceu a todas estas instruções, e o besouro iniciou sua longa jornada. Cheirando o mel à frente, ele avançou lentamente, na esperança de alcançar o mel, até que finalmente chegou ao topo da torre, quando o ministro agarrou o besouro e tomou posse do fio de seda. Ele disse à sua esposa para amarrar a outra ponta no fio grosso, e depois de ter segurado, ele repetiu o processo com o barbante forte e, por último com a corda. Então o resto foi fácil. O ministro desceu a torre por meio da corda e escapou. Neste nosso corpo o movimento da respiração é o "fio de seda"; apoderando-se e aprendendo como controlá-lo, agarramos o "barbante" das correntes nervosas e, a partir destes o "fio resistente" de nossos pensamentos e, por último, a "corda" do *prana*, controlando a qual alcançamos a liberdade.[4] Da mesma forma nós, que desejamos liberação, temos que controlar simultaneamente o corpo e a mente.

Nossos antigos sábios pensaram profundamente sobre isso, experimentaram e em seguida, distribuíram o que consideravam benéfico para a posteridade. Embora nos Upanisads ouvimos com frequência sobre *tapas*, uma definição clara disso encontramos apenas no *Sandilyopanisad* que diz: 'Tapas é o "aquecimento" do corpo pela observância das injunções dos Vedas – votos como Krcchra e Cāndrāyana.'[5] Uma razão pela qual os Upanisads não definem *tapas* de forma mais elaborada pode ser a de que os preceptores estivessem lá para orientar os aspirantes. No entanto, Sri Krishna no Gita remove essa ambiguidade com uma análise detalhada do assunto. Sri Krishna deve ter observado, em sua época, que uma paródia se fazia do conceito de *tapas* e, portanto, considerou necessário descrever detalhadamente seu significado. Isto não só deve ter retirado de *tapas* os danos de seus significados adquiridos, mas também alertou os leigos contra fraudes e trapaças.

Sri Krishna classifica *tapas*, austeridade, em três categorias, viz. austeridade do corpo, da fala e da mente. 'Adoração a Deus, dos "duas vezes nascidos" [iniciados brahmins dedicados a Deus], dos preceptores e dos sábios; pureza (interna e externa), retidão, a castidade e a não-injúria são austeridades do corpo. A fala que não causa aborrecimento e é verdadeira, agradável e saudável e o estudo regular dos Vedas [escrituras sagradas] – estes formam a austeridade da fala. A serenidade de espírito, bondade, silêncio, autocontrole, honestidade de motivo, estes constituem a austeridade da mente.'[6] Sankara comentando estes versos diz: 'A fala deve ser dotada de todos as quatro qualidades aqui mencionadas. A ausência de uma só não constitui a austeridade da fala. Silêncio não significa apenas ausência de fala, mas também a

---

[4] Complete Works of Swami Vivekananda, Vol.I,seventh edition, p. 143.

[5] Sandilyopanishad, 1.2.

[6] Gita, XVII. 14,15,16.

fala controlada pela mente.' Sri Krishna diz ainda, 'todas essas austeridades feitas com o máximo de *sraddha* [fé], sem qualquer desejo de gozo dos resultados e apenas por pessoas de natureza controlada são chamadas austeridades nascidas de *sattva*.'[7]

Quão meticulosamente Sri Ramakrishna cuidou de seus jovens discípulos? Ele teve o cuidado de ver o que e quanto eles comiam. Que companhia mantinham e sobre quais assuntos conversavam. Por último, mas não menos importante, ele insistiu em que meditassem regularmente. Quem passasse as noites com ele seria acordado nas primeiras horas da manhã e seria convidado a meditar. Ele enfatizou a continência e alertou contra a atração do lucro. Luxúria e lucro [cobiça], ele disse, eram os dois principais obstáculos no caminho da realização de Deus.

Importância e Valor de Tapas

Tapas foi exaltado até no Rig Veda, o mais antigo texto de toda a literatura religiosa existente até agora. Os Upanisads e os sábios têm dado um lugar eminente para *tapas* na vida espiritual. 'Procure conhecer Brahman através de *tapas*, pois *tapas* é (o meio de conhecer) Brahman,'[8] diz o *Taittiriya Upanisad* repetidamente. Como disciplina ocupa um lugar próprio, declara o mesmo Upanisad em outro lugar: '*Tapas*, aprendizagem e o ensinamento (dos Vedas)'[9]. O Upanisad no final do mesmo capítulo diz: "Somente aprender e ensinar devem ser praticados, pois só eles são *tapas*.'[10] A primeira palavra em nosso grande épico, Ramayana, do sábio Valmiki, é *tapas*.[11]

Todo sábio antigo exigia de seus alunos, quando eles se aproximavam para instrução, viver com ele uma vida de *tapas* por algum tempo – a duração dependia do progresso no estudo e na vida espiritual, já feito pelos alunos. O sábio Pippalada em *Prasnopanisad* disse aos seis alunos que se aproximaram dele: 'Levem novamente por um ano uma vida de *tapas*, *brahmacarya* e *sraddha* e então pergunte-me sobre suas dúvidas.'[12] No *Chandogya Upanisad* Brahma pede a Indra para viver uma vida de *brahmacarya* por cento e um anos, antes que o considere apto para receber *Brahma Vidya*. Tem sido admitido por todos os sábios que a purificação da mente é o único caminho para receber a graça de Deus ou para receber Seu reflexo imaculado, conquistando o qual o homem se liberta, torna-se imortal. E *tapas* ajuda muito nisso. Inevitavelmente *tapas* constitui a pedra angular da vida espiritual. É por isso que toda

[7] Ibid., XVII.17.
[8] Taittirya upanishad, 3.2.
[9] Ibid., 1-9.
[10] bid.
[11] Valmiki Ramayana.
[12] Prasna Upanishad, 1.2.

literatura religiosa do mundo, especialmente da nossa pátria [Índia], tem consagrado *tapas* de maneira proeminente.

Como a observância das austeridades ajuda alguém a atingir a liberação? Devemos considerar isso apenas com base na autoridade das Escrituras ou podem ser logicamente comprovados? Estas questões certamente perturbarão as pessoas modernas. Antes de tentarmos satisfazer estas dúvidas colocaremos também diante delas algumas perguntas. Eles questionam seu professor quando são questionados a fazer a experiência de uma certa maneira? Qual é a autoridade deles para sua convicção? Eles estavam logicamente convencidos? Foi escrito em alguns livros que um certo cientista resolveu um problema e anotou suas descobertas. E qualquer pessoa que tentar também alcançará resultados semelhantes. Então, aqui, algo que era dado como certo no início, era apenas uma hipótese para o experimentador até que ele chegasse ao fim de sua pesquisa. Da mesma forma, nossos antigos sábios também nos transmitiram suas descobertas e temos que testá-las antes de condená-las como superstição; isto é a maneira científica de ver as coisas. Se não conseguirmos enfrentar as dificuldades que estão envolvidas, significa que não somos sinceros, mostra nossa atitude diletante, bem como a covardia, e todo o descrédito serve para encobrir a nossa incapacidade sob o manto do raciocínio.

Agora, tomemos as opiniões do próprio cientista. Ele diz que os seres sofrem mudanças ou metamorfoses para se adequarem aos ambientes. Esta é a teoria da evolução que ele apresenta. Agora, como é no mundo exterior, assim é com cada organismo. Mas ele diz que esse processo é muito lento. Ele acredita que o processo pode ser acelerado sob certas circunstâncias. Isso é exatamente o que nossos sábios também dizem. Eles dizem que o Ātman (Alma) é pura bem-aventurança, puro conhecimento e existência absoluta. Tudo o que vive deve experimentar isso. Tudo o que existe deve voltar para Deus de onde se originou. Todo esse sofrimento aqui é apenas uma evolução em direção e ao retorno a Deus. Nossos sábios estavam interessados em que o homem alcançasse esta natureza primordial pelo processo acelerado. Eles disseram que a natureza primordial que confere tranquilidade ao homem não pode ser alcançada recorrendo à excitação. Eles estão em polos opostos. Portanto, evite todas as coisas excitáveis. Como fazer isso? Cultivando as virtudes opostas.

Agora, tomemos a austeridade do corpo prescrita no Gita, viz. Adorar a Deus e coisas do gênero. Nenhum deles nos excita, pelo menos em relação às coisas mundanas, se feito com o espírito adequado. Nos ensinam humildade, não no sentido de criar o espírito de nossa incapacidade, mas respeito pelas coisas mais elevadas e mais nobres. A pureza faz o homem resistir a qualquer difamação e não se agachar diante de uma falsidade. Quem não gostaria de ser tratado de maneira honesta? Sem continência o homem nunca poderá alcançar Deus, esse é o veredicto de todas as

almas realizadas, sem exceção. Continência é a conservação de energia. Uma energia que é mais poderosa do que todos os poderes da terra, que dá ao homem coragem e tenacidade para perseverar em sua busca espiritual. Todas essas austeridades levam à tranquilidade corporal. Temos também que praticar simultaneamente as austeridades da fala e da mente.

A ciência diz que toda ação tem uma reação. Nossos sábios não diferem deles neste ponto. Eles apenas pedem às pessoas que apliquem isso não apenas no caso de meras experiências científicas, mas também na vida quotidiana. Se a nossa fala for dura, a reação não será palatável e isso será ruim para a tranquilidade da mente. Não precisamos de laboratório para demonstrar para nós o quão perturbadas nossas mentes ficam quando nos entregamos a paixões como raiva, ciúme e assim por diante. A serenidade da mente é um requisito essencial em nosso caminho espiritual, por isso é chamada de uma parte de *tapas* e é para ser cultivada. Por todos estes métodos o aspirante espiritual cria uma atmosfera, um ambiente - para citar o vocabulário do cientista - onde a metamorfose ou transmutação da mente é acelerada até atingir a perfeição, a pureza. A mente pura é então capaz de captar o reflexo da Realidade, que é a consumação de todo esforço espiritual. A necessidade de *tapas* não é, portanto, inconsistente com o raciocínio, e por outro lado, é o único caminho, que parece ser razoável.

Tapas mal direcionada e infrutífera

Mas como acontece com todos os caminhos prescritos com todas as boas intenções, o espírito do ensinamento é esquecido e as pessoas se apegam apenas a letra, então também no caso de *tapas*, descobrimos que o verdadeiro propósito foi esquecido e todos os tipos de torturas do corpo passaram a ser designados como *tapas*. A ênfase passou a ser colocada na pureza externa e sofrimento corporal. Às vezes, eles eram levados a tais extremos que ia contra si mesmos. Certa vez, Swami Brahmananda foi questionado por um discípulo sobre o que era austeridade. Ele disse: 'As austeridades são de muitos tipos. Certa vez vi um homem que jurou não se sentar ou deitar durante doze anos. Quando o conheci, ele estava quase terminando este período. Apenas faltavam cinco ou seis meses. Permanecendo continuamente por tantos anos tinha feito suas pernas engordarem como acontece na elefantíase. Enquanto dorme ele se sustentava por uma corda. Estas não são austeridades reais. Qualquer um pode executá-las. O corpo é facilmente controlado. Mas é outra questão controlar a mente.' Sri Ramakrishna depreciava a demonstração [para outros] das disciplinas espirituais. Ele disse: 'Deve-se meditar na mente, em um canto da casa (ou seja, um lugar isolado) e na floresta.' Sri Krishna também diz que toda a *tapas* feitas sem *sraddha* é *asat* (infrutífera). Não traz bem aqui nem no outro mundo. Aqui não

obtêm a aprovação dos sábios e depois da morte não produzem frutos de liberação ou união com Deus. Da mesma forma que as austeridades realizadas com a intenção de causar mal aos inimigos ou ganhar poderes sobrenaturais não são consideradas *tapas* na sua perspectiva correta.

Conclusão

A vida espiritual é uma vida de abstinência dos prazeres mundanos, em prol de uma felicidade eterna. É, por assim dizer, desviar-se e dar passos cautelosos para não ser pego na roda do nascimento e da morte. Sri Ramakrishna chama isso de destreza, destreza que nos capacita a escapar de ser pego na rede de *Mahamaya*, o grande poder ilusório do Senhor, não aquela destreza que permite acumular riqueza ou levar uma vida confortável. *Tapas* é uma parte da vida espiritual. Ela desenvolve no homem um pensamento claro em relação aos valores da vida. Guia o barco da nossa vida como a bússola do marinheiro. Ainda assim, devemos lembrar disso, **austeridade é apenas o meio e não um fim em si mesmo, o fim é a realização de Deus.**

• • •

COMPANHIA SANTA E VIDA ESPIRITUAL

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *Vedanta Kesari* – maio de 1964

O homem é um animal gregário. Ele quer associados; ele quer companheiros; ele deve estar numa sociedade. Raro é aquele que consegue viver sozinho. Por que? Porque o homem foi feito assim, criado assim. O Senhor criou o homem com os sentidos voltados para fora, portanto, ele percebe e busca coisas no exterior,[2] diz o *Kathopanisad*. Seus deleites estão fora de si mesmo. Sozinho ele tem medo de várias coisas — de ladrões, se tiver dinheiro; da vida, se tiver inimigos; de si mesmo, se estiver com a consciência pesada e assim por diante. Um homem com a consciência atormentada gosta de se perder em lugares lotados —lotados de atividades e também de pessoas.

Assim, o homem quer compartilhar os seus pensamentos, as suas tristezas, as suas alegrias com outros. Sim, sua alegria também, em certo sentido. Pois onde está o homem que pode dizer que não irá compartilhar uma boa notícia, que lhe dá felicidade, com outro que provavelmente apreciará seus talentos ou invejará seu sucesso? Na tristeza e na doença, o homem realmente precisa de alguém que simpatize com ele, que sentiria por ele; por falta deste socorro, às vezes são vistos perder toda a fé na humanidade e tornarem-se insensíveis e brutos, ou melhor, eles podem até ser levados à insanidade ou podem tornar-se criminosos endurecidos. A história tem uma série de incidentes que provam isso.

As investigações psicológicas, nas quais a América avançou bastante, mostram que até os bebês definham e morrem por falta de simpatia e amor. Eles sentem instintivamente - embora suas mentes possam não ter se desenvolvido para compreender intelectualmente o que sentem – que não são desejados. A própria atmosfera, talvez, se torne opressiva para eles. Isto não é apenas uma conjectura. Isso pode ser inferido por sua própria experiência de vida. Em nossa vida cotidiana nos

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

[2] Katha Up. 4 . 1.

deparamos com essas situações. Você é convidado para uma festa, pois acontece que você está de alguma forma relacionado com as pessoas que estão patrocinando-a, mas na realidade eles ficarão contentes se você se abstiver de comparecer. Você ainda não sabe. Você vai para a função e imediatamente se arrepende disso, pois você instintivamente sente que é uma pessoa indesejada lá, embora você não tenha vindo sem ser convidado. Talvez um silêncio mortal de um minuto ou dois na sua entrada, na atmosfera alegre, diz isso; ou algo assim acontece e você se torna consciente da verdadeira situação. Às vezes pode ser sufocante para você e talvez você desejaria não estar lá. Por outro lado, outros em algum outro lugar provavelmente desejariam que você fosse até eles mesmo sem ser convidado e ficasse à vontade com eles. Tais exemplos mostram que uma atmosfera não é apenas física, mas algo mais. E esta outra atmosfera atua sobre o ser psíquico do homem, assim como o clima e as atmosferas exteriores atuam sobre seu corpo. O ser psíquico no homem pode ser e é influenciado pelo ambiente em que vive, pela companhia que mantém. 'Diga-me com quem ficas que eu lhe direi quem você é', disse o poeta-filósofo alemão Goethe. Este foi o veredicto não só dele, mas também de outros antes e depois dele.

Então, tem sido uma experiência universal, através dos tempos, em todos os climas e em todo o mundo que, salvo algumas exceções, todos os homens desejam companhia; e essa associação os influencia tão certo quanto o leite sob ação do ácido se transforma em coalhada. Sendo assim cabe a todos cuidar bem do tipo de pessoas que se associam.

II

Personagens espirituais enfatizaram a necessidade de manter a companhia santa para todos os aspirantes. Na Índia antiga isso era feito facilmente; tudo se encaixava, por conta do método tradicional de educação – de viver com o Guru. Todo menino Brahmana era obrigado a estudar *Brahma Vidya* sob um preceptor competente, caso contrário ele era chamado de amigo de um Brahmana e não como um Brahmana. Esta denominação, *Brahma-bandhu*, não era um título cobiçado, mas sim uma forma de ridículo, um epíteto depreciativo.

Os pais estavam muito conscientes para que seus filhos não se tornassem meros amigos dos Brahmanas.

Aos oito anos de idade, os meninos eram encaminhados para a casa do preceptor e estudavam com ele tudo o que podia ensinar e absorvessem seu caminho da vida também. Mas não havia nada nesta relação, de preceptor e discípulo da época, que poderia ser chamado de arregimentação. Onde amor e o afeição era o princípio orientador, a aspereza era apenas uma aparência.

O mestre concedia aos seus discípulos tanto carinho quanto ele mostrava por seus próprios filhos. Este período da vida era de austeridade, de aprendizagem, de estudo – *brahmacharya*. Aqueles que passavam pelo treinamento poderiam estar à altura de todas as ocasiões em sua vida futura. Eles não tinham nem dificuldade, nem hesitação em enfrentar as mais difíceis circunstâncias com equanimidade, pois seus pés estavam colocados em solo firme. Este foi o básico na qual a vida era construída nos tempos antigos. E nesta configuração, a companhia santa era uma conclusão óbvia.

III

Mas, por acaso, este ideal não pôde ser rigorosamente seguido posteriormente. No entanto, a ideia de que a companhia santa era uma necessidade da vida espiritual foi indiscutivelmente aceita por todos. Há um ditado comum na língua sânscrita, que traz à tona essa ideia. Traduzido significa: 'Com o benefício da companhia santa alcança-se o estado de desapego. Com o desapego se vai além da paixão; e indo além dela apreende-se a sólida Verdade, a Realidade Última; alcançando a qual se é liberado aqui enquanto vive; se torna um *Jivanmukta*.' Isso não foi uma forma de expressão, senão a experiência de vida de centenas de pessoas. Mesmo hoje em dia casos ocorrem quando um toque ou um olhar de um homem santo transforma uma pessoa. Swami Vivekananda costumava dizer que a espiritualidade é uma coisa que pode ser dada como uma flor ou fruta, por aqueles que realizaram Deus. Jesus Cristo veio aos seus principais discípulos pescadores e disse: 'Venham e me sigam e eu farei de vocês pescadores de homens.' E isso ele realmente fez. Um menino servente de um devoto de Sri Ramakrishna, por associação com o Mestre tornou-se uma das maravilhas da história espiritual - queremos dizer Swami Adbhutananda. Que grandes alturas de sabedoria espiritual ele escalou!

Ele não teve literal e verdadeiramente nenhuma educação, como geralmente é considerado nos tempos atuais. Portanto, ele não teve acesso às Escrituras. Ainda assim, como atestaram seus irmãos discípulos e pessoas que o visitaram em tempos posteriores, as palavras de sabedoria fluíam de seus lábios. Ele teve acesso direto à Fonte de todo o conhecimento. Tal foi a transmutação que foi produzida pela companhia de Sri Ramakrishna em Latu Maharaj.

Mas personalidades como Sri Ramakrishna aparecem de vez em quando, uma vez em cada era. Eles são as personificações da espiritualidade, são as Encarnações, os desbravadores. O que e quem eles são exatamente está além da mente de qualquer homem para avaliar. Eles podem ser compreendidos em certa medida somente através dos discípulos, que revelam alguns aspectos de sua vida através das suas próprias. Devemos então esperar até que venha outra Encarnação? Não. Embora

Encarnações e santos de ordem elevada podem nem sempre estar presentes em meio de nós, há sempre pessoas sinceras e sérias trilhando o caminho da espiritualidade ou exclusivamente devotados a Deus, em menor ou maior número. Mesmo na pior crise espiritual eles estão presentes, como se pode inferir das palavras do *Gita*, que diz que o Senhor se encarna para a proteção dos bons e castigo dos maus. É a companhia destes homens virtuosos e santos que se deve procurar. Sri Ramakrishna declara: 'Não podemos conhecer a verdade sobre Deus através da ciência. A ciência nos dá informações apenas sobre coisas percebidas pelos sentidos: as coisas materiais. Esta é a razão pela qual um homem não pode compreender as coisas espirituais com sua inteligência comum. Para compreendê-las, ele deve viver na companhia de pessoas santas.' Então ele dá um exemplo familiar para ilustrar esta ideia: 'Você aprende a sentir o pulso convivendo com um médico.'

A frase favorita de Sri Ramakrishna que explica a utilidade da companhia sagrada é: 'Venha aqui de vez em quando'. Assim ele aconselhava todos aqueles que tivessem inclinações espirituais, embora eles próprios não soubessem disso. Ele era um leitor de almas. À primeira vista ele podia descobrir as propensões e possibilidades de cada pessoa. Então, sempre que ele encontrava uma pessoa que tivesse um gosto pela vida espiritual, ele repetia este seu convite; e em alguns casos onde ele tinha certeza de que um pequeno esforço faria um bem imenso às pessoas, ele mantinha uma vigilância constante sobre estes e fazia com que os trouxessem até ele; e se eles não viessem por muito tempo devido a qualquer motivo, ele mesmo iria encontrá-los.

IV

Como a companhia de pessoas santas ajuda? Como isso funciona? As pessoas santas conheceram a evanescência das coisas mundanas e também chegaram a saber que a única coisa que é valiosa, cobiçada, real e existente é Deus. Tendo sabido disso, eles estão se esforçando arduamente para perceber isso em suas próprias vidas, desistindo de todos os desejos e tentando manter a lembrança constante d'Ele, de muitas maneiras. Sri Krishna expressa seus sentimentos assim: 'Com suas mentes e sentidos entregues a Mim, conversando sobre Mim uns com os outros, sempre falando de Mim, eles passam seu tempo com grande alegria.'[3] Não é uma euforia mórbida como a do gozo dos prazeres sensoriais - que como reação traz grande depressão com a passagem do momento – que se sente ao pensar em Deus. Não é estimulado por drogas. Brota espontaneamente do coração. Sua fonte é perene, ou melhor, eterna.

[3] Bhagavad Gita. 10.9.

Uma olhada na rotina diária de Sri Ramakrishna, disponível para nós nos registros escritos, explica a veracidade da declaração acima do Gita. Também explica a criatividade potencial dessa felicidade – uma criatividade muito mais benéfica para o homem do que qualquer outra que ele pudesse pensar em implementar, a saber, o desenrolar de uma nova vida, a abertura de novas perspectivas que até então eram fechadas à sua visão.

Para Sri Ramakrishna não havia dia nem noite. A cada hora trazia sobre ele um estado divino diferente. Ele dormia muito pouco ou nada à noite. Para ele as noites se passavam em *samadhi*. Mas sempre que quaisquer devotos permanecessem com ele, ele tinha o cuidado de garantir que fizessem suas práticas espirituais regularmente. Ele os acordava mesmo às três horas pela manhã e pedia-lhes que se sentassem para meditar. Nas primeiras horas pela manhã ele começava a cantar os nomes de Deus, totalmente imerso em Seu pensamento e totalmente inconsciente do ambiente, bem como de seu próprio corpo. Isso durava horas. Mais tarde naquele dia, se alguns devotos permanecessem com ele, ele falava sobre Deus e lhes dava instruções úteis.

À tarde ele descansava apenas um pouco depois da refeição do meio-dia. Chegariam então os devotos de Calcutá. Às vezes havia canções devocionais, mas sempre haveria conversas incessantes sobre Deus. Muitas vezes durante o canto de músicas devocionais e no meio da conversação ele entrava em êxtase, movido pelo sentimento das canções, ou pela menção de uma abordagem particular a Deus. Assim em sua companhia, tudo era um verdadeiro mercado de alegria - uma consciência suprema de Deus.

Sri Ramakrishna, o mestre adepto que era, desencorajava todas as conversas entre os devotos exceto sobre Deus. Os *Upanisads* não dizem, 'Conheça-O apenas, o Ātman e desista de todas as outras palavras vãs. Este é o caminho para a imortalidade, bem-aventurança, liberação'?[4] Sri Ramakrishna viveu as verdades dos *Upanisads* e ajudou os outros a viver de acordo com elas. Para os jovens, dizia: 'Vocês são puros e imaculados, não contaminados pelo toque do mundo, então devem ter cuidado. Fiquem longe de todas as atrações do mundo. Quando a planta é jovem deve-se protegê-la com cercas e evitar que o gado a pise ou coma. Mas quando se transforma numa árvore, até um elefante pode ser amarrado ao seu tronco.' Quem falaria palavras tão claras, exceto um homem santo? O homem santo não é de todo limitado pelas convenções da sociedade. Ele não faz adulação de pessoas; onde verdades e valores mais elevados da vida estavam envolvidos, ele falava com franqueza. Contudo, a verdade às vezes é amarga; mas, como remédio, que embora amargo deveria ser administrado para curar um paciente de sua doença, a verdade desagradável deve ser falada para curar o homem de sua febre mundana. E isso só

[4] Mundaka Up. 2.2.5.

um homem santo tem o direito e a coragem de fazer isso. Faremos bem em ler, o que Sri Ramakrishna disse a Bankim Chandra Chatterjee[5], o grande romancista de Bengala, a respeito dos deveres do homem. Ele sempre falava francamente. Essa é a vantagem da companhia de um homem santo: ele corrigiria você se você errar. Ele não temia nem buscava favores de ninguém.

Um discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Ramakrishnananda, o primeiro Presidente do mosteiro de Madras falava aos jovens que vinham até ele, sobre a renúncia como o único meio para a realização de Deus. Os pais dos jovens, naturalmente, ficaram com medo de que seus filhos se tornassem monges. Alguns deles, que de alguma forma ajudavam na manutenção do mosteiro, ameaçaram o Swami de que retirariam seu apoio se ele não desistisse de pregar a renúncia. O Swami teria comentado: 'O quê! Devo parar de pregar o que nosso Mestre ensinou e nos mostrou como o único objetivo da vida? Deixe aqueles que são avessos a tais conselhos parar com sua ajuda se quiserem. O Senhor cuidará das minhas necessidades.' **Como são destemidos os homens santos! Para eles a verdade é mais cara que a própria vida, e só eles sabem ser firmes na verdade**.

Noutra ocasião, um senhor que veio visitar o mosteiro em Madras pegou um jornal para ler. Isso provocou uma forte repreensão de Swami Ramakrishnananda: 'Senhor', ele disse, 'você pode ler isso em outro lugar. Quando você chegar a um lugar sagrado, pense em coisas sagradas.' Exemplos como estes podem ser amplamente citados para provar que aprendemos com pessoas santas muito do que pode nos ajudar em nossa vida espiritual, se apenas nos importarmos em cultivar sua companhia. O *Bhagavata* também comenta: 'Essa mesma associação, se cultivada em relação aos objetos efêmeros causada por compreensão imprópria, torna-se a causa da escravidão, da transmigração, mas quando cultivada pelas pessoas santas leva ao desapego'[6]. Continuando [a escritura] diz que estes homens santos são verdadeiramente os que quebram as correntes da escravidão (*sangadosa harā hi te*). 'Pela associação constante com eles, os episódios sobre as glórias de Deus se tornam doces como mel ao coração e aos ouvidos da audiência; e com esse gosto seguirão imediatamente a fé, o gosto e devoção ao caminho da salvação. Pela devoção e pensando sobre as ações do Senhor, o homem obtém desapego pelos prazeres dos sentidos. É então que ele, devotado ao yoga, tentará pelo honesto *yogamãrga* controlar a mente. Assim, tal pessoa sem servir ao propósito da Natureza (ou seja, sem correr atrás dos prazeres dos sentidos), pelo conhecimento fortalecido com desapego, pelo yoga dirigida ao Senhor e pela devoção a Ele, alcança o Espírito Interior nesta mesma vida,'[7] acrescenta ainda o *Bhagavata*.

---

[5] Cf. Gospel of Sri Ramakrishna. Pub.: Sri Ramakrishna Math, Madras. 1947 Edn. Pp. 640-641.

[6] Bhagavata III. 23.55.

[7] Bhagavata III. 25. 25-27.

V

Quanto à questão de quanto tempo se deve ter companhia santa, podemos responder apenas de uma maneira, isso é, enquanto se viver. Mesmo Deus-homens e seres divinos desejam a companhia de almas puras, o que então falar de aspirantes comuns! Com que fervor Sri Ramakrishna orou a Divina Mãe! 'Ó Mãe.' ele disse, 'onde estão Teus devotos de alma pura! Traga-os aqui, Mãe, traga-os. Meus ouvidos estão queimando ao ouvir as palestras das pessoas do mundo.' Tal era então seu desejo da companhia santa.

Apenas uma classe de pessoas não precisa de companhia santa, a saber, aqueles que estão muito absorvidos pelo mundo, a quem o *Bhagavata* pungentemente descreve como "atingidos pelo destino". Com muito *pathos* a escritura diz: 'Essa gente miserável tem a inteligência atingida pelo destino de forma a tornar os seus sentidos avessos aos discursos sobre o Divino - discursos que são potentes para destruir todos os males. Eles têm suas mentes completamente dominadas pela ganância e, por isso, pelo desejo mesquinho das pequenas migalhas de desejos, e envolvem-se em atos prejudiciais de eternidade em eternidade.'[8] Para eles, a própria atmosfera onde os santos vivem torna-se sufocante, insuportável. Como isso acontece, ilustraremos a partir de incidentes que Sri Ramakrishna observou e relata em suas próprias palavras: 'Às vezes vejo que os devotos de Deus estão acompanhados por pessoas sem valor [interior]. Seus companheiros estão imersos na mundanalidade grosseira e não gostam de nenhuma conversa espiritual. Vendo que os devotos continuam, por muito tempo, conversando comigo sobre Deus, os outros ficam inquietos. Encontrando impossível ficar mais tempo sentados ali, eles sussurram para seus amigos devotos: "Quando iremos? Quanto tempo você vai ficar aqui?" Os devotos dizem: "Espere um pouco. Iremos daqui a pouco". Então as pessoas do mundo dizem em tom de desgosto: "Bom, então você pode conversar. Esperaremos por você no barco."'

Seja como for, mesmo as pessoas que desejam coisas mundanas têm muito a ganhar servindo a esses homens santos, dizem os *Upanisads*. 'Qualquer que sejam os mundos que um homem de *sattva* purificado pensa em sua mente, qualquer que seja o prazer que ele deseja, todos esses mundos e todos esses desejos ele irá obter. Portanto, aquele que deseja riqueza ou poder deve propiciar estes conhecedores do Ātman,'[9] declara o *Mundaka Upanisad*. Sankaracharya comentando o sloka acima, observa que 'os mundos e prazeres' que tal pessoa pensa pode ser para si ou para os outros e como um homem de *sattva* purificado, todos os seus desejos serão realizados. Ainda assim, deve ser notado que, quanto a si mesmo, um conhecedor de Brahman

---

[8] Bhagavata III.9.7.

[9] Mundaka Up. 3.1.10.

não terá nenhum desejo. Pois ele foi além dos desejos e alcançou o Supremo. Ou para colocar nas palavras do *Gita,* esse estado é, 'Alcançando o qual ele não pensa que exista algo superior a ser obtido e estabelecido no qual ele não é perturbado pelas mais terríveis calamidades."

• • •

SWAMI VIVEKANANDA E VEDANTA

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – janeiro de 1963

A Índia tem sido a fonte perene de renascimento religioso por milênios. Esta fonte tem sido aumentada, reabastecida e reforçada de tempos em tempos por uma sucessão de sábios e santos através das eras. Esta corrente vivificante de religião nunca foi deixada secar durante seu curso sinuoso pelo deserto sombrio deste mundo. Seu curso pode ter sido obstruído, controlado ou seriamente prejudicado, mas nunca se perdeu; nessas ocasiões, ganhou impulso para fluir com maior vigor e alcançar terras distantes. Cada sábio era, por assim dizer, um afluente desaguando na correnteza principal, com a diferença de que cada um se originou e foi nutrido pela mesma fonte, a Eterna Religião (*Sanatana Dharma*). Cada um deixou mais um edifício, mais um refúgio para a humanidade chamuscada descansar seus membros em sua marcha para Deus.

Começando desde o período védico até o presente século, vemos as ondas de espiritualidade passando pelo país; cada uma guiando humanidade e a resgatá-la do naufrágio no dogmatismo e sofisma, na incredulidade e na irreligião, ao mesmo tempo atendendo de acordo com a necessidade específica da época. Quando este ponto baixo foi alcançado no século passado [século XIX], uma onda poderosa surgiu e na crista dela estava Sri Ramakrishna. Sua vida foi muito curta, mas intensamente espiritual. Após um longo período de extensa *sadhana* [práticas espirituais] e realizações, ele juntou ao seu redor alguns jovens enérgicos, escolhidos para serem seus portadores da mensagem e os uniu em uma irmandade antes de abandonar seu corpo mortal. Ele nomeou Narendranath, que mais tarde se tornou o mundialmente famoso Swami Vivekananda, para ser o líder da irmandade e ordenou-lhe que ministrasse às necessidades espirituais da humanidade, muito contra a inclinação do próprio Narendranath por uma vida tranquila e meditativa. Sri Ramakrishna o treinou especialmente para esse propósito.

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

Treinamento de Narendranath por Sri Ramakrishna em Vedanta

O poder de Sri Ramakrishna de ver através do passado, presente e futuro de um aspirante que viesse até ele e também suas visões a respeito de Narendranath, revelaram a ele quem era Naren e qual era a sua missão na terra. Ele verificou essas visões e conclusões na terceira visita de Naren a Dakshineswar. Sri Ramakrishna naquela ocasião o levou para o jardim adjacente de Jadu Mallik e durante a conversa entrou em um estado de êxtase. Neste estado o Mestre tocou Narendra. Narendra, apesar de seus melhores esforços para não ser afetado pelo toque, perdeu instantaneamente toda a consciência exterior, como na ocasião anterior. Sri Ramakrishna fez-lhe várias perguntas quando Naren estava naquela condição e soube de muitas coisas que confirmaram suas visões e descobertas sobre seus antecedentes. Daí em diante Sri Ramakrishna começou a treiná-lo no caminho do conhecimento do Advaita [não-dualismo]. Mas Narendra não se submeteria facilmente. Seu intelecto inquiridor e analítico não poderia aceitar nada como verdadeiro, a menos que ele mesmo o experimentasse ou que resistisse ao teste da razão. Então quando o Mestre lhe pediu – com o objetivo de familiarizá-lo – que lesse em voz alta algumas passagens de tratados de Advaita como o *Ashtavakra Samhita*, ele se revoltou dizendo: 'É uma blasfêmia, pois não há diferença entre tal filosofia e o ateísmo. Não há maior pecado no mundo do que me considerar idêntico ao Criador. . . Os sábios que escreveram essas coisas devem ter sido insanos.' Sri Ramakrishna se divertiu com o comentário franco de seu discípulo. Ele argumentou com ele que ninguém poderia colocar uma limitação em Deus, que deveria ser tal e tal e não qualquer outra coisa, mas sem adiantar. Narendra continuou a criticar tais ideias por mais algum tempo. Um dia, Sri Ramakrishna, tendo falhado em convencer seu discípulo por meio de argumentos sobre a verdade das realizações do Advaita, tocou-o em um estado de êxtase. Houve uma mudança imediata na visão do discípulo. Ele viu com os olhos abertos que não havia mais nada no universo, exceto Deus. Ele manteve essa experiência para si mesmo para ver quanto tempo duraria. Quando ele foi para casa e sentou-se para comer, viu que o prato, a comida, quem servia, tudo era Deus; nas ruas a carruagem, o cavalo e ele mesmo, descobriu que todos eram feitos do mesmo material. Esta experiência continuou por alguns dias e com isso veio-lhe a convicção sobre as verdades da Filosofia Advaita, que nenhum argumento poderia ter sido capaz de trazer. Esse era o modo de ensinar de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna teve, no entanto, o cuidado de ampliar o conhecimento do discípulo em relação a outras crenças e caminhos. Mesmo o caminho considerado mais indecente e vulgar, disse Sri Ramakrishna, seria um caminho **se houvesse um verdadeiro e intenso anseio por Deus**. Um dia, enquanto Narendra condenava

certas práticas de algumas seitas, Sri Ramakrishna disse-lhe gentilmente: 'Meu filho, uma mansão tem muitas entradas. Algumas delas, sem dúvida, são sujas como a entrada dos catadores de lixo em uma casa. É realmente desejável entrar na casa pela porta da frente.' Naren nunca mais foi visto condenando qualquer seita. Através destes métodos gentis, Sri Ramakrishna ajudou a eliminar a intolerância e o puritanismo da mente do discípulo.

Nunca foi procedimento de Sri Ramakrishna forçar suas próprias opiniões sobre os discípulos. Ele permitiu que crescessem naturalmente, ajudando-os em seu próprio caminho. Certa vez, Naren sentiu dificuldade em ir além da ideia do corpo e procurou o Mestre para obter o remédio. Como o Mestre ajudou Naren a superar esse impedimento aprenderemos com o próprio Narendranath: 'Em outra ocasião senti grande dificuldade em esquecer totalmente meu corpo durante a meditação e concentrar a mente totalmente no ideal. Eu fui a ele em busca de conselho, e ele me deu as mesmas instruções que tinha recebido de Totapuri enquanto praticava Samadhi na época de sua *Sadhana* Vedântica. Ele pressionou firmemente entre minhas duas sobrancelhas com a unha de seu dedo e disse: "Agora concentre sua mente nesta sensação dolorosa!" Como resultado, descobri que poderia me concentrar facilmente naquela sensação pelo tempo que quisesse, e durante esse período perdi completamente a consciência das outras partes do meu corpo, para não falar das causas de qualquer distração no caminho da minha meditação.'

Narendra, com seu intelecto aguçado, pesava as palavras do Mestre de maneira equilibrada, por assim dizer, as criticava e as testava antes de aceitá-las. Ao mesmo tempo, ele poderia se aprofundar em seu significado. Vamos narrar um só exemplo que tem uma relação pertinente com o nosso tema. Um dia Sri Ramakrishna estava discutindo os princípios dos Vaishnavas. Ele os dizia para seus devotos: gosto pelo nome de Deus, compaixão por todas as criaturas vivas e serviço aos devotos de Deus. Ele relatava longamente qual era o significado do primeiro princípio, mas vindo a falar sobre compaixão, ele entrou em Samadhi [êxtase espiritual]. Voltando a um estado semiconsciente disse a si mesmo: 'Compaixão pelas criaturas! Compaixão pelas criaturas! Seu tolo. Um verme insignificante rastejando na terra, você vai mostrar compaixão pelos outros! Quem és tu para mostrar compaixão? Não, isso não pode ser. Não é compaixão pelos outros, mas sim serviço ao homem, reconhecendo-o como a verdadeira manifestação de Deus.'

Saindo da sala, Naren disse aos seus jovens amigos: 'Eu descobri uma luz estranha naquelas maravilhosas palavras do Mestre. Como lindamente ele conciliou o ideal de Bhakti com o conhecimento da Vedanta, geralmente interpretado como duro, austero e hostil aos sentimentos e emoções humanas! Que síntese grandiosa, natural e doce!' Durante longo tempo ele explicou o significado daquelas palavras e ao final disse: 'Se for a vontade de Deus, logo chegará o dia em que proclamarei esta

grande verdade diante do mundo inteiro. Eu farei disso propriedade de todos'. Assim o Mestre preparou seu discípulo para a propagação da Vedanta.

Contato com as massas da Índia

Por algum tempo, depois do falecimento do Mestre, externamente parecia como se tudo tivesse acabado, mas a semente da renúncia mantida pelo Mestre e o anseio pela realização de Deus, que ele havia gerado nos jovens corações, eram duradouros demais para se perderem facilmente no labirinto do mundo. Um mosteiro logo surgiu, embora em uma casa em ruínas, em Baranagore com a gentil generosidade de Surendranath Mitra, um ardente devoto do Mestre. Os jovens ali reunidos mergulharam em práticas espirituais e estudos das escrituras. Dias e meses se passaram desta forma. O fogo de *vairagya* [renúncia], aceso pelo Mestre continuou queimando de forma constante e inabalável, e Narendranath desempenhou um grande papel neste processo. Ele os engajava em conversas sobre os dias que passaram com o Mestre, reavivando suas memórias com a alegria extática daqueles dias e incentivando-os em suas práticas espirituais, embora ele próprio estivesse passando por um tornado de dificuldades em sua própria casa. Quando ele já tinha resolvido os assuntos da família em casa e colocado o mosteiro em uma forma firme, o desejo de vagar sozinho, dependendo apenas de Deus, surgiu nele.

Durante suas peregrinações ele entrou em contato com a Índia real; a Índia das aldeias, do povo puro, simples, inocente, trabalhador, mas rastejando na pobreza, vivendo na sujeira e na miséria, suportando sua difícil situação com uma paciência que estava além da imaginação. Esta imagem nua de dificuldades e analfabetismo doeu-lhe profundamente e mexeu com as profundezas do seu ser. Uma firme determinação em fazer algo para aliviar sua miséria o levou de lugar em lugar. Tendo falhado em despertar a simpatia dos ricos do país em sua causa, ele pensou em procurá-la em outro lugar. Só neste momento ouviu falar do Parlamento das Religiões que estava sendo convocado em Chicago e pensou que era o melhor meio através do qual ele poderia abordar e despertar o interesse do povo da América nas massas da Índia. Com a ajuda de alguns amigos, viajou para a América.

O Parlamento das Religiões e após

O que aconteceu no Parlamento das Religiões é um evento bem conhecido para todos e não precisa de repetição aqui. É suficiente dizer que, seja qual fosse o motivo dos convocadores do Parlamento, ficou sem dúvida estabelecido que o Hinduísmo não era em nenhum aspecto inferior a qualquer outra religião; em vez

disso, descobriu-se que foi a única religião que desde os primeiros tempos mostrou tolerância e aceitação de outras religiões.

E isso não numa atitude paternalista, mas como um verdadeiro reconhecimento dos diferentes caminhos para Deus. Quem então era mais competente para representar o Hinduísmo do que Swami Vivekananda, o discípulo de uma pessoa que foi, por assim dizer, um Parlamento das Religiões em sessão, ou seja, Sri Ramakrishna? Não, Sri Ramakrishna era uma mistura harmoniosa de todas elas. Não foi Swami Vivekananda treinado pelo Mestre para considerar todas as religiões como caminhos para Deus? Em Sri Ramakrishna ele não viu nenhuma nota de discórdia. Todo tipo de aspirante vinha [até Sri Ramakrishna], discutia sua religião, suas dificuldades, era esclarecido e partia com a visão ampliada. O discípulo escolhido do Mestre, Swami Vivekananda estava, portanto, preeminentemente preparado para aparecer e falar naquela augusta assembleia em nome da "mãe de todas as religiões". E recebeu a aclamação e admiração daquela reunião culta quando falou a eles. Da noite para o dia ele ficou famoso. Swami Vivekananda tornou-se, para citar um de seus artigos, uma celebridade.

Depois do Parlamento das Religiões, ele viajou pelos Estados da América de uma ponta a outra, espalhando a mensagem da Vedanta, esclarecendo o povo sobre os costumes, as maneiras de ser e a religião dos Hindus, uma raça caluniada sem uma justa causa. Uma raça cujas únicas falhas, se houver, era de não ser agressiva e intolerante; que nunca foi conquistar adeptos ou fazer proselitismo com a espada. Swami Vivekananda teve que lutar contra a propaganda infame dos seus adversários. Um coração menos puro e corajoso do que o de Swamiji teria transigido ou teria desmoronado diante de tais ataques. Swami Vivekananda permaneceu como uma rocha enquanto os caluniadores se batiam contra ela e eram esmagados. "A verdade triunfará", foi a sua resposta calma e serena aos que queriam que ele se defendesse. E em pouco tempo a verdade triunfou. Foi assim que Swami Vivekananda sofreu pelo bem da Índia, do Hinduísmo e das massas.

Aplicação da Vedanta na prática

Agora veremos por que Swami Vivekananda, um monge que era, tomou sobre si mesmo o assim chamado, trabalho de regeneração social, um trabalho puramente para a sociedade lidar. Houve dois motivos. Em primeiro lugar, a sociedade estava em coma e moribunda. As pessoas educadas em inglês da sociedade estavam voltando-se para o Ocidente em busca de esclarecimento e imitando-os em seus costumes e fantasias. Eles haviam perdido a fé em tudo o que era nativo. O que restou de tal sociedade foram algumas superstições rurais e regras rígidas sobre castas. Poderia esperar-se algum bem desta sociedade? Os pobres e oprimidos

seriam deixados à mercê em tal sociedade sem simpatia? O Mestre não lhes ordenou que servissem ao homem como verdadeira manifestação de Deus? E quando tantos deuses foram pisoteados sob os calcanhares da autocracia e pelas rodas da pobreza, ele ficaria quieto? Como então ele seria fiel aos ensinamentos de Sri Ramakrishna? O que até o Vedanta ensina? Os Upanisads não declaram: 'Na verdade, tudo isto é Brahman'[2], 'Tu és aquele'[3]? Essas verdades mais elevadas da Vedanta deveriam então permanecer apenas em livros ou como assuntos para discussões intelectuais? Swamiji nunca acreditou em declarações sofisticadas como: isto é filosofia e isso é prática. Para ele a religião era uma ciência prática. Era sua firme fé de que as verdades da Vedanta poderiam ser vividas e deveriam ser vividas. Pois ele tinha visto alguém, Sri Ramakrishna, que era a personificação da filosofia Vedanta. Iluminado, portanto, pela interpretação da Vedanta pelo Mestre e incentivado pelo seu nobre coração, Swami Vivekananda se esforçou para mitigar a miséria dos pobres. Para as mentes ainda duvidosas, lembraremos o protesto de Sri Ramakrishna ao jovem Naren por acalentar a ideia de trabalhar apenas pela salvação individual. O Mestre não expressou o que esperava dele, de forma clara e inequívoca, quando disse: 'Espero que você seja como a figueira sob a qual os viajantes cansados possam descansar'? Que testemunho adicional além deste é necessário para mostrar que foi a vontade do próprio Sri Ramakrishna que trabalhava através do Swami?

Mais uma vez, a elevação das massas pode ser um trabalho social aos olhos daqueles cujas visões são limitadas pela mera ideia corporal, que veem o homem apenas como uma espécie superior de animal, um feixe de carne. Mas para ele, eles eram divindades na terra. Vejamos o que Swami Vivekananda diz sobre serviço aos pobres e aos sofredores: 'Os pobres e os que sofrem vêm para nossa salvação para que possamos servir ao Senhor que aparece na forma do doente, que assume a forma de lunático, leproso e pecador.' Além disso, houve a ordem do Mestre para pregar a religião. Para quem ele iria pregar [religião]? Para os milhões de famintos? Não poderia haver zombaria mais vil do que essa e ele sabia disso muito bem. Então ele disse: 'Que os famintos tenham comida'. Quem poderia imaginar a angústia daquele coração que sangrava pelos pobres do país? Ele queria tornar a Vedanta mais prática. 'Se você acredita em algo e não tenta praticá-lo', disse ele, 'ora, isso é hipocrisia, é pior que o ateísmo. Pelo menos o ateu é honesto.' Swami Vivekananda foi, portanto, levado a assumir a regeneração das massas não por razões humanitárias, como alguns gostam de interpretá-lo, mas como uma adoração do divino, do espírito interior, da essência de todos os seres.

---

[2] Chandogya Up., III.14.1.

[3] Ibid., VI.8.7.

Vedanta Ratificada

Acredita-se comumente que para a prática da Vedanta é preciso despojar-se de todos os ternos sentimentos e emoções do coração. Não sabemos o que levou a esta ideia peculiar, mas é perfeitamente contrária ao que foi registrado na história. Tomemos por exemplo a vida de Sri Sankara, o modelo da filosofia Vedanta no passado. Se este fosse o ideal, por que ele não se limitou à sua própria salvação? O que o fez vagar a pé de uma ponta a outra do país? Que trabalho ele tinha que realizar? É preciso admitir que não houve outra causa para ele fazer isso, exceto para o estabelecimento da religião, um modo de vida que poderia dar a liberação final. Que compaixão maior pode existir do que sentir pela liberação dos ignorantes? A impressão, de que se deve ser insensível, parece, portanto, basear-se em motivos insuficientes. Qualquer que tenha sido a sua origem e qualquer que tenha sido a sua necessidade no passado, se houve alguma - sobre a qual temos sérias dúvidas – na era atual esta opinião perdeu o seu direito de existir. Swami Vivekananda foi o primeiro, nos últimos tempos, a ratificar a Vedanta desta má fama.

Vejamos por nós mesmos se esta afirmação – a Vedanta nos ensina a sermos solidários – está em desacordo com as escrituras: Qual é o objetivo final da Vedanta? Realizar o próprio Ser que é Brahman[4], Brahman que é a única Verdade. 'Este Universo é apenas Brahman'[5], é "O Uno sem um segundo [uma segunda coisa],'[6], declaram nossos Upanisads. Vedanta então ensina a Unidade da Realidade. Também diz: 'Perceba através da mente que não há muitas coisas, quem vê muitas coisas vai da morte a morte.'[7] Tomemos novamente a famosa passagem do *Svetasvatara Upanisad*, 'Tu és a mulher, tu és o homem, tu és o menino, tu és a menina, Tu és o velho cambaleando com a bengala, Tu és aquele que se manifesta em tantas formas.'[8] Que religião expressa a divindade de todos os seres em termos tão claros? Vedanta, portanto, não nos ensina a sermos frios como pedras.

Esta Unidade, que ela ensina, por si só contribui para o amor; a menos que se reconheça, pelo menos intelectualmente no início, a Unidade de todas criaturas, é impossível praticar a Vedanta. E para alcançar esse amor, somente nossos sentimentos, o nosso coração, podem nos ajudar. Falando sobre a Vedanta prática, Swamiji enfatiza: 'É através do coração que o Senhor é visto e não através do intelecto. O intelecto é apenas o limpador de ruas, limpando o caminho para nós, um trabalhador secundário, um policial, mas o policial não é uma necessidade

[4] Brihadaranyaka Up., II.5.19.

[5] Mundaka Up., 2.2.12.

[6] Chandogya Up., VI.2.1.

[7] Katha Up., 4.11.

[8] 4.3.

positiva para o funcionamento da sociedade. Ele existe apenas para parar distúrbios, para verificar ações erradas e esse é todo o trabalho exigido do intelecto. . . É o sentimento que funciona, que se move com velocidade infinitamente superior à da eletricidade ou de qualquer outra coisa. Você sente? Se vocês sentirem, vocês verão o Senhor. . . É o sentimento que é a vida, a força, a vitalidade, sem a qual nenhuma atividade intelectual pode atingir a Deus.' Novamente ele diz: 'O intelecto é como membros sem capacidade de locomoção. É apenas quando o sentimento entra e lhes dá movimento é que eles se movem e trabalham em outros.' Swamiji, portanto, aqui reafirma o ponto de vista da Vedanta, apenas de forma mais eficaz, pois ele tinha acesso direto a tais realizações.

Vedanta, base de toda Ética

Outra acusação levantada contra o Hinduísmo em geral por alguns escritores ocidentais é "que é completamente impossível encontrar qualquer real ou vital princípio de ética", na literatura védica. Isso não é um fato, porque a literatura védica, da qual não podemos excluir os Upanisads, está repleta com textos que enunciam os princípios éticos, a partir dos quais apenas, Manu e outros sábios divulgaram seus códigos legais. Isto, os escritores convenientemente ignoraram e divulgaram declarações tendenciosas e presunçosas. Se, por outro lado, esta afirmação tivesse alguma verdade, como explicar o surgimento de tantos santos e sábios no país? A verdade pode surgir da falsidade? Pode o pecado gerar santidade?

Se existe alguma base segura para a ética, é apenas na Vedanta que ensina a Unidade de toda a vida, de toda a existência. Vamos ver o que Swami Vivekananda diz sobre o assunto: 'O Ocidente racional está seriamente inclinado a procurar a racionalidade, a *raison d'etre*, [razão de ser] de toda a sua filosofia e ética e todos vocês sabem bem que a ética não pode ser derivada da mera sanção de qualquer personagem, por maior e mais divino que ele possa ter sido. Tal explicação da autoridade da ética não apela mais ao mais alto dos pensadores do mundo; eles querem algo mais do que a sanção humana para que os códigos éticos e morais sejam irrevocáveis, eles querem que alguns princípios eternos da verdade como a sanção da ética. E onde é que aquela sanção eterna pode ser encontrada exceto na única Realidade Infinita, que existe em você e em mim e em todos, no Ser, na Alma? A unidade infinita da Alma é a sanção eterna de toda moralidade, que você e eu não somos apenas irmãos, mas que você e eu somos realmente Um. Esta é a prescrição da Filosofia indiana. Esta unidade é a razão de toda ética e de toda espiritualidade.' Repetidamente ele trouxe esse fato ao conhecimento de sua audiência. Em certa ocasião ele disse: 'Por que é que todos dizem: "Faça o bem aos outros"? Onde está a explicação? Por que é que todos os grandes homens pregaram a irmandade da

humanidade, e os homens ainda maiores, a irmandade de todas as vidas? Porque, quer estivessem conscientes disso ou não, por trás de tudo isso, através de todas as suas superstições irracionais e pessoais, estava se manifestando a luz eterna do Ser, negando toda a multiplicidade e afirmando que todo o universo é apenas Um.' Portanto, a causa do Hinduísmo e da Vedanta a este respeito permanece justificada como qualquer um pode ver.

Todas estas verdades, no entanto, foram distorcidas e apresentadas ao Ocidente por segmentos que queriam promover a sua própria causa na Índia. Daí foi requerido que uma imagem verdadeira da religião indiana fosse apresentada não em meras imagens de palavras, mas na vida. Swami Vivekananda por sua vida imaculada, realizações maravilhosas e grande insight [percepção profunda de uma verdade] cumpriu o propósito. Foi a partir daquele dia em que as ideias estranhas que o Ocidente acalentava sobre a Índia começaram a desaparecer e a Vedanta alcançou um círculo mais amplo. A Índia, e por isso o mundo inteiro, permanece eternamente grata ao Swami.

• • •

A Mente Humana – sua Natureza e seu Bom Uso

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – abril de 1966

O organismo mais desconcertante, para um homem pensante, é a sua própria mente. Usamos deliberadamente a palavra "pensante" aqui para indicar uma classe de pessoas que não estão satisfeitas com a tendência natural dos acontecimentos e da vida. As pessoas, geralmente, não estão interessadas em tomar nota do trabalho de suas próprias mentes. Ou seja: como funciona a mente? Como ela reage às situações? A reação conduz ou não à tranquilidade futura? E assim por diante. As pessoas se preocupam com a satisfação de suas necessidades imediatas, em atender as suas necessidades diárias de qualquer maneira, sem se importar em ver se isso prejudica os outros ou não. Viver uma vida feliz, como eles a consideram, é tudo o que desejam e fazem. Normalmente as pessoas agem dentro dos limites das leis do país, embora possam não respeitar o espírito por trás delas. Às vezes ultrapassam o limite e, por meio de estratagemas inteligentes, escapam da mão da justiça. Mas inteligência não é sabedoria. A sabedoria é algo diferente. O homem pode às vezes enganar as leis humanas, mas não aquelas de seu interior. Através de uma manipulação inteligente, ele pode escapar às leis e acumular dinheiro ou desfrutar de outros objetos do mundo, mas isso não lhe dará paz mental, porque estarão escondidas em sua mente todas as impressões (despertas ou adormecidas) das ações que ele praticou.

A mente humana é um mecanismo que registra tudo aquilo pelo qual alguém se interessa. Por exemplo, podemos ver muitos pontos turísticos ou conhecer várias pessoas, mas a mente registrará indelevelmente algumas cenas, alguns rostos pelos quais nos interessamos. Outros não são mais do que vagas, nebulosas, figuras sombrias. A mente não apenas recebe impressões, mas também as armazena. Tomando emprestada uma expressão de Swami Vivekananda, cada impressão é rotulada e é revivida ou removida para referência, por assim dizer, quando a experiência se repete, ou quando reencontramos a pessoa que vimos em uma ocasião anterior. E então nos lembramos da experiência ou relembramos da pessoa em nossa

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

mente. Esta capacidade específica de relembrar e trazer um exemplo de volta à mente é chamada de memória. E memória forma um dos *vrttis* da *citta* (substância mental)[2] segundo o psicólogo indiano Patanjali. Faz parte da mente subconsciente, se falarmos na linguagem dos psicólogos ocidentais. Todos nós sabemos que presente maravilhoso é essa memória. Todo mundo tem essa faculdade em menor ou maior medida. Sem memória o homem seria um ser estranho e digno de pena. Como ilustração disso podemos citar pessoas que devido a grandes choques mentais ou concussão cerebral em acidentes que sofrem de amnésia permanentemente ou temporária.

Essa mente subconsciente desempenha um papel muito importante na vida humana. Talvez esta afirmação não seja prontamente aceita por todos. Uma pequena discussão pode ajudar a tirar as dúvidas quanto à sua veracidade. Nós pensamos que estamos agindo conscientemente no estado de vigília. Muito poucos fazem isso. A maioria das pessoas é movida por seus impulsos, seus hábitos e tendências que estão mergulhadas no subconsciente. Podemos observar nossas próprias mentes para verificar o fenômeno. Apesar dos nossos melhores esforços ao contrário, somos forçados a praticar certas ações que sabemos serem prejudiciais para o nosso bem-estar - ações das quais nós, em nossos momentos mais sãos, provavelmente lamentaríamos, ou melhor, teríamos vergonha. E isso vai acontecer não uma vez, mas repetidamente. E sempre, talvez, possamos decidir que não faríamos isso de novo. Mas quando chega o impulso, quando surge o desejo, todo nosso controle escapa como água em uma peneira.

Sri Krishna, com grande *páthos*, diz no Gita: 'De acordo com a natureza de cada um, até mesmo um homem de conhecimento age. As criaturas seguem sua própria natureza. De que servirá a mera proibição [repressão]?'[3] Um conselho sábio não tem efeito nesse momento. Os homens fazem más ações ou têm maus pensamentos quando estão bem acordados, conscientes do que estão fazendo, mas não o fazem de todo o coração, um pouco de incômodo persiste, a dor na consciência permanece. Remorso, arrependimento e vergonha se instalam depois. Isso não mostra que as pessoas são movidas principalmente por sua mente subconsciente?

Além disso, quanto de nossa vida vivemos no presente? Muito dela gastamos ruminando sobre nosso passado ou planejando o futuro enquanto o presente passa a cada momento. Bem disse Pascal, o francês matemático e filósofo: 'Que qualquer homem examine seus pensamentos e ele os encontrará sempre ocupados com o passado ou o futuro. Nós mal pensamos no presente ou se o fizermos, é apenas para pedir emprestado a luz que ele dá para regular o futuro. O presente nunca é nosso

[2] Yoga Sutras, 5 & 6.

[3] Bhagavad Gita, III.33.

objetivo; o passado e o presente nós usamos como meios; apenas o futuro é nosso fim. Assim, nunca vivemos, apenas temos a esperança de viver.'

Quaisquer que sejam as outras implicações desta afirmação de Pascal, também revela conclusivamente o fato de que o subconsciente não tem pouca contribuição a dar na formação da vida e do caráter do homem e, portanto, não pode ser negligenciado. Na verdade, os psicanalistas têm mais a fazer com a mente subconsciente de seus pacientes do que com a mente consciente. Eles têm de alguma forma que descobrir as causas das tensões nervosas dos pacientes para saber quais sugestões podem dar para sua remoção.

II

É importante notar aqui, nesta fase, que cada pensamento, palavra ou ato do homem vai formar suas tendências, impressões, *samskara*, no subconsciente. O homem vem a este mundo com uma carga de *samskaras*. Como Swami Vivekananda aponta categoricamente, uma criança não entra este mundo com o que alguns dos primeiros filósofos ocidentais chamaram de *tabula rasa*, uma lousa em branco. 'Esta criança', continua ele, 'nunca alcançaria qualquer grau de poder intelectual, porque não teria nada com que comparar as suas novas experiências. Vemos que o poder de adquirir conhecimento varia em cada indivíduo e isso mostra que cada um de nós veio com seu próprio fundo de conhecimento.' Outra razão pela qual Swamiji justifica a existência dessas impressões é que 'o conhecimento só pode ser obtido de uma forma, a via da experiência; não há outra maneira de conhecer. Se não o experimentamos nesta vida, devemos tê-lo experimentado em outras vidas'. Ele então cita o exemplo do medo da morte que está em toda parte: 'Um pintinho acabou de sair de um ovo e uma águia se aproxima e a pequena galinha voa com medo para sua mãe. Ele teve essa experiência no passado. O mesmo acontece com outros sentimentos. Um jovem patinho embora tenha sido chocado até nascer, cai na água assim que chega perto de um lago. Cada um de nós tem muitas dessas impressões em nossa mente e a soma total dessas impressões formam a natureza do homem, *prakrti*.

Temos agora uma boa ideia da razão porque é tão importante controlar os nossos pensamentos, a fala e as ações. Pois eles vão moldar o nosso futuro. Como canta um poeta:

> Nossos atos são nossos anjos, ou bons ou ruins,
> Nossas sombras fatais que ainda passam por nós.

Como sombras, as impressões de atos passados nos perseguirão por toda a vida e não há como escapar delas. Sendo assim, temos que ser cautelosos em nossos atos.

Sabemos agora quão formidável é a tarefa que nos cabe para nos adaptar a uma vida religiosa. Mas há uma fresta de esperança nas nuvens escuras. Se as tendências com as quais uma pessoa nasce são boas e o ambiente fornecido para o seu crescimento é propício ao bem-estar espiritual, o impulso destas tendências irá levá-lo por um longo caminho e um pouco de esforço terá grande sucesso. Mas esta fortuna, boa sorte, é dada só para alguns. Outros têm que ganhar tudo com o suor do rosto. Nós estamos falando aqui na linguagem do homem mundano. Pois na verdade, como Swami Vivekananda comenta: 'Ninguém pode conseguir nada a menos que o conquiste. Somos responsáveis pelo que somos'. Se, portanto, vemos disparidades no mundo, devemos lembrar que isso não se deve a nenhum decreto caprichoso da Providência, mas é devido ao mérito ou demérito conquistado pelos seres, que as diferenças existem.

E quanto ao resto de nós? De alguma forma, cometemos erros em nossos nascimentos anteriores. Não há redenção? Não há saída? Essas são as perguntas que surgirão naturalmente para quem deseja liberação. As escrituras hindus nunca falam de condenação eterna. Elas dizem que cada um pode alcançar o Supremo, desde que pacientemente e incessantemente aplique-se à tarefa. E é aqui novamente que o subconsciente entra em cena. Como já observamos, o caráter do homem é o conjunto das impressões que carrega dentro de si. Não há processo químico ou físico pelo qual poderíamos eliminar todas as impressões de nossas ações passadas, por mais que desejemos. Elas foram transformadas em tijolos ou na argamassa do edifício do nosso caráter. Mas podemos construir novamente, como Swamiji afirma: 'E o que desejamos ser, nós temos o poder de tornar-nos'.

Como podemos refazer-nos? Notamos o que acontece quando prestamos atenção aos estímulos das sensações de prazer. Nós somos atraídos repetidamente para seu vórtice insaciável e então nossa mente discriminativa é, por assim dizer, colocada de lado na prateleira. Está dividida entre a intenção de restringir e a atração dos sentidos. Mas quanto mais você soltar as rédeas dos sentidos, mais eles o atrairão para a lama. No entanto, aqueles que já se cansaram de todos esses prazeres se voltarão para algo que não é transitório, algo que é real e eterno. E para eles, Sri Ramakrishna sugere a oração a Deus como um remédio para superar sua natureza inferior.

Vamos descobrir como a oração ajuda. Nós nos apegamos às coisas quando constantemente entramos em contato com elas, seja física ou mentalmente. Às vezes, no mundo físico, as falhas e defeitos das coisas que amamos são visíveis e provavelmente destruirão a imagem que projetamos sobre elas. Por outro lado, a mente pode construir imagens do que gostamos, mais perfeitas, ideais e imaculadas, induzindo ao homem a envolver-se profundamente cada vez mais nas atrações. Agora, quando oramos para Deus, sinceramente, não pelas coisas do mundo, mas

para revelar-se, nossa mente é retirada do objeto [sensório] que amamos. E enquanto oramos a mente é inundada com as vibrações do Divino. Quando esse processo é repetido constantemente, a mente descansa naturalmente em Deus. Pela prática repetida se é capaz de inundar a mente com a consciência de Deus. O que acontece não é nada extraordinário, nada incomum. A mente que estava sendo perturbada por vários tipos de ondas está agora sujeita a uma vibração de um tipo particular e depois fiel ao seu dever, continua gravando as ondas até que outras impressões se tornem obsoletas e diminuam.

Como direcionar a mente, naturalmente ligada aos sentidos, para Deus? Perguntemo-nos se mesmo uma tentativa de prática é tão difícil. Não perdemos nossos parentes e amigos mais queridos por afastamento ou morte, mas nos recuperamos dos choques? Não ficamos alegres depois de algum tempo? Sim, isso ocorre. Fazemos novos amigos, nos apegamos a outras coisas e seguimos em frente vivendo. Da mesma forma, afastemo-nos dos sentidos que se apresentam como amigos e ainda assim nos traem; voltemos a nossa mente para Deus, que é o nosso. Ele é a essência mais íntima do nosso ser. 'Ninguém que acreditou em Deus veio a sofrer', canta um poeta-santo do sul da Índia, 'são aqueles que não tiveram fé n'Ele que se arruinaram'. Sri Ramakrishna diz que Deus é como a árvore que realiza os desejos. Tudo o que você pedir lhe será dado. Por que então seria impossível voltar nossa mente para Ele, pelo menos um pouco? Só que neste caso temos que lutar conscientemente. Devemos enfraquecer as inclinações inferiores que se enraizaram em nosso subconsciente. A mente deve ser treinada para esquecer seus velhos amigos e cultivar novos. Os sulcos que foram cavados devem ser apagados pelos recém cavados.

Ore a Deus cem e mil vezes mentalmente e pela força faça a mente aceitar e então o subconsciente o aceitará. Uma vez que aquela parte da mente absorver um tema, continuará registrando a ideia todas as horas inconscientes do nosso tempo. Assim criamos um novo hábito. Isso é a reconstrução do homem. Somente aquelas pessoas que conseguem se refazer, vivem uma vida de homem, os outros são muito parecidos com o gado mudo, escravos de suas naturezas.

No entanto, isso não deve ser entendido como significando que a mente ceda imediatamente assim que começarmos a orar. Definitivamente haverá uma luta teimosa. Mas não devemos nos desesperar. Sri Krishna aconselha Arjuna, 'Quando a mente inconstante e instável vagar, deve ser trazida de volta repetidamente e colocada sob o controle do Ātman'.[4] Pascal, talvez tivesse em vista esta luta e afirmação do homem interior quando fez a declaração sobre viver, citada anteriormente. Quanto tempo essa luta deveria continuar? 'Até adormecer e até o último suspiro, devemos

---

[4] Ibid., VI.26.

passar os dias na contemplação da Vedanta', diz um sábio. O que foi dito sobre a Vedanta também pode ser dito sobre outras práticas. As práticas podem ser difíceis, mas não existe caminho mais curto para a imortalidade e se tivermos hombridade, devemos persistir. A afirmação da natureza superior sobre a inferior, de acordo com Sri Ramakrishna, é real hombridade. Jesus disse: "Pois o que aproveita ao homem se alcançar o mundo inteiro e perder a própria alma? Ou o que um homem dará em troca de sua alma?"[5] Verdadeiramente não há nada que possa ser comparado com a alma.

III

Como no caso da oração, também no caso das boas ações o subconsciente se remodela. Engajada em boas ações, a mente é forçada a estar ocupada com bons pensamentos e assim, manter afastados, tanto quanto possível, os ladrões à espreita (características malignas). Mas o caminho de ação sem motivo, Karma Yoga, é um caminho difícil. Podemos gostar de fazer ação altruísta, começar bem também, mas o desejo pelos resultados, ou o desejo de nome e fama, de alguma forma manifesta seu caráter furtivo e em pouco tempo se transforma em uma poderosa figueira-da-índia. Essa é a razão por que é conveniente recorrer à oração e à entrega a Deus junto com a realização de ações sem motivos [pessoais]. Sri Shankara, com sua grande percepção sobre a natureza das coisas, provavelmente tinha observado as desvantagens na realização de meros rituais, quando declarou: 'Karmas servem para a purificação da mente e não para a realização da meta. Mesmo milhões de rituais sem meditação no Ātman não podem nos dar nenhuma ideia sobre o Supremo'[6]. Não podemos entender o ponto destacado por Sri Shankara se enfatizarmos apenas a segunda parte de sua declaração. Ele reconheceu o valor e o lugar do *karma* na purificação da mente, de sublimar os pensamentos. A pureza da mente é um grande benefício e se for alcançada será uma grande conquista. Para uma pessoa de mente pura o objetivo não está muito longe.

Quando se diz que a mente é pura? Quando não há desejos, nem anseios, nem qualquer apego à espreita e quando naturalmente descansa em Deus. Se analisarmos as impurezas da mente – são muitas - seremos capazes de rastrear sua origem até um único sentimento, o desejo. Arjuna faz esta pergunta pertinente a Sri Krishna: 'Impelido pelo quê, faz o homem, embora a contragosto, envolver-se em ações perversas, como se fosse compelido pela força?'[7] A resposta de Sri Krishna nos leva à mesma conclusão: 'Este desejo, essa raiva que é produto de *rajoguna*, é voraz e um

---

[5] Evangelho segundo São Mateus, 16.25.

[6] Vivekachudamani, 11.

[7] Gita, III. 36.

grande pecador. Saiba que ele é o maior inimigo aqui (neste mundo)'.[8] É uma afirmação significativa. Sri Sankara comentando sobre esse *sloka* do *Gita* diz: 'Este desejo, por causa do qual, resulta todo tipo de sofrimento, é o inimigo de todos. Este desejo das criaturas quando é obstruído resulta em raiva e, portanto, a raiva também é apenas desejo em outra forma'.[9] Em cada uma de nossas paixões, em última análise, descobriremos que originou-se com esse desejo. Portanto, tornar-se sem desejos, não por um tempo ou por um dia, mas para sempre, é ter a mente pura. Para uma pessoa de mente pura, a luz do Ātman está sempre presente; como tal, a ação quando feita sem motivo [egocêntrico], embora não diretamente, nos leva ao Supremo.

IV

O método de controle psíquico também indica como a mente tem muito a ver com a nossa vida religiosa. 'Só a mente, para o homem, é a causa para a escravidão e a emancipação - a mente que está absorta nos objetos sensórios leva escravidão, ao passo que quando não está emaranhada neles, nos leva a *moksha*[10] [liberação]', diz um dos Upanishads menores.

Do exposto, poderíamos ter tido alguma ideia do valor da mente. É um grande tesouro. Agora depende de cada pessoa de que forma a usar. Podemos desperdiçá-la em falsas atividades ou utilizá-la em esforços nobres. Só deve ter em mente que sua recompensa também será segundo o seu merecimento, que terá que deitar-se na cama que preparou.

Ninguém pode forçar ninguém a seguir nenhum caminho, especialmente em um caminho certo. O máximo que pode ser feito é mostrar os perigos subjacentes a jornada no caminho errado e a paz que o espera no caminho certo e deixar a escolha para o peregrino. Isso é o que Sri Krishna disse para Arjuna depois de lhe ensinar todo o Gita. 'Eu te ensinei todo esse conhecimento, que é mais sutil que o mais sutil. Ponderando profundamente sobre seu significado, faça o que quiser.'[11] Pensemos também se daremos à mente rédeas soltas para se mover pelas estradas dos sentidos ou dirigi-la ao Ātman, a Deus. Se escolhermos o último curso, será o melhor uso que poderemos fazer da mente.

• • •

---

[8] IBID., III.37.

[9] Comentário de Shankara.

[10] Amrita Bindu Upanishad.

[11] Gita, XVIII.63.

A PARTE NEGLIGENCIADA DO HOMEM

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – setembro de 1965[2]

QUAL é a ideia que temos do homem? Geralmente, é que ele pertence a uma certa raça, a um país específico, a uma religião particular, a uma comunidade distinta e assim por diante. Ele também é conhecido por ser sábio ou tolo, ativo ou preguiçoso, saudável ou doente, jovem ou velho, virtuoso ou perverso, sofrendo dor ou desfrutando prazer e assim por diante. Aqui, a ideia do homem comum sobre um ser humano chega a um beco sem saída, por assim dizer. O que está além disso, ou ele não se esforça para saber, ou é ignorante a respeito.

Agora, vamos analisar essa visão: raça, saúde, doença, juventude, velhice — tudo isso — o que representam? O que indicam? Um pouco de reflexão mostrará que todas essas distinções só podem ser do corpo. Vejamos, o país indica a localização do corpo, e riqueza e propriedade nos trazem à mente posses materiais. Portanto, em todas essas descrições, pensamos no homem como uma criatura feita de músculos, ossos, carne e sangue, e adicionamos mais alguns bens terrenos quando pensamos nele como possuidor de riqueza.

No entanto, quando pensamos nele como desfrutando prazer ou sofrendo dor, quando atribuímos a ele maldade, estupidez ou preguiça, ou quando atribuímos virtude, atividade ou sabedoria, é claro que, até certo ponto, não pensamos no homem como feito apenas do corpo. Inconscientemente, reconhecemos algo mais nele. Por exemplo, quando dizemos que um certo ato de uma pessoa causa dor a alguém, não é a dor física que se quer dizer, mas os sentimentos da pessoa. Podemos entender melhor se substituirmos a palavra "dor" por "tristeza" ou "sofrimento". Da mesma forma, o prazer é sentido apenas na mente. Também é um sentimento. Da mesma forma, os sentimentos de compaixão, ódio e assim por diante não podem ser do corpo, mas de algo mais; alguns dirão que é do coração, enquanto outros o posicionarão como sendo da mente. Depois, há as faculdades de pensar e querer. Agora, onde quer que esses sentimentos possam estar localizados, é entendido que há algo que é diferente do corpo, que reside nele e que faz esse sentir, pensar e querer. Até aqui, todos concordam, embora alguns materialistas ainda possam insistir que todos os sentimentos também são devidos a mudanças nas células cerebrais. No entanto, o que intriga o materialista é que o corpo, embora suas células cerebrais permaneçam

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês, *The Negleted Part of Man*.

intactas, deixa de responder ao estímulo de fora, por mais forte que seja, quando aquela força vital, a vida, o deixou. Por outro lado, isso dá ao crente a ideia de que há algo mais, mesmo além do corpo, dos sentidos e da mente, que habita no corpo e o faz viver e se mover.

Agora, como um homem comum pode saber que há algo que está além do corpo e da mente? A Vedanta nos dá a resposta. Analisa os estados de consciência do homem. Na maioria das vezes, o homem está satisfeito com suas experiências no seu estado de vigília. E a maioria dos intelectuais nem se importa em saber sobre o subconsciente, que está ativo no estado do sono com sonhos e sutilmente forma o caráter do homem em seu estado de vigília. É como um depósito. As impressões que são recebidas na vigília pelo pensamento, palavra e ação de um homem vão formar esse depósito. E sempre que surge a ocasião, aquela impressão específica surge e se apresenta, compelindo a atenção do homem para si mesma. E se o homem sucumbe a essas impressões repetidamente, elas se transformam em um hábito, e o hábito se torna natureza em pouco tempo. Portanto, é necessário que conheçamos nosso próprio estado subconsciente também. É aqui que devemos ter cuidado, pois esse subconsciente forma a base, o fundamento, do caráter do homem. Patanjali diz que, quando a mente de alguém não está livre de ondas, modificações, a mente se torna da natureza das modificações.[3] A importância do subconsciente na formação do caráter, bem como em males mentais e físicos, até certo ponto, agora passou a ser reconhecida pelos psicólogos ocidentais também. Mas isso é tristemente negligenciado pela maioria, mesmo entre os intelectuais.

Há outro estado, diz o Upanishad, que é chamado de *susupti*, onde o homem não deseja nada, não sonha com nada,[4] ou seja, onde não apenas seu corpo, mas todos os sentidos, junto com a mente, descansam.[5] Este é o sono profundo. Nesse sono profundo, o homem não está consciente de nada, mas, ao acordar, ele se torna ciente de que passou por um estado que era "feliz e onde ele não sabia de nada". Vamos investigar um pouco essa experiência, que é propriedade de todo homem. Quando o homem diz que estava "feliz e não sabia de nada", duas experiências são percebidas como entrando na formação desse estado, uma como um corolário da outra. Há felicidade e há ignorância. Ignorância de quê? Do mundo. As pessoas têm medo quando se diz que há ignorância nesse estado. Até o estudante avançado de religião acha difícil reconhecer isso. Nas Upanishads, encontramos estudantes que, mesmo depois de viver muito tempo com um mestre, quando solicitados a analisar esse estado, apresentaram sua genuína dúvida sobre se tal estado pode realmente ser bem-vindo, se há realmente algo existindo nesse estado. No *Chāndogya Upanishad*, por exemplo, quando Indra foi ensinado: "Quando um homem está dormindo, com os sentidos retraídos e sereno e não vê sonho algum — esse é o Ser"[6], ele ficou confuso.

---

[3] Yoga Sutras; I.4.
[4] Mandukya, 5.
[5] Chandogya, VI, viii.1.
[6] Chandogya, VIII, xi.1.

Ele refletiu sobre sua experiência nesse estado e voltou assustado para o mestre e disse: "Venerável Senhor, verdadeiramente, nesse estado, o Ser não sabe de si mesmo como 'Eu sou isso', nem conhece essas criaturas. Isso quase equivale à aniquilação. Não vejo nenhum bem nesse estado"[7]. No entanto, quem não sabe que um sono sem sonhos é o melhor revigorante para o corpo e a mente, que é o verdadeiro estado de descanso! O homem também sabe que há felicidade nesse estado. No entanto, diz o Upanishad, isso é apenas a abordagem mais próxima da verdadeira natureza do homem que pode ser feita por qualquer ser vivo. O real está muito, muito acima disso. E isso é o *Ātman*. E isso deve ser visto.[8] Quando o homem conhece sua verdadeira natureza, quando percebe quem realmente é, ele esquece todo o mundo. Assim, vemos que a verdadeira felicidade não está em acumular tesouros aqui, mas em renunciar a eles, em esquecer tudo sobre o mundo e ser um com o Ser. Como no sono profundo, não temos preocupação, nem a menor ansiedade, nem qualquer anseio, assim, quando o homem percebe sua verdadeira Natureza, ele se torna completamente despreocupado, como uma criança. Agora, podemos perguntar por que, então, isso é equiparado a *susupti*? Não, não há questão de colocar os dois no mesmo nível. Como uma experiência que está ao alcance fácil de todo homem, o estado de *susupti* é citado como um exemplo onde não há desejo, nem sonho, assim como na verdadeira natureza do homem, para dar uma pista sobre a natureza deste último. *Susupti* também é um estado onde existe felicidade pura — uma felicidade que não é induzida por algo externo ao Ser. Mas a comparação termina aí. Em *susupti*, há ignorância tanto do mundo quanto da própria verdadeira natureza[9]. Mas no *turiya*, o quarto estado, como os sábios chamam o estado superconsciente, há conhecimento e iluminação. A ignorância desapareceu, e isso faz uma grande diferença, tão vasta quanto entre a luz e a escuridão. Esse fato não deve ser esquecido. Se for esquecido, então certamente confundiremos a questão. A diferença entre os dois, ou seja, o sono profundo e o superconsciente, é bem destacada por Swami Vivekananda quando disse: "O estado superconsciente não pode ser descrito, mas o conhecemos por seus frutos. Um idiota, quando vai dormir, sai do sono como um idiota ou até pior. Mas outro homem entra no estado de meditação, e quando sai, ele é um filósofo, um sábio, um grande homem".

II

Agora, essa parte em nós, o elemento espiritual, a alma, o *Ātman*, é totalmente negligenciado por nós. Cuidamos do corpo, da nossa saúde. Desde a infância, isso foi feito por nós por nossos pais. Eles podem ter passado noites sem dormir ao nosso lado em ocasiões, eles também tomaram precauções para cultivar nossa mente. Pois nenhum pai gosta de deixar seu filho se desenvolver em um tolo. Nenhum esforço,

---

[7] Chandogya, VIII, xi.1.
[8] Brihadaranyaka, IV.v.3.
[9] Kaivalyopanishad, I.13.

dentro de suas possibilidades, será poupado para preparar a criança para enfrentar o mundo. E, quando crescemos, também tentamos nos manter atualizados com os desenvolvimentos que estão ocorrendo ao nosso redor, para que não sejamos considerados atrasados. No entanto, tudo isso é feito para enfrentar o mundo, apenas o mundo exterior. A fome do homem interior não é saciada. Raramente encontramos pessoas que pensam no bem-estar de seus filhos desse ponto de vista espiritual. O pensamento do propósito da vida não é incutido nas crianças, como deveria ser, com o resultado de que um grande vazio é deixado. Além disso, a vida nos tempos atuais se tornou mecânica e passa rapidamente como se estivesse em um avião supersônico. O homem hoje não tem rumo. Ele não tem coragem de enfrentar as consequências do fracasso no mundo, não, ele treme só de pensar nisso. Pobreza, mesmo em nome da religião, ele não ousa aceitar. E isso o mantém agarrado a alguma fonte de renda ou outra até o fim. Naturalmente, nesse clima tempestuoso, é impossível que o homem possa dedicar seu tempo para pensar em coisas mais elevadas. E para tornar a vida mais complexa, as necessidades do homem continuam aumentando a uma taxa telescópica; luxos se tornam necessidades da noite para o dia, e, portanto, para acompanhar o ritmo das crescentes necessidades, a vida do homem é gasta em servidão cada vez maior até que o chamado da morte o arrebate. Onde, então, ele pode encontrar tempo para dedicar a seus exercícios espirituais?

No entanto, o homem esquece que nada real pode ser alcançado sem sacrifício. Os jovens hoje em dia partem em expedições de aventura. Eles escalam encostas perigosas das montanhas, cruzam terrenos difíceis, enfrentam o pior clima, neve, ventania e tudo mais. Muitas vidas não são perdidas nessas expedições? Alguns não ficam permanentemente incapacitados ou desfigurados durante essas aventuras? Se olharmos para esse fenômeno, não podemos dizer que o espírito de aventura foi perdido, apenas foi mal aplicado, mal direcionado. Eles não param para pensar: "Afinal, qual é o nosso ganho nessas expedições?" Um pouco de fama, uma grande ovação por uma vez, ou no máximo um sustento para a vida. Mas então, é isso tudo que viemos buscar neste mundo? Esse é o objetivo da vida humana? Sri Ramakrishna diz que não. O objetivo da vida humana, ele diz, é a realização de Deus, conhecer Deus; vê-Lo; vê-Lo não apenas na Imagem, mas também em nosso próprio ser, estar ciente de Sua presença sempre, primeiro em nós mesmos e depois em tudo. "Apenas aquele que Me vê em tudo e tudo em Mim, não perde Minha presença nem Eu o perco de vista",[10] diz Sri Krishna. O que significa Deus não nos perder de vista? Significa que não colocamos nenhuma barreira entre o Senhor e nós mesmos. Embora não seja possível que possamos esconder algo de Deus, ainda podemos nos enganar ignorando Sua presença. É isso que a maioria das pessoas faz. Ignoram o Ser Divino que reside em seus corações e, assim, O perdem de vista. Mas quando recuperam a visão de Deus, não há mais ilusão para elas. É isso que Sri Krishna quer dizer neste verso. O próximo *sloka* deixa isso claro: "Aquele que Me adora residindo em todos os seres em

[10] Gita, VI.30.

um espírito de unidade, vive em Mim, qualquer que seja seu modo de vida".[11] Essa pessoa está sempre consciente de sua verdadeira natureza, consciente da presença de Deus; então, ela perde sua identidade em Deus.

Mas o homem tem medo de alcançar a unidade com Deus. Ele fica perturbado quando pensa em perder sua identidade, sua separação. Sri Gaudapāda, o grande mestre de Sri Sankara, declara: "Até mesmo almas avançadas, yogins, têm medo desse *asparśa yoga*, que é difícil de alcançar, pois eles veem medo onde realmente há destemor".[12] Tão fortes são nossas tendências inerentes, *samskāras*, que é muito difícil e doloroso soltar nossos laços com este mundo, este corpo e o ego. No entanto, é um fato que, a menos que cultivemos um gosto pelas coisas mais elevadas, essas tendências nos prenderão cada vez mais e nos tornarão cada vez mais miseráveis. Portanto, se o homem quer se livrar dos sofrimentos, das misérias, ele deve se esforçar para conhecer sua verdadeira natureza.

Como isso pode ser feito? O *Brhadāranyaka Upanishad* nos dá a direção: "Ouça sobre isso, reflita sobre isso e medite sobre isso".[13] Outro Upanishad diz: "Muitos não têm a oportunidade de ouvir sobre isso. Muitos, mesmo depois de ouvir, não o entendem. Maravilhoso é o mestre desse *Vidya* (conhecimento). E raro, de fato, é o estudante que o compreende quando ensinado por uma pessoa sábia". Que isso é realmente assim, podemos saber pelo estado de coisas no mundo, não apenas de hoje, mas da história de todas as épocas e de todos os climas. Como isso é verdadeiro pode ser conhecido a partir de alguns incidentes que Sri Ramakrishna costumava narrar. As pessoas costumavam vir ao Templo de Kali em Dakshineswar, e entre elas, algumas ficavam para ouvir Sri Ramakrishna. Mas outras, que as acompanhavam, depois de um tempo começavam a cutucar seus companheiros e perguntar: "Quando você vai embora?" Os devotos que estavam atentos ao Mestre apenas sinalizavam para eles que ficassem quietos. Mas depois de algum tempo, eles cutucavam novamente e então diziam: "Você pode vir quando quiser, nós esperaremos por você no barco". Isso não parece estranho? Mas era o que realmente acontecia. Tão profundas eram as tendências, que eles não podiam suportar nem mesmo conversas sobre espiritualidade. E se tais *samskāras* devem ser arrancados, isso deve ser feito quando as pessoas ainda são jovens, quando os hábitos ainda não foram formados, quando a resolução e a força podem ser utilizadas para impedir que assumam qualquer feia forma. Só então podemos ter certeza de nos desapegarmos do desejo por coisas mundanas e nos dedicarmos ao nosso *Ātman*. É como dobrar um tronco de bambu flexível, quando tenro, para a forma desejada. Isso pode ser feito facilmente. Mas uma vez que o tronco amadurece, você não pode fazer nada com ele, exceto usá-lo como está. É difícil dominar essas tendências, e muito difícil é conhecer nossa verdadeira natureza. Não diz Sri Krishna: "Entre milhares de homens, um possivelmente se esforça pela perfeição, e entre aqueles que se esforçam (um talvez se

---

[11] Ibid., VI.31.
[12] Mandukya Karika, III.39.
[13] Br.Up., IV.v.3.

torne perfeito) e mesmo entre os perfeitos, um possivelmente Me conhece em Minha verdadeira perspectiva"?[14] Sri Ramakrishna costumava cantar uma canção, de um místico tântrico, Ramaprasad, muito expressiva da situação:

No movimentado mercado do mundo,
Ó Shyama, Tu estás soltando pipas.
Elas sobem alto no vento da esperança,
seguradas firmemente pela corda de Maya.

Suas estruturas são esqueletos humanos,
Seus fios feitos dos três gunas;
Mas todo o seu trabalho curioso é apenas
para ornamentação.

Nas cordas das pipas Tu esfregaste
a pasta de manja da mundanalidade.
Para tornar cada fio tensionado
ainda mais afiado e forte.

De cem mil pipas, no máximo
uma ou duas se soltam.'[15]

Você pode estar se perguntando o que a parte negligenciada do homem tem a ver com Deus! Tem tudo a ver com Ele. Se você é um dualista, você é Seu servo e, portanto, lembrar do Senhor faz você consciente de sua entidade espiritual. Se você é um monista qualificado, você é uma parte do Senhor, lembrar do Senhor faz você lembrar também de sua verdadeira relação com Ele. Por fim, se você é um não-dualista, você sabe que o *Ātman* e *Brahman* não são diferentes e lembrar de *Brahman* faz você conhecer o *Ātman*.

Portanto, assim como cuidamos de nossos corpos, cultivamos nossas mentes, cuidamos de nossa riqueza e fazemos todas as outras coisas no mundo exterior, também devemos cuidar de nosso Ser interior. Pois é a fonte de todas as virtudes. Enraizado nele, as virtudes não nos falham. Separado d'Ele, embora possamos desenvolver algumas boas qualidades, quando enfrentamos tribulações, as virtudes aparentes se desgastarão como o revestimento de um ornamento banhado a ouro. O homem hoje se sente desamparado porque negligenciou seu Ser interior. Que tente se lembrar de seu Ser e trabalhar, então encontrará tudo entrando em seu devido lugar novamente.

● ● ●

---

[14] Gita, VII.3.
[15] The Gospel of Sri Ramakrishna, p.64.

SWAMI RAMAKRISHNANANDA

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – julho de 1962

Este mundo é uma aglomeração de bem e mal, do magnânimo e do diabólico. Em cada um de nós, esses elementos estão presentes em menor ou maior grau. O esforço do homem é eliminar os elementos diabólicos, degradantes e enfraquecedores, cultivando as virtudes opostas: magnanimidade, tolerância, simpatia, amor, força e similares. Ele tem que manifestar essas qualidades divinas em sua totalidade e só então atinge sua prístina perfeição. E atingir essa perfeição é o objetivo de toda a vida. 'Tudo o que existe está se movendo em direção à manifestação dessa perfeição, esteja consciente disso ou não', diz Swami Vivekananda. Uma coisa é se mover inconscientemente ou ser arrastado pela corrente e outra bem diferente é buscar conscientemente atingir a perfeição. O primeiro pode levar eras antes que o objetivo seja alcançado, enquanto o último pode encontrá-lo nesta mesma vida. Todas as Escrituras são apenas direções para atingir essa perfeição, essa liberdade. Mas as Escrituras por si só não ajudam o homem a atingir essa perfeição, a menos que sejam auxiliadas e apoiadas pelo esforço individual. As Escrituras Hindus são ousadas e inequivocamente explícitas sobre este ponto. Elas declaram: 'Este *Ātman* não pode ser alcançado pelo raciocínio, nem por intelecto, nem mesmo pelo conhecimento de um número infinito de *Srutis* (Escrituras).'[2] Elas o dizem com coragem.

As Escrituras estabelecem apenas princípios e preceitos que devemos seguir para atingir essa perfeição. O homem entende esses princípios quando tem exemplos diante de si. A maioria de nós não é constituída para entender os princípios abstratos sem a ajuda de ilustrações. 'Quem dera que todos nós fôssemos tão desenvolvidos que não precisássemos de nenhum exemplo, não precisássemos de nenhuma pessoa. Mas não somos assim', diz Swami Vivekananda. Portanto, precisamos de exemplos para explicar os princípios abstratos enunciados nos *Shastras*. As vidas de sábios e santos suprem essa necessidade. Daí surge a necessidade de estudar essas vidas, para que possamos aprender os caminhos e meios para nos livrar de nossas incrustações e *upadhis* – começando pelo ego até o corpo – que nos prendem ao mundo.

Ouvimos dizer que apenas aquele que obteve a graça de um preceptor pode conhecer *Brahman*. Só ele pode realizar Deus. Também ouvimos dizer que se deve se aproximar de tal Guru com humildade e aprender com ele por meio da reverência, do

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Katha Up. 1-2-23.

questionamento e do serviço[3]. Mas em uma época em que a avaliação das coisas superiores parece ter sofrido uma grande mudança e quando o ceticismo varre a Terra, essas coisas raramente são acreditadas, a menos que haja exemplos deslumbrantes que possam perfurar os véus e atingir o coração do homem.

Nossa terra [Índia] teve a sorte de abrigar personalidades de tamanha magnitude espiritual, conforme as ocasiões exigiam, que pudessem dispersar as nuvens densas de agnosticismo e descrença com rajadas de suas maravilhosas realizações. Assim, encontramos Sri Ramakrishna vindo para restabelecer os valores espirituais eternos em um momento em que a religião era considerada mera superstição. Ele reuniu ao seu redor os próprios jovens mais céticos, mas sinceros, da cidade de Calcutta para propagar sua mensagem, transformando-os e ordenando-lhes que fossem como lâmpadas para os viajantes cansados nesta terra ressequida. A alguns ele ordenou com veemência que saíssem e trouxessem a humanidade errante à razão, reunindo ao grupo as ovelhas que se haviam perdido.

Entre esses estudantes universitários estava Sashi Bhusan Chakravarti, jovem, forte, enérgico, com uma inteligência brilhante. Apesar de todas essas qualidades, ou talvez por causa delas, havia um fundo de inquietação nele, que o impulsionou a buscar consolo espiritual primeiro no Brahmo Samaj e depois aos pés de Sri Ramakrishna. O fato de ele ser cético na época em que encontrou Sri Ramakrishna é amplamente comprovado por sua resposta à pergunta do Mestre, se ele acreditava em Deus com forma ou em um Deus sem forma. Ele respondeu: "Quando não tenho certeza da própria existência de Deus, como posso dizer de uma forma ou de outra?" No entanto, esse sentimento não durou muito. Seu primeiro contato com o Mestre revelou-lhe, por assim dizer, regiões completamente diferentes, onde tudo era reconfortante aos sentidos e concedia serenidade à mente. Ele desejava isso mais e mais. Suas visitas ao Mestre tornaram-se frequentes. Muitos dias ele vinha a Sri Ramakrishna cheio de dúvidas, mas o Mestre as resolvia todas sem que fosse necessário perguntar sobre elas. Então, desenvolveu-se uma intimidade, uma relação que uniu Sashi para sempre com o Mestre. Sashi começou a considerar as palavras de Sri Ramakrishna como ordens divinas e as seguia fielmente, ao pé da letra. Diz-se que, ao saber da excelência da Poesia Sufi, ele começou a estudar persa. Ele se dedicou tanto ao estudo que, mesmo quando ia para Dakshineswar, costumava levar aqueles livros com ele. Um dia, ele estava tão absorvido no estudo deles que não ouviu Sri Ramakrishna chamá-lo até que o Mestre o chamou três vezes. Quando, no entanto, o Mestre observou: "Se você esquecer seus deveres em nome dos estudos seculares, perderá sua devoção", ele fez um pacote com aqueles livros e os jogou no Ganges. A partir de então, os livros perderam toda a importância para ele.

Após os dois anos de comunhão de Sashi na felicidade que fluía incessantemente em Dakshineswar, veio o golpe imprevisto na forma da doença fatal do Mestre. Sri Ramakrishna costumava dizer que essa doença dele era o artifício da Divina Mãe para separar o círculo íntimo de devotos dos demais. Entre aqueles que serviram o Mestre neste momento com incansável zelo, Sashi estava em primeiro

[3] Gita IV-34.

lugar. Para Sashi, o Mestre era seu tudo. Ele não suportava a ideia de que o Mestre deixaria seu corpo mortal tão cedo. Mas todos os sinais indicavam o oposto dessa suposição. Mesmo assim, dia e noite, ele permanecia como uma sombra ao lado da cama do Mestre, cuidando dele. O serviço pessoal ao Guru foi sua principal prática espiritual nesse período, e esse foi o tom dominante de sua vida pelo resto de seus dias. Servir o Mestre de coração e alma tornou-se uma paixão para ele. Os cronistas de Sri Ramakrishna, ao se referirem ao serviço de Sashi, escrevem: "Ele não praticava nenhuma outra disciplina espiritual. Não conhecia outro ascetismo. Sem se importar com seu próprio conforto, com a alimentação ou com o descanso, ele trabalhava incansavelmente. Sua única ideia era aliviar os sofrimentos do Mestre. Teria dado sua própria vida se acreditasse que isso o curaria. Ele atingiu a perfeição através do serviço; então, de que valiam outras formas de disciplina para ele? Todos se maravilhavam com sua energia incansável, seu poder sustentado de resistência e seu amor ilimitado pelo Mestre."

Por oito meses ou mais, Sashi não conheceu descanso nem conforto ao servir o Mestre. Mas, ignorando todas as esperanças e desejos dos devotos, o melhor aconselhamento médico, os tratamentos e os cuidados, chegou o dia da partida final do Mestre. Sri Ramakrishna estava mais alegre naquele dia do que nunca, e os devotos acreditavam que ele realmente estava melhorando, de modo que, quando o fim realmente chegou, Sashi não conseguiu acreditar. Ele contestou o médico por declarar que a vida havia se extinguido. Achava que era apenas outro *samadhi* do Mestre e pediu aos devotos reunidos que entoassem o nome do Senhor. Eles cantaram o nome de Hari por um longo tempo. Mas, quando, por fim, a vida não retornou e o corpo esfriou, eles o carregaram até o local da cremação. A angústia que Sashi sentiu com a partida de seu amado Mestre só pode ser imaginada, não descrita. Ele caiu inconsciente aos pés do Mestre. No entanto, ao recuperar os sentidos, cantou o nome do Mestre em um louvor triunfante. Quando a cremação terminou, ele recolheu as relíquias que restaram e as carregou sobre a cabeça até o jardim de Cossipore.

O serviço de Sashi ao Mestre não parou com o desaparecimento do corpo físico do Mestre. Encontramos Sashi novamente engajado no serviço ao Mestre no Monastério de Baranagore, para onde se mudaram após o fim do arrendamento da [Casa] Jardim de Cossipore. Ali, Sashi Maharaj reservou um cômodo separado para a preservação das relíquias do Mestre. Colocando um retrato do Mestre sobre um pedestal naquele cômodo, ele começou a adorá-lo de maneira ortodoxa. Sua devoção e culto tocaram profundamente e causaram forte impressão nos visitantes.

No final de dezembro de 1886, os jovens discípulos que haviam renunciado ao mundo tomaram formalmente os votos de *sannyasa* e assumiram novos nomes. Narendra, a quem o Mestre confiou os discípulos, queria para si o nome "Swami Ramakrishnananda". Mas, ao ver o amor ilimitado que Sashi tinha pelo Mestre e a maneira inimitável com que o servia, Narendra abriu mão do cobiçado nome em favor de seu irmão discípulo. E, fiel ao seu nome, Sashi Maharaj encontrou felicidade no serviço ao Mestre e na disseminação de sua mensagem até o fim de sua vida, excluindo todas as suas necessidades pessoais.

Os primeiros dias no monastério foram de extrema privação. As contribuições feitas por alguns discípulos leigos do Mestre eram insuficientes para cobrir as despesas da irmandade. Às vezes, eles iam em turnos para mendigar, mas o alimento assim conseguido não era sequer suficiente para o dia. Swami Ramakrishnananda, naquela época, trabalhou como professor por três meses em uma escola secundária próxima para manter o monastério e o serviço ao Mestre. Enquanto os outros se perdiam em meditação, era Swami Ramakrishnananda quem, depois de oferecer a comida a Sri Ramakrishna, esperava com as refeições ou até mesmo os tirava da meditação à força. Assim, ele zelava pelas relíquias do Mestre e cuidava dos filhos espirituais do Mestre como uma mãe.

Ele acreditava que o Mestre estava presente no santuário e, portanto, nunca sentiu necessidade de fazer peregrinações. Ele experimentava a santidade de todos os locais de peregrinação ali mesmo, no santuário. Quando todos os outros irmãos discípulos, respondendo ao chamado da vida itinerante, deixaram o monastério um a um, Swami Ramakrishnananda permaneceu firme em seu posto, vigiando as sagradas relíquias do Mestre. Ele nunca sequer foi a Calcutta para visitar Suresh Mitra, um devoto do Mestre que estava à beira da morte. Mas, devido à insistência deste, ele finalmente foi em uma carruagem alugada para a viagem de volta, passou uma hora com o devoto e retornou ao monastério.

Para Swami Ramakrishnananda, a imagem do Mestre deixou de ser apenas uma imagem. Ele tratava o retrato como se fosse o próprio Mestre em carne e osso. Numa noite abafada no monastério de Alambazar — para onde o monastério havia sido transferido de Baranagore —, enquanto se abanava, levantou-se de repente, sentindo que o Mestre também deveria sofrer com o calor escaldante. Entrou no santuário e, permanecendo ao lado do leito do Mestre, abanou-o até o amanhecer. Tais incidentes não eram raros em sua vida.

Após 11 anos de vigília constante sobre as relíquias do Mestre, ele foi chamado por Swami Vivekananda para ir a Madras, fundar um monastério em nome do Mestre e espalhar sua mensagem. Swami Ramakrishnananda prontamente atendeu ao chamado do líder, reconhecendo nele a mão orientadora do Mestre; afinal, não foi Sri Ramakrishna quem confiou a responsabilidade de todos a Swami Vivekananda? Não foi ele quem fez de Vivekananda seu líder? Assim, ele pegou o próximo navio para Madras e chegou lá no final de março de 1897, levando consigo uma foto emoldurada de Sri Ramakrishna.

Assim como em Baranagore e Alambazar, em Madras ele também estabeleceu um santuário e realizava diariamente a adoração ao Mestre. Todas as atividades do Mosteiro giravam em torno de Sri Ramakrishna. Mas, novamente, foram tempos de grandes dificuldades. O fervor e entusiasmo despertados pela triunfante viagem de Swami Vivekananda ao Ocidente haviam se dissipado após as recepções que ele recebeu em Madras e em outros lugares. Assim, quando Swami Ramakrishnananda fundou um monastério primeiro na Ice House Road, depois na Ice House e, posteriormente, em Mylapore, ele muitas vezes teve que ser ao mesmo tempo sacerdote, cozinheiro, servo e tudo mais, devido à escassez de recursos. Ele ministrava aulas em diferentes partes da cidade. Às vezes, quando retornava à noite, estava tão

exausto que não conseguia cozinhar. Nessas ocasiões, ele satisfazia sua fome com um pedaço de pão. Ainda assim, exceto por alguns de seus alunos, que conheciam suas dificuldades e se ofereciam para ajudá-lo, ninguém se preocupava em saber de sua situação. Ele era muito reservado para aceitar a ajuda oferecida por esses jovens, temendo que isso lhes causasse inconvenientes, pois a condição deles também estava longe de ser próspera.

Essas privações, no entanto, não o impediram de manter o culto ao Mestre com todos os seus detalhes. Foram tempos tão difíceis que, às vezes, não havia nada para oferecer ao Mestre, e o Swami, em grande angústia, ia ao santuário para derramar sua dor. Certa vez, quando o Swami estava no santuário, alguns visitantes chegaram e o ouviram clamar em voz alta e em tom de indignação: "Você me trouxe aqui, Velho, e me deixou sem ajuda! Está testando minha paciência e resistência? Não irei mais mendigar, nem por mim nem por você. Se algo vier sem que eu peça, eu lhe oferecerei e compartilharei o *prasadam*. Caso contrário, trarei areia do mar como oferenda para você e viverei disso."

Assim como fazia no monastério de Alambazar, em Madras também costumava abanar o retrato do Mestre por horas a fio, tanto à tarde quanto à noite, nos dias mais quentes. Com o passar do tempo, sua convicção de que o Mestre estava realmente presente na imagem tornou-se cada vez mais forte. Por isso, seu culto assumiu o caráter clássico de serviço a um ente querido. Sempre que sentia calor sufocante, imediatamente se lembrava do Mestre, abria o santuário e começava a abaná-lo. Além disso, como afirmou a irmã Devamata: "Ele estava morto para si mesmo e vivo apenas no Mestre." Escrevendo sobre o Swami, ela acrescenta: "Seu ir e vir, seu comer e dormir, seu trabalho e ensinamento, toda a sua vida surgia da vontade do Mestre, nunca de seu próprio desejo ou conveniência. Aqueles que o viram carregar o retrato do Mestre junto ao coração, seu corpo curvado sobre ele para protegê-lo enquanto caminhava sob a chuva, da carruagem até a entrada do novo salão do Mosteiro em Mylapore (Madras), quando transferiu o santuário do Ice House para lá, puderam apreciar a ternura de seu amor, o poder de sua devoção ao Guru, que transbordava de seu ser. Ele poderia dizer de seu Mestre, com a mesma verdade que São Paulo disse do seu: 'A vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus."'

Um incidente ocorrido no Mosteiro de Mylapore reflete bem essa fé do Swami. O primeiro prédio do Mosteiro em Mylapore tinha rachaduras em vários pontos e, durante as chuvas, a água penetrava por essas fissuras. Em tais momentos, Swami Ramakrishnananda entrava no santuário para verificar se a água estava vazando pelo teto. Certa noite, ele percebeu que a água gotejava exatamente sobre a imagem do Mestre. Ele permaneceu ali a noite inteira, segurando um guarda-chuva sobre o Mestre até que a chuva cessasse. Ele não moveu o retrato do Mestre para um local mais seguro, pois isso significaria perturbar o sono do Mestre em um horário incomum.

A vida de Swami Ramakrishnananda foi de grande austeridade e total entrega. Sua completa dependência do Mestre foi observada em mais de uma ocasião. Com a morte de Mr. Biligiri Iyengar, o proprietário original, a Ice House, onde o Mosteiro estava instalado, foi colocada em leilão. Os devotos, receosos das consequências caso a

casa fosse adquirida por um estranho, estavam profundamente preocupados, e um deles relatava constantemente o andamento do leilão ao Swami. No entanto, o Swami, que estava sentado a alguma distância da multidão reunida, permanecia calmo e sereno e, após algum tempo, disse ao devoto: "Minhas necessidades são poucas, o que nos importa quem compra ou vende? Só preciso de um pequeno quarto para Sri Guru Maharaj. Posso ficar em qualquer lugar e passar meu tempo falando sobre ele."

Outra vez, Swami Ramakrishnananda foi a Puri para acompanhar Swami Brahmananda até Madras. Por um mal-entendido, nenhuma vaga foi reservada para ele no trem. Com muita dificuldade, conseguiram para ele um beliche superior, que, devido à estrutura frágil, representava um perigo considerável para os passageiros abaixo, gerando comentários ríspidos. Um dos amigos que foram se despedir do Swami se sentiu constrangido com a situação. A resposta tranquila e sorridente do Swami foi: "Não se preocupe. A Divina Mãe cuidará de mim." E, surpreendentemente, o trem precisou ser abandonado porque a locomotiva descarrilou; um outro trem foi disponibilizado para Madras em outra linha, e nele o Swami recebeu um compartimento de primeira classe só para ele, providenciado pelo chefe da estação. Ao embarcar, ele disse a Devamata com o mesmo sorriso confiante: "Eu te disse, irmã, que a Divina Mãe cuidaria de mim."

Em outra ocasião, foi amplamente divulgado que, no dia seguinte, aniversário de Sri Ramakrishna, haveria um grande banquete para os pobres, mas não havia um único saco de arroz no Mosteiro. Quando um devoto perguntou ao Swami como ele alimentaria os necessitados, a resposta tranquila veio em um tom compassivo: "Você é um tolo. Não tem fé em Annapurna Devi? Ela cuidará de Seus filhos. Coloque todo o fardo sobre Ela e fique livre de todas as preocupações." Enquanto conversavam, carroças carregadas de arroz e provisões suficientes entraram no pátio do Mosteiro. Assim, a afirmação de Sri Krishna no Gita — "Eu assumo a responsabilidade pelo bem-estar daqueles que se entregam completamente a Mim" — foi comprovada integralmente.

Sua vida foi de intensa atividade. Ele chegava a dar até onze aulas por semana em Madras. Foi convidado para palestrar em diversas partes do sul da Índia, em Bombaim e até na distante Birmânia. No entanto, mesmo no meio de tamanha atividade, permaneceu desapegado, sozinho, embora cercado por pessoas. Como as águas profundas do oceano, seu ser interior permanecia imóvel, apesar das ondas de atividades e perturbações à superfície. Certa vez, ele comentou: "Estou pleno de Deus. De que mais preciso?" E analisou: "Solitude significa unicidade, pureza. Na realidade, a verdadeira ausência de medo existe onde há apenas um. Não podemos ser felizes enquanto tivermos medo, não encontraremos paz, só quando pudermos dizer 'Estou só, nada preciso'."

O *Bhagavad Gita* e o *Vishnusahasranama* eram muito queridos ao seu coração. Todas as manhãs, antes de iniciar seu trabalho, ele os recitava sem falta. Suas observações sobre a eficácia da recitação do *Gita* merecem atenção especial nesta era, quando os modernos céticos e críticos depreciam e duvidam do valor de tal prática — especialmente quando realizada sem a compreensão do significado. Ele dizia: "Seja um negócio urgente ou não, aprendi que a leitura do *Gita* é a mais meritória e gloriosa

de todas as ações. Como pode alguém, que por um momento sequer compreendeu as verdades centrais do *Gita*, ser atraído pelas futilidades do mundo? Para realmente saborear a doçura do *Gita*, é necessário possuir a força de *Bhakti* e a devoção irrestrita de um coração puro. No entanto, mesmo a mera repetição das palavras sagradas que saíram dos lábios de Bhagavan Sri Krishna não pode ser ineficaz. Com certeza despertará no leitor um inabalável senso de pureza e devoção." Será que os sábios do mundo dariam uma chance a esse ensinamento antes de condenar tais práticas?

Vivendo ao lado de um homem-divino, Swami Ramakrishnananda aprendeu a respeitar os profetas de todas as religiões e seitas. Ele considerava blasfêmia falar mal deles e não tolerava ninguém os depreciando em sua presença. Suas repreensões nesses momentos eram severas, independentemente de quem fosse o interlocutor. Certa vez, ele abandonou um encontro onde havia sido convidado para discutir tópicos religiosos porque alguém falou desrespeitosamente sobre Sri Shankara, afirmando que não poderia permanecer onde o Acharya não fosse respeitado.

Em outro momento, um devoto rico fez comentários depreciativos sobre Shankara na presença do Swami. Ele reagiu com uma resposta tão firme que silenciou o orador. Alguns devotos presentes temeram que aquele homem rico deixasse de contribuir com o Mosteiro, mas o Swami não se preocupou com isso. Pelo contrário, o próprio homem compreendeu seu erro e se corrigiu. Em outra ocasião, um jovem que fez comentários desrespeitosos sobre o *Chaitanya Charitamrita* também experimentou sua indignação. Assim, por meio de palavras e exemplos, ele ensinou que todo mestre religioso é grande e merece toda nossa homenagem e reverência.

Sua vida foi de completo desprendimento. Para ele, o egoísmo significava degradar, desmoralizar e corromper a si mesmo. Para ele, a afirmação do ego era uma atrocidade. Ele dizia: "Quando Deus Se afirma no homem, este se torna bom, puro e virtuoso. Tente sentir Deus dentro de si mesmo e superará todo egoísmo. Todas as suas preocupações e ansiedades vêm do egoísmo. Liberte-se do pequeno eu e elas desaparecerão." Ele ainda acrescentava: "Enquanto formos egoístas, nosso trabalho será inútil. Podemos dar belos discursos, podemos ganhar nome e fama, mas os resultados reais serão nulos." Ele perguntava: "Como podemos ser insensíveis? Se não conseguimos amar os outros, se não conseguimos servir aos outros, para que estamos aqui?" E foi desse coração compassivo que surgiu a concepção do 'Lar dos Estudantes' (Students' Home), quando encontrou alguns meninos órfãos devido à epidemia de peste em Coimbatore. O Swami tomou-os sob seus cuidados e assim foi formado o núcleo do 'Students' Home' de Madras, que hoje oferece amparo a centenas de meninos pobres anualmente.

Ele foi o pioneiro do Movimento Ramakrishna, primeiro em Calcutta e depois no Sul da Índia. Foi ele quem manteve a fortaleza, por assim dizer, quando todos os outros partiram para a prática do *tapasya* ou em peregrinação. Foi ele quem administrou os assuntos do monastério durante os primeiros onze anos, nos seus dias mais críticos. Apesar de enfrentar os desafios típicos de um pioneiro de um novo movimento, ele os encarou corajosamente e os resolveu. E para tudo isso, seu único recurso era sua devoção ao Mestre e sua tranquila resignação à vontade divina. Citando Swami Premananda, um dos discípulos diretos do Mestre: "Na verdade,

Swami Ramakrishnananda, e nenhum de nós, é o fundador do Mosteiro e do seu santuário. Ele permaneceu fiel ao santuário, apesar dos protestos de seus irmãos discípulos." E esse culto tem ajudado milhares de pessoas a fortalecerem sua fé na adoração externa e a crescerem espiritualmente, tanto neste país quanto fora dele.

Ele viajou amplamente, dando palestras e espalhando a mensagem da Vedanta como vivida pelo Mestre por todo o Sul da Índia. Sua mensagem foi bem recebida, especialmente em Bangalore, Mysore e Travancore. Com seus incansáveis esforços, um monastério foi estabelecido em Bangalore sobre bases sólidas. No entanto, não se deve julgar as realizações dos grandes pelo impacto imediato, pois as sementes que eles plantam nunca são infrutíferas, elas aguardam seu tempo e, quando um ambiente adequado é criado, germinam e produzem frutos abundantes. O país hoje colhe uma rica colheita das sementes que ele plantou na primeira década deste século [século XX].

Ele foi um grande escritor, tanto em bengali quanto em inglês. Seu livro sobre a vida de Ramanuja, escrito em bengali, é considerado um clássico e trouxe ao Norte da Índia detalhes da vida do *Acharya* até então pouco conhecidos. Ele contribuiu com muitos artigos para o *Udbodhan*, o jornal bengali da Ordem. O livro *Universe and Man*, uma coleção de seus discursos, tornou-se a primeira publicação do Mosteiro de Madras e foi altamente apreciado pelo então Yuvaraja de Mysore. Mais tarde, outros discursos seus foram publicados em forma de livro. Assim, encontramos nele um erudito, um escritor e um palestrante de grande reputação. Mas, acima de tudo, sua vida foi a ilustração de seus ensinamentos.

Estar com Swami Ramakrishnananda era uma verdadeira educação. Ele era um disciplinador rigoroso, tendo vivido ele próprio uma vida de austeridade. Mas todas as suas repreensões visavam moldar a vida dos noviços, e não eram meramente autoritárias. Ele amava esses jovens e gostava de vê-los crescer espiritualmente. Com o bem-estar deles no coração, como poderia permanecer indiferente quando erravam? No início, os jovens monges ficavam magoados com suas repreensões, mas logo compreendiam o amor do Swami por eles e passavam a aceitá-las com o espírito correto. Certa vez, um jovem monge, muito querido por ele, foi visitar seus pais e voltou trazendo presentes de roupas e um manto de seda. Swami Ramakrishnananda notou isso, chamou o jovem e perguntou para quem era o manto de seda. O monge, com medo, respondeu que era para o próprio Swami Ramakrishnananda. O Swami pegou o manto e ordenou que ele jogasse fora todas as roupas. Quando o monge o fez, o Swami disse: "Para a segurança da vida monástica, todas as memórias do lar devem ser apagadas. Se isso não for feito, como um monge poderá ver cada lar como seu próprio e toda a humanidade como sua família?"

Ele não permitia que as rígidas regras da vida monástica fossem violadas por ninguém. Uma vez, quando estava fora da cidade, Sister Devamata, que havia conquistado um espaço especial em seu coração devido à sua devoção, viu que seu quarto estava desorganizado e decidiu limpá-lo, colocando sua roupa de cama ao sol e arrumando suas coisas cuidadosamente. Ao retornar, o Swami notou a mudança, repreendeu sua ação e deixou claro que ela estava errada por tocar na cama de um monge, advertindo-a a não repetir tais atos.

Já mencionamos seu amor pelos irmãos discípulos nos dias de Baranagore e Alambazar. Esse amor continuou fluindo ao longo de sua vida. Swami Brahmananda, o filho espiritual de Sri Ramakrishna, era não apenas amado, mas também reverenciado por ele como representante do Mestre. Quando Swami Brahmananda visitou Madras, Swami Ramakrishnananda disse aos devotos: "Vocês não viram o Mestre, mas ver Swami Brahmananda é o mesmo que vê-lo." Essa fé firme se confirmou quando um devoto trouxe algumas frutas para Sri Ramakrishna e Swami Ramakrishnananda pediu que as oferecesse a Swami Brahmananda.

Seu respeito e reverência pela Santa Mãe eram iguais ao que ele sentia pelo Mestre. Um dos seus grandes desejos na vida era trazer a Santa Mãe para o Sul da Índia. Quando ela finalmente veio, ele a acompanhou em sua jornada, cuidando meticulosamente de seu conforto. Quando, após sua estadia, ela partiu para o Norte, Swami Ramakrishnananda disse: "A ambição da minha vida foi realizada."

Ele não viveu muito depois disso. Logo, o excesso de trabalho, que já vinha afetando sua saúde, o clima debilitante do Sul e as privações que sofreu o tornaram vítima de uma doença fatal, a tuberculose. Os médicos recomendaram mudança imediata, e os devotos imploraram para que ele fosse para o Norte, mas ele não deixou seu local de dever até receber ordens de Swami Brahmananda. No entanto, a doença provou ser fatal, e ele faleceu em 21 de agosto de 1911.

Tal foi a vida de Swami Ramakrishnananda: um fogo ardente de renúncia, um exemplo de devoção e serviço ao Guru, um mestre de grande magnitude, um modelo de obediência e senso de dever, e, acima de tudo, um coração tão suave quanto manteiga, que derretia ao ver o sofrimento dos outros. Embora já tenha se passado mais de meio século desde sua partida, sua vida ainda irradia aquele brilho que as nuvens não podem obscurecer, nem as trevas podem impedir, mas que continua a guiar todos aqueles que trilharem o caminho da salvação.

● ● ● ●

A VERDADE - O CAMINHO E A META

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – junho de 1962[2]

Nada é tão buscado neste mundo e, ao mesmo tempo, nada é tão fugidio ao alcance do homem quanto a paz. Centenas de conferências foram realizadas para sua realização de forma permanente desde a última guerra [II Guerra Mundial]. Cada país que possui armas nucleares professa que os testes que realiza, os estoques que acumula e a letalidade crescente das armas que produz são todos para garantir a paz. Mas a paz parece estar muito longe. Esta é a situação mundial hoje.

Na vida individual também, o homem acumula riquezas, trabalha incessantemente e tem descendentes, tudo com a esperança de que possa descansar e desfrutar da paz no final de sua vida. Mas raramente o homem tem sucesso. Talvez o homem perca a força de seus membros, ou seus filhos se tornem ingratos e o abandonem, ou algum desfecho semelhante o alcance, e, como o *ignis fatuus* [fogo-fátuo], a paz se afasta para sempre de seu alcance. Naciketa no *Kathopanishad* diz a Yama[3]: 'O homem nunca pode estar satisfeito pela riqueza. Ao ver você, teremos riqueza em abundância. Viveremos enquanto você ordenar, mas para mim a bênção que desejo é apenas isso (o conhecimento do Ser). Pois que tolo é aquele que, entrando em contato com pessoas como você, que são imunes à velhice e à morte, ainda reflete sobre o panorama colorido e efêmero e deseja viver uma vida de prazeres sensuais por um longo tempo?'[4]

Na vida até mesmo do hedonista mais fervoroso e da pessoa louca por emoções, chega um momento em que seus nervos se recusam a responder aos estímulos oferecidos. A depressão então lhe mostra a verdade. A experiência diária de um homem comum nos mostra a insuficiência e incompetência do corpo para desfrutar e lidar com o número crescente de atrações que o mundo oferece, sem perigo para o próprio corpo. O rei Bhartrihari, em um tom patético, exclama: 'Nós não desfrutamos dos prazeres, mas somos consumidos pelos desejos.'[5]

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês, *Truth – the Path and the Goal*.

[3] A divindade da Morte.

[4] Katha Up. 1.1.27-28.

[5] Vairagyasatakam, 7.

Após um dia de trabalho árduo, quando a hora do descanso se aproxima, as pálpebras não obedecem às nossas ordens; o mais amado naquele momento aparece como uma sombra ou não é mais do que um sonho. Querendo ou não, escorregamos para os braços do sono, a panaceia para todas as preocupações, mas, aos olhos dos materialistas, o impedimento de todas as alegrias. Infelizmente, a paz que o homem desfruta no sono é de curta duração. Ou os sonhos invadem seu reino, ou a realidade sórdida do mundo do dia-a-dia o arrasta de volta à vigília, onde todas as situações horríveis e lembranças dolorosas que o assombravam antes o aguardam e o recebem com seus rostos horrendos. Que situação lamentável.

Colocado em tal situação, é demais esperar que o homem anseie por paz? O que pode conceder paz? Nossas escrituras declaram que apenas uma vida pura e um caráter perfeito podem garantir a paz. Como adquirir tal caráter? O caráter não é formado em um dia. É um processo que dura a vida toda. É a soma total das impressões de nossas ações realizadas no passado ou na vida atual. Uma vida pura, portanto, depende de certos princípios fundamentais, dos quais a verdade é um.

A verdade desempenha um papel significativo na formação do caráter de um indivíduo e, consequentemente, na cultura e no avanço da sociedade. Pois a sociedade é apenas um agregado de indivíduos. O valor da verdade não pode ser superestimado, seja na vida familiar, ou nos contatos sociais; na organização nacional ou nas comunicações internacionais. Seu potencial é imenso. Como o néctar mítico, tem o poder de rejuvenescimento de um organismo desgastado. Ela destrói toda a covardia e infunde grande força. É a fonte de um poder tremendo, sendo o eixo em torno do qual todas as virtudes giram e sendo a espinha dorsal do caráter puro.

O que é, então, essa verdade que tem um domínio tão vasto, que tem uma influência tão completa — ao ponto da obsessão — sobre o homem? A ideia da verdade do homem comum é a expressão verbal de um incidente como ocorreu ou de um fato como existe. Há outro sentido em que a palavra verdade é usada: o de aderir à palavra dada; agir como dizemos e pensar como falamos. Todos entendem isso. Mas quão difícil não achamos manter a verdade? Suponha que um homem cometa uma ofensa, por mais trivial que seja, sua primeira reação é esconder a ofensa, ou fugir da punição e, caso não consiga fazer ambos, transferir a culpa para outra pessoa. Inocentemente, ele pensa que uma falsidade dita para se salvar de uma situação embaraçosa, inofensiva para os outros, é inofensiva para si mesmo. Mas aí ele comete o maior erro. Dessa forma, ele engana a si mesmo. Como o homem pode ter certeza de que será capaz de se manter firme na verdade quando um desastre maior o confrontar, se ele não é capaz de enfrentar uma pequena situação embaraçosa?

A falsidade é como o fruto proibido. Uma vez provada, ela escraviza o homem, criando um desejo de recorrer a ela cada vez mais. Pois ela não oferece oportunidades de viver uma vida fácil e confortável sem muito esforço? O homem, portanto, se curva não para conquistar, mas para ser vencido. Ele não se inclina em humildade, mas em cobiça, e não se dobra com a idade, mas sob o peso da falsidade. Há um ditado nas

línguas indianas: ‘Um homem que engana morre muitas mortes antes de deixar este mundo.’

Quão inocentemente não misturamos a falsidade livremente em nosso fala, colorimos relatos apenas para torná-los atraentes. Sem dúvida, nenhuma má ação é contemplada no início, mas o que acontece é que o hábito persiste e, provavelmente, outra vez, quando realmente prejudicar outra pessoa, não conseguimos nos controlar e tecemos teias de falsidade em nossas narrativas. Esse é o mal de cair na armadilha da falsidade. Muitas vezes descobrimos que temos que inventar metros de mentiras para apoiar a original. Além disso, quando o homem mente consistentemente, sua consciência se torna embotada. Ele não sente mais pelo outro; ai daquele que cruza seu caminho ou intercepta seus interesses. Em suas buscas materiais, ele afunda cada vez mais no lamaçal do ódio, pois se requer uma coragem moral tremenda para ser magnânimo o suficiente para assumir sua falha e aceitar as consequências com compostura, enquanto o outro caminho parece tão amplo e repleto de flores e buquês.

Temos em nossa literatura hindu dois dos exemplos mais brilhantes de firmeza e constância na verdade: Sri Ramachandra e Harishchandra. Ambos eram reis de grande integridade. Eles nunca voltaram atrás em sua palavra, mesmo que isso significasse o maior sacrifício. Nenhum preço era pesado demais quando se tratava da verdade. Rama renunciou ao seu direito ao trono no dia de sua instalação como herdeiro do reino e trilhou o caminho da floresta, despojado de todo o séquito e de toda a grandeza real, apenas para honrar a promessa extorquida de seu pai por sua madrasta. Isso não foi tudo, fiel ao espírito da promessa, ele nunca entrou nos portões de uma cidade ou desfrutou dos confortos de um convidado real durante os quatorze anos em que esteve no exílio, mesmo quando foram repetidas e honrosamente oferecidos a ele.

Harishchandra renunciou ao seu reino ao sábio Viswamitra, como um presente, e quando descobriu que não tinha dinheiro — o tesouro real já havia sido transferido ao sábio sob o presente — para pagar as taxas pela transferência do presente, ele vendeu sua esposa e a si mesmo para arrecadar a riqueza necessária. É uma história cheia de páthos. Um rei transformado da noite para o dia em um mendigo, um escravo, sem direito nem mesmo ao próprio corpo. Seu filho morre e a esposa leva o corpo ao crematório. Mas, como era o próprio guardião do terreno, Harishchandra exige as taxas de morte antes da cremação. A pobre mãe lamenta em desespero, pois onde ela poderia conseguir dinheiro, sendo uma escrava? Ele a reconhece, mas não cede. Ele seria infiel ao seu mestre? Nunca. É um melodrama. As emoções despertadas arrancam até do coração mais duro suspiros de compaixão e lágrimas de simpatia dos olhos mais secos. O sábio aparece naquele instante, restaura ao rei seu reino e tudo mais. Ele fica satisfeito em encontrar a tenacidade e persistência do rei em suportar todas as catástrofes sem arrependimento ou murmúrio em prol da verdade. Esse é o ideal colocado diante de nós, mesmo na chamada vida secular.

Qual é, então, o lugar da verdade na vida religiosa? No sentido real dos termos, a vida de um hindu não é segmentada como secular e religiosa. É uma grande

oferenda ao Supremo. O chamado secular também é vivido em busca do Ideal. Desde sua tutela como menino sob os pais e mais tarde sob seu preceptor até o dia em que renuncia ao mundo, a vida do hindu é uma preparação, um equipamento para a vida superior, para a dedicação a Deus. A verdade desfruta de uma posição primordial em todo esse estágio preparatório. Um menino de oito anos entra na morada do mestre. Ele é primeiro ensinado a ser firme na verdade. Sua manhã começa com versos de louvor à Verdade. Ele, com seu preceptor, acredita que apenas a verdade os protege. Qualquer valor que os céticos modernos possam atribuir a tais repetições e cantos, eles sem dúvida tinham um efeito salutar nos meninos daqueles dias. Pois aqueles eram os dias em que a educação era ministrada não por riqueza, nem por nome, nem por fama, nem mesmo por ordem real ou por medo da espada de reis arrogantes, mas com o único objetivo de beneficiar a sociedade, através de estudantes dignos. Nenhuma consideração além da genuinidade dos ensinamentos e de sua dignidade para receber pesava com os preceptores. O vínculo entre eles era de confiança mútua e amor. A lei que governava suas relações era a da verdade.

Há um exemplo marcante de tal preceptor, que humilhou o orgulho do poderoso conquistador Alexandre. Atraído por um homem escassamente vestido, mas de aparência serena, nas margens de um rio, Alexandre o aborda e pede que ele o acompanhe até sua terra, definitivamente com a ideia de aprender a Sabedoria do Oriente. O sábio, contente consigo mesmo, recusa todas as coisas grandiosas que Alexandre oferece. Irritado e enfurecido, o conquistador ameaça o sábio com a morte. O sábio sorri, mas as palavras que falou emitiam fogo. 'Você nunca disse uma coisa tão tola', disse ele, 'você pode rasgar este corpo, mas a Mim sua espada não pode perfurar. A Mim o fogo não pode queimar, nem o vento secar, pois sou o Espírito Eterno.' O toque da Verdade, da Realidade, transformou o homem da ideia de que ele é uma mera gaiola de ossos e carne para a realização de que ele é o Espírito imutável.

No vocabulário religioso, portanto, a verdade ganha um significado adicional. Significa a Realidade final, a Existência Última, a Verdade Absoluta. Os *Upanishads* descrevem este indescritível assim: '*Brahman* é Verdade, Conhecimento e Infinito'[6]. Essa é a única Realidade, seja qual for o nome que lhe seja dado, o resto são apenas aparências.

As *Upanishads* declaram que, assim como o barro é a única substância verdadeira dos diferentes tipos de vasos e coisas preparadas a partir dele, também esta Realidade é a única entidade verdadeira deste mundo. Se conhecermos a Realidade, conhecemos tudo. Novamente, eles dizem que seu nome secreto é '*satyasya satyam*', 'Verdade da verdade', ou seja, se tomamos essas coisas mundanas como verdadeiras, é porque essa Realidade que é verdadeira está por trás delas. 'A força vital é verdade, e Ele é a verdade disso', diz o *Brhadaranyaka Upanishad*. Além disso, eles incutem sobre nós a eternidade desta Verdade em comparação com o mundo relativo, com sua declaração '*Nityo-nityanam*', O Eterno do eterno' ou, como alguns intérpretes gostam de colocar, 'o Eterno do efêmero'.

---

[6] Taitti. Up. 2-1-1.

Do Supremo que tudo ilumina, por Sua resolução, o certo e o verdadeiro foram gerados.[7] Por causa da Verdade, o vento sopra. Por causa da Verdade, o sol brilha no firmamento. A verdade é o fundamento da fala. Tudo repousa na Verdade,[8] diz o *Upanishad*.

A verdade parece ser a primeira vítima nesta chamada era da cultura. Mas mesmo aqueles envolvidos em atividades mundanas, como trabalho de escritório ou negócios, devem se ater à verdade, diz Sri Ramakrishna repetidamente. Não se deve desviar da verdade.[9] 'Apenas uma pessoa de veracidade tem sucesso e não um homem de falsidade, esta é a experiência comum no mundo, mas até o caminho dos devas se amplia diante da verdade.[10] O significado é que mesmo aqueles que desejam ir ao céu devem aderir à verdade. Agora, sobre a liberação final, a realização da Realidade Última, o *Mundakopanishad* diz: 'Este *Ātman* deve ser alcançado pela verdade, austeridade, conhecimento verdadeiro e prática contínua da castidade'[11]. Assim como na vida externa, também na vida interna, a vida da alma, a verdade desempenha um papel vital.

Em uma ocasião, relatando suas experiências, Sri Ramakrishna disse: 'Após minha visão da Divina Mãe, eu rezei a Ela, segurando uma flor em minhas mãos: "Mãe, aqui está Teu conhecimento e aqui está Tua ignorância. Leve ambos e me dê apenas amor puro. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua impureza. Leve ambos e me dê apenas amor puro. Aqui está Teu bem e aqui está Teu mal. Leve ambos, Mãe, e me dê amor puro. Aqui está Tua retidão e aqui está Tua injustiça. Leve ambos, Mãe, e me dê amor puro." Eu mencionei todos esses, mas não pude dizer: "Mãe, aqui está Tua Verdade e aqui está Tua falsidade. Leve ambos." Eu entreguei tudo a seus pés, mas não consegui me desfazer da verdade.' Se este é o estado de um homem-Deus, quanto mais o aspirante que ainda tem um longo caminho a percorrer não deve se guardar contra a falsidade? Novamente, Sri Ramakrishna disse: 'Diz-se que apenas a veracidade constitui a disciplina espiritual do *Kali Yuga*. Se um homem se apega tenazmente à verdade, ele finalmente realiza Deus. Sem esse respeito pela verdade, gradualmente se perde tudo.' Essa é a posição invulnerável que a verdade ocupa na vida.

Esta Realidade, esta Verdade, Deus, deve ser realizada. Primeiro, devemos ter a convicção intelectual de que todas essas coisas que percebemos, sendo efêmeras, têm pouco valor. Elas são aparências projetadas na Realidade por nossa própria ignorância. O que é essa ignorância? A ignorância é nos identificarmos com tudo o que não é nosso verdadeiro Ser, como o corpo, os sentidos e a mente. Em linguagem simples, este 'eu e meu' está na raiz de toda a ignorância. O ego se apresenta como uma barreira para conhecer nosso verdadeiro ser. Os dois métodos para acabar com essa ignorância são expandir o ego para se tornar todo-inclusivo, todo-abarcante, ou

[7] Mahanaraya.Up. 1-63.
[8] Ibid. 79-2.
[9] Taitt.Up. 1-11-1
[10] Mund. Up. 1-1-6
[11] Ibid. 3-1-5.

aniquilá-lo completamente. Considerar cada criatura que vive e se move como nossa e estender simpatia a todos sem distinção, com a atitude de que todos são meus, pois são criaturas do meu Senhor, é o primeiro método.

O outro método é: tudo isso é material, teve um começo e terá um fim, mas a Realidade que eu sou é imutável, indestrutível, então não darei valor a essas coisas. Até o corpo é uma limitação, então devo transcender o corpo.

Um é o caminho de *bhakti*, o outro do conhecimento, a posição de cada um dos caminhos é bastante sustentável e igualmente útil, pois ambos são fundados na verdade. Enquanto tivermos a consciência de que somos o corpo, não podemos negar o mundo. Se consideramos um como verdadeiro, a verdade do outro também deve ser concedida. Então, em vez de nos confinarmos aos nossos pequenos corpos, ao nosso pequeno círculo de relações e às nossas posses limitadas, se ampliarmos nosso horizonte e abraçarmos o mundo inteiro em nossos braços de amor, alcançamos o mesmo objetivo que aquele que nega o mundo alcança. Este é o caminho mais fácil. Não temos que arrancar nada à força. Temos apenas que sublimar nosso amor. Dar nosso amor a Deus e amar todas as criaturas em e através de Deus.

Outros tomam a Realidade Última e negam tudo o mais. Eles dizem que este mundo é uma mera sobreposição, como uma serpente sobreposta a um pedaço de corda. A corda sozinha é real e não a cobra, mas devido à escuridão, a percebemos como cobra. Em nossa experiência cotidiana, também frequentemente confundimos uma coisa com outra. Os *Sankhyas* apresentam as razões para isso assim: 'A não-percepção pode ser devido à extrema distância, proximidade imediata, danos aos órgãos, instabilidade da mente, sutileza, obstrução, supressão e mistura com o que é semelhante'[12]. O que é dito aqui no caso da não-percepção também é válido em relação ao equívoco: Um pássaro voando à distância não é visível. O colírio nas pálpebras não é perceptível. Um homem cego não pode ver. Uma mente vacilante não pode compreender as coisas corretamente. Uma obstrução como uma parede intercepta nossa visão. Não podemos distinguir um certo feijão entre uma pilha de feijões. Da mesma forma, em nossas percepções, confundimos um objeto com outro ou não os vemos de forma alguma.

Um dia, quando Sri Ramakrishna estava falando com os devotos, ele aludiu ao tópico da proximidade de Deus e disse que, embora Deus esteja muito perto de nós, não podemos vê-lo por causa do poder encobridor de *Maya*. E para ilustrar o que ele disse, de repente segurou um pedaço de pano entre ele e a plateia. 'Vocês não podem me ver agora, embora eu esteja tão perto. Assim, *maya* também cobre Deus.' Em outra ocasião, ele deu o exemplo de um tanque coberto com espuma. Vamos citar suas próprias palavras: 'Uma vez, quando eu estava explicando as ações de Deus para alguém, Deus de repente me mostrou o lago em Kamarpukur. Eu vi um homem removendo a espuma verde e bebendo a água. A água estava clara como cristal. Deus me revelou que *Satchidananda* está coberto pela espuma de *maya*. Aquele que afasta a espuma verde pode beber a água.' Então, embora a Realidade esteja mais próxima de

[12] Sankhya Karika 7.

nós, não a percebemos por causa dos muitos véus com os quais a cobrimos, os véus dos parentes, nome, forma e semelhantes. E a isso também adicionamos o véu da falsidade e tornamos a visão de Deus uma impossibilidade. Nosso esforço, portanto, deve ser cortar esses véus com a espada da verdade. Abandonar o que é irreal e se apegar ao real.

Em conclusão: vimos como a verdade desempenha um grande papel não apenas na vida exclusivamente espiritual, mas também nas atividades mundanas. É tanto o caminho quanto a Meta. A meta suprema da humanidade. Esta Realidade Última sendo a suprema verdade, quanto mais cedo a compreendermos, melhor será para nossa vida aqui e nas vidas futuras.

• • • • •

SRI RAMAKRISHNA – O MÍSTICO PRÁTICO

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista *The Vedanta Kesari* – fevereiro de 1964[2]

O século XIX foi um período repleto de convulsões em todo o mundo. Foi assim na Europa, onde a Revolução Industrial acelerou as coisas e mudou o modo de vida e as formas de pensar do homem. Foi também no século passado que Charles Darwin, com sua teoria da evolução biológica, lançou um desafio à religião. Foi igualmente no século XIX que ocorreu uma guerra civil no novo continente, a América, que tornou os Estados Unidos um fato histórico. Foi durante esse período que começou uma corrida por impérios ultramarinos, e a Índia passou a ser cada vez mais dominada pelos britânicos. Os britânicos, no entanto, não se limitando à dominação política, ousaram penetrar no campo cultural da vida indiana, com métodos muito sutis. Eles se apresentaram como benfeitores do povo indiano e queriam civilizar uma raça atrasada — como eles retratavam o povo indiano para o mundo. Aos indianos foi dito que sua religião era primitiva, que suas escrituras eram meras superstições e que a salvação estava em abandoná-las e seguir os modos de pensamento e vida ocidentais.

Mas outra convulsão, mais poderosa, mais duradoura, maior em extensão e mais rica em conteúdo, como resposta a muitas dessas pequenas turbulências, também surgiu no século passado, a saber, a convulsão espiritual. Ela foi inaugurada por Sri Ramakrishna, nascido em uma vila, atuando como sacerdote no templo de Dakshineswar, não muito longe de Calcutá, com muito pouco da chamada educação formal, mas profundamente enraizado na cultura da alma. Sua vida foi uma resposta adequada, um desafio aos clamores dos iconoclastas, aos agnósticos e ateus, aos que duvidavam da eficácia da religião hindu para manter seu terreno contra outras religiões e, por último, mas não menos importante, ao ataque do homem científico da época à própria religião. As forças da religião se reuniram, por assim dizer, para enfrentar a maré crescente do agnosticismo na pessoa de Sri Ramakrishna.

A vida de Sri Ramakrishna foi maravilhosa. Ele começou com uma fé simples em Deus, nutrida na inocência da vida rural, guardada em um lar de pais piedosos e encantada com o legado nativo de seu ser. Ao perseguir suas práticas espirituais, ele sem dúvida passou por noites sombrias de dúvida, mas apenas para ser firmemente e indissoluvelmente ligado à Divina Mãe, pela bênção de Sua visão — uma

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista The Vedanta Kesari da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês, *Sri Ramakrishna – The Practical Mystic*.

experiência que o fez se apegar a Ela, como uma criança à sua mãe, por toda a vida. Sua primeira visão trouxe a ele uma febre ardente, por assim dizer, para ter Sua presença completa e ininterrupta. Ele se consumiu e se contorceu de dor na separação d'Ela. Em sua angústia, ele esfregava o rosto no chão áspero até sangrar, tão agudo era seu sofrimento, tão intenso era seu desespero. Ele esforçou-se ao máximo para isso e entregou completamente sua mente a Ela. Nesse aspecto, Sri Ramakrishna pode ser chamado de cientista espiritual. Ele, como os antigos *Rishis*, nunca se contentou com teorias, mas queria testá-las no laboratório da prática e não descansaria até atingir seu objetivo. Quando ele começou a adorar a Divina Mãe no templo de Dakshineswar, ele se perguntou: "A Divina Mãe é apenas uma imagem de pedra?" Ele pensou que precisava verificar isso. Ele segurou um pedaço de algodão nas narinas da Imagem e, estranhamente, sentiu o sopro da Mãe nele. Ele sentiu isso mais tangivelmente do que sentia sua própria respiração. Esse era o método de sua experimentação. Se a Divina Mãe era uma entidade consciente, Ela deveria ser vista, deveria ser realizada — essa era sua firme determinação. Essa determinação era apoiada por uma forte renúncia e uma discriminação penetrante.

Mesmo quando criança, ele havia descoberto, por observação, a futilidade do mero saber livresco — um aprendizado que poderia ser apenas um meio de ganhar a vida e de nada mais. Isso não resolvia o problema da vida, não desvendava seu significado. Por outro lado, sua primeira experiência mística aos sete anos, em Kamarpukur, ao ver garças brancas voando através de nuvens sombrias, banhou sua alma em grande êxtase. Comparado a isso, ele considerava todas as outras alegrias apenas uma sombra dessa. A devoção de seu pai a Deus, rica em sonhos e visões, ajudou o menino a concentrar sua mente n'Ele. E a morte de seu pai, embora precoce em sua vida para deixar sua impressão completa, ainda deixou um vazio no coração do menino. O fato do menino sentir a tristeza de sua mãe e parar de perturbá-la com suas importunidades após a morte de seu pai é uma evidência disso. Sua associação com os monges errantes que visitavam a vila de Kamarpukur acendeu o fogo da renúncia. Por fim, as performances religiosas dos cantores itinerantes acenderam seu amor por Deus. Seu poder de concentração, especialmente em assuntos relacionados à Divindade, aumentou enormemente, tanto que em ocasiões ele ficava absorto, completamente alheio ao seu entorno, nos pensamentos das divindades específicas que as circunstâncias evocavam. Seu segundo êxtase ocorreu no caminho para o Templo de Visalakshi, a Mãe Divina, de Anur, e sua absorção no pensamento de Shiva no Shivaratri, quando foi chamado para representar o papel de Shiva no drama da vila, foi sua terceira experiência mística, que durou muito tempo. Assim, fundamentado em discriminação e renúncia e com a mente voltada para Deus, Sri Ramakrishna entrou na adolescência bem equipado para iniciar sua jornada de busca mística.

Antes de prosseguirmos com nosso assunto, vamos esclarecer o que entendemos por experiência mística neste contexto. Não é algo misterioso ou indecifrável. Não é uma coisa do passado. Não exaure o ser humano. É uma

experiência do sobrenatural. É viver além dos sentidos. Pode ser experimentada até mesmo agora por aqueles que vivem uma vida pura e imaculada e seguem o caminho da espiritualidade. É ir à fonte de toda a bem-aventurança. É ver Deus; ser tocado por Ele. É a bem-aventurança de Deus ou do *Ātman* banhando a alma. É um estado onde todos os sentidos são deixados para trás. Até a fala não pode alcançá-lo. É por isso que não é possível descrevê-lo através do veículo da linguagem. A linguagem é um pobre portador ali. Fica muito distante. Não tem acesso a essas câmaras. Isso é o que Sri Ramakrishna disse a seus discípulos. Isso é o que podemos ver, se quisermos, em sua vida. Isso também é o que os *Upanishads* declaram: "De onde a fala, incapaz de penetrar, retorna com a mente, alcançando essa bem-aventurança de Brahman, um sábio nunca teme a nada." Ao alcançá-la, o homem vai além de todo medo. Ele não encontra nada além de si mesmo ou de seu Deus presente em todos os lugares. Normalmente, o homem neste mundo teme várias coisas, e o pior de todos os medos é o medo da morte — e esses medos continuam enquanto ele vê um segundo ser além de si mesmo. Até a morte do corpo físico não atemoriza uma pessoa que percebeu que é imortal. Isso não é, então, um benefício significativo? Não é uma experiência desejável? A experiência mística, em resumo, é algo que pode ser sentido por um ser humano, se houver as qualidades necessárias de pureza e outras disciplinas a seu favor. Sri Ramakrishna experimentou esse toque místico mesmo em seu primeiro êxtase em Kamarpukur. Quando toda a família estava perturbada com o evento repentino e tentava encontrar um remédio para o mal, o menino, Gadadhar, como Sri Ramakrishna era chamado em seus dias de juventude, garantiu a seus pais que não sentia nada de ruim, que, ao contrário, sentia um fluxo de bem-aventurança durante o período de sua inconsciência. Isso foi posteriormente corroborado quando nada de adverso aconteceu ao menino.

As experiências místicas de Sri Ramakrishna são inúmeras para serem enumeradas aqui. Mas, na medida do necessário para nosso assunto, nos referiremos a algumas delas de vez em quando. Uma pessoa espiritual na Índia, é intensamente prática, caso contrário, não é nada. Falando sobre praticidade, Swamiji certa vez disse a uma plateia no Ocidente: "Assim como seu povo é prático em muitas coisas, parece que nosso povo é prático nessa linha (espiritualidade). Cinco pessoas neste país (América) se juntam e dizem: 'Vamos formar uma empresa de capital aberto', e em cinco horas está feito; na Índia, eles não poderiam fazer isso em cinquenta anos, eles são tão pouco práticos em assuntos como esse. Mas, veja, se um homem começa um sistema de filosofia, por mais selvagem que seja sua teoria, ele terá seguidores. Por exemplo, uma seita é iniciada para ensinar que, se um homem ficar em uma perna por doze anos, dia e noite, ele alcançará a salvação — haverá centenas prontos para ficar em uma perna. Todo o sofrimento será suportado em silêncio... Então, você vê que a palavra prático também é relativa." Assim, espiritualidade, religião e filosofia têm uma base prática na Índia. E apenas a prática pode levar alguém à realização de seu ideal. Isso era obviamente conhecido por Sri Ramakrishna. Então, ele mergulhou de cabeça nas práticas espirituais. Noite e dia ele estava absorto no pensamento da Mãe,

em Dakshineswar. Sua única ideia era conhecer e vê-La. No início, ele não tinha ninguém para guiá-lo. Mas seu intenso anseio trouxe a visão d'Ela. Ele havia ouvido que Deus nunca vinha a uma pessoa que estava consciente de seu ego, que se considerava uma pessoa de nascimento nobre, uma pessoa de riqueza e assim por diante. Portanto, no meio da noite, depois que todos se retiravam para a cama, ele se esgueirava até o Panchavati próximo e, tirando o fio sagrado, o símbolo da casta brâmane, e até a roupa, sentava-se para meditar, profundamente absorto no pensamento de Deus. Seu sobrinho e assistente Hriday notou sua ausência do quarto por vários dias.

Uma noite, querendo saber para onde Sri Ramakrishna ia e o que fazia, Hriday o seguiu. Mas ele ficou escandalizado quando Sri Ramakrishna tirou o fio sagrado e a roupa, sentando-se na floresta para meditar. Hriday o repreendeu por seu ato sacrílego. Para um Brahmin, tirar o fio sagrado! Ele não podia conceber isso. Mas Sri Ramakrishna estava imperturbável. Ele calmamente respondeu: "Se uma pessoa quer se aproximar de Deus, ela deve deixar de lado seu senso de aristocracia de nascimento, riqueza e coisas semelhantes e se humilhar diante de Deus. Pois o que são eles diante do Ser onipotente e onisciente? Então, estou tentando fazer isso." Outra vez, Hriday tentou assustar seu tio para sair da floresta jogando areia na direção onde ele estava sentado. Mas Sri Ramakrishna estava perdido para o mundo exterior no momento em que entrou na floresta. Tão profunda era sua concentração. A fúria de sua fome por Deus aumentava à medida que os dias passavam. Ele rolava no chão chamando: "Mãe", "Mãe". As pessoas ao redor pensavam nele de várias maneiras. Alguns pensavam que ele estava louco. Outros pensavam que ele estava chorando de dor de cólica. Mas para ele, como ele mesmo expressou mais tarde a seus discípulos, as pessoas ao redor eram como figuras pintadas em uma parede ou, na melhor das hipóteses, meras sombras.

Mas Sri Ramakrishna não estava satisfeito com um conhecimento casual da Mãe Divina. Talvez, apesar da bem-aventurança que sentiu em sua primeira visão, ele tenha se questionado, como Narendranath fez mais tarde, se não era alguma fantasia de sua mente que o fazia pensar que teve uma visão da Mãe. Na verdade, porém, a bem-aventurança em si o deixou louco, por assim dizer, pela presença perpétua d'Ela, como um amante anseia pela presença da amada, como uma criança anseia pela mãe, e como um homem do mundo anseia por mais e mais riqueza. E até que ele obtivesse a visão contínua da Divina Mãe e a forçasse, por assim dizer, ele não estava satisfeito. Foi por isso que ele costumava dizer: "Quem é minha Mãe! Ela é uma madrasta? Não, Ela é minha própria Mãe." Outras vezes, ele aconselhava: "Force sua demanda a Deus, reivindique seu direito de nascença, como um filho reivindica sua herança." Para ele, a visão de Deus é o direito de nascença de todo ser humano. Somos filhos da Divina Mãe. Por que, então, Ela deveria nos negar Sua visão? Temos todo o direito de reivindicá-la. Essa era sua firme convicção. Mais ainda, é sua garantia para nós a partir de sua própria experiência de vida.

A ele vieram os mestres de diferentes fés quando ele já conhecia a Divina Mãe, quando ele havia estabelecido conclusivamente a relação de uma criança com Ela; quando ele podia vê-La e falar com Ela sempre que desejasse. Em seu caso, para citar sua própria analogia, o fruto veio primeiro e depois a flor. Suas práticas posteriores foram para a verificação do que ele já havia conhecido por sua fé sincera e anseio ilimitado. Suas realizações anteriores foram corroboradas quando ele seguiu o caminho traçado nas escrituras. Após sua primeira realização, ele entrou em contato com a Divindade seguindo outros caminhos em um tempo muito curto. Não levou mais de três dias para chegar ao ápice de qualquer um dos caminhos. Aqui também ele foi muito prático. Ele colocou toda a sua mente, corpo e alma nisso. Por exemplo, quando ele estava passando pelas disciplinas da fé islâmica, ele se abstinha de visitar os templos, tudo sobre a Mãe Divina era esquecido. Em hábitos e trajes, ele seguia os muçulmanos em todos os detalhes. E é por isso que ele pôde chegar ao resultado em tão pouco tempo.

No caso da prática *Advaita*, ele teve um pouco de dificuldade. Ao tentar concentrar sua mente em *Brahman* sem forma, a forma benigna da Mãe Divina aparecia diante dele toda vez. Ele expressou sua dificuldade a Sri Totapuri, seu preceptor na prática *Advaita*. Este não foi facilmente dissuadido. Ele pressionou um pedaço de vidro quebrado entre as sobrancelhas de Sri Ramakrishna e pediu que ele concentrasse sua mente naquele ponto. Assim que Sri Ramakrishna direcionou sua mente para suas sobrancelhas, a forma da Mãe apareceu diante de seus olhos mentais, mas desta vez ele a cortou, por assim dizer, com a espada do conhecimento. O véu fino que o separava do *Brahman* caiu, e ele entrou no reino do Incognoscível. Agora era a vez de Totapuri, que levou quarenta anos para alcançar o estado de *Nirvikalpa Samadhi*, ficar surpreso com a facilidade e rapidez com que Sri Ramakrishna escalou o pináculo da realização espiritual. Por três dias, Totapuri ficou de vigia sobre Sri Ramakrishna. No quarto dia, Totapuri, assegurado de que ele havia se estabelecido na disciplina, trouxe-o de volta à consciência normal.

Seria uma pesquisa incompleta da praticidade de Sri Ramakrishna como místico se não mencionássemos aqui como ele expandiu a visão daqueles que entraram em contato com ele, até mesmo aqueles que vieram para ensinar. Pois, como Swamiji disse, a própria vida de Sri Ramakrishna era um Parlamento das Religiões. Era, portanto, natural que aqueles que vinham a ele tivessem suas visões ampliadas. Citaremos apenas o exemplo de Totapuri novamente. Totapuri, que nunca ficou mais de três dias em qualquer lugar, encantado com o entorno de Dakshineswar e cativado por Sri Ramakrishna, passou lá quase onze meses. Mas ele não conseguia entender a adoração de Sri Ramakrishna à Divina Mãe, mesmo após atingir o *Nirvikalpa Samadhi*. Para ele, todas essas formas eram apenas ilusões. Sri Ramakrishna, no entanto, o repreendeu por seus comentários depreciativos sobre a adoração e a oração a Deus com forma. Mas, profundamente imbuído da ideia de *Advaita Vedanta*, Totapuri não podia ceder facilmente. Estranhas, no entanto, são as maneiras de Deus. Embora ele tentasse se despedir de Sri Ramakrishna várias vezes, algo o impedia de tocar no

assunto. Por fim, ele caiu vítima de disenteria. Dores agudas o deixaram de cama. Ele não conseguia sentar-se para meditar. Um dia, em completo desgosto, ele quis se livrar do corpo, afogando-se no Ganges. Para que servia se a mente não podia se imergir no Ser. Decidido a fazer isso, uma noite ele entrou no Ganges, mas, para sua surpresa, embora ele atravessasse o rio, a água nunca subia acima de seus joelhos. Em espanto, ele exclamou: "Que *maya* estranha é essa?" Voltando-se para o templo de *Bhavatarini*, ele viu a forma benigna da Mãe Divina. Ele retornou ao Panchavati e se deitou, aliviado da dor. No dia seguinte, Sri Ramakrishna o viu alegre. Totapuri narrou o incidente a Sri Ramakrishna e, assim iluminado, ele abandonou sua visão dogmática e se despediu de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna veio ao mundo para ensinar à humanidade que todo caminho era verdadeiro. Então, a Mãe permitiria que seu preceptor permanecesse um fanático? Isso não aconteceria. O contato de Sri Ramakrishna, portanto, corrigiu as visões até mesmo de seus preceptores.

Outro assunto ao qual Sri Ramakrishna deu grande atenção foi a companhia que seus jovens discípulos mantinham. Apesar do coração amoroso e compassivo que possuía, ele não podia permitir que seus discípulos se misturassem com qualquer tipo de pessoa que viesse, mesmo sob o disfarce de um monge. Certa vez, um cantor itinerante, um *baul*, veio a Dakshineswar e quis sentar-se para comer junto com Narendranath e outros que estavam fazendo um piquenique no Panchavati. O Mestre não permitiu. Ele disse: "Que mérito ele ganhou para sentar-se com vocês? Deve-se ter muito cuidado ao se associar com pessoas durante o início da vida espiritual. Isso prejudica o crescimento espiritual se alguém se mistura indiscriminadamente com as pessoas."

Diz-se que a religião e as experiências religiosas são supramundanas. A primeira coisa a lembrar aqui é que todas as religiões podem ser seguidas aqui e agora, embora possamos colher os frutos de nossas ações em outros mundos também. Em segundo lugar, a experiência religiosa tem um efeito no homem neste mundo também. As forças naturais e outras não deixam marcas nele. Entrando nele, se perdem como rios no oceano. Ele se torna como um lago límpido, calmo, sereno e pacífico, e não aquele que corre atrás dos objetos dos sentidos, diz o *Gita*. Em terceiro lugar, a religião é a base da moralidade. Por religião, nenhum dogma ou credo é significado. Religião, como Swamiji frequentemente enfatizava, é realização: realização de Deus, realização da unidade de todos os seres. Quando essa realização vem, então o homem pode falar de irmandade universal. Hoje, a humanidade sofre de todos os tipos de deficiências, raciais, as chamadas religiosas, sociais e outras. Em tal mundo, a única maneira de se unir é pela realização espiritual. Nesse aspecto, a contribuição de Sri Ramakrishna é inestimável, imensurável, avassaladora. Por sua vida, ele mostrou que dissensões devido a esses emblemas de religião não são necessárias. Elas apenas trazem inquietação. Mais ainda, elas são prejudiciais. Mas, triste dizer, a humanidade ainda tem que aprender essa lição. Ela jamais despertará? Pode fazê-lo se estudar Sri Ramakrishna.

Por fim, diremos algumas palavras sobre como Sri Ramakrishna era prático em sua vida normal. Ele treinou a Santa Mãe sobre como viver em família. Ele a ensinou em cada detalhe da administração doméstica, desde a maneira de aparar a lâmpada até lidar com as pessoas com quem ela teria que entrar em contato. Ele repreendeu seus discípulos quando eles tomavam algo como garantido. Um dia, ele deu a um jovem discípulo (Swami Yogananda) algum dinheiro para comprar uma frigideira. O discípulo acreditou no vendedor e trouxe a panela que o comerciante deu sem examiná-la. No entanto, descobriu-se que o vendedor havia enganado o menino e dado a ele uma panela quebrada. Sobre isso, Sri Ramakrishna comentou: "Que você se tornou um *sadhu* não é razão para que você também seja um tolo. O comerciante não está lá para ganhar mérito, mas para ganhar dinheiro. Então, antes de comprar qualquer coisa, examine-a, pergunte em outras lojas e, no caso de compras onde uma margem extra [desconto] é dada, pegue isso também." Tal foi o conselho sobre coisas seculares de uma pessoa que não conseguia cuidar adequadamente de suas roupas! O que dizer então de seres menores! Sri Ramakrishna, como o vemos retratado em suas biografias e conversas, era intensamente prático não apenas em assuntos espirituais, mas também em assuntos seculares. É por isso que ele tem um apelo até mesmo para o homem mais moderno. Temos certeza de que a impressão errônea de que um místico é um ser misterioso desaparecerá se a vida de Sri Ramakrishna for estudada de forma adequada e crítica.

• • • • •

SRI KRISHNA – O GITACHARYA

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *Vedanta Kesari* – setembro de 1962.[2]

As massas da Índia foram profundamente tocadas por duas personalidades, a saber, Sri Ramachandra e Sri Krishna. Os indianos foram depreciativamente chamados de adoradores de heróis e idólatras. É um crédito para os indianos que eles encontraram seu ideal e não hesitam em adorá-lo. Talvez isso ocorra porque a Índia produziu mais heróis do que qualquer outra parte do mundo, heróis cujas visões nunca foram embaçadas quanto às verdades da vida, cujas conquistas foram sobre a carne nas alturas empíreas do Everest da espiritualidade. A cidadela que eles atacaram foi sua própria natureza, e eles nunca desistiram até que a porta da alma fosse aberta para eles; até que o segredo da vida lhes fosse revelado. E eles, com seus exemplos e preceitos, nos mostraram como contornar este mundo de irrealidades. Por que então não deveríamos admirá-los? Por que não deveríamos adorar tais heróis? E quanto à chamada idolatria, menos se falar melhor. Pois, se o homem não adora uma imagem como símbolo da divindade, ele adorará outra coisa, como o Mamon ou alguém mais, não com a ideia de Deus, mas pelo que representam. O que é melhor: adorar o divino em um símbolo ou adorar o perecível?

Definitivamente o primeiro. Pois no perecível não há ideal fixo, e a conquista de sua própria natureza é mais desejável do que a conquista da natureza externa. Além disso, será que a natureza é algo tão pequeno que você pode conhecê-la completamente dentro dos poucos anos dados a você? Portanto, os indianos, com razão, adoram tais personagens como seu ideal, pois eles conquistaram seu próprio ser, sua própria natureza. Talvez às vezes a adoração seja mal direcionada, mas isso rapidamente desaparece. Dúzias de reis governaram a Índia nos últimos milênios. Mas quem se lembra de todos eles? Quem os adora? Mesmo os mais dignos deles, se é que são lembrados, não o são mais do que algumas vezes durante a vida de um homem. Não é o caso de Sri Ramachandra ou Sri Krishna. Eles têm aquele charme eterno sobre eles. Eles atraem eternamente.

Sri Krishna atrai três tipos de pessoas: o crente, o cético e o erudito. Para os crentes, ele é seu Senhor Deus, capaz de protegê-los de todas as calamidades ou de

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês, *Sri Krishna – The Gitacharya*.

conceder coragem para enfrentar toda o sofrimento. Para o cético, ele é uma personalidade heroica e simbólica mítica, mas ainda com algo para ensinar. Para o letrado e erudito, ele é um grande filósofo, um grande mestre.

Seus maiores ensinamentos estão contidos no *Bhagavad Gita*, que foi descrito de maneira adequada como a essência dos *Upanishads*. Não precisamos aqui entrar na controvérsia se o *Gita* foi realmente proferido no campo de batalha, quando ambos os exércitos estavam prontos para lutar, ou não. Nos limitaremos ao que temos como mensagem da personalidade que brilha através de seus ensinamentos.

Encontramos nos *Vedas* e nos *Upanishads* declarações aparentemente contraditórias. Com base nessas declarações, vários sistemas de filosofia foram propostos, cada um sustentando sua própria visão, perfeitamente de acordo com a tendência das escrituras. Quando todas essas escolas de pensamento afirmam sua veracidade, ao mesmo tempo e com base na mesma escritura, a maioria das pessoas fica perplexa. Não sabem qual caminho é correto e que caminho devem seguir.

Arjuna no campo de batalha experimenta uma dificuldade semelhante, embora de natureza ligeiramente diferente. Seu problema era decidir qual era seu dever. De um lado estava o juramento, como guerreiro, de livrar o país de todos os elementos ímpios e tirânicos e estabelecer a retidão; por outro, ele estava diante da dolorosa questão de matar muitos de seus entes queridos, alinhados no campo inimigo. O que ele deveria fazer? Confuso e assustado por tomar uma decisão errada, ele entra em colapso completamente e se recusa a lutar. No entanto, ele era sábio o suficiente para se oferecer para ser ensinado e guiado pelos conselhos nobres de seu amigo e filósofo, Sri Krishna. Ele diz: 'Com minhas faculdades naturais vencidas por (um sentimento de) impotência e fraqueza, e minha mente perplexa quanto ao meu dever, eu te pergunto — diga-me aquilo que é definitivamente bom para mim. Eu sou seu discípulo; ensine-me, que me refugiei em ti.'[3] O desânimo de Arjuna assim forma a gênese do *Gita*.

Swami Vivekananda em um hino a Sri Ramakrishna descreve sucinta e belamente a personalidade de Sri Krishna e a magnificência de seus ensinamentos assim: 'Aquele que aplacou o tumulto, como o do dia da dissolução dos mundos, da grande batalha (de Kurukshetra), que dissipou a *tamásika* noite escura natural de profunda ignorância (de Arjuna), e rugiu o doce e reconfortante *Gita*, essa pessoa (Krishna) agora renasceu como Sri Ramakrishna.' Aqui nenhum dos atributos de Sri Krishna foi omitido e nenhum repetido. A grandiosidade, a beleza, o poder poderoso e a doçura suave, tudo encontrou seu lugar e o que não foi expresso pode ser facilmente compreendido. Imagine o campo de batalha de Kurukshetra com os exércitos alinhados, tensos e inquietos para a batalha, com as trombetas soprando ferozmente e os contingentes marchando. Imagine novamente a figura indomável ainda sorridente, pronta para a ação, mas não ansiosa, calma e serena, mas não cedendo nem inativa de Sri Krishna enquanto está sentado no carro de guerra de

[3] Bhagavadgita, II.7

Arjuna, resplandecente em sua própria glória, mas no papel humilde de cocheiro. Essa é a imagem, uma combinação perfeita de contradições.

Ele não só era imune a todo o tumulto externo, mas também estava em posição de acalmar as tempestades que rugiam na mente interior de Arjuna, fazendo-o ver a profundidade de sua ignorância em sua falsa piedade e convencê-lo da retidão da batalha. Sua paciência e tolerância à tolice de Arjuna no momento crítico é algo que inspira admiração. Ele foi paciente o suficiente para relatar toda a filosofia hindu para ensinar o discípulo, que havia se aproximado da maneira correta, retidão e religião. Swami Vivekananda, a partir de sua experiência pessoal, declarou: 'Palavras, até pensamentos, contribuem apenas com um terço da influência para formar uma impressão, o homem, dois terços.' Que isso seja verdade nós também podemos experimentar em nossa vida, se prestarmos atenção. Poderíamos ter escutado grandes performances oratórias, formuladas na linguagem mais bonita, apresentadas de maneira convincente e entregues com coerência lógica, apenas para serem esquecidas depois de um tempo, enquanto as palavras de alguma personalidade solitária pronunciadas em um dialeto rústico e talvez de maneira gramaticalmente incorreta teriam deixado uma impressão duradoura em nós. Swami Vivekananda viu diante de seus próprios olhos a transformação de dezenas de pessoas que se aproximaram de Sri Ramakrishna. Pandits [eruditos] do tipo antigo, bem como os estudiosos dos tempos modernos, sentaram-se aos seus pés, esquecendo-se de toda a sua erudição para aprender dele, um sacerdote quase iletrado. Da mesma forma, foi a personalidade de Sri Krishna que deu peso às suas palavras.

O que é essa personalidade? É a vida vivida à perfeição que desenvolve a personalidade. Tal vida é um tremendo poder. Tal pessoa é uma bênção não só para si mesma, mas para milhares que entram em contato com ela enquanto vive no corpo e milhões quando ela não está mais no corpo físico. Alguns milênios se passaram desde que Sri Krishna pregou o *Gita*, ainda assim a influência que Sri Krishna exerce sobre as mentes dos buscadores sinceros, não diminuiu nem um pouco. Talvez, apenas um Arjuna tenha se beneficiado naquela época, mas isso salvou a causa da retidão. Incontáveis pessoas foram salvas depois, quando colocadas em situações semelhantes, pelos preceitos do *Gita*. 'Sri Krishna nunca pode ser entendido até que você tenha estudado o *Gita*, pois ele foi a encarnação de seu próprio ensinamento,' opina Swami Vivekananda. E quão verdadeiro é! Tome, por exemplo, a mensagem de desapego aos frutos das ações. Vindo de seus lábios, tem um significado vasto e profundo, pois ele mesmo foi uma ilustração do que ensinava. Ele derrubou muitos tiranos, mas nunca se preocupou em governar qualquer reino. Que necessidade tinha de assumir o papel de cocheiro de Arjuna e cuidar dos cavalos no final de um dia de luta? Sri Krishna declara: 'Ó Partha, não tenho dever a cumprir; nem há algo nos três mundos que eu não tenha alcançado que eu precise alcançar, ainda assim estou engajado em ação.'[4]

---

[4] Bhagavadgita, III.22.

A ilusão de Arjuna era muito profunda. Ele estava pronto até para viver como um mendigo pedinte em vez de cumprir seu dever. A tarefa de recuperá-lo era formidável. Sri Krishna, um mestre experiente que era, aponta logo no início para Arjuna sua tolice. Primeiro, ele o aborda no plano metafísico. Do que ele estava triste? Pela morte dos corpos? Eles eram apenas mudanças como infância, juventude e velhice. Se descarta como roupas gastas, para entrar em novas. O homem real era a alma que estava eternamente presente: no passado, presente e futuro. A alma é imutável e, portanto, não há motivo para tristeza por sua conta.

Além disso, tudo o que nasce deve morrer. E que razão há para lamentar algo inevitável? Essas criaturas não estavam manifestas no passado e novamente não serão manifestas no futuro. Elas têm esta existência manifesta apenas por uma curta duração, então por que se deve lamentar por elas? Krishna então assume a causa do *dharma*, em nome do qual Arjuna pensava estar fazendo um grande sacrifício ao renunciar seu dever. É o dever de um guerreiro lutar uma guerra justa. Não há outro dever tão sagrado para um guerreiro quanto lutar tal guerra. Se ele cair na batalha, vai para o céu, e se ele tiver sucesso, ele desfruta os frutos aqui, neste mundo. Então, deve-se tentar ver prazer e dor, e perda e ganho com um olhar equilibrado e continuar lutando.

Em seguida, Sri Krishna entrega sua grande mensagem de trabalho e ação desinteressada, o caminho da ação (*Karma Yoga*), para se libertar da corrente do trabalho. Ele diz: 'Nisto, não há desperdício de empreendimento nem chance de incorrer em pecado; mesmo um pouco desta religião salva alguém de grande perigo.'[5] E nesse *Yoga*, 'Você tem o direito apenas de realizar a ação e não de reclamar seus resultados.' Pois, uma vez que um homem anseia pelos resultados, as correntes do *karma* são presas nele. Ele se torna miserável, quando não colhe a colheita esperada. Seguindo o caminho do *Karma Yoga*, também se é capaz de atingir a autorrealização e, assim, se libertar do nascimento e da morte. Este, e não ir para o céu, é o objetivo final de todos os esforços humanos.

Arjuna então pergunta: 'Se em sua opinião o conhecimento é superior à ação, por que você me incita a fazer trabalho, que é cheio de perigo?' 'Uma fé dupla foi declarada por Mim para esta raça humana, o caminho do conhecimento para os *Jnanis* e o caminho da ação para os *Karma yogins*,' diz Sri Krishna. Mas nem todos estão aptos a adotar o caminho do conhecimento. Apenas abandonando a ação, não se atinge a liberação. A mente e o corpo humanos são tais que nem um único momento passa sem que eles realizem trabalho [ação]. O homem é forçado a trabalhar por suas inclinações inatas. Até para a manutenção de seu próprio corpo, o trabalho é necessário; portanto, Krishna pede a Arjuna para realizar os deveres prescritos. A criação depende do sacrifício, não apenas no sentido de derramar oferendas no fogo, mas também no sacrifício do interesse próprio. O que significa até um sacrifício senão a oferenda das melhores coisas no fogo sacrificial, um ato de sacrifício do interesse

[5] Ibid., II.40.

próprio? Portanto, deve-se incessantemente realizar ações prescritas, desapegado. Assim, se alcançará o Supremo.

Assim, Krishna gradual e lentamente levou Arjuna para fora do labirinto da ilusão, respondendo todas as suas perguntas e antecipando as dúvidas do aluno até que Arjuna finalmente se rendeu: 'Dissipada está minha ilusão. Recuperei minha sabedoria firme pela sua graça, e livre de todas as dúvidas, farei sua vontade.' Isso prova que um verdadeiro preceptor nunca decepciona seu discípulo, a quem aceitou. Sri Ramakrishna compara tal preceptor a um médico de primeira linha que, se necessário, forçará o medicamento através da garganta do paciente.

Qual é a especialidade do ensinamento de Sri Krishna? Parece que no momento em que Krishna pregou o *Gita*, havia duas seções antagônicas na sociedade hindu, que competiam entre si para estabelecer sua própria visão da religião como final — um grupo alegando que religião significava apenas a realização de sacrifícios conforme ordenado pelos *Vedas*, relegando a uma posição secundária todas as outras partes. Sri Krishna pinta um quadro desses em palavras: 'Pessoas de intelecto fraco, com mentes cheias de desejo, considerando o céu como seu objetivo final, encantadas com as declarações panegíricas dos *Vedas* e afirmando que não há nada mais (maior do que isso), falam palavras floreadas sobre inúmeros tipos de rituais dando origem a nascimento, ações e seus resultados, como meio para gozo e poder.'[6] O outro grupo eram aqueles que seguiam o caminho do conhecimento, condenando todo *karma* como inútil no caminho para a liberação. Sri Krishna, no entanto, viu a impraticabilidade das visões de ambas as seções. O que faria uma pessoa, que estava saciada com os prazeres do mundo, se o céu fosse aceito como objetivo final? Essa proposição, portanto, precipitadamente cai por terra. Tal homem tem o direito a uma vida superior de liberação. Devemos então forçar outros em um campo ou outro? A resposta é não. Aqueles que querem desfrutar seguirão o primeiro e aqueles que estão saciados com prazeres renunciarão. Mas ainda haverá muitos que gostariam de ser liberados, mas não têm essa forte renúncia. O que eles deveriam fazer? Sri Krishna mostrou-lhes o caminho do *Karma Yoga*.

Eles não deveriam abandonar seus sacrifícios e seus deveres, mas apenas tinham que sublimá-los sendo desapegados aos frutos de suas ações ou realizá-los como uma oferenda a Deus. Dessa maneira, eles gradualmente ascenderão cada vez mais alto até que todos os desejos desapareçam. O processo pode ser gradual, mas seguro. E esta é a maior mensagem do *Gita*.

Outra contribuição de Sri Krishna foi harmonizar todas os *Yogas*, reconciliar todos os caminhos, atribuindo igual importância a cada um dos caminhos. Todos os caminhos, ele disse, levam ao mesmo objetivo. Os diferentes caminhos existiam apenas para se ajustarem às aptidões dos aspirantes. Arjuna levanta a questão: 'Entre aqueles devotos que te adoram, sendo sempre dedicados a ti, e aqueles que adoram o Imperecível, o Não-Manifesto, quem são os melhores versados em *Yoga*?'[7] Sri Krishna

---

[6] Ibid., II. 42-43.

[7] Ibid., XII.1.

diz: ‘Aqueles que me adoram apenas dotados de fé suprema, eles são, é claro, os melhores *yoguis*,’[8] ‘mas, ele imediatamente se apressa em acrescentar: ‘aqueles que adoram o Imperecível, Imutável, Não-Manifesto também alcançam a Mim apenas.’[9]Assim, não há questão de um caminho ser superior a outro. Sri Ramakrishna, à sua maneira inimitável, expressou o mesmo pensamento: ‘O bolo tem gosto doce, seja se você comer de um lado ou do outro.’ O principal é atingir a Meta. Há uma citação significativa de Sri Krishna onde ele afirma que todas as seitas, conscientemente ou não, adoram somente Ele. ‘Todas as verdades estão enfileiradas n’Ele como pérolas em um fio.’

As lindas passagens retratando um homem de sabedoria estabelecida, aquele que transcendeu as três *gunas*, um conhecedor de *Brahman*, um verdadeiro *bhakta*, são alguns dos destaques do *Gita*, onde todas as outras considerações de que caminho o aspirante segue ficam completamente de lado. O teste crucial aplicado em todos os casos é se o aspirante satisfaz essas descrições. Não há diferença essencial nas descrições das várias almas perfeitas. Em todos os lugares, o foco está na conquista dos desejos, controle dos sentidos, a aniquilação do ego, equilíbrio mental na dor e no prazer, e equanimidade em relação a todas as criaturas. ‘Tais pessoas,’ diz Sri Krishna, ‘cujas mentes estão em equilíbrio, venceram o renascimento aqui e agora. Pois, eles atingiram aquele estado puro de *Brahman*.’ Ao alcançar esse estado, o homem não cai sob o feitiço da ilusão ou da ignorância. Então é espantoso que, deixando de lado os essenciais [da vida espiritual], o homem lute sobre os não essenciais, como dogma, forma e credo, se perca totalmente e leve outros também ao erro.

● ● ● ● ●

[8] Ibid., XII.2.
[9] Ibid., XII.3 e XII.4.

COMO UTILIZAR A DOR EM SEU BENEFÍCIO

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – fevereiro de 1966[2]

Assim como a adversidade prova o caráter do homem, a dor o revela em suas verdadeiras cores, por assim dizer. É em momentos em que o homem é dominado pela dor, física ou mental, que se pode avaliar seu caráter. Pode-se pregar uma filosofia elevada, mas a maneira como se vive essa filosofia, especialmente quando se é atingido por calamidades, é o que verdadeiramente o define. Ninguém pode negar que este mundo é uma experiência de pares de opostos: amor e ódio, prazer e dor, simpatia e ciúme, cooperação e competição, e assim por diante. Um desses pares é aceitável, mas o outro é desagradável. No entanto, a roda do tempo não de detém para agradar a ninguém. Ela continua girando e junto com ela, a tristeza e a felicidade também entram na vida de cada pessoa, às vezes rapidamente, às vezes lentamente. Não há como escapar dessa roda.

Todos sabem disso: que a juventude e o vigor são passageiros, que a morte sucede ao nascimento tão certamente como a noite segue o dia. Mas o ateu, o agnóstico e o materialista nos dizem para “aproveitar o sol enquanto ele brilha”, para desfrutar ao máximo enquanto podemos. No entanto, eles esquecem ou deliberadamente omitem acrescentar: “e sofram quando não puder”. Sim, isso é um fenômeno verificável. O homem nem mesmo é capaz de sofrer com paciência, tendo gasto toda sua energia no prazer. Se mantivermos nossos olhos e ouvidos abertos e observarmos, veremos como aqueles que se lançam loucamente no vórtice do prazer desenfreado se veem abandonados pelos próprios sentidos que os arrastaram para lá, quando o sofrimento os persegue implacavelmente. Os sentidos do homem são como amigos de ocasião, deixando-o à própria sorte quando a miséria o alcança; ou seja, a busca pelo prazer empobrece o homem e o torna incapaz de enfrentar a vida à medida que ela muda — a menor dor, a menor miséria, o exaspera.

Além disso, como já vimos, a própria textura dessa teia da vida é tal que o sofrimento e a felicidade formam sua urdidura e trama, e um não pode existir sem a outro. A dor não pode ser ignorada, pois ela se impõe e se faz sentir. Negá-la não tem significado, nem a sofrer como um mal inevitável nos traz qualquer mérito. Em uma era onde a utilidade ocupa o lugar de destaque entre os incentivos para a ação do

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial em inglês, *How to Put Pain to a Beneficial Use.*

homem, ele deve tentar ver que melhor uso pode fazer da dor. Para que uso o sofrimento pode ser utilizado? Quando sabemos que ele certamente virá, apesar de todos os nossos esforços para evitá-lo, devemos nos preparar para aceitá-lo com equanimidade. Como isso pode ser feito? Lembrando que a dor, como o prazer, é passageira e suportando-a sem muito alarde, aceitando-a como parte da vida. Isso é o que Sri Krishna ensinou a Arjuna: "Os contatos dos sentidos, ó Arjuna, resultam em calor e frio, prazer e dor, mas eles vêm e vão e são impermanentes, portanto, suporte-os."[3] Essa resistência (*titiksha*) é uma das seis qualidades mencionadas pelos sábios como o equipamento necessário em nossa jornada em direção ao Supremo. A resistência foi definida como "suportar todas as aflições sem se preocupar em remediá-las e, ao mesmo tempo, estar livre de ansiedade ou lamentação por causa delas"[4]. Se for perguntado como alcançar tal estado quando estamos na região de seus antípodas, há apenas uma resposta. E essa é: pela prática. Podemos nos lembrar do que Sri Krishna disse a Arjuna sobre o controle da mente: *abhyasa* e *vairagya*, prática e desapego, ele disse, eram a única maneira de fazê-lo. Em todos os aspectos da vida, em todas as buscas, é a prática que nos torna perfeitos. Se você quer nadar, nenhuma quantidade de leitura de livros sobre natação pode ajudá-lo a aprender. É preciso entrar na água e lutar. Um colete salva-vidas pode ajudá-lo no início, mas se você depender dele sempre, pode não se afogar, mas nunca aprenderá a nadar. Um forte desejo apoiado por um imenso esforço é o único que pode alcançar o sucesso em qualquer área da vida. O mesmo acontece com um aspirante religioso. Para ele, a prática das virtudes é uma necessidade suprema, sendo um passo em direção ao seu objetivo. Agora, para alcançar esse estado de aceitação calma ou indiferença à dor e ao prazer, temos que recorrer a algo que sabemos ser mais do que todos esses pequenos flashes de alegrias e tristezas, algo eterno. Mas o simples conhecimento não ajuda. Uma consciência desse espírito no dia a dia e a fé em seu poder redentor também são necessários.

A dor nos faz cientes de que a vida neste mundo não é um mar calmo, há tempestades e ventanias que devem ser enfrentadas. Ela nos faz conscientes de que há um poder que está além de toda compreensão, ainda assim controla nosso destino. Para o homem esquecido, é um aviso de que algo desagradável o aguarda sempre ao virar da esquina. É uma lição que os homens deveriam aprender, mas infelizmente, geralmente não aprendem. Mas aqueles que aprendem não têm medo das aflições. Eles passam a entender que, junto com a angústia, vem da mesma fonte o poder de suportar, se apenas tiverem fé. Há uma oração de Kunti, a mãe dos Pandavas, os heróis do *Mahabharata*, que dá amplo testemunho desse fato: "Que as aflições venham a nós sempre, ó Senhor, para que possamos vê-Lo repetidamente. Pois vê-Lo resulta em efetivamente cortar todos os futuros nascimentos"[5]. Essa oração é incompatível com uma vida saudável? É uma melancolia do tipo mórbido?

---

[3] Bhagavad Gita, II.14.
[4] Vivekachudamani, 24
[5] Bhagavata, I.8.25.

É possível considerar a hilaridade e a alegria afetada como uma maneira saudável de viver. Mas isso é um fato? Não, a hilaridade traz depressão em seu rastro, e a alegria afetada, para emprestar uma expressão de Swami Vivekananda, é colocar rosas sobre feridas purulentas e chamá-las de belas. Há um critério pelo qual se pode julgar se o pessimismo de um aspirante religioso é o de uma alma doente ou o que nasce da sabedoria penetrante que atravessa a futilidade de todas as coisas transitórias deste mundo. O pessimismo de tal pessoa não invade os que estão ao seu redor com derrotismo, nem ele mesmo é dominado pela impotência. Kunti, junto com seus filhos, teve que passar por provações e vicissitudes das quais muitos otimistas convictos teriam fugido, ou ao enfrentá-las teriam sucumbido. Mas eles resistiram a tudo e estavam preparados para o próximo golpe do destino com calma, mas não servil, resignação. Havia dignidade em seu sofrimento. Sua vida não nos deixa sem esperança, mas infunde força e fé em nós mesmos. Nessas circunstâncias, podemos chamar a oração de Kunti de um gosto mórbido pelo sofrimento? Por outro lado, aqueles que podem ver encontrarão nela um desafio direto ao destino: para fazer o que quiser e ver se eles serão encontrados em falta. Esse espírito destemido certamente não pode ser gerado por remoer os ferimentos e insultos que se sofreu. Esse é o espírito que quase se aproxima da descrição de uma pessoa de "intelecto estável" do *Gita*. "Inabalável na aflição, desapegado dos prazeres, livre de apego, medo e raiva, de tal sábio se diz ter sabedoria estável"[6]. Portanto, essa imputação de morbidez não se aplica ao caso deles, nem ao caso de outros sábios e santos que tiveram que passar por circunstâncias semelhantes.

Às vezes, a dor se torna o prenúncio de um grande evento na vida de uma pessoa, uma metamorfose, por assim dizer, ocorre na visão de vida de alguém. Isso aconteceu no caso daqueles que mais tarde se tornaram grandes santos. Um ladrão que fazia emboscadas ficou chocado ao perceber que seus próprios entes queridos não estavam dispostos a compartilhar o fardo de seus pecados, que ele cometia para mantê-los. Não houve dor física, mas que angústia mental ele deve ter passado! E o resultado foi o surgimento de um sábio brilhante que se imortalizou por seu grande épico, o *Ramayana*. Outro foi o comentarista da *Gita* e do *Bhagavata*, Sridharaswami. Lançado no sofrimento pela morte de sua esposa, Sridhara não chorou ou lamentou, mas ficou atordoado. Os véus da ilusão foram arrancados à força diante de seus olhos mentais. Todo o jogo dos fenômenos mundanos se tornou um livro aberto para ele, e ali ele renunciou. O exemplo de Buddha é bem conhecido para precisar de repetição. Ele estava comovido pelo sofrimento no mundo, embora suas chamas ardentes não o tivessem tocado pessoalmente. Exemplos poderiam ser multiplicadas, mas presumimos que esses são suficientes para nosso propósito.

[6] Gita, II.56.

II

Logo no início deste século, houve um movimento prevalecente em alguns países ocidentais que foi chamado de religião da mente saudável. O Prof. William James, o grande psicólogo de sua época, refere-se a esse movimento em uma de suas Palestras Gifford[7], onde cita muitos casos em que curas foram efetuadas no caso de várias doenças por essa religião da mente saudável, onde o homem naturalmente se recusava a ser intimidado a pensar no mal ou na dor. Se examinarmos cuidadosamente e criticamente os casos que ele cita, descobrimos que era a confiança em Deus, mais frequentemente do que o mero otimismo, que poderia sustentar os praticantes e salvá-los de afundar no pântano da angústia. Essas pessoas descobriram que resmungar, choramingar e chorar não é a maneira de enfrentar a dor, mas criar uma abordagem positiva: recusar-se a ser intimidado pelo sofrimento e confiar no bem final.

Devemos, então, ser insensíveis como pedras? Sri Ramakrishna nos dá a resposta. Uma vez, um cavalheiro que havia perdido seu filho mais velho foi levado a Sri Ramakrishna para consolo em seu estado de espírito aflito. Sri Ramakrishna primeiro cantou uma canção que pedia alerta e vigilância contra a morte:

"Às armas! Às armas, ó homem! A morte invade sua casa em formação de batalha!
Carregando a aljava do conhecimento, monte na carruagem da devoção;
Dobre o arco de sua língua com a corda do amor,
E aponte para ela a flecha do santo nome da Mãe Kali.
Aqui está um estratagema para a batalha: Você não precisa de carruagem ou cocheiro:
Lute contra seu inimigo da margem do Ganges e ele será facilmente derrotado."

Então ele disse: "O que você pode fazer? Esteja pronto para a Morte. A Morte entrou na casa. Você deve lutar contra ela com a arma do santo nome de Deus. Deus é o único Agente. Eu digo: 'Ó Senhor, eu faço o que Tu fazes através de mim. Eu falo o que Tu falas através de mim. Eu sou a máquina e Tu és o Operador. Eu sou a casa e Tu és o Morador. Eu sou o motor e Tu és o Engenheiro.' Dê sua procuração a Deus. Não há sofrimento quando se deixa um bom homem assumir suas responsabilidades. Que Sua vontade seja feita.

'Mas sua dor pelo seu filho não é natural? O filho é o próprio ser renascido. Lakshmana correu para Ravana quando este caiu morto no campo de batalha. Olhando para o corpo de Ravana, ele descobriu que cada um de seus ossos estava cheio de buracos. Então ele disse a Rama: 'Ó Rama, glória às suas flechas! Não há lugar no corpo de Ravana que elas não tenham perfurado.' 'Irmão', respondeu Rama, 'os buracos que você vê em seus ossos não são de minhas flechas. A dor por seus filhos

[7] Reunidas em forma de livro intitulado *Varieties of Religious Experience.*

os perfurou completamente. Esses buracos são as marcas de sua dor. Ela penetrou seus próprios ossos.”

“Mas casa, esposa e filhos são todos transitórios; eles têm apenas uma existência momentânea. Só a palmeira é real. Uma ou duas frutas caíram. Por que lamentar?

‘Deus está engajado em três tipos de atividade: criação, preservação e destruição. A morte é inevitável. Tudo será destruído no momento da dissolução. Nada restará.’

O que podemos concluir desse conselho do Mestre? Ele não condena o sentimento do homem por seus entes queridos, pelo contrário, é antinatural ser insensível, mas, ao mesmo tempo, ele enfatiza que a separação dos entes queridos e a angústia por causa disso não podem ser eliminadas deste mundo; que a única maneira de ir além da dor é recorrer a Deus, que é o repouso de todos. Ele torna nosso fardo mais leve. Jesus não declarou: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”[8]? Essa é a mensagem de esperança que você ouve de todos os homens de Deus.

III

Resumindo, temos que a dor é um ingrediente inevitável na vida dos seres. Ela pode ser enfrentada efetivamente, em primeiro lugar, pela discriminação, através do conhecimento de que a dor, sendo transitória, não pode ser eterna; em segundo lugar, transformando a experiência amarga em benefício, fazendo-nos mergulhar profundamente em nós mesmos, ou, se você preferir chamar assim, voltando-se para Deus. Há uma passagem no *Mundaka Upanishad* que fala sobre a natureza do *jiva* [ser individual] e como ele transcende de sua natureza inferior para a superior. “Dois pássaros de plumagem brilhante, sempre associados, estão firmemente unidos à mesma árvore. Um deles come o fruto doce, enquanto o outro observa sem comer. Sentado na mesma árvore, o *jiva* geme, confuso por sua impotência para superar a tristeza e suas limitações. Mas quando ele vê o outro, o Senhor, adorado por todos e Sua glória, ele então se liberta da tristeza”[9]. Essa é a maneira de superar o ardor que está no sofrimento.

• • • • •

[8] São Mateus, XI,28.

[9] III.i.1-2.

RELIGIÃO E FANATISMO

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *Vedanta Kesari* – abril de 1963[2]

Religião, para a maioria das pessoas em todo o mundo, consiste na crença em alguns dogmas, em algumas personalidades, em algumas doutrinas e, no máximo, em fazer o bem aos membros que professam a mesma fé ou com a esperança de convertê-los à sua fé. Eles não conseguem pensar além disso. Essa posição é compreensível no caso de pessoas comuns. Mas é intrigante quando pessoas que dizem viver apenas pela religião também seguem os mesmos caminhos. Com isso, elas não só fazem mal a si mesmas, mas também levam intencional e deliberadamente seus seguidores ao erro.

Houve um tempo em que essas concepções estreitas não teriam afetado nem mesmo a periferia da humanidade. Mas agora, por causa da vasta rede de comunicações[3], quando o mundo diminuiu de tamanho, por assim dizer, toda cautela deve ser observada quando dizemos coisas que não convencem o homem racional de hoje, ou difamamos pessoas ou religiões. Não é que a religião ou as pessoas difamadas percam algo de sua vitalidade ou influência, mas os difamadores expõem sua ignorância sobre a tendência dos eventos, sua estreiteza mental e forma de pensar distorcida, e também prejudicam a causa da religião como um todo, com essa atitude. Houve críticas em certos círculos de que "os Vedantins não conhecem Deus como o Transcendente, o Criador." Aqui, tentaremos mostrar quão totalmente incompreendido, deturpado e tendencioso é esse comentário.

O que é Religião?

Nesse contexto, antes de mais nada, é necessário saber: O que é religião e qual é a nossa concepção de Deus? Desde o início, podemos dizer que a religião é uma maneira de viver que nos conduz em direção a Deus, ajudando-nos a descobrir nossa verdadeira natureza. Esta é a definição elementar. Nesse sentido, em sânscrito, é chamada de *dharma*. No entanto, essa palavra *dharma* tem diferentes significados dependendo dos contextos. Significa dever, retidão, moralidade, natureza inerente e religião, de acordo com o uso. Ainda assim, pode-se perceber que, em meio a vários

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês, *Religion and Fanaticism*.

[3] Notemos que em 1963 nem se pensava em internet e redes sociais. (nota do tradutor)

significados, o principal propósito da palavra não se perde de vista. Outros significados são etapas para o objetivo final, a religião. Um dever bem cumprido clareia a visão, assegura retidão, aperfeiçoa a natureza e, por fim, instila convicção sobre o propósito da vida. Isso é o que as religiões tentam fazer. E sobre isso não há disputa.

Também é verdade que quase todas as religiões aceitam que a alma continua a viver após a morte do corpo. Este também é o terreno comum onde não há controvérsia. A maioria das religiões afirma positivamente que a alma ou vai para uma morada celestial ou é condenada ao inferno — seja qual for a descrição do inferno ou do céu fornecida por elas. Assim, o objetivo de todas as religiões é elevar o bruto no homem a um pedestal mais elevado, o humano. Estamos deliberadamente nos abstendo de usar qualquer outro epíteto, no momento, neste contexto, para que essa palavra não assuste alguns que não podem ver o homem senão como um conjunto de mente e corpo. E para elevar o homem de um nível inferior para um superior, uma variedade de credos e parafernália, símbolos e insígnias foram introduzidos por vários sábios, videntes, profetas e encarnações, para atender aos variados tipos de humanidade. Daqui segue-se naturalmente que credos ou dogmas não são a totalidade da religião; nem a mera filosofia ou erudição constituem-na. Estes são apenas os caminhos para o Supremo.

Em outras palavras, alcançar a perfeição, a liberdade, é o objetivo da religião. Tudo no mundo trabalha pela liberdade, conscientemente ou não. A evolução das espécies, que uma vez abalou os alicerces religiosos no Ocidente, a Vedanta explica como a prova da alma envolvida tentando alcançar cada vez mais liberdade. Não é a matéria, morta e inerte, que faz isso, mas a alma por trás dela. Essa é a diferença entre o vivo e o morto, pois enquanto no vivo há uma luta por mais e mais liberdade, no morto tudo é prisão. Swami Vivekananda diz: 'Esse esforço para alcançar a liberdade está subjacente a todas as formas de adoração, quer saibamos disso ou não.' Onde quer que encontremos adoração — em qualquer forma rudimentar que seja, por mais grosseira que possa parecer para nós — há esse desejo de obter mais liberdade, propiciando o que os adoradores acreditam serem seres superiores e mais poderosos. 'Esse anseio por liberdade', observa Swami Vivekananda, 'produz a ideia de um Ser que é absolutamente livre.' Este Ser, que é eternamente puro, eternamente livre, onisciente e onipotente, é chamado de Deus. E Ele é a base da religião.

No entanto, o conceito de Deus do homem é diverso. Apesar das opiniões divergentes sobre Deus, isso foi amplamente provado recentemente por Sri Ramakrishna, através de sua prática das disciplinas e realizações finais daquelas próprias seitas e religiões que eram consideradas hostis umas às outras. No final dessas práticas, ele atingiu o mesmo objetivo. A variedade não deve nos assustar. Porque há uma unidade subjacente a essa variedade. Religião em qualquer lugar significa atingir o Supremo. Quando chegarmos até Ele, só então teremos uma religião digna do nome. É por isso que Swami Vivekananda repetidamente disse: 'Religião é realização e não erudição [livresca] ou argumentação.' Esse é o significado primário

de religião. Todo o resto é secundário ou até terciário. Realizamos Deus? Então seremos religiosos. Pelo menos tentamos alcançá-lo? Então estamos no caminho da religião. Mera denúncia ou condenação do outro não é religião. No entanto, com mais frequência nos comportamos como os homens cegos que foram descobrir a aparência de um elefante. Cada um tocando uma parte do animal, descreveu-o como um pilar, uma corda, um leque e coisas do tipo. **Da mesma forma, pessoas com mentes preconceituosas se recusam a admitir que Deus possa ser algo além do que pensam que Ele é**. Será que Deus, que eles professam ser onipotente e onisciente, é tão pequeno que podem conhecê-Lo completamente com suas pequenas mentes? Mas é exatamente isso que a maioria das pessoas está fazendo. Elas querem, por assim dizer, impor um limite a Ele para que Ele não seja nada além disso. Devem estar pensando que são mais poderosas e sábias do que Deus, pois quem mais pode ditar condições aos outros, senão uma pessoa mais poderosa do que eles? Tal proposição, pela sua incongruência, fará até mesmo o homem comum da rua rir.

Conceito de Deus da Vedanta

Qual é o conceito vedantin de Deus? O vedantin diz: Deus é *Sat-Chit-Ananda* (Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança). Existência que é eterna, Conhecimento que é infinito e Bem-Aventurança que é sem fim. Até nós existimos por causa dessa Existência. Ele é a essência do nosso conhecimento, e até a maior felicidade que um homem desfruta neste mundo é uma fração infinitesimal dessa Bem-Aventurança. Além disso, a Vedanta diz: 'Daquele de quem esses seres nascem, em quem esses seres criados vivem; para quem todos se apressam a ir e em quem todos entram novamente, conheça isso. Isso é Brahman[4]'. Este não é um exemplo isolado onde os *Upanishads* tentam infundir essa ideia em nós. No *Chandogya Upanishad* há a injunção 'Tudo isso é realmente Brahman; medite sobre isso com uma mente calma, sabendo que isso veio d'Ele, se funde n'Ele e tem seu lugar n'Ele.'[5]

Muitas outras passagens podem ser citadas em apoio à teoria da Vedanta de que este mundo surgiu de Brahman, Deus; mas estas são suficientes para convencer os críticos da Vedanta, se mantiverem a mente aberta, e para verem por si mesmos a profundidade de sua tolice. Como diz o ditado, um homem pode levar um cavalo à água, mas dez não podem fazê-lo beber, então, caso as pessoas tenham fechado as portas de suas mentes e estejam determinadas a não serem convencidas, ninguém pode ajudá-las. Um homem dormindo pode ser acordado, mas não aquele que está fingindo dormir.

Onde a Vedanta se sobressai

A Vedanta diz que o núcleo interno do nosso ser, a vida da nossa vida, a alma da nossa alma é Deus, é Brahman. Muito poucos conseguem entender isso, mesmo

---

[4] Taittiriyopanishad, 3-1.

[5] Chandogya, III.14.1.

intelectualmente. Eles ficam assustados quando a Vedanta ousadamente afirma que a divindade é o direito de nascimento do homem. É seu legado. Apenas ele se esqueceu disso. Uma bela ilustração foi dada em um dos *Upanishads* para fazer essa verdade clara. 'Todos os seres experimentam esse Brahman todos os dias em seu estado de sono profundo (quando a natureza real reina suprema por si só). No entanto, como a pessoa que é herdeira de uma imensa riqueza, embora ande pelo lugar onde o ouro está escondido, não o alcança, sendo ignorante de sua existência, assim também o homem, cuja verdadeira natureza, que é Brahman, coberta pela ignorância sob a forma de desejos (como fome, luxúria e similares), não o conhece, embora diariamente vá para (experimente) isso.'[6]

Que concepção maravilhosa do homem o Vedanta nos apresenta: 'Herdeiros da Imortalidade.'[7] Com essas palavras, Swami Vivekananda introduziu o conceito do homem segundo o Vedanta ao público em uma das sessões do Parlamento das Religiões. 'Chega,' disse ele ao povo da Índia, 'de sermos alimentados por ideias negativas. Levantem-se, sejam heróis. O divino está em vocês. Manifestem-no.' Um filho de aristocrata, se o souber, se encolherá diante de outros por coisas insignificantes? Essa é a excelente ideia que a Vedanta nos ensina.

Estamos muito familiarizados com nossos direitos de nascimento; lutamos e arriscamos tudo em litígios para provar nossos direitos ou exigir nosso patrimônio. Mas o mais precioso de todo o nosso patrimônio, nosso próprio Ātman, esquecemos de reivindicar e nos tornamos mendigos por uma coisa insignificante ou outra. Agarramo-nos ao nosso corpo como o *alfa* e *ômega* da nossa vida. Esse apego à nossa falsa personalidade é a ruína do homem. Pois ele se considera uma pessoa dotada de corpo e mente e nada mais do que isso, ele quer ver seu Deus também como uma pessoa. O Vedanta não diz que isso está errado. Ele até encoraja esse conceito. Pois sabe que assim que o homem tiver sua natureza perfeita manifestada nele, ele não será mais estreito e intolerante. Aqui somos lembrados de como Sri Ramakrishna ensinou essa lição a 'M', o escritor do Evangelho de Sri Ramakrishna. 'M' tinha vindo a Dakshineswar pela segunda vez. Sendo educado nas ciências ocidentais, ele era racionalista em sua visão. 'M' achava que as pessoas que adoravam imagens deveriam ser questionadas para ter Deus em vista enquanto o faziam e não deveriam adorar barro ou pedra. A severa reprimenda do Mestre nessa ocasião silenciou para sempre a natureza argumentativa de 'M'. Sri Ramakrishna disse: 'Essa é a mania de vocês, gente de Calcutá — dar palestras e trazer os outros para a luz! Ninguém nunca se detém para considerar como obter a luz por si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?

'Aquele que é o Senhor do Universo ensinará a todos. Somente Ele nos ensina, que criou este universo; que fez o sol e a lua, homens e animais, e todos os outros seres; que providenciou meios para sua subsistência; que deu aos filhos pais e os dotou de amor para criá-los. O Senhor fez tantas coisas — Ele não mostrará às pessoas

---

[6] Ibid.VIII.3.2.

[7] Svetasvatara Upanisad,2.5.

o caminho para adorá-Lo? Se precisarem de ensino, então Ele será o Mestre. Ele é nosso Guia Interior.

'Suponha que haja um erro ao adorar a imagem de barro; Deus não sabe que através dela apenas Ele está sendo invocado? Ele ficará satisfeito com essa própria adoração. Por que você deveria ter dor de cabeça por isso? É melhor você buscar conhecimento e devoção por si mesmo.'

Para aqueles que quiserem ouvir, a Vedanta tem algo mais a oferecer. Ele diz que sua verdadeira natureza é Brahman: 'Tu és Isso.'

Má Compreensão sobre a Vedanta

A verdadeira má compreensão começa aqui, nesta fase. Como pode sobre aquele Ser infinito, onisciente, onipotente e onipresente ser dito ter se tornado limitado em uma prisão de carne e ossos? Que outra blasfêmia poderia haver além dessa? Perguntem àqueles para quem essa é uma ideia estranha e fantástica. Todos sabemos como até mesmo um gigante intelectual, como Swami Vivekananda, com inclinação religiosa desde o nascimento, por assim dizer, no início de sua carreira espiritual teve dificuldade em aceitar, ou melhor, rebelou-se contra esse conceito: "Tudo isto é Brahman"; também sabemos como o Mestre trouxe essa verdade ao seu discípulo amado com seu toque místico; e como mais tarde o próprio Swamiji alcançou as alturas vertiginosas dessa realização. Não é de surpreender, então, que pessoas que não foram criadas na tradição falhem em entender o significado do texto e divaguem à sua própria maneira. No entanto, se houver um desejo genuíno de saber, se não houver ideias preconcebidas para obstruir, atrapalhar e mutilar sua visão, não é tão difícil entender essa grande noção, pelo menos intelectualmente. Com isso, não queremos dizer que todos deveriam se tornar vedantins. Isso não é possível. Estando plenamente ciente do fato de que nem todos os homens têm gostos idênticos e desenvolvimento mental, os próprios Vedas prescreveram coisas como sacrifícios para preparar o homem para o fim mais elevado. Agora, o que o vedantin pede a todos é que não sejam dogmáticos quando dizem que o homem é isso ou aquilo, quando querem dizer que Deus é tal e tal coisa. Lembrem-se do ditado 'na casa de meu pai há muitas moradas'; podemos estar vivendo em uma e nossos irmãos em uma segunda ou terceira. Devemos, por isso, odiar ou desprezar aqueles que vivem em outras moradas? O vedantin não tem conflito com ninguém, exceto com fanáticos e intolerantes que estão determinados a matar o espírito da própria religião.

O Verdadeiro Significado dos Mahavakyas

Agora vamos entender qual é o verdadeiro significado dos *mahavakyas*, que são de natureza tão confusa: '*Tattvamasi*' (Tu és Isso), '*Aham Brahmasmi*' (Eu sou Brahman), etc. Primeiro de tudo, se soubermos a quem essas verdades foram ensinadas nos tempos antigos, muito da névoa e obscuridade que envolve nossa

compreensão se dissipará. Antigamente, os discípulos, em uma idade muito impressionável, buscavam o mestre, viviam com ele, serviam-no e aprendiam com ele, bem como por meio de sua vida. Esse era o modo de ensino naquela época. O preceptor conhecia o aluno profundamente, suas tendências, aptidões, perspicácia intelectual e, mais do que isso, seus potenciais espirituais.

No *Prasnopanishad*, há uma história. Seis discípulos se aproximaram de um sábio chamado Pippalada buscando conhecimento. O sábio perguntou aos discípulos: "Vivam aqui novamente observando austeridades, castidade, com fé (*shraddha*) e servindo o guru por mais um ano. Depois disso, façam as perguntas sobre os assuntos que cada um deseja conhecer, e eu responderei, se eu souber."[8] Este era o método de abordagem: ensinar aquilo que alguém desejava conhecer.

Assim, a pedra sílex [que produz o fogo] estaria sendo preparada pela disciplina sob a orientação do mestre, e, quando chegasse o momento oportuno, o mestre golpeava, e o fogo do conhecimento era aceso. Quando esse terreno estivesse preparado, quando o discípulo fosse completamente testado e considerado apto, ele era instruído na mais elevada verdade.

Então, "Aquilo tu és" ou "Eu sou Brahman" não significa que o indivíduo chamado Fulano de Tal é Brahman. Entender esses grandes ensinamentos dessa maneira seria desastroso para a vida espiritual de alguém.

Um exemplo dessa compreensão pervertida também nos é apresentado no *Chandogya Upanishad* na forma de uma história, como um aviso.

Certa vez, Prajapati (o Criador) anunciou: "O *Ātman*, que é intocado pela impureza, desprovido de velhice, imortal, livre de dor, não sujeito à fome e à sede, cujos desejos se realizam, cujos pensamentos se realizam, deve ser buscado, deve ser conhecido. Quem o compreende, tendo sido ensinado (por um mestre), obtém todos os mundos e todos os desejos."[9]

Ao ouvir isso, Indra entre os deuses e Virochana entre os demônios se aproximaram de Prajapati com o devido respeito e, após algum tempo vivendo e servindo-O, pediram-Lhe que lhes ensinasse esse conhecimento supremo. Prajapati disse: "O *Purusha* que é visto no olho é o Ātman. Este é imortal, destemido. Este é Brahman." Eles perguntaram qual era o *Ātman*, aquele que era refletido no espelho ou aquele que era refletido na água. Prajapati primeiro pediu-lhes para se verem na água e depois novamente após adornarem-se com ornamentos, etc. Ainda não possuindo a pureza mental necessária, eles não conseguiram avaliar o significado dessas instruções de Prajapati. Descrevendo o reflexo a cada vez, eles perguntaram se aquele era o *Ātman* que ele queria dizer. Prajapati apenas repetiu sua fórmula anterior: "Este é o Ātman, este é imortal, destemido. Este é Brahman."[10]

Satisfeitos no coração, ambos partiram pensando que tinham conhecido tudo. Prajapati, vendo-os partirem satisfeitos, disse: "Eles estão indo embora sem entender

---

[8] Prasna Up., 1.2
[9] Chandogya Up., 8.7.1.
[10] Ibid., 8.7.4.

o Ser. Mas qualquer um que vá embora, sejam deuses ou demônios, sem entender este conhecimento perecerá."[11]

Dos dois, Virochana firmemente acreditava que o que Prajapati quis dizer por Ātman era o corpo, e foi embora perfeitamente satisfeito, ensinando seus seguidores a fortalecerem seus corpos. Mas Indra, sendo um pouco mais reflexivo, duvidou dessa doutrina e, ao abordar repetidamente, aprendeu o verdadeiro significado do ensinamento de Prajapati. Agora, quem foi responsável pelo erro de Virochana? Sua própria falta de reflexão, sua falta de introspecção. Assim, se algumas pessoas no mundo, mesmo nos dias atuais, não conseguem entender o verdadeiro significado desses grandes ensinamentos ou os interpretam erroneamente de maneira deliberada, os *Shruti* não são culpados, nem o mestre que transmite o ensinamento, mas sim essas próprias pessoas.

Corpo, mente e alma

O conceito hindu é que o homem possui um corpo e uma mente. Essa diferença se torna mais explícita se usarmos um exemplo. Quando uma pessoa morre, o hindu diz que ela "deixou o corpo". Esse uso é significativo. Aqui fica claro que o hindu considera o corpo como um instrumento da alma. Quando a alma já trabalhou tudo o que era útil no corpo, ela o descarta, toma outro e segue adiante. Assim, ela transmigra de corpo em corpo até alcançar aquela perfeição, que é sua natureza inerente. Então, diz-se que a alma foi liberada. Esse elemento, que aparentemente muda seu centro repetidamente, é chamado pela Vedanta de Ātman. Agora temos duas, ou melhor, três coisas que formam o "homem": o corpo, a mente e a alma. Dessas, as duas primeiras são, segundo nossas escrituras, de composição material; o corpo é feito de matéria grosseira e a mente de matéria sutil. A alma é a essência do homem e, sendo da natureza da consciência, faz com que o corpo viva, se mova e exista. Esta é a etapa inicial da Vedanta. O *Sruti* acredita no progresso gradual do homem, levando-o de "verdades menores para verdades maiores". Assim como poucos conseguem suportar mudanças climáticas repentinas e extremas, também muito poucos podem sustentar o choque de uma transformação repentina. É verdade também que nem todos podem subir ao andar de um prédio saltando com vara; muitos precisam da escada. Este é o plano dos Upanishads também.

Agora, a segunda etapa é que o *Ātman* (o Ser ou a Alma) é parte do infinito Brahman, de Deus. "Assim como de um fogo ardente milhões de faíscas idênticas em aparência voam para fora, similarmente desse Imutável diversos seres nascem e novamente são absorvidos nele"[12], diz o *Sruti*. Se e quando as pessoas começarem a distinguir entre seu Ser e seu corpo, essa teoria não será tão difícil de digerir. E então, palavras como "Herdeiros da Imortalidade", "cada alma é potencialmente divina" podem não soar tão desconcertantes. Pelo contrário, há toda a possibilidade de que

[11] Ibid., 8.8.4.
[12] Mundaka Up., 2.1.1.

pessoas que primeiro se assustaram com essas palavras agora as entendam em um contexto mais claro.

Mas o objetivo das escrituras não é criar uma casa pela metade. Elas defendem a verdade, e a verdade não depende da aceitação ou rejeição de ninguém. A lei da gravidade existia e continuaria a existir mesmo se Newton não a tivesse descoberto. O *Sruti* então avança para a fase final. Ele afirma: "Tudo isso é Brahman." "Não há muitas coisas neste mundo." "Tu és Isso." Esses são os ensinamentos que pregam a identidade, ou melhor, a unidade na variedade. Sem dúvida, este é um grande salto para o Desconhecido, mas não para a escuridão, e sim para a luz. Poucos são aptos a alcançá-lo, mas por isso não temos o direito de menosprezá-lo. "Aceite todos os ideais como verdadeiros, mas mantenha o seu próprio", disse Sri Ramakrishna. Se seguirmos esse conselho, não há necessidade de criticar as visões dos outros.

Religião não é Fanatismo

Finalmente, não deve ser esquecido que **dogmatismo, intolerância e fanatismo não têm nada a ver com religião**. Há uma vasta diferença entre os três primeiros e a última. **O fanatismo é incompatível com a verdadeira religião**. Swami Vivekananda apontou: "Os fanáticos não conseguem trabalhar, eles desperdiçam três quartos de sua energia. É o homem calmo, de cabeça fria e prático que trabalha." Em outras ocasiões, ele comentou: "Esses fanáticos podem fazer algum bem, conforme sua luz, mas causam muito mais mal." Destacando o infantilismo dominante no fanatismo, Swamiji disse: "Quando eu era jovem, achei que o fanatismo fosse um grande elemento no trabalho, mas agora, à medida que envelheço, percebo que não é."

Um incidente na vida de Swamiji, que ele relatou a uma plateia no Ocidente, traz claramente o significado do fanatismo: "Recebi um livro que dizia que eu deveria acreditar em tudo o que estava escrito nele. Dizia que não havia alma, mas que havia deuses e deusas no céu, e um fio de luz saindo de cada uma de nossas cabeças até o céu! Como o autor sabia de todas essas coisas? Ela tinha sido inspirada e queria que eu também acreditasse, e porque me recusei, ela disse: 'Você deve ser um homem muito mau; não há esperança para você!' Isso é fanatismo." O quão devastador o fanatismo tem sido para a vida humana pode ser melhor conhecido pela história. "Os fanáticos só criam ódio", alertou Swamiji. A história provou isso. Rios de sangue inocente fluíram nesta terra, inquisições foram realizadas e tudo isso foi feito em nome do fanatismo. **Pode a verdadeira religião ter algo a ver com essas coisas?** A religião prega: "Ame o próximo como a ti mesmo", e o que o fanatismo faz é exatamente o oposto. Portanto, devemos afastar o fanatismo de nosso meio e aprender a viver amigavelmente.

• • • •

COMO CHAMAR POR DEUS

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – março de 1966[2]

Um SENTIMENTO de não obter resposta, uma resposta insuficiente ou resposta não proporcional aos seus esforços, oprime todo aspirante em algum momento, por um período mais curto ou mais longo, durante o curso de sua vida espiritual. Isso é às vezes chamado de "noite escura" da alma. Este é o ponto crucial na carreira espiritual do homem. Dúvidas surgem então sobre se ele realmente escolheu o caminho certo; se, afinal, Deus, visões e coisas assim não poderiam ter sido quiméricas, ilusórias, sem qualquer substância, induzidas pelo jejum e pelos processos metabólicos resultantes — um cérebro febril — ou por drogas, como alguns dos psicanalistas atuais insistentemente argumentam e querem provar. Em alguns, essa condição de dúvida acaba sendo uma fase passageira, mas em outros ela tem uma reação severa. Eles desistem de seus esforços e se afastam da religião, ou até mesmo podem se tornar bastante antagônicos a ela.

Por que isso acontece? Vamos analisar. O que o homem espera da religião, de ser espiritual? Se lançarmos uma carga profunda de pensamento nos motivos que levam o homem a qualquer atividade, seremos capazes de chegar ao fato de que o desejo por liberdade e felicidade está na raiz de toda atividade. Cada um, no entanto, pensa que a felicidade será sua se ele obtiver um objeto particular, atingir um objetivo específico. Daí surgem todos os seus esforços para possuir o objeto ou alcançar o objetivo. Mas nem sempre é uma experiência agradável que o espera ao adquirir o que ele almeja. Ele descobre que o objeto fica aquém de seu ideal ou do que sua imaginação concebeu; o objetivo parece insignificante quando é aproximado, e a felicidade parece estar tão distante quanto sempre, a liberdade parece tão distante quanto quando ele começou. Fracassando em alcançar algo próximo à liberdade no mundo exterior, alguém direcionou seu pensamento para dentro e, cortando todas as atrações, percebeu que a felicidade e a liberdade estavam em seu próprio Ser, que é o Espírito. Ouvimos sobre isso nos registros deixados por esses sábios e somos atraídos por isso. A imagem que é pintada do homem realizado é gloriosa, quase sedutora.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Tradução do original em inglês, *How to Call on God*.

Seduzidos por essa descrição, alguns, antes ou depois de buscar a felicidade em outras direções, vêm para a religião; religião não como o homem comum a entende, ou seja, como uma denominação, uma seita, uma comunidade, uma crença em certos credos e dogmas e nada mais, mas algo que fala de uma entidade superior que não está limitada por esses rótulos.

No entanto, propenso à preguiça e esperando um sucesso fácil, o homem encontra um mestre severo aqui, na religião. Assim, os esforços que ele mesmo considera hercúleos não o capacitam a fazer qualquer progresso na vida espiritual. As razões não são difíceis de encontrar. Em primeiro lugar, há uma tendência no homem de supervalorizar seus esforços. Até o mais preguiçoso achará uma grande carga e uma tentativa inédita se for solicitado a se mover de uma posição para outra.

Em segundo lugar, por trás dos esforços, não há aquela sinceridade real de propósito. Não dizemos que todos começam assim, mas há toda a probabilidade de o homem perder a determinação com a qual começou. Sustentar o entusiasmo com o qual se inicia qualquer empreendimento, mesmo diante de obstáculos e impedimentos do tamanho de montanhas, é algo que poucos corações são capazes. É ainda mais difícil quando o resultado não é tangível, não é algo que pode ser percebido pelos sentidos. Muitos ficam presos em sua primeira tentativa e, a partir de então, nem tentam se libertar da situação.

Em terceiro lugar, o forte contraste que a vida religiosa tem com o modo de vida do mundo é uma razão adicional. Os dois tipos são polos opostos e não há como uni-los. É essa tentativa de fazer uma combinação desses dois caminhos, o *yoga* (espiritual) e o *bhoga* (prazer), que faz uma bagunça da vida espiritual. Tulsidas, o famoso poeta-santo do norte da Índia, disse em um de seus versos: "Onde há *kam* (desejo), não pode haver *Ram* (Deus), e onde *Ram* está, não pode haver *kam* (desejo)". Essa declaração de Tulsidas parece quase uma paráfrase dos textos *Upanishádicos*: "Quando todos os desejos que residem no coração do homem são destruídos, então o mortal se torna imortal e aqui e agora desfruta a bem-aventurança de Brahman"[3]; e "cortados são os nós do coração, apagadas são todas as dúvidas, e destruídos estão seus *karmas* (os frutos de suas ações) quando o Supremo é visto"[4]. Portanto, deve ficar claro que é uma tolice da parte de quem busca o bem supremo tentar combinar esses dois caminhos.

II

Os sábios dizem que a religião traz ao homem a felicidade eterna e a liberdade eterna. Não vamos confundi-las com a felicidade e a liberdade mundanas. Uma alma que assumiu um corpo está presa e tem que sofrer dores. É inevitável. A verdadeira bem-aventurança, portanto, só pode estar na Realidade não-temporal, transcendental, que é a essência do homem. Saber disso e ser capaz de separar o Espírito Eterno do

[3] Katha Upanishad, 6.14.
[4] Mundaka Up., 2.2.9.

corpo, com determinação e coragem, só isso pode nos tornar felizes e liberados[5]. O caminho é estreito e perigoso e exige extrema cautela e perseverança. O objetivo não pode ser comprado com riqueza nem pode ser trocado por qualquer outra entidade mundana. "Nem pelo trabalho, nem pela prole, nem pela riqueza, mas apenas pela renúncia alguém alcança a imortalidade"[6], diz a *Kaivalyopanisad*. "luxúria e cobiça", como Sri Ramakrishna nunca se cansava de repetir, são o que impede o homem de alcançar a libertação. A renúncia a eles é, portanto, obrigatória para todo praticante. Ela forma a pedra angular do edifício espiritual.

Sabemos o quão fortemente atraentes são as coisas do mundo, como nossa mente está, por assim dizer, saturada por elas; como uma solução saturada, ela não absorveria mais nada. Este é especialmente o caso dos jovens de hoje. Deus não tem lugar em seu programa diário. Temos que começar com uma mente assim. Claro, teria sido infinitamente melhor ter uma mente pura. Mas nem todos são afortunados o suficiente para possuir uma mente imaculada. Além disso, a pureza da mente não pode ser obtida apenas pedindo, ela requer cultivo, e a pureza não pode ser cultivada pensando cada vez mais nas coisas do mundo. Sri Ramakrishna disse: "À medida que você se move para o leste, o oeste fica para trás". Da mesma forma, quando nos movemos em direção a Deus, as atrações do mundo perdem seu controle sobre nós. Portanto, esse movimento em direção a Deus deve ser praticado. Somos propensos a dizer: Como podemos, com nossas mentes manchadas, chamar o Senhor, que é a pureza em si? Para isso, há contra perguntas. Quando você começará então? Como você se purificará? Se esperarmos que todas as nossas impurezas sejam eliminadas antes de começarmos a chamar por Deus, seremos como a pessoa que foi ao mar para tomar um banho e esperou que as ondas se acalmassem. Nem as ondas se acalmaram, nem a pessoa tomou seu banho. Portanto, temos que começar no momento em que sentimos que há uma entidade que é eterna e pode nos libertar de nossos laços. E na vida, quanto mais cedo começarmos, melhor. Pois se continuarmos nos velhos caminhos por muito tempo, os sulcos dos hábitos se alargarão e se aprofundarão, nos prendendo cada vez mais firmemente até que, finalmente, afundaremos nesses hábitos sem esperança de redenção. Como dito anteriormente, os dois modos de vida são diametralmente opostos, então quanto mais você avançar no lado mundano, maior terá que ser seu esforço para retomar seus passos. E o homem não fica sempre jovem. A juventude desaparece, dando lugar à velhice, quando as faculdades atingem um estado moribundo. Nessa fase, não se pode adotar uma nova linha de ação, não se pode iniciar um novo caminho. O homem é impelido pelo impulso de seus velhos hábitos. Todos nós sabemos o quão fortes são os hábitos; eles são quase impossíveis de quebrar. Portanto, antes que eles se tornem parte de nossa natureza, temos que discernir e descartá-los quando forem considerados um fardo inútil. Um começo nesse caminho superior deve ser feito de alguma forma e, então, deve ser seguido com a máxima tenacidade; então os resultados virão. Mas, com resultados ou não, o

[5] Kathopanishad, VI.17

[6] Kaivalyopanishad, 1.3.

praticante deve se esforçar destemidamente em direção ao objetivo com ou sem impedimentos.

III

As pessoas chamam por Deus por várias razões. Alguns querem riqueza, outros prole, outros ajuda para superar dificuldades físicas ou preocupações mentais. Mas poucos O querem por Ele mesmo. É isso que Sri Krishna declara no *Gita*: "Quatro tipos de pessoas, que são de bons méritos, ó Arjuna, Me adoram: aqueles que estão em dificuldade, aqueles que estão ansiosos para conhecer, aqueles que precisam de algo e o homem de conhecimento. Entre eles, o homem de conhecimento, estando sempre unido a Mim e com devoção única, se destaca. Eu sou muito querido por ele e ele é muito querido por Mim"[7]. Sem dúvida, aqueles que pronunciam o nome de Deus, acreditam em Sua existência e O invocam são pessoas com méritos a seu favor, mas o homem que não conhece nada além de Deus é o mais amado por Ele. Por quê? Porque o primeiro e o terceiro tipo querem usar Deus para seus próprios fins. A segunda classe simplesmente quer saber sobre Sua Existência, mas a última classe de devotos O quer por Ele mesmo, e O quer como precisam de sua própria respiração. Aqueles que alcançam tal estado realmente adoram Deus, os outros estão apenas brincando.

Há um ditado em sânscrito que expressa com força a ideia da declaração de Sri Krishna: "Tornando-se como Deus, deve-se adorá-Lo". Quando a mente de alguém se torna tão pura quanto a própria pureza, então sua adoração pode ser considerada digna do nome. Sendo esse o caso, devemos nos perguntar que direito temos de reclamar que não conseguimos alcançar nada, que Deus foi cruel e assim por diante. A questão agora é como purificar essa mente manchada. É tentando lembrar de Deus, invocando-O sempre. Sri Ramakrishna disse: "Segure os pés de Deus com uma mão e faça seu trabalho no mundo com a outra, e quando estiver livre de seus deveres, segure-O com ambas as mãos". Esta é uma injunção para lembrar d'Ele sempre, mesmo em meio a nossos deveres. Sri Krishna não ordena de forma semelhante a Arjuna: "Lembre-se de Mim em todos os momentos e lute"[8]?

Este mundo é um campo de batalha onde cada um tem que lutar sua própria batalha da vida. Assim como o alimento de outra pessoa não nos nutre, a luta e os esforços de outra pessoa não nos beneficiam espiritualmente. Pode-se perguntar: "E quanto ao sofrimento vicário?" Quantos podem fazer isso? Apenas as Encarnações de Deus e seus apóstolos são capazes de fazê-lo. E as Encarnações vêm de vez em quando. Mesmo assim, quantos realmente entram em contato com tais personalidades, quantos realmente se refugiam aos seus pés? Sri Krishna diz: "Pessoas, que são obtusas, sem Me conhecer como o Senhor de todas as criaturas,

---

[7] Gita, 7.16-17.

[8] Gita, 8-7.

pensam pouco de Mim, que assumi esta forma humana”[9]. Verdade, muito poucos são capazes de reconhecer uma Encarnação quando Ele vive conosco na forma humana. Não temos essa visão divina, não temos essa pureza de mente que revela as coisas como elas realmente são. Nessas circunstâncias, temos que lutar e encontrar nosso próprio caminho para sair desse labirinto. A prática incessante das disciplinas espirituais, juntamente com uma lembrança constante de Deus, é o único método pelo qual podemos superar nossas deficiências.

Sri Ramakrishna costumava dizer: “Estabeleça alguma relação com Deus: de servo, de filho, de amigo, o que for mais adequado ao seu temperamento. Faça d’Ele seu próprio”. Quanto uma mãe não ama seus filhos! A mãe sacrifica seu sono e sua comida para cuidar da criança quando ela está doente, ela se esforça infinitamente para atender às menores necessidades ou confortos de seus filhos. Temos amigos, reais e bons, que ansiamos ver; cuja presença nos traz alegria. Novamente, um servo, verdadeiro e fiel, não se importará nem mesmo com palavras ou tratamento severo de seu mestre. Pois ele sabe que, no fundo, seu mestre não pode ter má vontade para com ele, e assim continua a cumprir seus deveres como se nada tivesse acontecido entre eles. Em uma palavra, sua fidelidade ao mestre permanece constante e inabalável. Com isso, o servo conquista a gratidão e a graça de seu mestre. Essas são algumas das relações humanas que podemos encontrar diariamente em nossa vida. O que é exigido de nós é cultivar uma dessas atitudes em relação a Deus. Podemos pensar n’Ele, como Sri Ramakrishna recomendou, como o Mestre e nós mesmos como Seus servos. Pois o Mestre Divino, que plantou a compaixão nos corações de todos os seres, poderia Ele ser menos misericordioso? O mestre humano pode errar, mas o Divino não. Sri Krishna nos garante: “Mesmo a pessoa mais perversa, se com devoção única pensar em Mim, deve ser considerada uma pessoa de caráter exemplar, pois ela decidiu corretamente. Logo se transforma em uma pessoa justa e obtém a paz eterna. Saiba com certeza, ó filho de Kunti, Meu devoto nunca perece”[10].

IV

Não estamos desamparados enquanto nos lembramos de que há Aquele que nos trouxe a este mundo e que, residindo em nós, cuida de nosso bem-estar. Talvez possamos temer que Ele esteja nos observando quando erramos. Esse sentimento de medo também é bom. Pois colocará um freio em nossas más propensões e nos ajudará a limpar nossas mentes. Na verdade, nada escapa à Sua percepção, nada está além de Sua visão. Ele é o Espírito Interior em cada um de nós. Como, então, algo pode permanecer desconhecido para Ele? Devemos, então, tremer e cair, chorar e lamentar, temendo a ira de Deus? Certamente devemos estar prontos para colher os frutos de nossas ações, boas ou más. Mas chorar e lamentar não ajuda se não melhorarmos nossa vida. Deus, como uma mãe amorosa, perdoa nossas falhas e nos fortalece para

[9] Gita, 9-11.
[10] Gita, 9.30-31.

suportar o fardo de nossas ações, quando cai sobre nós. Ele cuida para que não afundemos miseravelmente no desespero. Esse é o resultado de invocar Deus. Seremos firmes em relação a Ele, mesmo que isso signifique passar pelo fogo e pela espada. Sri Ramakrishna costumava dizer que podemos ver Deus se O chamarmos com sinceridade, com um coração cheio de anseio. Ele costumava cantar uma música que expressava esse pensamento:

> *"Chame por sua Mãe Śyama com um verdadeiro clamor, ó Mente!*
> *E como Ela poderia se afastar de você? Como Śyama poderia ficar longe?*
> *Como sua Mãe Kali poderia permanecer longe?"*

Novamente, ele disse: "Deus se revela a um devoto que se sente atraído por Ele pela força combinada dessas três atrações: a atração das posses mundanas para o homem mundano, a atração da criança por sua mãe e a atração do marido pela esposa casta". Quando alcançamos esse estado, podemos dizer que estamos realmente invocando Deus, ou melhor, vivendo n'Ele. Nas palavras de Sri Ramakrishna, mais uma vez: "O anseio é como o amanhecer rosado. Após o amanhecer, surge o sol. O anseio é seguido pela visão de Deus". Mas ter esse anseio não é uma questão de alguns anos de disciplina, é uma luta para toda a vida. O caminho é longo e árduo, mas um coração corajoso jamais vacilará.

• • • • •

SENHOR BUDDHA E SEU CAMINHO DO MEIO

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – junho de 1965[2]

A vida de Gautama, o Buddha, é um farol que tem lançado luz constante, por dois milênios e meio até agora, informando, inspirando e iluminando as pessoas, e continuará a fazê-lo enquanto o homem valorizar algo mais elevado do que as coisas do mundo mundano, enquanto o homem se importar um pouco com uma vida correta, enquanto o homem amar viver em paz, enquanto o homem existir. Pois foi uma vida de sacrifício intensamente vivida, na qual não havia disparidade entre as palavras ditas e as ações realizadas. Foi uma vida que não conheceu medo, que não fez distinção entre alto e baixo.

Buddha não deu muita ênfase ao lado metafísico abstruso da filosofia. Talvez ele tenha pensado que deveria dar uma demonstração prática de uma boa vida para as eras vindouras, em vez de se deter em meras especulações. Essa tendência de seu pensamento é discernível em sua resposta à questão sobre a existência da alma. Ele pergunta: "Se você encontrar um homem perfurado por uma flecha, você primeiro tentará investigar por qual caçador ela foi disparada, com qual veneno estava embebida e assim por diante indefinidamente, ou aliviará o sofrimento do homem extraindo a flecha e aplicando bálsamos calmantes na ferida?" 'O homem', ele parece dizer, 'está ardendo nas misérias deste mundo; mostre-lhe o caminho para sair delas e deixe de lado todas as outras discussões áridas.' Sua vida, portanto, como a mais racional, atrai a todos, desde os descrentes, agnósticos e ateus até os fiéis e religiosos. Quaisquer que sejam as diferenças doutrinárias que possam ter existido ou ainda existam entre seus seguidores e os de outras crenças, não se pode negar que sua vida ainda tem um encanto que emociona as pessoas, tocando-as no âmago de seu ser. Quase se assemelha a uma canção lírica, levando você ao longo de sua corrente de melodias, ora fazendo-o ver as profundezas do desespero em sua luta, ora elevando-o ao ápice da alegria em sua iluminação, ora comovendo-o às lágrimas pela prontidão do Abençoado em sacrificar sua vida para salvar a de um cordeiro, e novamente fazendo-o ficar em reverência diante da firmeza de seu desejo de manter a pureza de sua crença, livre de todos os milagres.

Que pena e compaixão devem ter fluído naquelas veias, que sofrimentos intensos devem ter sido sentidos naquele coração para ser comovido assim! Aqui

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Lord Buddha and His Middle Path*.

encontramos o dito incompreensível dos *Upanishads* (*sarvam khalvidam brahma* — 'tudo isso é verdadeiramente Brahman') sendo vivido literalmente, e não como uma prática, mas espontaneamente como resultado da realização da Unidade do Ser.

II

Agora, façamos um breve resumo de sua vida, pois um detalhamento está além do nosso escopo no momento. A maioria dos relatos da vida de Buddha que obtemos vem do *Lalitavistara* e de outros cânones *Pali*.

Buddha é o nome pelo qual Siddhartha Gautama foi conhecido após sua iluminação. Ele nasceu no ano 563 a.C., filho do rei provincial Suddhodana e sua rainha Maya, de *Kapilavasthu*, uma cidade nas planícies próximas às colinas do Nepal. Foi previsto que seu filho, quando adulto, se tornaria um rei poderoso ou, movido pelas dores do mundo, um líder religioso, o rei Suddhodana, para evitar a última tragédia (como ele a considerava), criou seu filho longe dos três males do mundo: doença, velhice e morte. Quando Siddhartha atingiu a idade adulta, o pai, desejando prendê-lo com segurança à riqueza e ao reino, casou-o com uma garota de sua escolha, chamada Yasodhara, bela, amorosa e virtuosa. Eles tiveram um filho adorável, chamado Rahula. Suddhodana agora se sentia um pouco mais seguro, pois pensava que a responsabilidade da família e o amor por sua esposa e filho manteriam Siddhartha preso ao mundo.

A roda do tempo girou. Enquanto isso, o destino parecia rir às escondidas enquanto o rei tentava, em vão, envolver Siddhartha no mundo. Siddhartha, agora desejoso de conhecer seu povo, partiu do palácio em sua carruagem. E como se a Providência estivesse à espera, apenas para este momento, para golpear e golpear forte, chocando a consciência de Siddhartha, até então mantida no escuro sobre o estado real do mundo, em um rude despertar. Ele se deparou com os três fenômenos que o rei sempre mantivera longe dele. Ele viu em seu caminho um velho, curvado, enfraquecido pelos estragos do tempo, arrastando o fardo do corpo com grande esforço. Aprendeu com seu cocheiro que esse era o caminho de toda a humanidade, que aquele mesmo velho já foi um jovem alegre e brincalhão, mas que o tempo o reduzira àquele estado. Depois, viu um homem paralítico, com alguns dedos das mãos faltando, deitado à beira da estrada, contorcendo-se de dor. À pergunta compassiva de Siddhartha sobre o homem, Channa, o cocheiro, explicou que ele estava afligido por uma doença. A doença, disse ele, vem aos seres humanos de várias formas, mas ninguém sabe como. Então, Siddhartha se deparou com um cadáver sendo carregado em um esquife. Ao olhar interrogativo de Siddhartha, Channa disse que aquele era o fim de todos os seres humanos; que aqueles que nascem um dia têm que morrer. Cada uma dessas visões lançou Siddhartha em contemplação cada vez mais profunda. Ele ficou triste. Não haveria saída para esses três males? pensou ele. Como se para mostrar-lhe o caminho, ele então encontrou um *Sannyasin*, sereno, autocontrolado e digno, carregando uma tigela de mendigo. Siddhartha ficou

impressionado e perguntou a Channa quem seria aquela pessoa tão calma, e soube que era um monge que 'abandonara todos os desejos e levava uma vida de austeridade, vivendo sem paixão ou inveja e mendigando seu alimento diário'. Siddhartha refletiu consigo mesmo: 'Bem, esse parece ser o curso de vida destinado a mim'; 'tornar-se religioso sempre foi elogiado pelos sábios, e este será meu refúgio e o refúgio dos outros, e produzirá o fruto da vida e da imortalidade!'

Ele voltou ao palácio ponderando, alheio a tudo, e quando o palácio estava mergulhado na calma da noite, sua decisão estava tomada. Despedindo-se de sua esposa e filho adormecidos, Siddhartha partiu, seguido por Channa, até percorrer uma grande distância; então, despindo-se de suas vestes reais e joias, enviou Channa de volta ao palácio e partiu para a vida sem lar. Ele tinha então alcançado a idade de vinte e nove anos.

Sua primeira experiência após essa grande renúncia foi com o rei de Magadha, Bimbisara. Siddhartha, que havia saído em sua jornada de mendicância pela cidade de Rajagriha, chamou a atenção das pessoas. Quando o rei soube disso, foi ao local onde Siddhartha estava e, impressionado com a beleza de sua pessoa e a nobreza de seu porte, ofereceu-lhe todo o reino. Siddhartha recusou-se a ter qualquer coisa a ver com o império mundano, mas prometeu ao rei ensinar-lhe seu caminho quando o tivesse encontrado.

Daí, ele prosseguiu para o eremitério de Ālāra Kālāma, um renomado mestre da época, tornou-se seu discípulo e aprendeu a arte da meditação com ele. Mas, não satisfeito com a parte metafísica de seus ensinamentos, retirou-se para uma floresta e praticou austeridades, jejum e mortificação, por anos, até que seu corpo ficou como um galho ressecado. Ao final de seis anos, ele avaliou o estado de sua mente sentado sob uma árvore *Jambu*. A mortificação havia enfraquecido seu corpo, e ainda assim ele não estava à vista da iluminação. Pensou em abandonar o caminho do jejum e foi banhar-se em um rio, mas estava tão fraco que não conseguia sair da correnteza. Com grande esforço, ele saiu, mas no caminho de volta desmaiou. Seus companheiros, os cinco monges, pensaram que ele estava morto. Mas ele reviveu e então resolveu mendigar seu alimento, para que sua saúde e força fossem restauradas. Vendo que Siddhartha quebrara seu jejum sem atingir a iluminação, os monges o abandonaram. Agora, a filha do chefe da aldeia de Uruvela, onde Siddhartha praticava suas austeridades, desejava que o grande *Sakya Muni* se dignasse a receber alimento dela.

Assim, no dia em que ele alcançaria a iluminação, ela teve uma previsão. Ela, portanto, carregou uma tigela de leite coalhado cozido com arroz e ofereceu-o ao Grande. Siddhartha pegou a tigela, foi ao rio, banhou-se e, após comer o alimento e refrescar seus membros, fez o maior voto: 'Que meu corpo seque, minha pele, meus nervos e meus ossos se desfaçam, ainda assim este corpo não sairá deste assento até que eu tenha alcançado a Suprema Iluminação, que é difícil de ser alcançada mesmo após eras.' Várias foram as tentações que vieram a ele naquele momento, mas ele as superou todas, e quando o amanhecer se aproximou, Siddhartha atingiu a Suprema Iluminação, tornando-se o Buddha.

Diz-se que o Abençoado permaneceu naquele estado por 49 dias, desfrutando da bem-aventurança da emancipação. No quadragésimo nono dia, dois mercadores que passavam viram sua figura majestosa, cheia de paz, e foram movidos a fazer uma oferta de alimento ao Abençoado. O Buddha aceitou sua oferta e apontou-lhes o caminho da salvação, e eles se tornaram seus primeiros discípulos leigos.

Agora, o Buddha ponderou profundamente se deveria ensinar o que havia realizado. Pois ele pensou que as pessoas do mundo não entenderiam a verdade, pois sua felicidade estava nos prazeres do corpo. No entanto, ele sentiu um impulso interior de que a Verdade tão duramente conquistada não deveria ser perdida. E então ele lembrou-se de seus cinco discípulos e, sabendo que eles viviam em *Isipatana*, perto de *Banaras*, dirigiu-se para lá. Os monges viram seu antigo mestre se aproximar, mas resolveram não lhe mostrar respeito, pois ele havia quebrado seu voto de jejum. Mas, quando o Abençoado se aproximou, eles involuntariamente se levantaram de seus assentos, apesar de sua resolução, curvaram-se diante dele e ofereceram-lhe um lugar, e ele os ensinou. Esse foi seu primeiro sermão. A eles, ele ensinou a ineficácia das austeridades inúteis e exortou-os a seguir o caminho do meio que ele havia descoberto.

A essa altura, ele já tinha um bom número de monges em seu séquito. De Banaras, ele foi para *Rajagriha*, ao rei Bimbisara, recebeu-o em sua comunidade e pregou seu Dharma. De Rajagriha, o Buddha partiu para Kapilavasthu, convidado por seu pai. Lá, ele converteu os príncipes Sākya ao seu *Dharma* e recebeu seu filho Rahula — que, ensinado por sua mãe Yaśodhara, reivindicara sua herança — na Ordem. Muito mais tarde, em Vesali, ele decidiu admitir mulheres na Ordem, a pedido de Ānanda, que testemunhara um grupo de mulheres sinceras, com os pés doloridos de tanto caminhar e cobertas de poeira, vindo suplicar ao *Tathagata* para serem ordenadas como monjas.

Por quarenta e cinco anos, o Abençoado viajou, pregou e ensinou o caminho da salvação. Ele tinha agora 1200 discípulos monges. Ele também tinha um grande número de seguidores entre leigos e leigas. Agora, quando ele estava cheio de anos (tinha então oitenta) e sua missão estava cumprida, o Abençoado partiu para Pāra, onde aceitou a hospitalidade de Canda, um ferreiro. Mas o Buddha foi acometido por uma doença grave logo após comer a refeição oferecida por Canda e sentiu grande dor. No entanto, atento e autocontrolado, o Buddha suportou-a sem reclamações. Ele então seguiu para Kusinara e parou em um bosque de Sāla. Sentindo-se cansado, pediu a Ananda, seu discípulo e atendente, que estendesse seu leito entre duas árvores Sāla e deitou-se sobre seu lado direito.

E quando os últimos momentos se aproximavam, eis que um buscador chegou e quis ser ensinado, aproximando-se de Ananda. Mas Ananda recusou-se a permitir que ele perturbasse o Abençoado, sabendo que o Mestre estava cansado. No entanto, o Buddha, que ouviu sua conversa e sabendo que o buscador era sincero, mandou chamá-lo e dissipou todas as suas dúvidas. Assim, o Buddha ensinou todo buscador sincero até seu último suspiro. A última exortação do Abençoado aos Irmãos foi: 'A

decadência é inerente a todas as coisas compostas. Trabalhem sua salvação com diligência.'

III

Agora chegamos aos ensinamentos do Buddha, dos quais discutiremos aqui apenas sobre o caminho do meio. Muita confusão surgiu na interpretação desse caminho, e a passagem do tempo não ajudou a remover esses mal-entendidos. Pelo contrário, as pessoas estavam e ainda estão sem disposição para quebrar as imagens preciosas de sua própria interpretação desses ensinamentos. As pessoas tendem a esquecer que as exortações de um grande Mestre espiritual não podem ser interpretadas corretamente exceto à luz de sua própria vida. Em segundo lugar, também devemos considerar a época em que o Mestre viveu e o contexto em que ele proferiu as palavras em questão.

Temos, como nos foi transmitido em tradução, os ensinamentos do Abençoado sobre o caminho do meio da seguinte forma:

"O *Tathagata*", disse o Buddha, "não busca a salvação em austeridades, mas tampouco, por essa razão, se entrega aos prazeres mundanos, nem vive na abundância. O *Tathagata* encontrou o caminho do meio.

"Há dois extremos, ó monges, que o homem que renunciou ao mundo não deve seguir— a prática *habitual*, por um lado, da autoindulgência, que é indigna, vã e adequada apenas para os mundanos; e a prática *habitual*, por outro lado, da auto mortificação, que é dolorosa, inútil e infrutífera."[3]

O Buddha continua:

"Através do sofrimento, o devoto emaciado produz confusão e pensamentos doentios em sua mente. A mortificação não conduz nem mesmo ao conhecimento mundano; quanto menos ao triunfo sobre os sentidos!"[4]

Em primeiro lugar, devemos entender que o jejum e a mortificação da carne eram considerados, naquela época, *o caminho* para a salvação. Se recordarmos o que foi dito anteriormente, veremos que o Buddha deu seu primeiro sermão aos discípulos que o haviam abandonado quando ele começou a mendigar após desfalecer de jejum e mortificação. A impressão dos discípulos de que ele havia quebrado seu voto ao comer e não era mais um *Muni*, mas um homem do mundo, era tão grande que, quando o viram após sua iluminação, eles o trataram como 'irmão', como um igual, e não como seu Mestre. Essa noção falsa precisava ser combatida. Pois o Buddha havia vindo como um salvador, e ele não poderia deixar de expulsar as falsas noções prevalecentes em seu tempo, para salvar a religião da aniquilação total. Ele teve que falar a verdade e em linguagem forte, adequada à ocasião que exigia. Além disso, a mortificação não era o objetivo do homem, enquanto as pessoas daquela época viam

---

[3] Gospel of Buddhism by Paul Carus, PP. 41 and 42. Pub: The Publication Department, Government of India, Delhi.

[4] Idem.

a salvação *apenas nela*. As mortificações eram, se muito, apenas os meios. O objetivo não estava sendo esquecido na vaidade da austeridade? É por isso que o Buddha exorta sobre como é difícil triunfar sobre os sentidos apenas com austeridade, que torna o homem fraco e incapaz de conhecer até mesmo as coisas comuns da vida. Quem era uma autoridade melhor sobre o que conduz à salvação do que aquele que havia alcançado a iluminação? Mas o Buddha adverte aqueles que podem oscilar para o outro extremo: "A sensualidade é enervante; o homem autoindulgente é escravo de suas paixões, e a busca por prazeres é degradante e vulgar". No entanto, ele não quer deixar indefinido o que tem a dizer sobre seu caminho do meio. Então, ele continua:

"Mas satisfazer as necessidades da vida não é mal. Manter o corpo em boa saúde é um dever, pois, caso contrário, não seremos capazes de aparar a lâmpada da sabedoria e manter nossa mente forte e clara. Este é o caminho do meio que se mantém afastado dos extremos."[5]

Aqueles que param nas instruções do *Tathagata* sobre austeridade e não seguem suas injunções posteriores estão em perigo ainda maior de perder seu suporte no caminho espiritual do que os outros. Isso deve ser lembrado por todos os aspirantes. Além disso, devemos considerar o significado de cada palavra de seus ditos citados acima. Há a palavra 'habitual' qualificando a prática de austeridades, que colocamos em itálico, para mostrar que não é de forma alguma contra as injunções do Buddha observar jejuns e vigílias ocasionalmente, sem prejudicar o corpo. A ideia por trás das instruções do *Tathagata* é clara e inequívoca e não deve ser distorcida para atender às nossas necessidades. Para que as pessoas não sejam desviadas por sua denúncia das austeridades, o Buddha observa: "Que ele seja moderado, que coma e beba de acordo com as necessidades do corpo". As 'necessidades do corpo' podem ser um termo perigoso. Pois, nos tempos atuais, nossas necessidades têm uma tendência a aumentar de forma telescópica. Mas nossa antiga ideia era, como Swami Vivekananda coloca, "com o quão pouco podemos manter o corpo em forma, e não com o quanto podemos nos contentar".

O *Bhagavad Gītā* também dá um ensinamento quase idêntico: "*Yoga* não pode ser praticado por aquele que se entrega a excessos, nem por aquele que se abstém completamente de alimento; tampouco pode ser praticado por aquele que dorme em excesso, nem por aquele que permanece sempre acordado. Para aquele que é moderado em sua alimentação e repouso, moderado em suas atividades físicas, moderado no sono e na vigília, o *Yoga* se torna fácil de praticar e dissipador de misérias."[6]

Claro, isso não significa que não há um estágio em que o homem possa se abster de alimento. O próprio Buddha, se acreditarmos na tradição, ficou sem alimento por 49 dias após sua iluminação, imerso na bem-aventurança da emancipação. Em nossos próprios tempos, Sri Ramakrishna viveu nesse estado por seis meses, sem estar ciente do que acontecia ao seu redor, nem mesmo de seu corpo. Providencialmente, porém,

[5] Ibidem.
[6] Bhagavad Gita, VI, 16 & 17

um monge errante que chegou a Dakshineswar naquele tempo e compreendeu o estado real pelo qual Sri Ramakrishna passava, administrou-lhe alimento, às vezes até batendo nele para trazer sua mente de volta ao plano normal. Mas esses são casos excepcionais em que a iluminação já havia sido alcançada. Talvez as necessidades do corpo não sejam tão exigentes nesse estado quanto quando o homem está no plano normal. Mas, para todos os outros que ainda são aspirantes, o caminho do meio prescrito pelo *Gītā*, reforçado pelo Buddha e reiterado por Sri Ramakrishna, é o guia mais seguro.

Sri Ramakrishna, quando soube que certa pessoa havia abandonado peixe e folha de Betel, teria dito: "O que a pobre folha de Betel e o peixe fizeram? Que ele abandone a luxúria e o ouro". O significado é que a luxúria e a avareza são os dois maiores obstáculos no caminho espiritual. Se alguém pratica austeridades e ainda retém desejos por prazeres aqui ou no além, não será capaz de alcançar a salvação. Não devemos tirar conclusões precipitadas sem entender o propósito desse ensinamento. Observe que, como um falcão, Sri Ramakrishna mantinha seus olhos atentos sobre seus discípulos. Ele era muito criterioso até mesmo sobre qual alimento, e quanto dele, cada um de seus jovens discípulos ingeria, e nunca deixava de repreendê-los se fosse mais do que as necessidades do corpo daquele indivíduo. Esse é o caminho do meio que o Buddha também ensinou. Lembremo-nos disso sempre e não nos deixemos desviar de nenhuma maneira.

• • • • •

VIDA RELIGIOSA E SRADDHA (FÉ)

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista Vedanta Kesari – outubro de 1962[2]

No *Rig Veda*, há um hino dedicado a *Sraddha*[3], como uma deusa, no qual o *Rishi* ora para que possa ter devoção aos sacrifícios que realiza e ao trabalho que faz neste mundo. Sayanacarya, comentando sobre este *sukta*, diz: '*Sraddha* é uma afeição especial que está enraizada no homem.' Continuando, ele a define como uma reverência distinta por um objeto ou princípio específico. O autor do *Vedantasara* a expressa como 'fé nas palavras das escrituras ensinadas pelo guru ou mestre.[4]'

Experimentamos que, sem um pouco de fé, um pouco de confiança, nenhuma ação, seja ela secular ou religiosa, é possível. Aceitamos muitas coisas por confiança. Depositamos fé em muitas pessoas, e então as transações se tornam viáveis, a vida se torna possível. Acreditamos em certos princípios como propícios ao nosso bem-estar e nos esforçamos para aplicá-los na vida. Com que tenacidade e persistência as pessoas não se apegam às suas visões políticas específicas! Isso é fé. A menos que alguém tenha fé no que faz, não será capaz de realizar nenhum trabalho de maneira satisfatória. Portanto, a religião não exige uma lealdade especial quando diz que você deve ter *sraddha*, fé, nas palavras daquele que aceitou como preceptor.

As escrituras hindus não são dogmáticas, exigindo que você adote certas crenças específicas para sua libertação. Pelo contrário, elas vão um passo além e dizem que é necessário ir além das escrituras, ir além de todas as leis, se alguém deseja ser liberado. Pois tudo dentro da lei é uma limitação, a liberdade está além de toda lei, mas o caminho passa pelas escrituras. Simplesmente conhecer a verdade intelectualmente e insistir na excelência de suas próprias escrituras não é suficiente. Devemos verificar as proposições, os princípios enunciados nas escrituras, em nossas próprias vidas. Quem tem verdadeira *sraddha* nas declarações das escrituras não espera que alguém o incite a avançar. Sri Ramakrishna costumava dizer: 'Suponha que haja um ladrão em um quarto e ele saiba que um grande tesouro está separado dele apenas por uma parede fina, ele pode descansar satisfeito apenas sabendo disso? Ele não tentará possuí-lo?' A *sraddha* é assim. Ela torna a pessoa inquieta para possuir aquilo que mais valoriza e serve como força motriz que faz o homem saltar para a luta e avançar corajosamente em direção ao nobre objetivo, a realização de Deus.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Religious Life and Sraddha*.

[3] *Rig Veda,* 10 *Mand*. 151 *Sukta*.

[4] VS-4

Assim como as escrituras, os verdadeiros mestres não exigem obediência inquestionável; eles estão sempre prontos para satisfazer as dúvidas de um buscador genuíno. O que eles exigem é que o buscador seja sincero e não simplesmente um estoico que argumenta por mera argumentação. Swami Vivekananda, de maneira impactante, implanta a ideia de fé ao dizer: 'De que adianta acreditar em Deus senão O vemos? De que adianta a fé de que temos uma alma se não a experimentamos?' Esse tipo de crença firme é *sraddha*.

Com o avanço da ciência e da tecnologia, a fé das pessoas na religião diminuiu. A ciência física usurpou, por assim dizer, o lugar das escrituras. Agora, essa ciência física diz: o homem não é mais do que um animal. Por quê? Porque ela não consegue ver o homem senão como um corpo. A outra parte, o verdadeiro ser do homem, permanece oculta de sua visão, está além de seu alcance, já que não é material. No início, os cientistas duvidavam da existência da alma, pois não encontraram nada semelhante durante o processo de dissecação dos corpos. Eles chamavam a ideia de alma e religião de fantasia ociosa de alguns cérebros insanos. Os primeiros psicólogos, ou, citando um estudioso ocidental, os 'materialistas médicos', disseram com impunidade que os voos da alma dos santos eram 'nada além de' expressões de seus distúrbios orgânicos. Mas a ciência da alma, a religião, sorriu com seu vã tagarelar e permitiu que continuassem falando, nunca por um momento duvidando de suas conclusões bem verificadas. A religião afirmou firmemente que o homem é divino. Swami Vivekananda declarou corajosamente: 'O homem é potencialmente divino.' Os *Upanishads* dizem: 'Tu és Aquilo[5] (o Ser Infinito)', de quem todo o universo é projetado, em quem é mantido e em quem se dissolve novamente.

Aqui, uma pequena divagação é inevitável. Pode-se perguntar: 'O homem não se tornará egocêntrico ao pensar que é o criador, o preservador e o destruidor do universo?' Um pouco de reflexão sobre a declaração acima certamente dissipará todas essas questões. Algum pensador ponderado pode compreender que este universo emanou de seu corpo? Ele pode pensar que todo o universo, com suas variedades de manifestações fora de si mesmo, é mantido em seu corpo? Ele ousa acreditar que o universo inteiro durará apenas enquanto seu corpo durar? Uma negativa enfática será a resposta. Portanto, os *Upanishads* certamente não se referem ao corpo quando dizem 'Tu és Aquilo', mas ao *Ātman*, o Espírito Interior, o 'ser'. Assim, não há maneira de um homem que conhece essa verdade ser egocêntrico, e nenhum homem podemos dizer conhecer essa verdade enquanto se identifica com o corpo. O *Ātman*, é claro, deve recorrer a um veículo para se manifestar, assim como precisamos do auxílio de algum transporte para qualquer jornada, curta ou longa. Agora, o corpo forma o veículo para o *Ātman*.

O homem, no entanto, se identifica com o veículo, o corpo, e se esquece de si mesmo ao atender às suas necessidades. É verdade que o homem, como corpo, não é mais do que um animal; então, quando ele se identifica com o corpo, ele exibe todas as qualidades de um animal. Os instintos de autopreservação, prazer sensorial,

---

[5] *Chandogya,* VI. viii. 7.

desconfiança, malignidade, paixão e semelhantes são mais proeminentes nesse momento. Mas, mesmo na vida do homem mais vil, surgem momentos em que ele evidencia magnanimidade, afeto, compaixão e benevolência, que são suas qualidades divinas inerentes. Esses são os momentos em que os lampejos do homem real vêm à tona, superando a natureza animal. A luta na vida, o objetivo da religião, é converter esses momentos raros em uma experiência contínua: subjugar a natureza animal de uma vez por todas. E aqui é que a *sraddha* ajuda como um grande recurso.

Sraddha como reverência distintiva

Das três definições acima de *sraddha*, primeiro abordaremos *sraddha* como reverência distintiva. Quem realiza sacrifícios ou realiza trabalhos ou dá presentes sem reverência pelo sacrifício, ou pela causa pela qual trabalha ou doa, apenas desperdiça seu tempo e energia. Ele não colhe nenhum fruto, nem aqui nem após a morte, diz o *Bhagavad Gita*[6]. Os *Upanishads* são categóricos a esse respeito. Eles proíbem o homem de dar quando ele não tem reverência pela causa[7]. O *Kathopanishad* ilustra isso com uma história: Havia uma pessoa chamada Vajasravas. Ele realizou um sacrifício. Uma das condições do sacrifício era dar tudo de bom que o sacrificador possuía. Mas esse homem era um avarento. Então, após o sacrifício, ele deu como taxa aos *Brahmanas* apenas vacas velhas, cansadas e incapazes de fornecer leite e inúteis[8]. Ele tinha um filho. Embora fosse um menino, ele percebeu que o que seu pai professava e fazia não correspondia. O *Upanishad* diz: '*sraddha* entrou neste menino naquele momento[9].' O menino percebeu que seu pai não tinha *sraddha* no sacrifício ou em dar presentes. O pai só ansiava pelo mérito. Ele queria salvar o pai de ir para uma região de miséria eterna dando tais presentes inúteis. Ele questionou: 'Pai, a quem você vai me dar?' O pai ficou quieto. Uma segunda e terceira vez o menino repetiu a pergunta. O pai ficou irritado com a audácia do menino e disse: 'Estou te dando a Yama, o Rei da Morte.' Imperturbável, o menino partiu imediatamente para a morada de Yama. O pai ficou desconsolado. O menino, no entanto, consolou seu pai, dizendo que tudo o que nasce, como a vegetação que cresce e morre e brota novamente, tinha que morrer, e que não havia razão para se preocupar com o passado. Agora, a *sraddha* trouxe o menino Naciketas à morada de Yama, e de Yama ele aprendeu o autoconhecimento, o caminho para a libertação, e retornou como uma alma iluminada.

Novamente, o *sukta* do *Rig Veda* mencionado aqui, no início, diz que devemos acender o fogo para o sacrifício com *sraddha*[10]. As oferendas assim oferecidas com *sraddha* obtêm para o sacrificador resultados em abundância. O sacrificador dotado

---

[6] *Gita, 17. 28*
[7] *Taittiriya Up., 1. 11. 3*
[8] *Katha Up. 1. 3*
[9] *Ibid., 1. 2*
[10] *10. 151. 1.*

de *sraddha* é ele próprio referido pelo nome de *sraddha* quando vai ao céu[11]. Pois é essa reverência e fé no sacrifício e nas escrituras que o fazem ir ao céu. Portanto, quer alguém busque gozo ou liberação, deve ter reverência e fé nos deveres que realiza.

Sraddha como afeição

Encontramos *sraddha* como afeição todos os dias de nossas vidas. A mãe serve a casa e os convidados com *sraddha*. Amor e afeição não podem surgir sem *sraddha*. A indisciplina é desenfreada nas escolas e faculdades hoje. Por quê? Porque os alunos não têm *sraddha* na educação que recebem, nem nos professores. Educação (*vidya*) nos tempos antigos era considerada o maior presente — depois da espiritualidade — que alguém poderia dar. Era vista como a bênção da deusa Saraswati. Essa *sraddha* deixou os portais dos 'Templos do Conhecimento' na era atual, e por isso sofremos. Reviva a afeição, a *sraddha*, pela educação e pelo professor, e tudo voltará ao normal. Essa própria *sraddha* nos guiará.

Sraddha como fé nas palavras do Guru

Embora uma distinção tenha sido feita nas definições dos três tipos de *sraddha* para fins de ilustração, não é possível dizer onde um começa e o outro termina. Todas essas qualidades são inseparáveis. Uma complementa a outra. Quando uma está presente, as outras duas seguem naturalmente. *Sraddha* é fé infantil.

Se a mãe diz apontando para um homem: 'Ele é seu irmão mais velho,' a criança acredita que o homem é seu irmão. Da mesma forma, em cada ação, a criança acredita implicitamente na mãe. Muitas são as histórias que Sri Ramakrishna contou aos devotos para impressionar neles a necessidade de *sraddha*, fé, nas palavras do guru. Ele certa vez disse: 'Havia um menino chamado Jatila. Ele costumava caminhar para a escola através das florestas, e a jornada o assustava. Um dia ele contou à mãe seu medo. Mas o que a mãe poderia fazer? Ela era muito pobre para fornecer um servo. Ainda assim, ela era uma devota do Senhor. Interiormente, ela orou ao Senhor para proteger seu filho. Ela respondeu: "Por que você deve ter medo? Chame Madhusudana." "Mãe," perguntou o menino, "Quem é Madhusudana?" A mãe disse: "Ele é seu irmão mais velho e vive nas florestas." Um dia, depois disso, quando o menino sentiu medo novamente nas florestas, ele gritou: "Ó Madhusudana." Mas não houve resposta. Ele começou a chorar alto. "Onde você está, Irmão Madhusudana? Venha até mim. Estou com medo." Então Deus não pôde mais ficar longe. Ele apareceu diante do menino e disse: "Aqui estou eu. Por que você está com medo?" E dizendo isso, ele tirou o menino da floresta e mostrou-lhe o caminho para a escola. Quando ele se despediu do menino, Deus disse: "Virei sempre que você me chamar. Não tenha medo."' Deve-se ter tal fé infantil nas palavras do mestre e tal anseio para realizar o objetivo.

---

[11] Chand. Up. 5. 4. 2.

Eficiência de *Sraddha*

A eficácia da fé nunca pode ser superestimada. As histórias acima fornecem ampla prova desse fato. Mas, para que não se pense que essas são meras fábulas e contos de fadas para atrair mentes infantis, vamos narrar alguns eventos recentes. Sri Girish Chandra Ghosh, o pai do teatro bengali, levava uma vida boêmia antes de conhecer Sri Ramakrishna. Mas seu encontro com o Mestre provou ser o ponto de virada em sua vida. Ele foi atraído cada vez mais por Sri Ramakrishna. Sua admiração pelo Mestre aumentou a cada visita. Gradualmente, a convicção cresceu nele de que o Mestre não era outro senão Deus encarnado para redimir a humanidade. Essa fé teve um grande efeito em seu caráter. Seus vícios o abandonaram um por um, até que, por fim, lembrar-se do Mestre se tornou a única paixão dominante de sua vida. Um pecador foi transformado em santo. Esse é o milagre de *sraddha*.

E também, Swami Adbhutananda, Latu Maharaj, um discípulo de Sri Ramakrishna, embora tenha começado sua vida como um garoto serviçal na casa de um dos devotos do Mestre, logo ascendeu ao pináculo das realizações por meio de uma fé simples. Ele tinha fé infantil em Sri Ramakrishna. As palavras do Guru eram como mandamentos divinos. Ele as seguia sem questionar. Ele não tinha dúvidas. O Mestre era sua estrela polar. Como o provérbio da ostra que afunda ao fundo do mar após receber uma gota de chuva para gerar uma bela pérola, ele se isolou em si mesmo e, seguindo os ensinamentos do Mestre, tornou-se um santo por direito próprio. Embora literalmente iletrado, nenhuma filosofia era um livro fechado para ele. Isso confirmava, por assim dizer, a famosa passagem do *Gita*: 'Uma pessoa de fé firme alcança o conhecimento, sendo devotada a ele ao controlar os sentidos; e ao obter o conhecimento, alcança a paz que ultrapassa todo entendimento[12].'

Mais uma vez, é de conhecimento geral que o cético Narendranath se transformou no mundialmente impactante Swami Vivekananda por sua maravilhosa *sraddha* nas palavras do Mestre.

Diferentes tipos de *Sraddha*

A *sraddha*, novamente, é de três tipos. Cada um tem fé de acordo com as inclinações com que nasce, e conforme é sua fé, assim ele se torna[13]. O homem, de acordo com os *Sankhyas*, é feito de três constituintes: *sattva*, *rajas* e *tamas*. Em cada pessoa, todas essas qualidades estão presentes em maior ou menor grau. A diferença entre homem e homem é devido à predominância de algum desses constituintes. Se *sattva* for predominante, a fé de tal homem tenderá ao respeito pelos mais velhos, à adoração de Deus e coisas semelhantes. Se *rajas* for preponderante, a pessoa tenderá

[12] *Gita,* 4. 39.
[13] *Gita,* 17. 3

à adoração de outros deuses; terá grande avidez por nome e fama. Se *tamas* for excessivamente predominante, sua inclinação será para a adoração de fantasmas e espíritos. Todas as atividades do homem podem ser atribuídas ao funcionamento desses constituintes. A proporção em que eles existem no homem forma sua natureza, que Sri Krishna chama de *prakriti*, e é comumente conhecida como caráter.

Perfeição de caráter como objetivo de toda religião

Agora, esse caráter ou natureza precisa ser purificado de suas impurezas, precisa ser aperfeiçoado, para que dê espaço para a manifestação de uma fé mais elevada e nobre. Todas as escrituras visam isso. Um homem não pode ser verdadeiramente religioso se for imperfeito em seu caráter. A verdadeira *sraddha* surge apenas em uma natureza perfeita. Portanto, nas etapas iniciais, a *sraddha* deve ser cultivada, e para isso todas as forças ou qualidades concomitantes devem ser desenvolvidas. Quando a perfeição no caráter é alcançada, daí então se realiza Deus. Somente na realização de Deus a fé adamantina, completa *sraddha* em Deus, se enraíza firmemente. Até então, toda crença em Deus está sujeita a vacilações. Nosso objetivo na vida deve ser ter essa fé adamantina. Assim, a *sraddha* é o fator orientador da vida religiosa do início ao fim. Sem *sraddha*, a vida religiosa não significa nada. Com *sraddha*, ela é tudo.

• • • •

RELIGIÃO E A JUVENTUDE

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – março de 1965[2].

Há um belo verso de Sri Śankara que descreve como o homem foge de Deus. Sim, o homem realmente evade Deus. Deus está sempre atento e busca o homem com toda a Sua força, mas o encontra feliz com os brinquedos brilhantes e vermelhos do mundo. Ele chama, mas o homem não escuta, não responde ou, no máximo, diz: "Espere, vou terminar este jogo e então atenderei Você". 'Quando criança, ele está ocupado com brincadeiras; quando jovem, com diversões; quando velho, com profundas preocupações; ah, na Realidade Suprema, ninguém está engajado, ninguém está interessado'[3], diz Śankaracharya. As preocupações do idoso são numerosas: 'Como vou viver? Como meu corpo superará esta doença ou aquela fraqueza?', e inúmeras outras preocupações o atormentam. O homem vê tudo isso, talvez ria da insistência do velho em viver, mas não pensa que um dia também terá que passar pelo mesmo caminho e enfrentar uma situação semelhante. A juventude tem vigor e, por isso, sendo otimista, perde-se em prazeres e diversões. Até certo ponto, os pais também o encorajam a se perder no mundo, pois temem colocar qualquer coisa que fale de religião em seu caminho, com medo de que ele os abandone e busque a Deus.

Para muitos, religião pode significar seguir um certo código de conduta, observar certos rituais e credos, praticar dogmas específicos, um ou todos esses aspectos, mas não é isso que queremos dizer aqui. Religião é uma experiência que resulta na conversão do homem ao Divino. No entanto, isso não significa que pedimos a alguém que jogue fora todos os rituais e credos. Eles são necessários e essenciais, mas são apenas degraus da escada para a religião. Vamos ouvir Swami Vivekananda sobre o que é a verdadeira religião: "A realização é a verdadeira religião, todo o resto é apenas preparação — ouvir palestras, ler livros ou raciocinar é apenas preparar o terreno; isso não é religião." Toda moralidade, toda ética, todas as boas ações, todos

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Intitulado em inglês: *Religion and The Youth*.

[3] Charpatapanjarika stotram.

os rituais e credos são uma preparação para que a religião surja em nossos corações. O resto é apenas palha, enquanto a semente é a realização da Realidade Última.

Há um ditado que circula atualmente: 'Pegue-os enquanto são jovens'. E isso tem sido usado de forma eficaz em muitos campos da atividade humana, especialmente nas tarefas mais arriscadas, como o alpinismo. Esse entusiasmo em infundir nos jovens um espírito de aventura e responsabilidade é muito bom e está sendo tentado também em campos científicos. Mas essa ideia não é nova para a Índia ou para a religião. Em um *Upanisad* menor, há uma passagem que diz: "Seja religioso enquanto ainda é jovem; caso contrário, a vida do homem será sem sentido e sem propósito."[4] Uma vida sem propósito é como grama selvagem: cresce, é arrancada, mas cresce novamente, sem servir a nenhum propósito. Naciketa, no *Kathopanisad*, impressiona seu pai com a necessidade de seguir a conduta correta: 'Vendo", diz ele, 'como os justos agiram no passado e como os santos agem no presente, tente segui-los no caminho correto da vida. Não se entristeça por me enviar à morada de *Yama*.[5] Assim como o grão amadurece e cai, e depois cresce novamente, o homem nasce e morre.'[6] O que resta ao homem é o bem ou o mal que ele faz neste mundo, pois isso moldará sua vida futura. Portanto, um homem que aspira à vida eterna, que nunca passa por mudanças, ou seja, deseja realizar a Existência Absoluta, deve se apegar firmemente à verdade. Pois ninguém pode esperar alcançar a verdade pelo erro. O homem viaja da verdade inferior para a verdade superior, e nunca do erro para a verdade. Portanto, se não formos cuidadosos em cultivar as verdades inferiores aqui e agora, como podemos esperar alcançar as verdades superiores mais tarde?

Por mais que a geração atual encoraje os jovens à aventura da vida secular, ela acha que a tentativa séria de uma vida religiosa pode ser deixada para uma data futura, e esse futuro sempre se torna indefinido. Uma vez, quando um discípulo de Sri Ramakrishna foi questionado por alguém sobre por que ele deveria renunciar ao mundo em uma idade tão jovem, ele respondeu ao inquiridor com uma contra pergunta: "Que certeza há de que viverei até uma velhice avançada — a idade em que você diz que posso renunciar?" O questionador ficou em silêncio, pois era uma afirmação irrefutável, embora desagradável. Mas a verdade não espera para adoçar o gosto de ninguém. Sri Krishna diz: "Aquilo que no início parece veneno, mas no final tem o sabor de néctar, essa felicidade, nascida da clara compreensão do *Ātman*, devido à pureza da mente, se diz ser do tipo *sáttvico*."[7] As verdades e os valores da vida devem ser pesados, compreendidos e colocados em prática sob essa luz.

Por que o homem deve ser religioso enquanto ainda é jovem? Não apenas do ponto de vista da incerteza da vida, mas também por outras razões, os homens que realmente buscam a Deus devem ser religiosos enquanto ainda estão no auge da vida. Pois, uma vez que um apego é cultivado, uma vez que o caráter está formado, é difícil

[4] Bhavasantaranopanishad, 1.41.
[5] A divindade da morte. (nota do tradutor)
[6] Kathopanishad, 1.6.
[7] Bhagavad Gita, 18.37.

imaginar que alguém possa se reformar. É por isso que Sri Ramakrishna elogiava tanto seus jovens discípulos. Ele dizia: 'Suas mentes não estão manchadas por desejos mundanos... Eles são como argila amassada, que pode ser moldada em qualquer forma... Suas mentes são como vasos novos, nos quais o leite pode ser mantido sem medo de azedar.' É por isso que as pessoas devem ter anseio pela vida espiritual enquanto jovens, antes de receberem as impressões do mundo. Swami Vivekananda repetidamente afirmou como cada pensamento que pensamos, cada ação que fazemos, contribui para formar nosso caráter. Esses atos e pensamentos deixam uma impressão na mente, que mergulham no subconsciente. Assim, embora essas impressões nem sempre se manifestem, elas permanecem no fundo do oceano da mente, prontas para surgir novamente quando as circunstâncias se tornarem favoráveis. Então, o que você gostaria de ter em sua mente? Certamente, todos gostariam de ser bons. Mas essa bondade virá se não trabalharmos por ela? Alguém pode ser um músico ou um artista se não praticar assiduamente, mesmo supondo que tenha uma inclinação natural para isso? Se alguém disser que pode, as vidas dos músicos e artistas em todo o mundo desmentem tal suposição. Portanto, é preciso trabalhar nas fundações e só então uma estrutura forte e bela de caráter pode ser construída. E essa fundação é a juventude. Perder a chance é perder muito. Pois este nascimento em um corpo humano é realmente muito raro.

Nossos sábios declararam isso repetidamente. Sri Śankara, nos versos iniciais do *Vivekachudamani*, deixa isso muito claro: "Para todos os seres, o nascimento humano é difícil de obter, mais ainda um corpo masculino; mais raro que isso é a condição de *Brahmana* [da casta Brâmane]; mais raro ainda é a inclinação para levar uma vida de acordo com a religião védica; a erudição nas escrituras é ainda mais raro; em seguida, na escala superior das coisas, vem o discernimento, para diferenciar entre o ser e o não-ser, a Realização, e o estabelecimento no estado de identidade com *Brahman*. Esse tipo de Liberação não pode ser alcançado sem os méritos de cem milhões de nascimentos." Os *Upanisads* também afirmam enfaticamente que um homem que deixe seu corpo sem realizar o *Ātman* perde muito. Veja o que o *Kenopanisad* declara: "Se um homem realiza (o *Ātman*) aqui, então este é um nascimento frutífero; se não, é uma catástrofe colossal."[8] A catástrofe não se deve apenas ao desperdício desta vida, mas também ao envolvimento inevitável no ciclo de nascimentos e mortes, pois ninguém pode escapar desse ciclo, exceto quando realiza Deus.

Yājnavalkya leva essa verdade aos sábios reunidos na corte de Janaka, quando relata ao seu questionador, Gargi, que "aquele que parte deste mundo sem conhecer este Imutável é desditoso." Sri Śankara, comentando sobre isso, observa que tal pessoa é desditosa como um escravo comprado por um preço. Por que ele seria desditosa? Porque, quando alguém parte sem realizar Deus, ele permanece preso pelos frutos de suas ações e seria arrastado para este mundo repetidamente, como um escravo. Isso é realmente uma infelicidade.

[8] Kenopanishad, 2.5.

Agora, há uma noção falsa, corrente entre muitos, de que a vida religiosa é destinada aos velhos e enfermos, aos decrépitos e fracos. É uma grave deturpação dos fatos. Swami Vivekananda faz uma pergunta pertinente: "Qual é a maior das duas forças: (1) permitir que os cavalos corram descontroladamente ou (2) refreá-los efetivamente; qual é o mais forte: aquele que é carregado pela corrente ou aquele que nada contra ela com sucesso?" A vida religiosa é nadar contra a corrente; é refrear os cavalos loucos dos sentidos. Como todos sabem, é fácil deslizar por um plano inclinado; é fácil deixar-se levar pela corrente, mas nadar contra ela é um trabalho muito difícil. Da mesma forma, é fácil dizer que alguém pode trabalhar no caminho da religião na velhice. Mas isso nunca foi feito, a menos que se tenha trabalhado constantemente para isso desde uma idade muito jovem. De longe, uma montanha parece muito suave, mas tente escalá-la e você descobrirá quantas plantas espinhosas, buracos, subidas e descidas, valas e montes você terá que atravessar. O caminho espiritual é assim: de fora parece tão fácil, mas quando você se envolve, sente sua dificuldade. É como caminhar na borda afiada de uma navalha, tão difícil é o caminho[9]. Deve-se estar sempre alerta, não se pode relaxar nem um pouco nesse caminho, se se deseja fazer algum progresso.

É apenas quando os sentidos são dominados e a mente é controlada que um gosto real pelos valores superiores da vida se desenvolve. Um físico forte pode ajudar a mente a ser forte, a não ceder às tentações. Isso é possível para um fraco? Um fraco pode não ser capaz de errar no lado físico, mas também não consegue suportar a tensão das disciplinas espirituais. Os *Upanisads* declaram: "Este *Ātman* não pode ser alcançado pelos fracos, nem por passos falsos, nem por mero conhecimento sem renúncia. O Ser do sábio, que se esforça por esses meios, entra na morada de *Brahman*."[10]

Por *esses meios*, no texto do *Śruti*, entende-se (1) força, tanto física quanto a que nasce da convicção intelectual sobre a existência do *Ātman*, (2) permanecer afastado sem ser pego na rede do mundo, (3) pensamento intenso e austeridade, e (4) renúncia. Diante dessas verdades testadas, não parece uma insistência infantil dizer que a religião é para os fracos e enfermos? Qual é o equipamento do homem ou mulher velhos: um pacote de hábitos tão profundamente enraizados que assumem a propensão não apenas de uma segunda natureza, mas da primeira natureza. É possível para tal pessoa romper facilmente essa natureza? Os pensamentos de tais pessoas inevitavelmente correm nos velhos sulcos, tão diligentemente cultivados por eles. O menor desvio dos pensamentos que se tornaram básicos será resistido veementemente por sua mente. Portanto, que cada pessoa tente por si mesma e veja como é difícil superar até mesmo um hábito simples e único. Que enfrente as lutas e aborrecimentos que teria que passar para superar esse hábito, e então que visualize o tempo, o esforço e as dores que se tem que sofrer para reformar a própria vida. A menos que se entre no campo prático, não se entenderá como é vã a esperança de

[9] *Kathopanishad*, 3.14.
[10] *Mundaka Up*., 3.2.4.

alguém de ganhar o reino dos céus através da indolência. A menos que você entre na água, não saberá as dificuldades de nadar. É o mesmo no campo da religião.

II

É, sem dúvida, uma experiência comum que o homem tem algumas tendências inerentes nele. Elas são inatas, estão lá desde o nascimento. E essa é uma das concepções fundamentais, não apenas do hinduísmo, mas também do buddhismo e do jainismo — queremos dizer a teoria do Karma e do renascimento. Isso já foi discutido em uma ocasião anterior e, portanto, não precisa ser repetido aqui. Também foi discutido que é a melhor explicação que pode ser dada para a grande diversidade que vemos no mundo. Diversidade não apenas em relação a posses materiais, mas também em relação a disposições físicas, realizações intelectuais e semelhantes.

Agora podemos perguntar: Se o homem está preso pelos frutos de suas ações passadas, como ele é responsável por seus atos presentes? Até certo ponto, isso pode ser verdade, mas o homem, tendo a capacidade de moldar seu futuro, não deve deixar as coisas por si mesmas. Nele também há a capacidade de resistir a todas as forças que o pressionam. Ele não luta contra todas as adversidades para melhorar suas condições materiais? Portanto, se as ações passadas formaram o nascimento presente do homem, naturalmente segue-se que suas ações presentes podem construir ou arruinar seu futuro. "Nunca um praticante de boas ações, ó Arjuna, chega à tristeza"[11], garante Sri Krishna no *Gītā*. Portanto, em vez de lamentar suas circunstâncias, deve-se fazer todos os esforços para avançar a partir de onde está colocado.

III

Muitos fatores influenciam o homem desde a infância. É o exemplo dos pais que influencia a criança no início, e a infância é a idade mais impressionável. Nessa época, a criança simplesmente imita seus mais velhos. Portanto, é muito necessário que os pais e os mais velhos que entram em contato com a criança, a cada momento de sua vida, sejam de caráter louvável. Há uma história no *Mahābhārata*, de uma rainha, Madālasa, que cantava para seus bebês, mesmo no berço, sobre a glória do *Ātman*, que era seu verdadeiro ser. Eles estavam tão impregnados com essa ideia que, quando cresceram, renunciaram ao reino, ao palácio e a tudo para realizar Deus. Isso aconteceu com o primeiro menino, o segundo e o terceiro. O rei ficou pasmo. Ele não sabia como evitar uma repetição. Na quarta vez, a criança foi tirada da mãe para ser criada em outro lugar, para se tornar um rei. 'Quando estava deixando a casa, a mãe lhe deu um pedaço de papel que ele deveria ler quando chegasse à idade adulta. No papel estava escrito: "Só Deus é verdadeiro, tudo o mais é falso; viva sozinho ou na companhia de homens santos". Quando ele chegou à idade adulta, leu a nota e renunciou ao mundo.' É assim que as crianças são influenciadas.

[11] Bhagavad Gita, 6.40.

Até mesmo uma rainha naqueles dias considerava sua própria responsabilidade e dever criar seus filhos, amamentá-los e servi-los pessoalmente de todas as maneiras. Nessas circunstâncias, as tendências da mãe se infiltravam, por assim dizer, na criança, e a influência permanecia para sempre.

Em segundo lugar vem a associação [companhia]. Ela começa nos dias em que a criança começa a andar. Aqui também a responsabilidade dos pais é enorme. Eles devem garantir que a criança se misture com crianças criadas em uma atmosfera congenial. Este é o período formativo da vida da criança, e deve-se tomar cuidado para evitar que caia em más companhias. Se boas impressões forem formadas, a criança, ao crescer, escolherá seus colegas com cuidado.

Depois vem o preceptor. Na Índia antiga, sua influência era tremenda. Os alunos viviam com ele por muito tempo e, portanto, era essencial que sua vida fosse exemplar. Embora esse sistema de educação não prevaleça agora, é possível que um preceptor possa influenciar seus alunos por sua vida, mesmo na era atual.

Em seguida, vem o contato com homens santos. É aqui que a juventude de hoje pode começar. Pois eles não podem desfazer o que já aconteceu. Mas eles podem e devem começar em algum lugar. Eles devem criar em si mesmos um interesse vivo pela religião. E isso pode ser feito de duas maneiras: lendo livros e associando-se com pessoas santas. Os livros darão conhecimento teórico, mas nos homens santos você encontrará as verdades ilustradas. O contato com eles fortalecerá a crença nas escrituras, na religião e na espiritualidade.

IV

Alguns aspirantes tentam combinar *yoga* com *bhoga*, espiritualidade com prazeres. O progresso real na vida espiritual é impossível se alguém pensa que, dessa forma, pode seguir o caminho religioso. Sri Śankara colocou isso de forma inequívoca em seu *Vivekachudamani*: "Quem busca realizar o Ser entregando-se a nutrir [cuidar do] o corpo, é como o homem que tenta atravessar um rio segurando-se em um crocodilo, confundindo-o com um tronco de madeira.[12]" Pois esses dois (*yoga* e *bhoga*) são como os dois polos opostos do mesmo ímã, são como luz e escuridão, como fogo e água. Eles nunca podem se unir sem prejuízo um para o outro. Lembre-se do conselho que Cristo deu ao jovem rico, quando este se aproximou dele com a pergunta: 'Bom Mestre, que bem devo fazer para ter a vida eterna?' "Guarde os mandamentos", disse Jesus. 'Isso eu tenho feito', respondeu o jovem e perguntou: 'O que me falta?' A resposta de Cristo a isso deve esclarecer todas as dúvidas, deve acabar com toda a vacilação. Jesus quase parece dizer: 'Ser bom, moral, amoroso e gentil é excelente, de fato! Mas se termina aí, você será um bom homem e nada mais. Você terá preparado o terreno para ser religioso, mas a semente ainda precisa ser plantada; você tem que dar o último passo', quando ele disse: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-

[12] Vivekachudamani – 84.

me." "Renuncie", esse é o último, mas o mais importante mandamento de Jesus, mas o menos seguido. O que significa 'segue-me' no texto? Ser como ele. Uma definição do que é ser como ele está contida em sua exortação: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todo o teu entendimento." Isso significa estar sem apego a qualquer coisa aqui. Uma ilustração disso é o próprio Cristo, o que é corroborado em sua afirmação: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça."

Novamente, estude a vida de qualquer grande luminária espiritual — um Buddha, um Śankara, um Ramakrishna, um Vivekananda. O que isso ensina? Todos eles, como que com uma só voz, declaram: "Renunciem a tudo o que é mundano e apeguem-se somente a Deus." Confrontado com essa verdade óbvia, o jovem deve evitar cometer o erro de tentar combinar *yoga* e *bhoga*.

V

Para resumir: Deve-se cultivar um gosto intenso pela vida religiosa mesmo enquanto jovem. Uma aplicação de toda a alma à prática, com todo o vigor ao seu comando, é uma necessidade para qualquer realização. É ainda mais imperativo no caso da religião.

Swami Vivekananda tinha grandes esperanças na juventude da Índia. Ele queria que eles se apresentassem não apenas para a regeneração material da mãe pátria, mas também para sua revitalização espiritual. Era um chamado para servir tanto a humanidade quanto a si mesmos. A juventude entenderá e responderá ao seu chamado**?**

• • • •

Significado da Solitude na Vida Religiosa

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – maio de 1963[2]

O termo **solitude**[3] instantaneamente traz à mente as montanhas majestosas Himalaias, com seus picos nevados, suas ervas aromáticas e árvores sombreadas, sua magnífica fauna e flora, seus pássaros de bela plumagem, voando ocasionalmente pela floresta sussurrando doces notas, suas correntes rápidas e águas frias. As Himalaias têm atraído e estão atraindo almas cansadas do mundo há eras. Ela abrigou em seu seio eremitérios [*ashrams*] de *Rishis*; e preservou sua atmosfera sagrada vibrante com as notas dos hinos védicos e conhecimento dos Vedas, em toda a sua pureza de pronúncia como foram proferidos pelos mestres de outrora. Longe do burburinho das cidades, elas mantiveram por todas as eras a dignidade que desperta reverência no homem e tem compelido reconhecimento de poetas. Kalidasa, o famoso poeta indiano, entra em êxtase enquanto fala sobre as Himalaias. Ele diz:

'Ali na direção norte está o rei divino das montanhas, chamado Himalaias, entrando nos mares a leste e a oeste (com seus rios); e se ergue alto e elevado, como se fosse a régua de medição da terra'[4]. Ele continua nesse tom por mais doze versos, em sua obra memorável *Kumarasambhava*. Raramente os recintos sagrados das Himalaias foram perturbados no passado pelas mudanças na atmosfera política ou por convulsões sociais. Era o porto de descanso e morada de paz para os inquietos e questionadores. No então arranjo nacional, quando os idosos se retiravam das responsabilidades do mundo, depois de plenamente atender às demandas feitas a eles pelo mundo, eram as Himalaias que os encantavam com sua quietude, vastidão e solitude, sua pinturesca beleza e calma. O que isso significa? Isso significa duas coisas: que a calma externa e a solitude são fatores essenciais que contribuem para a calma interna; e segundo, que é no colo da natureza que o homem aprende a ser natural, a abandonar sua artificialidade.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Significance of Solitude in Religious Life*.

[3] Apesar de algumas vezes serem usados como sinônimos, o termo em português **solitude**, diferentemente de **solidão**, é usado principalmente para descrever um estado de isolamento desejável e necessário para o desenvolvimento espiritual e bem-estar psíquico, enquanto podemos associar a palavra em português **solidão** a um sentimento negativo indesejável de isolamento ou abandono. O escritor May Sarton coloca lindamente: "*Loneliness [**solidão**] is the poverty of self; **solitude** [o mesmo em português] is the richness of self*". No artigo fica óbvio sua conotação. (nota do tradutor)

[4] *Kumarasambhavam*.

Solitude, uma necessidade primordial

É possível que os modernos, acostumados como estão à vida agitada da civilização atual, e sentindo-se um com as ideias expressas no poema de Cowper:

> *'Ó Solitude onde estão os encantos*
> *Que os sábios viram em teu rosto?*
> *Melhor viver no meio de alarmes*
> *Do que habitar neste horrível lugar.'*
> Alexander Selkirk, Estrofe 1.

Possam interpretar esse retiro dos idosos para a floresta, no passado, como uma admissão de falha em enfrentar os problemas da vida, ou como uma indicação do início da senilidade em certa idade. Esse argumento parece fazer uma paródia dos fatos. Pois é apenas uma questão de conjectura de que quantas pessoas senis podem deixar suas casas, ao fim de sua jornada de vida voluntariamente, para levar uma vida mais dura e incerta. Além disso, é segurança e não insegurança que os homens buscam mesmo na flor da juventude, no auge de sua força e vigor — mesmo tomando as tendências atuais como padrão. O que dizer então da velhice frágil? Essa postulação, portanto, cai por terra por ser infundada. Pelo contrário, é razoável presumir que havia um desejo genuíno naqueles que renunciavam às responsabilidades do mundo, quando no auge de sua fama, de conhecer a Realidade. Era quase impossível para eles, moldados como suas vidas estavam na tradição antiga, esquecer ou perder de vista o objetivo da vida. A meta da vida renovava e revisava constantemente diante da visão de suas mentes, de modo que quando tinham alcançado o ponto de saciedade em seus desejos, ou melhor, obtido desapego em relação a eles, após terem sido discriminadamente engajados em realizá-los, eles não buscavam mais ficar enredados no labirinto. Solitude era o que ansiavam: para pensar no Criador, que os enviou a este mundo, de quem estavam separados e com quem ansiavam se unir novamente.

Fora da religião, a solitude é uma necessidade sentida em todas as ocupações reflexivas. Pode ser o matemático trabalhando em sua mesa, o cientista ocupado no laboratório ou o estudante em seus estudos, em todos os casos a solitude é algo que nunca pode ser dispensado. Observe como prudentemente os estudantes diligentes se isolam para mergulhar em seus estudos! Como deliberadamente os cientistas entram em reclusão para pensar e elaborar suas hipóteses! Quando vemos que até na vida secular o isolamento é necessário às vezes, devemos parar para perguntar: quanto mais conscientemente os aspirantes religiosos deveriam buscar a solitude?

Solitude da mente

A solitude pode ser classificada em três tipos: solitude da floresta ou cavernas nas montanhas, solitude da mente e solitude do *Ātman* (Ser ou Alma). Embora a calma

externa ajude o homem a atingir a paz interior, os auxílios externos sozinhos sem a cooperação ativa da mente são de pouca utilidade na vida espiritual. A mente deve primeiro ser educada para dissociar-se de seus desejos e depois cultivada para pensar no Supremo. Diz-se que o homem pode obter a graça do preceptor, a graça do Senhor e também ser abençoado com santa companhia, mas se ele não tiver a graça de sua própria mente tudo isso não o ajudará de forma alguma espiritualmente. Bhartrhari em seu *Vairagyasataka* descreve vividamente como tenazmente a mente se apega aos desejos: 'Minha comida é o que é coletado mendigando, isso também insípida e tomada apenas uma vez, minha cama é o chão nu, meu corpo o único servo, minhas roupas são trapos velhos, ainda assim, ai de mim, os desejos de prazer não me deixam.'[5] Tão fortes são os desejos de uma mente sem preparo deixada livre para associar-se aos objetos dos sentidos.

É um longo caminho para atingir a solitude ou a concentração da mente, mas por isso ninguém precisa se desesperar, ninguém precisa perder a esperança. Assim como temos exemplos de desânimo, também temos modelos de determinação e firmeza. Diz-se de Vacaspati Misra, o escritor do conhecido comentário *Bhamati* (sobre os *Brahma Sutras*), que em uma idade muito jovem começou a escrever esse comentário. Depois de ter começado seu trabalho, ele se casou com uma jovem e bela garota. Mas ele estava tão absorto em seu trabalho que não sabia quando o dia amanhecia ou a noite chegava. Ele não sabia quem cuidava de suas necessidades corporais. Quando cansado, ele descansava seu corpo no tapete perto de sua escrivaninha e quando se levantava retomava seu trabalho. Sua esposa, no entanto, diligentemente e sem murmúrio cuidava de suas necessidades. Isso continuou por anos e anos até que ele terminou seu trabalho. Então, quando ele levantou a cabeça para olhar para o mundo viu ao seu lado uma mulher de cabelos grisalhos. Ele perguntou quem ela era e quando soube que ela era sua esposa e que ela tinha servido fielmente a ele durante todo esse tempo, ele, por gratidão, a tornou imortal nomeando sua grande obra-prima em homenagem a ela. Este é um exemplo de concentração da mente. Aprendemos com isso que tudo o que é necessário é aptidão e resolução. A mesma mente concentrada, se dirigida a Deus, pode alcançá-lo também. É assim que os santos e sábios atingiram a realização.

Sri Ramakrishna é muito enfático sobre recorrer à solitude para praticar disciplinas espirituais. Ele diz que devemos praticar disciplinas na floresta, em um canto isolado da casa ou na mente. Novamente ele observa 'Se você me perguntar por quanto tempo você deve viver em solitude longe de sua família, eu diria que seria bom para você se pudesse passar até um dia dessa maneira. Três dias de cada vez são ainda melhores. Pode-se viver em solitude por doze dias, um mês, três meses ou um ano, de acordo com sua conveniência e habilidade.' Esse conselho ele dá aos chefes de família que não podem dedicar todo o seu tempo a Deus. O que dizer então dos aspirantes que abandonaram tudo por causa de Deus? E que tipo de solitude ele prescreve? Ele exorta: 'Quando você pratica disciplina em solitude, mantenha-se

[5] Vairagya Sataka, 15.

completamente afastado de sua família. Você não deve permitir que sua esposa, filho, filha, mãe, pai, irmã, irmão, amigos ou parentes cheguem perto de você. Ao praticar disciplina em solitude, você deve pensar "Eu não tenho mais ninguém no mundo. Deus é meu tudo".' Continuando, Sri Ramakrishna observa, 'A mente é como leite. Se você mantiver a mente no mundo, que é como água, então o leite e a água se misturarão. É por isso que as pessoas mantêm o leite em um lugar tranquilo e o deixam coalhar, e depois batem manteiga dele. Da mesma forma, através da disciplina espiritual praticada em solitude, bata a manteiga do conhecimento e devoção do leite da mente. Então essa manteiga pode facilmente ser mantida na água do mundo. Ela não se misturará com o mundo. A mente flutuará desapegada na água do mundo.'

Para controlar e treinar a mente turbulenta, não só devemos retirá-la dos sentidos e objetos sensoriais, mas também direcioná-la para Deus. Pois a mente precisa de algum suporte para se fixar. Você não pode fazer um vácuo da mente de uma vez. No momento em que tentar fazer isso, todo tipo de pensamentos entrará nela. A única coisa em que a mente tolamente acredita é que será capaz de se agarrar a objetos grosseiros. Ela envolve esse objeto com seu véu de apego. Mas logo se desilude, o apego se rompe devido à perda ou estranhamento do objeto de apego. Então é que a frustração se instala. Repetidamente a mente tenta se estabelecer em objetos sensoriais e sensações grosseiras, e repetidamente se desilude. Com cada golpe assim recebido, o homem se retrai pouco a pouco até que finalmente deixa de ansiar por coisas mundanas e se volta completamente para dentro em busca de consolo. Para alguns, esse processo leva muito tempo; para outros, algumas desilusões são suficientes para despertá-los para a realidade.

Gosto pela solitude

Um gosto pela solitude é criado quando os clamores dos sentidos são silenciados e os próprios sentidos são rudemente atirados fora de seu curso pelos golpes internos que a mente recebe ou pelos sofrimentos externos que o corpo suporta. Quando esse gosto se desenvolve e é dirigido a Deus, uma grande parte da batalha da vida é vencida. Mas a mente sendo o que é, requer vigilância constante. A discriminação é o único cão de guarda que o homem tem para impedir que suas ovelhas de pensamentos passem para território proibido. Com a discriminação alerta e o gosto pela solitude ativo, podemos nos preparar para a luta da vida. Se alguém, pela graça do Senhor, conseguir acalmar sua mente e desenvolver gosto pela solitude, será o máximo da loucura de sua parte se não aproveitar a ocasião para naturalizar esse gosto, fazê-lo seu. Esta solitude é o maior tesouro do homem. Não será absurdo dizer que, de certa forma, ela é a concedente de saúde também. Pois não é verdade que o homem todos os dias de sua vida anseia por descanso e sono? O que é o sono profundo? O que o acompanha lá? Sozinho, sozinho ele está nesse estado. No entanto, ele não tem medo de entrar nele. Este sono é o fator redentor. Ele acalma muitos choques, embalsama muitas feridas e ajuda o corpo a recuperar sua força. É a solitude

do sono profundo que restaura grande parte da energia que o homem desperdiça enquanto está em seus estados de vigília e sonho.

A questão é como cultivar o gosto pela solitude. Nenhuma regra rígida e rápida pode ser estabelecida sobre isso. De modo geral, pode ser obtido por prática e desapego. O desapego pode ser alcançado por discriminação. O que é essa discriminação? Entre o que devemos discriminar? 'Dois tipos de objetos, o bom e o agradável, vêm ao homem. O sábio pesando os prós e contras de ambos, escolhe o bom apenas, pois ele supera o agradável, mas aquele de visão curta pensa apenas sobre a vida nesta terra e aceita o agradável,'[6] diz o *Kathopanishad*. A discriminação deve ser entre o bem, que conduz à libertação, e o agradável, que leva à escravidão. Como distinguir um do outro? Há duas maneiras: uma é ouvir as palavras das escrituras e dos sábios, outra é aprender pela experiência. Como distinguir entre as duas experiências nos é dito pelo *Bhagavad Gita*: 'A alegria que no início parece veneno, mas no final tem gosto de néctar é *sattvika*, pois é o resultado da intensa contemplação da mente pura sobre o *Ātman*. A alegria que se experimenta devido ao contato dos sentidos com os objetos sensoriais que aparece como néctar no início, mas acaba sendo como veneno no final, é chamada *rajasika*. Há ainda um terceiro tipo de prazer chamado *tamasika* que tanto no início quanto no final engana o homem induzindo sono, letargia e negligência.'[7] Aqui obtemos claras indicações do que esperar quando seguimos um caminho correto. Qualquer alegria que se obtém do contato com o mundo exterior é de natureza transitória e produz uma reação desfavorável. Ela suga nossa energia. Em outras palavras, qualquer coisa que enobrece o caráter de alguém, expande o coração, aumenta a tolerância, aumenta o amor pelos semelhantes, é o caminho do desapego, e o oposto é o caminho para a escravidão.

Solitude, um grande remédio para a artificialidade

Muitas opiniões foram expressas a favor e contra a solitude. Não precisamos discutir aqui seus méritos ou deméritos. Basta dizer que, de acordo com a experiência de alguém, seja ela doce ou amarga, expressa sua opinião. Assim, há o bem e o mal em tudo. Um homem pode ler o *Bhagavata* à luz de uma lâmpada e outro pode forjar um documento com a mesma luz. Podemos então culpar a luz pelo ato abominável deste último? Da mesma forma, se alguns poucos tendem a se comportar como bestas depois de se retirarem para a solitude, a culpa não precisa ser colocada na solitude. No entanto, há uma coisa boa na solitude que todos devem conceder, ou seja, não se pode enganar ninguém além de si mesmo na solitude, mas na sociedade você não pode ter tanta certeza. Observe o mundo e podemos ver o quão artificial ele se tornou. Convencidos embora estejamos de um erro cometido ou de um ato maligno sendo perpetrado, nós piscamos para ele ou tentamos justificá-lo. Mais uma vez, a sociedade

[6] Katha,2.2

[7] Bhagavad Gita, Chap. 18, 37 ao 39.

cria normas, regras, e todos fingem segui-las. Deixe-os ter a menor chance de evadir essas regras e é duvidoso que alguns poucos possam resistir às tentações de aproveitar a oportunidade para enriquecer, engrandecer ou ganhar nome para si mesmos às custas dos outros. O caráter do homem fica exposto nesse momento. Na solitude de sua mente, ele pode nutrir muita má vontade em relação a uma pessoa, mas na sociedade ele mostra muito afeto por ele. Quanto melhor uma pessoa consegue esconder seus sentimentos ruins e pensamentos odiosos e parecer polida e boa, mais ela é considerada neste mundo. Por isso se diz 'não julgue um homem pelos grandes feitos que realiza, mas por seus pequenos atos. Os primeiros grandes atos ele faz por elogios, os últimos pequenos atos revelam involuntariamente seu caráter'. Deixe uma pessoa ir para a solitude por alguns momentos diariamente e analisar seus próprios atos e acreditamos que é possível que ela possa virar uma nova página em sua vida. O ponto principal é que a atividade febril que ocupa o homem moderno durante todo o seu dia e toda a sua vida não lhe dá descanso para introspecção. Ele é mais uma máquina, mais como um autômato do que um indivíduo pensante. Nesta era de especialização, o pensamento do homem também é feito por outra pessoa para ele. Ele simplesmente segue a linha pontilhada. E quando isso acontece, é mais fácil ser levado ao erro do que quando se pensa por si mesmo. Muitas das artificialidades do homem desapareceriam se ele fosse um pouco introspectivo.

Solitude do Ātman

Agora chegamos à solitude do Ātman, que é a culminação natural das outras duas. Pois nenhum sossego, nenhuma paz que dependa de coisas criadas pode ser eterna em duração. O homem busca espiritualidade para atingir liberação permanente das três espécies de misérias [no sentido de sofrimentos], ou seja, *adhyatmika* (miséria devido a doenças corporais e mentais), *adhibhautika* (causadas por elementos ou seres criados), *adhidaivika* (causadas por agentes sobrenaturais). Cada uma dessas misérias, no entanto, pode ser mitigada ou eliminada temporariamente por outras agentes também; por exemplo, a miséria devida a doenças corporais pode ser curada temporariamente por medicina; preocupações mentais devido a qualquer necessidade podem ser superadas ao satisfazer essa necessidade. Do mesmo modo, outras misérias também podem ser superadas por um tempo com outras ajudas. Todas essas, no entanto, continuam a se repetir e, portanto, há aquele grande desejo de estar completamente livre delas. Temos que recorrer ao espírito, ao *Ātman*, o Ser não criado para transcender a miséria. Quando realizamos a solitude do *Ātman* e encontramos felicidade apenas no *Ātman*, estamos livres. Quando nenhum outro objeto permanece para nos atrair, 'quando percebemos que o *Ātman* se tornou tudo isso, onde está a ilusão e onde está a miséria para aquele que vê a unidade em toda parte,'[8] diz o *Isavasyopanishad*.

[8] Isavasyopanisad. 7.

Apesar de tudo isso, **quando o homem está sozinho, ele se assusta**. Qual é a causa do medo? A razão não está longe de ser encontrada. As tendências congênitas do homem são muito fortes. Ele está habituado há muito tempo a viver em grupos, em constante tumulto. Ele é viciado nos encantos da sociedade de tal forma que acha difícil viver sozinho. Swami Vivekananda diz: 'Pode um homem que foi acostumado ao tumulto e ao corre-corre da vida viver à vontade se vier a um lugar tranquilo? Ele sofre e, possivelmente, pode perder a cabeça.' Portanto, apenas a compreensão intelectual das verdades dos *Upanishads* não serve de nada. **Uma reflexão constante sobre elas além da prática real da solitude é essencial para se tornar destemido**. O *Brhadaranyaka Upanishad* dá uma descrição de como Prajapati também, no início da criação, foi iludido e teve medo. Ele diz: 'No início, isto (universo) era apenas o ser (*Viraj*), de forma humana. Ele refletiu e não encontrou nada além de si mesmo. . . . Nisso ele ficou com medo. Por isso, mesmo agora, alguém solitário tem medo. Ele então refletiu: "como não há ninguém além de mim, do que eu tenho medo." Ao refletir assim, o medo o deixou, pois do que havia para temer? É de uma segunda entidade que vem o medo.'[9] Shankara em seu comentário sobre esses versos diz: 'Porque este *Purusha* foi dotado de corpo e membros, ele tinha medo de sua extinção, devido a uma falsa noção. E assim como em nosso caso, a maneira que ele adotou para se livrar dessa falsa noção, que era a causa do medo, foi adquirindo o conhecimento correto do *Ātman*.' Shankara aqui afirmou que também estamos iludidos pela falsa noção de nossa extinção com a morte do corpo e a única maneira de superar esse medo é conhecer nosso *Ātman* em sua verdadeira perspectiva. Como ter o conhecimento correto? Pela reflexão em solitude sobre os ensinamentos dos *Shruti*. O *Brhadaranyaka Upanishad* diz em outro lugar, 'Onde quer que haja dualidade, ali um vê outro, um ouve outro. Mas quando essa dualidade desaparece, então quem verá quem, quem ouvirá quem?' Todos os nossos problemas e misérias começam com a visão da dualidade e todos desaparecem com a realização da Unidade, que está no *Ātman*.

• • •

[9] Br.Up.., I,iv,1&2.

PEREGRINAÇÃO COMO MEIO PARA O DESPERTAR ESPIRITUAL

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – agosto de 1964[2]

A VIDA ESPIRITUAL tem uma espécie de mistério ao seu redor. O homem não sabe por qual ato seu o despertar interior virá, por quais meios as portas de sua visão se abrirão, o que iluminará seu caminho. Pois isso ocorreu de várias maneiras para diferentes pessoas. A renúncia de Gautama foi devido à visão da miséria, doença e morte; e ao se esforçar para encontrar uma saída para essas tribulações e sofrimentos, ele se tornou o Buddha. Na vida de Tulsidas, foi a advertência de sua esposa que trouxe a transformação. O jovem Tulsidas amava extremamente sua esposa. Ele não podia se separar dela nem por um dia. Um dia, porém, ele teve que ir a algum trabalho, longe de casa. Ao retornar à noite, descobriu que ela havia sido levada para a casa de seu pai. Tulsidas partiu imediatamente e chegou lá tarde da noite. A esposa, irritada e envergonhada por ser repreendida pelas pessoas, disse-lhe com branda censura: "Ah! Que apego você tem por esses ossos e carne. Se você tivesse metade desse amor por Deus, você O teria realizado." Isso foi suficiente. Uma torrente de luz, por assim dizer, caiu sobre ele. Naquele mesmo momento, ele deixou seu lar e tudo mais. A peregrinação de Sri Chaitanya a *Vrindavan* o colocou em contato com Iswar Puri, e isso desencadeou uma série de eventos que culminaram em sua completa renúncia ao mundo e na propagação do culto de *Bhakti* por toda a Índia. Diz-se que Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, seguia meticulosamente os rituais religiosos sempre que visitava templos. Ele até circundava e tocava os sinos que pendiam no templo de Shiva em *Banaras*, como era o costume. Quando perguntado por alguém por que ele também seguia essas superstições, se diz que ele respondeu: "Quem sabe, meu filho, por qual ação o Senhor se agrada? Então, eu sigo todos os costumes, cada um deles, e não sei, amigo, como expressar meu amor pelo Senhor." Tal é, então, a ideia: qualquer coisa pode ajudar a despertar nossa divindade adormecida.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Pilgrimage as a Means to Spiritual Awakening*.

Agora, nas escrituras, a peregrinação foi reconhecida como um dos meios de devoção[3]. Portanto, com um mínimo de crença nas escrituras e nas palavras dos santos, o homem deve se lançar no caminho espiritual. Pois não é possível demonstrar científica e concretamente o progresso ou retrocesso de um ser humano após ele ter feito este ou aquele ato, ou realizado uma ou outra peregrinação. É possível que o próprio homem possa não sentir a mudança mesmo após um longo tempo. Mas, por isso, ele não deve relaxar seus esforços ou ceder ao desespero.

ATITUDE EM RELAÇÃO À PEREGRINAÇÃO

A facilidade de viagem e os restaurantes em cada esquina, mesmo em lugares antes inacessíveis, transformaram a peregrinação em um passeio turístico para muitos. Muitos outros são atraídos pela escultura e pela arte que foram empregadas na construção dos templos. Mas poucos se importam em pensar na Divindade que habita no templo. Sri Ramakrishna costumava dizer: "As pessoas estão encantadas com o jardim, mas raramente buscam conhecer o dono." Cada palavra dele está sendo verificada como verdadeira hoje.

Que contraste isso faz com o modo antigo de peregrinação, mesmo o de cento e cinquenta ou duzentos anos atrás! Naquela época, apenas pessoas sinceras se aventuravam a partir em peregrinação. Pois eles tinham que viajar principalmente a pé, e seu caminho passava por florestas cheias de animais selvagens. Assim, quando pensavam em empreender uma peregrinação, transferiam as responsabilidades dos assuntos mundanos para aqueles em casa, despediam-se deles e se entregavam aos cuidados de Deus, seu Senhor. Eles não ousavam carregar dinheiro por medo de ladrões; naturalmente, tinham que depender da hospitalidade concedida pelas pessoas no caminho. O pensamento sobre a casa nunca os perturbava. Suas mentes se concentravam na santidade do lugar que iam visitar. A Divindade, a graça que a Divindade havia derramado sobre os santos, as vidas dos santos que viveram e tornaram o lugar mais sagrado — tudo isso e associações semelhantes estavam em suas mentes. Não podemos esperar que as pessoas no tempo atual viajem a pé; talvez isso seja considerado absurdo tanto para sugerir quanto para seguir. Mas certamente a outra parte pela qual uma peregrinação é realmente empreendida, ou seja, a lembrança constante do Senhor, não é impossível de tentar nem absurdo de sugerir.

Chegamos agora a um ponto muito sutil na conduta de um peregrino, ou seja, como ele deve se comportar em um lugar de culto. Isso é muito importante. Um homem pode ser um milionário, pode ter uma grande linhagem e pode ser um grande erudito. Mas o que é isso diante do Criador do Universo — toda a sua riqueza, erudição e nobreza não são nada na presença d'Aquele que é o Senhor de tudo o que foi, é e será. No entanto, quão limitado é o pensamento do homem! Até mesmo devotos sinceros vacilam aqui. Uma vez, no templo de *Dakshineswar*, alguns

[3] Ouvir sobre Deus, cantar Suas glórias, Sua lembrança, ir em peregrinação ou serviço a Ele, adoração, obediência, amizade e autoentrega são alguns dos meios.

ornamentos da imagem de Radha-Govinda foram roubados. Diante disso, Mathuranath Biswas, então proprietário, genro de Rani Rasmani e um ardente devoto de Sri Ramakrishna, disse em sua presença, dirigindo-se à imagem: “Que vergonha, ó Deus! Você não pôde salvar Seus próprios ornamentos!” Sri Ramakrishna repreendeu severamente Mathuranath: “Aquele que tem Lakshmi, a deusa da fortuna, como Sua serva e atendente, alguma vez carece de esplendor? Essas joias podem ser preciosas para você, mas para Deus não são melhores do que pedaços de barro. Vergonha de você! Você não deveria ter falado de maneira tão mesquinha. Que riquezas você pode dar a Deus para magnificar Sua glória?” No entanto, é assim que o homem se esquece de si mesmo no orgulho de sua riqueza. É difícil ser humilde a menos que sintamos a presença de um Ser muito, muito acima de nós em todos os aspectos. Esse sentimento deve ser cultivado. Com ele virá o senso de nossa pequenez, de nossa insignificância. A vida espiritual se torna um fracasso total se a arrogância dominar a mente. A ideia de fazer uma peregrinação não é se exibir, mas praticar a presença de Deus. Não podemos comprar a graça de Deus com nossa riqueza. Não é pelo que alguém diz sobre Deus, mas pelo que alguém faz e como faz, que Deus mede nossa sinceridade e anelo.

Portanto, a peregrinação, empreendida com um espírito de fé, anelo e humildade, também deve ser acompanhada de autocontrole e restrição dos sentidos. Quase um paralelo pode ser citado do *Bhagavad Gita* quando fala dos meios para o Conhecimento, o conhecimento de Deus, a Realização. Ele diz: “Um homem dotado de *shraddhã* obtém o Conhecimento.” No entanto, duas palavras foram imediatamente acrescentadas a essa afirmação para qualificar o aspirante: (*tatparah*) aquele que está concentrado e apegado a isto e (*samyatendriyah*) aquele que tem os sentidos controlados. Sankara, comentando esse verso, diz que é possível fingir humildade em atos externos, como curvar-se e similares, mas não em *shraddhã* (fé). O controle dos sentidos é um requisito adicional a ser possuído por aquele que almeja escalar os picos da espiritualidade. Em todos os caminhos, esse controle dos sentidos e da mente é mencionado como um equipamento necessariamente indispensável. Com uma mente dispersa e sentidos como cavalos indomados, o objetivo permaneceria tão distante quanto sempre foi, ou até mesmo recuaria ainda mais. Sri Ramakrishna compara um homem que não retirou sua mente dos prazeres sensoriais e ainda tenta realizar Deus a um bêbado que rema um barco a noite toda sem levantar a âncora. Ele permanece onde estava, embora pense que está progredindo rapidamente. O apego ao mundo é a âncora. A menos que o homem se liberte disso, pelo menos durante a duração de sua peregrinação ou da prática de qualquer outra disciplina, todo o seu esforço renderá pouco fruto.

Há um exemplo excepcional que aponta notavelmente como a fé funciona. Quando alguns dos discípulos diretos de Sri Ramakrishna estavam indo para o santuário de *Kedarnath* no Himalaia, viram uma senhora idosa e cega também caminhando. Eles ficaram perplexos quanto ao porquê dessa senhora, que havia perdido a visão, empreender uma jornada tão perigosa. Um deles perguntou: “Mãe,

você pode ver?" "Não, meu filho", disse ela. "Então, por que você se deu ao trabalho dessa jornada?", perguntou ele novamente. Ela respondeu: "Meu filho, e daí se eu não posso ver, mas o Senhor certamente me verá." Essa era a fé da senhora, e ela estava completamente satisfeita de que seria suficiente para sua salvação se ela se apresentasse diante da Divindade e o Senhor a visse. Eles ficaram comovidos pela devoção daquela senhora.

O QUE SÃO OS LUGARES DE PEREGRINAÇÃO?

Para Swami Vivekananda, "se havia alguma terra nesta terra que pudesse reivindicar ser a abençoada *punya bhumi*, a terra para a qual todas as almas nesta terra devem vir para prestar contas do *karma*, a terra para a qual toda alma que se encaminha para Deus deve vir para alcançar seu último lar, a terra onde a humanidade atingiu seu mais alto grau em direção à gentileza, à generosidade, à pureza, à calma, acima de tudo, a terra da introspecção e da espiritualidade — era a Índia". Ele proferiu essas palavras com autoridade e sinceridade. Por que ele disse isso? Era simplesmente um elogio? Não era apenas um elogio, mas há uma razão sólida por trás dessa observação de Swamiji. Um lugar sagrado, por exemplo, é aquele que foi o local de nascimento, de *sadhana*, da realização da perfeição espiritual, ou do ministério de um santo ou santos. A Índia tem sido esse lugar. Centenas de santos nasceram e pisaram neste solo. Foi aqui também que a mais elevada filosofia teve seu nascimento, e essa foi a razão de Swamiji considerar a Índia como um todo como uma terra sagrada. Era também seu sentimento mais íntimo.

Diz-se de Swami Ramakrishnananda, um discípulo de Sri Ramakrishna e o primeiro presidente do *Ramakrishna Math* em Madras, que ele considerava sagrado todo lugar onde Swami Vivekananda teria ficado durante sua estada no sul da Índia e se curvava diante dele com grande devoção. Narada, em seus *Bhakti Sutras*, diz: "Esses santos conferem santidade aos lugares de peregrinação."[4] O *Bhagavata* declara: "Não são as águas nem os ídolos de barro ou pedra, que estiveram lá por muito tempo, que tornam um lugar sagrado, mas os santos que os purificam com seu mero olhar (em virtude de Deus residir em seus corações)."[5] A Índia produziu muitos santos e sábios, e é por isso que há inúmeros lugares de peregrinação por todo o país. Da mesma forma, outras religiões também têm seus próprios lugares de peregrinação.

COMO OS LUGARES SANTOS PURIFICAM O HOMEM?

Como dissemos anteriormente, uma pessoa que vai em peregrinação precisa conhecer a história do lugar que vai visitar. Com isso, vem à sua mente as vidas dos santos que o santificaram, da pura devoção desses santos e, através deles, do próprio Deus, pela lei da associação de ideias. O pensamento profundo e constante sobre

---

[4] N.B.S. 69.

[5] Bhagavata, X. 48. 31.

homens santos torna o homem puro. Patanjali, em seus *Yoga Sutras*, afirma que a meditação em um coração puro que renunciou a todo apego leva à tranquilidade da mente[6]. É uma questão de experiência comum que mesmeristas e psicólogos, por sugestão, influenciam pessoas, talvez por um curto período, mas que eles são capazes de fazê-lo não pode ser negado. No entanto, seus poderes são limitados e são usados para fins mundanos. Os psicólogos trabalham cavando no passado do paciente por vários meios e encontram uma sugestão remediadora. Os sábios, por outro lado, quando estão no corpo, criam uma atmosfera ao seu redor carregada de espiritualidade, e isso continua a existir, no lugar onde viveram, por um longo tempo. Atua como um ímã, atraindo pessoas, mesmo ligeiramente inclinadas a uma vida boa, para Deus.

As próprias palavras de Sri Ramakrishna sobre esse assunto são o testemunho mais forte. Ele diz: "Sem dúvida, encontra-se inspiração em um lugar sagrado. Acompanhei Mathur Babu a *Vrindavan*. Hriday e as mulheres da família de Mathur estavam em nosso grupo. Mal vi o *Kaliyadaman Ghat*, uma emoção divina surgiu dentro de mim. Fiquei completamente dominado. Hriday me banhava lá como se eu fosse uma criança pequena."

"Ao anoitecer, eu caminhava na margem do *Yamuna* quando o gado retornava pelas margens arenosas de seus pastos. À visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna brilhava em minha mente. Eu corria como um louco, gritando: 'Oh, onde está Krishna? Onde está meu Krishna?'"

"Fui a *Syamakunda* e *Radhakunda* em uma palanquim e desci para visitar o sagrado Monte *Govardhan*. Mal vi o monte, fui dominado por uma emoção divina e corri para o topo. Perdi toda a consciência do mundo ao meu redor. Os residentes do lugar me ajudaram a descer. No meu caminho para os lagos sagrados de *Syamakunda* e *Radhakunda*, quando vi os prados, as árvores, os arbustos, os pássaros e os cervos, fui tomado por êxtase. Minhas roupas ficaram molhadas de lágrimas. Eu disse: 'Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Você está ausente.'" Sem dúvida, Sri Ramakrishna estava completamente permeado por Deus, saturado de Deus, e todo *sadhaka* pode não esperar alcançar tais alturas de inspiração, mas, de acordo com seu progresso, cada um colherá algum benefício, cada um receberá um empurrão, um impulso para cima.

Sri Ramakrishna também costumava encorajar seus discípulos a praticarem nos vários lugares de sua própria *sadhana*. A conversa que ocorreu entre ele e 'M', o escritor do *Evangelho de Sri Ramakrishna*, sobre o *Panchavati* — o lugar no jardim do templo de *Dakshineswar* onde Sri Ramakrishna realizou intensas práticas espirituais — traz inequivocamente à nossa atenção o valor de permanecer em um lugar sagrado. Um dia, ele disse a 'M', que estava passando a noite em *Dakshineswar*: "Onde você vai dormir? Na cabana em *Panchavati*?" 'M': "Eles não me deixarão ficar no quarto no andar superior do *nahabat*?" 'M' escolheu o *nahabat* porque tinha um temperamento poético. De lá, ele podia ver o céu, o Ganges, a luz da lua e as flores no jardim. Mestre:

[6] Yoga Sutras, 1-37.

“Oh, eles vão deixar você ficar lá. Mas sugeri *Panchavati* porque muita contemplação e meditação foram praticadas lá, e o nome de Deus foi cantado lá muitas vezes.” Isso não sugere que o Mestre recomendou a atmosfera do lugar para ajudar o devoto em sua *sadhana*, em sua tentativa de avançar em direção a Deus?

A PEREGRINAÇÃO É NECESSÁRIA PARA TODOS?

Agora, surge a questão: A peregrinação é necessária para todos? Dois tipos de pessoas não precisam dela. O santo que realizou Deus e o homem que não se elevou acima do nível dos prazeres animais. Este último não obterá qualquer benefício ao visitar tais lugares. A atitude e a aptidão estando ausentes, nenhuma das outras ideias ajuda os homens a se tornarem puros ou a realizar Deus, mesmo que vivam em lugares sagrados. Eles são como peixes e outros animais aquáticos que vivem no sagrado Ganges, ou como as árvores que crescem nos recintos dos templos, intocados por sua santidade[7]. “Assim como a força sem trabalho a fazer ou trabalho a fazer sem força são incapazes de realizar a ação separadamente, mas quando combinados tornam a ação uma certeza, da mesma forma, quando dotado de pureza corporal e mental e ajudado pela santidade do lugar sagrado, se atinge seu objetivo facilmente”[8], diz o *Mahabharata*.

Para o santo, novamente, não há necessidade de qualquer peregrinação, pois ele, tendo alcançado seu objetivo, não tem mais nada a alcançar. “Se ele visita um lugar de peregrinação, é apenas para obter nova inspiração”, diz Sri Ramakrishna. Para as pessoas que estão entre esses dois estágios de evolução, é essencial visitar lugares de peregrinação, com toda a fé e devoção ao seu alcance, como uma espécie de disciplina espiritual. Ao longo da marcha do tempo, vemos até santos e sábios viajando de um extremo da Índia ao outro, suportando todas as dificuldades e tribulações; e assim eles santificaram e, às vezes, descobriram novamente os locais exatos de nascimento e atividades das Encarnações Divinas. Diz-se que foi Sri Chaitanya quem descobriu o local exato dos jogos de Sri Krishna em *Vrindavana*. Eles são como adivinhos espirituais. Eles sentem a atmosfera espiritual de maneira intensa e são capazes de deixar para a posteridade um rico legado, o legado de um lugar sagrado de onde gerações sucessivas poderiam se beneficiar espiritualmente. Portanto, a peregrinação não deve ser pensada como mero desperdício de tempo e energia ou como um desejo ocioso de vagar. Além disso, é possível encontrar nesses lugares alguns *sadhakas* ou almas perfeitas, cuja companhia nos ajudará em nossa marcha adiante e nos transformará completamente. A coisa mais importante, no entanto, é manter o espírito de sacralidade ardendo e adquirir o amor de Deus. Então tudo se tornará fácil, tudo será útil.

---

[7] Satvatasamhita.

[8] Anusasana Parva, 108.20.

COMO SE CONDUZIR APÓS UMA PEREGRINAÇÃO?

Assim como é necessário preparar-se para visitar um lugar sagrado, como já foi dito, também é necessário refletir sobre os pensamentos e emoções puras que são gerados em nossa mente por ocasião de nossa visita a um lugar sagrado. Os conselhos de Sri Ramakrishna a seus discípulos sobre esse assunto são de profunda significância e serão de imenso benefício quando seguidos. Vamos afirmá-lo aqui com as circunstâncias que deram origem às observações.

"Em uma ocasião", escreve Swami Saradananda no *Sri Ramakrishna, the Great Master*, "alguns de nós (devotos) acompanhamos o Mestre a *Kalighat*, para prestar nossa homenagem à Divina Mãe. A manifestação divina especial do *Pithasthana* (lugar sagrado) e Sua manifestação viva na mente e no corpo do Mestre produziram uma alegria extraordinária nos corações dos devotos. No caminho de volta, um de nós teve que ir à casa de seu sogro em resposta a um pedido especial e passar a noite lá. No dia seguinte, quando ele veio ao Mestre, este lhe perguntou onde ele havia passado a noite anterior. E ao ouvir que ele teve que passar a noite na casa de seu sogro, ele disse: 'Ah, o que é isso? Você viu a Mãe e voltou; que grande diferença entre "ruminar" a visão e os pensamentos d'Ela, que você deveria ter feito, e passar a noite como pessoas mundanas na casa de seu sogro! Dever-se-ia "ruminar", em outras palavras, continuar a nutrir os pensamentos que surgem na mente em templos e lugares sagrados de peregrinação. Como esses pensamentos divinos podem permanecer na mente de outra forma?'"

Essa é a maneira de realizar uma peregrinação para colher o máximo proveito dela.

• • • •

Contentamento e Vida Espiritual

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista em inglês *The Vedanta Kesari* – janeiro de 1966.[2]

O primeiro obstáculo que o homem enfrenta na vida espiritual é sua mente. É um obstáculo formidável, mas ao mesmo tempo muito delicado. Requer manuseio cuidadoso. A natureza da mente é volúvel. Até um conquistador do mundo pode ser apenas um escravo de sua mente. Diz-se que a velocidade da mente é a mais rápida que se pode imaginar. Ela se move tão rápido — agora está aqui e, num instante, pode estar pensando na parte mais remota do globo. Além disso, é como uma espada de dois gumes que corta nos dois sentidos. Espiritualmente falando, pode matar ou salvar um homem. Portanto, é preciso ser muito hábil ao usá-la.

Além disso, não é possível medir a volubilidade da mente. Se você visitar um zoológico, notará a inquietação manifesta nos seres enjaulados — especialmente animais selvagens como ursos, tigres e leões — andando em círculos em suas gaiolas. O estado agitado dos macacos é proverbial e não precisa ser repetido. A mente humana é mais irrequieta e agitada do que todos esses. Swami Vivekananda certa vez disse que a mente é como um macaco louco, intoxicado por bebida e picado por um escorpião. A agitação que ocorre em tal macaco é inconcebível. Naturalmente propensa à inquietação, a loucura aumenta enormemente seu desassossego. Qual será, então, seu estado se ficar bêbado e for picado por um escorpião? Podemos ter alguma ideia disso? Sua inquietação não pode sequer ser imaginada. Certamente teríamos pena de tal criatura. No entanto, essa é a própria natureza de uma mente não cultivada, não refinada e descontrolada. Ela voa de prazer em prazer. Mesmo ao dormir, é atormentada pelas impressões que recebe no estado de vigília e é forçada a projetar mil e uma imagens de prazer. No entanto, uma coisa que impede a mente de sonhar perpetuamente é o fato de ela também se deparar com o lado doloroso. É isso que interrompe o sonho e, novamente, é o que interrompe nosso sonho acordado também.

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do original em inglês: *Contentment and Spiritual Life*.

A primeira coisa, portanto, que temos que aprender é que essa volubilidade não serve, que o descontentamento é o lamaçal no qual ficamos presos, que a ambição é um traço que projeta um objetivo que recua rapidamente, um *ignis fatuus*. Talvez a ambição esteja bem para aqueles que mergulham no materialismo. Mas isso não lhes traz felicidade. Pelo contrário, derrama neles o veneno da inquietação, um anseio que se torna insaciável. O conselho de Sri Ramakrishna a um devoto nesse sentido pode ser observado com proveito. Adhar Chandra Sen, quando veio a Sri Ramakrishna, ocupava o cargo de magistrado adjunto, um posto que trazia prestígio naquela época. Ele se apegou muito a Sri Ramakrishna, e o Mestre também o amava. Às vezes, Adhar vinha direto de seu escritório para Dakshineswar, para não perder a companhia do Mestre caso fosse para casa. Mesmo um homem tão devoto certa vez pediu a Sri Ramakrishna que orasse à Divina Mãe para que ele conseguisse o cargo de vice-presidente da Municipalidade de Calcutá. Vamos citar aqui o que o Mestre disse sobre isso.

Mestre (a Adhar): "Você não conseguiu o emprego?"

Para conseguir o emprego, Adhar havia conversado com muitas pessoas influentes em Calcutá.

Mestre (a 'M' e Niranjan): "Hazra me disse: 'Por favor, ore à Divina Mãe por Adhar, para que ele consiga o emprego.' Adhar me fez o mesmo pedido. Eu disse à Mãe: 'Ó Mãe, Adhar tem visitado Você. Que ele consiga o emprego se isso Lhe agradar.' Mas, ao mesmo tempo, eu disse a Ela: 'Como ele é mesquinho! Ele está orando a Você por coisas assim e não por Conhecimento e Devoção.'"

(A Adhar): "Por que você ficou bajulando todas aquelas pessoas mesquinhas? Você já viu tanto; já ouviu tanto! Depois de ler o *Ramayana* inteiro, perguntar de quem Sita é esposa!"

"Fique satisfeito com o emprego que você tem. As pessoas anseiam por um cargo que pague cinquenta ou cem rúpias, e você está ganhando trezentas rúpias!... Sirva a quem você já está servindo. A mente fica manchada por servir a apenas um mestre. E imagine servir cinco mestres!"

Para que o Mestre fizesse tais comentários fortes, duas coisas eram necessárias: o interesse do Mestre pelo bem-estar do devoto e seu desejo de apontar a todos o abismo que aguarda um aspirante espiritual se ele alimentar ambições mundanas. Não há fim para o desejo do homem, e não há como satisfazer todos eles, mesmo que o mundo inteiro com tudo o que há nele fosse seu. Não há satisfação no prazer que vem da riqueza e coisas semelhantes. A paz vem do contentamento, e o contentamento vem de estar satisfeito com o que se tem.

II

Por que ouvimos de todo mestre espiritual que temos que abandonar pensamentos mundanos se somos sinceros em buscar Deus? Cristo disse a um homem rico, que havia pedido para ser iniciado na vida religiosa: "Venda tudo o que você tem, dê aos pobres e então me siga". Sri Ramakrishna disse que "luxúria e ouro" são os dois impedimentos no caminho de um buscador espiritual. Os *Upanishads* também são categóricos em sua declaração: "Nem por ações, nem por descendência e riqueza, mas apenas pela renúncia alguns alcançaram a liberação"[3]. Por que isso é assim? Não pode haver uma *via media*[4]? "Apenas conhecendo Brahman, ultrapassa-se a morte; não há outro caminho"[5], declaram os *Vedas*. Porque, em primeiro lugar, o mundo é um assunto que absorve toda a mente do homem assim que ele se envolve nele. Os bens mundanos podem ser tão tangivelmente abraçados e palpavelmente sentidos e percebidos que é necessário um intelecto muito aguçado para ver dentro e através do caleidoscópio deste mundo. Que o mundo, como um caleidoscópio, é apenas um tubo de vidro com alguns pedaços de material dentro, sem valor algum, mas que atrai pessoas de mentes imaturas repetidamente, é um fato discernido por muito poucos, uma minoria microscópica.

Em segundo lugar, uma mente entregue ao mundo está sempre inquieta, e uma mente agitada não é o meio adequado, não é o terreno adequado para o reflexo da imagem de Deus. Arjuna, o herói de muitas batalhas, confessa que a mente é, como o ar, muito difícil de controlar[6]. É um fenômeno comum, dentro da experiência de todos, que apenas águas sem movimento podem refletir adequadamente os objetos próximos, por exemplo, a paisagem em suas margens. É apenas a água cristalina, que permanece imperturbável ou que não corre em alta velocidade, que nos revela seu leito com suas pedras de mil cores e a vida que abriga em seu ventre. O caso da mente é muito análogo a isso. A menos que a mente esteja calma, não podemos descobrir o que há por trás dela. A menos que seja pura, o reflexo do Supremo é impossível. É por isso que os *Upanishads* nos pedem para afastar pensamentos que não sejam sobre Deus. Eles afirmam que apenas nesse caminho está a ponte para a imortalidade.[7]

---

[3] Kaivalyopanishad, 1.3.
[4] Do latim, caminho médio.
[5] Svetasvataropanishad, 3.8.
[6] Bhagavad Gita, VI.34.
[7] Mundakopanishad, 2.2.5.

III

Os hindus acreditam que o homem vem a este mundo para colher os frutos de suas ações passadas. Eles estão em forma de semente, na forma de propensões ou tendências, em sua mente, e aguardam seu momento, despertando quando as condições se tornam favoráveis. Eles são como os germes de doenças que permanecem dormentes até que o corpo em que residem fique fraco; então atacam com todo vigor. O remédio, portanto, como no caso do corpo, está em manter a mente forte, ou seja, vigilante e atenta. O homem naturalmente fica perturbado se enfrenta uma experiência muito amarga ou eufórica. Essa perturbação faz com que ele perca sua faculdade de discernimento e cometa alguma loucura, da qual pode se arrepender depois. É por isso que a serenidade da mente tem sido tão enfatizada no *Gita*. "Aquele que não se exalta, nem odeia; não lamenta nem deseja, abandona tanto o bem quanto o mal, e é cheio de devoção, ele é querido por Mim."[8] A serenidade da mente, a bondade, o silêncio, o autocontrole e a pureza de pensamento — isso é chamado de austeridade mental.[9]

Austeridade ou *Tapas* é algo quase esquecido na era atual. A tendência moderna é dar rédeas soltas à mente e aos sentidos. As pessoas não suportam restrições em suas ações, nem têm controle sobre si mesmas. Elas se contentam em serem levadas pela maré de suas emoções. Nunca param para pensar nos prós e contras de suas ações; o egoísmo reina supremo. Em suma, o homem está se tornando cada vez mais extrovertido, a própria natureza que torna a mente inquieta e agitada. Na esteira dessa inquietação, o homem corre atrás de mais e novos prazeres até finalmente chegar a um beco sem saída, mas, tendo falhado em cultivar o poder de se recolher em si mesmo, ele, pelo próprio impulso de suas propensões, colide contra a parede, por assim dizer. Dado a um modo de vida que não consegue mais sustentar, o homem perde seu equilíbrio mental, torna-se um neurótico. Portanto, para evitar esse perigo, é bom para todos praticar um pouco de introspecção, um pouco de afastamento do mundo louco dos sentidos.

Sri Krishna, no verso citado acima, fala da serenidade da mente. Como a mente pode ser serena quando a alimentamos e preenchemos a cada momento de nossa vida com material perturbador e distrativo? O caminho não está em perseguir essas distrações, mas em evitá-las. As pessoas mundanas podem acusar tal pessoa de escapismo, mas se ele deseja seu próprio bem, não deve dar atenção a esse tagarelar sem sentido. Um conselho mais sensato é evitar tais tentações. Sri Ramakrishna disse

---

[8] Bhagavad Gita, XII.17.
[9] Ibid., XVII.16.

que as tentações para o homem são como picles para um paciente com febre tifoide. Elas devem ser mantidas fora de vista.

IV

Tendo descoberto a natureza da mente, devemos tentar buscar meios para neutralizar suas tendências prejudiciais. Agora sabemos que existem luxúria, raiva, ganância, ódio, inveja e orgulho, à espreita em nós, e que esses são inimigos mortais do homem. Eles devem ser superados, devem ser vencidos se quisermos tranquilidade de espírito, se desejarmos paz e felicidade. Como fazer isso? Patanjali sugere que uma onda de natureza oposta deve ser colocada contra cada um desses sempre que qualquer um deles tentar levantar a cabeça.[10] Jesus, por assim dizer, reflete os mesmos pensamentos quando diz: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e perseguem."[11] Quando uma onda de raiva surgir, combata-a com o pensamento de amor. Quando o ódio jorrar, desperte a virtude da bondade. Faça isso toda vez que um pensamento errado o oprimir. Mas isso só é possível se cultivarmos constantemente e com diligência virtudes como bondade, humildade, desapego e coisas semelhantes. Uma pergunta pode surgir aqui: Qual é a necessidade de cultivar essas virtudes? Não basta enviar uma onda de natureza contrária quando o pensamento maléfico surgir? Não é tão fácil assim. A vida é uma luta; é uma guerra entre a natureza inferior e a superior no homem. A natureza inferior é sempre forte. Ouvimos nos *Puranas* como os Devas eram, na maioria das vezes, derrotados pelos Danavas, e Deus tinha que vir em seu socorro a cada vez. Essa luta também ocorre dentro de nós. Os demônios das inclinações maléficas estão sempre alertas para minar nossa vida voltada para Deus. Portanto, nossas armas devem estar afiadas, prontas e serem formidáveis para lutar contra esses inimigos. As virtudes são nossas armas aqui e, portanto, devem ser praticadas continuamente até se tornarem parte integrante de nossa natureza. Só então podemos ter certeza de derrotar as inclinações perversas.

Sri Ramakrishna nos dá outro método para superar essas más propensões. "Dirija as paixões para Deus. O impulso da *luxúria* deve ser transformado no desejo de ter comunhão com o *Ātman*. Sinta *raiva* daqueles que impedem seu caminho para Deus. Sinta *ganância* por Ele. Se você deve ter o sentimento de 'eu' e 'meu', então associe-o a Deus. Diga, por exemplo: 'Meu Rama, meu Krishna.' Se você deve ter *orgulho*, então sinta-se como Vibhishana, que disse: 'Toquei os pés de Rama com

---

[10] Yoga Sutras, II.33.
[11] São Mateus, 5. 43-44.

minha cabeça; não vou curvar esta cabeça diante de mais ninguém.'"[12] Essa lembrança constante de Deus muda toda a estrutura da mente dessa pessoa. As paixões então não a incomodam mais. Essa pessoa se torna satisfeita e tranquila. Ela se torna querida pelo Senhor. "Um *yogi* que está sempre contente, cujas paixões estão sob controle, que é de firme determinação, e cuja mente e intelecto são dedicados a Mim e é devotado a Mim, ele é querido por Mim."[13] "Aquele por quem o mundo não é perturbado e que não é perturbado pelo mundo, que está livre de euforia, raiva, medo e ansiedade — ele é querido por Mim."[14] Para ser notado pelo Senhor e ser amado por Ele, o devoto deve tornar seu coração puro, desprovido de todos os outros apegos. Jesus disse: "Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus." A pureza do coração é alcançada excluindo todos os outros pensamentos e tornando-o uni-direcionado; só então o contentamento vem. E o contentamento é o precursor do Conhecimento, da descida de Deus no coração do homem.

Aqui podemos ser questionados: Deus é parcial, então? Por que nem todos são queridos por Ele? O Gita nos deu a resposta. "O Senhor não aceita os deméritos ou méritos de ninguém; mas o conhecimento (de que o Senhor é o mesmo para todos) está coberto pela ignorância; por causa disso, eles ficam iludidos. Mas aqueles cuja ignorância foi destruída pelo conhecimento do Ser — seu conhecimento, como o sol, manifesta aquele Ser Supremo." Portanto, não é que Deus seja parcial, mas que nós não O buscamos. O que quer que desejemos, isso nos é dado. Se buscamos as coisas do mundo, as obtemos, mas junto com elas virão também os males do mundo. Uma história popular que encontramos nos *Puranas* pode ilustrar bem esse fato. Uma vez, quando os deuses haviam perdido tudo para os demônios e estavam profundamente desanimados, o Senhor Vishnu lhes disse para agitarem o Oceano de Leite para produzir néctar, bebendo o qual os mortais se tornariam imortais. Uma espécie de pacto foi firmado entre as duas partes em conflito, os deuses e os demônios, para esse fim, e, fazendo de Vasuki, uma enorme serpente, a corda, e a montanha *Mandara* o bastão de agitação, eles agitaram o Oceano de Leite. Mas a primeira coisa a sair não foi o néctar, mas um veneno virulento, cujo mero vento sufocou e tornou a vida dos deuses e demônios igualmente miserável. Os deuses então se refugiaram em Shiva e oraram para que ele os salvasse daquele tormento. A história diz que o grande Deus bebeu o veneno e livrou o universo de seu sofrimento. Muitas outras coisas surgiram desse grande esforço, mas o néctar foi o último a ser produzido. Essa história nos diz que as coisas cobiçadas aqui não são desprovidas de sofrimento. Prazer e dor andam juntos; quem aceita o prazer deve aceitar a dor também; ele não pode evitá-la. Sri

[12] The Gospel of Sri Ramakrishna, p.155 (1948).
[13] Bhagavad Gita, XII.14.
[14] Bhagavad Gita, XII.15.

Krishna diz no Gita: "A felicidade que é derivada do contato dos sentidos com seus objetos, que tem gosto de néctar no começo, mas com efeito age como veneno, é de natureza *rajásica*."[15] Por outro lado, "aquela felicidade que no começo tem gosto de veneno, mas com efeito age como néctar, é chamada de alegria *sáttvica* e nasce da tranquilidade e pureza da mente."[16] Sabendo disso, devemos orar e nos esforçar para alcançar a pureza do coração.

V

No entanto, há um descontentamento, uma inquietação que não é prejudicial para um aspirante espiritual: o descontentamento divino — a inquietação para ver Deus, o anseio para sentir Sua presença. Essa inquietação, ao contrário, é um antídoto para a outra. Aqui não há desvio do que nos amarra. É, antes, um retorno ao rebanho, um voltar para casa. Mas esse descontentamento vem a um em um milhão, após anos de austeridade e prática. Pessoas comuns têm que seguir em frente e tentar acalmar o tipo inferior de descontentamento. Pois o primeiro descontentamento leva você em direção a Deus, e o último o envolve no mundo. Lembrando disso, vamos nos esforçar para nos libertar desse cativeiro, desse *Samsara*.

• • • •

[15] Ibid., XVIII.38.
[16] Ibid., XVIII.37.

AUTOABNEGAÇÃO

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – julho de 1963[2]

A Vida como Arquitetura

"O homem é o arquiteto de seu próprio destino", disse Swami Vivekananda. A vida é realmente uma arquitetura. Ela corresponde substancialmente à descrição de Ruskin: "Arquitetura é a arte que dispõe e adorna os edifícios erigidos pelo homem de forma que sua visão possa contribuir para sua saúde mental, poder e prazer."[3] Mas aqui o edifício é o caráter do homem. Ele não apenas dá prazer ao construtor, mas também àqueles que ocasionalmente entram em contato com ele. Seu poder não é para escravizar ou destruir, mas para animar e enriquecer. Não é prazer sensual o que se obtém ao entrar em contato com uma vida pura. É, podemos quase dizer, de outro mundo, etéreo. É edificante e enobrecedor. Novamente, como Ruskin diz sobre construção e arquitetura, há uma vasta diferença entre uma vida comum e uma vida construída com um propósito: embora todas as pessoas vivam, apenas vivem frutiferamente aquelas que vivem com uma perspectiva, uma visão.

A Mente como Ferramenta

A arquitetura não surge do nada. Ela requer material e ferramentas para ser produzida. Quais são as ferramentas e os materiais que compõem essa arquitetura da vida do homem? Como dissemos, o edifício da vida do homem é seu caráter. É uma estrutura que não é percebida pelos olhos físicos, mas pela mente. Para citar Sri Ramakrishna: "Não se crescem dois chifres num homem quando se torna grande." Nem a aura ao seu redor ofusca ou fere os olhos dos mortais comuns como os raios do sol. São necessários olhos mais treinados, os de um *yogi*, para discernir tal fenômeno. Em suma, nenhuma transformação física observável ocorre no homem

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Self-Abnegation*.

[3] *Seven Lamps of Architecture.* Pub.: George Allen, London, Seventh Edition (1898), p. 13.

quando ele constrói seu caráter; mas a alquimia interior será maravilhosa. Sri Ramakrishna costumava dizer: “O toque da pedra filosofal transforma a espada de ferro em ouro. A forma não muda, mas ela já não pode cortar.” Da mesma forma, a paz resultante que flui na esteira de uma vida pura é seu único indicador, seu único critério.

Agora, sendo a estrutura do caráter sutil, segue-se naturalmente que as ferramentas também devem ser mais finas. A mente é tal instrumento. Na filosofia indiana ela é apropriadamente chamada de *antahkarana*, o instrumento interior. É o único instrumento que, em grande parte, controla os outros instrumentos — os sentidos. Instrumentos também, e não apenas material, entram na formação de um produto. A excelência do produto e a rapidez com que ele é produzido dependem, em grande medida, dos instrumentos de precisão disponibilizados ao operário. Sem a roda e o eixo, um oleiro pode fabricar alguns potes, mas eles não terão o acabamento que se espera. Com um cinzel cego podemos quebrar uma pedra, mas não esculpir uma imagem. Da mesma forma, com uma mente embotada ou uma mente que se satisfaz com coisas mundanas, nada de valor se materializará. Tais mentes requerem purificação: afiação, submissão e, às vezes, tratamento com calor, usar o martelar e têmpera. O arquiteto faz tudo isso com suas ferramentas, seja ele mesmo ou enviando-as ao ferreiro. Mas, sendo a mente sutil, ela não pode ser fisicamente submetida a testes rigorosos como se faz com essas ferramentas.

O Sacrifício como Pedra de Afiar da Mente

Qual é o caminho? Nossos antigos descobriram os métodos. As escrituras quase diziam: “Se você quer desfrutar, por que se satisfazer com estas coisas mortais e por um breve período? Vá ao céu e desfrute de coisas divinas e imperecíveis por um longo tempo.” Mas havia algumas condições. Você teria que restringir seus prazeres aqui. Teria que adquirir qualidades divinas. Teria que adquirir mérito para ir ao céu, para ser um entre os deuses, e para isso prescreveram certos deveres e sacrifícios. Ordinariamente, o homem pensa em si mesmo e é muito centrado no ego. Ele abraça sua riqueza e reluta em se desfazer dela. Ele a acumula e, quanto mais acumula, mais deseja. Ele não pensa além de seu próprio círculo familiar. E quando a aquisição se torna o único objetivo de sua vida, ele joga a decência ao vento e se rebaixa a qualquer meio. Tal tendência é perigosa, diria até destruidora. Isso precisava ser combatido. Então o homem foi ensinado a viver uma vida de mérito: a “guardar tesouros no céu”. Foram-lhe impostos certos deveres: dever para com os pais, para com os *Rishis*, para com os *devas*, para com os vizinhos e até para com os animais, cada um dos quais servia para liberalizá-lo, para abrir as janelas de sua mansão mental fechada, e trazer novas visões. Isso o tirava de sua concha; fazia-o compartilhar suas coisas com os

outros e tornar-se mais humano. Ajudava-o a se elevar acima do nível animal. Assim, o sacrifício desempenhava o papel do fogo, do martelo e da pedra de amolar para moldar, temperar e afiar a mente.

O Significado do Sacrifício

Nesta ideia de sacrifício encontra-se a semente da autoabnegação, da autonegação. Pois, tudo o que era considerado mais cobiçável na Terra pelo homem, era ordenado que fosse oferecido ao Senhor. O homem era assim ensinado a renunciar às suas reivindicações sobre coisas desejáveis, não apenas sem ressentimento, mas voluntariamente. Pode ser que, no início, haja um desejo oculto no coração do sacrificador por ganhos no outro mundo, mas, aos poucos, ao perceber que até mesmo os céus são impermanentes, que até mesmo o que se desfruta naquelas regiões não é melhor do que aqui, esses desejos de prazer aqui e no além são aniquilados. Tendo aprendido a renunciar, nenhum sacrifício torna-se então grande demais para ele. Ele coloca a necessidade do outro antes da sua própria. "Assim, somente pelas obras deve o homem desejar viver cem anos aqui. Este é o único caminho para ti que desejas não te enredar pelos efeitos da ação aqui"[4], diz o *Isavasya Upanishad*. Sri Krishna expressa poderosamente essa ideia no *Gita* assim: "Neste mundo, a ação que não é feita como sacrifício conduz à escravidão."[5]

Qualquer que tenha sido o significado com que a palavra *yajña* (sacrifício) foi usada no início, ela passou a ter um sentido mais amplo com o passar do tempo. O sentido já não se restringe à execução de alguns rituais no fogo. Sri Krishna amplia e estende o significado de sacrifício quando afirma: "Há aqueles que sacrificam por meio de oferendas; outros que sacrificam por meio da penitência; outros ainda, por meio do *yoga*; e alguns, de votos austeros, que sacrificam através do estudo e do conhecimento das Escrituras."[6] Sua lista não termina aí, mas o que ele implica é que tudo aquilo que ajuda o homem a expandir seus horizontes mentais e seu coração é sacrifício. Toda ética, toda moralidade, todas as religiões ensinam uma só coisa: o autossacrifício. Swami Vivekananda diz: "Este *Nivritti* é a base fundamental de toda moralidade e de toda religião, e a perfeição disso é a total autoabnegação — estar pronto para sacrificar mente e corpo e tudo por outro ser." E novamente ele repete: "Primeiro mate seu eu, e depois tome o mundo inteiro como seu eu; como os antigos cristãos costumavam dizer, 'o velho homem deve morrer'. Esse velho homem é a ideia egoísta de que o mundo todo foi feito para nosso prazer." Quando dizemos "Seja feita a Tua vontade", devemos ter sacrificado nosso eu à vontade do Senhor. Isso é

---

[4] Isa Up. 2.
[5] Bhagavad Gita, 3. 9.
[6] Ibid., 4. 28.

autoabnegação, autossacrifício, o sacrifício supremo que o homem pode fazer. Sem esse sacrifício, ninguém pode ser verdadeiramente religioso. É tornar-se completamente altruísta. Buddha não ensinou nada além de autossacrifício. Ele estava pronto a oferecer-se até mesmo por causa de um animal. Não havia limite para sua autoabnegação.

A verdadeira Autoabnegação

Swamiji nos conta uma bela história para nos mostrar o que realmente constitui um sacrifício — apresentamos aqui um resumo dela: "Certa vez, os irmãos Pândavas realizaram um grande sacrifício. Presentes ricos foram oferecidos, e muitas riquezas foram gastas. As pessoas ficaram maravilhadas e declararam que o mundo jamais havia visto algo semelhante. Mas apareceu um pequeno mangusto, metade de seu corpo dourado e a outra metade marrom. E ele começou a rolar no chão do salão sacrificial. De repente, exclamou: 'Isto não é um sacrifício'. As pessoas ficaram espantadas e exigiram dele a razão de tão dura observação. Em resposta, disse: 'Havia uma vez uma pequena aldeia, e nela morava um pobre brâmane com sua esposa, seu filho e a esposa do filho. Eles eram muito pobres e viviam de pequenos dons recebidos por ensinar e pregar. Então veio uma fome que durou três anos, e o pobre brâmane sofreu mais do que nunca. Por fim, depois de vários dias de fome, o pai conseguiu certa manhã um pouco de farinha de cevada, que obteve com muita sorte, e dividiu-a em quatro partes, uma para cada membro da família. Eles prepararam a refeição, e, justo quando iam comer, ouviram uma batida na porta. O pai abriu, e ali estava um hóspede. O pobre brâmane convidou-o a entrar e lhe ofereceu sua porção de comida. O hóspede comeu, mas sua fome não foi saciada. Então, um por um, os demais membros da família ofereceram-lhe sua comida, e quando o último bocado foi consumido, o hóspede partiu, abençoando-os. Naquela noite, os quatro morreram de fome. Alguns grãos da farinha haviam caído no chão, e quando rolei sobre eles, metade do meu corpo se tornou dourado, como vocês veem. Desde então, tenho viajado pelo mundo, esperando encontrar outro sacrifício como aquele, mas não encontrei nenhum; em nenhum outro lugar a outra metade do meu corpo se transformou em ouro. É por isso que digo que isto não é um sacrifício.'"

Somos propensos a perder a moral da história se a lermos casualmente, como uma fábula. Cada palavra dela é significativa. O cenário é uma aldeia simples, as pessoas retratadas são pobres, e o contexto é um tempo de provação extrema. Não havia fanfarra de um sacrifício; não havia multidão a aplaudir, nem mesmo a menor possibilidade de alguém tomar conhecimento do que ocorreu. Foi um sacrifício realizado em silêncio, sem qualquer motivo egoísta. Isso é autoabnegação; isso é o

verdadeiro sacrifício. Compreenderemos melhor o pensamento de Swamiji se o colocarmos lado a lado com outra de suas afirmações maravilhosas: "Até mesmo idiotas podem se levantar para ouvir os louvores de si mesmo, e covardes podem assumir a postura de valentes quando tudo tem garantia de dar certo, mas o verdadeiro herói trabalha em silêncio."

Utilidade da autoabnegação

Chegamos agora à questão da utilidade dessa virtude chamada autoabnegação. A geração atual é muito calculista. Quer saber o que obterá em troca de qualquer esforço que empreenda. E, necessariamente, quer um retorno em forma tangível. Pois perdeu a fé na existência do outro mundo; os céus já não lhe seduzem. As pessoas desta era querem tudo aqui e agora. Nessas circunstâncias, a autoabnegação parece não ter utilidade prática. Se alguém tiver de sacrificar tudo pelo outro, que alegria, que prazer resta a se obter neste mundo? Mas nossas escrituras declaram exatamente o contrário:

"Renunciando a tudo isso, pode desfrutar. Não cobices a riqueza de ninguém.", exorta a *Śruti* (*Isavasya Upanishad 1*).

O que significa isso? Não soa estranho? Alguém já desfrutou de algo ao renunciar a isso? Para responder a essas perguntas, precisamos questionar a nós mesmos: Quem já desfrutou plenamente? Quem já disse: "Tive o suficiente; não quero mais; estou em paz por ter desfrutado das coisas do mundo"? Onde está o homem que pode afirmar que foi totalmente bem-aventurado o tempo todo? Tomemos aquele episódio da vida de Buddha, quando uma jovem mãe, profundamente angustiada com a morte de seu único filho, veio até ele e implorou para que revivesse seu querido. 'Mãe', ele disse, 'traz-me algumas sementes de mostarda branca de uma casa que não tenha conhecido o luto, e eu reviverei teu filho.' Assim, ele a deixou descobrir por si mesma que a dor e a alegria se alternavam neste universo, e que havia mais miséria nele do que alegria. Ela não teria escutado o Buddha se ele lhe tivesse dado um sermão quando sua dor estava aguda; quando a ferida estava fresca. Mas quando ela soube por si mesma, por sua busca, que não existia um lar onde não tivesse havido alguma catástrofe em algum momento, as poucas palavras que saíram dos lábios do Bem-Aventurado foram suficientes para curá-la de sua dor e para lhe mostrar a transitoriedade destes objetos mundanos. Tesouros terrenos não podem dar alegria a ninguém. Mesmo que a riqueza de toda a Terra fosse entregue a um homem, ele ainda desejaria mais. Não há fim para o seu desejo. Portanto, é apenas poético dizer que o homem fica feliz ao satisfazer seus desejos. A bem-aventurança pura não é deste mundo. E sobre a bem-aventurança do outro mundo e o estado de estar além do corpo (*jivanmukti*), só podemos saber pelas escrituras e por pessoas realizadas.

Neste ponto podemos ser questionados: E quanto àqueles que não acreditam em um Deus, mas apenas em serem moralistas? Mesmo no caso deles, não temos hesitação em repetir o que já dissemos, que a autoabnegação forma a base, o alicerce de toda a moralidade. Enquanto o homem disser 'eu' primeiro e todos os outros depois, não pode haver moralidade. Se todos clamassem por seu próprio direito exclusivo e prioridade, não haveria moralidade, mas brutalidade; o forte dominaria o fraco, tentaria esmagá-lo. As observações categóricas de Swamiji neste contexto merecem destaque: 'A palavra de ordem de todo bem-estar, de todo bem moral, não é "eu", mas "tu" ... Esqueçam-se de si mesmos; essa é a primeira lição a ser aprendida, seja você teísta ou ateu, seja você agnóstico ou vedantista, cristão ou maometano. A única lição óbvia para todos é a destruição do pequeno eu e a construção do Eu Real.'

Além disso, não é verdade que os homens não estejam conscientes desta ideia de autoabnegação ou que ela esteja totalmente ausente na generalidade da humanidade. O mundo teria se despedaçado se fosse esse o caso. Em cada indivíduo podemos encontrar estas duas forças, aquisição e abnegação, coexistindo lado a lado. Mesmo nos animais podemos observar essas características. O tigre que mergulha suas presas no sangue humano está pronto para dar sua vida por seus filhotes. O homem que comete assassinato está pronto para sacrificar sua vida para servir sua esposa e filhos. Portanto, o que se deseja é a aplicação ampliada dessa ideia de autoabnegação. Não a limite ao círculo da família, a quem você considera como seus; ou, se tiver que fazê-lo, faça do mundo inteiro sua família, seus próprios; ou 'envolva tudo neste universo pelo Senhor'[7], como afirma o *Upanisad*. Pois, como observa Swamiji: 'Essa renúncia é o único poder positivo no universo. A outra (aquisição) é apenas o uso mal orientado do poder do amor.'

E é um poder tremendo — essa autoabnegação. Todas as cabeças se inclinam diante de um homem de autossacrifício. Era o ideal do brâmane nos tempos antigos. Ele nunca acumulava dinheiro, nunca se dedicava a ganhá-lo. Sua profissão era ler as escrituras e ensiná-las gratuitamente — não por qualquer consideração — aos que vinham até ele. Os modestos presentes que ele recebia serviam para manter a si mesmo e seus alunos. Assim, a instituição da casta brâmane simbolizava o supremo autossacrifício. Sua era uma vida de austeridade e penitência, e foi por isso que o brâmane recebeu posição tão elevada na sociedade.

Autoabnegação versus egoísmo

Nossa valorização da autoabnegação não estará completa se não for contrastada com seu oposto, a aquisição. Antes de prosseguir para dizer o quão prejudicial essa

---

[7] *Isa Up.* 1

aquisição é na vida espiritual, vejamos como ela ajudou ou arruinou o mundo. A história nos conta o que esse demônio da aquisição fez quando penetrou nas veias das nações. Países foram invadidos, sangue correu em rios, cidades foram saqueadas, pessoas foram escravizadas e massacradas. O homem, a imagem viva de Deus, reduziu-se a um ser muito pior do que um animal desprezível. As sementes das guerras mundiais podem ser rastreadas até essa aquisição, até esse egoísmo. No caso da religião também foi o mesmo, apenas esse egoísmo passou a se chamar fanatismo em seu caso. Este é o retrato cru e macabro do egoísmo. Qual será então a escolha da humanidade: aquisição ou autoabnegação? Dessa escolha dependerá o futuro da humanidade.

Na vida do indivíduo também é a posse que torna o homem egoísta. O egoísmo gera apego, torna-nos escravos, e isso, por sua vez, gera sofrimento. Nosso objetivo é a liberdade do sofrimento, a liberação. Portanto, certamente a aquisição não é o caminho para isso. Sri Ramakrishna, com sua simplicidade e franqueza características, narra uma parábola para mostrar em que tumulto esses desejos nos lançam: 'É narrado no *Bhagavata* que o *Avadhuta* teve vinte e quatro gurus, um dos quais era uma águia. Em certo lugar, os pescadores estavam pescando. A águia mergulhou e arrebatou um peixe. Ao verem o peixe, cerca de mil corvos perseguiram a águia e fizeram grande barulho com seus grasnados. Para onde quer que a águia voasse com o peixe, os corvos a seguiam. ... Quando a águia começou a voar em confusão, eis que o peixe caiu de sua boca. Os corvos imediatamente deixaram a águia em paz e voaram atrás do peixe. Assim, aliviada de suas preocupações, a águia sentou-se no galho de uma árvore e pensou: "Aquele peixe miserável estava na raiz de todos os meus problemas. Agora me livrei dele e, portanto, estou em paz."' Da mesma forma, os sofrimentos do homem não têm fim enquanto ele não abandonar seus desejos, que surgem da ideia de posse, de egoísmo, do 'eu' e do 'meu'.

Conclusão

Para concluir, vamos relembrar o que Swami Vivekananda diz sobre a autoabnegação. Ele declara inequivocamente: 'Sem essa renúncia, nenhum *yoga* é possível.' Ao renunciar a esse pequeno eu, podemos conhecer o Eu Superior. Ao alcançá-lo, o homem torna-se bem-aventurado, liberado e desfruta da 'paz que excede todo entendimento' ainda aqui na terra. Que utilidade melhor pode haver do que essa? Além disso, o possuidor de completa autoabnegação torna-se um poder que ilumina os caminhos para Deus. Tal é a força da virtude da autoabnegação.

• • •

A LEMBRANÇA DE DEUS

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – novembro de 1965[2]

UM dos meios eficazes pelos quais se pode alcançar a liberação das amarras deste mundo é pela prática constante da presença de Deus, dizem os santos de todas as religiões e de todos os tempos. Geralmente, o homem está consciente do mundo físico, o mundo que pode ser apreendido pelos cinco sentidos: audição, tato, visão, paladar e olfato. Sua avaliação deste mundo na era presente é que ele é apenas uma entidade material. Ele nem mesmo o vê como criação de Deus. Sem dúvida, ele é movido e seduzido por seu panorama em constante mudança. O belo pôr do sol sobre um lago ou mar, as maravilhosas cores e extensão do arco-íris, a luz fresca da lua em uma noite silenciosa, cada um desses pode levá-lo ao êxtase. O murmúrio suave de um riacho e o doce canto dos pássaros acalmam seus nervos e, por vezes, o lançam em um êxtase, por assim dizer. No entanto, tudo isso pode tocar apenas a parte superficial nele, ou seja, seus sentidos e, até certo ponto, sua mente também. Ele pode lembrar-se desses momentos por toda a vida como momentos de alegria desinibida e inexprimível. Mas eles não lhe permitem fazer uma marca mais profunda em sua personalidade se não conseguem tocar algo do ser espiritual nele. A suscetibilidade de tal pessoa à Natureza é apenas passageira. No momento seguinte a uma experiência tão elevada, ele pode se lançar em algum ato covarde ou ação pervertida, sem qualquer remorso, se não acreditar em um propósito superior da vida, em um destino mais nobre do homem, em um Ser que vive em todos os seres e testemunha tudo. No entanto, essa influência da Natureza não é desconsiderada na vida espiritual. Na verdade, o primeiro êxtase de Sri Ramakrishna, que ocorreu quando ele era um menino de sete anos, pode-se dizer que foi induzido pela Natureza, quando um bando de garças brancas passou voando através das nuvens sombrias no vasto céu de uma vila, sem ser impedido por arranha-céus e a poeira e fumaça das cidades industrializadas. Mas, na maioria das vezes, o homem não se esforça para olhar além

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Remembrance of God*.

das aparências, além do mundo fenomênico. É por isso que seus merecimentos também são do mundo. Não se pode alcançar o Além, o Eterno, recorrendo ao efêmero, diz Yama, o Senhor da Morte, a Naciketa na *Kathopanisad*. É também a experiência de todos neste mundo: como você semeia, assim você colhe. O que, então, deve-se fazer? Deve-se abandonar tudo? Sri Ramakrishna diz aos chefes de família que eles devem abandonar mentalmente. Ele diz: "Agarre-se a Deus com ambas as mãos quando não estiver ocupado com seus deveres. E faça até mesmo seus deveres com uma mão ainda segurando Seus pés de lótus." E aos aspirantes que não estão sobrecarregados, pede-se que abandonem não apenas mentalmente, mas também exteriormente. O que acontece a um homem que se apega a suas posses e relações é descrito vividamente por Sri Ramakrishna: "Mesmo em seu leito de morte, uma pessoa apegada à sua riqueza pede aos que estão ao redor que baixem o pavio da lâmpada e não desperdicem tanto o óleo."

As pessoas falam em abandonar tudo no final da vida, como se fosse tão fácil quanto descartar roupas gastas. Os apegos às coisas crescem gradualmente em sua pele, por assim dizer, ou melhor, vão ainda mais fundo, penetram na própria medula dos ossos, envolvem todo o seu ser. E pensar em abandonar essas atrações e posses no final da vida seria como ter seus ossos quebrados ou sua respiração sufocada. Mesmo quando em pleno vigor da juventude e da vida, nossos pensamentos giram em torno de nosso baú de tesouros. É então possível abandonar esse apego quando velho e frágil? Que os jovens não se iludam pensando que podem dedicar o fim de sua vida a Deus. Devemos ouvir os sábios que exortam: "Aplique-se diligentemente àquilo que é auspicioso, pois, verdadeiramente, quem sabe quando a morte nos arrebatará?"

Não pode haver duas opiniões sobre a duração da vida. Mesmo cento e vinte anos, que talvez seja o limite que um homem pode viver com saúde, são insuficientes para cumprir todas as ambições e desejos deste mundo. Que a vida é curta, até agnósticos e ateus admitem. Cabe ao homem fazer uso adequado de sua vida, para ir além da transmigração, para se afastar da roda do *samsara*. Novamente, se acreditarmos nas escrituras, que são autoridades em relação a tudo o que está além da compreensão humana, temos que aceitar que aqueles cujas ações são mais semelhantes às dos animais nesta vida provavelmente assumirão o nascimento de animais na próxima encarnação. "Por boas ações, alcança-se nascimentos superiores; por ações más, nascimentos inferiores; e por uma mistura de ambos, obtém-se o nascimento humano"[3], diz o *Prasna Upanisad*. O *Chandogya Upanisad* afirma que "pessoas com ações meritórias nascem como *Brâmanes*, *Kshatriyas* ou *Vaishyas* (homens de temperamento piedoso), enquanto aqueles de ações más nascem como

---

[3] Pr. Up. 3, 7

animais, como cães, porcos e semelhantes. Mas aqueles que não se enquadram em nenhuma dessas duas categorias seguem o terceiro caminho, de existências breves, como insetos e vermes, repetidamente"[4].

Também é razoável supor que aquilo em que alguém pensa constantemente, nisso se torna. Se há desejos no homem que não podem ser satisfeitos no corpo humano [atual]**, é natural que um corpo adequado deva ser projetado, após a dissolução do corpo humano, para desfrutar desses desejos.** Sri Krishna declara categoricamente: "Pensando em qualquer pensamento ao deixar o corpo, o homem vai para aquela forma, devido à sua contemplação incessante sobre ela"[5]. Esta é a razão pela qual Sri Sankara, no início do *Vivekachudamani*, exalta tanto o nascimento humano: "Raro é este nascimento humano; mais raro ainda é nascer como homem; ainda mais raro é nascer com boas tendências; mais rara ainda é a inclinação para a conduta correta enunciada pelos Vedas; superior a isso é o conhecimento das escrituras; acima disso está a capacidade de discriminar entre o Ser e o não-Ser, a experiência de Brahman e permanecer estabelecido n'Ele. (E isso é liberação.) Esta liberação não pode ser obtida exceto pelos méritos bem-conquistados de cem milhões de nascimentos"[6].

Tendo nascido neste mundo imperfeito, temos de alguma forma nos livrar das limitações impostas a nós por todos os lados e de todas as maneiras. E superar essas limitações de uma vez por todas é chamado de *mukti*, liberação.

Da discussão anterior, sabemos como nos tornamos presos. Mas nela também está o caminho para sair. Se nos enredamos e nos prendemos pensando em coisas efêmeras, naturalmente segue-se que, contemplando o Divino, o Supremo, o Eternamente Puro, o Eternamente Consciente, o Ser Eternamente Livre, também absorvemos todas essas qualidades em alguma medida, até que finalmente o fascínio dos fenômenos desaparece em segundo plano e começamos a ver aquele Ser onipresente em tudo.

Sem dúvida, é difícil alcançar o objetivo, mas por isso não se deve negligenciar totalmente o caminho. Sri Krishna diz que até um pequeno ato de retidão salva alguém de uma grande catástrofe.[7] Nem todos neste mundo são dotados dos mesmos dons de saúde, força e intelecto. Assim, cada um pode começar, à sua própria maneira humilde, a trilhar o caminho, e o mais fácil de todos é a lembrança de Deus.

Como fazê-lo? A cada momento de nossa vida, estamos fazendo algo, imaginando algo ou planejando algo. Não há um instante em que possamos viver sem atividade, seja mental ou física. Até o homem mais preguiçoso estará ativamente

---

[4] Chandogya Up, V. x 7-8

[5] Gita. 8 .6.

[6] Vivekachudamani 2.

[7] Gita, 2. 40.

sonhando com alguma grande fortuna. A inatividade é uma impossibilidade neste mundo, exceto para pouquíssimos, cujo número pode ser contado nos dedos. "Sua própria existência estará em perigo se você não trabalhar[8]", diz Sri Krishna a Arjuna. Portanto, o trabalho não pode ser uma desculpa para não pensar em Deus. "Tudo o que fizeres, tudo o que comeres, todo sacrifício que ofereceres, toda dádiva que deres, toda austeridade que praticares, ó filho de Kunti, oferece tudo a Mim"[9], enfatiza Sri Krishna. Quando você começa uma tarefa, invoca Suas bênçãos; quando a termina, a oferece a Ele. Você não anseia por resultados, pois estes também são dedicados a Ele. Assim, você se liberta dos frutos de sua ação. O trabalho e seus resultados não têm mais poder para aprisioná-lo. Você não tem nada a ganhar nem a perder — é apenas um instrumento d'Ele. Essa atitude é extremamente benéfica: ela subjuga o ego e, se praticada constantemente, pode até aniquilá-lo.

Não é possível lembrar-se de Deus sempre se O contemplamos apenas para buscar benefícios e depois O esquecemos completamente. Em cada ação e pensamento, Ele deve ser lembrado. Até o que comemos deve ser oferecido a Ele — justamente o momento em que as pessoas tendem a esquecê-Lo, seja pela atração do sabor da comida ou por outras circunstâncias. Um poeta cantou: "Considere o que você come como uma oferenda à Mãe Divina." Essa é a atitude que devemos cultivar. O Senhor diz no Gita: "Como *Vaiśvānara* (o fogo digestivo), Eu habito nos corpos dos seres.[10]" Eis uma sugestão para nossa contemplação: o que comemos pode ser visto como uma oferenda a Ele.

"Quando você se deita, pense que está se prostrando diante do Senhor". Quando dá algo, pense que está oferecendo a Deus. Ele não vive em todos os seres? Este mundo é Sua criação, e tudo nele deveria nos lembrar d'Ele. Em vez disso, nos encantamos e nos prendemos a seu glamour, esquecendo-nos do Criador. É aí que perdemos o controle sobre a mente. A mente tenta nos afastar de nosso ser real, de Deus. Por quê? Porque, diz o *Upaniṣad*, ela foi criada com a tendência de se voltar para fora, junto com os sentidos[11]. Os sentidos apresentam à mente tantas coisas sedutoras que, se não for bem controlada pela faculdade discriminativa, ela cai vítima dessas imagens atraentes e, inevitavelmente, esquece Deus.

Fazemos peregrinações e sacrifícios com motivos ocultos: para obter descendência, desfrutar dos prazeres do céu ou conquistar fama nesta terra. Mas no que resulta tudo isso? Nada disso — trabalho, filhos ou riqueza — pode colocá-lo no caminho da liberação. Somente renunciando a tudo isso o homem a alcança.[12]

---

[8] Ibid, 3. 8.
[9] Ibid., 9 27
[10] Ibid., 15, 14.
[11] Kathopanisad, 4 1.
[12] Kaivalyopanisad. I. 3

O homem, inclinado a viver no mundo, não pode de repente atingir a perfeição em qualquer método de aproximação a Deus. Ele deve lutar e se esforçar, sem jamais relaxar. É como nadar contra a correnteza: se parar os esforços, és arrastado uma milha ou mais antes que possas compreendê-lo ou recuperar o fôlego. Sri Ramakrishna dá o exemplo de um barqueiro para ilustrar como se deve lutar para ver Deus. Enquanto o barco está nos meandros sinuosos do rio e o vento lhe é contrário, ele rema e permanece alerta, desviando-se dos bancos de areia e rochas ocultas. Mas uma vez que alcança a corrente principal, pode deixar de remar, desfraldar a vela ao vento favorável e desfrutar de um cachimbo. A corrente principal significa estar plenamente imbuído do pensamento de Deus; o vento favorável é a graça de Deus. Quando estas duas coisas se combinam, nada pode perturbar o devoto. Ele pode ter certeza de alcançar o objetivo.

Neste contexto, Sri Ramakrishna cita outro exemplo: o de um ourives em sua tarefa de fundir ouro. O ourives usa o fole, o tubo e o leque para gerar o calor necessário para derreter o ouro. Mas uma vez cumprida a tarefa, senta-se e desfruta do descanso pelo tempo que precisar.

Patanjali diz que o progresso na vida espiritual é proporcional à luta empreendida. Sri Ramakrishna afirma que nada pode ser alcançado por quem diz que tudo acontecerá com o tempo e não pratica coisa alguma.

Surge então uma dúvida: Homens têm praticado longa e arduamente antes de ter um vislumbre de Deus. É então possível vê-Lo apenas praticando Sua presença ou lembrando d'Ele constantemente? Bem, houve santos que atingiram esse estado unicamente pela lembrança de Deus. Mas sua lembrança era genuína. Usando uma expressão de Sri Ramakrishna, "não havia roubo na câmara de seu coração". Entregaram-se por completo, sem reservas.

A lembrança de Deus pode parecer uma prática insignificante, que não vale o esforço. Mas se refletirmos mais profundamente, veremos que não é tão fácil quanto parece. Envolvido nos deveres do mundo, o homem esquece Deus completamente. E mesmo que pronuncie Seu nome, podem mover-se apenas os lábios, sem tocar o coração — sua adoração estará noutro lugar. Sri Ramakrishna contava uma história para ilustrar isto: Certa vez, Narada, orgulhoso de ser um grande devoto do Senhor, foi a *Vaikuntha* (morada de Narayana). O Senhor, conhecendo o pensamento de Narada, disse: "Narada, vai a tal lugar. Um grande devoto meu vive ali. Cultiva sua amizade, pois ele é verdadeiramente dedicado a Mim." Narada foi e encontrou um camponês que se levantava cedo, pronunciava o nome de Hari (Deus) apenas uma vez, pegava o arado e trabalhava a terra o dia todo. À noite, deitava-se após pronunciar o nome de Hari mais uma vez. Narada pensou: "Como pode este rústico ser um amante de Deus? Vejo-o ocupado em deveres mundanos, sem traços de piedade." Retornou ao Senhor e contou sua impressão. Então o Senhor disse:

“Narada, toma esta taça cheia de óleo, dá a volta nesta cidade e volta com ela. Mas cuidado para não derramares uma única gota.” Narada obedeceu. Ao retornar, o Senhor perguntou: “Quantas vezes te lembraste de Mim durante o percurso?” “Nenhuma, meu Senhor. Como poderia, se tinha de vigiar esta taça transbordando de óleo?” O Senhor então disse: “Esta única taça de óleo desviou tua atenção a ponto de te fazer esquecer-Me por completo. Mas olha aquele camponês: mesmo carregando o pesado fardo de uma família, ainda assim lembra-se de Mim duas vezes ao dia.”

Nossa devoção não é julgada pelo que professamos, mas pelo modo como vivemos. O Senhor olha o coração do devoto, não apenas suas ações exteriores. Se não há consonância entre interior e exterior, as práticas não produzem os frutos desejados. Da plenitude do coração, a boca deve falar, e da plenitude do coração, as mãos devem agir. A verdadeira lembrança faz do homem um deus. Sua própria proximidade, nascida do verdadeiro amor a Deus, faz com que aqueles perto dele sintam a presença do Altíssimo. No entanto, tal lembrança só vem após um longo período de *sadhana* (prática espiritual). Ainda assim, este método está aberto a todos — altos e baixos, pobres e ricos. Pratiquemo-la e sejamos benditos.

• • • •

A ORAÇÃO

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – setembro de 1963[2]

Com todo o orgulho da civilização e com todo o avanço científico, o homem ainda, às vezes, se encontra em situações em que nenhum desses pode ajudá-lo. Por que isso acontece? Qual é, então, o propósito de uma civilização que não nos sustenta quando estamos em extrema necessidade de ajuda? O que está faltando em nossa civilização que a torna impotente diante das calamidades? Além disso, observou-se que uma tensão desmedida existe, especialmente nas mentes das pessoas que não carecem de luxos nem sofrem carência de variedade em entretenimento. Se os benefícios materiais e a riqueza fossem a fonte de felicidade ilimitada, então por que encontramos miséria no colo do luxo? Essas são questões que estão ocupando as mentes da intelectualidade hoje. Um pensador moderno pergunta, de forma apropriada: "A civilização foi capaz de acabar com a pobreza, a fome e a guerra?" O simples fato de que essas perguntas estão ganhando espaço e exigem atenção imediata já é um indicativo de que algo não vai bem com nossa civilização; algo está faltando, algo está ausente. As causas precisam ser analisadas e tratadas com extrema deliberação e rapidez.

Nossa análise seria que a humanidade tem sido alimentada, por mais de três séculos, com doutrinas que ensinam a eliminação do aspecto espiritual no homem. O homem foi instruído a subsistir sobre os ossos secos da lógica, com a consequência de que uma camada mal ajustada e deformada emergiu na sociedade. Há uma história mítica nos épicos indianos cuja conclusão pode ter uma semelhança impressionante com essa camada. Vamos expô-la brevemente: Havia um rei chamado Trishanku. Por seu mau comportamento, ele despertou a ira de seu preceptor espiritual. No entanto, quando ele desejou ir ao céu em seu corpo físico, ele procurou o preceptor para pedir sua ajuda. O preceptor não concordou em realizar tal sacrifício sacrílego. Ele disse claramente que era impossível para um ser humano alcançar o céu em um corpo

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Prayer*.

mortal. Insatisfeito com a resposta, o rei foi aos filhos do preceptor e implorou por sua ajuda. Ao saber da audácia dele de procurá-los quando o respeitado pai havia recusado ajuda, eles o amaldiçoaram, dizendo que ele poderia ficar de mente lerda, perder o brilho e ter aparência grosseira. Profundamente desapontado, mas ainda não intimidado, ele procurou outro mestre, que vivia em antagonismo com o guru da família, e contou-lhe sua história de aflição. Esse preceptor, de fato, ajudou-o a ir ao céu; mas os deuses, ao verem sua aparência feia, baniram-no e o expulsaram. Ele caiu de cabeça de lá para a terra. Enquanto caía, ele gritou ao seu benfeitor para salvá-lo. O preceptor, que era, sem dúvida, um homem de grande poder, ordenou-lhe que permanecesse onde estava. A história nos conta que ele ficou, mas em um lugar nem aqui nem lá e, certamente, não em um estado invejável. Diz-se que ele ainda continua pendurado de cabeça para baixo entre o céu e a terra. Essa é a condição precária em que a mencionada camada da sociedade se encontra hoje. Mas, felizmente, a doença ainda não atingiu o homem comum. Ele ainda não perdeu suas raízes. Ele tem fé em um Ser superior, a quem pode descarregar suas preocupações. Ele crê que o Senhor responderá às suas orações se ele verdadeiramente clamar por Ele.

Há três coisas no homem que clamam por satisfação: o corpo, a mente e o espírito. Mas a base de tudo é o espírito. É o descaso pelo espírito que torna qualquer civilização débil e incerta quanto ao seu futuro. Ela pode, por um tempo, parecer florescer, mas, quando falha, faz isso miseravelmente, deixando apenas muralhas quebradas e fossos cobertos de musgo para exibir sua vã glória de outrora em toda a sua tristeza. Ainda assim, ninguém questiona o direito de alguém de servir seu corpo ou mente. Ninguém pode negar o valor de um corpo saudável, nem de um intelecto aguçado; ambos são necessários. Mas o que está implícito é para que não sejam feitas buscas exclusivas. O outro lado (o espírito) também deve ser cultivado.

Vários caminhos para o cultivo do espírito

E esse cultivo do espírito pode ser feito de várias maneiras, ou seja, pelo controle do *Prana* (força vital), por fazer as ações sem apego aos resultados, pelo conhecimento do Ser e pela devoção ou amor a Deus. Nosso assunto nos leva ao último caminho em particular, mas também inclui os outros de forma geral. Todos nós sabemos que o caminho da devoção ou amor a Deus é destinado às pessoas cuja natureza é predominantemente emocional em caráter. Mas não nos deixemos levar pelo pensamento de que podemos ser exclusivamente emocionais ou exclusivamente racionalistas. Isso não é possível. Um ser humano é um conglomerado de muitas faculdades. Mesmo o bandido assassino que supostamente é a própria personificação da crueldade tem um lado suave em sua natureza. Talvez ele mate e roube para manter uma família amorosa em casa. Assim é o caso com todas as outras faculdades. Todas as faculdades estão presentes no homem, apenas o grau de manifestação de cada uma varia em diferentes pessoas. De acordo com o grau de manifestação de uma faculdade particular, a natureza de alguém é chamada de emocional, racionalista ou ativa. Um homem sem sentimentos seria inerte, como madeira ou pedra. E um mero

homem emocional sem força para trabalhar, nem intelecto para discernir, só pode ser um inválido nervoso. E certamente a religião não propõe transformar homens em madeira ou pedra, nem em imbecis. Para uma natureza emocional, no entanto, adoração, cantos de hinos devocionais e orações são mais atraentes. Ele pode fazer progresso rápido na vida espiritual recorrendo a essas práticas.

O que é oração

A oração é uma súplica a um poder superior, invocando bênçãos ou perdão por transgressões, erros e pecados cometidos. Usada no sentido religioso, no entanto, foi rotulada de superstição. Mas por quê? Os homens, quando estão em tribulações ou quando querem obter a graça de uma grande pessoa [mundana], não esperam por ela? Não suplicam da maneira mais abjeta? Portanto, oração, súplica, não são desconhecidas para o homem. Mas a ideia parece ser que está tudo bem se eles o fizerem por ganhos materiais, mas é ruim quando as pessoas o fazem por elevação espiritual! Não é essa uma maneira pervertida de ver as coisas? Se essa atitude for mantida, nunca chegaremos à verdadeira perspectiva das coisas. Primeiro, portanto, seja ousado o suficiente para aplicar o mesmo padrão de julgamento a si mesmo como gostaria de aplicá-lo aos outros. Pondere sobre isso, estude-o e você descobrirá que nos mesmos termos em que o homem do mundo ora por coisas mundanas, nesses mesmos termos ou até mais honrosos, o homem do espírito ora por iluminação. Por que então isso deveria ser chamado de superstição?

Orações universais

Agora resta discernir se existem orações de caráter universal ou podem ser desenvolvidas? Que tipo de orações pode ser universal? O hinduísmo consiste em tantas seitas, mas há alguns fundamentos que são comuns a todas elas. Cada seita acredita na autoridade dos Vedas. Os Vedas, que incluem a Vedanta ou os Upanishads, nos deram algumas das orações mais maravilhosas que podem ser entoadas por qualquer pessoa, vivendo em qualquer lugar, sem o menor medo de perder sua afinidade com sua própria religião.

Aqui, por exemplo, temos o canto de paz que um estudante oferece todos os dias antes de começar seus estudos: 'Om. Conduza-me do irreal ao real, das trevas à luz, da morte à imortalidade.[3]' O estudante reza pela iluminação, para andar no caminho de Deus, para tornar-se querido por Ele. Deus sendo a única realidade, ele quer somente Ele. Deus sendo a única luz de todas as luzes, ele quer andar em Sua luz. Não havendo mortalidade em Deus, ele quer viver Nele. Uma dúvida pode surgir: onde vive agora? As escrituras não dizem que vivemos, nos movemos e temos nosso ser n'Ele? Verdade. Mas estamos conscientes disso? Não estar consciente disso é escuridão. Não estar consciente disso, novamente, é irrealidade. As escrituras não

[3] Brihadaranyaka Upanishad (I.3.28).

dizem: “Tudo isto é Brahman”? Então, essa oração serve apenas para nos tornar conscientes disso, em todos os momentos e sob todas as circunstâncias. Quando o homem está constantemente e consistentemente consciente disso, diz-se que ele realizou Deus. Então, ele vê Deus dentro e fora de si mesmo. Assim, nossa antiga cultura estabeleceu a base de nossa educação. Desde um período muito precoce, as crianças eram ensinadas a pensar corretamente, como se pode ver por meio dessa oração. A paz que o estudante invoca, novamente, não é apenas para si mesmo, mas para toda a sociedade.

Mas o estudante não pediu nada para si mesmo? Sim, ele pediu. Ele até pede por saúde, para desfrutar a vida — só de maneira justa, não à custa dos outros, nem de forma bestial. Ele ora: “Ó deuses, possamos ouvir com nossos ouvidos apenas o que é auspicioso; possamos ver apenas o que é auspicioso com nossos olhos, ó veneráveis; possamos cantar louvores a vós, e com nosso corpo forte e membros possamos desfrutar a vida que nos foi concedida pelos deuses. Que haja paz.”[4] E novamente: “Que minha fala esteja estabelecida em minha mente e minha mente esteja estabelecida em minha fala. Ó auto manifestado, manifesta-Te a mim. Que minha mente e fala sejam eficientes para revelar o conhecimento supremo. Que eu não esqueça o que ouvi. Pelo que aprendi, sustentar-me-ei de dia e de noite. Falarei o certo. Falarei a verdade. Que aquela Divindade me proteja. Que ela proteja o mestre[5]”. Aqui estão duas das muitas orações védicas de caráter geral. Não há nada degradante nelas, nem qualquer tipo de cobiça. O desejo de desfrutar também é limitado e condicionado. Ele quer proteção apenas se e quando caminha no caminho justo. O objetivo, no entanto, é a realização de Deus. Os santos e sábios de um período posterior também cantaram hinos de natureza semelhante, um dos quais, devido ao seu caráter abrangente, mal podemos resistir à tentação de citar: “Que todos sejam felizes, que todos estejam livres de doenças, que todos vejam o que é auspicioso, que ninguém sofra ou passe por miséria.[6]” Que concepção grandiosa! Isso não nos faz — pelo menos pelo breve tempo em que a repetimos ou refletimos sobre ela — sentir-nos um com o universo, sentir afinidade com todas as criaturas da criação? Está errado desejar o bem-estar de todo o universo? Se não, como podem tais orações serem chamadas de superstições?

Há, é claro, outras orações feitas por adoradores de diferentes aspectos de Deus, em louvor às formas particulares da Divindade. Em todas elas, pode-se ver a mesma corrente interior de amor por Deus e o desejo de se expandir além do próprio eu.

---

[4] Śānti Mantra do Taittiriya Upanishad.

[5] Taittirīya Upaniṣad, Śikṣāvallī, mantra I.1

[6] Mantra universal de paz e bem-estar:
Sarve bhavantu sukhinah
Sarve santu nirāmayāḥ
Sarve bhadrāṇi paśyantu
Mā kaścid duḥkha bhāgbhavet

A oração é necessária para todos os tipos de aspirantes?

Voltaremos agora à nossa proposição de que a oração é necessária e constitui um elemento importante na vida espiritual. Pelo caráter universal das orações citadas acima, fica claro que não há como negar o fato de que elas são benéficas para todos os tipos de aspirantes. Se um homem é de temperamento ativo, seu desejo de fazer o bem receberá força adicional ao desejar o bem de todos os seres. Uma questão pode surgir em nossas mentes quanto à necessidade de oração para um homem devotado ao caminho do conhecimento. Mas esquecemos que é ele quem mais estuda as escrituras — e essas escrituras ordenam a recitação das invocações de paz antes que sejam estudadas. Além disso, é repetindo os textos que falam sobre a transitoriedade do mundo e ao lembrar-se deles constantemente que se discrimina entre o real e o irreal. Há uma infinidade deles — os hinos que falam da glória do Ser. Apresentaremos aqui apenas um exemplo. Trata-se de uma oração matinal que diz o seguinte:

"Medito ao amanhecer, em meu coração, sobre o *Ātman* auto refulgente, a Existência-Consciência-Bem-aventurança Absoluta, meta dos supremos ascetas, transcendente e eterno, que está além dos estados de vigília, sonhos e sono profundo. Esse Brahman eu sou, e não uma combinação de elementos materiais."[7]

Em seguida vem a oração ao preceptor[8], que é a forma manifesta de Deus na terra. É ele quem nos conduz através do oceano do *saṁsāra*, e por isso estamos moralmente obrigados a expressar nossa gratidão e adoração a ele.

Orações existem em todas as línguas e em todas as partes do mundo, talvez em forma poética, talvez em prosa simples. Mesmo os analfabetos as têm, transmitidas oralmente de geração em geração, na forma de cantos populares.

Sri Ramakrishna atribuía grande importância à oração como disciplina espiritual. Ele enfatizava repetidamente sua necessidade e eficácia. Ele nos ensinou como orar, dando ele próprio o exemplo. Quanto à forma de invocar Deus, ele não era rígido. Dizia: "Deus, como um pai benevolente, compreenderá de qualquer maneira que você O invoque, e em qualquer forma que você se dirija a Ele." A única coisa em que ele insistia era na **sinceridade da nossa oração**. Quando alguém sugeriu que as pessoas deveriam ser ensinadas a como conceber Deus, a observação característica de Sri Ramakrishna foi: "Quem pode realmente conhecer Deus? Ele é Um, Ele é muitos; ao mesmo tempo, Ele está além de ambos. Um copo de água é suficiente para matar minha sede — por que eu deveria querer saber quantos galões de água há no reservatório? Então invoque a Deus de qualquer maneira que desejar — e mesmo que você não saiba o que Ele é, não desanime. Ore a Ele: 'Ó Senhor, não sei se Tu tens forma ou és sem forma — digna-Te a revelar-Te a mim.'" Essa forma de oração atraía a todos. Mesmo os descrentes nada viam de errado nisso. Eles oraram. Suas orações foram atendidas**.** Assim foram convertidos e conquistados por Deus através de Sri Ramakrishna. Um devoto canta, evidenciando a incompreensibilidade de Deus: "Ó

[7] Prātaḥ Smaraṇa Stotraṁ, uma oração composta por Sri Shankaracharya.
[8] Guru Gītā, uma parte do Skanda Purāṇa (nota do tradutor).

Senhor, eu Te atribuí formas, Tu que és sem forma, em minha meditação. Com meus louvores, ó Tu, Mestre do Universo, neguei que és indescritível. Ao ir em peregrinações e coisas do tipo, rejeitei Tua onipresença. Esses três pecados meus, ó Senhor, rogo que me perdoes.[9]" Portanto, em vez de tentar conhecer o que Deus é, procuremos obter acesso à Sua presença.

O que devemos pedir em oração?

As pessoas, sem dúvida, oram — mas o que elas pedem em suas orações? Geralmente, a maioria das pessoas quer algo de Deus, e é por isso que oram. Filhos, riqueza e coisas semelhantes são alguns dos seus desejos positivos. Livrar-se de doenças, superar tribulações — são alguns dos desejos negativos que esperam que Deus satisfaça. Mas é isso que deveríamos pedir? Definitivamente não.

A oração de Sri Ramakrishna a esse respeito é uma verdadeira revelação. Ele ora à Divina Mãe: "Mãe, aqui está a Tua virtude, aqui está o Teu vício — toma ambos e dá-me apenas amor puro por Ti." Ele não queria nada — exceto devoção aos pés da Mãe. Swami Vivekananda orava por discernimento, renúncia, conhecimento e amor a Deus, mesmo quando as ondas das calamidades domésticas se fechavam sobre ele. Esse é o tipo correto de oração — não querer nada, exceto Deus, não desejar nada além de Sua presença.

Eficácia da Oração

Qual é a ciência por trás dessa oração, isto é, como ela age de fato? Primeiramente, deve-se lembrar que Deus não é alguém que está muito, muito distante, mas que Ele está muito próximo de nós[10]. Muitas das dificuldades que enfrentamos agora para compreender a eficácia da oração desaparecerão se lembrarmos isso. Ele é a Alma de nossas almas. Ele habita em nossos corações[11]. Quem mais poderia estar mais ciente de nossos pensamentos, desejos, intenções e resoluções do que Ele? Então, quando Ele ouvir nosso chamado, será que não responderá? Como um pai amoroso, Ele o fará. Assim, aqueles que confiam em Deus carregam seus fardos levemente. Uma tranquilidade se espalha sobre suas almas. Eles não buscam nem evitam companhia. Eles não desejam a simpatia humana, pois esta é tão volátil que, ao primeiro sopro dos ventos da desgraça, tudo se evapora. Mas podemos contar com o socorro do Senhor. Ele nunca abandona. Ele permanece constante. Podemos até fazer nossas demandas a Ele, como um filho faz por sua herança, diz Sri Ramakrishna. No entanto, isso só pode ser feito se chegarmos a conhecê-Lo intimamente. Portanto, por meio da oração e de outras disciplinas, devemos abrir nosso caminho até Sua fortaleza, e então tudo ficará bem.

---

[9] Oração atribuída a Vyasa, o compilador dos Vedas e autor do Mahabharata, conforme relatado no Gospel of Sri Ramakrishna. (Nota do tradutor).

[10] Isa Up. 5.

[11] Gita, 18. 61

O Senhor encontra-Se preso pelos laços do amor quando o devoto O invoca. Mais ainda, Ele sente que deve ao devoto uma dívida profunda e encontra-Se enredado em um vínculo indissolúvel. Ao falar sobre Seu amor pelos Pandavas, Sri Krishna diz: 'As obrigações de Minha parte cresceram sempre e nunca podem ser retribuídas; a gratidão jamais poderá ser tirada de Meu coração.' Draupadi orou angustiada por Sua ajuda, sabendo muito bem que Krishna estava longe naquele momento. Mas sua oração foi atendida. O amor dos Pandavas pelo Senhor, mesmo em suas maiores calamidades, tem poucos paralelos. É por isso que Krishna mais tarde diz a Duryodhana: 'Os Pandavas, que você odeia, ó rei, são meu próprio sopro vital.'

Sinceridade na Oração

Geralmente, as pessoas querem ganhar muito com pouco esforço, então, quando percebem que suas orações — que naturalmente não são de todo o coração e dotadas de pouca fé — não são respondidas, elas desistem e se tornam agnósticas. Elas dizem: 'Ah, essa oração e todas essas coisas são meras superstições! Eu fiz tudo isso sem nenhum resultado.' Mas, na verdade, se tivessem sido sinceras em suas orações, teriam uma história diferente para contar. Nenhuma consideração de riqueza ou ganho pessoal teria invadido suas mentes. Um exemplo do tipo de amor que não pede nada além do próprio Deus é o das *gopis*, as pastoras de *Vrindavana* — seu amor não era um comércio de afetos, como Swami Vivekananda belamente o descreve. Era uma dedicação. E quando tal dedicação surge, a oração que brota nos lábios é espontânea, jorra, por assim dizer, do coração. Ela não está contaminada por considerações egoístas. As vidas dos santos e sábios são exemplos que mostram o que a oração — algo natural ao homem — pode fazer. Que o orgulho falso não se coloque no caminho de nossa oração, nem oremos por ostentação. Possamos, com verdadeira fé, nos entregar à oração.

• • •

ABORDAGEM A DEUS

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – maio de 1965[2]

Há uma concepção de que, a menos que haja temor e reverência, juntamente com os sentimentos concomitantes de submissão e servidão, Deus não pode ser abordado ou adorado. Embora seja fato que essa atitude possa ser uma das formas de se aproximar de Deus, não se segue necessariamente que seja a única. A experiência cotidiana de todo homem no mundo deveria lançar alguma luz sobre essa afirmação. De quem nos lembramos mais? Daqueles a quem tememos ou daqueles a quem amamos? Quem comanda nossa submissão, não adquirida e espontânea, desde cedo? Aquele que tiraniza ou aquele que ama? A única resposta possível é: aqueles a quem amamos. No temor, o fardo da submissão é sempre irritante e é uma compulsão que se busca derrubar no momento em que o sujeito se sente forte o suficiente para fazê-lo ou para desafiá-lo. Mas, no afeto, no amor, o homem não sente esse peso, mesmo que ele o pressione. Não há gemidos sob seu fardo; nem mesmo murmúrios. Pelo contrário, há uma alegria espontânea nessa submissão. Na adoração ou na abordagem a Deus, essa mesma regra se aplica. Na verdade, os sentimentos humanos, sendo o que são, não podem ser multiplicados em número; nenhum novo tipo de faculdade pode ser criado, mas eles podem ser estendidos, expandidos, sublimados. E é isso que acontece em nossa abordagem a Deus. Não se pede que você se prive de seus sentimentos ou crie novos, mas apenas que os direcione para Deus.

Agora, o que infunde em nós temor ou reverência? Não é a imensidão dos poderes ou da glória de Deus? E também um sentimento de alienação d'Ele quando não O consideramos como nosso? "São aqueles que amam a glória eles mesmos que pensam muito na glória de Deus", diz Sri Ramakrishna. Por que deveríamos nos sentir sobrecarregados por Sua glória? Talvez haja em nós um desejo por coisas mundanas e por glória que nos leve a agir assim. Talvez queiramos barganhar com Ele por um pouco de Sua glória. Isso, no entanto, não significa que não se deva apreciar uma bela

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Approach to God*.

paisagem ou um lugar sereno e que eleve a alma. Mas pensar em Sua glória e esquecê-Lo não é o caminho de um aspirante. Sri Ramakrishna costumava dizer: "O que você ganhará contando as árvores, galhos e folhas em um bosque de mangas? Você veio para comer mangas. Coma-as e seja feliz." O que nos adiantará saber quais são todos os poderes de Deus? E é possível conhecê-los todos? Por outro lado, se realizarmos Deus, O virmos, conversarmos com Ele, isso nos libertará, nos tornará livres. E essa liberdade não é algo como o que vemos no mundo — momentânea e condicionada. É eterna e incondicionada. Ela nos eleva além do plano da consciência mundana, nos envolve em uma luz divina e eterna, nos liberta do medo, das inibições, dos gostos e desgostos, do apego e do ódio. Não é esse um estado desejável? A adoração a Deus nos ajuda a alcançá-lo. Nada mais pode.

Há um verso em sânscrito do poeta Bhartrhari que diz: "No prazer, há o medo da doença; na posição social, o medo da queda; na riqueza, o medo dos governantes; na honra, o medo da humilhação; no poder, o medo dos inimigos; na beleza, o medo da velhice; no conhecimento das escrituras, o medo dos antagonistas; na virtude, o medo dos caluniadores; no corpo, o medo da morte. Todas as coisas deste mundo pertinentes ao homem são acompanhadas pelo medo; apenas a renúncia representa a ausência de medo."[3]

Podemos acrescentar que, quando essa renúncia leva à realização de Deus, ela abre as comportas da bem-aventurança eterna, não deixando nenhum espaço para motivos inferiores e medo se afirmarem. É por isso que aquele que tocou a fonte da Verdade, da Luz, não vacila em seu caminho; não teme nada. Ele permanece como as rochas adamantinas que, embora batidas pelas ondas, permanecem imóveis, intactas. Tribulações e provações, misérias e aflições não o perturbam. Quando realizamos Deus, O reconhecemos como nosso, a Alma de nossas almas, nosso Ser mais íntimo. Podemos então chamar isso de servidão ou submissão no sentido em que entendemos a servidão mundana? A quem nos submetemos? Não é ao nosso próprio Ser interior? Haveria algum mal nisso? O que é mais bem-vindo do que conquistarmos nossos impulsos inferiores, as paixões turbulentas e o ego ainda mais forte, e, submetendo-nos ao Espírito Interior, estarmos em paz conosco e com o mundo inteiro? E se a adoração a Deus faz isso, como assegurado pelos homens-Deus e homens de Deus, por que deveríamos nos afastar?

Todas as objeções à adoração parecem surgir da concepção de que Deus é um Ser extracósmico, sentado em algum lugar no céu, acima das nuvens, exigindo submissão implícita sob ameaças de terríveis consequências, oferecendo recompensas e prazeres àqueles que seguem Seus comandos e a punição do fogo do inferno àqueles que os transgridam. Mas a visão hindu de Deus — que Ele é o Espírito Interior de

---

[3] Vairagyasatakam—31.

todo ser e, ao mesmo tempo, transcende a todos — é muito encorajadora. Aqui, a distância entre a alma e a Alma Suprema se reduz, por assim dizer, a um grau apreciável. A estranheza que o homem inicialmente sente em relação a Deus desaparece, dando lugar a um sentimento de pertencimento. Os sábios e santos experimentaram isso; os *Upanishads* o declaram. O *Chandogya*, por exemplo, aponta: "Aquele *Purusha* que é visto no olho, esse é o *Ātman*."[4]

Badarayana, em seus *Sārīrika Sūtras*, remove a aparente ambiguidade sobre o significado dessa passagem — se refere ao *Jiva* ou ao *Paramatman* — com dois aforismos: "Aquele que está dentro (é o *Paramatman*); por causa de Suas qualidades serem declaradas."[5] Uma segunda passagem que se refere ao 'interior' ocorre no mesmo *Upanishad* (I. vi. 6), na qual é dada a descrição daquele Ser dentro do disco solar.[6] Surgiu a objeção de que esta descrição não pode referir-se ao *Paramatman* - pois Ele é sem forma - e, portanto, deve aplicar-se apenas ao *jiva*, ou à divindade que representa o sol. Esta objeção, no entanto, é refutada. O Senhor Supremo, embora sem forma, assume formas para conceder Sua graça ao *sádhaka* por Seu próprio poder, *Maya*.[7] Por que isto se torna necessário? É bem sabido que nem todos os indivíduos têm a mesma capacidade de compreensão. Nossos sábios também sabiam disso. Assim, para aqueles que não podem ou não desejam pensar em termos do aspecto sem forma de Deus, são declaradas as formas e qualidades.

Qualquer dúvida remanescente na mente é removida pelo próximo aforismo: 'E há outro (ou seja, o *Paramatman*, que é diferente das almas individuais que animam o sol, etc.); porque a distinção é declarada.[8] Onde esta distinção é proclamada? O *Brhadaranyaka Upanishad* dá a resposta. Não é a divindade representando o sol que se quer significar ao referir-se ao Uno dentro de seu disco, mas 'Aquele que mora no sol, mas está dentro dele, a quem o sol não conhece, cujo corpo é o sol, e que controla o sol desde dentro, esse Uno é o Regente Interno, teu próprio Ser imortal'.[9]

A *Shruti* nunca se cansa de repetir suas declarações para gravar bem as verdades. Ela repete esta fórmula no caso de todos os elementos, todos os seres, todos os membros do homem e sua mente e seu conhecimento. Aqui vemos quão próximos estamos de Deus e ainda assim não O conhecemos, não O compreendemos. Sri Ramakrishna costumava dar a analogia do cervo-almiscarado. O cervo sentia a fragrância do almíscar, mas sem saber que a fonte da fragrância estava em seu próprio umbigo, corria por todos os cantos da floresta e, quando finalmente cansado, deitava-

[4] Chandogya Upanisad VIII. vii. 4.
[5] Brahma Sutras I. i. 20.
[6] Chandogya, I. vi. 6.
[7] Citado por Sri Samkara em seu comentário sobre o Br. Sutra Bhashya, I. i. 20
[8] Br. Sutras, I. i. 21.
[9] Br. up. 3 7. 9.

se e então vinha a saber que o que buscara em vão lá fora estava dentro de si o tempo todo.

Agora surgiria uma questão: 'Se somos controlados por um poder superior que reside em nós, de que forma somos responsáveis por nossas ações?' Tal pergunta também foi feita a Sri Ramakrishna. E essa questão será repetida por eras vindouras, por pessoas que desejam transferir a responsabilidade de seus atos perversos para outro. Na verdade, eles não acreditam nisso quando repetem que é o Espírito Interior que age através deles. É apenas um véu para enganar os outros. No fundo de seus corações sabem que estão muito longe de acreditar nisso. Eles afirmam seu ego na maioria das vezes. 'Bem', você pode dizer, 'sua lógica é de fato estranha! Você sopra quente e frio ao mesmo tempo. Primeiro diz que tudo é controlado pelo Regente Interior e depois diz que o ego se afirma. Então, que tipo de governante é esse que não pode resistir à força do ego?' A isto respondemos: 'Verdade, parece muito incompatível. Mas você nunca viu uma mãe, com sua benevolência e beneficência, embora guiando os passos e conduta de seu filho, cedendo a suas importunações irracionais? Sim, ela até mesmo às vezes permite que a criança queime os dedos no fogo, embora pudesse, se quisesse, impedi-lo pelo interesse da criança. Mas então ela cuidaria dela novamente assim que terminasse sua brincadeira, aprendendo suas lições. Por tudo isso, você pode insistir que a mãe não era forte o suficiente para conter a criança? Não. Da mesma forma, o Regente Interior (*antaryamin*) não é um déspota. Você recebe um pouco de liberdade para usar suas faculdades, escolher seu próprio caminho, aprender suas lições no mundo, quando não ouve os sábios conselhos que emanam de seu próprio Ser Interior. Ele até lhe permite a liberdade de negá-Lo. Mas aí termina: seu ego entra em conflito com os outros se você o afirmar demais. Então você recorre a Deus, ao seu Ser Interior, em busca de apoio. Onde está então a inconsistência no que dissemos?' Isto é o bastante sobre aqueles que dizem ter livre-arbítrio.

Uma pequena digressão aqui é inevitável, pois o tema do livre-arbítrio foi introduzido. Nosso arbítrio é livre? A resposta é sim e não. Podemos abordar esta resposta de dois pontos de vista. Em primeiro lugar, como já mencionado, certa quantidade de liberdade nos é dada, assim como uma vaca amarrada a um poste pode vagar por um prado, até onde o comprimento da corda em seu pescoço permite, mas não mais. Podemos sentir isso mesmo na sociedade. A sociedade nos dá liberdade para desenvolver nosso caminho individual, claro, sujeito a certas restrições. E quando ultrapassamos os limites estabelecidos, desce seu braço poderoso. O longo braço da lei agarra aquele que transgrida seus limites ou invade os domínios alheios. Por mais que desejemos romper esses laços, eles não cedem, apenas nos irritam mais. Não estamos em posição diferente no que diz respeito à 'vontade de agir'. Tantos fatores nos pressionam: nossas tendências inerentes, circunstâncias, ambientes e afins.

Do segundo ponto de vista, enquanto nossa vontade permanecer distinta da Vontade Cósmica, ela não é livre, mas quando a primeira caminha em concordância com a última, não há mais amarras. Tudo o que ela deseja se torna realidade, pois não pode ter desejo separado da Vontade Cósmica. Claro, este último estado só é possível quando o homem atingiu a perfeição completa, quando nenhuma mancha mundana resta nele.

Voltando ao tema da submissão: e aqueles que simulam submissão aceitando a existência de uma Entidade Superior que nos governa? É um jogo perigoso que tentam jogar. Estão enganando a si mesmos. A parábola de Sri Ramakrishna sobre o brâmane - que matou uma vaca e, enquanto se atribuía o mérito pelo jardim e por todas as coisas boas e belas que possuía, imputava o pecado da morte da vaca a Indra, a divindade regente da mão - deveria servir como um alerta muito contundente. Outro exemplo que Sri Ramakrishna costumava citar era o de Duryodhana. Duryodhana disse a Sri Krishna: 'Eu sei o que é retidão, mas não tenho inclinação para praticá-la, e sei o que é iniquidade, mas não tenho disposição para evitá-la. Ó Krishna, ajo como Tu, habitando em meu coração, me fazes agir.' Sri Ramakrishna diz que tal serviço labial não nos fará bem algum: 'Você sabe no fundo do coração que essas são meras palavras. Logo que comete um ato mau, sente uma palpitação no coração.' Disse ainda: seja uno em pensamento, palavra e ação. Pois a sinceridade é condição essencial da vida espiritual. Um homem com confiança sincera em Deus não chega à desgraça. 'Se depositares tua confiança num grande homem, ele não te decepcionará. Que dizer então do Senhor!', observa Sri Ramakrishna.

Tendo dito que temor e reverência, submissão e servidão não precisam ser a única abordagem a Deus, cabe-nos apontar quais outras abordagens são viáveis. Deixaremos de lado a ideia vedântica de 'Ātman é Brahman', pois não é uma proposição prática para todos. A adoração implica três coisas: o adorador, o adorado e o ato de adoração. Lembremos o que dissemos antes: que Deus assume formas para conceder graça ao aspirante. Tudo será mais fácil de compreender se lembrarmos disso. Agora, para Deus com forma, as outras formas de abordagem seriam respeito, reverência e amor. Este último é uma relação íntima. Não somos desprovidos desses sentimentos. Respeitamos e reverenciamos aqueles que são bons e grandes, que possuem virtudes em abundância e que são puros. O homem ama seu pai, mãe, esposa e filhos. A abordagem dos Vaishnavas segue essa linha e pode ser seguida com proveito. Não há convencionalidades a observar, nem restrições a temer na abordagem do homem a essas relações. O homem sente-se uno com elas. Essa é a razão pela qual o homem volta para casa após um dia árduo de trabalho ou uma experiência desgastante, buscando descanso e simpatia. Ele tem certeza do toque reconfortante dos entes queridos ali. Isso o restaura à alegria, dá-lhe coragem para enfrentar a vida novamente, por mais terrível que seja sua forma.

Mas raramente as pessoas encontram amor desinteressado no mundo. É tudo toma-lá-dá-cá, um comércio, e por isso há tanta inquietação nas famílias. Talvez o amor do homem por Deus comece assim. Ele adorará Deus para obter alguns de seus desejos realizados. Em outras palavras, sua devoção é *sakama* (interesseira). Se, porém, o aspirante usar seu discernimento, logo entenderá a vacuidade dos prazeres. O amor a Deus, corretamente direcionado, é capaz de gerar em nós desapego por esses prazeres. Esse é o teste do despertar do verdadeiro amor a Deus. Nada tenta um homem que tem esse amor a desviar-se do ideal. É amor a Deus por Ele mesmo, não por causa de 'pães e peixes'.

O homem está obcecado com a ideia de que tudo deve ser julgado por seu próprio padrão. Ele quer pesar Deus também em sua própria balança moral. Isso mostra quão antropomórfica é a ideia de Deus do homem comum. Não, até mesmo grandes teólogos e eruditos cometem esse erro. Eles sobrepõem suas próprias imperfeições, incapacidades e deficiências ao Senhor, e postulam que tal ser não merece adoração. Mas um pouco de reflexão mostrará que é pueril falar de bem e mal no transcendente. Rebaixaremos o Senhor transcendente ao nível do homem se tentarmos impor-Lhe nossos padrões de moralidade e afins. Moral e leis são necessárias em um mundo de multiplicidade onde há conflito de interesses. Mas Deus é Aquele que não tem interesses próprios, que não busca prazeres e está em um plano onde não há multiplicidade, nem interesses para colidir. Ele é sempre puro, sempre perfeito, sempre conhecedor e sempre livre. Ele não deseja nada, não quer nada. Se tal Ser não merece adoração, quem mais merecerá? O homem, onde quer que encontre maiores poderes, maiores talentos e maiores virtudes, instintivamente inclina a cabeça em saudação. Então, por que deveria ser arrogante com o Ser mais elevado, que é a realização de todas as virtudes, poder e glória?

• • • •

LIBERAÇÃO

Swami Paratparananda[1]

Editorial da revista Vedanta Kesari – agosto, 1966 - vol. 53[2]

As escrituras Hindus falam de quatro *Purushārthas* (metas da existência do homem) que são, *dharma* (retidão), *artha* (aquisição de riqueza), *kāma* (gratificação do desejo), *mokşa* (emancipação final). Aquele que vive no mundo, que leva a vida em um lar, deve buscar todos estes. Ele não pode afirmar que vive sua vida de acordo com os requisitos dos Śāstras, se ele segue os três primeiros e negligencia o quarto. Seus desejos não deveriam estar em conflito com a retidão nem sua riqueza ser adquirida da mesma forma. Apesar das quatro metas serem colocadas como metas da existência humana, na realidade a real e suprema meta é a emancipação ou liberação. Pois somente esta é eterna enquanto as outras três são passageiras[3]. O *Bhāgavata* informa, 'Aquele que deseja ir além da escuridão de *samsāra*, da transmigração, não deve ter apego por nada que contrarie as quatro metas da existência. E entre estas, *mokşa* apenas deve ser sempre desejada. Pois as outras três são sujeitas à regra do tempo (transientes)[4].Por que elas são mencionadas como metas da existência? Os sábios estavam conscientes de que não era possível para todos buscar a meta final de imediato. A maioria das pessoas nasce com muitos desejos e impressões. Algumas vezes as impressões são tão fortes, os desejos tão turbulentos que os seres humanos até quebram todos os códigos de conduta para conseguir satisfazê-los. Para vencer estado tão deplorável os sábios Hindus determinaram um sistema de vida que ao final leva o homem à emancipação. Ele teria que esgotar seus *samskāras*, tendências e ainda assim estar consciente de seus próprios defeitos. É por isso que os *Śāstras* aconselham certas regras e aceitam até mesmo a aquisição de riqueza e a satisfação de desejos dentro dos limites da retidão como metas da existência. Contudo, sempre eles nos recordam que apenas *mokşa,* liberação, é a meta final. Não há felicidade nas coisas sem valor deste mundo, no Grande apenas existe a bem-aventurança[5]. Mas se deveria ter a experiência por si mesmo, de que realmente não existe nada digno de ser adquirido ou desfrutado neste mundo, de que a vida no mundo é uma pílula coberta de açúcar. No *Bhāgavata* encontramos um

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html.

[2] Do editorial original em inglês, *Liberation*.

[3] Vedanta Paribhasha.

[4] Bhagavata, IV, 22.34-35.

[5] Chandogya Up., 7.23.1.

diálogo entre o *Rishi* Maitreya e Vidura em que Vidura pede ao sábio para ensiná-lo como viver no mundo. 'As pessoas fazem ações', diz ele, 'para gozar [das coisas do mundo], mas não conseguem nem felicidade, descanso ou paz de nenhum tipo. Pelo contrário, têm sofrimentos repetidas vezes[6]'. Isto se torna óbvio para todos em algum momento. Talvez esta ideia permaneça por um período curto em alguns e em outros ela pode persistir. Quando ela se torna uma obsessão para uma pessoa, então ela se recusa a perseguir o desejo e a riqueza. Sua vida segue um novo rumo. Por não achar a paz em nenhuma parte dá meia volta e retorna ao Senhor. Sri Ramakrishna ilustra este fato com uma parábola: "Um pássaro está sentado distraído no mastro de um barco ancorado no Ganges. Vagarosamente o barco parte para o oceano. Quando o pássaro se dá conta, ele não vê terra em nenhuma direção. Ele voa para o norte esperando atingir a terra; vai muito longe e fica muito cansado e não encontra nenhuma terra. O que poderia fazer? Ele retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de um longo tempo ele voa de novo, desta vez para o leste. Ele não consegue encontrar terra naquela direção também; para todo lado só vê o oceano ilimitado. Muito cansado, de novo retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de descansar muito tempo, o pássaro vai em direção ao sul e depois ao oeste. Quando não encontra nenhum sinal de terra em qualquer direção ele volta e se acomoda no mastro. Ele não deixa o mastro novamente, mas permanece lá sem fazer mais esforços. Ele não se sente mais preocupado ou ansioso. Estando livre da preocupação, não faz mais esforços".

Continuando o Mestre disse, 'As pessoas mundanas vagam pelos quatro cantos da terra por causa da felicidade. Eles não a encontram em nenhum lugar; apenas se cansam e se desgastam. Quando, devido ao seu apego a luxúria e riqueza, apenas tiverem sofrimentos, sentirão um desejo pelo desapego e renúncia. A maioria das pessoas não pode renunciar à luxúria e riqueza sem primeiro desfrutá-las'. Qual a saída? O *Bhāgavata* declara, 'Enquanto as pessoas não se refugiem aos Seus pés [do Senhor], que concede destemor, sentirão medo, sofrimento, desejo, frustração e enorme sede por riqueza, pelas posses e parentes. Além disso, a falsa noção de posse, de "meu", que é a raiz de todas as aflições também persistirão[7].' Sridhara comentando este *sloka*[8] diz, 'medo de perder, sofrimento ao perder, desejo por mais [objetos do mundo], frustração ao fracassar em obter os objetos e a enorme sede devido a esta frustração ocorrerão com aqueles que não se refugiarem em Deus'.

Sri Ramakrishna pergunta, 'O que existe para se desfrutar no mundo? Luxúria e riqueza?' Então ele mesmo responde esta questão, 'Isto é apenas

---

[6] Bhagavata, III.v.2.
[7] Ibid., III.ix.6.
[8] Verso de uma escritura sagrada (nota do tradutor).

um prazer momentâneo. Num momento ele existe e no seguinte ele desaparece'. Mas que profundo apego ele tem! Como é difícil se livrar deste apego! Mesmo quando os objetos estão ausentes, as impressões não dão descanso, como o odor da flor elas persistem e o corpo sutil as experimenta através da mente nos sonhos[9]. O que falar então dos objetos que estão perceptivelmente presentes? Eles subjugam aqueles que com intensidade os buscam e os fazem seus escravos. Portanto deve-se repetidamente transmitir à mente que todas as coisas deste mundo são passageiras. Talvez quando pela milésima vez a mente for instruída assim, poderá pela graça de Deus, ser capaz de compreender e tentar pôr esta ideia em prática. Assim que a mente absorver esta ideia, meia batalha estará ganha.

II

Qual o significado de liberação? O que é este estado? Existem diferentes conceitos de liberação nas diferentes escolas de pensamento, mesmo entre os Hindus. Por exemplo, o *Advaitin*[10] dirá que se tornando um com Brahman, ou seja, realizando sua identidade com o Supremo é liberação. O *Viśistādvaitin*[11] dirá 'viver na proximidade de Deus e ser bem-aventurado é a meta suprema'. Nós não necessitamos entrar nos detalhes destes conceitos aqui. O que um aspirante espiritual deve saber é que existe um estado a ser atingido que é o mais bem-aventurado, atingindo o qual não há mais retorno a este mundo de tensões e sofrimentos. E o modo de atingir tal estado está dentro do alcance de todos os seres humanos se tentar com sinceridade. Este estado deve ser atingido aqui e agora. Os *Upanisads* afirmam isto. 'Se o homem falha em conhecer (o Ser) aqui, antes da queda deste corpo, ele estará sujeito ao renascimento em diferentes corpos, nesta criação[12]'.

Uma noção que é aceita por todos os filósofos indianos é a teoria do renascimento e sua concomitante teoria do Karma. Pois a menos que estas duas ideias sejam aceitas parece não haver nenhuma fundação para qualquer esforço pela retidão. Se este mundo é tudo que existe então não há necessidade para ninguém se esforçar pela liberação, pois tão logo o corpo caísse, a alma, se houvesse no conceito de tais filósofos, automaticamente se livraria da escravidão. Supondo que eles aceitem o nascimento em uma nova esfera, céu ou qualquer outro nome que possam chamar, isto também é um renascimento. Este corpo terrestre não irá para lá. E uma vez que um fenômeno é aceito como possível seria ilógico recusar

[9] Ibid., IV.29.35.
[10] Seguidor da Advaita Vedanta ou monismo. (nota do tradutor).
[11] Seguidor do monismo qualificado. (nota do tradutor).
[12] Kathopanisad, 6.4.

admitir a possibilidade de sua repetição, pois em toda a nossa experiência aqui neste mundo, nós encontramos a recorrência de todos os fenômenos, em um tempo próximo ou distante. A manhã é seguida pela tarde e a tarde é seguida pela noite e a noite é seguida pela manhã e assim por diante. Eternamente isto tem acontecido. Que razão especial podemos encontrar para afirmar que o que aconteceu uma vez não acontecerá de novo? Apenas se uma razão satisfatória surgir não podemos desprezar esta teoria de renascimento de forma caprichosa ou irracional.

Vemos que, a teoria do Karma, que citamos frequentemente, caindo nas mãos dos ignorantes adquiriu, para um estudante superficial, um significado ridicularizado. Ele pensa que esta teoria tem tornado as pessoas imbecis e fracas, levando tudo à inércia. Mas a crença na teoria do Karma não é fatalismo, senão um lembrete de que as ações que você está fazendo agora formarão o seu futuro. Swami Vivekananda afirma, 'Cada pensamento que você pensa, cada ação que você faz, após certo tempo torna-se sutil, em uma forma de semente, por assim dizer, e vive no corpo sutil em uma forma potencial, e após um tempo emerge de novo e dá seus resultados. Estes resultados condicionam a vida do homem. Assim ele molda sua própria vida. O homem não está sujeito por quaisquer outras leis exceto aquelas que ele fez para si mesmo... Uma vez que nós colocamos em movimento um certo poder, teremos que ter todas as consequências dele. Isto é a lei do Karma'.

É a lei da causa e efeito, dada uma causa o efeito é certo de acontecer; portanto sejamos cuidadosos, diz o sábio indiano. Se você é descuidado com seu comportamento agora, terá que colher as consequências mais tarde. Não apenas os maus pensamentos e ações são refletidos nos resultados que levam alguém ao sofrimento, mas os bons pensamentos e ações manifestam seu poder para nosso socorro. Swamiji afirma que 'assim como os maus pensamentos e ações estão prontos para pular sobre você como tigres, da mesma forma existe a inspiradora esperança de que os bons pensamentos e ações estão prontos com o poder de cem mil anjos para defendê-lo sempre e eternamente'. Portanto vamos lembrar que se alguém atingir um estado superior de evolução de mente e caráter, ele trabalhou para isso e assim também nós podemos, se tivermos a vontade e força para lutar por isso.

Se *mokṣa* é um estado tão elevado, tão cobiçado, por que as pessoas não anelam intensamente por ele, será a próxima questão que enfrentaremos. A palavra *mokṣa* literalmente significa liberação. Liberação da prisão deste mundo, das correntes de escravidão à roda de nascimento e morte. Como pode a liberação ser alcançada? Descobrindo sua causa. A causa do nascimento são os desejos insatisfeitos. Como os desejos surgem? Devido à falsa identificação de nosso ser real com o corpo e a mente. A mente, alimentada com o panorama deste mundo através dos diferentes sentidos anseia pelos objetos dos sentidos e daí surgem os desejos. Esta falsa

identificação é devida à ignorância de nosso Ser. Os desejos obrigam o homem a agir. A ação de novo produz resultados bons e maus, para colher estes resultados temos que nascer repetidas vezes. Portanto vemos que isto é um círculo vicioso. É uma roda colocada em movimento por nós mesmos e, portanto temos a capacidade de escapar dela se tentarmos. Este também é um exemplo da lei do Karma. Como então podemos condená-la?

Nós estamos embriagados pela mundanalidade, pelos desejos infinitos, aparentemente saudáveis, mas obviamente perniciosos e por isso convidamos apenas a inquietude. Agora a questão é como livrar-nos disto. Aqui não estamos falando daqueles que não querem ser curados desta doença, mas daqueles que às vezes querem, mas são incapazes de fazê-lo devido ao hábito de longo tempo. Sri Ramakrishna disse, 'Assim como se dá a água em que se lava o arroz para os habituais embriagados por bebidas alcoólicas, para acabar com sua embriaguez, assim também os homens devem ficar na companhia de homens santos para terminar com a mundanalidade'. Ouvir sobre Deus ou sobre nossa verdadeira natureza solta nossas amarras, nossos apegos às coisas do mundo.

As pessoas esqueceram sua verdadeira natureza e estão correndo atrás da gratificação dos desejos, do corpo e da mente, como em uma caçada a um ganso selvagem. Portanto eles devem ser lembrados quem eles são. Eles não sabem disso? Sim, eles sabem, mas da maneira errada; esta é a causa de todo o problema. 'Este Ser deve ser visto; (para isto deve) ser escutado sobre Ele, pensado sobre Ele e meditado sobre Ele[13]'. Realizando a Ele apenas, o homem se libera. 'Atingindo o qual, as pessoas não retornam a este mundo; esta é Minha Suprema Morada[14]', declara Sri Krishna no Gita.

III

É um terreno longo e difícil que devemos atravessar antes de atingir a Deus. E principalmente é nossa própria mente que permanece como uma grande barreira para nossa realização da Divindade, como o *Dvaitin*[15] dirá, ou descobrir nossa identidade com Brahman como o *Advaitin* colocará. Sri Krishna pede a nós que sigamos cuidadosamente no manuseio da mente que está muito envolvida nas coisas mundanas.

Primeiro, devemos obter a convicção intelectual do que é realmente bom para nós. Ao resolver este problema, outras coisas se juntam a você vagarosamente. 'Buscai primeiro o Reino dos Céus, e todas as coisas vos serão acrescentadas', assegura Jesus Cristo. 'Gradualmente e lentamente a mente deve ser acalmada pelo intelecto com discernimento, e colocada

---

[13] Brihadaranyaka Up., II.iv.5.

[14] Gita, XV.6.

[15] Seguidor do caminho dualista. (nota do tradutor).

para permanecer no *Ātman*[16]; não se deve pensar em nada mais. E quando esta mente instável vagar para cá e para lá, deve ser controlada e unida ao Ser[17]', diz Sri Krishna. É conhecido por todos aqueles que tentaram, quão rebelde é a mente. Apenas a prática contínua e constante, junto com intenso desapego por tudo além de Deus pode dar-nos a emancipação. Não existe um atalho para a liberação, pois se nada do mundo que tenha algum valor pode ser conseguido sem muito sacrifício, o que dizer então de atingir a suprema consumação da vida! Se alguém afirmar a você o contrário, que um caminho fácil é possível, tome cuidado com esta pessoa. Pois o *Rishi* não afirmou categoricamente, 'Eu conheço aquele grande *Purusa*, que tem o esplendor do sol e está além da escuridão. Apenas conhecendo a Ele se vai além da morte. *Não há nenhum outro caminho para atingir o Supremo'*[18]*?*

Por fim a questão é: Tudo isto acontecerá em alguma outra vida ou alguém já atingiu a liberação aqui? Se isto é apenas uma hipótese que não pode ser verificada aqui, você poderia dizer que, 'É inútil para nós'. Se for algo alcançável aqui, como saber sobre isto? Santos e sábios são os exemplos de pessoas que atingiram a liberação enquanto viviam. O teste para tal realização é a vida do santo. As escrituras nos dão descrições deste tipo de pessoas de forma extensa. 'Por elas a transmigração foi vencida aqui e agora, cuja mente está em equilíbrio. Brahman é imaculado e constante, por isso aqueles que têm a mente equilibrada estão estabelecidos em Brahman[19]'. Vendo o Senhor manifestar-se constantemente e em toda parte, não se prejudica o Ser pelo ser e por isso atinge o estado Supremo[20]'. 'O homem cuja mente está absorvida (no *Ātman*) através do Yoga e que vê o mesmo (Brahman) em toda parte, percebe o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser[21]'. 'Ao Yogi cuja mente se tornou calma, cuja atividade extinguiu-se, que é sem pecado e identificado com Brahman, chega a Suprema Bem-aventurança[22]'. Estes são alguns dos signos e indicações pelas quais se pode conhecer o conhecedor de Brahman, uma alma realizada, uma alma liberada.

• • •

[16] O Ser Supremo que mora em todos os seres. (nota do tradutor).

[17] Bhagavad Gita, VI.25.Também VI.26

[18] Svetasvataropanisad, 3.8.

[19] Gita, V.19.

[20] Ibid., XIII,28.

[21] Ibid., VI.29.

[22] Ibid., VI,31.

AS ESCRITURAS E SEU PROPÓSITO

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista The Vedanta Kesari – dezembro de 1963[2]

Em uma época em que a literatura de todos os tipos cresceu enormemente e é lida em todo o mundo, não é difícil compreender o papel que os livros desempenham na formulação das ideias e ideais do homem. No entanto, quando se trata de livros religiosos, houve uma certa hesitação e uma avaliação injusta de seu valor entre os intelectuais, especialmente nos últimos séculos. Talvez a hesitação seja razoável, até mesmo a dúvida seja permitida, mas a condenação absoluta de tudo o que é religioso como superstição e sofisma é algo perplexo; revela uma atitude de intolerância e presunção. Uma posição que não é invejável. Pois não são esses os mesmos modos de pensar que atribuem — não sabemos com que medida de justificação — ao homem religioso? Mas, deixando isso de lado, deve ser óbvio para qualquer um agora que a religião, apesar de todas as forças que trabalham contra ela, veio para ficar. E a verdadeira religião nunca pode ser aniquilada, por mais que outras forças tentem. Pois a religião é a Verdade, e a Verdade nunca pode ser destruída. A religião, como Swamiji frequentemente afirmava, não está em meros dogmas ou credos, mas na realização de Deus, na realização do Espírito. E como Sri Ramakrishna postulou a partir de sua própria experiência, Deus é apenas um, seja qual for o nome pelo qual Ele seja chamado e por qualquer caminho que Ele seja abordado.

A Relação entre as Escrituras e a Religião

Há uma relação muito íntima entre as escrituras e a religião. Pois as escrituras nada mais são do que os registros das experiências intuitivas dos sábios. Elas foram verificadas nas vidas dos santos e profetas e podem ser verificadas ainda hoje por aqueles que buscam a Verdade com sinceridade e intensidade. Elas são como guias de viagem no oceano sem mapas da espiritualidade. São a bússola, o sextante, o leme, a linha de sondagem, o barômetro e os mapas do navio de um aspirante no mar

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html

[2] Do original em inglês, *Scriptures and Their Purpose.*

religioso. É por isso que algumas religiões que não tinham escrituras, nenhum livro, rapidamente desapareceram. Quando não há um documento autêntico, as pessoas tendem a interpretar e distorcer os ensinamentos de acordo com seus gostos individuais e apresentá-los como a verdade original, de modo que nada resta do conteúdo genuíno. Torna-se uma massa de superstição, de fábulas, com o grão de verdade miseravelmente perdido no monte de lama, por assim dizer. Em pouco tempo, tudo fica colorido pelos interesses e tendências dos indivíduos. Isso acontece às vezes até mesmo no caso dos ensinamentos escritos; o que dizer, então, daqueles transmitidos oralmente? Sri Krishna diz no Gita: "Este *yoga* eterno, ó Arjuna, eu ensinei a Vivaswan, e Vivaswan o ensinou a Manu. Manu o ensinou a Ikshvaku. Assim, transmitido tradicionalmente, era conhecido entre os *Rajarishis*. Mas, com o passar do tempo, este *yoga* foi perdido neste mundo."[3] É para neutralizar essa tendência à corrupção e à perda que as escrituras são necessárias.

Pode agora surgir uma dúvida sobre se os Vedas, que se presumia terem sido transmitidos oralmente de geração em geração, sofreram tal mutação. Temos várias razões para acreditar que não, a principal delas sendo a reverência com que eram tratados. Isso os tornava sacrossantos. Alterá-los era considerado blasfemo. Além disso, essas verdades foram testadas por santos e sábios posteriores. Se, portanto, alguém disser a um hindu que apenas o que está contido em qualquer escritura específica é correto e que está além da capacidade de qualquer homem verificar esses ensinamentos, o hindu imediatamente o rejeita. Pois ele foi ensinado de maneira diferente. Foi-lhe dito que, dado o impulso, intensidade, tempo e atenção necessários para a realização, os ensinamentos poderiam ser verificados e que cada um de nós poderia tornar-se um *Rishi* e sentir esses ensinamentos como os *Rishis* antigos fizeram.

"Tornar-se um *Rishi* é o único caminho para a liberação", diz Swamiji, e ele acrescenta: "Até que alguém se torne um *Rishi*, não se tornou religioso." Assim, vemos que, independentemente da era em que essas verdades eternas foram descobertas, elas devem estar abertas à comprovação, ao teste em qualquer outra era, ou melhor, em todos os tempos.

As Escrituras Hindus

Entre as escrituras hindus, os Vedas ocupam uma posição suprema. Eles são chamados de várias formas, como *Śabda*, *Śruti*, etc. Aquilo que foi primeiro pronunciado foi *Śabda* (a palavra ou o som). Aquilo que foi primeiro ouvido pelos sábios nas profundezas da meditação, e na profundidade de seu ser, foi *Śruti*.

---

[3] Bhagavad Gita IV.1.2.

Há outra classe de livros, chamados *Smṛtis*—aquilo que foi lembrado, ou a lei tradicional. Estes últimos foram compostos posteriormente para governar a sociedade em um período específico. Estes mudaram conforme as mudanças na sociedade ocorreram. Os primeiros (Vedas) contêm as verdades eternas, e essas verdades nunca mudam. É por isso que se diz que os Vedas são sem começo ou fim.

Uma beleza dos Vedas é que neles se encontram todas as ideias da religião—desde Deus no além distante, Deus como onipresente e onisciente, até a união entre a criatura e o Criador. Isso, é claro, levou à formulação de várias seitas, cada uma defendendo o que lhe agrada nos Vedas como a parte importante, e as outras como secundárias. Mas, como Swamiji aponta:

"Cada uma é apenas uma fase diferente na jornada, cujo objetivo é a perfeita concepção dos Vedas." Os *Rishis* dos Vedas eram destemidos, então não descartaram as ideias inferiores quando alcançaram as revelações superiores. Eles preservaram essas verdades inferiores para que aqueles que viessem depois deles não ficassem perplexos com as alturas que haviam alcançado, mas avançassem gradualmente. A maioria das pessoas no mundo, em qualquer época, são como bebês no que diz respeito à espiritualidade. Elas precisam ser guiadas passo a passo. Por isso, mesmo correndo o risco de serem acusados de confundir o assunto, eles deixaram essas verdades inferiores existirem.

Essas várias afirmações dos Vedas podem parecer confusas para o leigo, mas os sábios tinham certeza de que outros como eles nasceriam para mostrar uma saída para esse labirinto de ideias. Talvez, em seus próprios tempos, eles não tivessem dificuldade em dissipar as dúvidas e a confusão que poderiam ter surgido nas mentes de seus contemporâneos. Embora as escrituras descrevam uma variedade de coisas, elas principalmente falam de uma coisa—Deus e dos meios para alcançá-Lo. Pode haver algumas ideias aparentemente conflitantes sobre Ele, mas elas não se sustentam quando postas sob o teste microscópico da intuição profunda. Isso, em resumo, é o conteúdo das escrituras.

Como reconciliar as chamadas contradições nos Vedas?

As aparentes contradições nos Vedas até certo ponto confundiram os buscadores. Essa dúvida, essa sensação de estar perdido, não é um fenômeno novo. Encontramos esse tipo de questionamento também nas *Upanishads*. Quando Svetaketu foi questionado por seu pai: "Você conheceu Aquilo por meio do qual tudo mais é conhecido?" ele ficou genuinamente perturbado. Ele nunca havia ouvido algo assim antes. Ele protesta e pede para que isso se cumpra. No entanto, o pai o conduz lentamente, por meio de exemplos e experimentações, até a Verdade Suprema. Conhecer o Supremo, mesmo apenas intelectualmente, é uma tarefa difícil. Pois é lá

que todas as contradições se encontram. Tomemos um exemplo do diálogo entre Yajnavalkya e Maitreyi. Yajnavalkya, ao explicar como o *jiva* individual, após abandonar seus *upadhis,* incrustações, se funde em Brahman—assim como um punhado de sal jogado na água não pode mais ser separado dela—diz: "Depois de atingir a unidade, minha querida, não há mais consciência."[4] Isso perturba Maitreyi. Ela parece pensar: "Como pode ser? Ele primeiro disse que Brahman é Pura Inteligência. Agora diz que, após atingir a unidade, não há mais consciência. Por que ele fala dessa maneira contraditória?" Ela pergunta a Yajnavalkya: "Senhor, justamente agora você me lançou em confusão ao dizer que, após atingir a unidade, o ser não tem mais consciência."[5] Yajnavalkya então lhe explica que o ser que atingiu a unidade com Brahman perde a 'consciência particular' — superposta ao eu devido à sua identificação com o corpo, a mente e coisas semelhantes —, mas não a Consciência Cósmica. E somente quando assim explicado, a dúvida de Maitreyi foi esclarecida.

Uma dúvida semelhante é levantada por Arjuna em um contexto diferente. Quando Sri Krishna instou Arjuna a lutar a batalha de *Kurukshetra* em apoio à causa justa e, ao mesmo tempo, falou altamente sobre renúncia, este ficou confuso. Arjuna perguntou: "Com palavras aparentemente contraditórias, parece que você está confundindo meu entendimento. Por favor, diga-me aquele único caminho pelo qual posso alcançar o bem.[6]" Sri Krishna, em resposta, diz que há dois caminhos, e estes são para dois tipos diferentes de pessoas. Ele acrescenta ainda que ninguém pode praticar a renúncia a menos que tenha se livrado de todos os desejos. Portanto, esse não era o caminho para ele (Arjuna). Assim, vemos que todo grande mestre teve que falar não apenas para uma classe de pessoas, mas para várias, e, portanto, teve que dizer coisas que se adequassem a esses tipos específicos de indivíduos. Se esses ensinamentos forem tomados juntos, sem a ideia do contexto em que foram proferidos, é natural que pareçam se opor em conteúdo.

Há uma bela história nas Upanishads que ilustra corretamente esse ponto. Ela mostra como a mesma sílaba transmite significados diferentes a diversos tipos de pessoas: Certa vez, as três classes de filhos de Prajapati — os deuses, os homens e os *Asuras* — viveram uma vida de continência com Prajapati. Após algum tempo, os deuses pediram a Prajapati que os instruísse. Prajapati pronunciou a sílaba 'Da' e perguntou se eles haviam entendido o que ele quis dizer. Eles responderam que sim; que Prajapati estava lhes pedindo para se controlarem. Depois de algum tempo, os homens, tendo também concluído seu período de provação, suplicaram por instrução. Para eles, Prajapati também disse a palavra 'Da' e perguntou se haviam compreendido. Eles igualmente disseram: "Sim, você nos pede para dar." Por fim,

---

[4] Br. Up. II. iv. 12.
[5] Op cit, 13.
[6] Bhagavad Gita III. 2.

vieram os *Asuras*, e para eles também Prajapati repetiu a mesma sílaba 'Da', perguntando o que entenderam. Os *Asuras* responderam: "Você nos pede para sermos compassivos." A todos eles, Prajapati disse que haviam entendido corretamente.[7] Isso soa incoerente? Não, uma breve explicação o provará. Em sânscrito, as palavras controlar, dar e ser compassivo começam com a letra 'da', a saber: *dāmyata*, *datta* e *dayadhwam*. Ora, os *devas* ou deuses eram muito dados ao prazer, os homens ao acúmulo e os *Asuras* à matança. Ao viver uma vida de celibato com Prajapati, esses três grupos haviam compreendido seus próprios defeitos particulares e, quando Prajapati pronunciou a sílaba 'Da', eles souberam o que ele esperava deles. Aos deuses, cabia abster-se do prazer; aos homens, dar; e aos *Asuras*, foi ordenado que fossem compassivos — e tudo isso foi transmitido pela pronúncia daquela única sílaba 'Da'. Isso não mostra que as escrituras servem ao propósito de todos os buscadores genuínos?

Da mesma forma, nos Vedas, que são destinados a todos, encontramos ideias aparentemente contraditórias, mas adequadas a homens de diferentes tendências. Essas visões contrárias são, na verdade, apenas visões da mesma Realidade sob ângulos distintos, de alturas variadas. Assim, um buscador sincero precisa apenas descobrir qual caminho e qual ideal apelam com sua natureza, qual melhor se adapta ao seu temperamento. Mas ele deve enxergar a unidade na diversidade. Pois a diversidade possibilita a criação, e a unidade volta à fonte, nossa própria morada. As escrituras, portanto, não nos confundem, mas nos dizem tudo, e nós ficamos perplexos porque não temos a perspicácia para compreender seu significado.

Propósito das Escrituras

Tendo tratado do conteúdo das escrituras, não é difícil presumir qual é sua intenção. Já foi explicado que elas não pretendem confundir o homem. Isso deve ser sempre lembrado. Em segundo lugar, sua intenção é guiar a humanidade no caminho da espiritualidade, ajudar o homem a subir a partir de qualquer nível de desenvolvimento em que esteja. Como o cientista que faz pesquisa com os dados já em sua posse, o aspirante, com a ajuda das escrituras, se engaja em pesquisa no campo espiritual. Pode-se verificar a própria experiência — os resultados da própria pesquisa no laboratório do espírito — com as conclusões já alcançadas nas escrituras. Elas são como livros de referência, onde podemos comparar notas. Se as experiências de alguém não estão em conformidade com as verdades eternas, esse alguém se perdeu em algum lugar. Mas isso não acontece quando se está sob a orientação de um mestre competente.

---

[7] Brihadaranyaka Upanishad, V. ii. 1-3.

No entanto, há toda a chance de os princípios das escrituras serem mal interpretados e mal utilizados se caírem em mãos erradas. Citaremos um exemplo aqui para mostrar como a teoria do *Karma* foi tortuosamente tratada por falastrões eloquentes: Quando Swamiji estava em Calcutá em 1897, um pregador pertencente a uma sociedade para a proteção de vacas teve uma entrevista com ele. Quando perguntado sobre o objetivo da sociedade, o pregador disse que era proteger as vacas velhas, decrépitas e doentes do matadouro e prover enfermarias para elas. Swamiji, enquanto elogiava seu trabalho, perguntou ao pregador que ajuda sua sociedade — que tinha recursos suficientes — havia prestado ao povo na Índia central, onde, devido à fome, nove *lakhs*[8] de pessoas haviam morrido. A resposta indiferente do pregador foi que a fome havia surgido como 'resultado do Karma dos homens, seus pecados.' A perversão dos princípios pode ir além disso? Swamiji, que ficou furioso de indignação com tal indiferença do pregador para com a humanidade, reprimindo seus sentimentos, disse que não tinha a menor simpatia por associações que não se compadeciam dos homens, mesmo quando estes morriam de fome. Cuidemo-nos desses indivíduos equivocados que fazem uma paródia da verdade.

Extensão da Utilidade das Escrituras

Como já foi dito, **as escrituras podem ajudar você, guiá-lo, mas não podem levá-lo à meta**. Registros da realização de outras pessoas não podem fazê-lo realizar. Você pode seguir o caminho delas, sentir sua direção, **mas precisa lutar por si mesmo para alcançar o objetivo.** Todo esforço é seu. Os livros não podem transportá-lo através do oceano da vida. Ninguém pode fazer isso. Até mesmo o preceptor espiritual só pode guiá-lo. Sri Sankara, referindo-se ao mero conhecimento das escrituras, em um lindo verso em sânscrito, diz: "Se a Verdade Suprema não é conhecida, todo estudo das escrituras é em vão. Quando, porém, a Verdade Suprema é conhecida, então também o estudo das escrituras é inútil."[9] Será que ele, então, desencoraja os estudos dos *shastras*? Ninguém pode fazer essa acusação contra Sankara, pois encontramos em seus comentários sobre os *Upanishads*, com muita frequência, a afirmação: "O *Ātman* deve ser buscado vigorosamente através dos ensinamentos dos *Shastras* e do Guru." O que ele pretende transmitir é que, se o conhecimento das escrituras não for utilizado, não for colocado em prática, então esse conhecimento é adquirido em vão. Por outro lado, uma vez que o Supremo é realizado, todo estudo adicional das escrituras é inútil, pois todas elas são apenas meios para atingir o Supremo, e não um fim em si mesmas. Uma vez que o propósito, a realização de Deus, é cumprido, não resta mais nada a ser alcançado.

[8] Um *lakh é* equivalente a 100.000.

[9] Vivekachudamani, 59.

Sri Ramakrishna, criticando o excesso de estudos, disse: "Suponha que você recebeu uma carta de sua casa pedindo que você compre certas coisas. E suponha que você a perdeu. Se o conteúdo da carta já é conhecido por você, você ficará preocupado com a carta ou se esforçará para adquirir os itens mencionados nela?" Outra vez, ele exortou um de seus jovens discípulos: "O que há na Vedanta para que você a estude tanto? Não é simplesmente que 'Apenas Brahman é real, e todo o resto é ilusório'? Trabalhe para realizá-lo."

Swamiji observa em certo lugar: "Livros não podem ensinar Deus, mas podem destruir a ignorância; sua ação é negativa." Mesmo os Vedas não podem mostrar-lhe Deus, não podem fazê-lo realizar seu verdadeiro ser. "Por que meio poderias conhecer o Conhecedor?"[10], perguntam os *Upanishads*. Sua natureza essencial é a consciência autorreveladora. O que é necessário é dissipar a ignorância que a encobriu. Remova o véu, e você verá a luz. Se estivermos em um quarto escuro, basta abrir as portas e janelas para vermos o sol. Não precisamos de outra luz para ver o sol. Ele é autoefulgente— quando surge, nós o vemos. Não apenas podemos vê-lo, mas também podemos dispensar todas as outras luzes que acendemos para ver outros objetos dentro ou fora de nossas moradas. E este *Ātman*, ou Brahman, que é a essência de toda criatura, ou melhor, de tudo o que existe no universo, é a fonte de toda luz — até mesmo do sol, da lua, das estrelas e de tudo, afirmam os Upanishads.[11]

Conclusão

O excesso de estudo das escrituras torna o homem vaidoso. Isso o afasta do objetivo. O objetivo da vida é a realização de Deus. Todas as escrituras nos dizem que só Deus é real, e todas as outras coisas são transitórias. Elas também nos mostram o caminho para Deus. O que devemos fazer, após conhecer o propósito das escrituras, é trabalhar para realizá-lo. Ou, como diz Sri Ramakrishna, o que é necessário é mergulhar profundamente em nós mesmos e tornar nossa vida frutífera pela realização de nossa verdadeira natureza — como a ostra mitológica que, após coletar a gota de chuva (quando a estrela *Svāti* está ascendente), mergulha até o fundo do mar para produzir a bela pérola.

• • • • •

[10] Br. Up. II. Iv. 14.
[11] Katha Up. V. 15.

SRI RAMAKRISHNA E A CONSCIÊNCIA DE DEUS

Por Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – fevereiro de 1963[2]

Esta é uma era da ciência, quando as pessoas duvidam até da própria veracidade da existência de Deus. Embora os cientistas avançados não sejam tão dogmáticos em suas opiniões agora, a maioria das pessoas pensa que a matéria é suficiente para a existência do universo. A ciência lhes fornece seus requisitos de comércio, transporte, luxo e outras coisas. Por pesquisas no campo de saúde e higiênico, a ciência conseguiu estender o tempo da vida do homem. Uma vida longa e feliz é o que a maioria das pessoas deseja, e para isso elas têm a ciência e seus métodos. Onde então está a necessidade de um Deus, a quem ninguém pode ver mesmo viajando em cápsulas espaciais? Ele não é visível aos nossos olhos, nem percebido por nossos sentidos; como então um homem limitado pelos sentidos pode acreditar n'Ele? Assim, ele O nega completamente.

Alguns outros não vão tão longe, eles pensam: 'Deixe estar se Ele existe; Ele não pode nos fazer bem nem mal, então não temos necessidade d'Ele. Não precisamos nos preocupar com Ele.' Ainda outros oscilam entre crença e descrença. Eles às vezes são muito esperançosos e certos de que Ele existe; e isso é quando tudo acontece a seu favor, ao seu gosto, mas em outras vezes, quando são frustrados em seus desejos, sua crença se rompe como um fio desgastado. A maioria dos crentes é desse último tipo. Não é ruim também. Pois, é melhor do que o materialismo absoluto. Mas não se deve parar com essa crença. A religião não deve terminar em mero serviço de lábios, rituais ou busca de utilidade. Swami Vivekananda costumava dizer: 'É bom nascer em uma igreja, mas não morrer nela'. O homem não é homem a menos que evolua para a maturidade espiritual. Outros são meros bebês que se satisfazem com os enfeites deste mundo. Eles estão felizes com esses 'brinquedos vermelhos'. A menos que se cansem dessas pequenas brincadeiras, eles não ouvirão. Na linguagem de Sri Ramakrishna,

---

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html

[2] Do original em inglês, *Sri Ramakrishna and God-Consciousness.*

eles marcaram três, quatro ou cinco pontos e ainda estão no jogo. Em resumo, os homens em geral, mesmo que sejam eruditos, são apenas conscientes da matéria.

Muito raras são as almas que desejam ser conscientes de Deus; que têm fome de Deus. Sri Krishna expressa a mesma opinião no *Gita*: 'Um entre milhares tenta pela perfeição e um entre aqueles que tentam, Me conhece verdadeiramente, na perspectiva adequada.'[3] Sri Ramakrishna costumava comentar frequentemente com grande *pathos*: 'Quem quer Deus? As pessoas derramam jarros de lágrimas pela esposa, filhos, propriedade e riqueza; mas quem chora por Deus?'

A natureza no mundo físico tem uma maneira de se ajustar. Uma depressão em um certo lugar na atmosfera, devido ao calor extremo, imediatamente provoca uma ventania, uma tempestade. É a maneira da natureza de preencher a lacuna. Um fenômeno semelhante notamos na vida do homem. Ele tem um terrível medo do desequilíbrio de poder e luta muito para mantê-lo; pois dele depende sua existência física. Todos os conflitos que vemos no mundo hoje são devidos a esse medo do desequilíbrio. Agora, o que acontece no mundo físico, também pode ser atribuído a se repetir no mundo espiritual. Assim, quando o agnosticismo atingiu seu pico, atingiu o teto, por assim dizer, e o equilíbrio foi perturbado na atmosfera espiritual, alguém era necessário que pudesse restaurar o equilíbrio; que pudesse demonstrar que a matéria sozinha, sem o espírito por trás dela, era impotente como o corpo sem vida; que pudesse mostrar que Deus era a unidade essencial de toda existência, que Deus era uma verdade verificável e não a mera fantasia de cérebros febris.

Sri Ramakrishna veio a nós para apontar isso. Ele era a encarnação da consciência de Deus. Quando revisamos os eventos de sua vida, encontramos um fio de Supraconsciência percorrendo todos eles sem interrupção. Seu nascimento em si parece indicar essa característica nele. Vamos recordar o evento. O bebê nasceu. A mulher que atendia a mãe, depois de algum tempo, virou-se para procurar o bebê. Mas ele não estava onde ela o deixara. Ele havia deslizado para a lareira oca próxima e foi visto coberto de cinzas. No entanto, não emitiu nenhum choro. Foi um prelúdio para a vida futura da criança de silenciosa, mas intensa renúncia? Observando os eventos posteriores, somos compelidos a supor que sim. Como isso indica renúncia? As cinzas para o hindu têm um significado duplo. Elas são sagradas para ele, pois são o ornamento do Senhor Shiva. Adornado com elas, Ele é visualizado sentado absorvido em meditação no Monte *Kailas*. Em segundo lugar, aponta para o fim último do homem. O que resta do homem quando ele morre e é cremado, senão um punhado de cinzas? Todas as suas ambições, enormes aspirações, desejos sempre recorrentes — nenhum destes pode detê-lo da boca da morte, não, eles o empurram repetidamente em sua boca. Isso é o que o *Upanisad* diz: 'O outro mundo (o Supremo)

---

[3] Bhagavad Gita, 7.3.

não brilha para as mentes infantis (os que não discriminam), que estão absortos em apegos mundanos, e são iludidos pela riqueza; que negam a existência de um mundo superior, e acreditam que isto é tudo que existe. Tais pessoas caem sob Meu (da Morte) domínio repetidamente.'[4] Assim, pede-se a alguém que faça uma oferenda de seus desejos acendendo o fogo do conhecimento para ser livre da morte, o que significa ser livre também do nascimento. 'Como um fogo ardente reduz a cinzas toda a madeira que é colocada nele, o fogo do conhecimento queima todas as atividades,'[5] diz o *Gita*. Aqui a criança (Sri Ramakrishna) está, como se estivesse imersa em seu próprio Ser, inconsciente dos arredores, mostrando seu desapego às coisas mundanas e sua perfeição desde o nascimento.

Mais tarde, como um menino, seu esporte e passatempo eram encenar os incidentes da vida de Sri Krishna. O bosque solitário de mangas de Manick Raja era o local desses esportes; com alguns amigos de sua idade ele se retirava para este lugar e reencenava o que ouvia dos cantores errantes e via nas performances dramáticas sobre essas vidas divinas. Moldar as imagens de Deuses e Deusas e brincar de adorá-las era outro de seus passatempos.

Outra coisa, que era condizente com sua natureza, era fazer tarefas ocasionais para os monges errantes, que ficavam no albergue da vila e ouvir suas conversas sobre Deus. Conforme os dias passavam, ele passou a vagar sozinho pelos crematórios da vila e era visto passar horas em solidão. Esta última característica se desenvolveu nele gradualmente após a morte de seu pai. Que visões ele teve e que revelações vieram a ele, ninguém pode dizer. Sua mente deve ter estado em profunda comunhão com a natureza e seu Criador. Pois, ele é visto depois disso emergir com convicções definidas sobre a maneira como conduziria a si mesmo no mundo. Lembramo-nos da história dos *Upanishads* de Satyakama Jabala, que viveu em harmonia com a natureza por vários anos e ao final do período veio a ter o Conhecimento mais elevado, sendo ensinado por um touro, o fogo e os dois pássaros. A exortação de Sri Ramakrishna até mesmo a seus discípulos leigos para irem para a solitude, pelo menos ocasionalmente, é de particular significado. Ele viveu por anos e anos tal vida e sabia o valor dela.

Já aos sete anos de idade, ele teve o primeiro voo de sua alma para o Desconhecido. E como isso ocorreu? Um dia, quando ele estava nos campos com um punhado de arroz inflado em uma cesta, seus olhos caíram sobre um voo de garças brancas como neve contra algumas nuvens sombrias; o contraste e o pitoresco disso envolveram tanto o menino que ele perdeu toda a consciência exterior. Ele foi levado naquela condição para casa. Embora os pais tenham ficado ansiosos, observou-se que o êxtase não teve efeito adverso no menino. O menino mesmo relatou mais tarde a seus amigos e pais que desfrutou de uma felicidade interior única naquele tempo.

[4] Katha Up. 2.6.
[5] Gita, 4.37.

Talvez, para sua mente pura, a beleza da cena deu uma sugestão dos reinos do Belo; levantou o véu do rosto da Realidade, o Senhor, que é descrito nas escrituras como Verdade, Bem-aventurança e Beleza. Mesmo nesta idade, sua absorção na contemplação do Divino parece ser tão completa que um pequeno ímpeto o levaria a um profundo êxtase. Uma vez, o menino, Gadadhar (o primeiro nome de Sri Ramakrishna), estava acompanhando algumas senhoras da vila ao templo de *Visalakshi* em *Anur*, uma vila duas milhas ao norte de *Kamarpukur*, cantando as glórias da Deusa, quando ele subitamente ficou imóvel. Lágrimas começaram a fluir de seus olhos e todos os esforços das senhoras para trazê-lo de volta ao estado normal foram em vão, até que finalmente uma senhora piedosa no grupo sugeriu que elas pronunciassem o nome da Deusa. Isso teve o efeito desejado. Outra vez foi quando ele interpretou o papel de Shiva, em uma performance dramática em uma noite de *Sivaratri* em sua vila, que ele se fundiu na identidade de Shiva. Com as tranças emaranhadas, a pele de tigre e o tridente, ele parecia tão encantador que a assembleia o aplaudiu. Mas ele estava absorto no pensamento de Deus. Quem ouviria e quem atuaria? Ele não recuperou o estado normal novamente naquela noite, apesar de seus melhores esforços.

A tempestade da consciência de Deus que havia se apoderado de Sri Ramakrishna e estava soprando sem diminuir em sua infância, aumentou em sua força e se tornou um tornado quando ele entrou no Templo de Kali em Dakshineswar como Seu sacerdote. Lá estava Ela, a Divina Mãe, e ele, Seu filho, estava lá para verificar a verdade de Sua existência. Ele orou a Ela, suplicou a Ela, chorou, jejuou e passou noites chamando por Ela para mostrar-Se a ele. Que agonia, que angústia ele passou, nunca podemos saber. Um pequeno vislumbre disso podemos obter da descrição que ele mesmo deu. Ele disse: 'Eu senti como se alguém estivesse torcendo meu coração e mente, assim como fazem para espremer a água de uma toalha molhada.' Incapaz, finalmente, de suportar a agonia, ele desejou acabar com sua vida. Foi então que a Divina Mãe lhe deu a primeira visão. Que visão foi! Ele sentiu como se estivesse sendo envolvido nas ondas crescentes de um oceano de luz infinita, e caiu inconsciente.

Mesmo após esta visão, o desejo de Sri Ramakrishna de estar em Sua presença imediata não diminuiu, antes só aumentou. Como uma criança, ele chorou, chamando pela Divina Mãe para conceder-lhe a bênção de Sua visão constante. Ele se contorceu e rolou no chão de dor por estar separado d'Ela. Ouvindo seu choro, as pessoas se juntavam ao seu redor. Mas para ele elas não eram mais reais do que sombras ou eram no máximo meras imagens desenhadas em tela. Em sua extrema agonia, ele perdia a consciência externa e naquele estado era mais do que compensado pela presença abençoada da Divina Mãe em seu Ser interior. Naquele tempo, Ela o consolava e o ensinava de infinitas maneiras.

Em um período, por seis anos seguidos, ele não teve sono. Ele não podia piscar os olhos. Eles haviam perdido o poder de fazê-lo, por causa de seu extraordinário anseio pela visão ininterrupta da Divina Mãe. O próprio Sri Ramakrishna ficou petrificado com este fenômeno. Para citar suas próprias palavras: 'Eu não podia fechar os olhos apesar de meus esforços. Eu não tinha ideia da passagem do tempo e não estava nem um pouco consciente do corpo. Quando os olhos se voltavam da Mãe para o corpo, mesmo um pouco, eu me sentia apreensivo, eu me perguntava: "Eu não estou à beira da insanidade?" Eu fiquei em frente ao espelho e coloquei meu dedo em meus olhos para ver se as pálpebras fechavam. Eu descobri que elas eram incapazes de piscar mesmo assim; eu fiquei alarmado e chorei e disse à Mãe: "Mãe, este é o resultado de chamar por Ti? Este é o resultado da minha absoluta confiança em Ti que Tu deste esta terrível doença a este corpo". E no momento seguinte eu disse: "Deixe qualquer coisa acontecer a este. Deixe o corpo ir se for para fazê-lo; mas veja, Mãe, que Tu não me abandones. Revela-Te a mim e concede Tua graça a mim."'

Talvez o único paralelo próximo a este tipo de amor por Deus possamos encontrar no amor das *Gopis* de *Vrindavan* por Sri Krishna. O *Bhagavata* diz sobre elas: 'Seus corações entregues a Ele, elas falavam apenas d'Ele; elas imitavam Suas atividades brincalhonas; elas se identificavam com Ele; elas cantavam Seus excelentes atributos; elas não pensavam em seus lares.'[6] Sri Krishna diz delas a Uddhava: 'Através do profundo anseio por Mim, os pensamentos das *Gopis* estavam firmemente fixos em Mim e, portanto, elas não estavam conscientes de seus corpos, ou do que estava longe ou perto, assim como os sábios absorvidos em contemplação, ou como os rios que entraram no mar perdendo seus nomes e formas distintivos.'[7]

Podemos aprender um pouco mais do amor desmedido de Sri Ramakrishna por Deus se considerarmos mais um ou dois incidentes de sua vida. Uma vez, Sri Ramakrishna foi a *Benares*, a cidade sagrada dos hindus, com Mathur Babu, proprietário do Templo de Kali e genro de Rani Rasmani. Mathur era um homem mundano, e muitos tipos de pessoas vinham até ele, havendo conversas sobre todos os tipos de assuntos. Para Sri Ramakrishna, a atmosfera da casa tornou-se insuportável. Ele disse à Divina Mãe em um tom de queixa, 'Mãe, para onde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar. Aqui estou em um lugar onde devo ouvir sobre 'mulher e ouro'. Mas em Dakshineswar eu podia evitar isso.'

Novamente, quando os devotos começaram a vir a ele em grande número, ele notou que a maioria deles era como uma medida de leite misturada com três ou quatro medidas de água — tão diluídos, tão mornos em seu amor por Deus. Ele clamou em desespero: "Mãe, traga alguns devotos de alma pura. Eu morrerei na companhia de pessoas mundanas." Tal era sua condição. Mesmo uma pequena conversa sobre

---

[6] *Bhagavata* X. 30. 44.
[7] Ibid., XI. 12. 12.

qualquer coisa que não fosse Deus o magoava profundamente. Narada, em seus *Bhakti Sutras*, fala dessa atitude como *ananyata* ou unificação com Deus, que vem do abandono de todo outro apoio.[8] Ele descreve tal *Bhakti* como: 'A consagração de todas as atividades pela rendição completa a Ele e uma angústia extrema se Ele fosse esquecido.[9]' Os *Upanishads* também falam em um tom semelhante. O *Mundaka Upanishad* diz: "Conhece apenas Aquele, o *Ātman*; abandona todos as outras conversas. Esta é a ponte para a Imortalidade."[10] O que podemos entender sobre tudo isso? Tente, mesmo por um único dia, praticar essa injunção do *Upanisad*, e você verá quão difícil é — parece quase impossível. Mas, à luz da vida de Sri Ramakrishna, que permanece como a prova irrefutável dos ensinamentos dos *Upanishads*, todas essas verdades das escrituras adquirem um novo significado; elas recebem, por assim dizer, um novo sopro de vida. É por isso que Swami Vivekananda disse: "A vida de Sri Ramakrishna foi um holofote extraordinário sob cuja luz se pode realmente entender todo o escopo da religião hindu. Ele foi a lição objetiva de todo o conhecimento teórico dado nos *Shastras*. Ele mostrou por sua vida o que os *Rishis* e Avatares realmente queriam ensinar... Sem estudar Sri Ramakrishna primeiro, nunca se pode entender o verdadeiro significado dos *Vedas*, do *Vedanta*, do *Bhagavata* e de outros *Puranas*."

Quanto à entrega, que é mencionada nos *Bhakti Shastras*, Sri Ramakrishna tinha uma abundância dela. Suas visões, os tesouros de suas práticas irrestritas e vida imaculada, foram inicialmente duvidadas por Swami Vivekananda. Sri Ramakrishna, como uma criança, aproximou-se da Divina Mãe e perguntou de modo comovente, 'Mãe, por acaso, vendo-me ignorante, Tu me enganas?' Mas quando a Mãe o assegurou de que suas visões eram todas verdadeiras e que Narendra (Vivekananda) logo as aceitaria, ele ficou encantado. Quando Hazra, um devoto de disposição perversa que vivia no jardim do templo de Dakshineswar, repreendeu Sri Ramakrishna por seu apego aos jovens devotos, ele ficou verdadeiramente perturbado. Ele orou à Divina Mãe por orientação. Referindo-se a isso, Sri Ramakrishna diz: "Eu disse à Divina Mãe: 'Mãe, Hazra me repreende por me preocupar com Narendra e os outros rapazes. Ele me pergunta por que eu esqueço de Deus e penso nesses jovens' Mal esse pensamento surgiu em minha mente, a Divina Mãe me revelou num lampejo que é Ela mesma quem se tornou o homem. Mas Ela se manifestou mais claramente através de uma alma pura."

Sem mencionar as várias maneiras pelas quais ele desfrutou da realização do Supremo, não seríamos capazes de ter uma ideia de seu amor consumidor por Deus. Ele praticou os modos tântrico, vaishnava e vedântico de aproximação da Divindade.

[8] N.B.S, 10.
[9] N.B.S, 19.
[10] Mundaka 2. 2. 5. ·

E quando terminou toda a gama das práticas espirituais hindus e realizou o objetivo de todos esses vários caminhos, ele quis saber como os muçulmanos oravam a Deus. Mal esse pensamento cruzou sua mente, um *fakir* muçulmano veio ao jardim do templo, e Sri Ramakrishna aprendeu com ele o modo islâmico de aproximação da Realidade e também realizou o Supremo por esse caminho. Ele então contemplou Jesus e teve Sua visão também. Por fim, ele chegou à conclusão definitiva de que as muitas visões eram tantos caminhos para uma única Realidade, sustentando, por assim dizer, a declaração dos mais antigos *Rishis* da Índia: 'A Verdade é uma, os sábios A chamam por vários nomes.' [*Rig Veda*] Ele costumava dizer, 'Por que eu deveria ser como um instrumento de uma única corda? Eu desfruto da presença de Deus de muitas maneiras. Quando fui iniciado nas disciplinas vedânticas, eu roguei à Mãe: 'Mãe, não me faças um vedantista seco.'"

Citamos alguns incidentes da vida de Sri Ramakrishna para mostrar como, em tudo, ele estava consciente do Supremo. Isso, no entanto, não teria ajudado o mundo se ele mesmo não tivesse praticado disciplinas espirituais e enfatizado sua necessidade; se ele não tivesse mostrado como atingir a Consciência de Deus.
As pessoas falam levianamente do guru: que o sistema de guru e *shishya* é um resquício da superstição do passado; que a vida espiritual é possível sem qualquer ajuda externa. Sri Ramakrishna, por outro lado, tomou o auxílio de muitos preceptores, mesmo depois de escalar os picos espirituais, para afirmar a importância do guru. Suas orientações sobre a necessidade de um guru na vida espiritual são inequívocas. Vamos ouvir o que ele diz: "Deve-se receber instrução de seu guru. Se um homem é iniciado por um guru humano, ele não alcançará nada se considerar seu guru como um mero homem. O guru deve ser considerado como a manifestação direta de Deus. Só então o discípulo pode ter fé no *Mantra* dado pelo guru."

"Um *sadhaka* tem que romper os oito grilhões que prendem o homem a esta terra se quiser ganhar a graça da Mãe", disse Sri Ramakrishna a seu sobrinho e atendente, Hriday, no início de sua *sadhana* em Dakshineswar. Naquela época, Sri Ramakrishna passava as noites nos bosques do jardim do templo, meditando no Divino. Ele costumava tirar seu cordão sagrado, o símbolo do bramanismo, e sentar-se para meditar. Hriday, que o seguiu uma noite para ver o que ele fazia ali à meia-noite, ficou escandalizado com esse comportamento de seu tio. Ele aproximou-se de Sri Ramakrishna e o repreendeu por seu ato sacrílego. Foi então que o Mestre lhe disse que a vergonha em repetir o nome de Deus, o orgulho de nascimento, o desprezo pelos outros, o medo e coisas semelhantes eram os impedimentos no caminho da aproximação de Deus. Aqui, Sri Ramakrishna nos dá uma lição prática sobre o caminho para a Consciência de Deus. Como todos os grandes preceptores, Sri Ramakrishna também enfatizou a importância de manter a companhia dos santos. Em

seus ditos e conversas, até o menor dentre nós pode encontrar algumas dicas práticas para nosso aprimoramento espiritual — e essa é a beleza das palavras de Sri Ramakrishna: as verdades abstratas são trazidas para nós na linguagem mais simples e nas parábolas mais caseiras.

Em um mundo cheio da escuridão da consciência material, Sri Ramakrishna veio com seu grupo seleto de discípulos para reintroduzir a luz da Consciência de Deus; para ser como um farol e revigorar a humanidade espiritualmente.

• • • •

O CONCEITO DE UM SER ADORÁVEL

Swami Paratparananda[1]

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – agosto de 1965[2]

Há eras que a controvérsia sobre a natureza de um Ser digno de adoração continua. Alguns dizem que Ele é infinito, absoluto, sem forma, eterno e inconcebível pela mente humana. Outros afirmam que Ele é de qualidades infinitamente boas, que Ele tem forma e, embora seja onipresente, tem uma morada própria. Outros ainda dizem que Ele não pode ser dito como absoluto e infinito, mas se auto supera; ainda outros Lhe dão uma forma definida e afirmam que Ele não pode ser outro e todos os outros deuses são apenas menores do que Ele. Simultaneamente, uma seção da humanidade sustenta que não existe tal Ser. É tudo uma superstição da frágil mente humana, de pessoas fracas e deve ser superada. Nos séculos recentes, esta última visão tem ganhado terreno.

Os cientistas no início, no Ocidente, foram os primeiros a levantar a bandeira da revolta contra a forma então prevalecente de religião e teologia ali. Pois a Igreja naquela época reprimia, com pé firme, tudo o que fosse contra suas crenças teológicas. A ciência, portanto, para sua própria sobrevivência, teve que travar uma grande luta. Mais tarde, quando os cientistas tiveram rédea livre para explorar seu campo e, por fim, descobriram que a ciência sozinha não poderia dar paz à humanidade, e quando os contatos com as diferentes religiões tornaram possível saber o que se entendia por religião real, eles descartaram essa atitude hostil à religião. No entanto, os homens menores que se autodenominam cientistas e que ainda não contribuíram com nada nem para a ciência nem para seus próprios países estão lutando furiosamente a batalha perdida. Aqui, não nos preocuparemos com essas pessoas, mas nos limitaremos a entender a controvérsia citada no início deste artigo e nos iluminarmos se tal controvérsia vale a pena.

II

Antes de tudo é necessário saber como essa ideia de um Ser superior ao homem veio a ser concebida no início. O primeiro sentimento que o homem experimenta, quando começa a conhecer as coisas, é que ele é limitado. No início, o homem pode ter sentido a imensidão do poder da Natureza, dos elementos e, portanto,

[1] Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html

[2] Do original em inglês, *Concept of a Worshipful Being*.

personificando-os, os adorou, para que fossem propícios a ele. Assim, surgiu a adoração do sol, da terra, do fogo e da água. A terra era adorada quando o homem passou a depender do cultivo. Ela era propiciada para que pudesse render colheitas em abundância. O homem sentia que estes eram mais livres do que ele e lhe concederiam liberdade quando propiciados. Swami Vivekananda diz: "Se tentarmos examinar os vários tipos de adoração em todo o mundo, veríamos que os mais rudes da humanidade estão adorando fantasmas, demônios e os espíritos de seus antepassados. Adoração de serpentes, adoração de deuses tribais e adoração dos falecidos, por que eles fazem isso? Porque eles sentem que de alguma forma desconhecida esses seres são maiores, mais poderosos do que eles mesmos, e limitam sua liberdade. Eles, portanto, buscam propiciar esses seres para impedi-los de molestá-los, em outras palavras, para obter mais liberdade. Eles também buscam ganhar o favor desses seres superiores, para obter por dom dos deuses o que deveria ser ganho por esforço pessoal."[3] Assim, podemos dizer que essa ideia de um ser ou seres superiores se originou com o cativeiro que o homem sentiu — no momento em que começou a olhar ao redor — e a liberdade que ele ansiava; um ser superior, ele pensa, lhe daria liberdade ilimitada. Mesmo no conceito mais rude de Deus, essa ideia se manifesta. Para citar Swami Vivekananda novamente: "Essas duas visões (a adoração aos ancestrais e a adoração à Natureza), embora pareçam contraditórias, podem ser reconciliadas em uma terceira base, que para mim é o germe real da religião, e que proponho chamar de luta para transcender as limitações dos sentidos. Ou o homem vai buscar os espíritos de seus ancestrais, os espíritos dos mortos, isto é, ele quer ter um vislumbre do que há depois que o corpo é dissolvido, ou, ele deseja entender o poder atuando por trás dos estupendos fenômenos da natureza. Seja qual for o caso, uma coisa é certa, ele tenta transcender as limitações dos sentidos. Ele não pode permanecer satisfeito com seus sentidos; ele quer ir além deles."[4] Mais tarde, à medida que o homem evoluiu e começou a pensar profundamente, a ideia de Deus também evoluiu. Deus passou a ser concebido como uma Pessoa, sentada em algum lugar no céu, infinitamente misericordiosa, infinitamente bondosa, que derrama bênçãos sobre os bons. Muitos deuses deram lugar a um Deus, onisciente e onipotente. Em outras palavras, o Monoteísmo tornou-se prevalecente. Agora, a maioria dos religiosos não pode ir além dessa ideia, embora haja indicações em suas escrituras que apontam para sentimentos mais elevados e nobres.

Bem, como está, não é ruim; não precisamos culpá-los. Mas quando eles se posicionam como sabedores de tudo, e dogmáticos e começam a condenar todos os outros pensamentos, todos os outros sentimentos, todas as outras religiões como apenas dignas de serem lançadas na lixeira, ou nas chamas, temos que ter pena deles por sua superficialidade; pois eles são como Cristo disse: 'Olhos têm, mas não veem; ouvidos têm, mas não ouvem.'

---

[3] Obras Completas de Swami Vivekananda, Vol. I, pp. 332, 333. Sétima edição, 1046.

[4] Ibid., Vol. II, p. 59 (1948).

Além disso, por essas condenações, eles não apenas expõem sua intolerância a um segundo credo ou religião, diferente do seu, mas também expressam falta de profundidade, falta de simpatia, falta de sensibilidade e medo de ir além das limitações estabelecidas por eles mesmos. Lembremo-nos de que estas não são coisas do passado, mas do presente vivo. Dogmatismo e fanatismo são difíceis de matar. Se alguém percorrer algumas das publicações recentes do Ocidente e subsequentemente reproduzidas na Índia também, encontrará quão patente esse fato é. O Hinduísmo e a Índia tornaram-se novamente o alvo de interesses estabelecidos tanto dentro quanto fora da Índia. Isto é algo que não pode deixar de ser notado de passagem, embora uma pesquisa detalhada disso não seja necessária neste contexto.

Agora, voltando ao nosso assunto: Essa ideia de um Deus Pessoal residente em algum lugar no céu estava bem para as massas comuns, mas os videntes [sábios] hindus não ficaram satisfeitos com tal posição. Eles persistiram em sua busca e avançaram mais. Eles disseram: 'Bem, Deus tem uma morada, mas Ele tem uma morada em nós também, em cada um de nós. E mais, somos suas partes. A Natureza também é uma parte Dele. Assim como o homem tem uma alma e um corpo, todo o universo e todos os seres vivos e não vivos são seu corpo e Ele é sua alma.' Aqui as pessoas ainda se apegavam a um Deus Pessoal.

Mas havia videntes que ainda não estavam satisfeitos com a ideia. Swami Vivekananda explica por que eles não estavam satisfeitos: 'Esta explicação — que há um Ser além de todas essas manifestações de *Māyā* e que está nos atraindo para Si mesmo, e que estamos todos indo em direção a Ele — é muito boa, diz a Vedanta, mas ainda a percepção não é clara, a visão é fraca e nebulosa, embora não contradiga diretamente a razão. . .. A ideia de que a meta está longe, muito além da natureza, atraindo-nos todos para ela, tem que ser trazida cada vez mais para perto, sem degradá-la ou degenerá-la.'[5] Os sábios, portanto, lutaram indomavelmente até chegarem à última palavra da Vedanta — o Não-dualismo, a ideia de Um sem um segundo. 'O Deus do céu se torna o Deus na natureza, e o Deus na natureza se torna o Deus que é a natureza, e o Deus que é a natureza se torna o Deus dentro deste templo do corpo, e o Deus habitando no templo do corpo finalmente se torna o próprio templo, torna-se a alma e o homem — e aí chega às últimas palavras que a Vedanta pode ensinar.'[6] Esta ideia, no entanto, está além do alcance da maioria das pessoas. Se alguém disser 'Você e eu somos Deuses', ou 'Ātman é Brahman', o homem comum ficará chocado com — o que ele considera — esta blasfêmia. É um pensamento muito profundo para a maioria da humanidade. Eles farão uma confusão dessa ideia ou simplesmente tentarão ridicularizá-la. Assim, vemos que todo homem quer que o que ele considera como verdadeiro seja aceito por todos os outros. Mas devemos nos perguntar, quando propomos uma teoria, especialmente sobre religião e Deus: Que direito temos de condenar os outros ou forçá-los a aceitar nossas opiniões? Fanáticos

[5] Ibid., p. 128.

[6] Ibid.

não têm paciência para refletir sobre isso. Eles vão ou pedir que você siga suas teorias favoritas ou sofrer as consequências. Nos tempos antigos era a espada, mas agora é o abuso e a difamação. Não sabemos como Deus, que supostamente é todo-amor, pode permanecer onde tanto ódio está transbordando.

III

Agora, temos tantos conceitos de Deus. Qual conceito é verdadeiro? Qual é a saída para este labirinto de conceitos? O que um homem comum deve seguir? Os grandes sábios estavam todos errados? Se não estivessem, a quem se deve seguir? É o dilema do homem comum. Mas para o hindu, se ele tivesse estudado suas próprias escrituras, ouvido seus Mestres com atenção e fé, isso não deveria ser problema algum. Mesmo já nos tempos do *Rig Veda*, nossos sábios descobriram que 'A Verdade é UM, mas os sábios A chamam de forma variada', como Indra, Varuna e semelhantes.[7] Por qualquer nome que se chamasse aquele Ser Supremo, era um e o mesmo. Mais tarde também encontramos essa ideia sendo repetida e enfatizada repetidamente. No *Bhagavad Gītā*, Sri Krishna diz: "Aquele que Me adora (o Senhor), em qualquer forma, a ele Eu venho nessa forma. Pois, ó Arjuna, todas as pessoas seguem por toda parte no Meu caminho apenas."[8] Um poeta cantou: "Os homens tomam caminhos diferentes, retos ou tortuosos através de diferentes tendências, ainda assim, ó Senhor, Tu só és o objetivo final de todos os homens, como o oceano é de todos os rios."[9] Sri Ramakrishna, por suas realizações intuitivas, verificou esta verdade e então, em seu estilo caseiro inimitável, disse: "Assim como a água retirada de diferentes lugares de um tanque por pessoas falando várias línguas é variadamente chamada, como *jal*, *pāni*, *aqua* e *water*, assim, de acordo com as tendências distintivas do homem, ele se dirige a Deus, como Brahman, Allah, Krishna, Kali e semelhantes."

Portanto, é errado ser dogmático sobre qualquer conceito de Deus. Aqueles que insistem que Deus só pode ser o que eles O consideram, está consciente ou inconscientemente ditando termos a Deus. Em que situação esse Deus não deveria estar! Eles não consideram isso como dominá-Lo? **Se Deus fosse uma pessoa tão fraca a ponto de ouvir os ditames de uma comunidade, por maior e mais poderosa que fosse, Ele não seria melhor do que os deuses tribais concebidos nos estágios anteriores da história do homem.** No entanto, por que as pessoas persistem em suas noções adquiridas? Em uma palavra, se tivermos que dizer, elas não estão nem um pouco ocupadas com Deus. Elas estão preocupadas com todas as outras coisas, exceto com Ele. Portanto, há conflito e briga, disputa e derramamento de sangue, sobre as formas externas e modos de adoração.

---

[7] Rig Veda, 1. 22. 165. 46.

[8] Bhagavad Gita, 4.11.

[9] Shivamahimnastotra, 7.

Antes de lidar com a questão, sobre qual é o caminho que se deve escolher entre tantos conceitos, temos que considerar a própria natureza de cada um. O homem é homem porque pode pensar, por que então deveria ser reduzido à posição de gado mudo e conduzido? A constituição de cada homem é diferente. Não há duas pessoas exatamente iguais, mesmo na aparência física. O homem vem a este mundo com uma carga de tendências e nunca com uma *tabula rasa*. O próprio fato dos seres nascerem, dizem as escrituras indianas, é devido ao *momentum* [impulso] de ações passadas ou *Karma*, e de acordo com isso são formados seus temperamentos. As escrituras hindus falam de três *gunas* ou constituintes da Natureza, a saber, *sattva*, *rajas* e *tamas*, e de acordo com a predominância de qualquer desses constituintes, a natureza do homem é tranquila, ativa ou inerte. Pois 'como é a natureza de alguém, assim é sua fé. E o caráter do homem se desenvolve de acordo com sua fé, portanto, como é sua fé, assim é o homem'.[10] Se o homem tem que fazer progresso real, deve ser permitido desenvolver-se à sua própria maneira, de acordo com sua própria natureza. O que outro homem pode fazer, se possível, é dar-lhe uma mão amiga à sua própria maneira e nunca interferindo em seu ideal ou condenando o que ele tem estimado. Se alguém não pode fazer isso e se ainda é solícito pelo bem-estar dessa pessoa, o melhor que pode fazer é manter-se fora do caminho dessa pessoa. O que Sri Ramakrishna ensinou por repreensão e instruções a 'M', o escritor do Evangelho de Sri Ramakrishna, pode ser estudado com muito benefício para o nosso crescimento espiritual. 'M', que havia absorvido a ideia de que a adoração à imagem não é um modo adequado de adoração, no início de seu contato com o Mestre, veio argumentar que, embora Deus possa ter forma, ainda 'Certamente Ele não é a imagem de barro!'

MESTRE (interrompendo): 'Mas por que barro? É uma imagem de Espírito'.

'M' não conseguiu entender bem o significado desta 'imagem de Espírito'. 'Mas, senhor', disse ele ao Mestre, 'deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro que ela não é Deus, e que, enquanto a adoram, devem ter Deus em vista e não a imagem de barro. Não se deve adorar barro.'

MESTRE (severamente): 'Esse é o hobby de vocês, pessoas de Calcutá — dar palestras e trazer outros para a luz! Ninguém nunca para em considerar como obter a luz ele mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?'

Por pessoas de Calcutá, o Mestre queria dizer pessoas que estão imbuídas das ideias modernas. O homem fará mais mal do que bem com tal interferência. Sri Krishna diz no Gita: 'Não crie confusão nas mentes dos ignorantes que estão apegados ao trabalho. Pois um homem sábio deve encorajá-los em todo trabalho, engajando-se ele mesmo firmemente no trabalho.'[11] Trabalhando de maneira altruísta, sem qualquer motivo, a mente do homem se purifica e em uma mente purificada, os valores das coisas se tornam cada vez mais claros até que ele chega a conhecer a verdadeira natureza das coisas. Da mesma forma, qualquer que seja a ideia de Deus

[10] Bhagavad Gita, 17, 3.

[11] Ibid, 3.26.

de uma pessoa, ela, se for sincera, chegará à Verdade. É por isso que Sri Ramakrishna disse: 'Aquele que é o Senhor do Universo ensinará a todos. Apenas Ele nos ensina, que criou este universo, que fez o sol e a lua, homens e bestas e todos os outros seres. O Senhor fez tantas coisas — Ele não mostrará às pessoas o caminho para adorá-Lo? Se elas precisam de ensino, então Ele será o Mestre. Ele é nosso Guia Interior.'

IV

O que é, portanto, exigido do homem é sinceridade e anseio para conhecer Deus, para vê-Lo. Temos esse anseio? Então estamos no caminho certo. Fazemos nossas práticas espirituais regular e sistematicamente? Então há esperança de que um dia O veremos, de que estamos certamente fazendo progresso no caminho, embora possamos não estar cientes disso. **Mas mero conhecimento de livros e repetição de escrituras como papagaios não nos valerá de nada, não nos levará a lugar algum**. **Não pode nos mostrar Deus**. As escrituras hindus afirmam aberta e corajosamente isto: "Nem pela exposição (de escrituras), nem pelo raciocínio, nem pela leitura de muitos Textos este *Ātman* pode ser alcançado. Ele é alcançado por aquele que apenas O busca. A alma dessa pessoa é iluminada pela luz do Senhor.[12]" Um grande significado é atribuído às palavras 'apenas O busca'. Não adianta buscar Deus como uma entre as muitas coisas que você deseja. Não é busca alguma. Deve-se buscá-Lo e só a Ele. E isso significa que não deve haver outro pensamento na mente e nenhuma outra palavra na fala, exceto sobre Ele, e nenhuma outra ação, mas aquela que é dedicada a Ele. E isso deve ser feito não por um dia ou um ano, mas até que a realização venha. Tal firmeza e concentração podem ser alcançadas de repente? Por prática longa, contínua e regular, obtém-se um pouco de concentração. Quanta prática não é então necessária para ter esse desejo de buscá-Lo apenas! Só adora verdadeiramente quem O adora dessa maneira. Tal pessoa atinge a Luz, não importa qual forma ou ideal adore. Alcançando a Luz, ele se torna uma luz para os outros. Portanto, não é apenas o conceito de Deus que traz Luz ao homem, mas sua devoção a esse conceito. Swami Vivekananda disse que aquela era será ideal, quando cada pessoa perseguir seu ideal de religião sozinha, sem interferência de ninguém em qualquer lugar.

Vamos entender isso completamente e abandonar todas as atitudes inimigas em relação a outras seitas, outras religiões e perseguir nossos próprios caminhos com firmeza e devoção, lembrando ao mesmo tempo que ódio e fanatismo não nos levarão a lugar nenhum perto de Deus. Pelo contrário, isso nos afastará d'Ele. Estude as vidas dos santos e sábios e encontre um entre eles que tenha alcançado esse estado odiando os outros! **Deus é todo-amor**. Portanto, se temos que adorar Deus, também **devemos nos tornar todo-amorosos**. Então e só então nossa adoração será frutífera.

[12] Mundakopanishad, III. ii.3.